

ALDOUS HUXLEY

Contraponto



BIBLIOTECA AZUL



Contraponto

Aldous Huxley

tradução

Erico Verissimo

Lino Vallandro



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 1932 by Laura Huxley Copyright da
tradução © Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados Nenhuma parte desta
edição pode ser utilizada ou reproduzida — em
qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico,
fotocópia, gravação *etc.* — nem apropriada ou
estocada em sistema de banco de dados, sem a
expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto
Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Point counter point* Editor
responsável: Ana Lima Cecílio Editor assistente: Erika
Nogueira Vieira Editor digital: Erick Santos Cardoso
Revisão: Matheus Perez Diagramação: Jussara Fino
Capa: Thiago Lacaz Ilustração da capa: Catarina
Bessel Foto do autor: Latinstock/©
Bettmann/corbis/Corbis (dc) cip-brasil. catalogação na
publicação sindicato nacional dos editores de livros, rj

H989c

Huxley, Aldous, 1894-1963

Contraponto / Aldous Huxley ; tradução Erico Verissimo, Leonel Vallandro. - 7. ed. - São Paulo : Globo, 2014.

Tradução de: *Point counter point* isbn 978-85-250-5645-0

1. Romance americano. 1. Veríssimo, Érico, 1905-1975. 1i. Vallandro, Leonel, 1907-111. Título.

14-08659 cdd: 813

cdu: 821.111(73)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo —
sp www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Contraponto](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Capítulo XXVIII](#)

[Capítulo XXIX](#)

[Capítulo XXX](#)

[Capítulo XXXI](#)

[Capítulo XXXII](#)

[Capítulo XXXIII](#)

[Capítulo XXXIV](#)

[Capítulo XXXV](#)

[Capítulo XXXVI](#)

[Capítulo XXXVII](#)

[Obras de Aldous Huxley pela](#)

[Biblioteca Azul](#)

[Notas](#)

Oh, wearisome condition of
humanity,
Born under one law, to another
bound,
Vainly begot and yet forbidden
vanity,
Created sick, commanded to be
sound.

What meaneth nature by these
diverse laws,
Passion and reason, self-division's
cause?
fulke greville

Contraponto

Capítulo I

— VOCÊ NÃO VAI VOLTAR TARDE? —

Havia ansiedade na voz de Marjorie Carling, qualquer coisa que parecia uma súplica.

— Não, eu não voltarei tarde — respondeu Walter, com a certeza infeliz e criminosa de que não estava dizendo a verdade. A voz dela o aborrecia. Era um pouco arrastada, tinha um refinamento excessivo, mesmo na dor.

— Não passe da meia-noite.

Marjorie podia ter-lhe lembrado o tempo em que nunca saía à noite sem ela. Podia ter feito isso; mas não queria;

era contra os seus princípios; não pretendia forçar de nenhum modo o amor de Walter.

— Bem, digamos uma hora... Você sabe o que são estas reuniões...

Na realidade Marjorie não sabia, pela boa razão de que, não sendo esposa dele, não era convidada para tais festas. Tinha deixado o marido para viver com Walter Bidlake; e Carling, que aliava a seus escrúpulos cristãos um frouxo sadismo, desejando vingar-se, negava a ela o divórcio. Havia então dois anos que viviam juntos. Apenas dois anos; e já Walter tinha deixado de amá-la,

principiava a amar outra. O pecado ia perdendo a sua única desculpa, e os dissabores de ordem social o seu único paliativo. E, além de tudo, Marjorie estava grávida.

— Meia hora depois da meia-noite — implorou ela, embora sabendo que a sua insistência importuna conseguiria apenas aborrecê-lo e fazer com que ele a amasse ainda menos. Mas não podia deixar de falar; amava-o muitíssimo e estava torturada pelo ciúme. As palavras lhe escapavam a despeito de seus princípios. Teria sido melhor para Marjorie e talvez para Walter que ela

tivesse menos princípios, que desse aos seus sentimentos a expressão violenta que eles exigiam. Mas Marjorie tinha sido educada na prática do mais estrito autodomínio. Sabia que só as pessoas sem educação fazem “cenas”. Aquele implorativo “Meia hora depois da meia-noite, Walter” foi tudo quanto conseguiu romper a barreira de seus princípios. Demasiadamente fraco para o comover, o tímido protesto não faria mais do que aborrecê-lo. Ela o sabia, e mesmo assim não se podia calar.

— Se for possível... — Ali estava o que ela tinha feito. Havia exasperação

na voz dele. — Mas não posso garantir; não me espere com muita certeza.

“Porque, sem dúvida nenhuma”, pensava Walter, assediado pela inexorizável imagem de Lucy Tantamount, “não voltaria meia hora depois da meia-noite.”

Deu os toques finais na gravata branca. Bem junto do rosto dele, dentro do espelho, o rosto de Marjorie o vigiava. Era uma face pálida e tão magra, que a luz que tombava da lâmpada elétrica suspensa por cima deles fazia uma sombra nas cavidades abaixo das maçãs. Os olhos estavam

cercados de círculos escuros. O nariz reto, que ela sempre tivera um tanto longo, mesmo no maior viço da sua beleza, sobressaía agora duramente na face descarnada. Marjorie dava uma impressão de fealdade, de cansaço e de doença. Dentro de seis meses nasceria o bebê. Algo que tinha sido uma célula única, um grupo de células, um saquinho de tecidos, uma espécie de verme, um peixe em potência, com guelras, agitava-se-lhe no ventre e um dia viria a ser um homem — homem adulto, que sofre e goza, que ama e odeia, que pensa, que recorda, que imagina. E o que tinha sido

uma ampola gelatinosa dentro de seu corpo inventaria, mais tarde, um deus e o adoraria; o que tinha sido uma espécie de peixe haveria de criar e, tendo criado, se transformaria num campo de batalha entre o bem e o mal; o que tinha vivido nas trevas dentro dela, como um verme parasita, haveria de olhar para as estrelas, escutar música e ler poesia. Uma coisa se transformaria numa pessoa, uma massa minúscula de matéria se converteria num corpo humano, num humano espírito. O maravilhoso processo da criação progredia nas suas entranhas, mas Marjorie só tinha

consciência da doença e da lassitude; o mistério para ela nada significava senão fadiga, fealdade e uma ansiedade crônica em relação ao futuro: era a tortura do espírito aliada ao mal-estar do corpo. Ao sentir os primeiros sintomas da gravidez, tinha ficado ou pelo menos procurara ficar alegre, a despeito dos seus temores obsessivos quanto às consequências físicas e sociais de tal acontecimento. O bebê, julgava Marjorie, faria com que Walter voltasse para ela — ele já começava então a andar arredio. Faria nascer nele novos sentimentos que poderiam

compensar o que parecia faltar no seu amor para com a companheira. Ela temia a dor, temia as dificuldades e embaraços inevitáveis. Mas as dores e as dificuldades ficariam bem pagas se no fim das contas lhe valessem um renovamento, um reavivamento do amor de Walter. A despeito de tudo Marjorie estava contente. E a princípio suas previsões pareceram justificar-se. A notícia de que ia nascer um bebê estimulava a ternura de Walter. Durante duas ou três semanas ela foi feliz: reconciliou-se com as dores e os incômodos. Foi então que, de um dia

para outro, tudo mudou; Walter encontrara a outra mulher. Nos momentos em que não andava a perseguir Lucy, ele ainda fazia o possível para guardar uma aparência de solicitude. Mas Marjorie percebia nessa solicitude um certo rancor; compreendia que ele era terno e atencioso por um sentimento de dever e que odiava o filho porque este o compelia a fazer-se gentil com a mãe. E porque Walter odiasse a criatura que ia nascer, ela começava a odiá-la também. Os seus temores, que a felicidade não mais conseguia apagar, vieram à tona, encheram-lhe o espírito.

Dor e desconforto — eis o que o futuro lhe reservava. E por enquanto: fealdade, doença e fadiga. Como poderia ela lutar em tal estado?

— Você me ama, Walter? — perguntou Marjorie subitamente.

Walter desviou por um momento os olhos castanhos da imagem da gravata que o espelho refletia e olhou para a imagem dos olhos dela, cinzentos e tristes, contemplativamente fixos. Sorriu. “Quem me dera que ela me deixasse em paz!”, pensou consigo. Franziu os lábios e abriu-os de novo, na sugestão de um beijo. Mas Marjorie não

lhe retribuiu o sorriso. Seu rosto permaneceu impassivelmente triste, fixo numa ansiedade intensa. Os olhos ganharam um brilho trêmulo e de repente lhe apareceram lágrimas nos olhos.

— Você não podia ficar comigo esta noite? — implorou, a despeito de todas as suas resoluções heroicas de não exercer nenhuma coação exasperante sobre o amor dele, de deixá-lo livre para fazer o que quisesse.

À vista daquelas lágrimas, ao som daquela voz trêmula e cheia de censura, Walter foi invadido por uma emoção que era ao mesmo tempo remorso e

ressentimento; ódio, piedade e vergonha.

“Mas então você não compreende”, era o que ele tinha vontade de dizer, o que realmente diria se não lhe faltasse coragem, “não compreende que as coisas não são nem podem ser mais como eram? E mesmo, para falar a verdade, elas nunca chegaram a ser o que você acreditava que fossem — refiro-me ao nosso amor —, nunca foram o que eu procurei fingir que fossem. Sejamos amigos, sejamos companheiros. Gosto de você, tenho muita afeição. Mas, pelo amor de Deus, não me envolva em amor como faz

agora; não me queira impingir o amor à força. Se soubesse que coisa terrível é o amor para quem não quer amar, que violação, que ultraje...”

Mas ela estava chorando. Por entre as suas pálpebras cerradas as lágrimas brotavam, gota a gota. Seu rosto tremia no esgar da angústia. E o carrasco era ele. Walter se odiou. “Mas por que hei de me deixar levar pela chantagem dessas lágrimas?”, perguntava-se ele; e, perguntando, odiava-a também. Uma lágrima rolou ao longo do comprido nariz de Marjorie. “Ela não tem o direito de fazer isso, não tem o direito

de ser tão pouco razoável. E por que não pode ser razoável?”

“Porque me ama.”

“Mas eu não quero o amor dela, não quero.” — Walter sentiu que a cólera se avolumava dentro dele. Marjorie não tinha o direito de amá-lo daquela maneira; pelo menos agora. “É uma chantagem”, repetia interiormente, “uma chantagem. Por que hei de ser vítima do amor dela e do fato de já tê-la amado também um dia... mas será que cheguei a amá-la de verdade?”

Marjorie tomou de um lenço e começou a enxugar os olhos. Walter

sentiu-se envergonhado de seus pensamentos odiosos. Mas ela era a causa de sua vergonha; a culpa era dela. Marjorie devia ter ficado com o marido. Poderiam manter uma ligação. Entrevistas à tarde num estúdio. Teria sido romântico.

“Mas no fim das contas fui eu quem insisti para que ela viesse comigo.”

“Mas ela devia ter tido o bom senso de recusar. Devia saber que isso não podia durar para sempre.”

Marjorie, no entanto, fizera o que ele lhe havia pedido; tinha abandonado tudo, tinha aceito os dissabores sociais

por amor a ele. Outra espécie de chantagem. Walter ressentia-se do apelo em que os sacrifícios dela importavam para os seus sentimentos de decência e honra.

“Mas se *ela* tivesse um pouco de decência e de honra”, pensava, “não haveria de explorar os meus sentimentos.”

Mas lá estava o bebê...

“Por que diabo permite ela que a criança venha ao mundo?”

Odiou o filho. Ele fazia crescer a sua responsabilidade para com a mãe, tornava-o ainda mais culpado por fazê-

la sofrer. Walter olhou para o rosto de Marjorie, úmido de lágrimas. A gravidez fazia-a tão feia, tão velha... Como podia uma mulher esperar...? Mas não, não! Walter fechou os olhos, balançou a cabeça num estremecimento quase imperceptível. O pensamento ignóbil devia ser repudiado, definitivamente afastado.

“Como posso pensar em tais coisas?”, perguntava a si mesmo.

Ouviu-lhe repetir: “Não vá!”. Como aquela voz fininha, refinada e arrastada lhe exasperava os nervos! “Por favor, Walter, não vá.”

Sentia-se um soluço na voz de Marjorie. Mais chantagem. Ali, como ela podia ser tão baixa? Entretanto, a despeito de sua vergonha e, de certo modo, por causa mesmo dessa vergonha, Walter continuou a sentir as emoções ignominiosas com uma intensidade que mais parecia aumentar do que diminuir. O seu desamor por Marjorie crescia porque ele se envergonhava desse sentimento; as sensações dolorosas de vergonha e de ódio de si mesmo, que ela o fazia experimentar, constituíam para Walter outra fonte de desafeto. O rancor gerava a vergonha, e a vergonha, por sua

vez, criava mais rancor.

“Oh, por que ela não me deixa em paz?” — Desejava isso furiosa, intensamente, com uma exasperação que era tanto mais selvagem quanto mais contida. (Porque lhe faltava a coragem brutal para dar expressão a esse desejo; tinha pena dela, queria-lhe bem apesar de tudo; era incapaz de ser aberta e francamente cruel — era cruel apenas por fraqueza, contra a sua vontade.) “Por que será que ela não me pode deixar em paz? Havia de querê-la muito mais se simplesmente me deixasse em paz; e Marjorie mesma se sentiria muito

mais feliz. Muito, muito mais feliz. Seria para o seu próprio bem...” Mas de súbito Walter se deu conta da própria hipocrisia. “Afinal de contas, que diabo!, por que é que ela não me deixa fazer o que eu quero?”

O que ele queria? Mas o que ele queria era Lucy Tantamount. Queria-a contra a razão, contra todos os seus ideais e princípios, loucamente, contra os seus próprios desejos, mesmo contra os seus próprios sentimentos, porque ele não gostava de Lucy; na verdade, odiava-a. Um fim nobre pode justificar meios vergonhosos. Mas quando se trata

de um fim vergonhoso?... Era por causa de Lucy que ele estava fazendo Marjorie sofrer — Marjorie que o amava, que tinha feito sacrifícios por amor a ele, que era infeliz. Mas essa infelicidade redundava em uma chantagem.

— Fica comigo esta noite — implorou ela mais uma vez.

Havia uma parte do espírito de Walter que recebia bem as súplicas da amante, que queria que ele desistisse da festa e ficasse em casa. Mas a outra parte era mais forte. Walter respondeu a Marjorie com mentiras — meias mentiras que, em virtude do elemento de

verdade que encerravam, justificativo mas hipócrita, eram mais graves que mentiras inteiras e francas.

Walter passou o braço em torno do corpo de Marjorie. Esse gesto era em si uma falsidade.

— Mas, minha querida — protestou ele no tom de adulação de quem pede a uma criança que se comporte razoavelmente —, eu realmente preciso ir. Como você sabe, meu pai estará presente. — Era verdade. O velho Bidlake ia sempre às festas dos Tantamount. — Preciso ter uma conversa com ele. Negócios — acrescentou

vagamente e com importância, interpondo, com essa palavra mágica, uma espécie de cortina de fumo de interesses masculinos entre a sua pessoa e a de Marjorie. “Mas a mentira”, pensou ele, “devia estar transparentemente visível através da fumaça.”

— Não podias conversar com ele em outra ocasião?

— É importante — respondeu Walter, balançando a cabeça. — Além disso — acrescentou, esquecendo-se de que várias desculpas às vezes são menos convincentes do que uma única —, lady

Edward convidou o diretor de um jornal americano especialmente por minha causa. O homem me pode ser útil; você sabe que eles pagam como nababos. — O que lady Edward lhe dissera era que convidaria o jornalista se ele já não tivesse voltado para a América, como ela supunha. — Realmente, pagam muito bem — continuou Walter, engrossando a cortina de fumo com particularidades fúteis de ordem impessoal. — É o único lugar do mundo onde é possível a um escritor ser pago em excesso. — Tentou rir. — E eu na verdade preciso desse regime para compensar o nosso: dois

guinéus por mil palavras. — Apertou Marjorie com mais força, inclinou a cabeça para beijá-la. Ela, porém, desviou o rosto. — Marjorie — implorou —, não chore. Por favor.

Sentiu-se culpado e infeliz. Mas, oh!, por que ela não o deixava em paz, em paz?

— Não estou chorando.

Mas os lábios de Walter tocaram uma face úmida e fria.

— Marjorie, não vou se você não quiser que eu vá.

— Mas eu *quero* que você vá — retorquiu ela, conservando ainda o rosto

virado.

— Não quer. Eu fico.

— Não deve ficar. — Marjorie olhou para o companheiro e fez um esforço para sorrir. — É uma tolice minha. Seria absurdo você deixar de falar com o seu pai e com o jornalista americano.

Os seus próprios pretextos, que lhe eram devolvidos daquela maneira, pareceram-lhe particularmente vãos e pouco convincentes. Walter fez um gesto que traduzia uma espécie de repugnância.

— Eles podem esperar —

respondeu. Havia uma nota de cólera em sua voz. Cólera para consigo mesmo, por ter apresentado desculpas tão mentirosas (por que não lhe podia dizer a crua, a brutal verdade sem rebuços? Afinal de contas ela já sabia); e Walter irritou-se contra Marjorie porque ela lhe lembrava das suas mentiras. Desejava que elas caíssem no poço do esquecimento e ali ficassem como se nunca tivessem sido proferidas.

— Não, não; faço questão... Foi uma tolice. Desculpe.

A princípio Walter resistiu, recusou partir, insistiu em ficar. Agora que não

havia o perigo de ser obrigado a fazê-lo, ele podia insistir. Porque Marjorie, naturalmente, estava firme na resolução de deixá-lo ir. Era uma oportunidade que ele tinha para mostrar-se nobre e disposto ao sacrifício: custava-lhe pouco, era mesmo grátis. Que comédia odiosa! Mas representou o seu papel. Ao cabo concordou em ir, como se, por não ficar, fizesse à amante um favor especial. Marjorie atou-lhe no pescoço o lenço de seda, trouxe-lhe o chapéu alto e as luvas e deu-lhe um beijo leve de despedida, mantendo uma corajosa aparência de contentamento. Tinha o seu

orgulho e o seu código de honra no amor; e, a despeito da infelicidade, a despeito do ciúme, conservava-se fiel a seus princípios — ele *devia* ser livre; não tinha direito de se intrometer na vida de Walter. De resto, a melhor política era mesmo não intervir nos assuntos dele. Pelo menos era o que lhe parecia...

Walter fechou a porta atrás de si e pôs-se a caminhar dentro da frescura da noite. Um criminoso que fugisse do local do seu crime, que fugisse ao espetáculo da vítima, que fugisse à compaixão e ao remorso, não poderia sentir-se mais

profundamente aliviado. Na rua, respirou profundamente. Estava livre. Livre de recordações, livre de antecipações. Livre: por uma hora ou duas podia recusar-se a admitir a existência do passado e do futuro. Livre de viver apenas no tempo e no lugar presente, no lugar onde acontecesse achar-se o seu corpo. Livre — mas o alarde era vão; ele continuava a recordar. Fugir não era coisa tão fácil. A voz dela o perseguia. “Insisto que você vá.” O seu crime era ao mesmo tempo fraude e assassinio. “Faço questão.” Com que nobreza ele havia protestado!

E, por fim, com que magnanimidade tinha cedido! Era a trapaça a coroar a crueldade.

— Meu Deus! — disse Walter quase em voz alta. — Como pude fazer isso? — Estava assombrado, além de revoltado contra si mesmo. — Mas se ao menos ela me deixasse em paz! Por que não pode ser razoável? — A cólera fraca e fútil explodiu de novo dentro dele.

Pensou no tempo em que seus desejos eram diferentes. A sua ambição toda era não ser deixado em paz por ela. Tinha encorajado a devoção de

Marjorie. Lembrou-se da vivenda em que ambos tinham morado, a sós um com o outro, mês após mês, entre as colinas solitárias. Que vista, a de Berkshire! Mas uma milha e meia os separava da aldeia mais próxima. Oh! — o peso daquele bernal cheio de provisões! A lama, quando chovia! E o balde que era preciso içar do poço por meio da manivela. Um poço de mais de trinta metros de profundidade. Mas, fora das obrigações penosas, como a de puxar o balde, tinha aquela temporada sido realmente satisfatória? Teria ele sido verdadeiramente feliz com Marjorie —

tão feliz, pelo menos, como imaginara que havia de ser, que devia ser em tais circunstâncias? Aquilo podia ter sido como o “*Epipsychidion*”;^[1] mas não fora... talvez porque ele desejara demasiado conscientemente que assim fosse, porque procurara com deliberação modelar os seus sentimentos e a vida de ambos de acordo com a poesia de Shelley.

— Não devemos tomar a arte muito ao pé da letra. — Lembrava-se Walter do que o seu cunhado, Philip Quarles, lhe dissera uma noite em que falaram de poesia. — E especialmente no que diz

respeito ao amor.

— Nem mesmo quando é verdadeira? — perguntara ele.

— A poesia pode ser demasiadamente verdadeira. Pura como água destilada. Quando a verdade não é nada senão a verdade, ela é antinatural; uma abstração que não se parece em nada com o mundo real. Na natureza há sempre tantas coisas estranhas misturadas à verdade essencial! Eis por que a arte nos comove — precisamente porque está depurada de todas as impurezas da vida real. As orgias verdadeiras nunca são tão excitantes

como os livros pornográficos. Num volume de Pierre Louys todas as raparigas são jovens e têm formas perfeitas; não há soluços de bebedeira, nem mau hálito, nem fadiga, nem tédio, nem lembranças súbitas de contas a pagar ou de cartas comerciais a responder; nada disso para interromper os arrebatamentos. A arte nos dá a sensação, o pensamento, o sentimento absolutamente puros, isto é: quimicamente puros. — E acrescentara com uma risada: — Não moralmente.

— Mas o *Epipsychidion* não é pornografia — objetara Walter.

— Não, mas é igualmente puro sob o ponto de vista químico. Como é aquele soneto de Shakespeare?

My mistress's eyes are nothing like the sun; Coral is far more red than her lips' red: If snow be white, why then her breasts are dun; If hairs be wires, black wires grow on her head.

I have seen roses damasked, red and white, But no such roses see I in her cheeks; And in some perfumes is there more delight

Than in the breath that from my mistress reeks... [\[2\]](#)

— E assim por diante. Ele tinha tomado os poetas muito ao pé da letra e estava reagindo. Que isso te sirva de advertência!

Philip tinha razão, era claro. Aqueles meses na vivenda não tinham sido absolutamente como o *Epipsychidion* ou “*La Maison du Berger*”.^[3] Havia o poço e a caminhada até a aldeia... Mas ainda que não houvesse o poço nem a caminhada, ainda que ele tivesse Marjorie absolutamente pura, aquilo tudo teria sido melhor? Talvez fosse até pior. Marjorie quimicamente pura podia ter sido pior do que Marjorie temperada pelas impurezas.

Aquele refinamento dela, por exemplo, aquela virtude fria, espiritual e

sem sangue eram coisas que ele admirava a distância e teoricamente. Mas na prática e de perto? Fora por aquela virtude, por aquela espiritualidade refinada, cultivada e sem ardor que ele se apaixonara; por aquela virtude e pela infelicidade de Marjorie; porque Carling era um sujeito inqualificável. A piedade transformara Walter num cavaleiro andante. Amar, pensava ele então (porque tinha apenas vinte e dois anos naquele tempo, era ardentemente puro, dessa pureza adolescente dos desejos sexuais virados pelo avesso; acabara de deixar Oxford,

abarroto de poesia e das lucubrações de filósofos e místicos), amar era trocar ideias, o amor era comunhão espiritual e camaradagem. Esse era o amor verdadeiro. A parte sexual era apenas uma coisa acessória — inevitável, porque infelizmente os seres humanos tinham corpos; mas uma impureza que devia ser conservada tanto quanto possível em último plano. Ardentemente puro, com a chama dos desejos moços artificialmente ensinada a arder no plano angélico, ele admirara aquela pureza refinada e serena que, em Marjorie, era o produto de uma frieza natural, de uma

vitalidade congenitamente pobre.

— Você é tão boa — dissera-lhe. — Parece que tudo isso te vem tão naturalmente... quisera ser bom como você.

Isso era o mesmo — e ele não o percebia — que desejar ser meio morto. Sob aquela aparência de timidez hesitante, Walter, muito sensível, era ardentemente vivo. Para ele era na verdade difícil ser bom da maneira como Marjorie. Esforçou-se por sê-lo, contudo. Enquanto isso, admirava a bondade e a pureza dela. E ficou sensibilizado — pelo menos até o

momento em que começou o aborrecimento e a exasperação — pela devoção daquela criatura; sentia-se lisonjeado pela admiração que lhe inspirava.

Enquanto se dirigia agora para a estação de Chalk Farm, Walter lembrou-se subitamente da história que seu pai costumava contar a respeito de um chofer italiano com o qual um dia falara sobre o amor. (O velho tinha verdadeiro gênio para puxar as pessoas pela língua; toda espécie de gente, mesmo criados, mesmo operários. Walter invejava-lhe esse talento.) Algumas mulheres,

segundo o chofer, eram como guarda-roupas. *Sono come cassettoni*. Com que graça o velho costumava contar a anedota! Elas podem ser bonitas como a gente quiser; mas de que nos serve ter um belo guarda-roupa nos braços? De que nos serve? (“E Marjorie”, refletia Walter, “nem mesmo chegava a ser realmente bonita.”) “Deem-me”, dizia o chofer, “mulheres da outra espécie, mesmo que sejam feias. A minha pequena”, confessava, “é da outra espécie. *E’ un frullino, proprio un frullino* — um verdadeiro batedor de ovos.” Por trás do monóculo, John

Bidlake piscava o olho, como um velho sátiro perverso e jovial. A rigidez de um guarda-roupa ou a vivacidade de um batedor de ovos? Walter tinha de confessar que suas preferências eram idênticas às do chofer. Pelo menos sabia por experiência pessoal que (cada vez que o amor “verdadeiro” era temperado pelos acessórios sexuais) ele não apreciava muito as mulheres do tipo guarda-roupa.

À distância, teoricamente, a pureza, a bondade e a espiritualidade refinada são coisas admiráveis. Mas de perto e na prática são menos atraentes. E,

vindas de uma pessoa por quem não nos sentimos atraídos, até a devoção, até mesmo a lisonja da admiração são insuportáveis. Confusa e simultaneamente, Walter odiava Marjorie por causa de sua frieza paciente de mártir e acusava-se de sensualidade bestial. Seu amor por Lucy era uma coisa louca e vergonhosa, mas Marjorie não tinha sangue, era um ser semimorto. Via-se justificado e ao mesmo tempo sem desculpa... Mas principalmente sem desculpa, apesar de tudo; principalmente sem desculpa. Aqueles sentimentos sensuais eram vis;

eram ignóbeis. Batedor de ovos e guarda-roupa — podia-se conceber coisa mais baixa e sórdida do que tal classificação? Walter ouvia em imaginação a risada sonora e gorda do pai. Horrível! Toda a vida consciente de Walter havia sido orientada em oposição à do pai, em oposição à sensualidade jovial e descuidada do velho Bidlake. Conscientemente, sempre se colocara do lado da mãe, do lado da pureza, do refinamento, do espírito. Mas o seu sangue, pelo menos em metade, era o mesmo do pai. E agora, os dois anos de convívio com Marjorie tinham-no

enchido de repugnância pela virtude fria. Walter lhe tinha um horror consciente, se bem que ao mesmo tempo sentisse vergonha desse horror, vergonha daquilo que ele chamava os seus desejos bestiais, vergonha de seu amor por Lucy. Mas se ao menos Marjorie o deixasse em paz! Se ao menos se abstivesse de reclamar a volta ao amor indesejável que ela insistia em lhe impor à força! Se ao menos cessasse de ser tão terrivelmente dedicada! Ele lhe podia dar amizade — porque gostava dela sinceramente; tinha tão bom coração, era tão boa, tão leal e

devotada... Walter seria feliz por ter em troca a amizade da companheira. Mas amor... — isso era sufocante.

E quando, ao imaginar que estava combatendo a outra mulher com as suas próprias armas, Marjorie violentava a sua própria frieza virtuosa e tentava reconquistá-lo pelo ardor de suas carícias — oh! como isso era terrível, verdadeiramente terrível!

“E depois”, continuava Walter a refletir, “Marjorie era no fundo uma criatura maçante, com a sua seriedade pesada e sem sensibilidade. Uma verdadeira tola, apesar da sua cultura —

ou talvez por causa disso mesmo. Essa cultura era autêntica, não havia dúvida. Ela tinha lido livros e lembrava-se deles. Mas tê-los-ia compreendido? Podia ela compreendê-los? As observações com que quebrava os seus longos, longos silêncios — observações sérias e cultas —, como eram pesadas, como eram sem graça e falhas de compreensão!” Fazia bem em ser tão calada; o silêncio está cheio de espírito e sabedoria em potência, assim como o mármore não trabalhado está cheio de grandes esculturas. Os silenciosos nunca depõem contra si mesmos. Marjorie

sabia escutar bem e com simpatia. E quando quebrava o silêncio, a metade das coisas que dizia eram citações. Porque tinha boa memória e adquirira o hábito de aprender de cor os grandes pensamentos e as passagens brilhantes. Walter levava algum tempo para descobrir a estupidez espessa e dramaticamente desprovida de compreensão que se escondia debaixo daquele silêncio e daquelas citações. Quando chegou a descobrir, era tarde demais.

Pensou em Carling. Bêbedo e religioso. Sempre tagarelando a respeito

de casulas, de santos e da Imaculada Conceição, e ao mesmo tempo um beerrão indecente. Se ele não fosse tão detestável, tão repugnante, se não tivesse tornado Marjorie tão desgraçada — que se teria passado então? Walter imaginava-se livre. Não teria sentido piedade, não teria amado. Lembrou-se dos olhos vermelhos e inchados de Marjorie, após uma daquelas cenas desagradáveis com Carling. Que brutalhão asqueroso!

“E eu?”, pensou ele subitamente.

Sabia que no momento em que a porta se lhe fechara às costas, Marjorie

começara a chorar. Carling pelo menos tinha a desculpa do uísque. Perdoai-lhes, porque eles não sabem o que fazem. Ele sempre fora temperante. E naquele momento — Walter tinha certeza — ela estava chorando.

“Devo voltar”, disse ele para si mesmo. Mas em vez disso acelerou o passo até que se achou quase a correr rua abaixo. Era uma fuga de sua consciência e ao mesmo tempo uma corrida rumo ao objeto de seu desejo.

“Devo voltar para casa, devo.”

E apressava-se, odiando Marjorie só porque a tornava assim tão infeliz.

Um homem que estava olhando a vitrine de uma tabacaria deu de repente um passo atrás, no momento em que Walter passava. Houve uma colisão violenta.

— Perdão! — disse o jovem Bidlake automaticamente, acelerando a marcha sem olhar para o lado.

— Aonde vai, seu? — gritou-lhe o homem às costas, com raiva. — Quem é que você pensa que é? Algum felizardo que ganhou no Derby?

Dois gaiatos explodiram em uma gargalhada feroz, dando expansão à sua alegria irreverente.

— Oh, seu cartola de chaminé! —
continuou o homem em tom de mofa,
tomado de raiva pelo cavalheiro vestido
de gala.

O mais acertado seria virar-se e
devolver os desaforos ao sujeito. O
velho Bidlake o teria esmagado com
uma palavra. Mas para Walter a única
solução que se apresentava era a fuga.
Ele temia encontros daquela natureza, as
classes inferiores o enchiam de medo. O
ruído dos vitupérios do desconhecido
apagou-se-lhe nos ouvidos.

Era odioso! Walter sentiu um
calafrio. Seus pensamentos voltaram

para Marjorie.

“Por que ela não pode ser razoável?”, perguntou mentalmente. “Simplesmente razoável. Se ao menos ela tivesse algo que fazer, algo que a mantivesse ocupada...”

O seu mal era ter tempo demais para pensar. Tempo demais para pensar nele. No entanto, o culpado disso era o próprio Walter; fora ele que lhe roubara a sua ocupação, fazendo com que a criatura concentrasse o seu espírito exclusivamente nele. Marjorie havia entrado como sócia em uma loja de arte decorativa ao tempo em que ele a

conhecera; era um desses estabelecimentos artísticos de amadores, que existem em Kensington, muito ao sabor das damas da sociedade. Os quebra-luzes, a companhia das mulheres jovens que os pintavam e sobretudo a devoção a mrs. Cole, a sócia principal, compensavam para Marjorie o seu casamento infeliz. Tinha criado um pequeno mundo seu, à parte do de Carling; um mundo feminino, com algo de internato de meninas, um mundo em que Marjorie podia falar a respeito de vestidos e lojas, ouvir mexericos, e entregar-se ao que as raparigas colegiais

chamam uma “paixa” por uma mulher mais velha, e imaginar, nos intervalos, que ela estava participando do trabalho universal e favorecendo a causa da arte.

Walter a tinha persuadido a renunciar a tudo aquilo — não sem dificuldade, entretanto. Porque a felicidade que lhe trazia o seu devotamento para com mrs. Cole, a sua “paixa” sentimental por ela, constituíam quase uma compensação às suas misérias com Carling. Mas Carling se revelara de tal maneira abominável que até mrs. Cole se tornou insuficiente como elemento compensador. Walter

oferecia o que esta provavelmente não podia e positivamente não queria dar — refúgio, proteção e auxílio financeiro. Ademais, Walter era um homem, e um homem deve, por tradição, ser amado mesmo quando uma mulher, no fundo, não goste dos homens e se sinta naturalmente melhor na companhia das outras mulheres (conclusão a que o jovem Bidlake chegara a respeito de Marjorie). (Outra vez o efeito da literatura! Walter lembrou-se dos comentários de Philip Quarles a respeito da desastrosa influência que a arte pode exercer sobre a vida.) Sim, ele era um

homem; mas “era diferente dos outros”, como Marjorie não se cansava de lhe dizer. E ele aceitara então essa “diferença” como uma distinção lisonjeira. Mas seria lisonjeira? Punha-se a fazer conjecturas. Fosse como fosse, ela o achava “diferente dos outros”, de sorte que podia auferir dois proveitos ao mesmo tempo: possuía um homem que, entretanto, não era homem. Encantada pelas palavras persuasivas de Walter, impelida pelas brutalidades de Carling, Marjorie tinha consentido em abandonar a loja e com ela mrs. Cole, que Walter detestava como sendo a

encarnação tirânica, autoritária e vampiresca da vontade feminina.

— Você tem aptidões para ser muito mais que uma estofadora diletante.

Dizendo-lhe isto, ele a lisonjeava, movido pela confiança sincera que tinha então nas capacidades intelectuais de Marjorie.

Ela podia ajudá-lo, de uma maneira ainda indeterminada, em seus trabalhos literários; ela mesma poderia escrever também. Sob a influência do novo companheiro pusera-se Marjorie a escrever ensaios, novelas. Mas, positivamente, eles não valiam nada.

Depois de a ter encorajado, Walter se tornou reticente; não falou mais em tal coisa. Ao cabo de pouco tempo, Marjorie abandonou aquela ocupação antinatural e fútil. Depois disso nada lhe restara além de Walter. Ele se tornou a razão de ser de sua existência, a base sobre a qual toda a sua vida repousava. E essa base agora cedia sob os seus pés...

“Se ao menos”, pensava Walter, “ela me deixasse em paz!”

Entrou na estação do metrô. Na entrada um homem vendia os jornais da noite. OS SOCIALISTAS E O SEU PROJETO DE

ROUBO. PRIMEIRA LEITURA. As palavras destacavam-se, vivas, em um cartaz. Contente com esse pretexto para distrair o espírito, Walter comprou um jornal. O projeto de lei do governo liberal-trabalhista sobre a nacionalização das minas tinha sido aceito à primeira leitura, pela maioria de costume. Walter leu a notícia com prazer. Tinha ideias políticas avançadas. O que não acontecia com o redator do jornal da noite. A linguagem do artigo de fundo era de uma violência feroz.

“Que patifes!”, pensou Walter ao lê-lo. O artigo despertou nele um

entusiasmo vivificante por tudo o que o jornalista atacava, um delicioso ódio aos capitalistas e aos reacionários. As barreiras de sua individualidade se viram momentaneamente derribadas, abolidas as complicações pessoais. Possuído pela alegria da luta política, ultrapassou suas limitações, tornou-se de algum modo maior do que ele mesmo — maior e mais simples.

— Que patifes! — repetiu, pensando nos opressores, nos detentores dos monopólios.

Na estação de Camden Town, um velhinho encarquilhado, com um lenço

vermelho amarrado ao pescoço, sentou-se ao lado dele. O fedor do cachimbo do homem era de tal maneira sufocante que Walter passeou o olhar pelo carro, à procura de um lugar vago. Achou um; mas, refletindo num segundo, decidiu não se mover. Fugir ao cheiro pestilencial seria agir de uma maneira ofensiva, demasiadamente visível, e poderia ocasionar comentários da parte do malcheiroso... A fumaça acre lhe irritava a garganta. Walter tossiu.

“Devemos ser leais para com os nossos gostos e instintos”, dizia Philip Quarles. “Para que serve uma filosofia

cuja premissa maior não é a expressão racional de nossos sentimentos? Se nunca tivemos um acesso de fervor religioso, é loucura crer em Deus. Da mesma maneira que será loucura crer na excelência das ostras, se não as podemos comer sem sentir náuseas.”

Veio às narinas de Walter, com os vapores de nicotina, uma baforada de suor azedo. Walter voltou à leitura do jornal: “Os socialistas chamam a isso nacionalização; mas nós outros temos um nome mais curto e mais simples para o que eles se propõem fazer. Chamamos a isso — roubo”. Mas era ao menos um

roubo infligido a ladrões, e em proveito de suas vítimas. O velhinho se inclinou para a frente e cuspiu, cuidadosa e verticalmente, entre os dois pés. Com o salto da botina espalhou o cuspe sobre o soalho. Walter desviou os olhos; quisera poder amar pessoalmente os oprimidos, e pessoalmente odiar os ricos opressores. “Devemos ser leais para com os nossos gostos e instintos.” Mas os nossos gostos e instintos são acidentes. Há princípios eternos. Mas se acontece que os princípios axiomáticos não são a nossa premissa pessoal maior?...

E subitamente Walter se reviu aos nove anos de idade. Passeava com a mãe pelos campos que havia perto de Gattenden. Cada um deles levava um buquê de primaveras. Com certeza tinham ido a Batt's Corner; era o único lugar onde havia primaveras nas redondezas.

— Vamos parar um minuto para ver o nobre Wetherington — disse a mãe. — Ele está muito doente.

Bateu à porta da cabana.

Wetherington fora segundo jardineiro na herdade; mas não trabalhava desde o mês anterior. Walter tinha lembrança de

que ele era um homem pálido e magro que tossia, um homem nada comunicativo. Wetherington não o interessava muito. Uma mulher abriu a porta.

— Boa tarde, mr. Wetherington.

Entraram.

Wetherington estava deitado na cama, escorado por travesseiros. O seu rosto era terrível. Um par de olhos enormes, de pupilas dilatadas, olhavam fixamente do fundo de órbitas cavernosas. Esticada sobre os ossos salientes, a pele estava branca e viscosa de suor. Mais aterrador, porém, do que o

rosto, era o pescoço, incrivelmente delgado. E das mangas da camisa de dormir emergiam duas estacas nodosas, os braços, com imensas mãos esqueléticas presas na ponta, como ancinhos na extremidade dos cabos finos. E, depois, o cheiro daquele quarto de doente! As janelas se achavam hermeticamente fechadas, havia fogo na pequena lareira. O ar estava quente e carregado de um horrível bafo rançoso e doentio, misturado às exalações do corpo enfermo — um cheiro antigo que, parecia, se tornara pestilencialmente adocicado à força de amadurecer tanto

tempo dentro do calor fechado. Um cheiro novo, fresco, por mais forte e desagradável que fosse, seria menos horrível. Era a velhice, a decomposição adocicada daquele cheiro de quarto de doente que o tornava particularmente insuportável. Walter sentia arrepios até agora, pensando naquilo. Acendeu um cigarro para desinfetar a memória. Fora educado no hábito dos banhos e das janelas abertas. A primeira vez que o levaram, criança ainda, à igreja, o abafamento e o cheiro de *humanidade* o deixaram mareado. Teve de ser conduzido para fora às pressas. A mãe

nunca mais o levou à igreja. “Talvez sejamos educados de maneira demasiadamente higiênica, demasiadamente asséptica”, pensou ele. Uma educação cujo resultado é sentirmos náuseas na companhia de nossos semelhantes, de nossos irmãos, pode ser boa? Walter quisera amá-lo. Mas o amor não floresce numa atmosfera que infunde ao que ama uma repugnância incoercível.

No quarto em que Wetherington jazia doente, até mesmo a piedade era difícil florescer. Walter, enquanto a mãe conversava com o moribundo e com sua

esposa, se deixou ficar sentado a contemplar, malgrado seu, mas arrastado pela fascinação do horror, o apavorante esqueleto sentado na cama, e respirar por meio de seu ramallete de primaveras o ar quente e nauseabundo. De mistura com o perfume fresco e delicioso das flores ele sentia os miasmas persistentes do quarto do doente. Não chegava quase a sentir piedade, apenas horror, medo e desgosto. E mesmo quando mrs. Wetherington se pôs a chorar, desviando o rosto a fim de que o doente não lhe visse as lágrimas, Walter sentiu ainda

menos compaixão do que mal-estar e embaraço. O espetáculo dessa dor fê-lo somente desejar a fuga com mais ardor ainda: sair daquele horrível quarto para o ar infinito e puro, para o sol...

Walter teve vergonha dessas emoções, recordando-as. No entanto, era bem o que tinha sentido, o que sentia ainda. “Devemos ser leais para com nossos instintos.” Não, não para com todos, não para com os maus: era preciso resistir a estes últimos. Mas eles não se deixavam vencer com facilidade.

O velhinho que estava sentado a seu lado tornou a acender o cachimbo.

Walter lembrou-se de que tinha contido a respiração o maior tempo possível, para não ter de inalar muito repetidamente o ar pestilencial do quarto do doente. Respirava profundamente por meio das primaveras; depois contava até quarenta antes de expirar e de absorver o ar de novo. O velho se inclinou outra vez para cuspir. “A ideia de que a nacionalização fará crescer a prosperidade dos trabalhadores é absolutamente ilusória. Durante os últimos anos o contribuinte aprendeu à sua custa a significação do controle burocrático. Se os

trabalhadores imaginam...” Walter fechou os olhos e reviu o quarto de Wetherington. Chegara o momento da despedida: ele apertou na sua a mão esquelética do doente, a mão que jazia inerte sobre a coberta. Walter deslizou os seus dedos sob aqueles dedos mortos e descarnados; levantou a mão por um instante e deixou-a cair de novo. O contato era frio e úmido. Walter virou-se e esfregou dissimuladamente a palma da mão no sobretudo. Deixou escapar, num suspiro explosivo, o fôlego por muito tempo contido e encheu de novo os pulmões daquele ar nauseante. Foi a

última vez que teve de inalá-lo; sua mãe já se dirigia para a porta. O pequeno pequinês saltitava em torno dela, latindo.

— Sossega, T'ang! — disse ela com a sua linda voz clara. “Era sem dúvida a única pessoa na Inglaterra”, pensava Walter agora, “que pronunciava regularmente o apóstrofo na palavra T'ang.”

Voltaram para casa pela senda que cortava os campos. Fantástico e inverossímil como um pequeno dragão chinês, T'ang corria diante deles, saltava levemente para vencer o que,

para ele, eram obstáculos enormes. Sua cauda peluda flutuava ao vento. Algumas vezes, quando a relva era muito alta, ele se sentava sobre o pequeno traseiro chato, como se estivesse pedindo açúcar, e, olhando com os olhos redondos e bojudos por cima dos tufos de relva, procurava orientar-se.

Sob o claro céu multicolorido Walter se sentira como um prisioneiro libertado. Corria, gritava. A mãe caminhava devagar, sem nada dizer. A cada instante se detinha um momento e fechava os olhos. Era um hábito que tinha, quando estava pensativa ou

perplexa. E ficava perplexa com muita frequência — pensava agora Walter, sorrindo interiormente com ternura. O pobre Wetherington, sem dúvida, lhe dera bastante que refletir. Ele se lembrava de tê-la visto parar diversas vezes no caminho de volta para casa.

— Apressa-te, mamãe — gritava com impaciência. — Vamos chegar tarde para o chá.

A cozinheira tinha assado bolos na chapa, para o chá, e havia ainda uma torta de ameixas do dia anterior e um pote recém-aberto de geleia de cerejas de Tiptree.

“Devemos ser leais para com nossos gostos e instintos.” Mas um acidente de nascimento havia determinado nele esses gostos e instintos. A justiça era eterna; a caridade e o amor fraterno eram belos, malgrado o cachimbo do velhote e o quarto de Wetherington; belos precisamente por causa de tais coisas. O trem diminuía a marcha. Leicester Square. Walter desceu à plataforma e caminhou para os elevadores. Mas, ia pensando, é difícil negar a premissa maior pessoal; e é bem difícil acreditar em uma premissa maior não pessoal, por melhor que ela seja. A

honra e a fidelidade eram boas coisas. Mas a premissa maior pessoal de sua filosofia presente se resumia no seguinte: Lucy Tantamount era a mais bela, a mais desejável...

— Todos os bilhetes, façam o favor!

O debate ameaçava recomeçar. Deliberadamente, Walter pôs-lhe uma pedra em cima. O ascensorista bateu as portas, o elevador subiu. Na rua, Walter tomou um táxi.

— Tantamount House, Pall Mall.

Capítulo II TRÊS ESPECTROS

ITALIANOS ASSOMBRAM

**discretamente a extremidade
oriental de Pall Mall. A
riqueza da Inglaterra recém
industrializada e o
entusiasmo, o gênio
arquitetural de Charles
Barry os invocaram,
arrancando-os ao passado e
ao seu sol natal. Sob a
sujeira que se incrusta na
fachada do Reform Club, o**

**olho da fé reconhece algo
que lembra agradavelmente
o Palácio Farnese. Alguns
metros além, as recordações
que sir Charles guardou da
casa cuja planta Rafael
desenhou para os Pandolfini
erguem-se através do ar
brumoso de Londres. É o
Traveller's Club. E entre
eles, austeramente clássica,
severa como uma prisão e
negra de fuligem, ergue-se**

uma versão reduzida (mas ainda enorme) da Cancellaria. É Tantamount House.

Barry desenhou-a em 1839. Uma centena de operários trabalhou nela durante um ano ou dois. E o terceiro marquês pagou as contas. Eram somas pesadas, mas os subúrbios de Leeds e Sheffield tinham começado a se espalhar sobre a região que seus antepassados haviam roubado aos mosteiros, trezentos anos atrás. “A Igreja católica, instruída pelo Santo Espírito, aprendeu das escrituras sagradas e das velhas

tradições dos padres que há um Purgatório e que as almas ali detidas são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis, mas principalmente pelo sacrifício agradável da missa.” Homens ricos, de consciência pouco tranquila, deixaram suas terras aos monges para que suas almas pudessem receber auxílio no trânsito pelo Purgatório, graças ao cumprimento perpétuo do agradável sacrifício da missa. Mas Henrique VIII tinha cobiçado uma rapariga jovem e desejado um filho; e o papa Clemente VII, que estava sob a influência do primo da filha da primeira mulher de Henrique,

não lhe quis conceder o divórcio. Os mosteiros, em consequência disso, foram suprimidos. Um exército de mendigos, de pobres-diabos e de doentes morreu miseravelmente de fome. Mas os Tantamounts adquiriram algumas dezenas de milhas quadradas de terras aráveis, florestas e pastagens. Alguns anos mais tarde, sob Eduardo VI, eles roubaram a propriedade de duas escolas desoficializadas; houve crianças que ficaram sem receber educação para que os Tantamounts pudessem ser ricos. Exploraram essas terras cientificamente, para tirar delas o melhor proveito. Seus

contemporâneos os consideravam como “homens que vivem como se não houvesse Deus, homens que desejam ter tudo nas suas mãos, homens que não querem deixar nada para os outros, homens que nunca estão satisfeitos”. Do alto do púlpito de São Paulo, Lever os acusava: “Ofenderam a Deus e arrastaram uma comunidade à ruína geral”. Os Tantamounts permaneceram impassíveis. A terra lhes pertencia, o dinheiro entrava regularmente.

O trigo era semeado, crescia e era colhido ano após ano. Os animais nasciam, engordavam e iam para o

matadouro. Os trabalhadores, os pastores, os vaqueiros trabalhavam desde antes da alvorada até o pôr do sol, sem descanso, até a morte. Os filhos tomavam-lhes os lugares. Tantamount sucedia a Tantamount. Elizabeth fê-los barões; tornaram-se viscondes sob Carlos II, condes sob Guilherme e Maria, marqueses sob George II. Desposaram herdeiras após herdeiras — dez milhas quadradas do Nottinghamshire, cinquenta mil libras, duas ruas de Bloomsbury, a metade de uma fábrica de cerveja, um banco, uma plantação e seiscentos escravos na

Jamaica. Enquanto isso, homens obscuros projetavam máquinas que fabricavam as coisas mais rapidamente do que elas se podiam fazer à mão. As aldeias se transformavam em cidades, as cidades em grandes centros. Por sobre o que tinha sido as pastagens e os campos de lavoura dos Tantamounts, construíram-se casas e fábricas. Debaixo da relva de seus prados homens seminus espicaçavam a face negra e brilhante do carvão. Os vagonetes carregados eram arrastados por meninos e mulheres. Trouxeram por mar, do Peru, para enriquecer-lhes os campos, os

excrementos de dez mil gerações de gaivotas. O trigo cresceu mais basto; novas bocas foram alimentadas. E, a cada ano, os Tantamounts ficavam cada vez mais ricos, e as almas dos piedosos contemporâneos do Príncipe Negro continuaram, sem dúvida, a se estorcer nas chamas inextinguíveis do Purgatório, já que não eram socorridas pelo agradável sacrifício da missa. O dinheiro que, uma vez bem empregado, poderia ter encurtado sua permanência no meio das chamas, serviu, entre outras coisas, para fazer surgir em Pall Mall um modelo reduzido da chancelaria

papal.

O interior de Tantamount House é tão nobremente romano quanto a sua fachada. Em torno de um quadrilátero central correm duas alas de arcadas abertas com um ático, ao alto, iluminado por pequenas janelas quadradas. Mas, em lugar de se abrir para o céu, o quadrilátero está coberto por um telhado de vidro que o converte num imenso hall a ocupar toda a altura do edifício. Com as suas arcadas e a sua galeria, ele constitui um salão muito nobre, porém excessivamente vasto, exageradamente público, demasiadamente semelhante a

uma piscina ou a uma pista de patinação, para que se possa habitá-lo.

Naquela noite, entretanto, o hall justificava a sua existência. Lady Edward Tantamount dava ali uma de suas festas musicais. O pavimento estava cheio de pessoas sentadas, e no espaço arquitetural vazio que havia por cima delas, a música flutuava em pulsações complicadas.

— Que pantomima! — disse o velho John Bidlake à dona da casa. — Minha querida Hilda, não deixes de reparar...

— Sst! — protestou lady Edward por trás de seu leque de plumas. — Não

deves interromper a música. E, de resto, eu já estou olhando...

O seu cochicho era colonial e os *rr* de “interromper” eram carregados, vinham bem do fundo da garganta; porque lady Edward procedia de Montreal e sua mãe era francesa. Em 1897 a British Association reuniu-se no Canadá. Lord Tantamount leu um trabalho muito admirado à Seção de Biologia. “Um dos nossos homens do futuro”, disseram dele os professores. Mas para os que não eram professores, um Tantamount milionário podia ser olhado como homem do presente...

Hilda Sutton era partidária decidida desta opinião. Durante a sua estada em Montreal, lord Edward foi hóspede do pai de Hilda. A moça aproveitou a oportunidade. A British Association voltou à pátria; mas lord Edward ficou no Canadá.

— Podes acreditar — confiara Hilda certa vez a uma amiga — que nunca me interessei tanto pela osmose nem antes nem depois...

O interesse pela osmose despertou a atenção de lord Edward. E deu-se conta de um fato que não havia notado antes: de que Hilda era muitíssimo bonita.

Hilda também conhecia o seu papel de mulher. A tarefa não lhe foi difícil. Aos quarenta anos lord Edward era em tudo, menos no intelecto, uma espécie de criança. No laboratório, à sua mesa de trabalho, ele se revelava tão velho como a própria ciência. Mas os seus sentimentos, as suas intuições, os seus instintos eram os de um menino. À míngua de exercício, a maior parte de seu ser espiritual nunca se tinha desenvolvido. Era uma espécie de criança, mas com hábitos infantis inveterados por quarenta anos de vida. Hilda correu em auxílio daquela

paralisante timidez de quarenta anos, e sempre que o terror o impedia de tomar as iniciativas necessárias, ela ia encontrá-lo a meio caminho. Os ardores dele eram juvenis, ao mesmo tempo violentos e tímidos, desesperados e mudos. Hilda falava por ambos e era discretamente atrevida. Discretamente, porque as noções que tinha lord Edward de como as raparigas se deviam portar derivavam principalmente de *As aventuras do sr. Pickwick*. O atrevimento claro, sem disfarce, tê-lo-ia alarmado, tê-lo-ia afugentado. Hilda conservou toda a aparência de uma

donzela de Dickens, mas procurava ao mesmo tempo fazer todas as avançadas, criar todas as oportunidades e conduzir a conversação em todas as direcções ditadas pela estratégia amorosa. E teve a sua recompensa. Na primavera de 1898 tornou-se lady Edward Tantamount.

— Mas eu te asseguro — dissera um dia com raiva a John Bidlake, porque este estivera a ridicularizar o pobre Edward —, eu te asseguro que o amo sinceramente, sinceramente!

— À tua própria maneira, sem dúvida... — caçoou Bidlake. — À tua própria maneira. Mas deves concordar

em que felizmente não é essa a maneira de toda a gente. Olha-te naquele espelho!

Hilda olhou e viu a imagem de seu corpo nu, estendido sobre um divã, meio mergulhado nas almofadas fundas.

— Animal! Mas isso não faz nenhuma diferença na minha afeição por ele...

— Sim, na tua maneira especial de ter afeição, é claro! — Pôs-se a rir. — Mas, repito, é uma boa coisa que...

Lady Edward fê-lo calar-se, pondo-lhe a mão sobre a boca. Aquilo se passara um quarto de século atrás.

Havia então cinco anos que Hilda estava casada: tinha trinta de idade. Lucy era uma menina de quatro anos. John Bidlake tinha quarenta e cinco e estava na plenitude de seu talento e de sua reputação de pintor; era belo, grande, exuberante, despreocupado; grande amigo do riso, grande trabalhador, grande comedor, bebedor e arrebatador de virgindades.

“A pintura é um ramo da sensualidade”, replicava ele aos que lhe censuravam o modo de vida. “Ninguém pode pintar um nu se não aprendeu de cor o corpo humano com as suas mãos,

com os seus lábios e com o seu próprio corpo. Levo minha arte a sério. Sou incansável nos meus estudos preliminares.” E sua pele se dobrava em pregas de riso ao redor do monóculo, seus olhos coruscavam como os de um sátiro jovial.

Para Hilda, Bidlake trouxe a revelação de seu próprio corpo, todas as suas possibilidades físicas. Lord Edward não passava de uma espécie de criança, um menino fóssil conservado no corpo de um homem muito alto e de idade madura. Intelectualmente, no laboratório, ele compreendia os

fenômenos sexuais. Mas na prática e emotivamente, era uma criança, uma criança fóssil de meados da era vitoriana, conservada intacta com toda a timidez infantil natural e todos os tabus adquiridos das duas tias solteironas, muito amadas e muito virtuosas, que lhe tinham substituído a mãe morta, com todos os incríveis princípios e prejuízos absorvidos de mistura com as esquisitices de mr. Pickwick e de Micawber. Ele amava a sua jovem esposa, mas amava-a como podia amar uma criança fóssil da década de 1860 — timidamente, pedindo desculpas —,

pedindo desculpas por seus ardores, pedindo desculpas por seu próprio corpo e até pelo corpo de Hilda. Não de modo explícito, naturalmente, porque a criança fóssil era muda à força de ser tímida; mas por uma resolução silenciosa de ignorar, uma maneira silenciosa de fingir que os corpos não têm realmente nada que ver com os ardores, e que estes, de resto, não existem realmente. Seu amor foi um longo e tácito pedido de desculpas pela sua própria existência; e, não sendo mais do que uma desculpa, tornava-se por isso mesmo absolutamente

indesculpável. O amor deve justificar-se por seus resultados na intimidade do espírito e do corpo, no calor, no contato terno, no prazer. Se precisa ser justificado por uma razão exterior, revela com isso ser uma coisa sem justificação. John Bidlake não pedia desculpas pela modalidade de amor que tinha para dar. Na medida do possível, ele se justificava plenamente por si mesmo. Sensualista vigoroso, fazia o seu amor francamente, naturalmente, com o bom prazer animal de um filho da natureza. “Não esperes de mim que eu te fale das estrelas, dos lírios virginais e

do cosmos”, dizia. “Não é o meu gênero. Não acredito neles. Eu acredito é em...” E suas palavras se transformavam então naquilo que uma convenção misteriosa decretou impossível de imprimir.

Era um amor sem pretensão, mas quente e natural, e, sendo natural, bom na medida de suas limitações — uma sensualidade decente, bem-humorada e feliz. Para Hilda, que em matéria de amor não conhecia nada senão os ensaios tímidos de uma criança fóssil, foi uma revelação. Coisas mortas dentro dela tornaram à vida. Descobriu-se a si mesma, num arrebatamento. Não com um

arrebatamento excessivo, entretanto. Nunca perdeu a cabeça. Se tivesse perdido a cabeça, arriscaria perder com ela Tantamount House, os milhões dos Tantamounts e o título dos Tantamounts. E lady Edward não tinha a menor intenção de perder tudo isso. De sorte que conservou a cabeça; fria, deliberadamente manteve-a bem alto, em segurança, por sobre os arrebatamentos tumultuosos, como um rochedo que se ergue acima das ondas. Divertiu-se, mas nunca em detrimento de sua posição social. Foi capaz de contemplar o seu próprio prazer; a sua cabeça sólida, a

sua vontade de conservar a posição social mantiveram-se à parte e por cima do torvelinho. E John Bidlake louvava a maneira como a amante sabia aproveitar o que havia de melhor dentro de dois mundos.

— Rendo graças ao céu, Hilda — dizia ele muitas vezes —, por você ser uma mulher sensata.

Porque as mulheres em cuja opinião vale a pena sacrificar o mundo pelo amor podem tornar-se uma verdadeira calamidade — como ele bem sabia por experiência pessoal. Amava as mulheres; o amor era um prazer

indispensável. Mas ninguém merece que por sua causa nos envolvamos em complicações aborrecíveis — não há nada que compense o sacrifício de uma vida transtornada. Com as mulheres que não se tinham mostrado sensatas e que haviam levado o amor muito a sério, John Bidlake tinha sido impiedosamente cruel. Era a luta do “tudo pelo amor” contra o “não importa que por uma existência tranquila”. Nessa luta por uma existência tranquila, ele não recuava diante de nenhum horror.

Hilda Tantamount era tão apegada à existência tranquila quanto o próprio

John. A ligação de ambos havia durado bastante agradavelmente o espaço de alguns anos; ao cabo, tudo se extinguiu com suavidade. Tinham sido bons amantes; ficaram bons amigos, a ponto de serem chamados conspiradores, conspiradores maliciosos mancomunados para se divertirem à custa do mundo.

Agora estavam rindo. Ou antes, com mais exatidão, o velho John, que detestava a música, ria sozinho. Lady Edward tratava de manter o decoro.

— O que você devia fazer era ficar simplesmente calado — cochichou ela.

— Mas é que você não percebe como tudo isto é incrivelmente cômico! — insistiu Bidlake.

— Sst! Sst!

— Mas eu estou *cochichando*.

Aqueles *ssts* contínuos o aborreciam.

— Como um leão...

— Não posso evitar... — respondeu ele com cólera. Quando se dava o trabalho de cochichar, presumia que a sua voz não podia ser ouvida senão pela pessoa a quem se dirigia. Não gostava de ouvir que o que ele admitia como verdade não o era. — Como um leão,

essa é boa! — murmurou, indignado. Mas seu rosto ficou subitamente sereno. — Olha! Outro retardatário. Quanto você quer apostar como ela vai fazer o mesmo que os outros?

— Ssst! — repetiu lady Edward.

Mas John Bidlake não lhe dava mais atenção. Estava olhando na direção da porta, onde a última das convidadas se achava indecisa entre o desejo de desaparecer discretamente no meio da multidão silenciosa e o dever social de fazer saber sua chegada à dona da casa. Lançou o olhar ao redor, embaraçada. Lady Edward lhe fez um sinal por cima

das cabeças da multidão que se interpunha entre elas, um aceno do leque de plumas longas e um sorriso. A retardatária sorriu e em resposta enviou um beijo na ponta dos dedos, pôs o indicador sobre a boca, apontou para uma cadeira vazia na outra extremidade do salão, alongou as duas mãos num pequeno gesto que queria exprimir um pedido de desculpas por sua chegada tardia e o desespero de não poder, em vista das circunstâncias, ir falar com a dona da casa; depois, soerguendo os ombros e encolhendo-se de modo que ocupasse o mínimo de espaço, dirigiu-se

nas pontas dos pés, com infantis precauções ao longo de uma coxia, para o lugar que ficara vago.

Bidlake delirava de alegria. Tinha repetido cada um dos gestos da pobre senhora, à medida que ela os fazia. Havia-lhe retribuído com juro extravagantes o beijo soprado de longe, e quando ela pusera um dedo sobre a boca, ele tinha coberto a sua com a mão inteira. Repetira o gesto de pesar, exagerando-o grotescamente até fazer que ele exprimisse um desespero ridículo. E quando a dama retardatária tinha se afastado nas pontas dos pés,

Bidlake pusera-se a contar nos dedos, a fazer os gestos com os quais, em Nápoles, é costume evitar os maus-olhados, e a bater na testa. Voltou-se triunfante para lady Edward.

— Eu não disse? — cochichou, com o rosto todo enrugado de riso. — Dir-se-ia estarmos numa casa de surdos-mudos. Ou falando a pigmeus da África Central. — Abriu a boca e apontou para dentro dela com o indicador esticado; imitou os gestos de quem bebe em copo. — Mim fome, mim muito sede.

Lady Edward bateu nele com o seu leque de avestruz.

Enquanto a música continuava — a “Suíte em si menor” de Bach, para flauta e cordas. Era o jovem Tolley que dirigia a orquestra, com a sua graça inimitável e habitual, curvando o busto em ondulações de cisne e traçando no ar, com os braços, arabescos brilhantes, como se dançasse ao som da música. Uma dúzia de violinistas e de violoncelistas anônimos arranhavam os instrumentos, ao seu comando. E o grande Pongileoni beijava viscosamente a sua flauta. Soprava na embocadura, e uma coluna cilíndrica de ar se punha a vibrar; as meditações de Bach enchiam

o quadrilátero romano. No *largo* da abertura Johann Sebastian, com o auxílio dos beijos de Pongileoni e da coluna de ar, tinha feito uma declaração: Há grandes coisas no mundo, coisas nobres; há homens que nasceram para ser reis; há conquistadores verdadeiros, senhores autênticos da terra. Mas de uma terra, ah! tão complexa e múltipla... — continuara ele a refletir no *allegro* em fuga. Parece que achamos a verdade; clara, precisa, iniludível, ela nos é anunciada pelos violinos; nós a temos e retemos triunfalmente. Mas eis que ela nos escapa, para se apresentar outra vez

sob um aspecto novo, entre os violoncelos, e ainda outra vez sob a forma da coluna de ar vibrante de Pongileoni. As diversas partes vivem suas vidas separadas; elas se tocam, seus caminhos se cruzam, combinam-se um instante para criar o que parece uma harmonia final e perfeita, mas somente para tornarem a se separar mais uma vez. Cada uma é sempre só, separada e individual. “Eu sou eu”, afirma o violino; “o mundo gira em torno de mim.” — “Em torno de mim”, reclama o violoncelo. “Em torno de mim”, insiste a flauta. E todos igualmente têm razão e

igualmente se enganam; e nenhum deles quer escutar os outros.

Na fuga humana há mil e oitocentos milhões de partes. O ruído resultante tem talvez alguma significação para o estatístico, mas nenhuma para o artista. É somente considerando uma ou duas partes ao mesmo tempo que o artista pode entender alguma coisa. Ali estava, por exemplo, uma parte isolada; e Johann Sebastian Bach expõe o caso. O rondó começa, esquisita e simplesmente melodioso, quase uma canção popular. É uma jovem que canta para si mesma, com amor, na solidão, ternamente

melancólica. Uma moça que canta entre as colinas, enquanto as nuvens passam por sobre a sua cabeça. Mas, solitário como uma das nuvens flutuantes, um poeta escutou a canção. Os pensamentos que ela provocou nele estão na sarabanda que segue o rondó. É uma meditação lenta e maravilhosa sobre a beleza do mundo (a despeito da esqualidez e da estupidez), sobre a sua bondade profunda (a despeito de todo o mal), sobre a sua unidade (a despeito de tanta diversidade desnorteante). É uma beleza, uma bondade, uma unidade que nenhuma indagação intelectual pode

descobrir, que a análise destrói, mas cuja realidade se impõe ao espírito, de tempos em tempos, bruscamente, invencivelmente. Uma rapariga jovem que canta para si mesma sob as nuvens basta para criar essa certeza.

Mesmo uma manhã bonita é suficiente. Ilusão ou revelação da mais profunda das verdades? Quem o sabe?... Pongileoni soprava, os músicos esfregavam as suas crinas de cavalo impregnadas de resina nas cordas esticadas de tripas de carneiros; e por meio da longa sarabanda o poeta meditava lentamente sobre a sua certeza

maravilhosa e consoladora.

— Essa música está começando a ficar bem cacete — murmurou John Bidlake à dona da casa. — Será que ainda vai muito longe?

O velho Bidlake não tinha nem gosto nem talento para a música, e tinha a franqueza de o dizer. Podia, de resto, permitir-se essa franqueza. Quem sabe pintar como John Bidlake, para que fingir que gosta de música, quando realmente não gosta? O pintor passeou o olhar por sobre o auditório e sorriu.

— Parece até uma igreja.

Lady Edward levantou o leque com

um ar de protesto.

— Quem é aquela mulherzinha de preto — continuou o pintor —, que revira os olhos e balança o corpo como santa Teresa em êxtase?

— É Fanny Logan — respondeu lady Edward em voz baixa. — Mas fique quieto, fique quieto.

— Fala-se do tributo que o vício paga à virtude — continuou John Bidlake, incorrigível. — Mas na nossa época tudo é permitido; não há mais necessidade de hipocrisia moral. Já não há senão a hipocrisia intelectual, o tributo que o filistinismo paga à arte. O

que você acha?... Olha... essa gente toda o está pagando agora... em caretas piedosas e num silêncio religioso!

— Pois você devia ficar agradecido por eles pagarem *a você* em guinéus! — disse lady Edward. — E agora faço questão de que você cale a boca.

Bidlake fez um gesto de terror fingido e cobriu a boca com a mão. Tolley agitava os braços voluptuosamente. Pongileoni soprava, os violinistas esfregavam. E Bach, o poeta, meditava sobre a verdade e a beleza. Fanny Logan sentiu que as lágrimas lhe brotavam nos olhos. Tinha a emoção

fácil, sobretudo quando se tratava de música; e quando estava comovida, não se esforçava para reprimir a comoção, mas entregava-se a ela de toda a alma. Como aquela música era bela, como era triste e, contudo, reconfortante! Ela a sentia dentro de si mesma, como uma corrente de sensações deliciosas, coando-se suavemente de maneira irresistível e por todo o labirinto complexo de seu ser. Seu próprio corpo fremia e se balançava em cadência com a pulsação e a ondulação da melodia. Fanny pensou no marido: a lembrança dele veio na corrente da música, a

lembrança do seu Eric muito, muito querido, morto havia quase dois anos; morto, tão jovem ainda. As lágrimas cresceram. Fanny as enxugou. A música era infinitamente triste; e no entanto consolava... Admitia tudo, por assim dizer: que o pobre Eric tivesse morrido prematuramente, que tivesse sofrido em sua doença, relutado em deixar a vida, a música admitia tudo. Expressava toda a tristeza do mundo, e, das profundezas dessa tristeza, tinha o poder de afirmar, deliberadamente, tranquilamente, sem declamações excessivas, que tudo, de certo modo, era bom e aceitável. Ela

incluía a tristeza dentro de alguma felicidade mais vasta, mais ampla. As lágrimas continuaram a brotar dos olhos de mrs. Logan; mas eram — fosse como fosse — lágrimas felizes, a despeito de sua tristeza. Ela queria exprimir a Polly, sua filha, o que sentia. Mas Polly estava sentada em outra fileira do auditório. Mrs. Logan via-lhe a cabeça, as costas, duas filas na frente, e o pequeno pescoço delicado onde se viam as pérolas que o seu querido Eric lhe dera por ocasião de seu décimo oitavo aniversário, apenas alguns meses antes de morrer. E subitamente, como se

sentisse que a mãe estava olhando para ela, como se compreendesse o que ela experimentava, Polly se voltou e lhe dirigiu um sorriso rápido. A felicidade triste e musical de mrs. Logan ficou completa.

Os olhos da mãe de Polly não eram os únicos que olhavam na direção da jovem. Vantajosamente colocado atrás dela, a um lado, Hugo Brockle estudava-lhe o perfil com admiração. Como era encantadora! Perguntava-se mentalmente se teria coragem para lhe dizer que tinham brincado juntos, quando crianças, nos jardins de Kensington. Terminada a

música, iria ter com Polly e lhe diria afoitamente: — Já fomos apresentados um ao outro... dentro dos nossos carrinhos de bebê...

Ou, para se mostrar espirituoso de uma maneira menos convencional: — Foi você que me bateu na cabeça com uma raquete de badminton...

Bidlake, correndo os olhos irrequieten pelo salão, dera com Mary Betterton... Mary Betterton em pessoa — aquele monstro! Pôs a mão embaixo da poltrona e tocou na madeira. Todas as vezes que via alguma coisa desagradável, John Bidlake sentia-se

mais tranquilo se pudesse tocar num objeto de madeira. Não acreditava em Deus, naturalmente; gostava de contar histórias ofensivas a respeito dos padres. Mas a madeira, a madeira... — havia nela qualquer coisa... E lembrar-se de que chegara a amar loucamente aquela mulher, havia vinte, vinte e dois... nem ousava pensar quantos anos fazia que aquilo se passara. Como estava gorda, velha, horrenda! A mão tornou a descer ao pé da cadeira. Bidlake desviou os olhos, esforçou-se por pensar em qualquer coisa que não fosse Mary Betterton. Mas as

recordações da época em que Mary era jovem se lhe impunham. Nesse tempo ainda costumava montar. Reviu-se sobre o seu cavalo negro; Mary, num baio. Tinham ido muitas vezes passear juntos. Era na ocasião em que estava pintando o terceiro e o melhor de seus grupos de *Banhistas*. Que quadro, bom Deus! Mas àquela época Mary já era um tanto fornida para o gosto de muitos... Mas não para o seu; nunca fizera objeções a uma gordura razoável... Estas mulheres de hoje, que querem dar a impressão de postes de iluminação pública... Bidlake olhou ainda um instante para Mary e

estremeceu. Detestava-a por vê-la tão repulsiva, depois de já ter sido tão encantadora. E ele era quase vinte anos mais velho do que aquela mulher.

Capítulo III DOIS ANDARES

ACIMA, entre o *piano nobile* e a mansarda que servia de alojamento aos criados, lord Edward Tantamount estava ocupado em seu laboratório.

Os mais jovens dos Tantamount eram, em geral, militares. Mas, como o herdeiro fosse um inválido, o pai de lord Edward o havia destinado à política, carreira que os filhos mais velhos tinham sempre iniciado tradicionalmente nos Comuns e majestosamente continuado na Câmara

dos Pares. Mal lord Edward atingira a maioria, deram-lhe um eleitorado para cultivar. Cultivou-o como filho obediente. Mas como odiava falar em público! E quando se encontra um possível eleitor, que diabo se deve dizer? Muito longe de se entusiasmar, lord Edward sequer se lembrava dos pontos essenciais do programa do Partido Conservador... Não, a política não era decididamente a sua vocação.

— Mas, você tem interesse em quê?
— perguntara-lhe o pai. E lord Edward não sabia; nisso estava a dificuldade. A única coisa que lhe dava

verdadeiramente prazer era ouvir concertos. Mas é claro que não podemos passar toda a vida a ouvir concertos. O quarto marquês não pôde dissimular a sua cólera e a sua decepção.

— Esse rapaz é um imbecil — dizia.

E o próprio lord Edward estava inclinado a dar-lhe razão. Não prestava para nada; era um fracasso; o mundo não tinha lugar para ele. Havia ocasiões em que pensava no suicídio.

— Se ao menos ele fizesse as suas farrinhas de moço... — lamentava-se o pai.

Mas o jovem, se tal era possível,

interessava-se ainda menos pelas farras do que pela política.

— E não é nem mesmo um *sportsman*! — continuava a acusação.

Era verdade. A matança de aves, mesmo em companhia do príncipe de Gales, deixava lord Edward completamente frio... quando não lhe inspirava uma leve repulsa. Preferia ficar em casa a ler, vagamente, inconstantemente, um pouco de tudo. Mas a própria leitura era incapaz de satisfazê-lo. O melhor que dela se podia dizer era que afastava os pensamentos tristes e matava o tempo. Mas de que

servia isso? Matar o tempo com um livro não era melhor, intrinsecamente, do que matar faisões, e o tempo com eles, com uma espingarda. Ele podia bem continuar a ler assim o resto de seus dias, mas isso não o levaria jamais a realizar fosse o que fosse.

Na tarde de 18 de abril de 1887, estava lord Edward sentado na biblioteca de Tantamount House, pensando sobre se a vida valia a pena ser vivida, e sobre qual das duas maneiras de lhe pôr termo era preferível: afogar-se ou meter uma bala no corpo. Foi no dia em que o *Times*

publicara a carta de um falsário, atribuída a Parnell, em que este se solidarizava com os assassinos de Phoenix Park. O quarto marquês se encontrava num estado de agitação apoplética desde o almoço da manhã. No clube, não se falava em outra coisa. “Deve ser muito importante”, não cessava de repetir lord Edward para si mesmo. Mas foi-lhe impossível interessar-se seriamente pelo parnellismo ou pelo crime de uma maneira geral. Após ter escutado durante algum tempo o que se dizia no clube, voltou para casa desesperado. A porta

da biblioteca se achava aberta: entrou e atirou-se em uma cadeira, sentindo-se extremamente sem forças, como se voltasse de uma caminhada de cinquenta quilômetros. “Devo ser um idiota”, afirmava a si mesmo ao pensar nos entusiasmos políticos dos outros e na sua própria indiferença. Era modesto demais para atribuir aos outros a idiotice. “Sou um caso perdido, um caso perdido.”

Gemeu em voz alta, e no silêncio erudito da vasta biblioteca aquele ruído era aterrador. A morte; o fim de tudo; o rio; o revólver... Passou o tempo. Lord

Edward descobriu que era incapaz de pensar no que quer que fosse com atenção e de um modo coerente — nem mesmo na morte. A própria morte era fastidiosa. O último número da *Quarterly Review* estava em cima da mesa, ao seu lado. Talvez a revista o enfastiasse menos do que a morte. Lord Edward apanhou-a, abriu-a ao acaso e se surpreendeu a ler um parágrafo no meio de um artigo a respeito de alguém que se chamava Claude Bernard. Nunca tinha ouvido falar em Claude Bernard. Devia ser um francês, supunha ele. E que viria a ser a função glicogênica do

fígado? Algum assunto científico, evidentemente. Seus olhos percorreram rapidamente a página. Havia uma passagem entre aspas; era uma citação tirada dos próprios escritos de Claude Bernard: O ser vivente não constitui uma exceção à grande harmonia natural que faz com que as coisas se adaptem umas às outras; ele não rompe nenhum acorde; não está em contradição nem em luta com as forças cósmicas gerais. Longe disso, é um elemento do concerto universal das coisas, e a vida do animal, por exemplo, não passa de um fragmento da vida total do universo.

O jovem Tantamount leu estas linhas, ociosamente a princípio, depois com mais cuidado, e tornou a lê-las várias vezes, forçando a atenção. “A vida animal não passa de um fragmento da vida total do universo.” E o suicídio, então? Um fragmento do universo que se destruía? Não, destruir não era a palavra exata; esse fragmento universal não se poderia destruir mesmo que o quisesse. Mudaria apenas o seu modo de existência. Mudaria... Pedacos de animais e de plantas se transformavam em seres humanos. O que foi um dia a coxa de um carneiro ou folhas de

espinafre se tornou mais tarde parte integrante da mão que escreveu, do cérebro que concebeu o movimento lento da Sinfonia Júpiter. E chegara o dia em que trinta e seis anos de prazeres, de sofrimentos, de apetites, de amores, de pensamentos, de música, juntamente com infinitas potencialidades não realizadas de melodia e de harmonia, tinham vindo adubar um recanto desconhecido de um cemitério vienense, para se transformarem em relva e em flores — relva e flores que, por sua vez, tinham voltado de novo a ser carneiros, cujas coxas, por seu turno,

tornaram a transformar-se em outros músicos, cujos corpos, por seu turno... Tudo isso era evidente, mas para lord Edward foi uma revelação. Subitamente e pela primeira vez ele teve consciência de sua solidariedade com o mundo. Esse despertar da consciência foi extraordinariamente emocionante; o marquês se ergueu da cadeira, pôs-se a caminhar de um lado para outro no compartimento, num estado de grande agitação. Seus pensamentos eram confusos, mas a confusão agora era brilhante e violenta, e não mais sombria e brumosamente lânguida como de

ordinário.

— Talvez, quando estive em Viena o ano passado, eu tenha consumido mesmo um pedaço da substância de Mozart. Podia ter sido num Wiener Schnitzel, ou numa salsicha, ou mesmo num copo de cerveja. Comunhão, comunhão física. E aquela representação perfeita da *Flauta mágica* — outra espécie de comunhão, ou talvez a mesma, no fundo. Transubstanciação, canibalismo, química. No final das contas tudo se reduz à química, é claro. Pernas de carneiro e espinafre... tudo química. Hidrogênio, oxigênio... E o resto, que é?

Oh! Não saber... é de dar raiva, sim, de dar raiva! Aqueles anos todos passados em Eton. Versos latinos. Para que diabo serviram eles? *En! distenta ferunt perpingues ubera vaccae...* Por que não me ensinaram coisas sensatas?... “Um elemento do concerto universal das coisas...” Dir-se-ia que isto é música; harmonias, contraponto e modulações. Mas é preciso ter estudado para compreender. Música chinesa... não se compreende patavina... O concerto universal... isto é música chinesa para mim, graças a Eton. Função glicogênica do fígado — no que me diz respeito, é

como se fosse língua banta. Que humilhação! Mas eu posso aprender, hei de aprender, *hei...*

Lord Edward foi tomado de uma alegria extraordinária; nunca se sentira tão feliz em toda a sua vida.

Naquela noite anunciou ao pai que não se apresentaria como candidato ao Parlamento. Ainda agitado pelas revelações da manhã a respeito do parnellismo, o velho ficou furioso. Lord Edward permaneceu absolutamente imperturbável; tinha tomado uma decisão. No dia seguinte fez publicar um anúncio em que pedia um professor

particular. Na primavera do outro ano estava em Berlim, trabalhando com Du Bois-Reymond.

Desde então quarenta anos se passaram. Os estudos sobre a osmose, que lhe haviam dado indiretamente um casamento, deram-lhe também uma reputação. Seus trabalhos sobre a assimilação e o crescimento eram célebres. Mas o que ele considerava a obra verdadeira de sua vida — o grande tratado teórico de biofísica — estava ainda inacabado. “A vida do animal não passa de um fragmento da vida total do universo.” As palavras de Claude

Bernard tinham sido o tema de toda a sua existência, bem como a sua inspiração original. O livro no qual trabalhava havia tantos anos não passava de um desenvolvimento daquela tese, de uma ilustração matemática e quantitativa dela.

Em cima, no laboratório, o trabalho diário tinha justamente começado. Lord Edward preferia trabalhar à noite. As horas do dia lhe eram desagradavelmente barulhentas. Almoçava à uma e meia, fazia um passeio a pé de uma hora ou duas à tarde, e voltava para ler ou escrever até

a hora do lanche, às oito. Às nove ou nove e meia, fazia trabalhos práticos com seu assistente, após os quais se punham ambos a trabalhar de noite no grande livro, ou se entregavam à discussão de seus problemas. À uma hora da manhã, lord Edward jantava e aproximadamente às quatro ou cinco ia para a cama.

Amortecida e em fragmentos, a “Suíte em si menor” vinha flutuando do grande hall e chegava aos ouvidos dos dois homens, no laboratório. Eles estavam demasiadamente ocupados para ter consciência de que a ouviam.

— O fórceps — pediu Lord Edward ao assistente.

Tinha a voz profunda, indistinta, e de alguma maneira sem contorno bem definido. “Uma voz felpuda”, dissera sua filha Lucy, quando ainda criança.

Illidge lhe estendeu o belo instrumento brilhante. Lord Edward emitiu um ruído profundo que significava “obrigado”, e voltou-se com o fórceps para o lado da lagartixa anestesiada que estava estendida sobre a mesa miniatural de operação. Illidge o observava com um olho crítico e aprovador. O velho operava

notavelmente bem. Ninguém julgaria que uma criatura grande e pesada como ele fosse capaz de trabalho tão delicado; observá-lo era um prazer.

— Pronto! — disse por fim o marquês, empertigando-se o quanto lhe permitiam as costas curvadas de reumatismo. — Acho que foi tudo bem.. O que me diz?

Illidge fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Perfeitamente bem — respondeu ele com uma inflexão de voz que certamente não tinha sido adquirida em nenhum dos antigos e dispendiosos

templos do saber. Era o sotaque do Lancashire. Illidge era um homem pequeno, que tinha cabelos ruivos e um rosto infantil pintalgado de sardas.

A lagartixa começava a acordar. Illidge pô-la em lugar seguro. O animal não tinha cauda; perdera-a, havia oito dias, e naquela noite o pequeno rebento de tecido rejuvenescido, que normalmente se transformaria em uma cauda nova, fora removido e enxertado no coto da pata dianteira previamente amputada. Transplantado para essa nova posição, o rebento se transformaria em pata ou continuaria a se desenvolver

incongruentemente como cauda? A primeira experiência havia sido feita com um rebento de cauda recém-formado: e ele se transformara devidamente em pata. Depois, na seguinte, haviam dado ao rebento o tempo de se desenvolver consideravelmente, antes de o transplantar; e ele se revelara demasiadamente avançado em sua evolução caudal para poder adaptar-se às condições novas; os dois cientistas haviam assim fabricado um monstro que tinha uma cauda onde devia ter um membro. Naquela noite eles faziam a

experiência com um rebento de idade intermediária.

Lord Edward tirou um cachimbo do bolso e se pôs a enchê-lo, ao passo que olhava a lagartixa com ar meditativo.

— Será interessante ver o que vai acontecer desta vez — disse, com a sua voz profunda e indistinta. — Segundo penso, estamos justamente no limite entre... — deixou a frase incompleta; era-lhe sempre difícil achar as palavras exatas para exprimir os seus pensamentos. — O rebento terá dificuldade na escolha.

— *To be or not to be* — disse

Illidge gaiatamente, desatando a rir.

Vendo, porém, que lord Edward não dava nenhum sinal de achar graça, conteve-se. Estava sendo inconveniente outra vez... Ficou aborrecido consigo mesmo e também, sem razão, com o Velho.

Lord Edward encheu o cachimbo.

— O rabo se transforma em pata — disse em tom meditativo.

— Por que mecanismo? Peculiaridades químicas na vizinhança dos...? Está claro que não pode ser o sangue. Ou você acha que isto tem algo a ver com a tensão elétrica? Porque ela

varia, naturalmente, segundo as partes do corpo. Afinal, por que não nos contentamos com proliferar ao acaso, como os cânceres...? Crescer de acordo com uma forma definida é coisa muito improvável, se pensarmos bem. Muito misterioso e...

E a sua voz degenerou num murmúrio profundo e rouco.

Illidge escutava, com ar de reprovação. Quando o Velho se lançava assim sobre os problemas maiores e fundamentais da biologia, não se sabia nunca onde iria parar. Era capaz até de se pôr a falar sobre Deus...

Francamente, até fazia corar... Illidge estava decidido a impedir que uma coisa tão ignominiosa acontecesse naquela noite.

— O próximo experimento que vamos fazer com estas lagartixas — disse ele com sua mais animada voz profissional — será atacar o sistema nervoso e ver se há alguma influência sobre os enxertos. Suponhamos, por exemplo, que cortamos um fragmento da espinha...

Mas lord Edward não escutava o assistente. Tinha retirado o cachimbo da boca e erguido a cabeça, inclinando-a

ao mesmo tempo para um lado. Franzia as sobancelhas, como se estivesse fazendo um esforço para apanhar e recordar qualquer coisa. Levantou a mão num gesto que ordenava silêncio; Illidge deteve-se no meio da frase e ficou também escutando... Um esboço de melodia se insinuou levemente no silêncio.

— Bach? — perguntou lord Edward em um murmúrio.

O sopro de Pongileoni e a esfregação dos violinistas anônimos tinham sacudido o ar do grande hall, tinham posto em vibração os vidros das

janelas que davam para ele; e esta, por sua vez, balançado o ar do apartamento de lord Edward, do lado mais afastado. O ar posto em vibração havia balançado a *membrana tympani* de lord Edward; a cadeia de ossos — martelo, bigorna, estribo — tinha sido posta em movimento e fora agitar a membrana da janela oval, criando uma tempestade infinitesimal no fluido do labirinto. Os filamentos terminais do nervo auditivo estremeceram como algas num mar bravo; um grande número de milagres obscuros se efetuaram no cérebro, e lord Edward murmurou extaticamente:

“Bach!”. Sorriu de prazer, seus olhos cintilaram. A rapariga cantava para si mesma sob as nuvens flutuantes. E então o filósofo solitário como a nuvem se pôs a meditar poeticamente.

— O que devemos fazer mesmo é descer para escutar — disse o dono da casa. Levantou-se. — Vem — convidou. — O trabalho pode esperar. E nem todas as noites temos ocasião de escutar coisas como esta.

— Mas... e as nossas roupas? — perguntou Illidge, num tom de dúvida. — Não posso descer assim como estou. — Examinou-se, baixando os olhos. O

seu terno, mesmo quando novo, nunca passara de um terno barato. E a idade, já se vê, não o tinha melhorado.

— Oh! Isso não tem importância. — Um cão que farejasse lebre não revelaria uma impaciência mais indecente do que lord Edward ao som da flauta de Pongileoni. Tomou o assistente pelo braço, empurrou-o para a porta e o levou ao longo do corredor, rumo à escada.

— É apenas uma festinha... — continuou ele. — Lembro-me de ter ouvido minha mulher dizer... Algo muito sem cerimônia... E, além disso —

acrescentou, inventando novas desculpas para justificar a violência de seu apetite musical —, nós podemos nos insinuar lá dentro sem que... Ninguém dará pela nossa presença.

Illidge tinha as suas dúvidas.

— Desconfio que não se trate de uma pequena reunião... — ponderou; tinha ouvido chegar os automóveis.

— Não importa, não importa — interrompeu-o lord Edward, com um desejo irreprimível de Bach.

Illidge deixou de resistir. “Havia de parecer ridículo, horivelmente ridículo”, pensava, com o seu reluzente

terno de sarja azul. Mas talvez, refletindo bem, fosse ainda melhor aparecer vestido de sarja azul e brilhante — saindo diretamente do laboratório, no fim das contas, e sob a proteção do dono da casa (que por sua vez também vestia um jaquetão de *tweed*) — do que com seu velho terno de noite, o qual, como ele tinha notado das outras vezes que penetrara no mundo brilhante de lady Edward, era deploravelmente ordinário e mal cortado. Melhor seria diferir em tudo dos ricos e dos elegantes — ser um visitante que caísse de um outro planeta

intelectual — do que um imitador esnobe de décima quinta ordem. Vestido de azul, estaria sem dúvida exposto aos olhares, como uma curiosidade; mas metido numa roupa preta de mau talhe (como um criado) seria desdenhosamente ignorado, seria desprezado, por tentar aparentar, sem êxito, o que manifestamente não era.

Illidge encheu-se de coragem para representar com firmeza e mesmo com agressividade o papel de visitante marciano.

A entrada de ambos foi ainda mais embaraçosamente notável do que Illidge

imaginara. A grande escada de Tantamount House desce do primeiro andar em duas ramificações que se juntam, como um par de rios iguais, para se precipitarem no hall, numa só catarata arquitetural de mármore de Verona. Desemboca sob as arcadas, no meio de um dos lados do quadrilátero coberto, em face do vestíbulo e da porta de entrada. Quem entra, da rua, domina o hall e vê, por meio do arco central da arcada fronteira, os largos degraus e as balaustradas brilhantes que sobem até um patamar onde uma Vênus de Canova — orgulho da coleção do terceiro

marquês — se levanta sobre um pedestal num nicho, escondendo, ou, melhor, procurando esconder sem o conseguir, com um gesto pudico mas faceiro de ambas as mãos, os seus marmóreos encantos. Fora ao pé desse declive triunfal de mármore que lady Edward tinha instalado a orquestra: seus convidados estavam sentados, em fileiras cerradas, na frente dos músicos. Quando Illidge e lord Edward dobraram o ângulo, na frente da Vênus de Canova, caminhando na ponta dos pés, com ar de conspiradores, e aproximando-se da música e da multidão de ouvintes,

viram-se de súbito convertidos no foco de uma centena de pares de olhos. Uma rajada de curiosidade sacudiu os convidados reunidos. A aparição daquele enorme velho curvado que saía de um mundo tão diferente do deles, fumando o seu cachimbo e vestido com um jaquetão de *tweed*, pareceu-lhes estranha e cheia de presságios. Lord Edward tinha vagamente o ar de um fantasma familiar posto à solta; ou de um desses monstros que só assombram os palácios das melhores famílias, das mais aristocráticas. A Besta de Glamis, o Minotauro em pessoa, não teriam

suscitado mais interesse do que lord Edward. Levantaram-se lunetas, esticaram-se pescoços à direita e à esquerda, em movimentos desencontrados, pois cada observador procurava enxergar por trás do obstáculo que se lhe antepunha. Lord Edward, sentindo subitamente todos aqueles olhares curiosos, ficou tomado de medo. A consciência de ter cometido um pecado social apoderou-se dele; tirou o cachimbo da boca, guardou-o, fumegante ainda, no bolso do jaquetão. Parou, irresoluto. Fugir ou avançar? Voltou-se para um lado, depois para o

outro, fazendo com que todo o seu corpo, curvado desde as ancas, balouçasse num curioso movimento pendular, como a oscilação lenta e pesada de um pescoço de camelo. Por um instante teve desejos de bater em retirada. Mas o amor a Bach foi mais forte que o terror. Lord Edward parecia um urso que o cheiro de melaço obriga, malgrado os seus receios, a visitar o campo dos caçadores; era como o amante que está pronto a fazer face ao marido armado e exasperado, bem como ao tribunal de divórcios, só para passar uma hora nos braços da amada.

Avançou, descendo os degraus na ponta dos pés, agora com um ar mais acentuado de conspirador: era como um Guy Fawkes descoberto, mas que esperasse ainda, contra toda a razão, poder fugir aos olhares, portando-se como se a Conspiração da Pólvora^[4] continuasse a desenrolar-se de acordo com o plano estabelecido. Illidge caminhava atrás dele. Seu rosto tinha ficado muito vermelho no embaraço do primeiro momento; mas a despeito desse embaraço, ou talvez por causa dele, o assistente seguia lord Edward com uma espécie de fanfarronice, uma das mãos

no bolso, um sorriso nos lábios. Voltava os olhos com calma de um lado para outro, dominando a multidão. Seu rosto tinha uma expressão divertida e desdenhosa. Demasiadamente ocupado com o papel de habitante de Marte, Illidge não olhava o caminho. De repente sentiu faltar-lhe o apoio sob os pés naquela escada monumental com que não estava familiarizado, aquela escada de degraus desmesuradamente largos e baixos. Escorregou e ficou a se debater violentamente à beira de uma queda, num agitar desordenado de braços, até que conseguiu equilibrar-se, firmando-

se milagrosamente nos pés, uns dois ou três degraus mais abaixo. Retomou a descida com toda a dignidade que lhe foi possível no momento. Estava furioso e odiava os convidados de lady Edward, todos, todos, sem exceção.

Capítulo IV

PONGILEONI EXCEDEU-SE A SI MESMO na Badinerie final. Os axiomas euclidianos, de mãos dadas com as fórmulas da estática elementar, proclamaram feriado. A aritmética celebrou uma bárbara saturnal; a álgebra fez cabriolas. A música findou numa orgia de folguedos matemáticos. Houve aplausos. Tolley inclinou-se num cumprimento, com toda a sua graça habitual; Pongileoni inclinou-se; até os músicos anônimos se inclinaram. O auditório afastou as cadeiras e levantou-se. Toda a tagarelice contida explodiu em torrentes.

— Você não acha que o Velho estava maravilhosamente engraçado?

Polly Logan encontrara uma amiga.

— Sim. E também o homenzinho de cabelos cor de cenoura.

— Pareciam Mutt e Jeff.

— Eu julguei que ia morrer de tanto rir — disse Norah.

— Que feiticeiro! — Polly falava agora num cochicho vibrante de emoção, inclinando-se para a frente e arregalando os olhos, como para exprimir em pantomima dramática, ao mesmo tempo que em palavras, o mistério do velho mágico. — Um bruxo!

— Mas que é que ele *faz* lá em cima?

— Corta em pedaços sapos e lagartixas e o que mais aparece... — respondeu Polly.

Olho de rato, rabo de arraia.

Perna de pato, pé de cobaia.

Recitou com delícia, embriagada pelas palavras. E continuou: — Pois ele pega as cobaias e cruza-as com serpentes. Podes imaginar isto: uma cruza entre uma cobra e uma cobaia?

— Ui! — gritou a outra, sentindo um calafrio. — Mas se o Velho só se interessa por coisas dessa ordem, por que foi então que se casou com Hilda?

Isto é o que sempre desejei saber...

— Por que foi que *ela* casou-se com ele? — Aqui a voz de Polly desceu de novo a um murmúrio teatral. Gostava de dar a todas as coisas um sabor sensacional, excitante — tão excitante e sensacional como o que tinham ainda para ela. Contava apenas vinte anos. — Havia muito boas razões para isso.

— Sim, é o que acho.

— E lembra-te de que ela era canadense, o que torna as razões ainda mais fortes.

— A gente se admira é de como Lucy...

— Sst!

A outra se voltou.

— Mas não estava mesmo esplêndido o Pongileoni? — exclamou ela em voz muito alta e com uma presença de espírito supinamente exagerada.

— Admirabilíssimo! — respondeu Polly, gritando como se estivesse em um palco de Drury Lane. — Ah! Aí vem lady Edward. — Ambas se mostraram enormemente surpreendidas e encantadas. — Estávamos justamente falando da maneira maravilhosa como Pongileoni tocou.

— Estavam? — disse lady Edward, sorridente, olhando ora para uma, ora para outra.

Tinha uma voz profunda e cheia; falava vagarosamente, como se tudo quanto dizia fosse sério e importante.

— Vocês são *verdadeiramente* amáveis — continuou, carregando vigorosamente nos *rr*. — Pongileoni é italiano — acrescentou, enquanto o seu rosto, onde o sorriso se apagara, assumia um ar grave. — E é o que o torna ainda mais admirável.

Dito isto passou adiante, deixando as duas moças a se entreolharem,

atarantadas e vermelhas.

Lady Edward era uma mulher pequena e delgada; tinha uma elegância de linhas que, em vestido decotado, começava visivelmente a tender para a angulosidade óssea, da mesma maneira que os belos traços aquilinos de seu rosto alongado e fino. Uma mãe francesa e talvez, nos últimos tempos, a arte do cabeleireiro explicavam o negrume de azeviche da sua cabeleira. Tinha a pele branca e opaca. Os seus olhos, debaixo de sobancelhas negras e arqueadas, possuíam aquele desassombro, aquela insistência no olhar que é a

característica de todos os olhos muito sombrios num rosto pálido. A esse desassombro genérico lady Edward juntava certa insolência cândida do olhar fixo e da expressão de vivacidade ingênua que era muito sua. Eram olhos de criança — “*mais d’un enfant terrible*” como John Bidlake tinha prevenido um amigo francês que levara para vê-la. Esse colega francês teve ocasião de fazer a descoberta por conta própria. Na mesa do almoço viu-se sentado ao lado do crítico que, referindo-se aos seus quadros, escrevera que eles eram obra de um imbecil ou de

um gaiato. Lady Edward, com ar
inocente, os olhos arregalados,
entabulara uma discussão sobre arte...
John Bidlake ficou furioso. Chamou-a à
parte, findo o repasto, e lhe disse
francamente o que pensava: — Diabos
levem tudo isso! O homem é meu amigo.
Trago-o para te ver. E é assim que você
o trata! Esta é forte demais!

Nunca os olhos vivos e negros de
lady Edward brilharam com um brilho
mais cândido, nem sua voz revelou um
timbre franco-canadense mais
desconcertante — porque ela sabia
modificar seu acento à vontade,

tornando-o mais ou menos colonial, segundo lhe conviesse ser a menina ingênua da estepe norte-americana ou a aristocrata inglesa.

— Mas o que é forte demais? Que foi que eu fiz desta vez?

— Não me venha com as tuas comédias...

— Mas não se trata de comédia. Não sei a que te referes, não tenho a menor ideia.

Bidlake lhe explicou o caso do crítico.

— Você sabia tão bem como eu. E agora, pensando bem no assunto,

lembro-me de que falamos do artigo dele não faz ainda uma semana!

Lady Edward franziu as sobancelhas, como se tentasse recapturar uma lembrança apagada.

— É verdade! — exclamou por fim, olhando para o amigo com uma expressão de horror e arrependimento. — Que desgraça! Mas você sabe que minha memória é um caso perdido...

— De todas as pessoas que conheço, a que tem melhor memória é você.

— Mas eu me esqueço *sempre* — protestou ela.

— Você só esquece o que sabe que

deve lembrar. Estas coisas acontecem de uma maneira excessivamente regular para serem acidentais... É que você resolve voluntariamente esquecer.

— Que insensatez!

— Se tivesse má memória — prosseguiu Bidlake —, poderia de vez em quando esquecer que os maridos não devem ser convidados para encontros com os amantes notórios de suas mulheres; podia esquecer algumas vezes que os anarquistas e os autores dos artigos de fundo do *Morning Post* não podem ser lá muito bons amigos, e que os católicos piedosos não têm muito

prazer em ouvir blasfêmias da boca de
ateus profissionais. Podia
acidentalmente esquecer tudo isto, se a
sua memória fosse ruim. Mas, eu te
garanto, é preciso uma memória de
primeira ordem para esquecer sempre e
sempre. Uma memória de primeira
ordem e também um grande desejo de
fazer travessuras.

Pela primeira vez desde o início da
conversação lady Edward abandonou o
ar sério e ingênuo. Pôs-se a rir: —
Realmente, meu caro John, você é
notadamente ridículo!

Bidlake, enquanto falava, tinha

recobrado o bom humor; por sua vez, pôs-se também a rir.

— Tome nota — disse —, eu não ponho a menor objeção a que você faça brincadeiras com outras pessoas. Divirto-me com elas. Mas que você as faça comigo, isso é que não!

— Farei o possível para me lembrar disso na próxima vez — disse Hilda com uma voz submissa, olhando para o interlocutor com uma ingenuidade tão impertinente que Bidlake não pôde deixar de rir.

Isso se passara havia muitos anos; ela tinha cumprido a palavra e não

pregara mais peças no amante. Mas com os outros continuava a mostrar-se tão embaraçosamente inocente e esquecida como sempre. Nas rodas em que ela se movia, suas façanhas eram legendárias. Os outros riam. Mas havia vítimas demais; ela era temida, mas não amada. No entanto, as suas festas eram muito concorridas; seu cozinheiro, seu provador de vinhos e seu fornecedor eram de primeira classe. O muito que se lhe perdoava era por causa do dinheiro do marido. De resto, a sociedade de Tantamount House era variadamente e algumas vezes excentricamente ilustre.

Aceitavam os convites de lady Edward e tiravam desforra falando mal dela pelas costas. Entre muitas coisas chamavam-lhe esnobe e caçadora de celebridades. Mas uma esnobe — tinham de conceder aos defensores dela — que ria das pompas e das grandezas em que vivia. Uma caçadora que colecionava celebridades com o fim de atormentá-las. Num meio em que uma inglesa da classe média se haveria de mostrar séria e servil, lady Edward se mostrava gaiatamente irreverente. Vinha do Novo Mundo; para ela as hierarquias tradicionais eram uma brincadeira, mas

uma brincadeira pitoresca, pela qual valia a pena viver.

— Ela poderia ser muito bem a heroína daquela anedota do americano e dos dois pares de ingleses — dissera um dia o velho Bidlake. — Lembram-se? O americano entabulou conversação com os dois ingleses no trem, achou-os encantadores e, desejando renovar mais tarde a camaradagem, perguntou-lhes os nomes. “Meu nome”, diz um deles, “é duque de Hampshire e este é o meu amigo o senhor de Ballantrae.” “Muito prazer em conhecê-los”, diz o americano. “Permitam-me que lhes

apresente meu filho Jesus Cristo.” É Hilda sem tirar nem pôr. E acontece ainda que ela passa a vida precisamente a convidar pessoas cujos títulos lhe parecem assim cômicos e a se fazer convidar por elas. É estranho. — Bidlake balançou a cabeça. — Realmente muito estranho.

Abandonando as duas moças desconcertadas, lady Edward foi quase derrubada por um homem muito grande e corpulento, que atravessava com velocidade perigosa o salão cheio de gente.

— Perdão! — disse ele, sem baixar

o olhar para ver quem estivera prestes a jogar ao chão.

Seus olhos seguiam os movimentos de alguém que se achava na outra extremidade do salão; o homem tinha consciência somente de um pequeno obstáculo, presumivelmente humano, visto que todos os obstáculos das redondezas eram humanos. Diminuiu a velocidade da marcha e deu um passo para o lado, de maneira a contornar o obstáculo. Mas o obstáculo não era dos que se podem evitar facilmente.

Lady Edward alongou o braço e apanhou o homenzarrão pela manga.

— Webley! — gritou.

Everard Webley, fingindo não ter sentido a mão que lhe segurava a manga e não ter ouvido a voz que pronunciava o seu nome, continuou a caminhar; não tinha prazer nem vagar para falar com lady Edward. Mas ela não admitia que sua presença fosse esquecida: deixou-se arrastar ao lado do homem, sempre agarrada a ele.

— Webley! — repetiu. — Para! Epa!

E soube imitar o carroceiro do campo com tanto escândalo e de um modo tão verossimilmente rústico que

Webley foi obrigado a escutá-la, com medo de atrair a atenção e a hilaridade dos outros convidados.

Baixou o olhar para a dona da casa.

— Oh, é você — disse ele com dureza. — Desculpe-me, eu não tinha prestado atenção.

O aborrecimento que ele exprimia com o franzir das sobrancelhas e com as palavras pouco corteses era metade sincero, metade fingido. Webley achava que muita gente tem medo da cólera alheia; cultivava por isso a sua ferocidade natural. E essa ferocidade conservava os outros a grande distância,

evitando-lhe aborrecimentos.

— Meu Deus! — gritou lady Edward com uma expressão de terror que era francamente uma caricatura.

— Deseja alguma coisa? — perguntou ele no tom de voz que teria usado para se dirigir a um mendigo de rua que o importunasse.

— Você parece muito mal-humorado.

— Se é tudo o que me queria dizer, julgo então que posso...

Lady Edward, enquanto isso, estivera a examiná-lo com espírito crítico cravando nele os seus olhos

candidamente impertinentes.

— Você sabe — continuou ela, interrompendo-o no meio da frase, como se não pudesse protelar um momento mais a proclamação de sua grande e súbita descoberta — que devia representar o papel de capitão Hook, no *Peter Pan*? Pois é verdade. Tens a cara ideal para fazer o rei pirata. Não é mesmo, mr. Babbage?

Dirigiu-se por acaso a Illidge, que passava no momento, desconsoladamente solitário no meio da multidão de estranhos.

— Boa noite — disse o homenzinho.

A cordialidade do sorriso de lady Edward não chegava a compensar de todo o insulto do esquecimento de seu nome.

— Webley, este é mr. Babbage, que auxilia o meu marido em seus trabalhos.

Webley, numa inclinação de cabeça, tomou remotamente conhecimento da existência de Illidge.

— Mas não acha o senhor, mr. Babbage, que ele se parece com um rei pirata? — insistiu lady Edward. — Examine-o bem.

Illidge riu, constrangido.

— É que... não tenho visto muitos

reis piratas...

— Está claro — exclamou lady Edward —, eu tinha me esquecido de explicar; ele é mesmo um rei pirata. Na vida real. Não é, Webley?

Everard Webley riu dessa vez.

— Sim, porque este — explicou lady Edward, voltando-se confidencialmente para Illidge —, este é mr. *Everard* Webley. O chefe dos Ingleses Livres. O senhor já viu esses homens que usam uniforme verde, como os coristas das operetas?

Illidge sorriu maliciosamente, inclinando a cabeça. “Aquele, pois”,

pensava o assistente de lord Edward, “era Everard Webley.” O fundador e chefe da Confraternidade dos Ingleses Livres — a BBF, *Brotherhood of British Freemen* ou os *Bloody Bugging Fools*,^[5] como lhe chamavam os inimigos. Uma denominação inevitável; porque, como observara certa vez, em artigo dedicado aos Ingleses Livres, o extremamente bem informado correspondente do *Fígaro* — “*les initiales BBF ont, pour le public anglais, une signification plutôt péjorative*”. Webley não tinha pensado naquilo quando dera tal nome a seu bloco.

Illidge sentiu prazer em refletir que ele agora era obrigado a lembrar-se da sua distração com muita frequência.

— Se voê já terminou os seus gracejos — disse Everard —, eu me retiro.

“Mussolini de meia-tigela!”, pensava Illidge. “E foi feito mesmo para representar esse papel.” (Illidge tinha um ódio especial e pessoal a quem quer que fosse alto e belo, ou a quem parecesse distinguir-se de uma maneira ou de outra. Quanto a ele, era pessoalmente um homem pequeno, parecia um garoto da rua crescendo.)

“Grande asno!”

— Espero que não tenha ficado ofendido por nada do que eu disse. Ficou?

Lady Edward formulou a pergunta com um ar de ansiedade e contrição.

Illidge recordou-se de uma caricatura política do *Daily Herald*. “Os Ingleses Livres, Webley tivera a insolência de dizer, existem para garantir a posição da inteligência no mundo.” A caricatura mostrava Webley e meia dúzia de seus bandidos fardados matando um operário a pontapés e cacetadas. Atrás do bando, um

capitalista de cartola olhava a cena com ar de aprovação. E sobre o seu ventre enorme se lia a palavra “INTELIGÊNCIA”.

— Não está ofendido, Webley? — repetiu lady Edward.

— Nem por sombra. Acontece apenas que tenho um pouco de pressa... Você compreende — explicou ele com a sua voz mais acetinada —, tenho o que fazer. Trabalho, se é que você sabe o que isso significa...

Illidge desejou que a alfinetada tivesse sido dada por outro qualquer. Tipo abjeto! Illidge era comunista.

Webley deixou-os. Lady Edward

viu-o abrir caminho através da multidão.

— Parece uma máquina a vapor. Que energia! Mas tão suscetível... Estes políticos são piores do que atrizes. Que vaidade! E o meu caro Webley não tem lá muito senso de humor. Quer ser tratado como se fosse já a sua própria estátua colossal, erguida por uma nação cheia de admiração reconhecida. — Os *rr* de lady Edward rugiam como leões. — De uma maneira póstuma, se é que me faço entender. Como uma grande figura histórica. Acontece que quando o vejo, nunca me lembro de que ele é na realidade Alexandre Magno. Sempre me

engano, tomando-o simplesmente por Webley.

Illidge riu. Descobria agora que tinha uma simpatia real por lady Edward. Aquela criatura sentia as coisas como elas devem ser sentidas. Parecia mesmo estar, em matéria de política, do lado da razão.

A dona da casa continuou: — Não que esses Ingleses Livres não sejam coisa muito boa... — A simpatia de Illidge começou a dissipar-se com a mesma rapidez com que brotara. — Não acha, mr. Babbage?

O homenzinho fez uma careta.

— Para falar a verdade... —
começou.

— A propósito — disse lady Edward, interrompendo o que teria sido um comentário admiravelmente sarcástico sobre os Ingleses Livres de Webley —, o senhor deve ter mais prudência ao descer aquela escada. Porque ela é *terrivelmente* escorregadia.

Illidge corou.

— Oh!... de modo nenhum... —
murmurou ele, corando ainda mais, transformando-se numa verdadeira beterraba até a raiz dos cabelos cor de

cenoura, ao perceber a imbecilidade do que tinha dito. A sua simpatia baixou ainda mais de nível.

— Sim, bastante escorregadia em todo caso — insistiu polidamente lady Edward, carregando enfaticamente nos *rr*. — Quais foram os trabalhos que o senhor fez esta noite com Edward? — continuou. — Nem imagina como isso me interessa.

Illidge sorriu.

— Bem, se a senhora realmente quer saber, estivemos trabalhando na regeneração das partes desaparecidas das lagartixas. — Entre as lagartixas ele

se sentia mais à vontade: um pouco da sua simpatia por lady Edward voltou.

— Lagartixas? Esses bichinhos que andam pelas paredes? — Illidge fez com a cabeça um sinal afirmativo. — Mas como é que eles perdem as partes de que o senhor falou?

— No laboratório — explicou o outro. — E perdem porque nós as cortamos.

— E elas crescem de novo?

— Sim, crescem de novo.

— Deus meu! — fez lady Edward. — E dizer que eu não sabia disso! Como são fascinantes essas coisas! Conte-me

algo mais.

No fim das contas ela não era tão má... Illidge começou a explicar. Entusiasmado-se pelo assunto, entusiasmava-se também por lady Edward. Tinha justamente chegado ao ponto decisivo, ao ponto verdadeiramente importante e significativo das experiências — a transformação da cauda transplantada em pata do rebento —, quando lady Edward, cujos olhos tinham ficado a errar de um lado para outro, pousou uma das mãos no braço do interlocutor.

— Venha comigo, que quero

apresentá-lo ao general Knoyle. É um homem muito divertido... se bem que, às vezes, sem querer!

A exposição de Illidge morreu-lhe subitamente na garganta. Compreendeu que a dona da casa não tinha tomado o menor interesse no que ele lhe havia explicado — e que nem mesmo se dera o trabalho de prestar-lhe a menor atenção. Odiando-a por isso, seguiu-a num silêncio cheio de ressentimento.

O general Knoyle conversava com outro senhor de aspecto militar. Tinha uma voz marcial e asmática.

— Meu caro, disse-lhe eu — lady

Edward e Illidge ouviam o general à medida que se aproximavam —, meu caro, não faça esse cavalo correr agora. Seria um crime, disse eu. Seria uma rematada loucura. Retire-o do páreo, retire-o, disse eu. E ele o retirou.

Lady Edward fez notada a sua presença. Os dois militares se mostraram exageradamente polidos; tinham passado um sarau *maravilhoso*.

— Foi para o senhor que eu escolhi especialmente Bach, general — disse lady Edward, com um pouco da encantadora confusão de uma rapariga que confessa um pecado amoroso.

— Oh!... sim... realmente, foi muito amável da sua parte.

A confusão do general Knoyle era verdadeira; não sabia que fazer do presente musical que a dona da casa lhe dera.

— Hesitei — continuou lady Edward no mesmo tom deliberadamente íntimo — entre a barcarola de Haendel e a “Suíte em si menor”, com Pongileoni. Foi então que pensei no senhor e me decidi por Bach. — Seus olhos observavam o embaraço que se estampava no rosto vermelho do general.

— Foi muito amável de sua parte — protestou ele. — Não é que eu tenha a pretensão de entender muito de música. Mas sei do que gosto, sei do que gosto. — A frase pareceu dar-lhe um sentimento de segurança. Pigarreou e retomou a palavra. — O que sempre digo é que...

— E agora — interveio lady Edward, concluindo triunfalmente — quero apresentar-lhe mr. Babbage, que auxilia Edward em seus trabalhos e que é um verdadeiro perito em matéria de lagartixas. Mr. Babbage, este é o general Knoyle e este o coronel Pilchard.

Sorriu um último sorriso e saiu.

— Bem, é esta? — exclamou o general. — O coronel disse que ela era de amargar.

— Oh! se é... — concordou Illidge, vivamente.

Os dois militares olharam-no por um momento e decidiram que aquela observação, partindo como partira de quem se achava tão manifestamente abaixo, tão fora de seu mundo, era uma impertinência. Os bons católicos podem bem permitir-se pequenas brincadeiras sobre os santos e os hábitos dos padres; mas levam muito a mal as mesmas

facécias quando elas brotam dos lábios de um ímpio. O general não fez nenhum comentário verbal, e o coronel se limitou a expressar a sua desaprovação com o olhar. Mas a maneira como eles se voltaram um para o outro e continuaram a sua discussão interrompida sobre corridas de cavalos, como se estivessem sós, foi tão intencionalmente ofensiva que Illidge teve vontade de dar-lhes uns pontapés.

*

— Lucy, minha pequena!

— Tio John!

Lucy Tantamount voltou-se e sorriu para o tio adotivo. Era uma criatura

magra e de estatura mediana, como a mãe: tinha os cabelos curtos e escuros untados de óleo, o que lhes dava um negrume completo, e penteados para trás, a partir da testa. Naturalmente pálida, não usava ruge. Somente os lábios finos estavam pintados e havia um pouco de azul em torno dos olhos. Um vestido negro acentuava a brancura dos braços e das espáduas. Havia então mais de dois anos que Henry Tantamount morrera — porque Lucy havia se casado com um primo em segundo grau. Mas ainda usava luto, pelo menos à noite, à luz artificial. O negro lhe ficava tão

bem!

— Como está? — perguntou ela, notando, ao pronunciar estas palavras, que o tio começava a ficar com uma forte aparência de velhice.

— Estou morrendo de fome — disse John Bidlake. Tomou-lhe do braço familiarmente, segurando-o logo acima do cotovelo, com a sua grande mão estriada de veias azuis. — Quero que me sirvas de pretexto para ir cear. Estou com uma fome canina.

— Pois eu não...

— Não importa. A minha necessidade é maior do que a sua, como

tão justamente observou sir Philip Sidney.

— Mas eu não quero comer. — Ela não admitia que o velho a dominasse, que fosse conduzida em vez de conduzir. Mas tio John não cedeu.

— Eu sozinho me encarrego de comer — declarou ele. — Comerei pelos dois.

E, rindo jovialmente, continuou a puxá-la em direção à sala de jantar.

Lucy abandonou a luta. Abriram caminho através da multidão. A orquídea que John Bidlake tinha à botoeira, de um amarelo esverdeado e

cheio de pintas, parecia a cabeça de uma serpente com a boca aberta em um bocejo. Brilhava-lhe o monóculo no olho.

— Quem é esse velho que vai ali com Lucy? — perguntou Polly Logan quando eles passaram.

— É o velho Bidlake.

— Bidlake? Aquele que... que pintou os quadros? — Polly falava com hesitação, num tom de quem, conhecendo as lacunas da própria educação, teme cometer erros ridículos. — Você está dizendo que aquele é Bidlake? — A companheira fez um sinal

afirmativo. Ela se sentiu consideravelmente aliviada. — Essa é muito boa — continuou, arqueando as sobancelhas e abrindo muito os olhos —, sempre julguei que ele fosse um daqueles pintores da Renascença. Mas ele deve ter hoje mais ou menos uns cem anos, não é assim?

— Não anda longe disso. — Norah tinha também menos de vinte anos.

— É preciso confessar — admitiu Polly elegantemente — que o homem não mostra ter essa idade. Ele tem ainda um ar de leão, de pirata ou de Belo Brummel, enfim, de qualquer dessas

coisas que a gente costuma ser na mocidade.

— Teve pelo menos quinze esposas — afirmou Norah.

Foi nesse momento que Hugo Brockle achou coragem para se apresentar.

— A senhorita não se lembra de mim. Fomos apresentados nos nossos carrinhos de bebês. — Como aquilo parecia idiota! O rapaz sentiu que ficava todo vermelho.

O terceiro e o mais bonito quadro das *Banhistas* de John Bidlake estava pendurado por cima da chaminé da sala

de jantar de Tantamount House. Era uma pintura alegre e vistosa, de tons muito claros, de coloração muito pura e brilhante. Oito banhistas de carnes fartas e nacaradas se agrupavam na água e nas margens de um arroio, de maneira a formar, com os corpos e os membros em movimento, uma espécie de grinalda (completada por cima pela folhagem de uma árvore) ao redor do centro da tela. Através daquela coroa de carne nacarada (porque os próprios rostos das banhistas eram apenas carne sorridente, sem um traço de espiritualidade que pudesse distrair o observador da

contemplação das belas formas e do que com elas se relacionava), o olho se alongava rumo a uma pálida paisagem brilhante de dunas, de ondulações moles e de nuvens.

Com um prato na mão, mastigando sanduíches de caviar, o velho Bidlake, ao lado da companheira, contemplava a sua obra. Sentiu-se presa de uma emoção em que se misturavam orgulho e tristeza.

— Está bem — disse ele —, está admiravelmente bem. Olha só a maneira como foi composto. Perfeito equilíbrio, e no entanto não há traço de repetição ou

de arranjo artificial. — Deixou inexprimidos outros pensamentos e sensações que o quadro tinha evocado em seu espírito. Eram tão numerosos e confusos que não seria fácil enunciá-los. E sobretudo muito melancólicos; não gostava de insistir neles. Estendeu um dedo e tocou o aparador; era de mogno, madeira legítima. — Olha o corpo da direita, ali, com os braços erguidos. — Prosseguiu na sua exposição técnica a fim de poder reprimir, de poder espantar os pensamentos indesejáveis. — Vê como ele está em equilíbrio com o grande corpo nu e curvado da esquerda.

Dir-se-ia uma alavanca longa erguendo pesada carga. — Mas o corpo de braços erguidos era Jenny Smith, a mais bela modelo que ele já tivera. Encarnação da beleza, encarnação da estupidez e da vulgaridade. Uma deusa enquanto estava nua e mantinha a boca fechada; ou quando se lhe fechava a boca com beijos; mas — ah! —, uma vez que ela descerrasse os lábios, uma vez que se vestisse e enfiasse aqueles chapéus assustadores!... John Bidlake se recordou da época em que a levara a Paris. Teve de mandá-la de volta em oito dias. — “Você devia andar

amordaçada, Jenny!”, disse a ela. Jenny chorou. “Foi um erro ir a Paris”, continuou ele. “Em Paris há sol demais, luzes artificiais em demasia. Na próxima vez iremos a Spitzberg... no inverno. Lá as noites duram seis meses.” Isso fizera com que Jenny chorasse com ainda mais força. Aquela rapariga possuía tesouros de sensualidade assim como tesouros de beleza. Mais tarde dera para beber e decaíra, vinha mendigar-lhe dinheiro que gastava em bebida. Finalmente o que restava dela havia morrido. Mas a Jenny verdadeira permanecia ali, na tela, com os braços alçados e os

músculos peitorais soerguendo os seios pequeninos. O que restava de John Bidlake, do John Bidlake de vinte e cinco anos atrás, achava-se também ali na tela. Um outro John Bidlake existia ainda para contemplar o seu próprio fantasma. Em breve, este mesmo haveria de desaparecer. E no fim das contas seria ele o verdadeiro Bidlake — quando a mulher avinhada e balofa que havia morrido não era a verdadeira Jenny? A verdadeira Jenny vivia entre as banhistas de nácar. E o verdadeiro Bidlake, seu criador, existia implicitamente nas suas criaturas.

— Sim, é uma boa tela — repetiu ele, ao acabar a exposição; e o tom de sua voz era doloroso; o rosto que olhava o quadro estava triste. — Mas no fim das contas — acrescentou, depois de uma pequena pausa, com uma explosão repentina de riso voluntário —, no fim das contas, tudo o que é meu é bom, formidavelmente bom mesmo.

Era um desafio aos críticos estúpidos que tinham visto sinais de decadência em suas telas recentes; era um desafio ao seu próprio passado, ao tempo e à velhice, ao verdadeiro John Bidlake, que tinha pintado a verdadeira

Jenny e que a tinha feito silenciar ao peso de seus beijos.

— Não há dúvida de que é uma boa tela — disse Lucy, perguntando a si mesma por que as pinturas do velho tinham piorado tanto nos últimos tempos. A última exposição fora deplorável. Ele próprio, afinal de contas, conservava-se tão jovem, relativamente falando. “Isto, entretanto, não impede”, pensava a moça, olhando para o pintor, “que ele tenha envelhecido bastante nestes últimos meses.”

— Não há dúvida — repetiu ele. —

Esse é o ponto de vista verdadeiro.

— Devo confessar, entretanto — acrescentou Lucy, para mudar de assunto —, que, na minha opinião, as suas banhistas são de certo modo um insulto.

— Um insulto?

— Falo como mulher, compreenda. Acha, na realidade, que somos tão profundamente tolas como nos pinta?

— Sim, sim — perguntou uma outra voz —, acha-nos *verdadeiramente* assim tão tolas?

Era uma voz insistente, enfática, e as palavras saíam em jorros, explosivamente, como se estivessem

passando à força através de uma abertura estreita, debaixo de uma pressão emocional.

Lucy e John Bidlake se voltaram e viram mrs. Betterton, maciça no seu vestido cinzento-pomba, com braços (pensou o velho Bidlake) que pareciam coxas, e cabelos que eram, em proporção às bochechas e às múltiplas papadas carnudas, ridiculamente curtos, encaracolados e castanhos. Seu nariz, que se arrebitava de maneira tão encantadora nos dias em que Bidlake montava o cavalo negro e ela o cavalo baio, era agora absurdo, uma coisa

grotescamente fora de propósito naquele rosto de mulher madura. O verdadeiro Bidlake andara passeando a cavalo em companhia dela, um pouco antes de pintar aquelas banhistas. Mrs. Betterton tinha falado de arte com uma seriedade ingênua de colegial que o pintor achara encantadora. Bidlake a curara — recordava-se disso — de uma paixão por Burne-Jones, mas não conseguira, ai! livrá-la do seu preconceito de virtude. Era com toda a seriedade de outrora, à qual se unia certa sentimentalidade significativa, como a de quem se recorda do passado e deseja

fazer uma troca não só de ideias gerais, mas também de reminiscências, que ela falava naquele momento a John Bidlake. Ele teve de fingir que estava contente por tornar a vê-la depois de tantos anos. “É extraordinário”, pensava ao lhe apertar a mão, “como consegui evitá-la totalmente.” Não se lembrava de lhe ter falado mais do que duas ou quatro vezes durante o quarto dc século que transformara Mary Betterton num *memento mori*.

— Querida mrs. Betterton! — exclamou o velho. — É um encontro agradabilíssimo.

Mas Bidlake disfarçava muito mal a sua aversão.

Mrs. Betterton chamou-o pelo primeiro nome: — Vamos, John — disse —, é preciso que responda à nossa pergunta... — pousou a mão no braço de Lucy, associando-a assim à sua exigência.

O velho Bidlake ficou literalmente indignado. Aquela familiaridade da parte de um *memento mori* era intolerável. Havia de dar-lhe uma lição. Achou que a pergunta fora bem escolhida para o fim que ele agora tinha em vista; aquela mulher fazia jus a uma

resposta descortês. Mary Betterton tinha pretensões intelectuais e era muito ciosa de tudo quanto dizia respeito à alma. Recordando-se disto, o velho Bidlake afirmou que jamais conhecera mulher que possuísse coisa de valor além de um corpo e de um par de pernas. E algumas, acrescentou ele com ênfase, nem chegavam a ter esses atributos indispensáveis. Sem dúvida, muitas dentre elas tinham um rosto interessante; mas isso não significava nada. Os cães policiais, explicou, têm um ar de juiz cheio de sabedoria: os bois, quando ruminam, parecem meditar sobre os

problemas da metafísica: um louva-a-deus dá a impressão de estar rezando, mas estas aparências são totalmente enganosas. O mesmo acontecia com as mulheres. Ele preferia pintar suas banhistas sem máscaras e sem roupas; preferia dar-lhes rostos que eram simplesmente o prolongamento de seus corpos encantadores, e não símbolos enganadores de uma espiritualidade que não existia. Isso lhe parecia mais verdadeiro, mais de acordo com os fatos fundamentais. John Bidlake sentiu que lhe voltava o bom humor à medida que ia falando, e, com a volta do bom humor,

a sua antipatia por Mary Betterton parecia dissipar-se. Quando estamos espiritualmente bem-dispostos, os *memento mori* deixam de nos trazer recordações.

— John, você é incorrigível — disse mrs. Betterton com indulgência. Voltou-se para Lucy, sorrindo: — Mas ele não leva a sério sequer uma palavra do que disse.

— Quer me parecer, pelo contrário, que ele está absolutamente convencido de tudo quanto disse. Noto que os homens que gostam muito das mulheres são precisamente os que exprimem o

maior desprezo por elas.

O velho Bidlake se pôs a rir.

— Porque são os que as conhecem mais intimamente — replicou.

— Ou talvez porque os desgoste o poder que temos sobre eles... Mas eu te garanto — insistiu mrs. Betterton — que John não pensa assim. Eu o conheci no tempo em que você nem era ainda nascida, minha querida.

A alegria desapareceu do rosto de John Bidlake. O *memento mori* tornava a sorrir escancaradamente por trás da máscara flácida de Mary Betterton.

— Naquele tempo talvez ele fosse

diferente — concordou Lucy. — Devia estar contagiado pelo cinismo da geração jovem. Somos má companhia, tio John. Você deve tomar cuidado.

Tinha levantado uma das lebres favoritas de mrs. Betterton. Esta lançou-se numa perseguição encarniçada.

— É a educação — explicou ela. — As crianças são educadas hoje em dia de uma maneira estúpida. Não é de admirar que saiam cínicas. — Continuou a falar com eloquência. — Dão-se muitas coisas às crianças, e muito cedo. Saturam-nas de distrações, acostumam-nas a todos os prazeres desde o berço.

Pois eu nunca entrei num teatro senão depois dos dezoito anos — declarou com orgulho.

— Minha pobre senhora!

— Comecei a frequentar os teatros aos seis anos — confessou Lucy.

— E os bailes, então! — prosseguiu mrs. Betterton. — O baile da temporada de caça, que acontecimento! Era porque só havia uma dessas festas durante o ano.

Citou Shakespeare: Portanto festas há, lindas e raras, Por escassas e no tempo separadas Como engaste frugal de pedras caras...

— Nos dias de hoje as festas são rosários de pérolas.

— E falsas, ainda por cima... — disse Lucy.

Mrs. Betterton estava triunfante.

— Falsas... está vendo? — mas para nós eram verdadeiras, porque raras. Nós não costumávamos “gastar a fina ponta do prazer infrequente” pelo uso cotidiano. Hoje em dia os moços estão entediados e cansados do mundo antes de chegarem à maioridade. Um prazer demasiadamente repetido produz a insensibilidade; não o sentimos mais como prazer.

— E qual é o seu remédio? —
inquiriu John Bidlake. — Se é que um
membro da congregação tem licença de
fazer perguntas — acrescentou
ironicamente.

— Maroto! — gritou mrs. Betterton
com um tom apavorante de brincadeira.
Depois, ficando novamente séria: — O
remédio — continuou — é: menos
diversões.

— Mas eu não quero ter menos
diversões — objetou John Bidlake.

— Nesse caso — disse Lucy —, é
preciso que elas sejam mais fortes,
progressivamente.

— Progressivamente? — repetiu mrs. Betterton. — Mas onde iria terminar essa espécie de progressão?

— Nas corridas de touros? — sugeriu John Bidlake. — Ou em combates de gladiadores? Em execuções públicas, então? Ou nos divertimentos do marquês de Sade? Onde?

Lucy deu de ombros.

— Quem sabe?

*

Hugo Brockle e Polly já estavam em disputa.

— Pois eu acho detestável — dizia Polly, com o rosto vermelho de cólera — mover guerra aos pobres.

— Mas os Ingleses Livres não fazem guerra aos pobres.

— Fazem, sim.

— Não fazem — afirmou Hugo. — Leia os discursos de Webley.

— Só leio o que se escreve a respeito do que ele faz.

— Mas o que ele faz está de acordo com as suas palavras.

— Não está.

— Está. A única coisa contra a qual ele se opõe é a ditadura de uma classe.

— Sim, da classe pobre.

— De qualquer classe — insistiu Hugo com ardor. — Este é o fundo de

sua doutrina. E preciso que as classes sejam igualmente fortes. Uma classe operária forte, que reclama salários altos, mantém ativa a classe média das profissões liberais.

— Como as pulgas num cão — sugeriu Polly, pondo-se a rir, numa volta ao bom humor. Quando uma ideia cômica se lhe apresentava, ela não podia deixar de exprimi-la, mesmo que se tratasse de coisa séria, mesmo que ela estivesse, como naquele caso, encolerizada.

— As profissões liberais? É preciso a todo custo que elas sejam inventivas e

progressivas — continuou Hugo, lutando com as dificuldades da exposição clara. — Sem isso elas não poderiam pagar aos trabalhadores o que eles exigem, e realizar lucros para si mesmas. E ao mesmo tempo, uma classe média forte e inteligente é proveitosa para os trabalhadores, porque estes ganham assim uma boa liderança e uma boa organização. O que significa salários mais elevados, paz e felicidade.

— Amém.

— De sorte que a ditadura de uma classe é um absurdo — continuou Hugo.

— Webley quer conservar todas as

classes e torná-las fortes. Quer que elas vivam num estado de tensão, de tal maneira que o Estado possa tirar o seu equilíbrio do fato de cada uma puxar com todas as forças para o seu lado. Os cientistas dizem que os diferentes órgãos do corpo são assim. Vivem num estado... — hesitou, corou — ... de simbiose hostil.

— Cruzes!

— Peço perdão — disse Hugo com humildade.

— Não obstante, ele não quer permitir que os homens façam greve.

— Porque as greves são imbecis.

— Ele é contra a democracia.

— Porque a democracia permite que criaturas abomináveis conquistem o poder. Webley quer que os melhores governem.

— Os melhores? Ele, por exemplo...
— tornou Polly, sarcástica.

— Pois bem: e por que não? Se você soubesse que tipo admirável ele é! — Hugo entusiasmou-se. Havia três meses que vinha atuando como um dos ajudantes de campo de Webley. — Nunca encontrei ninguém como ele.

Polly escutava essas efusões com um sorriso. Ela se sentia velha e superior.

Na escola tinha passado pelos mesmos entusiasmos, falando naquele mesmo tom a respeito da professora de economia doméstica. Apesar de tudo, gostou da lealdade do rapaz.

Capítulo V

UMA SELVA DE INÚMERAS ÁRVORES e trepadeiras pendentes — eis o aspecto sob o qual as reuniões sociais se apresentavam sempre à imaginação de Walter Bidlake. Uma selva de ruídos; e ele se achava agora perdido na selva, procurava abrir caminho por meio de seu emaranhamento luxuriante. As pessoas eram as raízes das árvores, e as suas vozes eram os troncos e os ramos flexíveis e as grinaldas de cipó, sim, e também os papagaios e os macacos tagarelas.

As árvores se elevavam até o teto e

do teto, como mangues, encurvavam-se de novo para o chão. Mas neste salão singular, pensava Walter, nesta extravagante combinação de átrio romano e da estufa de palmeiras do Jardim Botânico de Kew, as ondas de som que cresciam, ininterruptamente, até a altura de três andares, poderiam ganhar, unidas, uma força viva suficiente para romper o fraco telhado de vidro que as separava da noite exterior. Walter pintou-as mentalmente a subir cada vez mais alto, como o pé de feijão mágico da história de João e o Pé de Feijão, a subir em pleno céu, elevando-se mais e

mais, carregadas de orquídeas e de cacatuas coloridas a subir através da névoa persistente de Londres até a luz transparente do luar, além da fumaça. Ele as imaginou a ondular lá no alto, na luz da lua, derradeiros ramículos de ruídos tênues e aéreos. O riso estrepitoso, por exemplo, esta gargalhada explosiva do homem gordo da esquerda — haveria de subir e subir, diminuindo à medida que subisse, até que lá em cima não fosse mais do que um tinir delicado sob o luar. E todas estas vozes (que estavam elas dizendo "... fez um excelente discurso..."; "... só

depois de experimentar um destes cintos de borracha poderá ter uma ideia de como são cômodos...”; ”... que aborrecimento...”; ”... fugiu com o chofer...”), todas estas vozes, como seriam esquisitas e minúsculas lá no alto! Mas, no entanto, ali embaixo, no matagal... Ah! Eram estridentes, tolas, vulgares, cheias de fadiga!

Olhando por cima das cabeças das pessoas que o cercavam, Walter viu Frank Illidge, sozinho, encostado a um pilar. Sua atitude e seu sorriso, ao mesmo tempo cansados do mundo e desdenhosos, eram byronianos; lançava

em torno um olhar languidamente divertido, como se estivesse a observar as travessuras de um bando de macacos. “Infelizmente”, refletia Walter, enquanto abria caminho por entre os convidados, na direção de Illidge, aquele pobre rapaz não tinha o direito físico de ser byronianamente superior. Os românticos satíricos devem ser esguios, de movimentos lentos, graciosos e belos. Illidge era pequeno, vivo e saltitante. E que cara cômica! Era como a de um moleque — nariz arrebitado, boca largamente rasgada; uma cara de moleque muito inteligente e ladino, mas

uma cara, enfim, que não autorizava precisamente aquele ar de languidez desdenhosa. De resto, quem é que pode ser superior quando tem sardas? O rosto de Illidge era pintalgado delas. Os olhos castanhos, as sobrancelhas cor de laranja e as pestanas tinham uma tonalidade protetora — esse vermelho-amarelado da areia; vistos a pequena distância, sumiam-se na pele, como um leão se dissolve no deserto. Olhada da outra extremidade do salão, aquela face parecia despida de feições e de olhar, como o rosto de uma estátua esculpida em um bloco de grés. Pobre Illidge! A

atitude byroniana dava-lhe antes uma aparência ridícula.

— Olá! — fez Bidlake, logo que chegou a distância de poder ser ouvido pelo outro. Apertaram-se as mãos. — Como vai a ciência? — (“Que pergunta tola!”, pensou Walter ao pronunciar estas palavras.)

Illidge deu de ombros.

— Menos na moda do que as artes, a julgar por esta festa. — Olhou em torno. — Esta noite tenho visto aqui a metade dos notáveis que aparecem na seção de literatura e pintura do *Who's Who*. O ambiente fede a arte.

— E não é isso antes um consolo para a ciência? — perguntou Walter. — A arte não gosta de andar na moda.

— Acha? Então por que motivo você veio?

— Realmente, por quê?

Walter aparou a pergunta com uma risada. Correu os olhos em torno, perguntando a si mesmo onde estaria Lucy. Não a via desde que a música cessara.

— Você veio para mostrar as suas habilidades e receber afagos na cabeça... — disse Illidge, procurando tirar uma pequena desforra; ainda tinha

viva a lembrança da escorregadela na escada, da falta de interesse de lady Edward para com as lagartixas e da insolência dos dois militares. — Olhe só — continuou ele — para aquela moça de cabelos escuros e crespos que lá vai vestida de prata. Aquela que parece uma negrinha branca. Que me diz dela, por exemplo? Seria bem agradável a gente sentir a cabeça afagada por uma uvinha dessas, hein?

— Bem... quem sabe?

Illidge pôs-se a rir.

— Você assume uma atitude superior e filosófica, não é mesmo? Mas, meu

caro, reconheça que tudo isso é impostura. Eu sei, porque assumo a mesma atitude. Para falar-lhe honestamente a verdade, invejo o sucesso de vocês que traficam com a arte. Fico verdadeiramente furioso quando vejo certos escretoezinhos tolos e meio idiotas...

— Como eu, por exemplo.

— Não, você está um ponto acima da maioria deles — concedeu Illidge. — Mas quando vejo esses malditos escribas, que não têm um décimo da minha inteligência, a fazer dinheiro e a ser cortejados, ao passo que ninguém me

dá importância, chego às vezes a ficar furioso.

— Você devia encarar esse fato como uma homenagem. Se eles nos cortejam é porque podem entender mais ou menos o que fazemos. Mas não entendem você; você está acima deles. A indiferença dessa gente é uma homenagem ao seu espírito.

— Talvez; mas é um terrível insulto ao meu corpo. — Illidge tinha dolorosamente consciência do seu físico. Sabia que era feio e de uma aparência absolutamente despida de distinção. E, sabendo-o, gostava de

lembrar a si mesmo esse fato desagradável: era como um homem que, tendo um dente que dói, está volta e meia a meter o dedo no ponto dolorido, simplesmente para ter certeza de que a dor continua. — Se eu fosse um brutalhão como esse Webley, eles não me desprezariam, mesmo que eu tivesse o espírito de Newton. A verdade é — prosseguiu, dando dessa vez um valente puxão no dente nevrálgico — que eu tenho uma aparência de anarquista. Você tem sorte, e bem sabe disso. Tem o ar de um *gentleman*, ou pelo menos de um artista. Nem imagina que coisa molesta é

ter a aparência de um intelectual das classes inferiores. — O dente respondia à exploração de maneira pungente. Puxou-o com mais força ainda. — Não se trata apenas do desprezo das mulheres, *destas* mulheres, pelo menos. Isto por si só já é bastante desagradável. Mas acontece que a polícia se recusa a não fazer caso da gente; ela toma um interesse abominavelmente curioso por mim. Acredite que já fui preso duas vezes, simplesmente porque me pareço com esses tipos que fabricam máquinas infernais.

— A história é boa — disse Walter

com ceticismo.

— Mas é verdadeira, juro. A primeira vez foi aqui mesmo no nosso país. Perto de Chesterfield. Havia uma greve de mineiros. Acontece que eu estava, como mero espectador, olhando uma luta entre grevistas e operários que tinham furado a greve. A polícia não gostou da minha cara e me deitou a unha. Levei horas para me livrar dela. A outra vez foi na Itália. Algum petardeiro havia atentado contra a vida de Mussolini, segundo parece. Seja como for, um bando de malfeitores de camisa preta obrigou-me a descer do trem em Gênova

e me revistou da cabeça aos pés. Intolerável! E isso tudo simplesmente por causa de minha cara subversiva.

— A qual, afinal de contas, corresponde às suas ideias.

— Sim, mas uma cara não é uma prova, não é um crime. Bem, sem dúvida — acrescentou Illidge num parênteses —, algumas caras *são* talvez crimes. Conhece o general Knoyle? — Walter fez com a cabeça que sim. — Pois a dele é um crime capital. Um homem como aquele merece nada menos que a forca. Meu Deus! Que prazer eu teria em matá-los todos! — Não tinha ele

escorregado na escada e sofrido a desfeita de um imbecil carnicheiro de homens? — Como eu detesto os ricos! Detesto-os! Não acha você que eles são horríveis?

— Mais horríveis do que os pobres? — A lembrança do quarto em que Wetherington jazia doente fez logo com que Walter sentisse vergonha da pergunta.

— Sim, sim. Existe algo de particularmente vil, ignóbil e mórbido nos ricos. O dinheiro produz uma espécie de insensibilidade de gangrena. É inevitável. Jesus compreendeu isso.

Aquela passagem a respeito do camelo e o buraco da agulha é a simples exposição de um fato. E lembre-se daquele outro trecho a respeito do amor ao próximo. Se eu continuar a fazer citações bíblicas, você ficará pensando que sou cristão — acrescentou Illidge num parênteses, à guisa de desculpa. — Mas é preciso dar a César o que é de César. O homem tinha bom senso; sabia compreender as coisas. As boas relações entre vizinhos são a pedra de toque que revela os ricos. Os ricos simplesmente não têm vizinhos.

— Mas, que diabo!, eles não são

anacoretas!

— Mas não têm vizinhos no mesmo sentido em que os pobres os têm. Quando minha mãe se via obrigada a sair, era mrs. Cradock, a vizinha da direita, que ficava olhando por nós. E minha mãe fazia o mesmo para mrs. Cradock quando chegava a vez de ela sair. E quando alguém quebrava uma perna, ou perdia o emprego, a gente o ajudava com dinheiro e comida. E como me lembro bem de, quando eu era menino, me terem mandado um dia correr até a aldeia em busca de uma enfermeira, porque a jovem mrs. Foster,

a vizinha da esquerda, tinha sido subitamente atacada das dores do parto, mais cedo do que esperava! Quando a gente vive com menos de quatro libras por semana, há uma necessidade atroz de se portar como cristão, de amar o próximo. Para começar, você não pode fugir dele: o próximo, por assim dizer, mora no seu quintal. Ignorar a sua presença de uma maneira refinadamente filosófica? Não é possível. É necessário odiar ou amar; não há meio-termo; e em suma é preferível você procurar amar o vizinho, porque pode precisar do auxílio dele assim como ele pode precisar do

seu — e isso de uma maneira tão urgente e tão repetida que não há lugar para recusas. E desde que você seja obrigado a dar, desde que, como ser humano, não possa deixar de dar, é melhor que trate de amar a pessoa a quem de qualquer modo você terá de dar.

Walter fez um sinal de aprovação.

— Evidentemente.

— Mas vocês, os ricos — continuou Illidge —, não têm vizinhos verdadeiros. Nunca praticam um ato de boa vizinhança e nunca pedem aos vizinhos que lhes façam uma gentileza como retribuição. É desnecessário.

Vocês pagam pessoas para atenderem às suas necessidades. Podem alugar criados que hão de simular dedicação a três libras por mês e mais a comida. Não precisam que mrs. Cradock, a vizinha, venha olhar pelos seus bebês, quando vocês saem. Há babás e governantas que fazem isso por dinheiro. Não, em geral vocês nem mesmo chegam a ter consciência da existência dos vizinhos. Vivem longe deles. Cada um fica isolado na sua casa secreta. Pode haver tragédias atrás dos postigos; mas os vizinhos do lado não ficam sabendo de nada.

— Graças a Deus! — exclamou Walter.

— Não há dúvida: vocês podem dar graças a Deus. O isolamento é um grande luxo. Muito agradável, concordo. Mas o luxo se paga. Ninguém se comove com as desgraças que não conhece. A ignorância é felicidade que nada sente... Numa rua pobre a desgraça não pode ser escondida. A vida é demasiadamente pública. Os sentimentos de boa vizinhança estão em exercício constante. Mas os ricos nunca têm um ensejo de se mostrarem bons vizinhos para com os seus iguais. O mais que podem fazer é

ficar sentimentais diante dos sofrimentos de seus inferiores — sofrimentos que eles não podem de forma alguma compreender — e mostrar-se condescendentemente compadecidos. Horrível! E isso ainda são os ricos sob o seu melhor aspecto. Quanto ao pior aspecto, aí o tem você... — Apontou para o salão cheio de gente. — São como lady Edward, o último círculo do inferno! São como aquela filha dela... — Aqui Illidge fez uma careta e deu de ombros.

Walter o escutava com uma atenção dolorosa e tensa.

— Maldita, perdida,
irremediavelmente corrupta —
continuou Illidge, como um profeta
acusador. Tinha falado uma vez a Lucy
Tantamount, casualmente, e por um
breve momento. E a moça parecia mal
ter dado pela presença dele.

“Era verdade”, pensava Walter. Lucy
era tudo o que dela se dizia por inveja
ou censura; no entanto, era também a
mais esquisita e maravilhosa das
criaturas. Sabendo de tudo, ele podia
escutar todas as coisas que a respeito
dela se dissessem. E quanto mais atrozes
eram os vitupérios, mais
desesperadamente ele a amava. *Credo*

quia absurdum. Amo quia turpe, quia indignum. [\[6\]](#)

— Que podridão! — prosseguiu Illidge, grandiloquente. — A flor consumada desta nossa encantadora civilização — eis o que ela é. Uma imitação refinada e perfumada de selvagem ou de animal. Eis a que chega logicamente a maioria das pessoas que têm dinheiro e lazer.

Walter o escutava, de olhos fechados, pensando em Lucy... “Uma imitação perfumada de selvagem ou de animal.” As palavras eram verdadeiras e torturantes; mas ele a amava com mais força por causa do tormento e por causa

da verdade odiosa.

— Bem — fez Illidge, num tom de voz diferente —, preciso ir ver se o Velho quer continuar o trabalho esta noite. Em geral trabalhamos até uma e meia ou duas horas. É de certa maneira agradável viver assim às avessas. Dormindo até a hora do almoço, começando o trabalho depois do chá. Na verdade é muito agradável. — Estendeu a mão. — Até breve.

— Precisamos jantar juntos uma destas noites — lembrou Walter, sem muita convicção.

Illidge balançou a cabeça afirmativamente.

— Vamos escolher um destes dias.

— E saiu.

Walter abriu caminho através da multidão, procurando...

Everard Webley tinha levado lord Edward para um canto e estava tentando persuadi-lo a dar o seu apoio aos Ingleses Livres.

— Mas eu não me interesso pela política — protestava o Velho com voz rouca. — Não me interesso pela política... — e repetia a frase obstinadamente, com uma teimosia muar, a cada coisa que Webley dizia, fosse o que fosse.

Webley estava eloquente. Os homens

de boa vontade, os homens que tinham interesses no país deviam unir-se para resistir às forças de destruição. Não era apenas a propriedade que estava ameaçada, não eram apenas os interesses materiais de uma classe; era a tradição inglesa, era a iniciativa pessoal, era a inteligência, era toda a distinção natural, de qualquer gênero que fosse. Os Ingleses Livres tinham se unido para resistir à ditadura dos néscios; estavam armados para proteger a individualidade contra o homem das massas, contra a turba; estavam lutando pelo reconhecimento da superioridade

natural em todas as esferas. Os inimigos eram numerosos e ativos.

Mas um homem prevenido vale por dois; quando a gente vê que os bandidos se aproximam, forma em ordem de batalha e arranca da espada. (Webley tinha um fraco pelas espadas; usava uma quando os Ingleses Livres faziam parada; os seus discursos eram cheios de espadas; a sua casa estava erichada de panóplias.) A organização, a disciplina e a força eram necessárias. A luta não se podia travar mais no terreno constitucional. Os métodos parlamentares eram perfeitamente

adequados quando os dois partidos concordavam sobre os princípios fundamentais e discordavam apenas no que dizia respeito a detalhes insignificantes. Mas quando estavam em jogo os princípios fundamentais, não se podia permitir que a política continuasse a ser tratada como um jogo parlamentar. Era preciso recorrer à ação direta, ou pelo menos à ameaça de uma ação direta.

— Estive cinco anos no Parlamento — disse Webley —, tempo suficiente para ficar convencido de que hoje em dia nada se pode fazer por meio do

parlamentarismo. A Inglaterra só pode ser salva pela ação direta. E só depois que ela estiver salva é que poderemos começar a pensar outra vez no Parlamento, que deverá ser então algo muito diferente da atual coleção ridícula de ricos eleitos pelo populacho. Enquanto esperamos isso, devemos preparar-nos para a luta. E, graças a essa preparação para a luta, poderemos conquistar uma vitória pacífica. É a única esperança. Creia-me, lord Edward, é a única esperança.

Fatigado, como um urso acossado por cães, lord Edward oscilava

pesadamente de um lado para outro, fazendo girar o corpo curvado a partir da cintura.

— Mas eu não me interesso pela pol... — Estava agitado demais para poder terminar a palavra.

— Mas, ainda que o senhor não se interesse pela política — continuou Webley em um tom persuasivo —, deve interessar-se pelos seus bens, pela sua posição, pelo futuro da sua família. Lembre-se: tudo virá abaixo na destruição geral.

— Sim, mas... Não... — lord Edward ia ficando desesperado. — Eu...

eu não me interesso por dinheiro.

Um dia, havia anos, o chefe da firma de procuradores, a que ele entregara toda a administração de seus negócios, tinha vindo procurá-lo — a despeito das ordens expressas de lord Edward, que proibia em absoluto que o viessem aborrecer com assuntos de negócios — para consultar o cliente a respeito de um emprego de capitais. Tratava-se de umas oitenta mil libras que estavam em disponibilidade. Lord Edward foi arrancado às equações fundamentais da estática dos organismos vivos. Quando tomou conhecimento da causa frívola da

interrupção, o Velho, que de ordinário era manso, ficou irreconhecivelmente furioso. Mr. Figgis, cuja voz era forte e cuja maneira era cheia de confiança, estava acostumado, em entrevistas anteriores, a levar as coisas a seu modo. A fúria de lord Edward o surpreendeu e apavorou. Era como se, em sua cólera, o Velho tivesse voltado por atavismo ao fundo do passado feudal, recordando-se de que era um Tantamount que estava falando a um servidor assalariado. Havia dado ordens; estas tinham sido infringidas e a sua solidão violada de maneira injustificável. Era inadmissível.

Se fato semelhante tornasse a se reproduzir, ele havia de confiar os seus negócios a outro procurador. E com isso desejou muito boa-tarde a mr. Figgis.

— Eu não me interesso por dinheiro... — repetia agora o Velho.

Illidge, que se aproximara dos interlocutores, mantendo-se nas proximidades à espera de um ensejo para se dirigir ao Velho, ouviu esta declaração e explodiu numa gargalhada interior.

“Estes ricos!”, pensou. “Estes porcalhões dos ricos!” Eram todos os mesmos.

— Mas se não é pelo senhor — insistiu Webley, atacando de outro setor —, que seja pela causa da civilização, do progresso.

Lord Edward sobressaltou-se a esta palavra. Ela tocara num gatilho, libertara uma torrente de energia.

— O progresso! — repetiu ele. E o tom de sofrimento e embaraço de sua voz cedeu o lugar a um acento de firmeza. — O progresso! Os senhores, os políticos, estão sempre falando nele. Como se fosse uma coisa destinada a durar indefinidamente. Mais motores, mais filhos, mais alimentos, mais

anúncios, mais dinheiro, mais tudo... e para sempre. Os senhores deviam era tomar algumas lições da matéria de minha especialidade. Biofísica. O progresso, é boa! Que é, por exemplo, que os senhores propõem fazer com relação ao fósforo?

Esta pergunta valia por uma acusação pessoal.

— Mas tudo isto está completamente fora do assunto — disse Webley com impaciência.

— Ao contrário — retorquiu lord Edward —, toda a questão reside nisto. — Sua voz agora era forte e severa. E

ele falava com um grau de coerência muito maior que de ordinário. O fósforo transformara-o em um homem novo; ele se sentia forte na matéria que discutia agora, e, sentindo-se forte, ficava realmente forte. O urso atacado transformava-se em atacante. — Com essa agricultura intensiva — continuou —, os senhores estão simplesmente roubando ao solo o seu fósforo. Mais de meio por cento ao ano. Ele vai desaparecendo completamente da circulação. Depois, basta ver como os senhores deitam fora centenas de milhares de toneladas de anidrido

fosfórico nesses esgotos! Derramando-o dentro do mar. E a isso os senhores chamam progresso. Esses sistemas modernos de esgotos! — O tom de sua voz agora estava cheio de um desdém fulminante. — Os senhores deviam era repô-lo no lugar de onde ele saiu. Na terra. — Lord Edward balançou um dedo esticado em sinal de advertência. Franziu a sobrancelha e repetiu: — Na terra, é o que lhe digo.

— Mas eu nada tenho a ver com isso — protestou Webley.

— Pois devia ter — replicou lord Edward severamente. — Eis o mal dos

senhores, os políticos. Nem mesmo chegam a pensar em coisas importantes. Vivem a falar do progresso e do bolchevismo e deixam que todos os anos milhões de toneladas de anidrido fosfórico corram para o mar. É idiota, é criminoso, é... é o mesmo que tanger a lira enquanto Roma arde. — Lord Edward viu Webley abrir a boca para falar e apressou-se a antecipar uma resposta à possível objecção do outro. — Sem dúvida — disse — os senhores julgam que essa perda pode ser compensada por meio das rochas fosfatadas. Mas que é que vão fazer

quando se exaurirem os depósitos? — Bateu com o dedo no peito da camisa de Everard. — Então, que diz? Mais duzentos anos apenas, e os depósitos se extinguirão. Os senhores julgam que estamos em progresso porque vivemos do nosso capital. Fosfatos, carvão, petróleo, salitre — esbanje-se tudo! Eis a política dos senhores. E enquanto isso andam por aí tentando fazer-nos arrepiar a pele com essas conversas sobre revoluções.

— Mas que diabo! — disse Webley entre zangado e divertido —, o seu fósforo pode esperar. Este outro perigo

está iminente. O senhor *quer* uma revolução política e social?

— Essa revolução vai reduzir a população e restringir a produção?

— Naturalmente.

— Pois então não há dúvida: eu quero uma revolução. — Os pensamentos do Velho estavam dentro da escala geológica; ele não temia as conclusões lógicas. — Não há dúvida!

Illidge a custo continha o riso.

— Pois bem, se essa é a sua opinião... — principiou Webley; mas lord Edward o interrompeu: — O único resultado desse progresso dos senhores

será que dentro de algumas gerações há de vir uma revolução verdadeira, uma revolução natural, cósmica. Os senhores estão transtornando o equilíbrio. Ao cabo, a natureza o há de restabelecer. E o processo será muito desagradável para os senhores. A queda será tão rápida como o foi a ascensão. Mais rápida até, porque os senhores estarão falidos, terão desperdiçado todo o seu capital. Um homem rico gasta algum tempo para angariar todos os seus recursos. Mas, uma vez feito isso, um instante é suficiente para chegar à miséria.

Webley deu de ombros.

“Velho imbecil e lunático!”, disse para si mesmo. E, em voz alta: — As linhas retas paralelas nunca se encontram, lord Edward. Assim, eu lhe desejo uma boa noite.

Afastou-se.

Um minuto depois o Velho e o assistente subiam a escadaria triunfal, rumo a seu mundo à parte.

— Que alívio! — disse lord Edward ao abrir a porta do laboratório. Aspirou voluptuosamente o odor leve do álcool absoluto em que estavam conservados os seus espécimes. — Estas festas! A gente sente-se feliz em poder voltar para

a ciência. No entanto, a música estava realmente... — Faltaram-lhe as palavras para exprimir a sua admiração.

Illidge deu de ombros.

— Festas, música, ciência, diversões alternadas para os ociosos. Quem paga pode escolher. O essencial é ter dinheiro para pagar.

Riu de uma maneira desagradável.

Illidge sentia-se muito mais ultrajado pelas virtudes dos ricos do que pelos seus vícios. A glotoneria, a preguiça, a sensualidade e todos os produtos menos elegantes do lazer e da renda certa podiam ser perdoados,

precisamente porque eram vergonhosos. Mas o desinteresse, a espiritualidade, a incorruptibilidade, a sensibilidade refinada, o requinte do gosto — tudo isso eram qualidades tidas comumente como dignas de admiração; eis a razão pela qual ele as detestava tão particularmente. Porque essas virtudes, segundo Illidge, eram um produto tão fatal da riqueza como a sede crônica e o desjejum às onze.

— Esses burgueses — criticou o homenzinho — vivem a condecorar-se mutuamente por serem tão desinteressados, isto é, por terem o

bastante para viver sem serem forçados a trabalhar e sem se preocupar com dinheiro. Depois, outra condecoração por poderem permitir-se o luxo de recusar gorjetas. E mais uma por terem dinheiro bastante para comprar todo o aparato da cultura refinada. E ainda outra por terem tempo de consagrar-se à arte, à leitura, à galanteria complicada e prolongada. Por que não têm eles a franqueza de dizer abertamente o que estão constantemente dando a entender, isto é, que a raiz de todas as suas virtudes é um bom emprego de capital, bem seguro, a cinco por cento?

A afeição divertida que Illidge sentia por lord Edward era temperada por uma contrariedade crônica que lhe vinha de pensar que todas as virtudes intelectuais e morais do Velho, todas as suas excentricidades e absurdos encantadores, só eram possíveis graças às proporções verdadeiramente escandalosas de sua conta bancária. E esta desaprovação latente tornava-se aguda toda vez que ouvia os outros elogiarem lord Edward, admirem-no ou mesmo rirem dele. O riso, o elogio e a admiração eram permitidos a ele, Illidge, porque compreendia e podia

perdoar. As outras pessoas nem sequer compreendiam que havia alguma coisa a perdoar. Illidge sempre se apressava a esclarecê-las.

— Se o Velho não fosse descendente de espoliadores de mosteiros — costumava dizer aos elogiadores e admiradores —, estaria hoje num asilo de mendigos ou num hospital de alienados.

E apesar de tudo Illidge gostava sinceramente do Velho, admirava verdadeiramente seu talento e seu caráter. Que o mundo não percebesse isso, no entanto, era perdoável.

“Desagradável” era a palavra que geralmente se empregava para comentar sobre o assistente de lord Edward.

Mas o fato de ser desagradável aos ricos e de achá-los também desagradáveis constituía, aos olhos de Illidge, não somente um prazer, mas também um dever sagrado. Ele devia isso à sua classe, à sociedade em geral, ao futuro, à causa da justiça. Nem mesmo o Velho era poupado. Bastava-lhe exalar uma palavra em favor da alma (porque lord Edward tinha o que o seu assistente não podia considerar senão como uma paixão vergonhosa e adúltera

pela metafísica idealista) para que Illidge logo saltasse sobre ele com comentários sarcásticos a respeito da filosofia capitalista e da religião burguesa. Uma expressão de antipatia pelos homens de negócio de cabeça sólida, de simpatia pelos pobres, de indiferença pelos interesses materiais, provocava uma referência imediata, mais ou menos velada, mas sempre sarcástica, aos milhões dos Tantamount. Havia dias (e aquele era um deles, por causa da escorregadela na escada e da descortesia do general) em que até uma referência à ciência pura suscitava um

comentário irônico. Illidge era um entusiasta da biologia; mas, como cidadão dotado de consciência de classe, tinha de admitir que a ciência pura, como o bom gosto e o tédio, a perversidade e o amor platônico, é um produto da riqueza e do ócio. Não tinha medo de ser lógico nem de ridicularizar o seu próprio ídolo.

— Ter dinheiro para pagar! — repetiu. — Eis o essencial.

O Velho olhou para o assistente com o ar de quem se sente culpado. Aquelas censuras veladas causavam-lhe certo mal-estar. Tentou mudar de assunto.

— E os nossos girinos? —
perguntou. — Os assimétricos.

Tinham uma ninhada de girinos saídos de ovos que haviam sido conservados numa temperatura anormalmente quente de um lado e anormalmente fria de outro. Lord Edward dirigiu-se para o tanque de vidro onde mantinham os espécimes. Illidge o seguiu.

— Girinos assimétricos! — repetia ele. — Girinos assimétricos! Que requinte! Quase tão bom como tocar Bach na flauta ou ser conhecedor de vinhos!

Pensou no seu irmão Tom, que tinha os pulmões fracos e que trabalhava numa máquina de mandrilar em certa fábrica de automóveis de Manchester. Lembrou-se dos dias de lavagem em sua casa e da pele vermelha e enrugada das mãos de sua mãe, amolecidas à força de permanecerem na água.

— Girinos assimétricos! — repetiu mais uma vez. E pôs-se a rir.

*

— É estranho — disse mrs. Betterton —, é estranho que um grande artista possa ser tão cínico.

Na companhia de Burlap ela preferia acreditar que John Bidlake levava

realmente a sério tudo quanto tinha dito. Burlap, discorrendo sobre o cinismo, emitia pensamentos edificantes, e mrs. Betterton gostava de ser edificada. Não menos edificantes eram as ideias dele sobre a grandeza, para não mencionar as que tinha sobre a arte.

— Porque é preciso admitir — acrescentou ela — que Bidlake é um grande artista.

Burlap meneou a cabeça num gesto lento de aprovação. Não estava olhando diretamente para mrs. Betterton, mas mantinha os olhos desviados dela e voltados para baixo, como se estivesse a

falar com alguma pequena personagem invisível para todos, menos para ele, uma personagem que se achasse situada ao lado da interlocutora — talvez o seu demônio familiar; uma emanção de seu próprio eu, um pequeno *Doppelgänger*. Burlap era um homem de estatura mediana, curvado e um tanto desajeitado no andar. Tinha cabelos escuros, espessos e crespos, com uma tonsura natural do tamanho de uma medalha, recortada em rosa na coroa da cabeça. Seus olhos cinzentos eram muito profundamente metidos nas órbitas; o nariz e o queixo, proeminentes mas bem

formados; boca de lábios carnudos e um tanto larga. Segundo o velho Bidlake, que sabia tão bem fazer caricaturas com palavras como com o lápis, o diretor do *Mundo Literário* era uma mistura de vilão de cinema e de um santo Antônio de Pádua feito por um pintor barroco, de um Lotário trapaceiro e de um devoto extático.

— Sim, um grande artista — concordou ele —, mas não dos maiores. — Falava lentamente, ruminando, como se falasse para dentro. Toda essa conversação era um diálogo com o seu próprio eu ou com aquele *Doppelgänger*

que ali se achava invisivelmente ao lado da pessoa com quem se supunha que ele estava conversando; Burlap tinha uma consciência permanente e exclusiva de sua própria importância. — Não dos maiores — repetiu devagar. Casualmente ele tinha estado a escrever um artigo em torno de um tema de arte para o próximo número do *Mundo Literário*. — Precisamente por causa daquele cinismo.

“Devia citar-se a si mesmo?”, pensou ele.

— Quanta verdade há nisso! — O aplauso de mrs. Betterton explodiu

talvez um pouco prematuramente; o seu entusiasmo estava sempre em ebulição. Ela juntou as mãos. — *Quanta verdade!* — Olhou para o rosto voltado de Burlap e o achou tão espiritual, tão belo no seu gênero...

— Como pode um cínico ser um grande artista? — continuou ele, decidido já a despejar o artigo em cima da interlocutora, enfrentando, apesar disso, o risco de ela o reconhecer quando o visse impresso na terça-feira seguinte. Mesmo que mrs. Betterton o reconhecesse, isso não apagaria a impressão pessoal que ele havia de lhe

dar, recitando-o. — Mas por que queres produzir-lhe impressão? — interviera um diabo brincalhão. — Se não é porque ela é rica e te pode ser útil, só Deus sabe por que é! — O diabo foi violentamente empurrado, com um golpe de forcado, para o lugar de onde viera. — A gente tem as suas responsabilidades — explicou apressadamente um anjo. — A lâmpada não deve ser escondida debaixo de um alqueire. É preciso deixar que ela brilhe, especialmente para as pessoas de boa vontade. — Mrs. Betterton estava do lado dos anjos; a sua lealdade

merecia ser consolidada. — Um grande artista — continuou Burlap em voz alta — é um homem que sintetiza toda a experiência. O cínico começa por negar a metade dos fatos: — o fato da alma, o fato dos ideais, o fato de Deus. E, no entanto, temos consciência dos fatos espirituais de maneira tão direta e indubitável como temos consciência dos fatos físicos.

— Naturalmente, naturalmente! — exclamou mrs. Betterton.

— É absurdo negar uma ou outra classe de fatos. “É absurdo negar-me”, disse o demônio familiar, metendo a

cabeça na realidade consciente de Burlap.

— É absurdo!

— O cínico se limita a uma só metade da experiência possível. Menos da metade. Porque há mais experiências espirituais do que corporais.

— Infinitamente mais!

— O cínico pode tratar muito bem o seu tema limitado. E Bidlake, concordo, o faz. Extraordinariamente bem. Ele tem todo o talento puro dos artistas mais consumados. Tem, ou pelo menos tinha.

— Tinha — suspirou mrs. Betterton — quando o conheci. — Esta

observação trazia implícita a ideia de que fora a sua influência que fizera Bidlake pintar tão bem.

— Mas ele sempre aplicou suas forças a coisas pequenas. O que ele sintetizou na sua arte era limitado, relativamente sem importância.

— Isso foi o que eu sempre lhe disse — fez mrs. Betterton, interpretando os argumentos de sua juventude a respeito do pré-rafaelismo, a uma luz nova e favorável à sua própria reputação. — “Considera Burne-Jones”, eu costumava dizer-lhe. — A lembrança da enorme risada rabelaiseana de John Bidlake

repercutiu-lhe aos ouvidos. — Não que Burne-Jones fosse particularmente um bom pintor — apressou-se a acrescentar. (“Ele pintava”, dissera John Bidlake, e como ela tinha ficado chocada, profundamente ofendida, “como se nunca tivesse visto em toda a sua vida um par de nádegas.”) — Mas os seus assuntos eram nobres. “Se tu tivesses os sonhos *dele*”, eu dizia sempre a John Bidlake, “se tu tivesses os ideais *dele*, então serias verdadeiramente um grande artista.”

Burlap inclinou a cabeça, exprimindo o seu assentimento num

sorriso. “Sim, ela está do lado dos anjos”, pensou; “ela precisa de encorajamento. A gente tem a sua responsabilidade.” O demônio piscou o olho. “Havia algo no sorriso de Burlap”, refletia mrs. Betterton, “que lembrava um Leonardo ou um Sodoma”, algo de misterioso, de sutil, de interior.

— No entanto, tome nota — disse ele, expelindo o seu artigo lentamente, frase por frase —, o assunto não faz a obra de arte. Whittier e Longfellow estavam razoavelmente recheados de grandes pensamentos. Mas o que escreveram foi poesia muito pequena.

— Quanta verdade!

— A única generalização que podemos arriscar é que as maiores obras de arte têm tido grandes assuntos; e que obras em torno de assuntos pequenos, por mais bem acabadas que sejam, nunca são tão boas como...

— Olhe, ali está Walter — disse mrs. Betterton, interrompendo-o. — Errando como uma alma penada. Walter!

Ao som do seu nome, Walter voltou-se. “A Betterton — bom Deus! E Burlap!” Forçou um sorriso. Mas mrs. Betterton e o seu colega do *Mundo Literário* eram as últimas pessoas no

mundo que ele desejava ver naquele momento.

— Estávamos justamente discutindo sobre a grandeza na arte — explicou mrs. Betterton. — Mr. Burlap estava dizendo coisas tão *profundas*!

E pôs-se a repetir as profundezas para proveito de Walter.

Ele, enquanto isso, perguntava a si mesmo por que a maneira de Burlap para com ele tinha sido tão fria, tão distante, tão fechada, hostil mesmo. A gente nunca sabia que atitude devia assumir diante de Burlap. Era o que havia de mau naquele homem. Ou bem

ele amava ou bem odiava. A vida com ele era uma série de cenas — cenas de hostilidade ou, coisa ainda mais penosa na opinião de Walter, cenas de afeição. Num caso ou no outro, a emoção fluía sempre. Raras vezes havia intervalos de água agradavelmente calma. A maré estava sempre em movimento. Mas por que corria ela, agora, para o lado da hostilidade?

Mrs. Betterton continuou com a sua exposição das profundezas. Walter as achava curiosamente análogas a certos parágrafos daquele artigo de Burlap, cujas provas, naquela mesma manhã, ele

estivera corrigindo para a impressão. Reproduzido — em sucessivas explosões entusiásticas — com base na reprodução verbal de Burlap, o artigo parecia um tanto ridículo. Uma luz alvoreceu. Seria *aquela* a razão? Walter olhou para Burlap. O rosto dele tinha uma impassibilidade de pedra.

— Acho que devo me retirar — disse Burlap abruptamente, quando mrs. Betterton fez uma pausa.

— Mas não — protestou ela. — E por quê?

Burlap fez um esforço e sorriu o seu sorriso à Sodoma.

— Está-se demais com o mundo — disse ele, numa citação misteriosa. Gostava de dizer coisas misteriosas: deixava-as cair de surpresa, no meio da conversação.

— Mas tu nunca estás bastante conosco — adului mrs. Betterton.

— É a multidão — explicou ele. — Ao cabo de algum tempo fico presa de pânico. Tenho a sensação de que eles me esmagam mortalmente a alma. Eu me poria a dar gritos se ficasse.

Foi-se.

— Que homem admirável! — exclamou mrs. Betterton antes que

Burlap estivesse fora do alcance de sua voz. — Deve ser uma coisa maravilhosa para ti trabalhar com ele.

— E um bom chefe de redação — disse Walter.

— Mas eu estava pensando na *personalidade* dele. Como hei de dizer? Na *qualidade* espiritual do homem.

Walter fez um aceno afirmativo com a cabeça e disse: “Sim”, de uma maneira muito vaga. A qualidade espiritual de Burlap era justamente o que não lhe despertava lá muito entusiasmo.

— Numa época como a nossa — continuou mrs. Betterton —, Burlap é um

oásis no deserto da frivolidade tola e do cinismo.

— Algumas de suas ideias são de primeira ordem — concordou Walter, cauteloso.

Estava a perguntar a si mesmo qual seria o mínimo de tempo que precisaria para empreender uma fuga decente.

*

— Lá está o Walter — disse lady Edward.

— Walter de quê? — perguntou Bidlake. Levados pelas correntes mundanas, pai e filho tornavam a encontrar-se.

— O teu Walter.

— Ah! O meu...

O velho Bidlake não revelou muito interesse, mas seguiu a direção do olhar da interlocutora.

— Erva daninha! — disse ele.

Queria mal aos filhos pelo fato de terem crescido; crescendo, eles o empurravam para o passado, ano após ano, para trás, rumo ao abismo e às trevas. Ali estava Walter; nascera apenas ontem. No entanto, devia agora ter vinte e cinco anos, o patife!

— Pobre Walter; não está lá com muito boa aparência, não.

— Parece que está com vermes —

disse Bidlake, feroz.

— Como vai aquele lamentável caso dele?

Bidlake deu de ombros.

— Como de costume, suponho.

— Nunca vi a mulher.

— Pois eu vi. É horrorosa.

— Como? Vulgar?

— Não, não. Eu gostaria que fosse
— protestou Bidlake. — É requintada, terrivelmente requintada. E fala assim.
— Aqui o velho começou a falar num falsete arrastado, que era a imitação da voz de Marjorie. — Como uma suave donzelinha inocente. E tão séria, tão

superior... — Interrompeu a imitação com a sua risada profunda. — Sabes o que ela me disse uma vez? Devo explicar que ela sempre me fala a respeito de Arte. Arte com A maiúsculo. Ela disse (a voz do velho subiu de novo a um falsete de bebê): “Penso que há lugar para Fra Angelico *e* para Rubens”. — Bidlake tornou a soltar uma risada homérica. — Que imbecil! E tem um nariz de pelo menos dez centímetros de comprimento!

*

Marjorie tinha aberto a caixa em que guardava os seus papéis particulares. Todas as cartas de Walter. Desatou a fita

e examinou-as uma por uma. “Prezada mrs. Carling, envio-lhe num invólucro separado o volume das *Cartas* de Keats de que lhe falei hoje. Não se dê o trabalho de mo devolver, peço-lhe. Tenho outro exemplar que hei de tornar a ler para ter o prazer de acompanhá-la, mesmo a distância, na mesma aventura espiritual.”

Era a primeira. Marjorie leu-a do princípio ao fim e recapturou na memória um pouco da surpresa agradável que aquela frase sobre a aventura espiritual evocara nela originalmente. Na conversação Walter

tinha sempre parecido esquivar-se às aproximações diretas e pessoais: era dolorosamente tímido. Ela não esperara do rapaz uma carta como aquela. Mais tarde, quando ele já lhe havia escrito muitas vezes, Marjorie acostumou-se às suas singularidades. Supunha que Walter fosse mais afoito com a pena do que frente a frente. Todo o amor do jovem — pelo menos todo o amor que era exprimido, e todo o que, no tempo em que ele lhe fazia a corte, era mais ou menos ardente — estava em suas cartas. Aquela disposição convinha perfeitamente a Marjorie. Gostaria de

continuar indefinidamente a cultivar um amor refinado e ardente pelo correio. Gostava da ideia do amor; não gostava era dos amantes, exceto a distância e em imaginação. Um curso de paixão por correspondência era, para ela, a forma perfeita e ideal das relações entre mulher e homem. Melhor ainda seria ter relações pessoais com mulheres; porque as mulheres têm todas as boas qualidades que os homens só apresentam a distância, com a vantagem de estarem efetivamente presentes. Podem ficar num quarto com a pessoa amada e no entanto não exigem dela nada mais do que exige

um homem que está na outra extremidade de um sistema de correios. Com a sua timidez e com a sua liberdade e ardor epistolares, Walter tinha, aos olhos de Marjorie, parecido reunir as melhores vantagens de ambos os sexos. E depois o rapaz se mostrava interessado de uma maneira tão profunda e lisonjeira em tudo quanto ela fazia, pensava e sentia... A pobre Marjorie não estava acostumada a ter pessoas que se interessassem por ela.

“Esfinge”, lera ela na terceira das cartas de Walter. (Ele lhe chamara *esfinge* por causa de seus silêncios

enigmáticos. Carling, pela mesma razão, lhe daria nomes menos poéticos.) “Esfinge, por que se esconde dentro de sua concha de silêncio? Dir-se-ia que você tem vergonha da sua bondade, da sua doçura e da sua inteligência. Mas todas estas qualidades põem a cabeça para fora da concha, apesar de você.”

As lágrimas brotaram nos olhos de Marjorie. Walter tinha sido tão bondoso para com ela, tão terno e gentil! E agora...

“O amor”, leu ela na carta seguinte, com o olhar turvo de lágrimas, “o amor pode transformar o desejo físico em

desejo espiritual; ele tem o poder mágico de converter o corpo em pura alma...”

Sim, ele tivera aqueles desejos também. Também ele. Todos os homens tinham, supunha ela. Era horrível. Sentiu um calafrio lembrando-se de Carling, lembrando-se mesmo de Walter, com um pouco do mesmo horror. Sim, mesmo Walter, embora *tivesse sido* tão gentil e atencioso. Walter compreendera o que ela sentia. Era o que tornava ainda mais extraordinária a sua atitude atual. Era como se, subitamente, ele tivesse se transformado em outra pessoa, uma

espécie de animal selvagem, com todas as crueldades e com todos os apetites animais.

“Como é que ele pode ser tão cruel?”, perguntava Marjorie a si mesma. “Como pode ele ser assim de um modo tão decidido? Ele, Walter?”

O seu Walter, o verdadeiro Walter, era tão gentil e tão cheio de compreensão e delicadezas, era tão maravilhosamente despido de egoísmo, tão bom! Fora por causa daquela bondade e daquela gentileza que ela o amara, a despeito de ele ser um homem que abrigava “aqueles” desejos; sua

devoção era toda para aquele Walter atencioso, terno e altruísta que ela havia conhecido e admirado depois que tinham começado a morar juntos. Marjorie chegara a amar até as manifestações pouco admiráveis dessa suavidade de temperamento, quando ela raiava pela fraqueza; tinha amado Walter mesmo quando ele se deixava roubar pelos choferes de táxi e pelos carregadores de bagagens, quando ele dava esmolas generosas a vagabundos que lhe contavam histórias manifestamente falsas a respeito de empregos na outra extremidade do país e da necessidade de

arranjar dinheiro para o transporte. A sua sensibilidade era exageradamente viva na compreensão do ponto de vista alheio. Na sua ansiedade de ser justo para com os outros, consentia muitas vezes em ser injusto para consigo mesmo. Estava sempre pronto a sacrificar os seus próprios direitos, preferivelmente a correr o menor risco de infringir os direitos do próximo. Era uma consideração, compreendera Marjorie, que se transformara em fraqueza, que estava a ponto de se tornar um vício; consideração, além disso, que se devia à sua timidez, àquele desejo

melindroso de fugir a qualquer conflito, e também a todo contato desagradável. Apesar de tudo ela o amava por isso, amava-o mesmo quando esses sentimentos o levavam a tratá-la de uma maneira menos justa. Pelo fato de ter chegado a olhar Marjorie como um ser que estava aquém do limite que o separava do resto do mundo, Walter tinha algumas vezes, em sua excessiva deferência para com os direitos dos outros, sacrificado não só os seus próprios direitos, mas também os da companheira. Quantas vezes, por exemplo, Marjorie lhe objetara que ele

estava sendo mal pago pelo trabalho que fazia no *Mundo Literário*! Marjorie pensou na última das conversas que tinham tido a respeito de um assunto, para ele o mais odioso de todos.

— Burlap está te explorando, Walter — dissera-lhe ela.

— Mas o jornal é muito pobre.

Walter sempre tinha desculpas para as negligências dos outros em relação a ele.

— Mas por que você se deixa explorar?

— Não estou sendo explorado. — Havia uma nota de exasperação na voz

dele, a exasperação de um homem que sabe que está em erro. — E mesmo que estivesse, eu preferia continuar assim a regatear a minha libra de carne. Afinal de contas, este caso só diz respeito a mim: é um assunto meu.

— É meu! — Marjorie levantou o livro de contas com o qual se achava ocupada quando a conversação começara. — Se você soubesse dos preços das verduras!

Walter corara subitamente e deixara o compartimento sem dizer palavra. A conversação e o incidente eram típicos — semelhantes a muitos outros. Walter

nunca tinha sido deliberadamente cruel para com ela; fora-o apenas por engano, por um excesso de consideração para com os outros, e ao mesmo passo que estava sendo cruel para consigo mesmo. Marjorie não lhe queria mal por aquelas injustiças. Elas provavam o quão estreitamente ele estava associado a ela. Mas, agora, agora não havia nada de accidental na crueldade dele. O Walter gentil e atencioso tinha desaparecido para dar lugar a outro —, outro que era implacável e cheio de ódio —, outro que, de uma maneira deliberada, a estava fazendo sofrer.

Lady Edward pôs-se a rir.

— Eu só queria saber o que Walter poderia ter achado nela, se a mulher é tão deplorável como tu a descreves.

— Mas que é que a gente pode achar em outra pessoa? — John Bidlake falava num tom de voz melancólico. Bruscamente, começara a sentir-se doente. Uma opressão no estômago, uma sensação de náusea, uma tendência para o soluço. Ultimamente isso acontecia com frequência. Sempre depois de comer. O bicarbonato não parecia fazer-lhe lá muito bem. — Nestes assuntos — acrescentou —, todos somos igualmente

loucos.

— Obrigado! — fez lady Edward, rindo.

E o velho Bidlake, fazendo uma tentativa para ser galante: — Exceto as pessoas presentes — disse com um sorriso e uma ligeira mesura. Abafou um novo soluço. Como estava se sentindo mal! — Você não repara se eu me sentar? Ficar todo esse tempo por aí de pé... — Deixou-se cair pesadamente sobre uma cadeira.

Lady Edward olhou para ele com uma certa solicitude, mas nada disse. Sabia o quanto Bidlake detestava

qualquer referência à idade, à doença ou à fraqueza física.

“Deve ter sido aquele caviar”, pensava Bidlake. “Aquele maldito caviar.” — E odiou violentamente o caviar. Em cada esturjão do Mar Negro ele tinha agora um inimigo pessoal.

— Pobre Walter! — disse lady Edward, retomando a conversação no ponto em que fora interrompida. — E ele tem tanto talento!

John Bidlake bufou com desdém.

Lady Edward percebeu que tinha dito o que não devia — por engano, puramente por engano, desta vez. Mudou

de assunto.

— E Elinor? Quando é que a tua Elinor estará de volta? Elinor e Quarles?

— Deixam Bombaim amanhã — respondeu John Bidlake em estilo telegráfico. Estava demasiadamente ocupado pensando no caviar e nas suas sensações viscerais para poder dar uma resposta mais explícita.

Capítulo VI — OS INDIANOS

**BEBERAM O SEU LIBERALISMO nas
vossas fontes — disse mr.
Sita Ram, citando um de
seus próprios discursos na
Assembleia Legislativa.**

**Apontou para Philip
Quarles um dedo acusador.
As gotas de suor escorriam
uma após a outra ao longo
de suas bochechas pardas e
flácidas; dir-se-ia que ele
estava pranteando a Mãe**

Índia. Uma das gotas estava pendurada, como uma joia iridescente à luz das lâmpadas, na ponta de seu nariz. Fulgia e tremia enquanto o homem falava, como se vibrasse também agitada por sentimentos patrióticos. Houve um momento em que esses sentimentos se mostraram demasiadamente fortes para ela. À palavra “fonte” a

**gotinha pendente teve uma
derradeira convulsão
violenta e caiu entre os
bocados de peixe partidos do
prato de mr. Sita Ram.**

— Burke e Bacon — continuou mr. Sita Ram sonoramente —, Milton e Macaulay...

— Oh, olhem! — a voz de Elinor Quarles tinha despedido um grito agudo de alarme. Ela se ergueu tão subitamente que sua cadeira caiu para trás.

— Que é que há? — perguntou o hindu em tom de aborrecimento. É desagradável ser interrompido no meio

de uma peroração.

Elinor estendeu o braço, mostrando um sapo cinzento muito grande que tratava de atravessar a varanda, laboriosamente, aos pulos. No silêncio os seus movimentos eram audíveis — baques moles, como se alguém deixasse cair repetidamente uma esponja úmida no chão.

— Sapo não faz mal a ninguém — disse mr. Sita Ram, acostumado à fauna tropical.

Elinor lançou para o marido um olhar de súplica. E o olhar com que elle respondeu foi de desaprovação.

— Com efeito, minha querida — protestou Philip Quarles. Ele próprio tinha forte antipatia aos animais viscosos. Mas sabia esconder esse sentimento com estoicismo. Acontecia o mesmo com a alimentação. Havia (e a palavra verdadeira, plenamente expressiva, ocorria-lhe agora) uma qualidade “sapal” no peixe que tinham comido. Apesar disto, conseguira comê-lo. Elinor deixara o seu intato, depois do primeiro bocado.

— Seria incômodo para você pô-lo para fora? — murmurou ela. O seu rosto exprimia a agonia interior. — Você sabe

o quanto detesto esses bichos.

O marido pôs-se a rir. Depois de pedir desculpas a mr. Sita Ram ergueu-se, muito alto e esbelto, e atravessou a varanda a manquejar. Com a ponta de sua pesada botina ortopédica, conduziu o animal até a beira da plataforma. O sapo tombou sonoramente no jardim. Estendendo o olhar para fora, Philip vislumbrou o mar, que brilhava por entre as estipes das palmeiras. A lua tinha subido e a folhagem tufada se recortava negra contra o céu. Nem uma folha se movia. Fazia um calor intenso, um calor que parecia ir aumentando à medida que

a noite avançava. O calor sob o sol tolerava-se; era natural. Mas aquela obscuridade sufocante... Philip enxugou o rosto e tornou a sentar-se à mesa.

— Como o senhor dizia, mr. Sita Ram...

Mas o primeiro arroubo admirável e despreocupado de mr. Sita Ram já se evaporara.

— Estive relendo hoje algumas das obras de Morley — anunciou ele.

— Papagaio! — exclamou Philip Quarles, que gostava, de vez em quando, de empregar propositadamente termos da gíria escolar. Isso produzia sempre o

seu efeito no meio de uma conversação séria.

Mas dificilmente se poderia esperar que mr. Sita Ram apanhasse a significação completa daquele “Papagaio!”.

— Que pensador! — continuou o hindu. — Que grande pensador! E seu estilo é tão puro.

— Sem dúvida...

— Há algumas frases boas — prosseguiu mr. Sita Ram. — Eu as anotei. — Procurou nos bolsos, mas não conseguiu achar o livro de notas. — Não faz mal. Mas eram boas frases. Às vezes

lemos todo um livro sem achar uma simples frase de que nos possamos lembrar para fazer uma citação. Para que servem livros assim, eu lhe pergunto?

— Para que servem mesmo?

Quatro ou cinco criados desalinhados surgiram do interior da casa e trocaram a louça. Apareceu um prato de croquetes de aparência duvidosa. Elinor lançou um olhar desesperado ao marido e depois se voltou para mr. Sita Ram a fim de lhe assegurar que nunca comia carne. Philip, comendo estoicamente, aprovou a

sabedoria da mulher. Beberam o champanha doce, que estava quase tão quente quanto o chá. As almôndegas foram seguidas por doces — bolas grandes e pálidas (muito manuseadas, estava se vendo, prolongada e carinhosamente roladas entre as palmas das mãos), de alguma substância equívoca, ao mesmo tempo viscosa e granulada, e cujo gosto de gordura de carneiro persistia através da doçura.

Sob a influência do champanha mr. Sita Ram recobrou a eloquência. Seu último discurso foi pronunciado uma segunda vez.

— Há uma lei para os ingleses — disse ele — e outra para os hindus, uma para os opressores e outra para os oprimidos. A palavra justiça ou desapareceu do vosso vocabulário ou então mudou de significado.

— Sou levado a crer que tenha mudado de significado — disse Philip.

Mr. Sita Ram não lhe deu atenção. Estava cheio de uma indignação sagrada, tanto mais violenta quanto era impotente.

— Considere o caso — prosseguiu (e sua voz, que ele já não controlava, tremia) — daquele desgraçado chefe de

estação de Bhowanipore.

Mas Philip recusou-se a considerá-lo. Estava pensando na maneira como a palavra justiça muda de significado. A justiça para a Índia significava uma coisa antes de ele visitar o país. Agora que ele estava prestes a deixá-lo, significava algo muito diferente.

O chefe da estação de Bhowanipore, pelo visto, tinha uma folha de serviços sem mancha e nove filhos.

— Mas por que não lhes ensinam a limitar a natalidade, mr. Sita Ram? — perguntou Elinor. Aquelas descrições de famílias enormes lhe davam calafrios.

Lembrava-se de quanto tinha sofrido quando lhe nascera o pequeno Phil. E no fim das contas, ela tinha tido clorofórmio e duas enfermeiras e sir Claude Aglet. Ao passo que a mulher do chefe da estação de Bhowanipore... Elinor ouvira falar nos métodos das parteiras indianas. Estremeceu. — Não é acaso a única esperança para a Índia?

Mr. Sita Ram, no entanto, pensava que a única esperança era o sufrágio universal e a autonomia. Continuou com a história do chefe de estação. O homem tinha passado em todos os exames com êxito; os seus títulos eram os melhores

possíveis. E no entanto por quatro vezes deixara de ser promovido. Quatro vezes, e sempre em favor de europeus ou de mestiços. O sangue de mr. Sita Ram fervia quando ele pensava nos cinco mil anos de civilização hindu, de espiritualidade hindu, de superioridade moral hindu, cinicamente espezinhados, na pessoa do chefe da estação de Bhowanipore, pelos ingleses.

— Isto é justiça, pergunto? — Bateu na mesa.

“Quem sabe?”, devaneava Philip.
“Talvez seja.”

Elinor estava ainda pensando nos

nove filhos. Para conseguir um parto rápido, as parteiras — segundo ouvira dizer — sapateiam sobre as suas pacientes. E, em vez de ergotina, empregam uma pasta feita de estrume de vaca e de vidro moído.

— O senhor chama a isso justiça? — repetia mr. Sita Ram.

Compreendendo que se esperava dele alguma resposta, Philip balançou a cabeça e disse: — Não.

— O senhor devia escrever a respeito do assunto — sugeriu mr. Sita Ram. — Devia desmascarar o escândalo.

Philip se desculpava; era apenas escritor de romances, e não po-lítico ou jornalista. E, numa inconsequência aparente, acrescentou: — Conhece o velho Daulat Singh? Aquele que mora em Ajmere?

— Já encontrei esse homem — disse mr. Sita Ram, cujo tom de voz tornava bem claro que ele não gostava de Daulat Singh ou que talvez (mais provavelmente, pensou Philip) não tinha deixado boa impressão nele.

— Pareceu-me uma excelente pessoa — disse Philip. Para homens como Daulat Singh a justiça devia significar

alguma coisa muito diferente do que significava para mr. Sita Ram ou para o chefe da estação de Bhowanipore. Ele se lembrou daquele rosto velho e negro, dos olhos brilhantes e da paixão contida de suas palavras. Se ao menos o homem pudesse se abster de mascar bétel...

Chegou a hora da partida. Finalmente. Despediram-se com uma cordialidade quase excessiva, subiram para o automóvel que os esperava e se foram. Sob as palmeiras de Joohoo o solo estava crivado de moedas de prata refulgente, salpicado de poças de mercúrio. Eles rolavam através de uma

cintilação trêmula e contínua de luz e de sombra — o cinema de vinte anos atrás — até que, emergindo de baixo das palmeiras, acharam-se em pleno clarão de uma lua enorme.

“Oh, triforme Hécate!”, pensou Philip, pestanejando diante daquele fulgor redondo. — Mas que dizer de Sita Ram, de Daulat Singh e do chefe de estação? E a velha Índia lamentável, a justiça, a liberdade, o progresso e o futuro? A verdade é que nada disso me importa. Nem um tiquinho. É vergonhoso. Mas não me importa. E as formas de Hécate não são três. São

milhares, são milhões. As marés. A deusa nemorense, a tifatina. Variando na razão direta do produto das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias. Pequena como um florim na ponta do braço, mas tão grande como o Império Russo. Maior do que a Índia. Que conforto estar de volta à Europa outra vez! E pensar que houve um tempo em que eu lia livros a respeito da ioga, fazia exercícios de respiração e tentava convencer-me de que eu realmente não existia! Que asneira! Era o resultado das palestras com aquele idiota do Burlap. Mas felizmente os outros não deixam em

mim uma impressão muito duradoura. Impressionam-me facilmente, como um barco deixa a sua marca na água. Mas a água torna a se fechar. Eu só queria saber como será esse barco italiano que vamos tomar amanhã. Todos os barcos do Lloyd Triestino têm a reputação de serem bons. “Felizmente”, eu disse; mas não devemos ter vergonha da própria indiferença? Aquela parábola do semeador. A semente que caiu em terra má. E no entanto, positivamente, não vale a pena fingir ser o que não somos. O resultado disso se pode ver em Burlap. Que comediante! Mas ele ilude

uma porção de gente. Inclusive a si mesmo, suponho. Não creio que existam hipócritas conscientes, exceto para ocasiões especiais. Não é possível continuar representando um mesmo papel sempre e sempre. De qualquer modo seria bom saber o que é a gente acreditar em alguma coisa até o ponto de ficar disposto a matar ou morrer. Seria uma grande experiência...

Elinor tinha erguido o rosto para o mesmo disco brilhante. Lua, lua cheia... E instantaneamente ela trasladou-se no tempo e no espaço. Baixou os olhos e voltou-se para o marido; tomou-lhe a

mão e se apoiou ternamente contra ele.

— Você se lembra daquelas noites?
No jardim, em Gattenden. Lembra, Phil?

As palavras de Elinor chegaram aos ouvidos do escritor como que vindas de uma grande distância e de um mundo pelo qual, naquele momento, ele não se sentia interessado. Philip despertou com relutância.

— Que noites? — perguntou, falando como que do fundo de abismos, e com aquela voz incolor e sem inflexão do homem que responde a um chamado telefônico importuno.

Ao som dessa voz de telefone Elinor

se afastou vivamente do marido. Aconchegar-se a alguém cujos pensamentos estão longe não é só decepcionante; é também uma humilhação. Na verdade, que noites?

— Por que você não me ama mais? — perguntou Elinor com desespero. Como se fosse possível estar lhe falando de noites outras que não aquelas maravilhosas noites de verão que ambos tinham passado, logo após o casamento, na casa da mãe dela. — Nem sequer tem o menor interesse por mim agora; é como se eu fosse uma peça da mobília, muito menos do que um livro.

— Mas, Elinor, de que é que você está falando? — perguntou Philip, pondo na voz um espanto exagerado. Depois do primeiro momento, quando já tivera tempo de vir à superfície, por assim dizer, emergindo das profundezas do seu devaneio, ele conseguira entender o que a mulher queria dizer, tinha ligado a lua da Índia àquela lua que brilhara, havia oito anos, sobre o jardim de Hertfordshire. Podia ter dito isso, naturalmente. Teria facilitado a reconciliação. Mas estava irritado por ter sido interrompido, não gostava que o censurassem, e era forte a tentação de se

sentir vitorioso num torneio oratório com a esposa. — Eu formulo uma pergunta simples — continuou ele —, desejando meramente saber o que você quis dizer. E você me responde com a queixa de que eu não te amo. Não consigo perceber a relação lógica entre uma coisa e outra...

— Mas você sabe perfeitamente bem do que eu estava falando — disse Elinor. — E de resto, é verdade. Você não me tem mais amor.

— Mas acontece que tenho, tenho sim — voltou Philip, e, ainda escaramuçando (se bem que em vão,

como ele sabia) no domínio da dialética, prosseguiu como um pequeno Sócrates com o seu questionário. — Mas o que eu realmente quero saber é como chegamos a esse ponto, partindo do lugar em que começamos. Principiamos com noites e agora...

Mas Elinor estava mais interessada no amor do que na lógica.

— Oh, eu sei que você não quer dizer que não me ama — interrompeu-o ela. — Pelo menos em palavras. Não quer ferir os meus sentimentos. Mas você me feriria menos se me dissesse tudo redondamente, em vez de evitar

toda a questão, como faz agora. Porque esta esquivança vale realmente por uma confissão nua. E fere mais porque dura mais tempo, porque há a incerteza, a espera, a repetição da dor. Enquanto as palavras não tenham sido pronunciadas de modo definitivo, há sempre uma possibilidade de que elas não estejam tacitamente subentendidas. Sempre há uma possibilidade, mesmo quando *sabemos* que elas estavam subentendidas. Há ainda um lugar para a esperança. E onde há esperança há decepção. Na verdade, não é mais gentil fugir à questão, Phil, é mais cruel.

— Mas eu não fujo à questão. Por que haveria de fugir, uma vez que verdadeiramente amo você?

— Sim, mas como? Como é que você me ama? Não é da maneira como me amava no princípio. Ou talvez tenha esquecido. Você nem mesmo se lembra do tempo em que nos casamos.

— Mas, minha querida — protestou Philip —, seja por favor mais precisa. Você disse simplesmente “aquelas noites” e ficou esperando que eu adivinhasse a que noites você se referia.

— Naturalmente que fiquei. Você devia saber. Você teria sabido se isso

ainda te interessasse um pouco. Eis de que me queixo. Você me ama tão pouco agora que o tempo em que me amava verdadeiramente nada significa para você. Pensa que eu, eu, posso esquecer aquelas noites?

Elinor reviu o jardim com as suas flores invisíveis e perfumadas, a enorme sequoia negra sobre a relva, a lua que subia, e os dois grifos de pedra a cada extremidade do muro baixo do terraço onde os dois estavam sentados juntos.

Elinor relembrou o que ele lhe tinha dito, os seus beijos, o contato de suas mãos. Relembrou tudo — relembrou

com a precisão minuciosa de quem gosta de explorar e reconstruir o passado, de quem sempre anda girando, num exame amoroso, em torno de cada detalhe precioso da felicidade recordada.

— Tudo se apagou simplesmente no seu espírito — acrescentou ela, numa voz tristonha de censura. Para ela, aquelas noites eram ainda mais reais, mais presentes do que muitos momentos de sua vida atual.

— Mas é claro que me lembro — recriou Philip com impaciência. — Acontece apenas que a gente não pode reajustar instantaneamente o espírito.

Quando você falou, no primeiro momento, aconteceu que eu estava pensando em outra coisa; eis a questão.

Elinor suspirou.

— Quem me dera ter também outras coisas em que pensar. Eis o meu mal; não tenho. Por que hei de eu te amar tanto? Por quê? Não é justo. Você está protegido pelo seu intelecto e pelo seu talento. Você tem o seu trabalho, que serve de refúgio, as suas ideias, que servem de escudo. Mas eu não tenho nada, nenhuma defesa contra os meus sentimentos, nenhuma alternativa fora de você. E sou eu que necessito de defesa e

de refúgio. Porque sou eu que amo de verdade. Não existe nada contra que você precise ser protegido. Você não me ama. Não, não é justo, não é justo.

No fim das contas, pensava ela, tinha sido sempre assim. Ele nunca chegara a amá-la de verdade, nem mesmo no princípio. Nunca a quisera profundamente, inteiramente, com um abandono total. Porque mesmo no princípio Phil tinha fugido às suas perguntas, tinha recusado entregar-se completamente a ela. Elinor, por sua vez, lhe oferecera tudo, tudo. Philip aceitara o que ela lhe dava, mas sem

retribuir. A sua alma, as intimidades de seu ser — ele as recusara sempre a ela. Sempre, mesmo no princípio, mesmo quando mais a amava. Elinor fora feliz então — mas unicamente porque havia sido suficientemente ingênua para ser feliz, porque não tinha compreendido, em sua inexperiência, que o amor podia ser diferente e melhor. Ela sentia agora um prazer perverso em rebaixar retrospectivamente a sua felicidade, em devastar as suas lembranças. A lua, o jardim sombrio e perfumado, a grande árvore negra e a sua sombra veludosa sobre a relva... Elinor as negava,

rejeitava a felicidade que elas simbolizavam em sua memória.

Philip Quarles, naquele momento, não dizia nada. Realmente não havia nada a dizer. Cingiu com o braço o corpo da esposa e puxou-a contra si; beijou-lhe a testa e as pálpebras trêmulas, que estavam úmidas de lágrimas.

Os sórdidos arrabaldes de Bombaim passavam deslizando ao lado deles — fábricas e pequenas cabanas e enormes habitações — fantasmas de uma brancura de ossadas sob o luar. Pedestres pardos e de pernas finas

apareciam por um momento ao clarão dos faróis, como verdades apreendidas por intuição e com uma certeza imediata, para desaparecerem outra vez, quase instantaneamente, dentro do vazio das trevas exteriores. Aqui e ali, às margens da estrada, o lume de uma fogueira sugeria misteriosamente a existência de membros e rostos sombrios. Os habitantes de um mundo mental tão afastado do mundo de Philip e Elinor como as estrelas espreitavam de dentro de suas rechinantes carretas de bois o casal que passava veloz num relâmpago.

— Minha querida — repetia ele

constantemente —, minha querida...

Elinor deixou-se consolar.

— Você me ama um pouquinho?

— Amo muito você.

Ela chegou a rir; um riso entrecortado de soluços, é verdade, mas no fim das contas ainda era um riso...

— Você faz o possível para ser gentil comigo. — E depois de tudo, pensava ela, aqueles dias de Gattenden tinham sido verdadeiramente cheios de felicidade. Foram dela, ela os possuía; não podiam ser negados. — Você faz esforços tão grandes... É tão gentil.

— Não diga tolices — protestou ele.

— Você sabe que eu te amo.

— Sim, sei que me ama. — Elinor sorriu e acariciou-lhe o rosto. — Quando tem tempo e mesmo assim... do outro lado do Atlântico, pelo rádio.

— Não, isso não é verdade.

Mas secretamente Philip sabia que era. Toda a sua vida ele tinha andado dentro da solidão, num vácuo pessoal em que nem a sua mãe, nem os seus amigos, nem as suas amantes tinham tido permissão de entrar. Mesmo quando sentia a esposa assim junto de si, era pelo rádio, como dissera Elinor, e falando do outro lado do Atlântico, que

se comunicava com ela.

— Não é verdade — repetiu ela, ternamente brincalhona. — Mas, meu pobre Phil, você não seria nem mesmo capaz de enganar uma criança. Não sabe mentir de maneira convincente. É demasiadamente honesto. Eis uma das razões por que eu te amo. Se soubesse como você é transparente!

Philip calou-se. Aquelas discussões sobre relações pessoais causavam-lhe sempre mal-estar. Ameaçavam a sua solidão — aquela solidão que, em parte, ele deplorava (porque se sentia estranho a muitas coisas que gostaria de

conhecer), mas na qual, entretanto, seu espírito podia viver à vontade, na qual se sentia livre. De ordinário considerava aquela solidão interior como uma coisa aceitável, como a gente aceita a atmosfera em que vive. Mas uma vez que ela fosse ameaçada, Philip sentia dolorosamente a importância que ela tinha para ele; lutava por ela como um asfixiado luta pelo ar. Mas era uma luta sem violência, uma luta negativa, feita de retirada e de defesa. Foi assim que ele se entrincheirou agora no silêncio, naquele silêncio calmo, longínquo e frio, do qual estava certo de

que Elinor não tentaria tirá-lo, convencida da inutilidade de uma tal tentativa. E tinha razão: Elinor fitou os olhos nele ainda um instante, depois, voltando a cabeça, contemplou a paisagem iluminada pelo luar. Os silêncios paralelos de ambos prosseguiram o seu curso através do tempo, sem se encontrarem.

— E no entanto — disse de súbito Elinor, incapaz de reter por mais tempo o seu ressentimento —, você não podia passar sem mim. Que seria de você se eu te deixasse, se eu procurasse alguém que estivesse disposto a me dar algo em

troca do que eu dou? Que seria de você?

A pergunta caiu dentro do silêncio. Philip não deu resposta. Mas, realmente, que seria dele? Também fazia mentalmente a mesma pergunta. Porque, no mundo ordinário e cotidiano dos contatos humanos, ele semelhava curiosamente um estranho que se sentisse mal entre os seus semelhantes, que achasse difícil ou impossível entrar em comunicação com quem quer que não falasse a sua linguagem nativa de ideias. Emocionalmente era um estrangeiro. Elinor, a sua intérprete, o seu dragomano. Como o pai, Elinor Bidlake

tinha, de nascença, o dom da compreensão intuitiva e do desembaraço mundano. Sabia pôr-se rapidamente à vontade com qualquer pessoa. Sabia por instinto, exatamente como o velho John, o que era preciso dizer a cada espécie de gente — a cada tipo, exceto, talvez, à espécie de gente a que pertencia o seu marido. É difícil saber o que dizer a alguém que nada diz em resposta, que responde à palavra pessoal com a palavra impessoal, à palavra individual e carregada de sentimento com uma generalização intelectual. Entretanto, como Elinor amava, persistia em seus

esforços para atrair Philip ao contato direto; e se bem que aquilo fosse um tanto desanimador — como cantar a surdos ou declamar versos num salão vazio —, ela continuava a dar-lhe a intimidade de seu pensamento e de suas emoções. Havia ocasiões em que, frente a um grande esforço, ele fazia o possível, em troca, para admiti-la em suas intimidades mais pessoais. Mas, fosse porque o hábito do segredo lhe tivesse tornado impossível a expressão de seus sentimentos íntimos, ou fosse porque a capacidade mesma de sentir tivesse ficado atrofiada pela repressão e

pelo silêncio constantes, o fato era que Elinor ficava sempre decepcionada por aqueles raros momentos de intimidade. O santuário em que ele a introduzia tão penosamente aparecia quase tão vazio e nu como o que espantou os invasores romanos quando violaram o templo de Jerusalém. Apesar de tudo, Elinor reconhecia as boas intenções que Philip manifestava ao pelo menos admiti-la no santuário de suas emoções, ainda que não houvesse ali muita vida emotiva com que se pudesse comungar. Uma espécie de indiferença pirrônica, temperada por uma gentileza e bondade

constantes, bem como pelas mais violentas intermitências de paixão física — tal era o estado geral que a natureza e a segunda natureza tinham tornado normal nele. A razão de Elinor lhe dizia que o marido era assim, mas os seus sentimentos se recusavam a aceitar na prática aquilo de que ela estava certa na teoria. O que nela havia de vivo, de sensível, de irracional sofria diante da indiferença dele, como se aquilo fosse uma frieza pessoal dirigida somente contra ela. E entretanto, apesar de tudo quanto ela pudesse sentir, Elinor sabia permanentemente que a indiferença de

Philip não tinha nada de pessoal, que ele era assim com toda a gente, que ele a amava tanto quanto lhe era possível amar, que o seu amor por ela não tinha diminuído, porque nunca fora realmente maior; mais apaixonado, outrora, talvez; mas nunca mais emocionalmente rico em intimidades e abandono voluntário, mesmo no auge da paixão, do que era agora. Mas apesar de tudo, Elinor se sentia ferida em seus sentimentos; ele não devia ser assim. Não devia ser; mas era... eis a verdade. Depois de uma explosão, ela se acalmava e procurava amá-lo tão razoavelmente quanto lhe

fosse possível, contentando-se com a gentileza do marido, com a sua paixão física um tanto alheia ao resto, com as esporádicas e penosas tentativas de conseguir uma intimidade emocional, e finalmente com sua inteligência — aquela inteligência rápida, cheia de compreensão, onipresente, que podia entender tudo, inclusive as emoções que não era capaz de sentir, e os instintos pelos quais tinha o cuidado de não se deixar levar.

Um dia, quando Philip lhe falara do livro de Koehler sobre os macacos, Elinor lhe dissera: — Você é como um

macaco do lado super-homem da humanidade. É quase humano, como os pobres chimpanzés. A única diferença está em que eles procuram elevar-se ao pensamento com suas sensações e seus instintos, ao passo que tu procuras descer com o teu intelecto. Quase humano. Estás em equilíbrio instável, bem no limite, meu pobre Phil.

Ele compreendia tudo de uma maneira tão perfeita! Eis por que era tão divertido servir-lhe de dragomano e interpretar para ele as outras pessoas. (Era menos divertido quando ela tinha de interpretar a si mesma.) Tudo quanto

a inteligência podia apanhar, ele apanhava. Elinor fazia para ele o relatório de seu convívio com os naturais do domínio da emoção; e Philip compreendia imediatamente, generalizava para Elinor o que ela sentia, ligava-o a outras experiências, classificava-o, descobria analogias e paralelos. O simples e o individual se tornavam nas mãos dele parte de um sistema. Elinor se admirava de ver que ela própria e suas amigas tinham, inconscientemente, confirmado uma teoria ou servido de exemplo a alguma generalização interessante. Suas funções

de dragomano não se limitavam apenas aos reconhecimentos e aos relatórios. Elinor agia também direta e pessoalmente como intérprete entre Philip e os terceiros com quem ele talvez desejasse entrar em contato, criando a única atmosfera propícia ao intercâmbio de personalidades e preservando a conversação contra o dessecamento intelectual. Entregue a si mesmo, Philip não seria capaz de estabelecer o contato pessoal ou de conservá-lo, uma vez estabelecido. Mas quando Elinor ali estava para estabelecer e conservar esse contato, ele

compreendia e simpatizava por meio da inteligência, de uma maneira que Elinor lhe afirmava ser tudo, menos humana. Nas generalizações a que ele se entregava após as experiências que a esposa lhe tornara possíveis, Philip voltava a ser indisfarçadamente o super-homem.

Sim, era divertido servir de dragomano, no domínio dos sentimentos, a um turista de inteligência tão excepcional. Mas era algo mais do que divertido; era também, aos olhos de Elinor, um dever. Havia os livros dele a considerar.

— Ah! Phil — dizia ela —, se você fosse um pouco menos super-homem, que belos romances você haveria de escrever!

Philip concordava com Elinor, um tanto pesaroso. Tinha bastante inteligência para conhecer os seus defeitos. Elinor fazia o possível para compensá-los — dava-lhe informações de primeira mão a respeito dos hábitos dos nativos, agia como intermediária quando o marido desejava entrar em contato pessoal com algum deles. Não somente por ela, mas ainda pelo romancista que ele podia vir a ser,

Elinor quisera que Phil perdesse aquele hábito de impessoalidade e aprendesse a viver pelas intuições, sensações, instintos, da mesma maneira que vivia pela inteligência. Heroicamente, ela o tinha encorajado mesmo em suas veleidades de paixão por outras mulheres. Isso lhe poderia fazer bem — ter algumas aventuras sentimentais. Tal era o seu desejo de fazer bem a ele e à sua qualidade de romancista que, mais de uma vez, vendo-o olhar para alguma mulher moça com admiração, tentara estabelecer para o marido o contato pessoal que ele não teria sido capaz de

estabelecer por si mesmo. Era arriscado, sem dúvida. O homem podia apaixonar-se verdadeiramente, podia esquecer-se da sua intelectualidade e corrigir-se, em proveito, entretanto, de alguma outra mulher. Elinor aceitou o risco, em parte porque pensava que a função de escritor devia ser posta acima de tudo o mais, mesmo acima de sua própria felicidade, e também porque estava persuadida, em seu foro íntimo, de que de fato não existia nenhum perigo, de que ele jamais perderia a cabeça completamente, a ponto de fugir com outra mulher. A cura pelas

aventuras sentimentais, se é que era eficaz, se operaria docemente; e, nesse caso, Elinor estava certa de saber aproveitar os felizes efeitos que ela havia de produzir em Philip. Fosse como fosse, até agora não tinha mostrado nenhuma eficácia. As infidelidades de Philip montavam a muito pouco e não tinham tido efeito apreciável sobre ele. Continuava o mesmo, enlouquecedoramente o mesmo — inteligente a ponto de ser quase humano, gentil mas longínquo, apaixonado e sensual de uma maneira desprendida, impessoalmente terno. Era

de enlouquecer. “Por que ela continuaria a amá-lo?”, perguntava Elinor a si mesma. Era quase o mesmo que continuar amando uma biblioteca. Um dia ela havia de deixá-lo às deveras. Era impossível levar mais longe o devotamento e o altruísmo. Às vezes é preciso que a gente pense na própria felicidade. Ser amada, pelo menos uma vez na vida, em vez de limitar-se apenas a amar; receber ao invés de estar perpetuamente a dar... Sim, um dia ela o deixaria realmente. Tinha de pensar em si mesma. E, depois, seria uma punição para Phil. Uma punição, sim, porque

Elinor estava certa de que, se o deixasse, ele seria sinceramente infeliz, à sua maneira, tanto quanto lhe fosse possível ser infeliz. E talvez a infelicidade pudesse operar o milagre que ela tinha ardentemente desejado e em prol do qual vinha trabalhando havia tantos anos; talvez a infelicidade o tornasse sensível, pessoal. Talvez conseguisse fazer dele um verdadeiro escritor. Talvez fosse seu dever torná-lo infeliz, o mais sagrado de seus deveres...

A vista de um cão que atravessava a estrada correndo, bem na frente do

carro, despertou-a do devaneio. Com que surpreendente rapidez o animal se precipitara para dentro do estreito universo dos faróis! Existiu durante uma fração de segundo, correndo desesperadamente, depois desapareceu de novo na escuridão, do outro lado do mundo luminoso. Um outro cão surgiu de súbito no lugar do primeiro, perseguindo-o.

— Oh! — gritou Elinor. — Ele vai ser... — As luzes se desviaram, depois voltaram à posição normal, houve um solavanco fofo, como se uma das rodas tivesse passado por cima de uma pedra; mas a pedra latiu — ... esmagado —

concluiu ela.

— *Já foi* esmagado.

O chofer indiano voltou a cabeça para eles, arreganhando os dentes que Philip e Elinor viram brilhar no escuro.

— *Dog!* — disse ele. Tinha orgulho do seu inglês.

— Pobre animal! — fez Elinor, arrepiada.

— A culpa foi dele — disse Philip.
— Não olhou. É o que acontece quando um animal corre atrás de uma fêmea da sua espécie.

Houve um silêncio. Foi Philip que o quebrou.

— A moral seria muito curiosa — disse, pensando em voz alta — se nós amássemos por estações, e não durante todo o ano. O que é moral ou imoral variaria de um mês para outro. As sociedades primitivas têm mais tendência para o amor periódico do que as cultivadas. Mesmo na Sicília há duas vezes mais nascimentos em janeiro do que em agosto — o que prova incontestavelmente que na primavera a imaginação das pessoas jovens... Mas em parte alguma é só na primavera. No homem não há nada de inteiramente análogo ao cio das éguas ou das cadelas.

Exceto — acrescentou — no domínio moral. Uma reputação má na mulher exerce a mesma atração que os sinais de cio na cadela. A má fama anuncia que ela é acessível. A ausência de cio é equivalente, no animal, aos hábitos e aos princípios da mulher casta...

Elinor escutava com interesse e ao mesmo tempo com uma espécie de horror. Assim, pois, o esmagamento trivial de um animal infeliz fora suficiente para pôr em movimento aquela inteligência rápida e infatigável. Um pobre cão pária, quase morto de fome, quebrava a espinha sob as rodas

do carro, e este incidente evocava em Philip uma seleção das estatísticas de natalidade na Sicília, uma especulação sobre a relatividade da moral, uma generalização psicológica brilhante. Era surpreendente, era inesperado, era interessantíssimo, mas, oh! — quase lhe dava ganas de gritar.

Capítulo VII WALTER TINHA SE

LIVRADO DE MRS. BETTERTON;

**acenara de longe para o pai
e para lady Edward,**

**evitando-os; podia, pois,
continuar em sua busca. E**

**por fim achou o que
procurava. Lucy**

**Tantamount havia
justamente surgido da sala
de jantar e ficara imóvel sob
as arcadas, olhando com
indecisão de um lado para**

outro. O contraste com o luto do vestido tornava a sua pele luminosamente branca. Trazia no corpete um buquê de gardênias. Ergueu uma das mãos para tocar os cabelos negros e lisos, e a esmeralda do anel enviou a Walter um sinal verde através da sala. Com olho crítico, com uma espécie de frio ódio intelectual, Walter olhava

para ela e perguntava a si mesmo por que a amava. Por quê? Não havia razão, não havia justificativa. Todas as razões eram contra aquele amor.

De repente Lucy se moveu, desapareceu-lhe da vista. Walter a seguiu. Passando diante da entrada da sala de jantar, deu com Burlap, que já não era mais o anacoreta: bebia agora champanhe e ouvia a conversação da condessa D'Exergillod. "Bolas", pensou Walter, lembrando-se de suas próprias aventuras com Molly d'Exergillod.

“Mas Burlap provavelmente a adora. É capaz disso... Ele...” Mas lá estava ela de novo, falando, maldição!, com o general Knoyle. Walter ficou atento, sem se afastar deles, esperando com impaciência a oportunidade de se dirigir a Lucy.

— Apanhada finalmente! — disse o general, batendo na mão da jovem. — Procurei você por toda a noite.

Meio sátiro, meio titio, o general tinha uma fraqueza de velho por Lucy. “Que pequena encantadora!”, afirmava ele a todos os que queriam ouvi-lo. “Que figurinha encantadora! Que olhos!”

De uma maneira geral ele preferia raparigas mais jovens. “Não há nada como a mocidade!”, gostava de dizer. Os preconceitos que o velho militar alimentara toda a sua vida contra a América e os americanos tinham se transformado em admiração entusiástica desde que, na idade de sessenta e cinco anos, ele visitara a Califórnia e vira as *flappers* de Hollywood e as lindas banhistas das praias do Pacífico. Lucy estava perto dos trinta, mas o general a conhecia havia anos; continuava a tratá-la como se ela fosse ainda a menina dos primeiros tempos. Para ele Lucy andava

ainda pelos dezessete. Bateu-lhe na mão novamente e disse: — Vamos ter uma boa palestra.

— Será divertido — afirmou Lucy com uma polidez sarcástica.

De seu posto de observação Walter contemplava a cena. O general fora um homem bonito, em tempos passados. Espartilhado, o seu corpo alto ainda conservava a postura militar. E ele sorria, galante oficial da guarda; confiava o bigode branco. Volvido um momento, já se transformava no velho titio brincalhão, protetor e confidencial. Sorrindo levemente, Lucy fitava nele os

olhos de um cinzento-pálido, com um ar de divertimento, desprendido e impiedoso... Walter a estudava. Nem mesmo era bonita. Então por que, por quê? Ele queria razões, queria uma justificativa. Por quê? A pergunta se repetia com insistência. Não havia resposta. Ele simplesmente tinha se apaixonado por ela loucamente, a primeira vez que lhe pusera os olhos.

Voltando a cabeça, Lucy deu pela presença dele. Acenou-lhe e chamou-o pelo nome. Walter fingiu-se admirado e encantado pelo encontro.

— Espero que não tenhas esquecido

o nosso compromisso — disse.

— Mas quando é que esqueço? Salvo às vezes, de propósito... — precisou ela com uma risadinha. Voltou-se para o general. — Walter e eu vamos ver o seu enteado esta noite — anunciou, com o tom de voz e com o sorriso que a gente emprega quando fala às pessoas a respeito dos que lhes são caros. Mas entre Spandrell e o padrasto havia uma desavença que a jovem bem sabia mortal. Lucy tinha herdado da mãe todo o seu amor às indiscrições sociais propositadas, e a isso misturava um toque de desprendida curiosidade

científica, que lhe vinha do pai. Gostava de fazer experiências, não com rãs e cobaias, mas com seres humanos. Podem-se obter efeitos inesperados com as pessoas; pô-las em situações curiosas e esperar para ver o que acontece depois. Era o método de Darwin e Pasteur.

O que aconteceu dessa vez foi que o rosto do general Knoyle ficou extremamente vermelho.

— Há muito que não o vejo — respondeu com dureza.

“Bom”, disse ela para si mesma, “o homem está reagindo.”

E, em voz alta:

— Mas Spandrell é tão bom
companheiro!

O general ficou mais vermelho ainda e franziu a sobancelha. Quanto havia feito por aquele rapaz! E como ele tinha se mostrado ingrato, de que maneira abominável se tinha portado sempre! Era despedido de todos os empregos que o general lhe arranjava. Um pródigo, um ocioso; beberrão e boêmio. Fazia a mãe infeliz, vivia do que lhe podia extorquir, desonrava o nome da família. E a insolência do sujeito, as coisas que ele tivera o topete de dizer a

última vez que encontrara o padraсто, por ocasião da cena habitual! Era lá possível o general Knoyle se esquecer de que lhe tinha chamado “velho impotente e trapalhão”?

— E tão inteligente! — continuou Lucy. Com um sorriso interior ela relembrou o resumo que Spandrell fazia da carreira do padraсто. “Reformado compulsoriamente em Harrow”, começava o resumo, “saído de Sandhurst no rabo da lista, teve uma carreira distinguida no Exército, atingindo durante a guerra um alto posto no Military Intelligence Department.” A

maneira como Spandrell desenrolava aquela notícia necrológica antecipada era realmente magnífica. Era o próprio *Times* que se fazia audível. E depois as suas observações sobre a Inteligência Militar em geral! “Se procurarmos a palavra inteligência na nova edição da *Enciclopédia Britânica*”, dizia o rapaz, achá-la-emos classificada sob três rubricas, a saber: Inteligência Humana; Inteligência Animal; Inteligência Militar. Meu padraсто é um espécime consumado da Inteligência Militar.

— Tão inteligente... — repetia Lucy.

— Há quem pense assim, eu sei —

tornou o general Knoyle com muita aspereza. — Mas pessoalmente...

Pigarreou com violência. Aquela era a sua opinião pessoal.

Um instante mais tarde, ainda rígido, ainda colericamente digno, afastou-se de Lucy e Walter. Sentia que a rapariga o ofendera. Nem mesmo a sua juventude, nem mesmo aqueles ombros nus compensavam para ele as referências laudatórias a Maurice Spandrell. Aquele moleque insolente! Sua existência era constante motivo de ressentimento do general para com a esposa. Uma mulher não tinha direito de ter um filho como

aquele, não tinha direito. A pobre mrs. Knoyle havia expiado muitas vezes diante do marido as faltas do filho. Ela estava presente, podia ser punida, era fraca demais para resistir. E o general, exasperado, punia na mãe os pecados do filho.

Lucy lançou um olhar rápido para o vulto que se afastava e voltou-se em seguida para Walter.

— Não posso correr o risco de ver reproduzir-se de novo uma coisa como esta... O caso em si já seria bastante desagradável, mesmo que ele não cheirasse tão mal. Vamos?

Walter não desejava nada melhor.

— Mas... e sua mãe, e os deveres sociais? — perguntou.

Lucy deu de ombros.

— No fim das contas mamãe pode cuidar sozinha da sua jaula de ursos...

— Eis a palavra: jaula de ursos — disse Walter, sentindo-se subitamente cheio de esperança. — Vamos sair furtivamente para algum lugar onde haja sossego.

— Meu pobre Walter! — Os olhos dela estavam cheios de zombaria. — Nunca vi ninguém que tenha como você essa mania de sossego. Mas acontece

que eu *não quero* sossego.

A esperança do rapaz se evaporou, deixando uma pequena amargura débil, uma cólera impotente.

— Por que não ficar em casa, então?
— perguntou, numa tentativa de sarcasmo. — Isto aqui não está suficientemente barulhento?

— Ah! mas este não é o barulho de que gosto — explicou ela.

— Não há nada que eu odeie mais do que o barulho de pessoas eminentes, respeitáveis e cultas como as criaturas que aqui estão. — Balançou a mão num gesto que abrangia toda a sala. As

palavras evocavam em Walter a lembrança de noites horrendas passadas com Lucy na companhia de gente pouco educada, de má reputação, ainda por cima embriagada. Os convivas de lady Edward eram já bastante maus. Mas os outros eram seguramente piores. Como ela os podia tolerar?

Lucy pareceu adivinhar os pensamentos do companheiro. Sorrindo, segurou-lhe o braço num gesto tranquilizador.

— Ânimo! — fez ela. — Desta vez não vou te levar para más companhias. Lá teremos Spandrell...

— Spandrell... — repetiu Walter, fazendo uma careta.

— E se Spandrell não é bastante distinto para você, acharemos provavelmente Mark Rampion e a esposa, se não chegarmos tarde demais.

Ao ouvir o nome do pintor e escritor, Walter fez um gesto de aprovação.

— Não, não ponho objeção a escutar a barulheira do Rampion — disse. E, a seguir, fazendo um esforço para vencer a timidez que sempre o emudecia quando chegava o momento de dar expressão aos seus sentimentos: — Mas eu

preferia antes — acrescentou jovialmente, como para temperar a afoiteza de suas palavras —, eu preferia antes escutar em particular o ruído que você faz.

Lucy sorriu, mas não disse nada. Walter fugiu do olhar dela, com uma espécie de terror. Aqueles olhos o consideravam de forma calma, fria, como se já tivessem visto tudo e já não se interessassem muito. Eram apenas levemente irônicos, muito leve e friamente irônicos.

— Está bem — disse ele —, partamos.

O tom de sua voz era resignado e infeliz.

— Vamos sair na surdina — propôs Lucy. — Sejam furtivos. Será ruim se nos surpreendem e nos fazem ficar...

Mas não conseguiram escapar inteiramente despercebidos. Já se aproximavam da porta quando se ouviu atrás deles um sussurro e um som de passos apressados. Uma voz pronunciou o nome de Lucy. Ambos se voltaram e viram mrs. Knoyle, a esposa do general. Ela pousou uma das mãos no braço de Lucy.

— Acabo de saber que você vai ver

Maurice esta noite — disse, sem contudo explicar que o general lhe contara aquilo unicamente porque queria desafogar a ira dizendo algo de desagradável a alguém que lhe não pudesse retribuir a grosseria. — Você daria um recado meu? — Inclinou-se para a frente, implorativa. — Daria? — Havia qualquer coisa de pateticamente jovem e desamparado naquele modo de falar, qualquer coisa muito moça e suave naquelas feições de mulher madura. Diante de Lucy, que podia ser sua filha, ela implorava como se se dirigisse a uma pessoa mais velha e mais forte. —

Por favor!

— Mas claro que sim — respondeu Lucy.

Mrs. Knoyle sorriu cheia de gratidão.

— Diga a ele que eu irei vê-lo amanhã à tarde.

— Amanhã à tarde.

— Entre quatro e quatro e meia. E não conte isso a ninguém mais... — acrescentou, após um momento de hesitação embaraçosa.

— Está visto que não contarei.

— Eu fico tão agradecida... — disse mrs. Knoyle. E, numa repentina

impulsividade tímida, inclinou-se para a frente e beijou Lucy Tantamount. — Boa noite, minha querida.

E desapareceu no meio da multidão.

— Poderia dizer — comentou Lucy, quando atravessava o vestíbulo em companhia de Walter — que ela estava marcando um encontro com o amante, e não com o filho...

Dois lacaios lhes abriram a porta, obsequiosamente automáticos. Ao fechá-la, um piscou o olho para o outro, significativamente.

Pelo espaço de um instante as duas máquinas se revelaram sob o aspecto

perturbador de seres humanos.

Walter deu o endereço do Sbisa's Restaurant ao condutor e penetrou nas trevas fechadas do táxi. Lucy já tinha se instalado em seu canto.

Enquanto isso, na sala de jantar, Molly d'Exergillod ainda falava. Sentia-se orgulhosa de sua palestra. A conversação era um dom de família. Sua mãe tinha sido uma das célebres Misses Geoghegans de Dublin. O pai era aquele juiz Brabant, tão conhecido pela sua conversa à mesa e por suas frases áticas no tribunal. Além do mais ela havia feito um casamento de

conveniência. D'Exergillod fora discípulo de Robert de Montesquiou e merecera a distinção de ser mencionado em *Sodoma e Gomorra*, de Marcel Proust. Molly teria de forçosamente ser conversadora pelo casamento, se já não o fosse de nascença. A natureza e o meio tinham conspirado para fazer dela uma atleta profissional da língua. Como todos os profissionais conscientes, ela não se contentava em ter apenas talento. Era industriosa, trabalhava assiduamente para desenvolver o dom natural. Amigos maliciosos diziam que Molly era ouvida a estudar os seus paradoxos na cama, de

manhã, antes de se levantar. Ela própria não negava que tinha diários nos quais anotava, com a história complexa de seus próprios sentimentos e sensações, todas as figuras de retórica, todas as anedotas e todos os ditos espirituosos que lhe tinham caído em graça. Refrescaria ela a memória passando os olhos por aquelas notas cada vez que se vestia para ir a um jantar? Os mesmos amigos que a tinham ouvido a cultivar paradoxos na cama também a tinham descoberto, como estudante em véspera de exame, decorando laboriosamente os epigramas de Jean Cocteau sobre arte;

as histórias de contar à sobremesa, de mr. Birrell; as anedotas de W. B. Yeats a respeito de George Moore e o que Charlie Chaplin tinha dito a ela e dela por ocasião de sua última viagem a Hollywood. Como todos os conversadores profissionais, Molly era muito econômica com o seu espírito e com a sua sabedoria. Não existem *bons mots* em quantidade suficiente para prover um conversador industrioso de um novo sortimento a cada ocasião mundana. Se bem que extenso, o repertório de Molly era, como o de outros conversadores mais célebres,

limitado. Como boa dona de casa ela sabia utilizar as migalhas sobradas da palestra do jantar da noite anterior para prover o lanche da manhã. Os assados do funeral de segunda-feira serviam para as bodas de terça.

Para Dennis Burlap, Molly estava servindo a conversa que já tinha sido servida e apreciada no *lunch party* de lady Benger, pelos convidados do *weekend* em Goble; por Tommy Fitton, que era um de seus jovens galãs; por Vladimir Pavloff, que era outro; pelo embaixador americano e pelo barão Benito Cohen. A conversa girava em

torno do tópico favorito de Molly.

— Sabe o que Jean disse de mim?

— perguntava ela (Jean era o marido).

— Sabes? — repetiu com insistência, porque tinha o curioso hábito de exigir respostas a perguntas meramente retóricas. Inclinou-se para Burlap, oferecendo os seus olhos negros, os seus dentes, o seu decote.

Burlap respondeu devidamente que não sabia.

— Pois ele disse que eu não era inteiramente humana. Que eu parecia mais um espírito dos elementos do que uma mulher. Uma espécie de fada. Acha

que é um elogio ou um insulto?

— Isso depende do gosto de cada um — disse Burlap, dando ao próprio rosto um ar malicioso e sutil, como se tivesse dito uma coisa um tanto ousada, cheia de espírito e ao mesmo tempo profunda.

— Mas eu nem mesmo acho que isso seja verdade — prosseguiu Molly. — Não tenho em absoluto a impressão de ser um espírito dos elementos ou uma fada. Sempre me considerei como uma filha da natureza, perfeitamente simples e franca. Uma espécie de camponesa, mesmo. — Neste ponto da representação

de Molly todos os outros ouvintes tinham rompido num coro de protestos cheios de risadas. O barão Benito Cohen declarara com veemência que ela era “uma das *imperrattrizess romanass* da natureza”.

A reação de Burlap foi inesperadamente diversa da dos outros. Balançou a cabeça, sorriu com uma espécie de expressão longínqua e extravagante.

— Sim — disse —, acho que é verdade. Uma filha da natureza, *malgré tout*. Você usa disfarces, mas a criatura sincera e simples se mostra por meio

desses disfarces.

Molly ficou deliciada com o que julgava ser o mais alto elogio que Burlap lhe podia fazer. Tinha ficado igualmente deliciada com as negações dos outros quanto à sua qualidade de campônia. Aquelas negações e protestos eram também o melhor elogio. A intenção lisonjeira, o interesse pela sua personalidade eram o que importava. Pouco a preocupavam as opiniões reais de seus admiradores.

Burlap, no entanto, estava desenvolvendo a antítese de Rousseau entre o homem e o cidadão. Molly

cortou-lhe bruscamente a palavra e trouxe a conversação de volta para o tema original.

— Seres humanos e fadas: eis uma classificação muito boa, não acha? — Inclinou-se para a frente, oferecendo o seu rosto e o seu seio, numa intimidade. — Não acha? — insistiu ela, repetindo a pergunta retórica.

— Talvez. — Burlap aborrecera-se por ter sido interrompido.

— O ser humano vulgar, sim, admitamo-lo, o que é demasiadamente humano, de um lado. E o espírito dos elementos do outro. Um, todo entravado,

envolvido num sem-número de coisas sentimentais — eu sou terrivelmente sentimental, diga-se de passagem. (“Mais ou menos tão sentimental como as *serreis na Odisseia*” — segundo o comentário clássico do barão Benito.) O outro, o elemento da natureza, absolutamente livre e desligado das coisas, como um gato; um gato que vai e vem, que vai tão alegremente como veio; encantador, mas nunca encantado; fazendo os outros sentir, mas nunca realmente sentindo ele próprio. Ah! Eu lhes invejo essa liberdade aérea!

— Podias do mesmo modo invejar

um balão — disse Burlap gravemente. O redator do *Mundo Literário* sempre tomava o partido do coração.

— Mas eles se divertem tanto...

— Eles não têm sentimento suficiente para poderem se divertir. Pelo menos é o que me quer parecer...

— Para poderem se divertir têm..

— precisou ela —, mas talvez não tenham sentimento suficiente para serem felizes. E, na certa, não o têm também bastante para serem infelizes. Eis a razão pela qual são tão invejáveis. Sobretudo quando inteligentes. Veja Philip Quarles, por exemplo. Eis um

homem-fada, se é que existem homens assim. — Molly se lançou na sua descrição clássica de Philip. “Zoólogo da ficção”, “elfo instruído”, “Puck científico” — eram algumas de suas frases. Mas a melhor delas lhe tinha fugido da memória. Desesperadamente Molly pôs-se a dar-lhe caça; mas a frase zombava das suas tentativas. Aquele retrato à maneira de Teofrasto teve de vir à luz despojado, dessa vez, do seu efeito mais brilhante, e um tanto desfigurado, do todo, pela consciência que Molly tinha da particularidade esquecida e pelos esforços

desesperados que ela fazia para reparar a falta, enquanto despejava o discurso.

— Ao passo que a mulher — concluiu ela, sentindo dolorosamente que Burlap não tinha sorrido tantas vezes como devia — é absolutamente o oposto de uma fada. Nem elfo, nem instruída, nem particularmente inteligente. — Molly sorria com um ar um pouco superior. — Um homem como Philip deve achá-la às vezes um tanto insuficiente... e isto é o menos que se pode dizer. — O sorriso persistia, transformado agora em sorriso de quem está satisfeito consigo mesmo. Philip

tinha tido um fraco por ela; e continuava a ter ainda. Escrevia cartas tão divertidas, quase tão divertidas como as dela. (*“Quand je veux briller dans le monde”* — Molly gostava de repetir os elogios do marido — *“je cite des phrases de tes lettres”*.) — Pobre Elinor! Às vezes ela é um pouquinho cacete — continuou Molly. — Mas notem bem, fora isso é uma criatura extremamente encantadora. Conheço-a desde quando éramos meninas. Encantadora, mas não se parece em absoluto com uma Hipatia. — Elinor era tola demais para compreender que

Philip teria de se sentir fatalmente atraído para uma mulher que tivesse a mesma estatura mental que ele, uma mulher a quem ele pudesse falar em pé de igualdade. Tola demais para perceber, quando os reunira, o quanto ele tinha ficado impressionado. Tola demais para ser ciumenta. Molly sentira a ausência de ciúme, da parte da mulher de Philip, como uma espécie de insulto. Não que ela tivesse dado motivo real para ciúmes. Não dormia com os maridos das outras; apenas palestrava com eles. No entanto, palestrava muito, quanto a isto não havia dúvida. E certas

esposas tinham se mostrado ciumentas. As maneiras cheias de confiança ingênua de Elinor a tinham picado a ponto de fazer que ela se mostrasse mais gentil que de ordinário para com Philip. Mas o escritor se ausentara para fazer uma viagem ao redor do mundo, e isso antes que a camaradagem deles pudesse se desenvolver. A palestra — antecipava Molly — seria agradavelmente renovada quando ele voltasse. “Pobre Elinor!”, pensou ela com piedade. Seus sentimentos podiam ter sido um pouco menos cristãos se ela soubesse que a pobre Elinor tinha percebido a

expressão de admiração nos olhos do marido, ainda antes que Molly desse por ela, e que, percebendo-a, se pusera a representar conscientemente o papel de dragomano e de intermediário. Não que tivesse muita esperança ou temor de que Molly lograsse operar o milagre transformador. Ninguém se apaixona com desespero por um alto-falante, por mais bonito, por mais rijamente carnudo (porque os gostos de Philip eram um tanto fora de moda) e por mais convidativamente calipígio que seja... A única esperança de Elinor era que as paixões despertadas por essas

qualidades de beleza e de carnosidade seriam tão inadequadamente satisfeitas pela conversação (porque, de acordo com os boatos, a conversação era tudo quanto Molly concedia...) que o pobre Philip ficaria reduzido a um estado de raiva e desespero muito propício ao trabalho literário.

— Mas está claro — continuou Molly — que a inteligência nunca deve se casar com a inteligência. Eis por que Jean está sempre me ameaçando com o divórcio. Diz que sou por demais estimulante. *Tu ne m'ennuies pas assez*, [7] diz ele; e o de que ele necessita é *une*

femme sédative.^[8] E eu julgo que meu marido realmente tem razão. Philip Quarles foi sábio. Imagine-se um homem-fada inteligente como Philip casado com uma mulher igualmente inteligente do mesmo reino, Lucy Tantamount, por exemplo. Seria um desastre, não acham?

— Mas Lucy não seria um desastre para qualquer homem, fada ou não?

— Não, devo confessar que gosto de Lucy — Molly voltou-se para o seu armazém interior de frases teofrásticas. — Gosto da maneira como ela passa pela vida: flutua em vez de rastejar.

Gosto do modo como ela volita de flor em flor, o que é talvez uma descrição demasiadamente botânica e poética de Bentley, Jim Conklin, desse pobre Reggie Tantamount, de Maurice Spandrell, de Tom Trivet, de Poniatovsky, daquele jovem francês que escreve peças de teatro — como é mesmo que ele se chama? — e de vários outros de quem a gente se esqueceu ou de quem nunca ouviu falar.

Burlap sorriu; todos sorriam neste ponto. Molly continuou: — Seja como for, ela volita... Causando grandes estragos nas flores, devo admitir... Mas

não tirando para si mesma nada mais além do prazer. Confesso que a invejo um pouco. Eu quisera ser uma fada e poder flutuar...

— Mais razão tem ela de invejar a ti — observou Burlap, outra vez com um ar profundo, sutil e cristão, meneando a cabeça.

— Invejar-me por eu ser infeliz?

— Quem é infeliz? — perguntou lady Edward, irrompendo no meio do grupo naquele instante. — Boa noite, mr. Burlap — continuou ela sem esperar resposta. Burlap lhe disse o quanto tinha apreciado a música.

— Estávamos justamente falando de Lucy — disse Molly d'Exergillod, interrompendo-o. — Estávamos de acordo em que ela é como uma fada. Tão leve e tão livre...

— Uma fada! — repetiu lady Edward. — Ela é como um *leprechaun*. O senhor não imagina, mr. Burlap, como é difícil educar um *leprechaun*. — lady Edward balançou a cabeça. — Houve momentos em que a pequena chegava a me dar verdadeiros sustos.

— Sim? — perguntou Molly. — Mas quer me parecer que a senhora também tem alguma coisa de fada, lady Edward.

— Um bocadinho — concordou lady Edward. — Mas não a ponto de ser um *leprechaun*.

*

— Então? — disse Lucy, quando Walter se sentou ao lado dela no táxi. Parecia estar lhe lançando uma espécie de desafio. — Então?

O carro arrancou. Walter tomou a mão dela e levou-a aos lábios. Era a resposta ao desafio.

— Eu te amo. Eis tudo.

— Você me ama, Walter?

Lucy voltou-se para o rapaz e, tomando o rosto dele entre ambas as mãos, encarou-o intensamente na

semiobscuridade. E repetiu: — Você me ama? — E, enquanto falava, balançava a cabeça lenta-mente e sorria. Depois, inclinando-se para a frente, beijou-o na boca. Walter enlaçou-a com os braços; mas Lucy se livrou do abraço. — Não, não — protestava ela, afastando-se para o seu canto. — Não.

Walter obedeceu e deixou-a. Houve um silêncio. O perfume de Lucy era de gardênia; doce e tropical, o símbolo perfumado daquela mulher o envolvia.

“Eu devia ter insistido”, pensava Walter. Brutalmente. Devia tê-la beijado muito e muito. Devia tê-la obrigado a

me amar. Por que não o fiz? Por quê? Não sabia tampouco por que ela lhe tinha dado aquele beijo, se não fora justamente para o provocar, para fazer que ele a desejasse com mais violência, para torná-lo ainda mais irremediavelmente seu escravo. Por que, sabendo disto, ele ainda a amava? “Por quê? Por quê?”, continuava a repetir mentalmente. E, como um eco sonoro de seus pensamentos, a voz dela subitamente se fez ouvir.

— Por que você me ama? — perguntou Lucy de seu canto.

Walter abriu os olhos. Passavam

naquele instante por um combustor da rua. Pela janela do veículo em movimento a luz do foco caiu sobre o rosto de Lucy, o qual se recortou por um momento, branco contra a escuridão, volvendo depois à invisibilidade — máscara pálida que já tinha visto tudo e que trazia uma expressão de indiferença irônica, um langor duro, um pouco cansado.

— Eu estava justamente a perguntar isso a mim mesmo — respondeu Walter. — E também achando que seria melhor não te amar...

— Eu podia dizer o mesmo, você

sabe. Você não é lá muito especialmente divertido quando se porta assim...

“Como são enfadonhos”, refletia ela, “os homens que imaginam que ninguém nunca amou antes de os ver!” Apesar de tudo gostava de Walter. Ele era atraente. Não, “atraente” não era o termo exato. Atraente, como um amante possível, eis justamente o que ele não era. “Convidativo” era palavra que convinha melhor. Um amante convidativo. Não era precisamente o seu gênero. Mas Lucy gostava de Walter. Havia nele algo que agradava muito. Além do mais, o rapaz era inteligente, sabia ser um

companheiro agradável. Por mais aborrecível que fosse, aquela sua doença de amor o tornava pelo menos muito fiel. Isto, para Lucy, era importante. Ela temia a solidão e necessitava ter os seus “*cavaliers servants*” constantemente a seu lado para atendê-la. Walter a servia com a fidelidade de um cão. Mas por que motivo tinha ele algumas vezes a aparência de um cão chicoteado? Era abjeto. Que imbecil! Lucy se sentiu subitamente enfadada diante da abjeção dele.

— Bem, Walter — disse ela,

trocista, pousando a sua mão na do rapaz —, por que não me fala?

Walter não respondeu.

— Bico calado, hein? — Seus dedos esfregaram numa carícia elétrica o dorso da mão dele e se lhe fecharam em torno do pulso. — Onde está o seu pulso? — tornou a perguntar ao cabo de um momento. — Não o sinto em parte alguma. — Lucy tateava a pele macia à procura das pulsações da artéria. Walter sentia a carícia da ponta daqueles dedos, leves e palpitantes, um pouco frios, contra o seu pulso. — Acho que você nem tem pulso... Creio que o seu

sangue está estagnado. — O tom da voz dela era desdenhoso. “Que tolo!”, pensava Lucy. “Que desprezível bobalhão!” — Completamente estagnado — repetiu. E subitamente, com uma malícia repentina, cravou-lhe na carne as unhas pontudas e afiadas a lima. Walter soltou um grito de surpresa e de dor. — Você merece isto — disse a moça. E riu-lhe na cara.

Walter segurou-a pelos ombros e começou a beijá-la selvagememente. A cólera tinha exacerbado seu desejo: seus beijos eram uma vingança. Lucy fechou os olhos e se abandonou facilmente, sem

resistência. Sentiu brotar-lhe na epiderme toda, em pequenas antecipações de gozo, um formigamento bom que era como o adejar de mariposas tomadas de pânico. E de súbito dedos pontudos pareceram dedilhar, em pizicato, as cordas de seus nervos. Walter sentiu todo o corpo dela estremecer involuntariamente em seus braços, estremecer como se tivesse sido subitamente ferido. Beijando-a, ele ficou a pensar se Lucy esperava ou não que ele reagisse daquela maneira à sua provocação. Com ambas as mãos tomou-lhe do pescoço frágil. Seus polegares

tocavam-lhe a traqueia. Walter fez uma pressão suave.

— Um dia — disse por entre os dentes cerrados — eu hei de te estrangular.

Lucy limitou-se a rir. Walter inclinou-se e beijou-lhe a boca que ria. O contato dos lábios do rapaz contra os seus produziu nela uma sensação fina, aguda, quase uma dor que trespassasse insuportavelmente. As mariposas agitadas esvoaçaram por sobre o seu corpo todo. Lucy não esperava de Walter aqueles ardores tão brutais e selvagens. Estava agradavelmente

surpreendida.

O táxi chegou a Soho Square; diminuiu a marcha, parou. Tinham chegado. Walter deixou cair as mãos e afastou-se de Lucy.

A moça abriu os olhos e olhou para ele.

— Então? — perguntou, no segundo desafio daquela noite. Houve um momento de silêncio.

— Lucy — disse ele —, vamos para alguma outra parte... Não aqui, para este lugar horrível. Outra parte em que possamos ficar a sós. — Sua voz tremia, seus olhos imploravam. A brutalidade

tinha desaparecido de seu desejo; ele se tornava outra vez abjeto, como um cão. — Vamos dizer ao chofer que continue — suplicou.

Lucy sorriu e balançou a cabeça. Por que implorava ele daquela maneira? Por que era tão abjeto? Imbecil, cão chicoteado!

— Por favor, *por favor!* — implorava ele.

Mas devia ter ordenado. Devia simplesmente ter ordenado ao chofer que continuasse, devia ter tomado Lucy de novo nos braços.

— Impossível — disse ela descendo

do táxi. Se o rapaz se portava como um cão escorraçado, como tal devia ser tratado.

Walter a seguiu, submisso e infeliz.

Sbisa em pessoa recebeu-os à porta. Curvou-se, agitou as gordas mãos brancas e o seu sorriso expansivo gerou uma sucessão de ondas na carne de suas enormes bochechas. Quando Lucy chegava, o consumo de champanhe tendia a aumentar. Era uma cliente distinta.

— Mr. Spandrell está aqui? — perguntou ela. — E o casal Rampion?

— Ooh! Si, si... — repetia o velho

Sbisa com uma insistência napolitana, quase oriental. Subentendia-se que não somente aquelas pessoas estavam lá, mas também, se estivesse dentro de suas forças, Sbisa teria fornecido até dois exemplares de cada uma delas, só para servir a freguesa. — *E a signora? Molto bene, spero... Temos lagosta questa noite, ma que lagosta!*

Falando sempre, conduziu-os ao interior do restaurante.

Capítulo VIII — O QUE EU LAMENTO — disse Mark Rampion — é a mansidão horrível e doentia do nosso mundo.

Mary Rampion riu gostosamente, com um riso que lhe vinha do fundo dos pulmões. Era uma risada que a gente não podia ouvir sem desejar rir também.

— Você não diria isto — comentou ela — se fosse a sua mulher em vez de ser você mesmo. O mundo é manso? Eu poderia contar alguma coisa a respeito da mansidão...

É certo que não havia nada de particularmente manso na aparência de Mark Rampion. Seu perfil era incisivo: tinha um nariz adunco, feroz como um instrumento cortante, e um queixo pontudo. Os olhos eram azuis e penetrantes e os cabelos muito finos, cujo ouro puxava um pouco para o vermelho, esvoaçavam ao mais leve movimento, ao menor sopro, como línguas de chama que o vento agita.

— Ora, você também não é exatamente um cordeiro — disse Rampion. — Mas duas pessoas não são um mundo. Eu estava falando a respeito

do mundo, e não a nosso respeito. O mundo é dócil, afirmo. Como um desses horrendos gatos castrados.

— Acha a guerra mansa também? — perguntou Spandrell, falando do fundo da semiobscuridade que se estendia além dos limites do pequeno mundo de luz rosada em que ficava a mesa do casal. Estava ele sentado, jogado para trás, equilibrando a cadeira nos pés traseiros e apoiando o espaldar à parede.

— Mesmo a guerra — disse Rampion. — Foi uma calamidade domesticada. A gente não ia lutar porque

tivesse o sangue fervendo. Ia porque tinha ordem de ir; ia porque era bom cidadão. “O homem é um animal de combate”, como gosta de dizer o seu padraсто em seus discursos. E eu o censuro por ser um animal doméstico.

— E que vai ficando dia a dia mais doméstico — acrescentou Mary Rampion, que compartilhava as opiniões do marido — ou, para falar com mais exatidão, compartilhava a maior parte de seus sentimentos e, consciente ou inconscientemente, tomava-lhe emprestada uma opinião quando queria exprimi-los. — São as fábricas, é o

cristianismo, é a ciência, é a respeitabilidade, é a nossa educação — explicou ela. — Tudo isso pesa sobre a alma moderna; isso lhe suga toda a vida; isso...

— Oh, pelo amor de Deus, cale a boca! — disse Rampion.

— Mas não é o que você diz?

— O que digo é o que *eu* digo. Fica muito diferente quando é você que diz.

A expressão irritada que aparecera no rosto de Mary Rampion se dissipou. Pôs-se a rir.

— Ah! Ora, o raciocínio nunca foi o meu forte — disse ela bem-humorada.

— Mas você podia se mostrar um pouco mais polido em público.

— Não posso suportar os tolos com boa cara.

— Pois, se não tomar cuidado, terá de suportar uma tola que te dará uma lição — ameaçou a mulher, sorridente.

— Se você está com vontade de jogar um prato nele — disse Spandrell, alcançando-lhe um enquanto falava —, que eu não sirva de obstáculo...

Mary agradeceu-lhe.

— Havia de te fazer bem — disse.

— Ele anda tão presunçoso!

— E não te faria mal — replicou

Rampion — se eu em paga te desse uma bofetada.

— Experimenta, então. Aceito o desafio com uma mão amarrada às costas.

Todos romperam a rir.

— Aposto meu dinheiro em Mary — disse Spandrell, que tornou a empinar a cadeira para trás. Sorrindo com um prazer que ele teria achado difícil explicar, olhava de um para a outra — do homenzinho magro e feroz para a mulherança dourada. Cada um deles, separadamente, era ótimo; mas juntos, como uma dupla, eram ainda melhor.

Sem o perceber, Spandrell tinha subitamente começado a se sentir feliz.

— Qualquer dia destes vamos ter uma boa explicação — disse Rampion, pousando sua mão por um momento na da mulher. Era uma mão fina, sensível e expressiva. “Uma mão de aristocrata, se é que existiu alguma vez mão de aristocrata”, pensou Spandrell. E a dela, redonda, forte e honesta, era a mão de uma camponesa. E no entanto era Rampion que tinha nascido camponês e ela aristocrata. O que provava simplesmente que os genealogistas podem dizer tolices...

— Dez *rounds* — continuou Rampion. — Nada de luvas. — Voltou-se para Spandrell.

— Você devia se casar — disse.

A felicidade de Spandrell desvaneceu-se de súbito. Foi como se ele tivesse voltado a si por efeito de uma sacudidela brusca. Quase sentiu raiva de si mesmo. Que ganhava ele em ficar ali a fazer considerações sentimentais em torno de um casal feliz?

— Não sei boxear — respondeu; e Rampion vislumbrou amargura na alegria dele, uma espécie de endurecimento interior.

— Não, falando sério — insistiu ele, tentando decifrar a expressão do rosto do outro. Mas a cabeça de Spandrell estava na sombra, e a luz da lâmpada interposta entre ambos o ofuscava.

— Sim, falando sério — fez Mary, como um eco. — Devia. O casamento faria de você outro homem.

Spandrell emitiu uma risada breve e bufada e, deixando sua cadeira cair sobre as quatro pernas, inclinou-se para a frente sobre a mesa. Empurrou para um lado a xícara de café, o seu copo de licor cheio pela metade, fincou os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

Seu rosto entrou na zona de luz rosada. “Como uma gárgula”, pensou Mary, “uma gárgula num *boudoir* róseo.” Havia uma em Notre Dame, exatamente naquela atitude, inclinada para a frente, com sua face de demônio entre as garras. Mas a gárgula era um demônio cômico, tão extravagantemente diabólico que não se podia levar a sério a qualidade de diabo. Spandrell era um ser real, e não uma caricatura; eis por que o seu rosto parecia tão mais sinistro e trágico. Uma face emaciada. As maçãs e os maxilares se revelavam numa linha dura sob a pele estirada. Os olhos

cinzentos estavam profundamente cavados nas órbitas. Naquela máscara cadavérica, só a boca era carnuda, uma boca larga, com lábios que se salientavam fortemente na pele, como dois vergões espessos.

— Quando ele sorri — dissera certa vez de Spandrell Lucy Tanta-mount —, dir-se-ia tratar-se de uma operação de apendicite com comissuras irônicas.

A cicatriz vermelha era sensual, mas ao mesmo tempo firme, e exprimia determinação; do mesmo modo o queixo. Havia rugas em torno dos olhos e nos cantos dos lábios. O grosso cabelo

castanho tinha começado a se retirar da testa.

“Quem olha para ele dá-lhe cinquenta anos”, estava pensando Mary Rampion. “E no entanto, que idade terá?” — Pôs-se a fazer cálculos e concluiu que Spandrell não podia ter mais de trinta e dois ou trinta e três. Justamente a idade apropriada para sentar o juízo.

— Um outro homem — repetiu ela.

— Mas eu não tenho grande desejo de tornar-me outro homem.

Mark Rampion balançou a cabeça.

— Sim, eis o seu mal, Spandrell.

Você tem prazer em ficar cozinhando no seu próprio molho corrupto e repulsivo. Não quer que te curem. Você se deleita com o seu estado malsão. Talvez mesmo tenha orgulho dele.

— O casamento seria a cura — insistiu Mary, propagandista entusiástica e infatigável do sacramento ao qual devia toda a sua vida e toda a sua felicidade.

— A menos, naturalmente, que ele venha a ser a desgraça da mulher — disse Rampion. — Spandrell poderia contaminá-la com a sua própria gangrena.

Spandrell jogou a cabeça para trás e riu profundamente, mas, como era seu costume, de uma maneira quase inaudível em uma explosão muda.

— Admirável! — exclamou ele. — Admirável! O primeiro argumento verdadeiramente bom que eu tenho ouvido em favor do matrimônio. Quase chega a me convencer, Rampion. Eu nunca realmente levei a coisa até o casamento...

— Levou o quê? — perguntou Rampion franzindo ligeiramente as sobrancelhas. Não gostava daquela maneira cínica de falar e um tanto

melodramática. E como o outro parecia deliciado com as suas próprias perversidades! Qual uma criança estúpida, em suma.

— O processo de infecção. Sempre parei do lado de cá do registro civil. Mas hei de passar os umbrais na próxima vez. — Bebeu um pouco mais de brandy. — Sou como Sócrates — continuou. — Fui eleito pelos deuses para corromper a juventude, mais particularmente a juventude feminina. Tenho por missão educá-la e levá-la para o caminho que ela não deveria tomar. — Atirou a cabeça para trás e

soltou aquela risada afônica muito sua. Rampion olhava para ele com desgosto. Como Spandrell era teatral! Dir-se-ia que exagerava o seu papel, a fim de se poder convencer da sua própria presença.

— Mas se ao menos você soubesse o que o casamento pode significar... — interveio Mary com seriedade. — Se ao menos você soubesse...

— Mas, minha querida, ele naturalmente sabe — interrompeu-a Rampion com impaciência.

— Faz agora mais de quinze anos que estamos casados — prosseguiu

Mary. O espírito missionário, nela, era forte. — E eu te asseguro...

— Se fosse você, não gastaria o meu latim...

Mary olhou inquiridoramente para o marido. Em tudo que dizia respeito às relações humanas, tinha uma confiança absoluta no julgamento de Rampion. Através daqueles labirintos ele achava o seu caminho com um tato seguro que ela só podia invejar, mas não imitar. ” Ele fareja a alma das pessoas”, Mary costumava dizer do companheiro. Quanto a ela, tinha pouco faro para as almas. Eis por que, prudentemente, se

deixava guiar pelo marido. Observou-o. Rampion olhava fixamente para dentro de sua xícara de café. Sua testa estava franzida em rugas de descontentamento. Era evidente que tinha falado a sério.

— Pois muito bem! — disse Mary, acendendo outro cigarro.

Spandrell olhou de um para a outra, com um ar quase triunfante.

— Eu uso uma técnica uniforme com as jovens — disse ele, no mesmo tom cínico.

Mary fechou os olhos e pensou no tempo em que ela e Rampion eram jovens.

Capítulo IX

— QUE BORRÃO! — disse a jovem Mary, assim que o grupo chegou à crista do morro e lançou o olhar para o vale, lá embaixo. Stanton-in-Teesdale jazia aos pés deles, negro com os seus telhados de ardósia, as suas chaminés cheias de fuligem e a sua fumaça. As charnecas se erguiam e estendiam além da cidade, desnudas, a perder de vista. O sol brilhava, as nuvens arrastavam sombras enormes atrás de si. — A nossa pobre paisagem! Devia ser proibida. Realmente devia ser proibida.

— Toda paisagem agrada, só o

homem é vil — disse o seu irmão George, fazendo uma citação.

O outro jovem tinha o espírito mais prático: — Se pudéssemos colocar uma bateria aqui — sugeriu ele — e mandar uma centena de tiros lá para baixo...

— Seria ótimo — disse Mary enfaticamente. — Seria mesmo ótimo.

A aprovação da moça encheu o jovem militar de felicidade. Estava perdidamente apaixonado.

— Obuses pesados — acrescentou, tentando melhorar o seu próprio alvitre.

Mas George o interrompeu: — Que diabo é aquilo?

Os outros se voltaram para o lado que ele indicava. Um desconhecido subia o morro na direção deles.

— Não tenho a menor ideia — disse Mary, olhando para o vulto apontado.

O homem se aproximava. Era um jovem de pouco mais de vinte anos, nariz em gancho, olhos azuis e uma pálida cabeleira de seda que flutuava ao vento, pois ele não trazia chapéu. Vestia uma jaqueta Norfolk, mal cortada e feita de fazenda barata, e umas calças grandes de flanela cinzenta. Gravata vermelha. Andava sem bengala.

— Dá a impressão de que quer falar

com a gente... — disse George.

E de fato o jovem vinha direto no sentido deles. Caminhava com rapidez e com um ar de resolução, como se trouxesse uma missão muito importante.

“Que cara extraordinária!”, pensou Mary, enquanto o estranho se aproximava. “Mas que aparência doentia! Tão magro, tão pálido...” Mas os olhos dele a impediam de sentir compaixão. Eram brilhantes de energia.

O desconhecido parou na frente do grupo, empertigando o corpo magro mui rigidamente, como se estivesse em uma parada. Havia um ar de desafio na sua

atitude, uma expressão de desafio ardente no seu rosto. Encarou o grupo fixamente com seus olhos fulgurantes, examinando-os um por um.

— Boa tarde! — disse. Fazia um esforço enorme para falar. Mas falar era preciso, justamente por causa do ar insolente de interrogação que havia naquelas caras inexpressivas de ricos.

Mary respondeu pelos outros: — Boa tarde!

— Invadi a propriedade sem licença — disse o desconhecido. — Isto os perturba? — O ardor de seu desafio se acentuou. Olhou para os três

sombriamente. Os dois jovens o examinavam do outro lado das grades, de longe, do alto da superioridade de sua casta. Tinham notado a roupa do recém-chegado. Em seus olhos havia hostilidade e desdém. Havia também uma espécie de temor. — Sou um intruso — repetiu ele. Sua voz era um tanto aguda, mas musical. Tinha o sotaque da gente do campo.

“É um dos futricas do lugar”, estava pensando George.

“Um intruso.” Teria sido muito mais fácil, muito mais agradável passar de largo, esquivo, sem que dessem por ele.

Fora essa a razão por que quisera enfrentá-los.

Houve um silêncio. O militar voltou as costas. Desinteressava-se de todo por aquele caso desagradável. No fim das contas, nada tinha que ver com o desconhecido. O parque pertencia ao pai de Mary. Ele era apenas um hóspede. Pôs-se a cantarolar: “Aprendi o meu refrão: sempre alegre e folgazão”, e ficou a contemplar a cidade negra que se estendia no vale.

Foi George quem quebrou o silêncio.

— Se isso nos perturba? — disse

ele, repetindo as palavras do estranho. Seu rosto estava muito vermelho.

“Que ar ridículo ele tem”, pensou Mary, olhando para o invasor. “Parece um novilho, um novilho que cora.”

— Se nos perturba? — Maldito sujeitinho pretensioso e insolente! George ataçava a sua virtuosa indignação. — Pois eu acho que nos incomoda, e muito! Vou pedir-lhe o favor de...

Mary rompeu a rir.

— Qual! Isso não nos incomoda absolutamente! Nem um pouquinho.

O rosto do irmão ficou ainda mais

vermelho.

— O que você quer dizer com isso, Mary? — perguntou com fúria. (“Sempre alegre e folgazão”, cantarolava o militar, mais astralmente alheio à cena do que nunca.) — É uma propriedade privada, esta.

— Mas não nos incomoda nem um bocadinho — insistiu Mary.

— Nem um bocadinho quando as pessoas têm a franqueza de nos vir comunicar, como o senhor. — Sorriu para ele; mas a face do jovem desconhecido ficou tão orgulhosamente séria como antes. Olhando bem dentro

daqueles olhos cintilantes, a moça também de repente ficou séria. Não havia brincadeira naquilo tudo, percebeu ela imediatamente, não havia. Princípios importantes estavam em jogo, princípios da mais alta gravidade. Mas Mary não sabia por que eram graves nem de que modo eram importantes. Apenas sentia, obscura e profundamente, que não havia motivo para riso.

— Passe bem! — disse ela com voz alterada; e estendeu a mão.

O estranho hesitou um segundo, depois tomou a mão da jovem na sua.

— Até a vista! — disse também. —

Vou sair do parque o mais depressa possível.

E, fazendo meia-volta, afastou-se com um passo rápido.

— Mas você... que diabo! — principiou George, voltando-se irado para a irmã.

— Oh, cale a boca! — respondeu ela com impaciência.

— Apertando a mão desse sujeito... — continuou George a protestar.

— Um tanto plebeu, não achou? — fez o amigo militar.

A moça olhou de um para o outro sem falar e se afastou. Que estúpidos!

Os dois jovens a seguiram.

— Meu Deus, quando será que Mary vai aprender a portar-se convenientemente? — exclamou George, ainda encolerizado.

O jovem militar emitia sons deprecativos. Estava apaixonado por Mary; mas tinha de concordar em que ela era às vezes um tanto sem linha. Era o seu único defeito.

— Apertando a mão daquele pobretão! — prosseguiu George, resmungando.

Aquele fora o primeiro encontro de Mary e Mark Rampion. Tinha ela então

vinte e dois anos e Mark Rampion era um ano mais moço. Havia terminado o seu segundo ano na Universidade de Sheffield e voltara a Stanton para as férias de verão. Sua mãe morava numa casinhola que ficava em um correr de residências iguais, perto da estação. Tinha uma pequena pensão — o marido fora carteiro — e fazia alguns xelins extras com costuras. Mark fora contemplado com uma bolsa de estudos. Seus irmãos mais moços e menos talentosos já estavam trabalhando.

— Um jovem muito notável — insistiu o reitor mais de uma vez durante

a sua rápida exposição da carreira de Mark Rampion, alguns dias mais tarde.

Foi por ocasião de uma festa de igreja, com *garden-party* de caridade no reitorado. Algumas crianças da escola dominical tinham representado uma pequena peça ao ar livre. O dramaturgo era Mark Rampion.

— Absolutamente sem auxílio — afirmara o diretor à gente de sociedade ali reunida. — E, além do mais, o rapaz sabe desenhar. Os seus desenhos são talvez um pouco excêntricos, um pouco... o... — hesitou.

— Fantásticos — sugeriu a sua filha,

sorrindo do alto de sua burguesia, orgulhosa de sua falta de compreensão.

— Mas cheios de talento — continuou o reitor — um verdadeiro cisne do Tees — ajuntou, com um risinho de vaidade pessoal, um risinho quase de culpa. Tinha um fraco pelas alusões literárias. A gente de sociedade sorriu com superficialidade.

O prodígio foi apresentado. Mary reconheceu nele o invasor.

— Eu já o vi antes — disse ela.

— Invadindo o seu mirante.

— Ele está ao seu dispor. — Estas palavras fizeram Rampion sorrir, um

sorriso um pouco irônico, segundo pareceu à moça. Mary corou, temerosa de haver dito algo que pudesse ter um ar protetor. — Mas suponho que o senhor continuará a invadi-la, seja bem recebido ou não — acrescentou com uma risadinha nervosa.

Mark não disse palavra, mas balançou a cabeça afirmativamente, sorrindo ainda.

O pai de Mary veio apresentar felicitações. Seus elogios caíram, esmagadores, sobre a delicada pecinha como o tropel de um bando de elefantes. Mary retorcia-se, aflita. Tudo aquilo

soava falso, irremediavelmente falso. Ela o sentia. Mas o pior, bem o compreendia, era que nem ela mesma podia ter dito nada melhor. Mark tinha sempre o mesmo sorriso irônico nos lábios. “Como ele deve estar achando todos nós imbecis!”, dizia consigo. Depois chegou a vez de sua mãe. “Formidável” foi substituído por “um amor”. A emenda não prestava: era irremediavelmente fora de propósito.

Quando mrs. Felpham o convidou para o chá, Rampion quis recusar o convite, mas sem se mostrar rude ou ofensivo. Afinal de contas as intenções

daquela pobre mulher eram excelentes. Acontecia apenas que ela era um pouco ridícula. Era o mecenas de saias da aldeia, e para proteger a arte ia até a ponto de oferecer duas xícaras de chá e uma fatia de *plumcake*. O papel era cômico. Enquanto Rampion hesitava, Mary se associou ao convite.

— Peço-lhe que venha — insistiu ela. E seus olhos, o seu sorriso exprimiam uma espécie de contrição divertida e também um pedido de desculpa. Via o absurdo da situação. “Mas que é que eu posso fazer?”, parecia ela dizer. “Absolutamente nada.

Exceto pedir desculpa...”

— Terei muito prazer em ir — disse Mark, voltando-se para mrs. Felpham.

O dia combinado chegou. Com a gravata tão vermelha como sempre, Rampion se apresentou. Os homens estavam fora, pescando; o visitante foi recebido por Mary e pela mãe. Mrs. Felpham aproveitou a ocasião para tentar mostrar-se à altura. O Shakespeare da aldeia, naturalmente, devia interessar-se pelo drama.

— Não gosta das peças de Barrie? Sou louca por elas.

Continuou a falar nesse tom.

Rampion não fez comentários. Somente mais tarde, quando mrs. Felpham o abandonou, como a um “osso duro de roer”, e encarregou Mary de lhe mostrar o jardim, foi que Rampion descerrou os lábios.

— Temo que sua mãe tenha me achado muito mal-educado — disse ele, enquanto ambos caminhavam ao longo das lisas aleias ladrilhadas, entre as roseiras.

— Oh! Está claro que não — protestou Mary com uma cordialidade excessiva.

Rampion pôs-se a rir.

— Obrigado. Mas naturalmente ela achou. Porque eu *fui* mesmo descortês. Fui descortês para não ser mais descortês ainda. Era melhor ficar calado do que dizer o que penso a respeito de Barrie.

— Não *gosta* das peças dele?

— Se gosto? Eu? — Mark Rampion deteve-se e olhou para a interlocutora. O sangue subiu às faces de Mary; que teria ela dito? — Pode-se fazer esta pergunta aqui. — E fez um gesto que mostrava as flores, o tanque com o repuxo, o terraço alto com as pimentas-das-paredes e as aubriécias que saíam de entre as pedras,

a casa cinzenta e austera, de estilo georgiano, ao fundo. — Mas venha comigo a Stanton e faça-me lá a mesma pergunta. Lá caímos na realidade dura sem uma boa almofada de ar entre nós e os fatos. E preciso que a gente tenha pelo menos umas cinco libras por semana, garantidas, para começar a apreciar Barrie. Quando nos achamos sentados sobre os fatos nus, Barrie é um insulto.

Houve um silêncio. Caminharam abaixo e acima entre as rosas — aquelas rosas que Mary devia renegar, parecia-lhe, flores pelas quais devia pedir

desculpas. Mas a negação e as desculpas seriam uma ofensa. Um perdigueiro, novo ainda mas já enorme, aproximou-se deles saltando, brincando desajeitadamente. Mary gritou-lhe o nome; o animal ergueu-se sobre as patas traseiras e pousou nela as dianteiras.

— Eu acho que gosto mais de animais do que de gente — disse Mary enquanto se defendia das festas pesadas do cão.

— Bem, pelo menos eles são sinceros, não vivem sobre almofadas de ar como a classe de gente com quem a senhora trata — disse Rampion, fazendo

ressaltar a obscura relação que havia entre a observação dela e o que ele tinha dito antes. Mary ficou abismada e deliciada com essa compreensão tão rápida.

— Eu gostaria de conhecer melhor as pessoas do seu meio — afirmou ela —, gente sincera, gente que não usa almofadas de ar.

— Sim, mas não pense que eu lhe vá servir de cicerone — respondeu ele com ironia. — Não somos um jardim zoológico, olhe lá; não somos indígenas que usam costumes esquisitos, ou coisa que o valha. Se quer ver os bairros

proletários, dirija-se ao reitor.

Mary corou fortemente.

— O senhor bem sabe que não era isso que eu queria dizer...

— Tem certeza de que não era? Quando se é rico, é difícil pensar de outro modo. Uma pessoa como a senhora não pode absolutamente ter uma ideia do que é *não ser rico*. É o caso do peixe. Como pode um peixe imaginar como é a vida fora d'água?

— Mas não poderemos descobrir, se tentarmos?

— Há um abismo enorme.

— Pode ser atravessado.

— Sim, suponho que possa. — Mas o tom de sua voz era de dúvida.

Ambos andaram a conversar por entre as rosas alguns minutos mais; depois Rampion olhou o relógio e disse que era hora de partir.

— Mas há de voltar, não?

— Haveria alguma utilidade na minha volta? Isto se parece um pouco com uma visita interplanetária, não acha?

— Pois eu não tive essa impressão — respondeu ela. — E acrescentou, depois de curta pausa: — Suponho que o senhor acha todos nós muito tolos, não é

mesmo? — Encarou o rapaz. Mark tinha arqueado as sobrancelhas, estava a ponto de protestar. Mary não queria permitir que ele fosse simplesmente polido. — Porque, no fundo, nós somos tolos. Terrivelmente tolos. — Riu, com certa melancolia. Nas pessoas de sua própria classe a tolice era antes uma virtude do que um defeito. Ser inteligente demais era arriscar-se a não ser *gentleman*. A inteligência não era uma coisa absolutamente segura. Rampion tinha levado Mary a indagar se não existiam coisas melhores do que a segurança social que tem sua origem no

fato de ser *gentleman*. Na presença dele a moça não sentia nenhum orgulho de ser tola.

Rampion sorria para ela. Gostava da sua franqueza. Havia algo de sincero naquela moça. Mary não era corrompida — pelo menos ainda não o estava.

— A senhora está me parecendo um *agent provocateur* — gracejou ele —, que tenta me levar a dizer coisas descorteses e subversivas com relação aos meus superiores sociais. Mas, na verdade, minhas opiniões não têm absolutamente nada de descorteses. As pessoas do seu meio não são mais

néscias do que as outras. Não são mais néscias por natureza. Mas são vítimas do seu estilo de vida. Ele as envolveu numa crosta e lhes pôs uma venda nos olhos. Por natureza uma tartaruga não pode ser mais néscia do que uma ave. Mas devemos reconhecer que o seu estilo de vida não estimula precisamente a inteligência.

Mary e Mark se encontraram várias vezes no decorrer daquele verão. Em geral passeavam juntos pelas charnecas.

“Ela parece uma força da natureza”, pensava Mark olhando para a moça que, de cabeça baixa, investia contra o vento

úmido. Uma grande força física. Que energia, que força e que saúde. Era magnífico. Quanto a ele, Rampion, era um menino delicado, que vivia sempre doente. Admirava as qualidades físicas que pessoalmente não possuía. Mary era uma espécie de Diana guerreira das charnecas. Disse-lhe isto um dia. Ela gostou do elogio.

— *Was fur ein Atavismus!* Era o que dizia sempre de mim a minha velha governanta alemã. Acho que ela tinha razão: eu sou um espécime de *Atavismus*.

Rampion riu.

— Em alemão isso parece absurdo. Mas em si mesmo não é de todo absurdo. Um atavismo — é o que deveríamos ser todos nós. Atavismos, com todo o conforto moderno. Primitivos inteligentes. Grandes animais dotados de alma.

Foi um verão chuvoso e frio. Na manhã do dia fixado para um daqueles passeios Mary recebeu uma carta de Mark: “Prezada miss Felpham”, leu ela; e à vista da letra de Mark sentiu um estranho prazer, “estupidamente apanhei um resfriado. Será que a senhora poderia se mostrar mais condescendente

do que eu, que não tenho palavras para lhe dizer como estou aborrecido e indignado comigo mesmo, e me perdoaria se eu pedir que o passeio seja adiado para daqui a uma semana?”

Na próxima vez em que Mary viu Rampion, o rapaz estava pá-lido e magro; a tosse ainda o atormentava. Quando ela lhe perguntou pela sua saúde, ele a interrompeu, quase colérico:

— Estou perfeitamente bem — disse em tom brusco. E mudou de assunto.

— Estive relendo Blake — continuou depois. E começou a falar a

respeito de *Casamento do céu e do inferno*.

— Blake era civilizado — insistiu —, *civilizado*. A civilização é harmonia e plenitude. A razão, o sentimento, o instinto, a vida do corpo, Blake conseguiu englobar e harmonizar tudo. A barbárie consiste em pender mais para um lado do que para outro. Pode-se ser um bárbaro do intelecto, bem como um bárbaro do corpo. Um bárbaro da alma e dos sentimentos, bem como da sensualidade. O cristianismo nos fez bárbaros da alma, e agora a ciência nos está fazendo bárbaros do intelecto.

Blake foi o último homem civilizado.

Falou dos gregos e daqueles etruscos nus e tostados de sol das pinturas murais dos sepulcros.

— Viu os originais? — perguntou ele. — Palavra que a invejo.

Mary sentiu-se terrivelmente envergonhada. Tinha visto as sepulturas pintadas de Tarquínia; mas como se lembrava pouco dessas coisas! Para ela não tinham passado de velhas e curiosas obras de arte, como todas as outras velhas obras de arte inumeráveis que ela visitara regulamentarmente, em companhia da mãe, por ocasião de sua

viagem à Itália no ano anterior. Em suma, era como se não as tivesse visto. Ao passo que Mark, se tivesse recursos para ir à Itália...

— *Esses* eram civilizados — dizia Rampion —, sabiam viver harmoniosamente, completamente, com todo o seu ser. — Falava com uma espécie de paixão, como se estivesse encolerizado contra o mundo, contra si mesmo, talvez. — Nós somos todos bárbaros — começou ele; mas foi interrompido por um violento acesso de tosse.

Mary esperou que o paroxismo

passasse. Estava inquieta e experimentava ao mesmo tempo uma sensação de embaraço e de vergonha, como a que a gente sente quando se vê diante de um homem que, por descuido, revela uma fraqueza que de ordinário se dá penosamente o trabalho de esconder. Deveria dizer algumas palavras de simpatia sobre a tosse, ou fingir que não a tinha percebido? Rampion resolveu o problema aludindo pessoalmente ao assunto.

— Por falar em barbárie... — disse ele quando o acesso passou. Falava em tom de aborrecimento; seu sorriso era

amargo e traía a cólera. — Já ouviu algo de mais bárbaro do que a tosse? Uma tosse como esta não devia ser permitida numa sociedade civilizada.

Mary ofereceu o reconforto de sua solicitude e bons conselhos. Ele se pôs a rir, impaciente.

— As mesmas palavras de minha mãe! Palavra por palavra. As mulheres são todas as mesmas. Cacarejando como galinhas atrás dos pintinhos...

— Mas pense em como os homens seriam desgraçados se nós não cacarejássemos!

Alguns dias mais tarde, com um

pouco de apreensão, Mark levou Mary para ver sua mãe. As apreensões eram infundadas; Mary e mrs. Rampion não pareceram achar dificuldade em estabelecer contato espiritual. Mrs. Rampion era uma mulher de perto de cinquenta anos, ainda bonita, e que tinha uma expressão fisionômica de calma dignidade e resignação. Sua maneira de falar era vagarosa e tranquila. Só uma vez Mary viu alterar-se-lhe a maneira de ser: foi quando, estando Mark fora do quarto a preparar o chá, ela começou a falar do filho.

— Que pensa dele? — perguntou

mrs. Rampion, inclinando-se para a frente sobre a visitante, com um brilho súbito nos olhos.

— Que é que penso? — Mary riu. — Não sou bastante impertinente para me arvorar em juiz dos meus superiores. Mas está se vendo que o rapaz é alguém, alguém de importância.

Mrs. Rampion balançou a cabeça num gesto de aprovação, sorrindo com prazer.

— Ele é alguém — repetiu ela. — Foi o que eu sempre disse. — Seu rosto se tornou grave. — Se ao menos Mark fosse mais forte! Se ao menos eu tivesse

tido recursos para educá-lo melhor! Ele foi sempre delicado. Devia ter sido educado com um cuidado maior do que o que me foi possível dar. Não, não digo com mais cuidado... Eu lhe dispensei todo o carinho possível. Porém com mais conforto, em condições mais higiênicas. Mas qual! Não tive meios para isso. — Balançou a cabeça. — Eis a história... — Soltou um pequeno suspiro e, inclinando-se para trás em sua cadeira, deixou-se ficar ali sentada em silêncio, os braços cruzados, olhos postos no chão.

Mary não fez comentários; não sabia

o que dizer. Mais uma vez sentiu-se cheia de vergonha, acabrunhadamente cheia de vergonha.

— Que achou de minha mãe? — perguntou-lhe Rampion mais tarde, enquanto a acompanhava até a sua casa.

— Gostei dela. Gostei muito, muito mesmo. Embora ela me tenha feito sentir pequenina, mesquinha, má... Isto também é outra maneira de dizer que eu admirei a sua mãe e que gostei dela por causa dessa admiração.

Rampion fez com a cabeça um gesto de assentimento.

— Ela é de fato admirável.

Corajosa, forte e perseverante. Mas é resignada demais.

— Mas essa me pareceu justamente uma de suas qualidades dignas de admiração!

— Ela não tem o direito de ser resignada — respondeu Mark, franzindo a testa. — Não tem o direito. Quando a gente tem uma vida como a dela não se deve ser resignada. Deve antes ser revoltada. É essa maldita religião. Eu lhe disse que ela era religiosa?

— Não; mas eu adivinhei quando a vi...

— É uma bárbara da alma —

continuou Rampion. — Só pensa na alma e no futuro. Para ela não há presente, nem passado, nem corpo, nem intellecto. Só a alma e o futuro e, por enquanto, a resignação. Haverá coisa mais bárbara do que isso? Ela devia rebelar-se.

— Deixemos que sua mãe fique como é. Será mais feliz assim. O senhor pode se revoltar pelos dois...

Rampion riu.

— Eu me revoltarei por milhões de pessoas.

No fim do verão Rampion voltou para Sheffield e pouco tempo depois os

Felphams foram para o sul, para a sua residência de Londres. Foi Mary quem escreveu a primeira carta. Esperava ter notícias do amigo; mas Mark não escreveu. Não havia nenhuma razão boa para escrever. Mas, ainda que sem razão, Mary esperou uma carta dele; ficou desapontada por não recebê-la. As semanas se passaram. Ao cabo de algum tempo a moça escreveu para lhe perguntar o nome de um livro a respeito do qual ele tinha falado em uma de suas palestras. O pretexto era bem frágil; mas serviu. Mark respondeu, ela agradeceu; ficou assim estabelecida a

correspondência.

Por ocasião do Natal, Rampion foi a Londres; tivera alguns trabalhos aceitos pelos jornais e estava rico como nunca: tinha dez libras para fazer com elas o que quisesse. Não deixou Mary saber de sua presença senão na véspera da partida.

— Mas por que não me disse antes?
— perguntou ela em tom de censura, quando soube que o amigo estava em Londres havia dias.

— Não quis infligir-lhe a minha presença — respondeu ele.

— Mas o senhor sabia que eu ia

ficar contente.

— A senhora tem os seus amigos.

E o sorriso irônico trazia implícito o adjetivo — *ricos*.

— Mas o senhor não é um dos meus amigos? — perguntou ela, fazendo que não percebia o subentendido.

— Agradeço-lhe por dizer isto.

— E eu lhe agradeço por sê-lo — respondeu ela sem afetação nem faceirice.

Mark Rampion ficou comovido com a franqueza da confissão, com a sinceridade e candura do sentimento de Miss Felpham. Sabia, era claro, que ela

gostava dele, que o admirava; mas saber de uma verdade e ouvir dizer essa verdade são coisas diferentes.

— Perdoe-me, então, não haver escrito antes — disse ele; e imediatamente arrependeu-se destas palavras. Porque elas eram hipócritas. A verdadeira razão pela qual se conservara afastado de Mary não fora o medo de ser mal recebido; fora orgulho. Não tinha recursos para sair com a moça; não queria aceitar nada dela.

Passaram a tarde juntos, exageradamente felizes, absurdamente felizes.

— Se ao menos tivesse me avisado... — repetiu ela, quando chegou a hora da separação. — Eu não teria tomado este compromisso aborrecido para a noite.

— Você há de se divertir — afirmou-lhe Mark, voltando àquele tom irônico com o qual fazia todas as suas alusões à vida que Mary levava como membro da classe rica. A expressão de felicidade fugiu do rosto de Rampion, subitamente cheio de desgosto por se ter sentido feliz na companhia dela. Era idiota ter tais sentimentos. Que interesse havia naquela felicidade de dois seres

que se achavam separados por um abismo? — Você há de se divertir — repetiu com mais amargura. — Bom jantar, bons vinhos, gente distinta, conversação espirituosa e, depois, o teatro. Não é uma noite ideal?

Sua voz estava saturada de um desdém selvagem.

Mary fitou os olhos nele: uns olhos cheios de tristeza e de dor. Por que começara ele de súbito a destruir retrospectivamente a tarde que tinham passado juntos?

— Não sei por que fala dessa maneira — disse ela. — Será que você

mesmo sabe?

A pergunta ficou ressoando no cérebro de Rampion ainda muito tempo depois que ambos se separaram.

— Será que você mesmo sabe?

Estava claro que sabia. Mas também sabia da existência de um abismo...

Encontraram-se outra vez em Stanton na semana da Páscoa. No intervalo tinham trocado muitas cartas, e Mary recebera uma proposta de casamento do amigo militar que falara em trazer a artilharia pesada para arrasar Stanton. Com surpresa e uma tal ou qual tristeza dos pais, a moça recusou o pretendente.

— Mas é um ótimo rapaz — insistira a mãe.

— Eu sei. Mas acontece simplesmente que ele não pode ser levado a sério.

— E por que não?

— E, além disso — continuou Mary —, ele na realidade não existe. Não é de uma maneira completa. Não passa de uma massa informe. A gente não pode casar com uma pessoa que não existe. — Pensou na face violentamente viva de Mark Rampion; ela parecia arder, parecia palpitar e irradiar luz. — A gente não pode casar com um fantasma,

mesmo quando esse fantasma é tangível e consistente, sobretudo quando é consistente.

Explodiu numa gargalhada.

— Não sei de que estás falando — tornou mrs. Felpham com dignidade.

— Pois *eu* sei — garantiu Mary. — Eu sei muito bem. E no fim das contas isto é o que importa no caso.

Passeando com Rampion pelas charnecas, Mary lhe contou da proposta do seu sólido, do seu solidíssimo fantasma militar. Mark não fez comentários. Houve um longo silêncio. Mary sentiu-se desapontada e ao mesmo

tempo envergonhada do seu desapontamento.

“Eu acho”, disse ela para si mesma, “acho que estava procurando fazer com que ele me pedisse em casamento.”

Os dias se passaram; Rampion andava silencioso e sombrio. Quando Mary lhe perguntou a razão disso, ele falou com tristeza de seus projetos de futuro. No fim do verão terminaria o curso da universidade; seria tempo de pensar numa carreira. A única que se lhe apresentava de imediato — porque ele não tinha recursos para esperar — era o magistério.

— Ensinar — dizia o rapaz com um horror enfático —, ensinar! Espanta-se por eu me sentir deprimido? — Mas o seu acabrunhamento tinha outras causas além da perspectiva de ter de se consagrar ao ensino. “Será que ela vai rir de mim se eu a pedir?”, perguntava-se interiormente. Parecia-lhe que não. Mas, uma vez que ela não tivesse a intenção de recusar, seria correto de sua parte pedir-lhe? Seria direito fazê-la entrar naquela espécie de vida que teria de ser a de ambos uma vez casados? Talvez até ela tivesse dinheiro seu; e neste caso a honra dele estava em jogo.

— Pode imaginar-me no papel de pedagogo? — perguntou Mark em voz alta.

O pedagogo era o seu bode expiatório.

— Mas por que haverá de ser pedagogo, quando sabe escrever e desenhar? Pode viver do seu talento...

— Mas será que posso? Pelo menos a pedagogia é garantida...

— Por que esse desejo de garantia? — perguntou Mary, quase com desdém.

Rampion pôs-se a rir.

— Você não faria essa pergunta se tivesse de viver de um ordenado

semanal, sujeita a ser despedida com notificação prévia de uma semana. Não há nada como o dinheiro para dar coragem e confiança em nós mesmos.

— Pois então, dentro dessa medida, o dinheiro é um bem. A coragem e a confiança em nós mesmos são virtudes.

Caminharam durante muito tempo em silêncio.

— Bem, bem — disse Rampion por fim, olhando para a companheira —, você é a culpada... — Tentou rir. — A coragem e a confiança em nós mesmos são virtudes; você mesma o diz. Eu apenas estou tentando pôr-me de acordo

com as suas regras morais. Coragem e confiança em nós mesmos! Pois vou lhe dizer que a amo.

Houve outro silêncio longo. Ele esperava; seu coração batia como se tivesse medo.

— Então? — perguntou por fim. Mary voltou-se para ele e, tomando-lhe da mão, levou-a aos lábios.

Antes e depois do casamento Rampion teve muitas ocasiões de admirar aquelas virtudes que a riqueza alimenta. Foi Mary quem fez com que ele abandonasse todos os projetos de ensinar e confiasse exclusivamente no

seu talento para fazer carreira. Ela tinha confiança por ambos.

— Não vou me casar com um mestre-escola — insistia.

E não se casou mesmo. Casou-se com um dramaturgo que nunca tivera uma peça representada, exceto na festa de caridade de Stanton; casou-se com um pintor que nunca vendera um quadro.

— Vamos morrer de fome — profetizava ele. O espectro da fome o perseguia; Rampion o tinha visto demasiadas vezes para poder desdenhá-lo.

— Tolices! — dizia Mary, firme na

certeza de que ninguém morre de inanição. Das pessoas que conhecia nenhuma ainda passara fome. — Tolices!

E venceu, no fim das contas.

O que, acima de tudo, fazia Rampion hesitar em optar por uma carreira aleatória era que somente o podia fazer à custa de Mary.

— Não posso viver à sua custa — dizia ele. — Não posso aceitar o seu dinheiro.

— Mas você não está me privando do meu dinheiro — insistia ela —; trata-se simplesmente de um emprego de

capital. Eu emprego um capital na esperança de obter bom lucro. Você viverá do meu dinheiro por um ano ou dois, e então eu viverei à sua custa o resto de minha vida. É um negócio; é até uma esperteza.

Mark Rampion teve de rir.

— E em qualquer caso — continuou ela —, não viverá por muito tempo à minha custa. Oitocentas libras não duram uma eternidade.

Ele concordou por fim em tomar-lhe emprestadas oitocentas libras à taxa corrente. Fê-lo com relutância, sentindo que de alguma maneira estava traindo a

sua própria gente. Começar a vida com oitocentas libras era fácil demais, era furtar-se às dificuldades, era prevalecer-se de uma vantagem injusta. Se não fosse por certo sentimento de responsabilidade que tinha para com o seu próprio talento, Rampion teria recusado aquele dinheiro e teria se lançado temerariamente, cabeça baixa e bolsos vazios, na carreira literária, ou teria enveredado pelo caminho seguro da pedagogia. Quando por fim consentiu em aceitar o dinheiro, fê-lo com a condição de que nunca aceitaria nada dos parentes da mulher. Mary

concordou.

— Não que eles estejam lá muito ansiosos por me dar alguma coisa... — acrescentou ela com uma risada.

Tinha razão. O horror do pai diante do mau casamento foi tão profundo quanto ela esperava. Mary, no que dependesse dele, não corria o menor perigo de ficar rica.

Casaram-se em agosto e imediatamente partiram para o estrangeiro. Tomaram o trem até Dijon e dali seguiram a pé para sudoeste, rumo à Itália. Rampion nunca tinha saído da Inglaterra. O que havia de estranho na

França era para ele o símbolo da vida nova que acabava de iniciar, da nova liberdade que tinha adquirido. E a própria Mary não era menos simbolicamente nova do que o país que ambos atravessavam. Ela não tinha somente aquela confiança em si mesma, mas também era senhora de uma audácia que, aos olhos de Rampion, parecia absolutamente estranha e extraordinária. Incidentes mínimos causaram-lhe impressão. Aquela ocasião, por exemplo, em que ela deixou o par de sapatos esquecido na fazenda em que tinham passado a noite. Só muito de

tarde é que deu pela falta. Rampion sugeriu que voltassem para buscar os sapatos. Mary não quis lhe dar ouvidos.

— Estão perdidos — disse. — Não vale a pena incomodar-se. Que os sapatos enterrem os sapatos — acrescentou ela, parodiando Longfellow.

Mark ficou muito zangado com a mulher.

— Lembre-se de que você não é mais rica — insistiu. — Os nossos recursos não permitem que joguemos fora um bom par de sapatos. Não poderemos comprar um novo antes de voltarmos para casa.

— Eu sei, eu sei — respondeu ela impacientemente. — Hei de aprender a caminhar de pés descalços.

E aprendeu mesmo.

— Nasci para ser vagabunda — declarou ela uma noite em que dormiam sobre feno, num celeiro. — Não posso te dizer da felicidade que sinto em não ser “gente fina”. É o *Atavismus* que se revela. Você se atormenta demais, Mark. Olhai os lírios do campo...

— E no entanto — meditava Rampion —, Jesus era um pobre. Em sua família o pão e o calçado do amanhã deviam importar muito e muito. Como

podia ele então falar do futuro como um milionário?

— Porque Jesus era um dos duques criados pela natureza — respondeu ela. — Eis o porquê. Ele nasceu com o título; detentor de um direito divino, como um rei. Os milionários que fazem a sua própria fortuna estão sempre pensando em dinheiro; vivem terrivelmente preocupados com o amanhã. Jesus tinha o sentimento verdadeiramente ducal de jamais decair da sua condição. Não tinha nada desses fabricantes de sabão nem desses financistas que se fazem nobres. Era um

aristocrata autêntico. E, além disso, era artista, era um gênio. Tinha preocupações mais importantes do que o pão, do que o calçado e do que o amanhã.

Mary ficou silenciosa por um momento, depois acrescentou: — E, além do mais, Jesus não era “fino”. Não cuidava das aparências. Elas têm a sua recompensa. Mas quanto a mim pouco se me dá que tenhamos ou não o aspecto de espantalhos.

— Você se paga com uma porção de elogios — disse Rampion. Mas meditou sobre as palavras da esposa e sobre a

sua maneira de viver espontânea, natural e imperturbável. E invejou-lhe o *Atavismus*.

Não era apenas da vagabundagem que Mary gostava. Não se divertiu menos com a vida mais prosaica e sedentária que eles levaram depois, quando voltaram para a Inglaterra.

“Maria Antonieta no Trianon”, assim lhe chamou Rampion quando a viu trabalhar na cozinha; e Mary fazia aquele trabalho com um entusiasmo tão infantil!

— Pensa bem — avisara ele antes do casamento. — Vamos ser pobres.

Verdadeiramente pobres; não pobres com mil libras por ano como os teus amigos pobres. Não haverá criados. Será preciso que vás para a cozinha, que remendes a roupa, que cuides da casa.

Mary limitou-se a rir.

— Pois quem há de achar isso desagradável serás *tu* — respondeu ela. — Pelo menos enquanto eu não aprender a cozinhar...

Mary nem sequer sabia fritar um ovo quando se casou com Mark Rampion.

Coisa bastante estranha, aquele entusiasmo infantil, à maneira de Maria Antonieta para fazer as coisas — para

cozinhar em um fogão de verdade, usando uma verdadeira máquina de varrer tapetes, uma máquina de costura autêntica —, sobreviveu aos primeiros meses de novidade e excitação. Mary continuou a divertir-se.

— Eu nunca poderia voltar a ser uma perfeita dama de sociedade — costumava ela dizer. — Isso havia de me matar de aborrecimento. Deus lá sabe como pode ser cacete e exasperante dirigir uma casa, fazer os trabalhos domésticos, cuidar dos filhos. Mas viver completamente sem contato com os fatos ordinários da existência, viver num

planeta distante do mundo quotidiano, da realidade física, é muito pior.

Rampion era da mesma opinião. Opunha-se a transformar a arte e o pensamento em desculpas para viver uma vida de abstração. Nos intervalos entre seus trabalhos de pintor e escritor, ele ajudava Mary no trabalho doméstico.

— Não se pode esperar que brotem flores em um vácuo bem limpinho. — Era este o seu argumento. — Elas precisam de húmus e terra e esterco. Assim é a arte.

Para Rampion havia também uma espécie de obrigação moral de viver a

vida dos pobres. Mesmo quando ele já estava tendo um rendimento perfeitamente razoável, o casal mantinha apenas uma criada e continuava a fazer sozinho grande parte do trabalho doméstico. Era para ele um caso de *noblesse oblige* — ou antes de *roture oblige*. Viver como rico, em uma confortável abstração dos cuidados materiais, seria, sentia ele, uma espécie de traição à sua classe, à sua própria gente. Se se deixasse ficar sentado na sua cadeira e pagasse criados para fazer o serviço, estaria de alguma maneira insultando a memória de sua mãe,

estaria a dizer-lhe postumamente que ele, Mark Rampion, era fino demais para levar a vida que ela levara.

Havia ocasiões em que Mark odiava aquela obrigação moral, porque sentia que ela o estava compelindo a fazer coisas tolas e ridículas; e, odiando-a, tentava revoltar-se contra ela. Como ficara absurdamente escandalizado, por exemplo, diante do hábito que Mary tinha de ficar na cama de manhã! Quando ela sentia preguiça, não se levantava e acabou-se. A primeira vez que isso aconteceu, Rampion ficou verdadeiramente angustiado.

— Mas você não pode ficar na cama toda a manhã — protestara ele.

— Por que não?

— Por que não? Porque *não pode*.

— Mas eu *posso* — disse Mary calmamente. — Posso e fico.

Achou aquilo chocante. Sem motivo, como percebeu ele mesmo ao tentar analisar os próprios sentimentos. Mas, apesar de tudo, ficou escandalizado. Ficou escandalizado porque ele sempre se levantara cedo, porque toda a sua gente tinha sido obrigada a deixar sempre a cama cedo. Ficou escandalizado porque não se devia ficar

na cama enquanto os outros estavam de pé trabalhando. Levantar tarde era, de certo modo, uma afronta. E, no entanto, o fato de uma pessoa levantar cedo sem necessidade não auxiliava em nada as outras que levantavam cedo por obrigação. Levantar quando nada nos obriga a isso é simplesmente um tributo de respeito, como descobrir-se em uma igreja. E ao mesmo tempo é um sacrifício propiciatório para apaziguar a própria consciência.

“Não se devia pensar assim”, refletia Mark Rampion. “Imagine-se um grego com esses sentimentos!”

Era inimaginável. E, no entanto, o fato permanecia inalterado; por mais que ele desaprovasse aquele sentimento, a verdade era que o sentimento continuava a existir nele.

“Mary é mais sã do que eu”, pensava Mark. E lembrou-se deste verso de Walter Whitman sobre os animais: “Eles não padecem nem se lamentam por causa de sua condição. Não passam as noites em claro, chorando os seus pecados”. Mary era assim; era bom ser assim. Ser um perfeito animal e ao mesmo tempo uma criatura humana perfeita, eis o ideal... Apesar de tudo, Mark ficava

escandalizado quando Mary não se levantava de manhã. Procurava não ficar, mas ficava. Rebelando-se, permanecia algumas vezes na cama também, até meio-dia, por princípio. Era seu dever não ser um bárbaro da consciência. Mas foi preciso muito tempo para que ele pudesse gozar verdadeiramente da sua preguiça.

Os hábitos de dorminhoca não eram a única coisa que o atormentava em Mary. Durante aqueles primeiros meses do casamento ele foi muitas vezes chocado, secretamente e contra seus próprios princípios, pela esposa. Mary

cedo aprendeu a reconhecer os sinais da desaprovação inexprimida do companheiro e adotou como regra, cada vez que percebia que o tinha escandalizado, escandalizá-lo ainda mais profundamente. Esse sistema, pensava ela, só lhe poderia fazer bem.

— Você é um velho puritano ridículo — disse uma vez ao marido.

O gracejo o aborreceu, porque ele sabia que era bem fundado. Até certo ponto de berço, e ainda mais por educação, Mark era meio puritano. Morrera-lhe o pai quando ele era ainda criança; Mark fora educado

exclusivamente por uma mãe virtuosa e religiosa que fizera o possível para abolir nele todos os componentes instintivos e físicos de seu ser, para que o filho lhes negasse a existência. Crescendo, o rapaz tinha se revoltado contra os ensinamentos maternos, mas somente em espírito e não na prática. O conceito da vida contra o qual se rebelara era uma parte integrante de seu próprio eu; ele estava em guerra contra si mesmo. Teoricamente Mark aprovava a tolerância larga e aristocrática de Mary para com um gênero de comportamento que, segundo lhe

ensinara a mãe, era horivelmente pecaminoso; admirava a maneira franca como ela gozava a comida, o vinho, os beijos, a dança, o canto, as feiras, o teatro, os prazeres de toda espécie. E, no entanto, sempre que Mary, nos primeiros tempos do casamento, começava a falar naquela sua maneira calma e terra a terra de coisas de que ele só tinha ouvido falar longinquamente e de uma maneira deprecatória, sob o nome de fornicção e adultério, Mark se sentia chocado; não em sua razão (porque a sua razão, após refletir um instante, aprovava Mary), mas numa

camada mais profunda de seu ser. E essa mesma parte de seu eu sofria obscuramente por causa daquela grande e irrestrita capacidade que a mulher revelava para o prazer e para o divertimento, por causa da sua risada fácil, do seu excelente apetite, da sua sensualidade franca. Rampion levou muito tempo para desaprender o puritanismo de sua meninice. Houve momentos em que o seu amor à mãe quase se transformou em ódio.

— Ela não tinha direito de me educar daquela maneira — dizia ele. — Era como um jardineiro japonês que

propositalmente detém o crescimento de uma árvore. Ela não tinha o direito!

E entretanto sentia-se feliz por não ter nascido um selvagem nobre, como Mary. Sentia-se alegre por terem-no as circunstâncias obrigado a aprender penosamente a sua nobre selvageria. Mais tarde, vários anos depois do casamento, quando já tinham ambos atingido o grau de intimidade recíproco impossível nos primeiros meses de novidades, de choques e surpresas, Rampion pôde falar a Mary a respeito daquelas questões.

— A vida vem facilmente demais

para você — tentou ele explicar-lhe. — Você vive pelo instinto. Você sabe o que é preciso fazer de uma maneira perfeitamente natural, assim como um inseto quando sai do casulo. É simples demais, simples demais. — Balançou a cabeça. — Você não conquistou a sua sabedoria; nunca compreendeu as outras maneiras de viver, as alternativas.

— Em outras palavras — disse Mary —, sou uma imbecil.

— Não, uma mulher.

— O que é uma maneira polida de dizer a mesma coisa. Mas eu gostaria de saber — continuou ela com uma

ausência de conexão que era apenas aparente — onde estaria você hoje sem mim.

Prosseguia de etapa em etapa, numa argumentação coerente sob o ponto de vista emotivo.

— Eu estaria onde estou e a fazer exatamente o que estou fazendo agora. — Estava claro que Mark não falava sério. Porque sabia, melhor do que ninguém, o quanto devia à companheira, o quanto tinha aprendido de seu exemplo e de seus preceitos. Mas divertia-se com aborrecê-la.

— Você bem sabe que isso não é

verdade.

Mary estava indignada.

— É verdade, sim.

— É mentira. E para provar — acrescentou ela — estou quase decidida a ir embora com as crianças e a te deixar por alguns meses cozinhando no seu próprio molho. Eu quisera só ver como havia de se arranjar sem mim.

— Pois eu me arranjaria perfeitamente bem — garantiu ele com uma calma exasperante.

Mary corou; estava começando a zangar-se deveras.

— Pois muito bem — retrucou ela

—, então eu me vou mesmo. Desta vez vou de verdade.

Já tinha feito antes a mesma ameaça: o casal brigava frequentemente, pois ambos eram de temperamento arrebatado.

— Vai — disse Rampion. — Mas lembre-se de que nessa história de ir, tanto pode ir um como outro. Se você me deixa, eu te deixo.

— Veremos como você se arranja sem mim — continuou ela ameaçadoramente.

— E você?

— Que é que há comigo?

— Você imagina que pode viver melhor sem mim do que eu sem você?

Olharam-se um e outro por algum tempo, em silêncio, e depois, simultaneamente, desataram a rir.

Capítulo X

— UMA TÉCNICA UNIFORME — repetiu Spandrell. — Escolhem-se as infelizes, ou as descontentes, ou as que querem entrar para o teatro, ou as que procuram escrever para as revistas e, como são rejeitadas, passam consequentemente a julgar-se *âmes incomprises*. — Ele generalizava, gabola, o caso da pobre Harriet Watkins. Se tivesse contado, ainda que mal, o seu caso com a rapariga, não teria dado a impressão de uma façanha muito grande. Harriet era uma criaturinha tão sentimental, tão abandonada... Qualquer um a poderia ter

conquistado. Mas generalizada daquela maneira, como se o caso dela fosse apenas um dentre centenas, contada numa linguagem de livro de receitas culinárias — “escolhem-se as infelizes”: era como uma das receitas de mrs. Beeton^[9] — a história, julgava Spandrell, pareceria clinicamente impressionante.

— Principia-se sendo muito, muito bondoso — continuou ele — e muito prudente, e perfeitamente puro: uma espécie de irmão mais velho, em suma. E elas nos acham verdadeiramente admiráveis porque, está claro, nunca

encontraram ninguém que não fosse homem de cidade, com ideias e ambições citadinas. Acham-nos simplesmente admiráveis porque conhecemos todas as coisas de arte, fomos apresentados a todas as celebridades e não pensamos exclusivamente em dinheiro nem com os mesmos termos que emprega o jornal da manhã.

— E elas também nos votam certo temor respeitoso — acrescentou Spandrell, lembrando-se da expressão de admiração assustada que vira no rosto da pequena Harriet. — Somos tão

sem-cerimônia e ao mesmo tempo tão “classe superior”... Tão desembaraçados e tão familiarizados com as grandes obras e os grandes homens... Tão perversos, mas ao mesmo tempo tão extraordinariamente bons... Tão instruídos, tão viajados, tão brilhantemente cosmopolitas e West-End (já ouviram um morador de subúrbio falar do West-End?). Somos bem como aquele cavalheiro condecorado com o Tosão de Ouro que se vê nos anúncios dos cigarros de Rezske. Sim, elas nos temem um pouco, mas ao mesmo tempo nos adoram. Nós as compreendemos tão

bem, conhecemos tanto a vida em geral e as almas delas em particular... E não somos nem um pouquinho amigos do flerte, nem atrevidos como os homens vulgares, nem um pouquinho... Elas sentem que podem confiar em nós absolutamente; e com efeito podem.. nas primeiras semanas. Temos de habituá-las à armadilha; é preciso que elas fiquem de tal maneira mansas e confiantes que não se assustem das palmadinhas inocentes que lhes damos nas costas ao passar, ou dos beijos castos de titio que lhes damos na testa, também ocasionalmente. E enquanto

isso, por meio da lisonja, lhes vamos arrancando as confianças pequeninas; fazemo-las falar de amor, falamo-lhes a respeito de nós mesmos da mesma maneira como se estivéssemos falando de homem para homem, como se elas tivessem a mesma idade que nós e fossem tão tristonhamente desiludidas e tão amargamente sabidas quanto nós mesmos; e elas acham isto terrivelmente chocante (embora não o confessem) mas, ah! — como ficam lisonjeadas, palpitante e formidavelmente lisonjeadas! E passam simplesmente a nos amar por isso. Pois bem: afinal,

quando o momento nos parece maduro, quando elas já se acham integralmente domesticadas e não se assustam mais, pomos em cena o desenlace. Chá no nosso apartamento — nós as habituamos tão completamente a vir com absoluta impunidade à nossa casa... — e elas vão depois jantar fora conosco, de modo que não há pressa. O crepúsculo se acentua, falamos num tom desiludido, mas ainda sentimentais com relação aos mistérios do amor: trazemos coquetéis bem fortes — e continuamos a falar, de maneira que elas nos devorem as palavras, abstratas, sem refletir. E, sentando no soalho a

seus pés, começamos com muita ternura a acariciar-lhes os tornozelos de uma maneira inteiramente platônica, ainda falando sobre a filosofia amorosa, como se em absoluto não tivéssemos consciência do que estamos fazendo. Se elas não se zangam e o coquetel fez o seu trabalho, o resto não será difícil. Assim pelo menos sempre achei eu...

Spandrell encheu o seu cálice de brandy e bebeu...

— Mas é então — prosseguiu —, uma vez que elas se tornam nossas amantes, que começa verdadeiramente a brincadeira. É quando temos de pôr em

ação todos os nossos talentos socráticos. Nós lhes desenvolvemos os pequenos temperamentos, domesticamo-las e inicia-mo-las — sempre de forma sábia, suave, paciente — em todos os excessos da sensualidade. Isso se pode fazer, garanto-lhe; e, quanto mais inocentes forem elas, mais fácil será a tarefa. Essas criaturinhas podem ser trazidas, em perfeita ingenuidade, ao grau mais espantoso da depravação.

— Não tenho dúvidas a esse respeito — disse Mary, indignada. — Mas qual é o proveito disso tudo?

— É um divertimento — tornou

Spandrell com um cinismo teatral. — Faz passar o tempo e dá-nos um pequeno alívio ao tédio.

— E acima de tudo — interveio Mark Rampion, sem erguer os olhos da xícara de café —, acima de tudo, é uma vingança. É uma maneira de nos desforrarmos das mulheres, é uma maneira de puni-las por serem mulheres e por serem tão atraentes, é uma maneira de exprimir o nosso ódio para com elas e para com o que elas representam, é uma maneira de exprimir ódio contra nós mesmos. O seu mal, Spandrell — continuou Mark, levantando de súbito,

acusadoramente, os olhos claros e brilhantes para o rosto do outro —, é que no fundo você odeia a si mesmo. Você odeia a fonte mesma da sua vida, a sua base derradeira porque, não há como negar, o sexo é uma coisa fundamental. E você o odeia, você o odeia.

— Eu?

Era uma acusação inédita. Spandrell estava acostumado a ouvir censuras por causa de seu excessivo amor às mulheres e aos prazeres sensuais.

— Não somente você. Todos estes...

— Com um gesto brusco de cabeça

Rampion indicou os outros convivas. — E todas essas pessoas que se dizem respeitáveis, também. Quase toda a gente. É a doença do homem moderno. Eu lhe chamo “mal de Jesus” por analogia com o mal de Bright. Ou melhor: mal de Jesus e de Newton; porque os cientistas são tão responsáveis quanto os cristãos. Da mesma forma os homens de negócios, pensando bem. É o mal de Jesus, de Newton e de Henry Ford. Os três juntos nos liquidaram completamente. Arrancaram a vida de nossos corpos e nos entulharam de ódio.

Rampion estava impregnado do assunto. Passara o dia todo ocupado com um desenho que o ilustrava simbolicamente. Jesus, com a tanga da manhã da execução, e um cirurgião de avental eram representados a empunhar escalpelos, a um lado e outro de uma mesa de operação na qual, em perspectiva, com as solas dos pés voltadas para o espectador, jazia crucificado um homem meio dissecado. De um talho terrível no ventre se lhe escapavam em novelo as entranhas, que caíam por terra, onde se misturavam com as da mulher acutilada que jazia

sangrando no primeiro plano, e se transformavam a seguir, em uma metamorfose alegórica, em todo um povo de serpentes vivas. No fundo se esfumava uma paisagem de colinas, pontilhada de vultos negros de instalações de minas de carvão e de chaminés. De um lado do desenho, atrás do corpo de Jesus, dois anjos — produto espiritual das mutilações dos vivissectores — estavam tentando erguer-se, com as asas estendidas. Em vão, porque seus pés se achavam presos no emaranhado de serpentes. A despeito de todos os esforços, não podiam deixar

a terra.

— Jesus e os cientistas nos estão vivissectando — continuou Mark Rampion, que pensava no seu desenho —, picando os nossos corpos em pedacinhos.

— Mas, no fim das contas, por que não? — objetou Spandrell. — Talvez eles tenham sido criados para isso mesmo. O fato da nossa vergonha é significativo. Temos espontaneamente vergonha do nosso corpo e de suas atividades. Isso é um sinal da inferioridade absoluta e natural do corpo.

— Besteira absoluta e natural! — disse Rampion, indignado. Para principiar, a vergonha nada tem de espontânea. Podemos fazer uma pessoa ter vergonha de tudo: ter uma vergonha agoniante de usar sapatos amarelos com casaco preto ou de falar com pronúncia defeituosa, ou de ter uma gota pendurada na ponta do nariz. Ter vergonha de tudo sem exceção, inclusive do corpo e de suas funções. Mas essa espécie de vergonha é tão artificial como qualquer outra. Os cristãos a inventaram, assim como os alfaiates de Savile Row inventaram a vergonha de usar sapatos

amarelos com casaco preto. Ela estava muitíssimo pouco divulgada antes da era cristã. Veja os gregos, os etruscos.

Os nomes antigos transportaram Mary para as charnecas de Stanton. Mark era sempre o mesmo. Mais forte agora. Que ar de doente tinha naquele dia! Mary sentira vergonha de ser rica e sã. Acaso o amaria mais naquela época do que agora?

Spandrell erguera uma de suas mãos longas e ossudas.

— Eu sei, eu sei. Nobres, nus e antigos. Mas julgo que eles são uma invenção inteiramente moderna, esses

pagãos de ginástica sueca. Nós os trazemos à baila cada vez que desejamos agastar os cristãos. Mas será mesmo que eles existiram? Tenho as minhas dúvidas.

— Mas veja-se a arte deles — disse Mary por sua vez, pensando nas pinturas de Tarquínia. Ela as tinha tornado a ver em companhia de Mark, e dessa vez as vira realmente.

— Sim, e veja-se também a nossa — retorquiu Spandrell. — Quando a sala de escultura da Royal Academy for desenterrada daqui a milênios, hão de dizer que as londrinas do século xx

usavam folhas de parreira, davam de mamar aos bebês em público e se abraçavam umas às outras completamente nuas nos jardins.

— Pois eu quisera que fosse assim!
— disse Rampion.

— Mas não é. E depois — deixando de parte por um momento essa questão de vergonha —, o que você me diz do ascetismo como condição preliminar da experiência mística?

Rampion bateu as mãos uma de encontro à outra e, inclinando-se para trás na cadeira, ergueu os olhos para o alto.

— Ai, minha madrinha! Então já chegamos a isso, hein? Experiência mística e ascetismo. O ódio que o fornicador nutre pela vida, sob uma nova forma.

— Não, mas falando sério... — começou o outro.

— Sim, falando sério, já leu a *Thais*, de Anatole France?

Spandrell negou com a cabeça.

— Pois leia — aconselhou Rampion. — Leia. É elementar, está claro. Um livro para meninos. Mas ninguém deve crescer sem primeiro ter lido todos os livros para meninos. Pois

leia *Thais*. Depois venha me falar a respeito de ascetismo e de experiências místicas.

— Hei de lê-lo — disse Spandrell.
— Por ora, tudo quanto quero dizer é que há certos estados de consciência conhecidos dos ascetas que são desconhecidos para aqueles que não são ascetas.

— Sem dúvida alguma. E se você trata o seu corpo da maneira como a natureza quis que o tratasse, com igualdade, haverá de atingir estados de consciência desconhecidos para os ascetas vivissectores.

— Mas o estado de consciência dos vivissectores é melhor do que o dos gozadores.

— Em outras palavras, os lunáticos são superiores aos homens sensatos. O que eu nego. O grego saudável e harmonioso tira tudo quanto pode de ambos esses estados. Não é bastante idiota para desejar matar uma parte do seu próprio eu. Conserva o equilíbrio. Não é fácil, naturalmente: é até difícil como o diabo. As forças a reconciliar são intrinsecamente hostis. A alma consciente quer mal às atividades da parte inconsciente, física e instintiva do

ser total. A vida de uma é a morte de outra e vice-versa. Mas o homem são de espírito pelo menos procura guardar o equilíbrio. Os cristãos, que não eram são de espírito, disseram às gentes que elas deviam lançar uma metade de si mesmas na lata do lixo. E agora os cientistas e os homens de negócio vieram para nos dizer que devemos jogar fora a metade que os cristãos nos deixaram. Prefiro ficar vivo, inteiramente vivo. É tempo de fazer uma revolta a favor da vida e da plenitude.

— Mas, de acordo com o seu ponto de vista — disse Spandrell —, parece

que a nossa época não precisa de nenhuma reforma. É a idade áurea da intemperança, do esporte e do amor em público.

— Mas se você soubesse como Mark é puritano, no fundo! — riu Mary Rampion. — Um velho puritano clássico!

— Nada de puritano — disse o marido. — Simplesmente são de espírito. Você é como toda a gente — continuou ele, dirigindo-se a Spandrell. — Você parece imaginar que a lascívia fria, moderna e civilizada é a mesma coisa que aquele saudável, como direi?,

aquele saudável falismo (esta palavra exprime bem a qualidade religiosa do velho modo de existência; já leu os *Acarneanos*?), aquele falismo, pois, dos antigos.

Spandrell gemeu e balançou a cabeça.

— Poupe-nos aos exercícios de ginástica sueca.

— Mas *não* é a mesma coisa — continuou o outro. — É precisamente o cristianismo às avessas. O desdém do asceta pelo corpo exprimido de maneira diferente. Desdém e ódio. Era o que eu estava dizendo há pouco. Vocês odeiam

a vocês mesmos, vocês odeiam a vida. As suas únicas alternativas são a promiscuidade ou o ascetismo, duas formas de morte. Ora, os próprios cristãos compreendiam o falismo muito melhor do que esta geração sem Deus. Como é aquela frase do ritual do casamento? “Com meu corpo vos hei de adorar.” Adorar com o corpo, eis o falismo autêntico. E se imagina que isso tem algo que ver com a promiscuidade civilizada e sem paixão dos nossos jovens mais avançados, está na verdade muitíssimo enganado.

— Oh! estou pronto a admitir o

caráter mortal dos nossos divertimentos civilizados — respondeu Spandrell. — Há um certo cheiro — continuou ele a falar sincopadamente, entre chupadas no charuto meio consumido que estava procurando reacender — de perfume barato... e de imundície rançosa... Eu muitas vezes penso... que a atmosfera do inferno... deve ser composta disso. — Jogou fora o fósforo. — Mas a outra alternativa nada tem de mortal. Não há nada de mortal em Jesus ou São Francisco, por exemplo.

— Em certos pontos — disse Rampion. — Eles estavam mortos em

certos pontos. Muitíssimo vivos em outros, estou absolutamente de acordo. Mas deixaram simplesmente metade da existência fora de jogo. Não, não, isso é que não! Já era tempo de deixarem de falar deles. Estou cansado de Jesus e de são Francisco, terrivelmente cansado deles.

— Pois bem, e os poetas? — perguntou Spandrell. — Não pode dizer que Shelley seja um cadáver!

— Shelley? — exclamou Rampion. — Não me fale de Shelley. — Balançou a cabeça com convicção. — Não, não. Shelley tem qualquer coisa de

verdadeiramente assustador. Não é humano, não é um homem. É um misto de fada e de lesma branca.

— Ora, por favor... — protestou Spandrell.

— Oh! Esquisito, não há dúvida, e tudo mais que você quiser... Mas cheio de um muco viscoso e sem sangue! Nada de sangue, nada de ossos verdadeiros ou de entranhas. Apenas polpa e sumo branco. E depois, aquela mentira tremenda da alma. Aquela maneira que ele tinha sempre de mentir, de fingir, em benefício próprio e em benefício dos outros, que o mundo não era realmente o

mundo, mas sim céu ou inferno. E que dormir com mulheres não era realmente dormir com elas, mas simplesmente dois anjos que se davam as mãos. Ah! Lembre-se de como ele tratava as mulheres; é escandaloso, verdadeiramente escandaloso. As mulheres adoraram isso, está claro, durante algum tempo. Dava-lhes um tal sentimento de espiritualidade... Durava pelo menos até o dia em que lhes vinha a vontade de suicidar-se tão espiritual... E durante toda a vida ele não passou de um jovem colegial que tinha desejos sensuais iguais aos de todos os outros,

mas que se persuadia a si mesmo e aos outros de que ele era Dante e Beatriz feitos um ser único, e muito mais ainda. Tremendo, tremendo! A única desculpa, suponho, é que ele não podia deixar de ser assim. Não nasceu homem; era apenas uma espécie de lesma-fada com os apetites sexuais de um menino de escola. E depois, pensa naquela formidável incapacidade de chamar gato a um gato. Era-lhe preciso sempre fingir que se tratava de um gênio doméstico ou de uma ideia platônica. Você se lembra da ode “A uma cotovia”? “Salve, espírito jucundo! Pássaro jamais foste!”

— Rampion recitava fazendo uma paródia ridícula da “expressão” de um declamador. — Fingindo, apenas fingindo e mentindo a si mesmo como sempre. Ele não podia permitir que a cotovia fosse um simples pássaro, com sangue e penas e um ninho e um apetite de comer lagartas. Oh não! isso não seria bastante poético, seria demasiado grosseiro. A cotovia tinha de ser um espírito desencarnado... Privado de sangue e de ossos. Uma espécie de lesma etérea e volante. Não se podia esperar outra coisa. O próprio Shelley era uma espécie de lesma volante; e, no

fim das contas, ninguém pode verdadeiramente escrever sobre coisa alguma que não seja o próprio eu... Quando somos lesmas, é preciso que escrevamos sobre lesmas, ainda que o nosso assunto pareça ser uma cotovia. Mas, por Deus, eu quisera — acrescentou Rampion, com uma explosão súbita de fúria extravagante —, eu quisera que essa cotovia tivesse tanto espírito como os pardais do livro de Tobias e deixasse cair no olho de Shelley uma cataplasma bem grande! Seria bem-feito para o poeta não andar dizendo que a cotovia não era pássaro.

Espírito jucundo, essa é boa! Espírito
jucundo!

Capítulo XI NA VIZINHANÇA DE
LUCY a vida sempre tendia a
tornar-se excessivamente
pública. “Quantos mais
somos, mais alegres
ficamos” era o seu
princípio; ou pelo menos, se
“mais alegres” não fosse o
termo apropriado, mais
barulhentos, mais
tumultuosamente
perturbadores.

Dentro de cinco minutos a contar de

sua chegada, o canto no qual Spandrell e os Rampions tinham estado sentados toda a noite, na intimidade de uma conversação tranquila, foi invadido e num piscar de olhos devastado por um bando gritalhão e avinhado que surgira do salão particular. Cuthbert Arkwright era o mais ruidoso e o mais embriagado — por princípio e por amor à arte, não menos que por amor ao álcool. Tinha a ideia de que por berrar e por se portar de maneira revoltante ele defendia a arte contra os filisteus. Ébrio, sentia-se alinhado ao lado dos anjos, de Baudelaire, de Edgar Allan Poe, de De

Quincey, contra a massa amorfa e sem espiritualidade. E se se vangloriava de suas libertinagens era porque as pessoas respeitáveis haviam tratado Blake de louco, porque Bowdler tinha revisado Shakespeare, porque o autor de *Madame Bovary* fora processado e porque, quando a gente pede a *Sodoma* do conde de Rochester na Biblioteca Bodleiana, os bibliotecários não na entregam senão diante de um atestado de que estamos empenhados numa pesquisa literária séria. Arkwright ganhava a sua vida, e fazendo isso ele se convencia de que estava servindo às artes, imprimindo

edições limitadas e caras dos mais escabrosos espécimes da literatura nacional e estrangeira. Louro, de um vermelho de bife sangrento, com olhos verdes e saltados, um grande rosto reluzente, ele se aproximou, vociferando saudações. Willie Weaver o seguia airoosamente, homenzinho de sorriso perpétuo, óculos escarranchados no nariz comprido, borbulhante de bom humor e de verbosidade inexaurível. Atrás dele, seu gêmeo na altura e também munido de óculos, mas grisalho, apagado, encolhido e silencioso, vinha Peter Slipe.

— Parecem um reclame de especialidade farmacêutica — disse Spandrell ao ver o grupo que se aproximava. — Slipe é o doente *antes*, Weaver é o mesmo depois do primeiro frasco e Cuthbert Arkwright ilustra os resultados aterradores do tratamento completo.

Lucy ria ainda da brincadeira quando Cuthbert lhe tomou da mão.

— Lucy! — exclamou ele. — Meu anjo! Mas por que, em nome do céu, você escreve sempre a lápis? Eu simplesmente não posso ler o que escreve. É por mero acaso que estou

aqui esta noite.

“Então ela tinha escrito para dizer-lhe que a esperasse ali?”, pensou Walter. “Aquele tipo vulgar e tolo, aquele alarve...”

Willie Weaver apertou as mãos de Mary Rampion e de Mark.

— Eu não tinha a menor ideia de que ia encontrar aqui os grandes — disse ele. — Para não falar nas belas... — Fez uma reverência a Mary, que explodiu numa risada estrepitosa e masculina. Willie Weaver ficou mais satisfeito do que ofendido. — Positivamente, isto é a Mermaid Tavern![\[10\]](#)

— Sempre ocupado com o bricabraque? — perguntou Spandrell, inclinando-se sobre a mesa para interpelar Peter Slipe, que se tinha sentado junto de Walter. Peter era assiriólogo e trabalhava no British Museum.

— Mas por que a lápis, por que a lápis? — rugia Cuthbert.

— Fico com os dedos tão sujos quando uso pena...

— Pois eu havia de fazer que a tinta desaparecesse a beijos — protestou Cuthbert, e, inclinando-se sobre a mão que mantinha presa à sua, começou a

beijar-lhe os dedos finos.

Lucy pôs-se a rir: — Prefiro antes comprar uma caneta estilográfica — disse.

Walter observava a cena, abatido. Seria possível? Um palhaço estúpido e odioso como aquele?

— Ingrata! — disse Cuthbert. — Mas é preciso que eu fale com Rampion.

E, afastando-se dela, deu uma palmada no ombro de Mark e simultaneamente acenou para Mary com a outra mão.

— Que ágape! — continuou Willie Weaver na sua efervescência, como uma

chaleira. O bico estava voltado para Lucy. — Que festim! Que... — Hesitou um momento à procura da expressão justa, da expressão verdadeiramente contundente. — Que efusões atenienses! Que orgia mais do que platônica!

— Que vem a ser “efusões atenienses”? — perguntou Lucy.

Willie sentou-se e começou a explicar.

— Com “efusões” quero me referir ao contraste com a nossa estreita respeitabilidade burguesa, à Pecksniff...

— Por que você não me dá algum trabalho seu para publicar? —

perguntava Cuthbert em tom persuasivo.

Rampion olhou para ele com animosidade.

— Julga que eu tenha a ambição de ver meus livros à venda nas lojas que vendem artigos de borracha?

— Estariam em boa companhia — disse Spandrell. — As obras de Aristóteles... — Cuthbert rugiu um protesto.

— Comparem um eminente vitoriano com um grande homem da época de Péricles — disse Willie Weaver. Sorriu; estava feliz e eloquente.

O borgonha tinha produzido em

Peter Slipe um efeito deprimente e não estimulante. O vinho apenas lograva dar realce à sua falta de brilho e à sua melancolia.

— E que me diz de Beatrice? — perguntou ele a Walter. — Beatrice Gilray? — Veio-lhe um soluço e procurou fingir que tinha tossido. — Você a vê frequentemente, acho, agora que ela trabalha no *Mundo Literário*...

Walter a via três vezes por semana e sempre a encontrava de boa saúde.

— Dê-lhe lembranças quando a vir — pediu Slipe.

— Os *borborigmos estertorosos* de

Carlyle, o dispéptico! — declamou Willie Weaver. E seus olhos brilharam de alegria através das lentes dos óculos. — *Le mot* — lisonjeava-se ele —, dificilmente poderia ser mais esquisitamente *juste*. — Weaver tossiu aquela tossezinha que era o seu comentário invariável às melhores de suas frases. “Eu quisera rir, eu quisera aplaudir”, assim se podia interpretar a tossezinha, “mas a modéstia o impede.”

— Estertoroso... quê? — perguntou Lucy. — Lembre-se bem de que não recebi instrução de espécie alguma...

— Você gorjeia naturalmente as suas

agrestes canções nativas! — disse Willie. — Posso servir-me de um pouco desta nobre aguardente? A rubra Hipocrene.

— Beatrice me tratou mal, extremamente mal. — Peter Slipe estava lamuriento. — Mas não quero que ela pense que eu guardo rancor...

Willie Weaver estalou a língua depois de provar um gole de brandy.

— As alegrias sólidas e os prazeres líquidos são conhecidos apenas dos filhos de Sião — citou ele erroneamente, repetindo a tossezinha satisfeita.

— O mal de Cuthbert — estava Spandrell dizendo — é que ele nunca aprendeu bem a distinguir a arte da pornografia.

— Está claro — continuou Peter Slipe — que ela tem perfeitamente o direito de fazer o que quer em sua própria casa. Mas botar-me para fora daquela maneira, de uma hora para outra...

Em qualquer outro momento Walter teria escutado com delícia a versão que o pobre Slipe dava daquela curiosa história. Mas, com Lucy ali ao seu lado, ele achava difícil tomar interesse na

narrativa.

— Mas às vezes eu pergunto a mim mesma se os vitorianos não se divertiam mais do que nós — dizia ela. — Quanto mais restrições, mais prazer. Se quisermos ver as pessoas beberem com uma alegria verdadeira, é preciso ir à América. A Inglaterra da época vitoriana conheceu o regime seco em todos os setores. Por exemplo, havia uma décima nona emenda^[11] a respeito do amor. Devem ter-se atirado a ele tão entusiasticamente como os americanos se atiram ao uísque. Não sei se no fundo sou partidária das efusões atenienses,

isto é, se nós representamos...

— Você prefere Pecksniff a Alcibíades — concluiu Willie Weaver.

Lucy deu de ombros.

— Não tenho nenhuma experiência de Pecksniff — confessou.

— Não sei — disse Peter Slipe — se você já foi alguma vez bicado por um ganso.

— Se fui o quê? — inquiriu Walter, fazendo um esforço para fixar a atenção.

— Bicado por um ganso.

— Nunca, que me lembre...

— É uma sensação dura, seca. — Slipe fispou o ar com o indicador

amarelado pelo fumo. — Beatrice é assim. Ela bica; gosta de bicar... Mas sabe também mostrar-se muito boa. Faz questão cerrada de mostrar-se boa à sua maneira, e se põe a dar bicadas se a gente não gosta da coisa. Bicar faz parte de sua bondade; pelo menos foi o que sempre achei. Nunca lhe fiz objeções... Mas, por que motivo me expulsar de casa como se eu fosse um criminoso? E é tão difícil achar um apartamento agora... Tive de ficar numa casa de pensão durante três semanas. A comida...

Teve um calafrio.

Walter não pôde deixar de sorrir.

— Beatrice decerto tinha muita pressa de instalar Burlap no teu lugar...

— Mas por que uma pressa assim?

— Quando se trata de se desfazer do amor velho para acolher o novo...

— Mas que é que o amor tem a ver com isso, no caso de Beatrice?

— Tem muita coisa — interrompeu Willie Weaver. — Tem tudo. Essas virgens que estão caindo na compulsória são sempre as mais apaixonadas.

— Mas ela nunca teve um caso amoroso na sua vida.

— Daí a violência — concluiu

Willie triunfantemente. — Beatrice tem uma pedra em cima da válvula de segurança. E minha mulher afirma que suas roupas de baixo são verdadeiramente frineanas.^[12] Isso é pra lá de sinistro...

— Talvez ela goste de andar bem vestida — sugeriu Lucy.

Willie Weaver balançou a cabeça. A hipótese era demasiadamente simples.

— O inconsciente daquela mulher é um buraco negro. — Willie hesitou por um instante. — Cheio de abraços batraquiaais na treva — concluiu ele. E tossiu modestamente para comemorar a

sua façanha.

*

Beatrice Gilray estava consertando um corpete de baixo, de seda cor-de-rosa. Tinha trinta e cinco anos, mas parecia mais jovem ou, melhor, parecia não ter idade. Uma pele fresca e clara. Os olhos brilhantes engastavam-se nas órbitas pouco fundas e sem rugas. O rosto tinha qualquer coisa de vivo e de voluntário, e não era destituído de beleza; mas com algo intrinsecamente cômico na forma do nariz, havia um quê de ligeiramente absurdo no brilho de miçanga dos olhos, na boca amuada, no queixo redondo e cheio de desafio. Mas

a gente ria com ela não menos que dela; porque a postura de seus lábios era humorística e a expressão de seus olhos redondos e espantados, trocista e maliciosamente curiosa.

Beatrice cosia. O relógio tiquetaqueava. O instante em movimento que, segundo sir Isaac Newton, separa o passado infinito do infinito futuro, avançava inexoravelmente através da dimensão do tempo. Ou, a crer em Aristóteles, um pouco mais do possível a cada instante se tornava real; o presente imobilizava-se e ia incorporando a si o futuro, como um

homem que ficasse engolindo para sempre um fio de macarrão sem fim. De quando em quando Beatrice tornava real um bocejo em potência. Num cesto ao lado do fogo uma gata preta estava deitada de lado e dava de mamar a quatro gatinhos cegos e mosqueados. As paredes do quarto eram de um amarelo de pétalas de primavera. Na prateleira superior da biblioteca a poeira engrossava sobre os manuais de assiriologia que Miss Gilray tinha comprado quando Peter Slipe era locatário do seu andar inferior. Um volume dos *Pensamentos* de Pascal,

com anotações a lápis feitas por Burlap, jazia aberto sobre a mesa. O relógio continuava a tiquetaquear.

De súbito a porta da frente bateu. Beatrice largou o corpete de seda cor-de-rosa e ergueu-se num salto.

— Não esqueça que você tem de beber todo o seu leite quente, Denis — disse ela, olhando para o hall. Sua voz era clara, aguda e imperativa.

Burlap pendurou o sobretudo e chegou à porta: — Você não devia levantar por minha causa — observou, numa reprimenda terna, sorrindo para ela um de seus graves e sutis sorrisos à

Sodoma.

— Eu tinha um trabalho que fazia questão de terminar — mentiu Beatrice.

— Ora, você foi mesmo muitíssimo camarada...

Estas pequenas expressões familiares com que Burlap gostava de apimentar a sua conversação tinham, para os ouvidos sensíveis, a mais curiosa das ressonâncias.

“Ele fala gíria”, dissera uma vez Mary Rampion, “como um estrangeiro que dominasse perfeitamente o inglês, mas dominasse como estrangeiro. Não sei se já ouviram um hindu dizer ‘um

sujeito macanudo'. A gíria de Burlap me lembra isso.”

Para Beatrice, no entanto, aquele “muitíssimo camarada” parecia inteiramente natural e sem nada de estrangeiro. Ela corou com um prazer tímido de donzela. Mas:

— Entre e feche a porta — disse num tom seco de comando. Sobre aquela jovem e delicada timidez havia uma rígida casca exterior; havia uma parte de seu ser que dava bicadas e que era essencial-mente prática. — Sente-se ali — ordenou; e, enquanto se punha a lidar vivazmente com o pote de leite, com a

caçarola e com a torneira do gás, ela perguntou a Burlap se tinha gostado da festa.

Burlap balançou a cabeça: — *Fascinatio nugacitatis* — disse ele. — *Fascinatio nugacitatis*.

Tinha estado a ruminar a fascinação da futilidade durante todo o caminho, desde Piccadilly Circus.

Beatrice não entendia latim; mas podia ver pelo rosto de Burlap que aquelas palavras exprimiam desaprovação.

— As reuniões sociais, no fundo, são uma perda de tempo, não é mesmo?

— disse ela.

Burlap balançou a cabeça num sinal afirmativo.

— Uma perda de tempo — repetiu num eco, com a sua lenta voz de ruminante, fixando os olhos vagos e preocupados no demônio familiar invisível que se achava um pouco à esquerda de Beatrice. — Chegamos aos quarenta, deixamos para trás mais de metade da vida, o mundo é maravilhoso e misterioso. E no entanto ainda passamos quatro horas a palestrar a respeito de coisa nenhuma em Tantamount House. Como se explica que

a trivialidade seja tão atraente? Ou existe alguma outra coisa atrás da trivialidade, alguma outra coisa que nos atrai? Será alguma vaga e fantástica esperança de que se possa encontrar o ser messiânico que sempre estivemos procurando, ou ouvir a palavra reveladora?

Burlap balançava a cabeça enquanto falava, com um curioso movimento desconjuntado, como se os músculos de seu pescoço estivessem perdendo a elasticidade. Beatrice estava de tal maneira familiarizada com aquele movimento que já não via nele nada de

estranho. Esperando que o leite fervesse, ela escutava com admiração, contemplava Burlap com uma cara séria de quem está na igreja. Um homem cujas excursões aos salões dos ricos eram como simples episódios numa vida toda dedicada às pesquisas espirituais, podia razoavelmente ser considerado como equivalente ao ofício divino das manhãs de domingo.

— Apesar de tudo — acrescentou Burlap, levantando subitamente os olhos para a interlocutora, com um riso gaiato e muito arreganhado, surpreendentemente diverso do sorriso à

Sodoma do momento anterior —, o champanhe e o caviar estavam realmente maravilhosos. — Era o demônio familiar que tinha bruscamente interrompido as rumações filosóficas do anjo. Burlap lhe permitira falar em voz alta. Por que não? Achava divertido ser desconcertante. Olhou para Beatrice.

Beatrice estava devidamente desconcertada.

— Não tenho dúvidas a esse respeito — disse ela, modificando a expressão de seu rosto de fiel na igreja para harmonizá-lo com o riso garoto de Burlap. Riu um pouco nervosamente e se

afastou para colocar o leite em uma xícara. — Está aqui o seu leite — ofereceu ela num tom seco, refugiando-se na imperiosidade cheia de solicitude para fugir ao seu embaraço. — Beba enquanto está quente.

Houve um longo silêncio. Burlap bebericava devagar o leite fumegante e Beatrice, sentada num tamborete diante da lareira apa-gada, esperava, ofegando um pouco, esperava nem ela mesmo sabia o quê...

— Você parece a pequena Miss Muffett^[13] sentada no seu banquinho — disse por fim Burlap, numa alusão à

velha poesia infantil.

Beatrice sorriu.

— Felizmente não está aqui a aranha grande...

— Obrigado pelo elogio, se é que isso é elogio...

— Sim, é — afirmou Beatrice.

“Ali estava”, pensou ela, “o que havia de verdadeiramente encantador em Denis; era uma pessoa tão digna de confiança! Com os outros homens havia o perigo dos agarramentos, das apalpadelas, dos beijos... E aquilo era horrível, verdadeiramente horrível. Beatrice nunca se refizera

completamente do choque que tinha recebido quando, sendo ainda menina, o cunhado de sua tia Maggie, um homem que ela considerara sempre como um tio, pusera-se um dia a dar-lhe apertões dentro de um táxi. O incidente de tal maneira a assustara e revoltara que, quando Tom Field, de quem ela verdadeiramente gostava, a pediu em casamento, Beatrice o repeliu, simplesmente porque ele era um *homem*, como aquele horrível tio Ben, porque ficava apavorada à simples ideia de que pudessem cortejá-la, porque tinha um terror pânico de qualquer contato.

Beatrice estava com mais de trinta anos e jamais permitira que pessoa alguma a tocasse. A suave e trêmula mocinha que havia nela, debaixo da casca de mulher prática, tinha se apaixonado muitas vezes. Mas o terror de ser apalpada, de ser tocada mesmo, fora sempre mais forte do que o amor. Ao primeiro sinal de perigo, Beatrice se punha desesperadamente a dar bicadas, enrijava a casca, fugia... Quando afinal se via a salvo, a mocinha aterrada soltava um longo suspiro. Graças aos céus! Mas um pequeno suspiro de desapontamento estava sempre incluído

no grande suspiro de alívio. Beatrice quisera não ter medo, quisera que a camaradagem feliz que existia antes das apalpadelas tivesse podido continuar para sempre, indefinidamente. Algumas vezes ela se enchia de ódio contra si mesma; com mais frequência pensava que havia no amor algo de fundamentalmente mau, e algo de fundamentalmente assustador nos homens. Eis o lado admirável de Denis Burlap: era era uma criatura tão tranquilizadora... Não pensava em tomar familiaridades, em apalpar. Beatrice podia adorá-lo sem a menor sombra de

receio.

— Susan também costumava sentar-se em tamboretes, como a pequena Miss Muffett — continuou Burlap depois de uma pausa. A sua voz era melancólica. Tinha passado os últimos minutos a ruminar o tema de sua mulher morta. Havia quase dois anos que Susan fora levada por uma epidemia de *influenza*. Perto de dois anos; mas a sua dor — Burlap garantia a si mesmo — não tinha diminuído; o sentimento de sua perda permanecia tão avassalador como sempre. Susan, Susan, Susan — repetira o nome dela muitas e muitas vezes.

Nunca mais a veria, ainda que vivesse um milhão de anos. Um milhão de anos, um milhão de anos. Abriam-se abismos em torno destas palavras. — Ou no chão — prosseguiu Burlap em voz alta, reconstruindo a imagem da mulher o mais vividamente possível. — Acho que ela preferia sentar-se no chão. Como uma criança. “Uma criança, uma criança”, repetiu ele interiormente. “Tão jovem!”

Beatrice continuava sentada em silêncio, contemplando a lareira vazia. Seria indiscreto, sentia ela, quase indecente, olhar para Burlap. Pobre

criatura! Quando por fim se voltou para ele, notou que tinha lágrimas nas faces. À vista dessas lágrimas, Beatrice sentiu-se invadida por uma onda súbita de piedade maternal. “Como uma criança”, dissera ele. Mas ele, Denis, ele próprio era como uma criança! Como uma pobre criança infeliz.

Inclinando-se para a frente, Beatrice afagou com os dedos o dorso da mão que Burlap deixava pender molemente...

*

— Abraços batraquiais! — repetiu Lucy. E pôs-se a rir. — Essa foi uma faísca de gênio, Willie.

— Todas as minhas faíscas são

faíscas de gênio — disse Willie modestamente. Estava representando; era Willie Weaver no papel célebre de Willie Weaver. Explorava artisticamente aquele amor da eloquência, aquela paixão da frase bem redonda e retumbante com a qual nascera, num atraso de três séculos. Na época da mocidade de Shakespeare ele teria sido uma celebridade da literatura. Entre seus contemporâneos, os eufuísmos de Willie provocavam apenas o riso. Mas ele apreciava os aplausos, mesmo que estes fossem escar-ninhos. Além do mais, as risadas nunca traduziam malícia; porque

Willie Weaver era tão bom rapaz e tão obsequioso que toda a gente gostava dele. Era, pois, diante de um auditório jocosamente apro-vador que ele representava agora o seu papel; e, sentindo a aprovação por meio da hilaridade, representava-o com toda a alma.

— Todas as minhas faíscas são de gênio — repetiu.

A observação harmonizava-se admiravelmente com o papel. E era verdadeira, quem sabe?! Willie gracejava, mas com uma convicção secreta.

— Tomem nota de minhas palavras — acrescentou —: dia desses os batráquios se insurgem e saltam para fora.

— Mas por que batráquios? — perguntou Slipe. — Nada menos parecido com um batráquio do que Beatrice...

— E por que eles hão de saltar para fora? — inquiriu Spandrell.

— As rãs não dão bicadas.

Mas a voz fina de Slipe foi afogada pela de Mary Rampion.

— Porque as coisas encerradas acabam sempre por saltar para fora —

exclamou ela. — Saltam mesmo.

— Moral da história — concluiu Cuthbert —: nunca encerre coisa alguma. Eu nunca o faço.

— Mas talvez a graça esteja no salto dos batráquios — filosofou Lucy.

— Que proibicionista perversa e paradoxal!

— Mas é lógico — falou Rampion — que se produzam revoluções internas não menos que externas. No estado, são os pobres contra os ricos. No indivíduo, é o corpo e os instintos oprimidos contra o intellecto. O intellecto foi exaltado, como as classes superiores, no domínio

do espírito; as classes inferiores no mesmo domínio se revoltam.

— Apoiado! Muito bem! — gritou Cuthbert, batendo na mesa.

Rampion franziu a sobancelha. A aprovação de Cuthbert era-lhe um insulto pessoal.

— Eu cá sou contrarrevolucionário — disse Spandrell. — Coloquem-se as classes inferiores espirituais nos seus lugares.

— Menos no seu próprio caso, hein? — disse Cuthbert, arreganhando os dentes.

— Não se pode expor uma teoria?

— Há séculos que nós as vimos reprimindo, à força — disse Rampion — e vejam o resultado. Você, entre outras coisas. — Olhou para Spandrell, que jogou a cabeça para trás e riu afonicamente. — Olhem o resultado — repetiu. — A revolução pessoal interior, e, em consequência dela, a revolução exterior e social.

— Vamos, vamos! — disse Willie Weaver. — Você fala como se as carretas de Termidor já andassem estrondando na rua. A Inglaterra continua mais ou menos no mesmo lugar.

— Mas o que você sabe da

Inglaterra e dos ingleses? — retorquiu Rampion. — Nunca saiu de Londres, nem da sua classe social. Vá para o Norte...

— Deus me livre! — exclamou Willie, fervorosamente.

— Vai ver o país do carvão e do ferro. Converse um pouco com os operários metalúrgicos. Não é a revolução por uma causa. É a revolução como um fim em si. A demolição pelo amor à demolição.

— Isso me parece bastante simpático — disse Lucy.

— É espantoso. É simplesmente

inumano! Extraiu-se-lhes toda a humanidade sob a pressão da vida civilizada, sob o peso do carvão e do ferro. Não será uma revolta de homens. Será uma revolução de seres elementares, de monstros, de monstros pré-humanos... E você se contenta em fechar os olhos e fingir que tudo isso é absolutamente perfeito.

*

— Pense só na desproporção — dizia lord Edward, enquanto fumava o seu cachimbo. — E positivamente... — A voz lhe faltou. — Tome o carvão, por exemplo. O homem o consome hoje cento e dez vezes mais do que consumia

em 1800. Mas a população atual é apenas duas vezes e meia o que era naquele tempo. Com os outros animais... Certamente é bem diverso. O consumo é proporcional ao número de indivíduos.

Illidge apresentou algumas objeções.

— Mas quando os animais dispõem de um excesso sobre aquilo que lhes é necessário para subsistir, eles não o rejeitam, não é mesmo? Quando há uma batalha ou uma peste, as hienas e os abutres tiram proveito da abundância para comer mais do que a sua fome exige, para se superalimentar. Não se passa o mesmo conosco? Morreram

florestas em grandes quantidades, há alguns milhões de anos. O homem exumou-lhes os cadáveres, descobriu que os podia usar, e se está dando o luxo de um farto banquete enquanto dura a carniça. Quando a provisão se exaurir, ele voltará às rações reduzidas, como fazem as hienas nos intervalos entre as guerras e as epidemias. — Illidge falava com volúpia. Discorrer sobre seres humanos como se não fosse possível distingui-los dos macacos enchia-o de uma satisfação particular. — Descobre-se uma jazida carbonífera, um poço de petróleo. Brotam cidades, constroem-se

estradas de ferro, navios vêm e vão. Para um observador experimentado que morasse na Lua, esse enxamear, esse vaivém deveria parecer uma pululação de formigas e de moscas em torno de um cão morto. O salitre do Chile, o petróleo do México, os fosfatos da Tunísia — a cada descobrimento, um novo formigar de insetos. É possível imaginar os comentários dos astrônomos lunares: “Aquelas criaturas têm um tropismo notável e talvez único para as carniças fossilizadas”.

*

— Como avestruzes — disse Mary Rampion. — Vocês vivem como

avestruzes.

— E não é somente no que diz respeito às revoluções — acrescentou Spandrell, ao mesmo tempo em que se ouvia Willie Weaver dizer algo sobre “as filosofias estrutiocamelinas”. — Mas no que diz respeito a todas as coisas importantes que porventura sejam desagradáveis. Houve um tempo em que não se andava por aí a fingir que a morte e o pecado não existem. “*Au détour d’un sentier une charogne infâme*” — citou ele. — Baudelaire foi o último poeta da Idade Média, ao mesmo tempo que o primeiro poeta moderno. “*Et*

pourtant” — continuou ele, olhando para Lucy com um sorriso e erguendo o copo: Et pourtant vous serez semblable à cette ordure, *À cette horrible infection, Etoile de mes yeux, soleil de ma nature.*

Vous, mon ange et ma passion!

Alors, ô ma beauté, dites à la vermine Qui vous mangera de baisers...

— Meu caro Spandrell! — Lucy levantou a mão num sinal de protesto.

— Realmente, é necrófilo demais! — objetou Willie Weaver.

“Sempre o mesmo ódio da vida”, pensava Rampion. “Diferentes gêneros de morte: as únicas alternativas.” Olhou para o rosto de Spandrell

escrutadoramente.

*

— E pensando bem — dizia Illidge —, o tempo que foi preciso para formar as jazidas de carvão, dividido pela duração da vida humana, não difere tão enormemente da vida de uma sequoia dividida por uma geração de bactérias de fermentação pútrida.

*

Cuthbert olhou para o relógio: — Mas meu Deus! — exclamou —, faltam vinte e cinco para uma hora. — Ergueu-se num salto. — Prometi que apareceríamos na festa dos Widdicombe. Peter, Willie! Acelerado,

marche!

— Mas vocês não podem ir — protestou Lucy. — Não podem ir assim tão absurdamente cedo...

— É o chamado do dever — explicou Willie Weaver. — Austero Filho do Verbo Divino. — Soltou a sua tossezinha de autoaprovação.

— Mas é ridículo, é inadmissível.

Lucy olhou de um para outro com uma espécie de ansiedade colérica. O pavor da solidão era nela um sentimento crônico. Era sempre possível, se eles ficassem sentados cinco minutos mais, que acontecesse algo verdadeiramente

divertido. De resto, era insuportável que as pessoas fizessem coisas contra a sua vontade.

— E nós também, parece-me... — disse Mary Rampion, erguendo-se da cadeira.

“Graças aos céus!”, pensou Walter. Esperava que Spandrell seguisse o exemplo geral.

— Mas é impossível! — gritou Lucy. — Rampion, eu não posso permitir isso!

Mark Rampion limitou-se a sorrir. “Estas sereias profissionais!”, pensou.

Lucy o deixava completamente frio,

causava-lhe horror. Desesperada, a moça apelou para a outra mulher que havia no grupo.

— Mrs. Rampion, a senhora *deve* ficar. Mais cinco minutos. Apenas cinco minutos — pediu com uma voz cheia de adulação.

Tudo debalde. O criado abriu a porta lateral. Furtivamente, eles deslizaram para a escuridão.

— Mas por que insistem em ir embora? — perguntou Lucy, num queixume.

— Por que insistimos *nós* em ficar? — perguntou Spandrell. Walter

descoroçoou; aquilo significava que o homem não pretendia ir embora com os outros. — Pois isso é muito mais incompreensível...

Absolutamente incompreensível! O calor e o álcool produziam em Walter o efeito habitual. Ele se sentia doente e ao mesmo tempo desgraçado. Para que ficar ali, sem nenhuma esperança, naquele ar envenenado? Por que não voltar logo para casa? Marjorie ficaria contente.

— Você pelo menos é fiel, Walter.

Lucy sorriu para ele. Walter decidiu retardar a partida. Fez-se um silêncio.

Cuthbert e os companheiros tinham tomado um táxi. Recusando todos os convites, os Rampion preferiram seguir a pé.

— Graças a Deus! — disse Mary, quando o taxi arrancou. — Esse medonho Arkwright!

— Sim, mas a mulher ainda é mais atroz — contrapôs Rampion. — Ela me dá arrepios. Aquele pobre menino, o tolinho do Bidlake! Está lá como um coelho diante de uma fuinha.

— Isso é sindicalismo masculino. Eu chego a gostar dela, porque Lucy faz que vocês homens se agitem um pouquinho.

E é bem-feito.

— É o mesmo que gostar de uma cobra-capelo.

A zoologia de Rampion era inteiramente simbólica.

— E Spandrell, então, já que estamos tratando de horrores? Parece uma gárgula, um demônio...

— Parece um colegial bobo — afirmou Rampion com ênfase.

— Esse nunca cresceu, nunca ficou adulto. Não percebeste ainda? É um adolescente eterno. Torturando o cérebro com todas essas coisas que preocupam os adolescentes. É incapaz

de viver, porque anda por demais ocupado em pensar na morte e em Deus e na verdade e no misticismo e em tudo mais que segue; demasiadamente ocupado em pensar nos pecados e em tentar cometê-los, para no fim ficar decepcionado porque não o consegue. É deplorável. Spandrell é uma espécie de Peter Pan — até mesmo muito pior do que esse repugnante abortinho de Barrie, porque está acorrentado a uma época mais néscia. É um Peter Pan à Dostoiévski mais Musset, mais a década de 1890, mais Bunyan, mais Byron e mais o Marquês de Sade.

Verdadeiramente deplorável. Tanto mais deplorável quanto há nele, em potência, um ser humano muito decente.

Mary pôs-se a rir.

— Acho que terei de fiar-me na sua palavra...

*

— A propósito — disse Lucy, voltando-se para Spandrell — eu tenho um recado de sua mãe.

Deu-o. Spandrell balançou a cabeça afirmativamente, mas não fez comentários.

— E o general? — inquiriu ele, logo que Lucy terminou de falar. Não queria que se falasse mais na mãe.

— Oh, o general! — Lucy fez uma careta. — Tive pelo menos meia hora de Inteligência Militar esta noite. Para falar a verdade, eu não lhe devia permitir isso. Que me dizes de uma “Sociedade Contra os Generais”?

— Inscrevo-me como membro fundador e honorário.

— Ou por que não uma sociedade para a abolição dos velhos, já que estamos no assunto — continuou Lucy. — Os velhos realmente são impossíveis. Exceto o seu pai, Walter. Ele é perfeito. Perfeito mesmo. O único velho possível.

— É justamente um dos raros que

são completamente impossíveis, você é que não sabe. — Entre os Bidlake da geração de Walter a *impossibilidade* do velho John era quase axiomática. — Você não o acharia tão perfeito se fosse mulher ou filha dele.

Ao pronunciar estas palavras, Walter subitamente lembrou-se de Marjorie. O sangue subiu-lhe as faces.

— Oh! naturalmente, se o vamos escolher como marido ou como pai — retorquiu Lucy — que poderemos esperar? Pois ele é possível como velho justamente porque é assim impossível como marido e como pai. A maior parte

das pessoas velhas ficou com a vida esmagada sob o peso de suas responsabilidades. O teu pai nunca se deixou esmagar. Teve mulheres e filhos e o resto... Mas viveu sempre como um garoto na gandaia. Coisa que não é lá muito agradável para as mulheres e os filhos, concordo... Mas como é agradável para nós outras!

— Admito... — disse Walter. Julgara-se sempre em tudo diferente do pai. Mas estava procedendo bem como o pai procedera.

— Pensa nele fazendo abstração do sentimento filial.

— Vou tentar...

Que devia ele pensar de si mesmo?

— Pois tenta e hás de ver que tenho razão. Teu pai é um dos poucos velhos possíveis. Compara-o com os outros. — Lucy balançou a cabeça. — Inútil; não se pode tratar com eles.

Spandrell riu.

— Vocês falam dos velhos como se fossem pigmeus ou esquimós.

— Bem, e eles não são mais ou menos isso? Corações de ouro e tudo mais que segue... E maravilhosamente inteligentes, à sua maneira, e levadas em conta as circunstâncias. Mas acontece

que os velhos não pertencem à nossa civilização. São estranhos. Hei de me lembrar sempre daquela vez que fui tomar chá em casa de umas senhoras árabes, na Tunísia. Eram tão amáveis, tão hospitaleiras... Mas fizeram questão de que eu comesse uns bolos intragáveis... Falavam mal o francês... E eu não tinha absolutamente nada para dizer-lhes... E estavam tão horrorizadas com as minhas saias curtas e com o fato de eu não ter filhos... As pessoas velhas sempre me fazem lembrar aquele chá árabe. Vocês acham que nós seremos um chá árabe quando ficarmos velhos?

— Sim, e provavelmente um *memento mori* ainda por cima — disse Spandrell. — É uma questão de arteriosclerose.

— Mas o que torna os velhos tão parecidos com um chá árabe são as suas ideias. Eu simplesmente não posso conceber que a arteriosclerose me faça um dia acreditar em Deus, na moral e no mais que segue... Saí do meu casulo durante a guerra, quando tudo estava fora dos eixos. Não vejo como nossos netos possam fazer uma derrubada mais completa do que a que se fez naquela época. Então, por que haveria de vir o

desentendimento?

— Talvez eles tenham posto tudo de novo nos seus lugares... — sugeriu Spandrell.

Lucy ficou silenciosa por um momento.

— Nunca pensei nisso...

— Ou então você mesma poderá ter feito isso. Botar as coisas de novo nos lugares é uma das ocupações tradicionais dos velhos...

*

O relógio bateu uma hora e, como um cuco libertado pela badalada, Simmons apareceu na biblioteca trazendo uma bandeja. Simmons era um

homem maduro e tinha aquela dignidade ministerial de postura que a necessidade de refrear a língua e de manter a calma, de nunca dizer o que verdadeiramente se pensa e de guardar as aparências tende sempre a produzir nos diplomatas, nas personagens reais, nos altos funcionários públicos e nos mordomos. Sem o menor ruído, pôs a mesa para dois e, anunciando que a ceia de *milord* estava servida, retirou-se. Era numa quarta-feira: duas costeletas de carneiro assadas na grelha revelaram-se à luz quando lord Edward levantou a tampa de prata. Segundas, quartas e sextas-

feiras eram dias de costeletas. Às terças e às quintas havia *entrecôte* com batatas fritas cortadas em aparas finas. Aos sábados, à maneira de banquete, Simmons preparava um *mixed-grill*. Aos domingos, saía; lord Edward tinha de se contentar com presunto frio e língua com salada.

— Curioso — disse lord Edward, servindo uma costeleta a Illidge —, curioso que o número de carneiros não aumente. Não com a mesma rapidez que a população humana. Era de se esperar... visto que a simbiose é tão íntima.

Ficou a mastigar em silêncio.

— É que o carneiro deve estar saindo de moda — disse Illidge. — Como Deus — acrescentou, provocador — e como a imortalidade da alma. — Lord Edward não caía no laço. — Para não falar nos romancistas da época vitoriana — continuou Illidge. Ele tinha escorregado na escada; e a única literatura que lord Edward lera em toda a sua vida fora a de Dickens e Thackeray. Mas o velho mastigava calmamente. — E as donzelas inocentes. — Lord Edward tomava um interesse científico pelas atividades sexuais dos axolotles e dos frangos, das cobaias e

das rãs; mas qualquer referência às atividades correspondentes dos humanos dava-lhe um doloroso mal-estar. — E a pureza — continuava Illidge, olhando fixamente para o rosto do velho e a virginite, e...

O assistente foi interrompido, e lord Edward salvo do resto daquela perseguição, pelo tilintar da campainha do telefone.

— Eu atendo — disse Illidge, erguendo-se num salto de seu lugar.

Pôs o fone no ouvido.

— Alô!

— Edward, é você? — perguntou

uma voz profunda, não diferente da do próprio lord Edward. — Sou eu. Edward, acabo justamente de descobrir uma prova matemática das mais extraordinárias da existência de Deus ou, melhor, da...

— Mas eu não sou lord Edward — gritou Illidge. — Espere. Vou chamá-lo.

Voltou-se para o Velho: — É lord Gattenden. Acaba de descobrir uma nova prova da existência de Deus.

Não sorriu ao dizer isto: o tom de sua voz era grave. A gravidade em tais circunstâncias era o escárnio mais feroz. A participação em si mesma era uma

zombaria. Qualquer comentário acompanhado de riso havia de torná-la menos e não mais ridícula. Que velho admirável de imbecilidade! Illidge se sentiu vingado de todas as humilhações.

E, mais sério do que nunca, acrescentou: — Uma prova matemática.

— Oh, meu Deus! — exclamou lord Edward, como se algo deplorável tivesse acontecido. Falar ao telefone deixava-o sempre nervoso. Correu para o aparelho. — Charles, será que...

— Ah, Edward! — gritou a voz sem corpo do chefe da família, a voz que partia de Gattenden, distante dali

quarenta milhas. — Um descobrimento verdadeiramente notável. Eu quero a sua opinião a respeito. Trata-se de Deus. Você conhece a fórmula: m sobre zero é igual ao infinito, sendo m um número positivo. Pois bem: por que não reduzir a equação a uma forma mais simples multiplicando os dois membros por zero? Nesse caso teríamos m igual ao infinito multiplicado por zero. O que vale dizer que um número positivo é o produto de zero pelo infinito. Será que isto não demonstra a criação do universo por um poder infinito, a partir do nada? Não demonstra? — O

diafragma do receptor estava contaminado pela superexcitação de lord Gattenden, que vinha de quarenta milhas de distância. O homem falava rapidamente, sem tomar fôlego; suas perguntas eram ardentes e insistentes. — Não demonstra, Edward? — O quinto marquês passara toda a sua vida à procura do absoluto. Era a única caça que se permitia a um inválido. Durante cinquenta anos ele havia rolado, na sua cadeira de rodas, atrás da presa arisca. Seria possível que a tivesse apanhado agora, tão facilmente, e num lugar tão improvável como um manual de classe

elementar sobre a teoria dos limites?
Era algo que justificava a excitação. —
Qual é a sua opinião, Edward?

— Ora... — começou lord Edward.

E da outra extremidade do fio elétrico, quarenta milhas distante, o mais velho dos Tantamount ficou sabendo, pelo tom com que aquela simples palavra fora pronunciada, que sua prova não prestava. A cauda do Absoluto ainda estava virgem de sal.

*

— A propósito dos mais velhos — disse Lucy —, eu já contei a algum de vocês aquela história, que é verdadeiramente maravilhosa, a respeito

de meu pai?

— Que história?

— Aquela do jardim de inverno. —

A simples lembrança do caso fazia-a sorrir.

— Não, não me lembro de ter ouvido nada a respeito do jardim de inverno — disse Spandrell. Walter também balançou a cabeça negativamente.

— Foi durante a guerra — principiou Lucy. — Eu estava beirando os dezoito, parece. Recém-lançada ao mar... E, diga-se de passagem, alguém quase me quebrou literalmente uma

garrafa de champanhe no corpo... Naquela época a gente se divertia de maneira um tanto febril, vocês devem estar lembrados.

Spandrell fez um sinal afirmativo, se bem que ao tempo da guerra ele de fato não passasse de um menino de escola. Walter também meneou a cabeça, cheio de experiência.

— Um dia — continuou Lucy —, deram-me um recado: queria eu ter a bondade de subir e ver *milord*? Era um pedido sem precedentes. Fiquei um tanto alarmada. Vocês sabem como os velhos imaginam que nós vivemos. E como

ficam desconcertados quando descobrem que se enganam. É o mesmo caso do chá com as senhoras árabes. — Pôs-se a rir e, para Walter, aquele riso devastou todos os anos que Lucy tinha vivido antes de ele a conhecer. Urdir as histórias de seus amores juvenis e inocentes tinha sido uma das consolações permanentes de Walter. Lucy tinha rido; daquele momento em diante, a imaginação mesma não podia achar prazer naquele romance consolador.

Spandrell balançava a cabeça, concordando.

— Então subiste até o Velho com a sensação de quem sobe para o cadafalso...

— E achei meu pai na sua biblioteca, fingindo que estava lendo. Minha chegada realmente o aterrorizou. Pobre homem! Nunca vi ninguém tão horivelmente embaraçado e abatido. Vocês podem imaginar como os terrores dele fizeram crescer os meus. Sentimentos assim poderosos deviam ter uma causa também forte. Que seria? Ali, o velho sofria agonias. Se o seu sentimento do dever não fosse forte, creio que ele me teria dito que voltasse

para baixo e imediatamente. Vocês deviam ter visto a cara dele!

As lembranças cômicas eram irresistíveis para ela. Desatou a rir.

Com os cotovelos fincados na mesa, a cabeça nas mãos, Walter olhava fixamente para o seu cálice. As pequenas borbulhas brilhantes subiam precipitadamente à superfície, uma a uma, com um propósito determinado, como se estivessem resolvidas a ser livres e felizes a todo o custo. Walter não ousava erguer os olhos. A vista do rosto de Lucy retorcido pelo riso, temia ele, poderia obrigá-lo a fazer algo de

ridículo — gritar com toda a força ou desfazer-se em lágrimas.

— Pobre homem! — repetia Lucy. E suas palavras saíam numa lufada de júbilo explosivo. — O terror mal o deixava falar. — De súbito, mudando o tom de voz, ela imitou a fala profunda e surda de lord Edward que a mandava sentar-se, declarando-lhe (gaguejante e cheio de hesitações dolorosas) que tinha algo a lhe dizer. A mímica era admirável. O fantasma embaraçado de lord Edward estava ali sentado à mesa de Walter e Spandrell.

— Admirável! — aplaudiu este

último. E mesmo Walter teve de rir; mas as profundezas de sua infelicidade permaneceram inalteradas.

— O velho levou possivelmente uns bons cinco minutos — continuou Lucy — para se reanimar e ficar em condições de falar. Eu estava agoniada, como se pode bem imaginar. Mas adivinhem o que ele queria dizer...

— Que era?

— Adivinhem. — E de repente Lucy começou a rir de novo, sem poder se conter. Cobriu o rosto com as mãos. Todo o seu corpo se sacudia, como se ela estivesse soluçando perdidamente.

— Esta é boa demais... — continuou ela, ofegante, deixando cair as mãos e inclinando-se para trás na cadeira. Seu rosto ainda estava agitado com o riso; tinha lágrimas nas faces. — Boa demais. — Lucy abriu a bolsinha de contas que jazia sobre a mesa na sua frente e, tirando de dentro um lenço, começou a enxugar os olhos. Uma rajada de perfume saiu com o lenço, reforçando as lembranças desmaiadas de gardênias que cercavam Lucy, que se moviam com ela para onde quer que fosse, como uma segunda personalidade espectral. Walter alçou os olhos; o perfume forte de

gardênia encheu-lhe as narinas; e o rapaz ficou a respirar o que para ele era a essência mesma daquele ser amado, o símbolo de seu poder e dos desejos insanos dele, Walter. Olhou para Lucy com uma espécie de terror.

— O velho me disse — prosseguiu ela, ainda rindo espasmodicamente, ainda enxugando os olhos —, me disse que tinha ouvido dizer que eu às vezes permitia que os rapazes me beijassem no baile, nos jardins de inverno. Nos jardins de inverno! — repetiu. — Que rasgo admirável! Tão de acordo com a época! 1880. O velho príncipe de Gales.

As novelas de Zola. Jardins de inverno. Meu pobre pai querido! Disse esperar que eu não deixasse aquilo acontecer de novo. Minha mãe haveria de ficar terrivelmente aborrecida se soubesse da história. Oh Deus, oh Deus!

Lucy tomou um fôlego profundo. O riso finalmente se acabou. Walter olhou para ela e respirou-lhe o perfume, respirou os seus próprios desejos e o terrível poder da atração daquela criatura. E pareceu-lhe que estava a vê-la pela primeira vez. Agora, pela primeira vez, com o cálice meio vazio na sua frente, a garrafa, o cinzeiro sujo;

agora que ela se inclinava para trás na sua cadeira, exausta de tanto rir, enxugando os olhos cheios das lágrimas do riso.

— Jardins de inverno — repetia Spandrell. — Jardins de inverno. Sim, essa é muito boa. Essa é mesmo muito boa!

— Maravilhosos! — disse Lucy. — Os velhos são realmente maravilhosos. Mas mal e mal chegam a ser possíveis, vocês devem admitir... Exceto, está claro, o pai de Walter.

*

John Bidlake subia vagarosamente a escada. Estava muito cansado.

“Que festas pavorosas!”, pensava ele. Acendeu a luz de seu quarto. Em cima do consolo da lareira uma das mulheres do realismo pouco sedutor de Degas estava sentada na sua banheira redonda de lata, tentando esfregar as costas. Na parede fronteira uma rapariga de Renoir tocava piano entre uma paisagem do próprio Bidlake e uma das visões de Dieppe, de Walter Sickert. Acima da cama estavam penduradas duas caricaturas que Max Beerdohm fizera dele, e uma outra de Rouveyre. Havia uma garrafa de brandy sobre a mesa, com um sifão e um copo. Duas

cartas se achavam encostadas de modo visível contra as bordas da bandeja. John Bidlake abriu-as. A primeira continha recortes de jornais que falavam de sua última exposição. O *Daily Mail* chamava-lhe “o veterano da arte inglesa” e assegurava aos seus leitores “que a mão dele nada perdeu da sua destreza”. John amarrotou o recorte e jogou-o raivosamente na lareira.

O outro recorte era de um dos hebdomadários superiores. O tom da crônica era quase de desdém. Julgavam-lhe a última exibição, condenando-a. “É difícil acreditar que trabalhos tão

baratos e superficiais — e superficiais sem produzir efeito, note-se — como os colecionados na presente exposição tenham sido produzidos pelo pintor das *Viradoras de Feno*, da Tate Gallery, e das *Banhistas*, mais magníficas ainda, que se acham atualmente em Tantamount House. Nestas pinturas triviais e vazias buscamos em vão aquelas qualidades de equilíbrio harmonioso, de caligrafia rítmica, de plasticidade tridimensional que...” Que tagarelice! Que verborragia! Bidlake jogou todo o maço de recortes onde tinha lançado o primeiro. Mas seu desprezo em relação aos cronistas foi

impotente para neutralizar os efeitos daquelas críticas. “Veterano da arte inglesa” equivalia a “esse pobre velho Bidlake”. E quando eles o cumprimentavam porque a sua mão não perdera nada da antiga destreza, estavam a dar-lhe em tom protetor a certeza de que, para um velho caduco que se achava na segunda infância, ele ainda pintava admiravelmente bem. A única diferença entre o crítico hostil e o crítico favorável era que um dissera brutalmente e em termos explícitos o que o outro deixara entrever com um elogio protetor. Bidlake chegou quase a desejar

que nunca tivesse pintado as *Banhistas...*

Abriu o outro envelope. Continha uma carta de sua filha Elinor. Estava datada de Lahore.

Os bazares são bem o artigo autêntico: mofados. Com as suas pululações e com os seus cheiros, dão a impressão de que, atravessando-os, estamos furando um queijo. Sob o ponto de vista artístico, o que há de entristecedor em toda esta atmosfera oriental é que ela se parece em absoluto com aquelas pinturas de cenas do Oriente que se faziam na França em meados do século passado. Você conhece o gênero: polidas e brilhantes, como as imagens que costumavam vir impressas nas caixas de chá. Quando estamos aqui é que vemos que o estilo é necessário. A tez parda torna as caras uniformes e o suor dá um verniz à

pele. Seria preciso pintar com uma superfície pelo menos tão lisa quanto um Ingres.

Bidlake continuou a ler com delícia.

A filha tinha sempre algo de divertido a dizer em suas cartas. Via as coisas com os olhos com que elas se deviam ver. Mas de súbito franziu a sobancelha.

Ontem, imagine quem nos veio ver... Pois foi John Bidlake Júnior. Nós achávamos que ele estava em Waziristan; mas estava aqui, de licença. Eu não o via desde o tempo em que era menina. Pode imaginar a minha surpresa quando um enorme cavaleiro de postura militar e bigode grisalho chegou e me chamou pelo primeiro nome. Ele, está claro, nunca tinha visto Phil. Imolamos os bezerros gordos de que o hotel dispunha, em honra do irmão pródigo.

John Bidlake inclinou-se para trás na cadeira e fechou os olhos. O enorme cavalheiro de postura militar e bigode grisalho era seu filho. John Bidlake filho tinha cinquenta anos. Cinquenta. Houvera um tempo em que cinquenta anos pareciam uma idade de Matusalém. “Se Manet não tivesse morrido prematuramente...” Lembrou-se das palavras de seu velho mestre na escola de arte de Paris. “Mas Manet morreu assim tão jovem?” O velho mestre balançara a cabeça. (“Velho?”, refletiu John Bidlake. Ele lhe parecera muito velho àquela época. Mas provavelmente

não tinha mais de sessenta anos.) “Manet tinha apenas cinquenta e um”, respondeu o professor, e Bidlake a custo reprimiu uma risada. E agora o seu próprio filho tinha a idade com que Manet morrera. Um enorme cavalheiro de postura militar e bigode grisalho. E o irmão dele estava morto e enterrado no outro lado do mundo, na Califórnia. Câncer no intestino. Elinor encontrara-lhe o filho em Santa Bárbara — um rapaz casado com uma mulher jovem e rica e que iludia a lei seca na proporção de uma garrafa de gim consumida diariamente entre ambos...

John Bidlake pensou na primeira mulher, a mãe do cavalheiro de aspecto militar e do californiano que morrera de câncer no intestino. Tinha apenas vinte e dois anos quando se casara pela primeira vez. Rose ainda não completara vinte. Amaram-se um ao outro freneticamente, com uma paixão tigrina. O casal altercava, também, de uma maneira um tanto divertida a princípio, quando as disputas se podiam conciliar por meio de efusões de sensualidade tão violentas como as próprias fúrias que elas apaziguavam. Mas o encanto começou a se apagar

quando vieram os filhos, os primeiros dois dentro de vinte e cinco meses. Não havia dinheiro suficiente para conservar os fedelhos a distância e pagar profissionais para fazer os trabalhos penosos e menos limpos... A paternidade de John Bidlake nada tinha de sinecura. O seu estúdio se transformou em um berçário. Bem depressa os resultados da paixão — os berreiros e as fraldas molhadas, os sonos interrompidos, os cheiros — tornaram-no desgostoso da paixão. Além disso, o objeto dessa paixão não era mais o mesmo. Depois do nascimento dos bebês, Rose começou

a engordar. Seu rosto fez-se balofo; o corpo engrossava e as carnes se tornavam flácidas. As disputas não se resolviam mais tão facilmente, agora. Ao mesmo tempo tornavam-se mais frequentes; a paternidade irritava os nervos de John Bidlake. A sua arte lhe fornecia pretextos para ir a Paris. Uma vez partiu por quinze dias e ficou ausente quatro meses. As disputas recommençaram à sua volta. Rose, agora, desgostava-o francamente. As modelos lhe ofereciam consolações fáceis; John teve um caso amoroso extremamente sério com uma senhora casada que tinha

vindo à casa dele para que o pintor lhe fizesse um retrato. A vida na casa era um aborrecimento contínuo, temperado por cenas de escândalo. Depois de um atrito particularmente violento, Rose fez as malas e foi morar na casa dos pais. Levou consigo os filhos; John Bidlake não podia deixar de ficar deliciadíssimo por se ver livre do bando. O mais velho dos berradores e molhadores de cueiros era agora um cavalheiro enorme de ar militar e bigode grisalho. E o outro tinha morrido de câncer no intestino. John Bidlake não os vira mais, desde que os rapazes tinham vinte e cinco anos. Os

filhos tinham permanecido fiéis à mãe. Ela também tinha morrido, estava na sepultura já havia quinze anos.

Gato escaldado... Depois do divórcio, John Bidlake prometera a si mesmo que nunca mais haveria de casar-se de novo. Mas quando a gente se apaixona desesperadamente por uma jovem criatura virtuosa e de boa família, que é que pode fazer? John casou-se outra vez, e aqueles dois breves anos passados com Isabel tinham sido os mais extraordinários, os mais belos, os mais felizes de toda a sua vida. Depois ela morrera de parto, estupidamente.

John fazia o possível para nunca pensar nela. A recordação era-lhe demasiadamente dolorosa. Entre a imagem rememorada e o momento da recordação, os abismos do tempo e da separação eram mais vastos do que qualquer outro precipício entre o presente e o passado. E, em comparação com o passado que ele tinha partilhado com Isabel, todo o presente, fosse ele qual fosse, parecia pálido; além disso, aquela morte era uma horrível advertência do futuro. Bidlake nunca falava nela, e tudo quanto podia trazer-lhe recordações da morta — suas cartas,

seus livros, os móveis de seu quarto —, tudo fora por ele destruído ou vendido. John Bidlake queria *ignorar* tudo quanto não fosse o lugar e o momento presentes, queria ter a impressão de que acabava de chegar ao mundo e estava destinado a ser eterno. Mas a memória sobrevivia, embora ele nunca procurasse avivá-la deliberadamente; e embora os objetos que haviam pertencido a Isabel estivessem destruídos, Bidlake não se podia acautelar contra as recordações fortuitas. O acaso tinha descoberto muitas brechas em suas defesas, aquela noite. A mais larga foi aberta pela carta

de Elinor. Mergulhado na sua poltrona, John Bidlake deixou-se ficar sentado por muito tempo, imóvel.

*

Polly Logan estava sentada diante do seu espelho. Passava o pente pelos cabelos, produzindo pequenas crepitações finas de faíscas elétricas.

— Minúsculas faíscas, como minúscula batalha, minúsculos, minúsculos espectros trepidantes. Minúscula batalha, minúsculo espectro da metralha da batalha.

Polly pronunciava estas palavras com uma monotonia sonora, como se as recitasse diante de um auditório. Ela as

prolongava amorosamente, carregando nos *rr*, sibilando nos *ss*, zumbindo como uma abelha nos *mm*, espichando as vogais longas e fazendo-as redondas e puras. “Metralhar espectral de espectrais metralhas, canhoneio espectral, in-fi-ni-te-si-mal.” Lindas palavras! Ela experimentava uma satisfação especial em fazê-las rolar daquela maneira, em escutar com um ouvido apreciador, positivamente glutão, o retroar das sílabas que eram absorvidas pelo silêncio. Polly sempre gostara de falar sozinha. Era um hábito infantil do qual não se queria desfazer.

“Mas se isso me diverte”, protestava ela quando os outros riam, ridicularizando-lhe o hábito, “por que não hei de fazê-lo? Não faz mal a ninguém.”

E recusava-se a deixar que lhe tirassem o vezo à força de rirem dele.

— Elétrica, elétrica — continuou, baixando a voz e falando num sussurro dramático. — Fuzilaria elétrica, biscoitaria métrica. Ui! — O pente se lhe havia enredado em um tufo de cabelos emaranhados. Polly inclinou-se para a frente a fim de ver melhor no espelho o que estava fazendo. O rosto refletido se aproximou. — *Ma chère* —

exclamou ela em outra língua — *tu as l'air fatigué. Tu es vieille.* Você devia envergonhar-se de si mesma. Tz, tz! — Fez estalar a língua nos dentes num ar de desaprovação e balançou a cabeça. — Assim não serve, assim não serve! Enfim você não estava mal esta noite! “Minha querida, como fica deliciosa de branco!” — Imitou a voz enfática de mrs. Betterton. — O mesmo lhe desejo e muito mais ainda. Acha que hei de ser parecida com um elefante quando tiver sessenta anos? Enfim supponho que a gente deve ficar agradecida mesmo pelos elogios de um elefante. “Conte as

suas bênçãos, conte-as com amor”, cantarolou Polly docemente. “E verá com surpresa quanto por você fez o Senhor.” Oh céus! — Largou o pente, estremeceu violentamente e cobriu o rosto com as mãos. — Céus! — Polly sentiu que o sangue lhe subia às faces. — A gafe! Que “rata” enorme e fantástica! — Tinha pensado subitamente em lady Edward. Estava claro que ela ouvira tudo. — Mas como foi que eu me arrisquei a fazer aquela referência ao fato de ela ser canadense. — Polly lamentou-se, afogada de vergonha retrospectiva e de embaraço. — É o que

acontece a quem quer dizer a todo o custo coisas brilhantes... E quando penso que foi para Norah que eu desperdicei o meu latim... *Norah!* Oh Senhor! — Ergueu-se de um salto e, vestindo o seu roupão enquanto caminhava, precipitou-se corredor abaixo rumo ao quarto da mãe. Mrs. Logan estava já deitada e tinha apagado a luz. Polly abriu a porta e entrou na escuridão.

— Mamãe! — chamou ela. — Mamãe! — O tom de sua voz exprimia urgência e angústia.

— Que é que há? — respondeu mrs.

Logan, inquieta, do fundo da sombra. Polly sentou-se na cama e procurou às apalpadelas o interruptor da cabeceira. — Que é que há? — A luz brotou com um clique. — Que é, minha querida?

Polly atirou-se sobre a cama e escondeu o rosto nos joelhos da mãe.

— Oh, mamãe, se você soubesse que gafe terrível eu cometi com lady Edward! Se você soubesse! Esqueci de te contar.

Mrs. Logan ficou quase zangada por se ter sentido ansiosa em pura perda. Quando pomos em jogo toda a nossa força para levantar o que nos parece ser

um peso enorme, é desagradável perceber que se trata apenas de um halter de papelão, e que teria sido possível erguê-lo com dois dedos...

— Era necessário que você viesse me acordar do meu primeiro sono para contar essa história? — perguntou ela com irritação.

Polly ergueu os olhos para a mãe.

— Eu te peço perdão, mamãe — falou ela, arrependida. — Mas se você soubesse que rata *espantosa* eu dei!

Mrs. Logan não pôde deixar de rir.

— Eu não teria podido dormir sem primeiro te contar tudo — continuou

Polly.

— E eu não poderei dormir enquanto não me contar a história. — Mrs. Logan tentou mostrar-se severa e sarcástica. Mas os olhos e o sorriso a traíram.

Polly tomou-lhe da mão e beijou-a.

— Eu sabia que não ficaria zangada.

— Fico. E muito.

— Não adianta tentar me dar trotes — disse Polly. — Mas agora é preciso que eu te conte a minha rata.

Mrs. Logan emitiu um simulacro de suspiro resignado e, fingindo estar cheia de sono, fechou os olhos. Polly falou. Eram mais de duas horas e meia e ela

ainda não tinha voltado para o seu quarto. Haviam discutido não somente a gafe e lady Edward, mas também toda a festa, e todos os que nela haviam tomado parte. Ou melhor, Polly tinha discutido e mrs. Logan escutado, rido e protestado a rir quando os comentários da filha se tornavam demasiadamente ricos de exuberância mordaz.

— Mas, Polly, Polly — repreendeu ela —, você não devia dizer que as pessoas se parecem com elefantes.

— Mas mrs. Betterton parece mesmo um elefante — replicou Polly. — É a verdade. — E com o seu dramático

sussurro teatral acrescentou, elevando-se de uma fantasia para outra ainda mais surpreendente: — Até o nariz dela parece uma tromba...

— Mas mrs. Betterton tem nariz curto.

O murmúrio de Polly tornou-se ainda mais dramático: — É uma tromba amputada. Cortaram-lhe a ponta quando ela era bebê. Como se faz com a cauda dos cachorrinhos...

Capítulo XII

PARA OS CLIENTES PRIVILEGIADOS, Sbisa nunca fechava o seu restaurante. Eles podiam ficar lá a despeito da lei, e consumir intoxicantes até horas bastante avançadas da madrugada, conforme lhes apetecesse. Um garçom suplementar chegava à meia-noite para servir esses clientes de valor que desejavam infringir a lei. O velho Sbisa tratava de fazer que o valor deles, para a casa, fosse muito alto. O álcool era mais barato no Ritz do que no estabelecimento de Sbisa.

Eram mais ou menos uma hora e

meia — “apenas uma e meia”, gemera Lucy — quando ela, Walter e Spandrell deixaram o restaurante.

— É jovem ainda. — Foi assim que Spandrell comentou a noite. — Jovem e um pouco insípida. As noites são como seres humanos: só começam a interessar depois que ficam adultas. Lá pela meia-noite elas atingem a puberdade. Um pouco depois da uma hora chegam à maioridade. A sua plenitude está entre duas e duas e meia. Uma hora mais tarde elas vão ficando cada vez mais desesperadas, como essas mulheres devoradoras de homens e esses homens

maduros em declínio que andam por aí a saltitar num pé só mais violentamente do que nunca, na esperança de convencerem a si mesmos de que não são velhos. Depois das quatro horas, as noites entram em plena decomposição. E a sua morte é horrível. Verdadeiramente horrível, ao nascer do sol, quando as garrafas estão vazias, as pessoas têm um aspecto de cadáveres e o desejo se desfaz em desgosto. Tenho um fraco pelas cenas de leito de morte, confesso — acrescentou Spandrell.

— Estou convencida disso... — disse Lucy.

— E é somente à luz dos fins que se podem julgar os princípios e os meios. A noite acaba de atingir a maioridade. Resta ver como há de morrer. Antes disso não podemos julgá-la.

Walter sabia como a noite ia morrer para ele: — no meio das lágrimas de Marjorie e de sua própria angústia complicada com exasperação, numa explosão de ódio contra si mesmo e de ódio à mulher para com a qual ele se mostrara cruel. Walter sabia disso, mas recusou admiti-lo; como também recusava admitir que já fossem uma e meia e que Marjorie estivesse acordada,

perguntando a si mesma por que o companheiro não tinha voltado.

Quando faltavam cinco minutos para uma hora, Walter olhara o relógio e declarara que era tempo de partir. Ficar para quê? Spandrell não se mexia. Nenhuma esperança de ficar por um momento a sós com Lucy. Não lhe restava nem essa justificativa para fazer Marjorie sofrer. Ele a torturava, não para que pudesse ser feliz, mas sim apenas para se deixar ficar ali aborrecido, doente, exasperado, impacientemente infeliz.

— Eu tenho mesmo de ir — dissera

ele, erguendo-se.

Mas Lucy protestara, pedira num tom bajulador, ordenara. No fim das contas, Walter tornara a se sentar. Isso acontecera havia mais de meia hora, e agora os três se achavam em Soho Square, e a noite, a crer em Lucy e Spandrell, mal havia começado.

— Acho que já é tempo de você ver que aspecto tem um comunista revolucionário — disse Spandrell a Lucy.

Lucy não queria outra coisa.

— Pertenço a uma espécie de clube — explicou Spandrell. Ofereceu-se para

levá-los lá. — Hão de estar visíveis ainda alguns inimigos da sociedade, segundo espero — prosseguiu ele, logo que mergulharam na obscuridade refrescante. — Bons sujeitos, na maioria. Mas ridiculamente pueris. Alguns deles parecem acreditar sinceramente que uma revolução possa tornar o povo mais feliz. É encantador, é deveras tocante. — Emitiu a sua risada silenciosa. — Mas eu sou um esteta nessas matérias. Dinamite por amor à dinamite.

— Mas qual é a utilidade da dinamite, se não acreditas na utopia? —

perguntou Lucy.

— A utilidade? Mas você não tem olhos?

Lucy olhou em torno.

— Não vejo nada de particularmente horrendo...

— Eles têm olhos e não veem... — Spandrell disse alto, tomou o braço dela com uma das mãos e com a outra apontou a praça. — A fábrica de conservas deserta, transformada em salão de bailes; a maternidade; a casa de Sbisa; os editores do *Who's Who*. E outrora — acrescentou ele — o palácio do duque de Monmouth. Você pode

imaginar os fantasmas...

*Ou inspirado de um desejo mais
divino O pai o gera com requinte bem mais fino.*

“E assim por diante. Conheces o retrato dele depois da execução: deitado sobre um leito, com o lençol puxado até o queixo, de maneira que não se possa ver o lugar em que o pescoço foi cortado? É de Kneller. Ou de Lely? Monmouth e conservas, as parturientes e o *Who's Who*, a dança e o champanhe de Sbisa, pensa um pouco em tudo isso, pensa um pouco...

— Estou pensando — respondeu Lucy. — Intensamente.

— E você ainda pergunta qual é a

utilidade da dinamite?

Continuaram a caminhar. Diante da porta de uma casinha da rua St. Giles, Spandrell fê-los parar.

— Esperem um momento — disse, fazendo aos outros um sinal para que mergulhassem na sombra. Tocou a campainha. A porta se abriu imediatamente. Houve um breve colóquio na obscuridade; depois Spandrell se voltou e chamou os companheiros. Estes o seguiram até um vestíbulo sombrio, subiram uma escada atrás dele e entraram numa peça brilhantemente iluminada do primeiro

andar. Dois homens se achavam de pé junto da lareira, um hindu de turbante e um homenzinho de cabelos ruivos. Ao som de passos eles se voltaram. O homem de cabelos ruivos era Illidge.

— Spandrell? Bidlake? — Alçou as invisíveis sobrancelhas cor de areia num sinal de espanto. “E que andarás fazendo por aqui essa mulher?”, pensou ele.

Lucy avançou com as mãos estendidas.

— Somos velhos conhecidos — disse ela com um sorriso cordial de quem reconhece um amigo.

Illidge, que se preparava para dar ao

rosto uma expressão de frieza hostil, surpreendeu-se a retribuir o sorriso da moça.

*

Um táxi desembocou na rua, quebrando o silêncio num brusco sobressalto. Marjorie sentou-se na cama e pôs-se à escuta. O ronco da máquina ia ficando cada vez mais forte. Era o táxi de Walter; dessa vez ela tinha a certeza, ela sabia. O carro se aproximava cada vez mais. Ao pé da pequena elevação que ficava à direita da casa, o condutor engrenou a segunda; o motor roncou mais agudamente, como uma vespa assanhada. Cada vez mais e mais perto.

Marjorie estava possuída por uma ansiedade que era ao mesmo tempo do corpo e do espírito. Arquejava, seu coração batia forte, irregularmente — batia, batia, batia, e depois parecia estacar: a batida esperada não se fazia ouvir; era como se sob os pés dela tivesse se aberto um alçapão sobre o vácuo; sentia o terror do vazio, da descida, da queda, e a batida seguinte, retardada, seria o impacto de seu corpo contra a terra dura. Mais perto, mais perto. Marjorie chegava quase a temer a volta de Walter, embora tivesse ansiado tão dolorosamente por ela. Temia as

emoções que havia de sentir à vista dele, as lágrimas que havia de derramar, as censuras que não deixaria de lhe fazer, a despeito de si mesma. E que diria e faria Walter?, quais seriam os seus pensamentos? Marjorie tinha medo de imaginar... Mais perto ainda; o som passava justamente por baixo da sua janela; afastava-se, retirava-se, diminuía. E ela tinha tanta certeza de que era o táxi de Walter!

Deitou-se de novo. Se ao menos tivesse podido dormir! Mas aquela ansiedade física do corpo não o permitiria. O sangue martelava-lhe nos

ouvidos. Tinha a pele quente e seca. Doíam-lhe os olhos. Ela se deixou ficar completamente imóvel, deitada de costas, com os braços cruzados sobre o peito, como uma morta pronta para a inumação. “Dorme, dorme”, sussurrava para si mesma; imaginava-se estendida, num relaxamento de músculos, sem crispções, adormecida. Mas de súbito uma mão maliciosa parecia dedilhar-lhe os nervos retesados. Um tique violento lhe contraía os músculos dos membros; ela sobressaltava-se, como que sob o choque do terror. E a reação física do medo evocava-lhe no espírito uma

emoção de pavor, avivando e intensificando a ansiedade dolorosa que não cessara de acompanhar-lhe os esforços conscientes para atingir a tranquilidade. “Dorme, dorme, repousa o corpo” — era inútil continuar na tentativa de recuperar a calma, de esquecer, de dormir. Marjorie permitiu que a sua angústia viesse à tona. “Por que quererá ele fazer-me tão infeliz?” Voltou a cabeça. Os ponteiros luminosos do relógio, sobre a mesinha que havia ao lado da cama, indicavam quinze para as três. Quinze para as três. Walter sabia que ela nunca podia dormir antes do seu

regresso.

— Walter sabe que estou doente — falou Marjorie em voz alta. — Ele não fará caso?

Um novo pensamento lhe ocorreu de súbito. “Talvez ele queira que eu morra.” Morrer, não ser, não ver nunca mais o rosto dele, deixá-lo com a outra mulher. Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Talvez Walter estivesse procurando matá-la deliberadamente. Não era *a despeito* de seu estado de saúde que ele a tratava assim; era, antes, *porque* ela sofria muito e muito, era precisamente porque ela estava doente. Walter era

cruel de propósito. Ele esperava, ele queria que ela morresse; que ela morresse e o deixasse em paz com a outra mulher. Marjorie escondeu o rosto no travesseiro e soluçou. Não tornar a vê-lo, nunca, nunca mais. Treva, solidão, morte, para sempre. Para sempre e sempre. E, ainda por cima, aquilo tudo era tão injusto. Seria ela culpada por não ter recursos para se vestir bem?

— Se eu tivesse dinheiro para comprar os vestidos que ela compra... Chanel, Lanvin. — As páginas da *Vogue* flutuavam-lhe diante dos olhos. —

Molyneux, Groult... — Numa dessas casas onde a elegância se vendia barato, onde se vestiam as cocotes, numa rua que desembocava em Shaftesbury Avenue, havia um modelo de dezesseis guinéus.

— Ele gosta dela porque ela é atraente. Mas se eu tivesse o dinheiro necessário.

Não era justo. Walter não era rico: e quem sofria as consequências disso era ela, Marjorie. Tinha de sofrer porque ele não ganhava o bastante para lhe comprar bons vestidos.

E depois havia o bebê. Walter fazia-

a também sofrer por ele... Filho *dele*. E Walter se entediava; porque ela estivesse sempre cansada e doente ele já não a amava mais. Era a maior de todas as injustiças.

Uma célula se multiplicara e se fizera verme, o verme se fizera peixe e o peixe estava se transformando no feto de um mamífero. Marjorie sentia-se nauseada e cheia de fadiga. Dali a quinze anos um rapaz haveria de receber a confirmação. Enorme em suas vestes, como um navio armado em galera, o bispo diria: “Renovais aqui, na presença de Deus e desta congregação, as

promessas solenes e os votos que foram em vosso nome feitos no vosso batismo?”. E o ex-peixe responderia, com uma convicção apaixonada: “Sim”.

Pela milésima vez Marjorie lamentou a sua gravidez. Walter podia não conseguir matá-la agora. Mas isso havia de acontecer em qualquer caso quando o filho nascesse. O doutor dissera que seria difícil para ela ter um bebê. A pelve era estreita. A morte reapareceu diante de Marjorie, como um poço enorme que se lhe abria aos pés.

Um ruído fê-la estremecer violentamente. A porta de entrada do

apartamento estava sendo aberta à surdina. Os gonzos guincharam. Ouviram-se passos abafados. Outro guincho, o clique mal perceptível do trinco de mola que era cuidadosamente repostado no lugar; depois um novo ruído de passos. Mais um pequeno ruído seco, e simultaneamente a luz surgiu numa tira amarela debaixo da porta que separava o quarto de Marjorie do de Walter. Tencionaria ele ir para a cama sem vir dar-lhe boa-noite? Ela se deixou ficar imóvel, desperta e palpitante, com os olhos escancarados, escutando os ruídos que vinham do outro compartimento e as

batidas rápidas e terrificadas de seu próprio coração.

Walter sentou-se na cama para desatar os cordões dos sapatos. Estava a perguntar a si mesmo por que não entrara três horas mais cedo — e por que, mesmo, chegara a sair. Detestava as multidões; não podia suportar o álcool, e o ar duas vezes respirado, os cheiros, a fumaça dos restaurantes agiam sobre ele como um veneno deprimente. Walter tinha sofrido sem nenhum propósito; a não ser aqueles dolorosos e exasperantes momentos no táxi, não conseguira ficar a sós com Lucy aquela

noite. As horas que passara com ela tinham sido de aborrecimento e impaciência — infindavelmente longas, minuto de tortura após minuto de tortura. E a tortura do desejo e do ciúme tinha sido reforçada pela torturada consciência de sua própria culpabilidade. Cada minuto de demora no restaurante de Sbisa, cada minuto passado entre os revolucionários era um minuto que retardava a consumação de seu desejo e que, fazendo crescer a infelicidade de Marjorie, fazia ao mesmo tempo crescer o seu próprio remorso e a sua própria vergonha. Eram

mais de três horas quando eles deixaram finalmente o clube. Iria Lucy mandar Spandrell embora e deixar que ele, Walter, a conduzisse à casa? Olhou para ela: seus olhos eram eloquentes. Ele queria, ele ordenava.

— Teremos sanduíches e bebidas lá em casa — disse Lucy quando os três se viram na rua.

— Eis uma notícia muito bem-vinda — tornou Spandrell.

— Vem comigo, Walter querido.

Lucy tomou-lhe da mão, apertou-a afetosamente.

Walter balançou a cabeça.

— Tenho de ir para casa.

Se a aflição matasse, ele teria morrido ali na rua.

— Mas não pode deixar-nos agora — protestou Lucy. — Já que veio até aqui, é indispensável que vá até o fim. Vamos.

Puxou-o pela mão.

— Não, não.

Mas o que ela dissera era verdade. Dificilmente Walter poderia fazer Marjorie mais desgraçada do que já tinha realmente feito. Se ela não existisse mais, refletiu, se acontecesse de ela morrer — um aborto,

envenenamento do sangue...

Spandrell olhou para o relógio.

— Três e meia. A agonia está quase a principiar. — Walter escutava com horror; estaria o homem a ler-lhe os pensamentos? — *Munie des comforts de notre sainte religion*. O teu lugar é ao pé do leito, Walter. Não podes deixar que a noite morra sozinha, como um cão numa sarjeta.

Como um cão numa sarjeta. As palavras eram terríveis, condenavam-no.

— Eu tenho de ir.

Foi inflexível, com um atraso de três horas. Afastou-se a pé. Em Oxford

Street achou um táxi. Esperando — ele sabia que era em vão — chegar à casa sem ser percebido, fez parar o táxi na estação de Chalk Farm e percorreu a pé as últimas centenas de metros que o separavam da porta da casa cujos dois andares superiores ele ocupava com Marjorie. Tinha subido a escada de gatinhas: abriu a porta com as precauções de um assassino. Nenhum ruído vinha do quarto da amante. Walter se despiu, lavou-se, como se estivesse efetuando uma operação perigosa. Apagou a luz e foi para a cama. A escuridão, o silêncio absoluto. Estava

salvo.

— Walter!

Foi com a sensação de um criminoso condenado à morte que se vê despertado pelos guardas na madrugada da execução que ele respondeu, pondo na voz um arremedo de surpresa: — Está acordada, Marjorie?

Levantou-se e caminhou, como da cela para o cadafalso, para o quarto dela.

— Você quer me matar, Walter?

Como um cão numa sarjeta, sozinha. Ele fez menção de tomá-la nos braços. Marjorie repeliu-o. A sua angústia se

transformara momentaneamente em cólera, e o seu amor numa espécie de ódio e de ressentimento.

— Não seja ainda hipócrita além de tudo — disse ela. — Por que não pode dizer francamente que me odeia, que gostaria de se ver livre de mim, que ficaria contente se eu morresse? Por que não pode ser honesto e dizer-me tudo isso?

— Mas a troco de que hei de dizer o que não é verdade? — protestou ele.

— Vai, então, dizer que ainda me ama? — perguntou Marjorie sarcasticamente.

Walter, ao pronunciar as últimas palavras, chegara quase a acreditar nelas; aliás, era verdade, de certo modo.

— Mas eu te amo, eu te amo. Essa outra coisa é uma espécie de loucura. Independente da minha vontade... Não a posso evitar... Se soubesse como me sinto desgraçado, que brutalhão sem nome eu sou! — E tudo que ele tinha sofrido de desejo contrariado, de remorso, de vergonha e ódio de si mesmo parecia cristalizar-se, por meio dessas palavras, numa agonia única. Ele sofria e compadecia-se dos seus próprios sofrimentos. — Se soubesse,

Marjorie. — E, de súbito, alguma coisa no seu corpo pareceu quebrar-se. Uma invisível mão segurou-lhe a garganta, seus olhos foram cegados pelas lágrimas, e uma força interior, que já não era ele, sacudiu-o dos pés à cabeça e lhe arrancou, a despeito de sua vontade, um grito abafado que mal chegava a ser humano.

Ao som desse soluço espantoso saído da treva, a cólera de Marjorie desapareceu de repente. Ela agora sabia apenas que Walter era infeliz, e que ela o amava. Chegou mesmo a sentir remorso de sua cólera, das palavras

amargas que proferira.

— Walter. Meu querido.

Estendeu os braços e puxou-o contra o seu corpo. O rapaz se deixou ficar assim como uma criança, na consolação daquele abraço.

— Sente prazer em atormentá-lo? — inquiriu Spandrell enquanto ambos caminhavam rumo à Charing Cross Road.

— Atormentar quem? — perguntou Lucy. — Walter? Mas eu não o atormento.

— Mas não o deixa dormir com você! — retrucou Spandrell. — E ainda

afirma que não o atormenta! Pobre desgraçado!

— Mas por que hei de aceitá-lo, se não tenho vontade?

— Realmente, por quê? No entanto, deixar o rapaz assim na incerteza é simplesmente torturá-lo.

— Mas eu gosto dele — disse Lucy.
— É um companheiro tão bom! Novo demais, é claro; mas realmente quase ideal... E te garanto que não o atormento. Ele é que se atormenta.

Spandrell reteve a sua risada o tempo suficiente para assobiar, chamando um táxi que ele tinha visto no

fim da rua. O chofer deu volta e parou em frente a eles. Spandrell ainda ria silenciosamente quando subiram para o veículo.

— Enfim, ele não faz senão receber o que merece — continuou Spandrell do seu canto escuro. — É o verdadeiro tipo do assassinado.

— Do assassinado?

— São precisos dois para haver um assassinio. Há vítimas natas, nascidas para terem a garganta cortada, ao mesmo tempo em que os corta-dores de carótidas nascem para serem enforcados. Isso se lhes pode ler nas

caras. Há um tipo de vítima como há um tipo de criminoso. Walter é evidentemente uma vítima; ele, por assim dizer, convida os outros a que o maltratem.

— Pobre Walter!

— E é nosso dever — continuou Spandrell — fazer com que ele receba os maus-tratos a que faz jus...

— Por que não fazer com que ele não os receba? Pobre cordei-rinho!

— Devemos estar sempre do lado do destino. Walter nasceu manifestamente para apanhar... É nosso dever cooperar com a sorte dele. É o

que vejo com satisfação que você está fazendo...

— Mas eu te asseguro que não. Você tem fogo? — Spandrell riscou um fósforo. Com um cigarro preso aos lábios finos, Lucy se inclinou para beber a chama. Spandrell a tinha visto inclinar-se daquela maneira, com o mesmo movimento vivo, gracioso e ávido, inclinar-se sobre ele para lhe beber os beijos. E o rosto que se aproximou dele agora estava concentrado e fixamente atento na chama, do mesmo modo que ele o tinha visto concentrado e fixamente atento na

iluminação interior do prazer próximo. Os pensamentos e os sentimentos são numerosos e diversos, mas não existem senão uns poucos gestos; a máscara tem somente uma meia dúzia de caretas para exprimir mil coisas. Lucy empertigou-se; Spandrell jogou o fósforo para fora da janela. A ponta vermelha do cigarro se avivava e se sumia na escuridão.

— Você se lembra daquela nossa curiosa temporada em Paris? — perguntou ele, pensando ainda no rosto dela concentrado e ansioso. Três anos antes, ele a tivera como amante por um mês.

Lucy fez com a cabeça que sim.

— Lembro-me de que foi uma aventura quase ideal, enquanto durou. Mas você era horivelmente volúvel.

— Em outras palavras, eu não fiz a baderna que esperava quando você me deixou por Tom Trivet.

— É mentira! — disse Lucy com indignação. — Você já tinha começado a se afastar muito antes que eu sonhasse com Tom.

— Pois bem, seja como quiser... Para falar a verdade, não eras o gênero de vítima que meu gosto exigia. — Não havia nada de vítima em Lucy; e muito

pouco também, pensara ele com frequência, de mulher comum. Lucy sabia procurar o prazer como um homem procura o seu, sem remorso, com toda a força de espírito, sem permitir que seus pensamentos e sentimentos fossem minimamente atingidos. Spandrell não gostava de ser usado e explorado para prazer de outrem. Queria ser o explorador. Mas com Lucy não havia possibilidade de escravidão. — Eu sou como você — acrescentou ele. — Preciso de vítimas.

— Subentende-se então que eu sou um dos criminosos?

— Julguei que estivéssemos há muito de acordo a esse respeito, minha cara Lucy.

— Jamais concordei com coisa alguma na minha vida — protestou ela — e jamais hei de concordar. Pelo menos, durante mais de meia hora de cada vez.

— Foi em Paris, você se lembra? Na *Chaumière*. Havia um jovem que pintava os lábios na mesa próxima.

— E que tinha um bracelete de diamantes e de platina. — Lucy balançou a cabeça em sinal afirmativo, sorrindo. — E você me chamou anjo, ou

coisa que o valha.

— Anjo mau — precisou ele —, anjo mau de nascença.

— Para um homem inteligente, Maurice, você diz besteiras aos montes. Acredita sinceramente que haja coisas direitas e coisas tortas?

Spandrell tomou-lhe da mão e beijou-a.

— Querida Lucy, você é esplêndida. E não deve esconder nunca os seus talentos. Bravos, oh bom e fiel súcubo! — Beijou-lhe a mão de novo. — Continue a fazer o seu dever como tem feito até agora. É tudo quanto o céu

exige de você.

— Eu procuro simplesmente divertir-me. — O táxi estacou diante da casinha de Lucy em Bruton Street. — E sem muito êxito — acrescentou ela ao descer do carro —, só Deus sabe... Olha, eu tenho dinheiro. — Estendeu ao condutor uma nota de dez xelins. Lucy insistia, quando se achava com homens, em pagar o mais possível. Pagando, ela era independente, podia agir como entendia. — E ninguém me ajuda muito — continuou, tateando com a chave para achar a fechadura. — Vocês todos são assombrosamente insípidos.

Na sala de jantar esperava-os uma bela natureza-morta de garrafas, frutas e sanduíches. Nas curvas dos flancos polidos da garrafa térmica as imagens de ambos, refletidas, passeavam fantasticamente num universo não euclidiano. O professor Dewar tinha liquefeito o hidrogênio a fim de que a sopa de Lucy pudesse conservar-se quente para ela até as primeiras horas da madrugada. Por cima do bufê estava pendurada uma das pinturas de John Bidlake que representavam cenas de teatro. Uma curva da galeria, uma fileira de rostos em declive, um canto do

proscênio brilhante.

— Como isso está bem! — disse Spandrell, pondo a mão em pala sobre os olhos para ver o quadro mais claramente.

Lucy não fez comentário. Estava a mirar-se em um velho espelho de vidro embaçado.

— Que hei de fazer quando ficar velha? — perguntou ela de súbito.

— Por que não morrer? — sugeriu Spandrell com a boca cheia de pão e de *foi gras* de Estrasburgo.

— Acho que vou me dedicar à ciência, como o Velho. Não existe algo a

que se possa chamar *zoologia humana*? Eu me fatigaria muito depressa das rãs — prosseguiu ela. — Por falar em rãs — acrescentou —, aquele homenzinho de cabelos cor de cenoura me agradou um pouco... como é o nome dele?... Illidge. Como ele nos detesta por sermos ricos!

— Não me arroles no número dos ricos. Se soubesses... — Spandrell balançou a cabeça. “Esperemos que ela traga algum dinheiro quando vier amanhã”, pensava ele, recordando-se do recado que Lucy lhe trouxera da mãe. Tinha-lhe escrito que o caso era

urgente...

— Gosto das pessoas que sabem odiar — continuou Lucy.

— Illidge sabe odiar. Está todo recheado de teorias, de fel e de inveja. Anseia por fazer saltar vocês todos a dinamite.

— E então por que não faz? Por que você não faz? Não foi para isso que o seu clube foi criado?

— Há uma leve diferença entre a teoria e a prática, você sabe. E quando se é comunista militante e materialista científico, e admi-rador da Revolução Russa, a teoria é das mais esquisitas.

Você devia ouvir o nosso jovem amigo falar do homicídio! O que o interessa especialmente é, está claro, o assassinio político; mas ele não faz muita distinção entre os diferentes ramos da profissão. Segundo Illidge, uma espécie é tão inofensiva e moralmente indiferente como outra. A nossa vaidade faz-nos exagerar a importância da vida humana; o indivíduo é nada; à natureza importa apenas a espécie. E assim por diante... É estranho — comentou Spandrell num parêntese — como as últimas manifestações de arte e de política são geralmente fora de moda e até

primitivas! O jovem Illidge fala como uma mistura de Tennyson no *In Memoriam* mais um índio do México ou de um malaio que procura decidir-se a entrar em amoque.^[14] Ele justifica a indiferença mais primitiva, mais selvagem, mais animal para com a vida por meio de argumentos científicos obsoletos. É verdadeiramente muito estranho.

— Mas por que há de ser a ciência obsoleta? — inquiriu Lucy.

— Porque, no fim das contas, o próprio Illidge é um cientista...

— Mas é também um comunista. O

que significa que ele está saturado do materialismo do século XIX. Ninguém pode ser comunista verdadeiro sem ser também mecanicista. É necessário acreditar que as únicas realidades fundamentais são o espaço, o tempo e a massa, e que todo o resto é disparate, mera ilusão e, ainda por cima, ilusão burguesa. Pobre Illidge! Einstein e Edington o enchem de uma aflição enorme. E como ele detesta Henri Poincaré! E como fica furioso com o velho Mach! Toda essa gente está solapando a sua fé simples. Dizem-lhe que as leis da natureza são convenções

úteis, de fabricação exclusivamente humana, e que o espaço e o tempo e a massa, estes mesmos, todo o universo de Newton e de seus sucessores, são apenas uma invenção nossa, muito nossa. Esta ideia lhe é tão indizivelmente chocante e dolorosa como seria para um cristão a ideia da não existência de Jesus. Illidge é homem de ciência, mas seus princípios o levam a lutar contra toda teoria científica que tenha menos de cinquenta anos de idade. É uma coisa deliciosamente cômica.

— Não resta dúvida... — disse Lucy, bocejando. — Isto é, no caso de

estarmos interessados em teorias, o que não acontece comigo...

— Mas acontece comigo — retorquiu Spandrell —; assim, eu não te peço desculpas. Mas se você preferir, posso dar exemplos das inconseqüências práticas do homenzinho. Descobri, não há muito tempo, e de uma maneira completamente casual, que Illidge tem o sentimento mais tocante de lealdade familiar. Ele sustenta a mãe, custeia a educação do irmão mais novo e deu cinquenta libras à irmã quando ela se casou...

— Que mal há nisso?

— Mal? Mas é desagradavelmente burguês! Em teoria Illidge não vê distinção entre sua mãe e qualquer outra mulher idosa. Sabe que, numa sociedade racionalmente organizada, ela seria levada para a câmara de asfixia por causa da sua artrite. A despeito disso, envia à velha não sei quanto por semana a fim de lhe tornar possível arrastar uma existência inútil. Eu o acusei disso outro dia. Illidge corou e ficou terrivelmente transtornado, como se tivesse sido apanhado a fazer trapaça num jogo de cartas. Assim, para restaurar o próprio prestígio, teve de mudar de assunto e

começou a falar sobre o assassinio político e as suas vanvagens, com a ferocidade mais admiravelmente calma, desprendida e científica deste mundo. Eu me limitei a rir. “Num destes dias, ameacei-o, eu te pegarei pela palavra e te convidarei para uma expedição de caça ao homem.” E o mais importante é que eu vou convidá-lo mesmo!

— A menos que você continue a conversar fiado, como todos os outros...

— Sim — concordou Spandrell —, a menos que eu continue a conversar fiado...

— Se um dia você parar de tagarelar

e fizer algo de positivo, me deixe saber.
As coisas assim ganhariam mais vida...

— Ou mais morte, talvez...

— Mas a vitalidade mortal é realmente a mais viva de todas. — Lucy franziu a sobancelha. — Estou tão enfarada destas espécies ordinárias e convencionais de vitalidade! A juventude na proa e o prazer ao leme. Você sabe. É tolo, é monótono. A energia parece ter hoje em dia tão poucas maneiras de se manifestar... Julgo que no passado era diferente...

— Havia violência e ao mesmo tempo amor. É o que você quer dizer?

— E isso. — Lucy fez com a cabeça um sinal afirmativo. — A vitalidade não era tão exclusivamente... tão exclusivamente bordeleira, para usar um termo cru.

— Eles sabiam quebrar também o sexto mandamento. Hoje em dia há muitos policiais.

— Muitos, demais... Não permitem nem que pestanejemos. A gente devia experimentar tudo...

— Mas de que serviria isso, uma vez que, como você parece pensar, não há coisas certas nem coisas erradas, não existe nem o bem nem o mal? De que

serviria?

— De que serviria? Mas poderia haver experiências divertidas, experiências excitantes.

— Mas essas experiências nunca poderiam ser lá muito excitantes se não sentíssemos que eram um mal, um erro.

— O tempo e o hábito tinham tirado a maldade de quase todos os atos que outrora ele julgara pecaminosos. Spandrell os realizava com tão pouco entusiasmo como teria realizado o ato de tomar o trem da manhã para a cidade. — Há pessoas — continuou ele com um ar meditativo, tentando precisar o que

havia de obscuro e vago nas suas próprias sensações —, há pessoas que não podem conceber o bem senão pecando contra ele. — Mas quando os velhos pecados cessam de ser considerados como tais, que acontece? A discussão continuava dentro do cérebro de Spandrell. A única solução parecia ser cometer pecados novos e progressivamente mais sérios, para experimentar tudo, como dissera Lucy em seu jargão. — Uma das maneiras de conhecer Deus — disse ele lentamente, à guisa de conclusão — é negá-lo.

— Meu bom Maurice! — protestou

Lucy.

— Vou parar. — Riu. — Mas, na verdade, se é caso para dizer “meu bom Maurice” — (aqui Spandrell imitou o tom da voz dela) —, se és igualmente insensível ao bem e ao pecado contra o bem, para que, então, você quer praticar esses atos que provocam a interferência da polícia?

Lucy deu de ombros.

— Por curiosidade. A gente se aborrece...

— Ai! A gente se aborrece... — Spandrell tornou a rir. — Apesar de tudo, eu penso que o sapateiro não devia

ir além da chinela...

— E qual é a minha chinela?

Spandrell sorriu arreganhadamente:
— A modéstia — começou ele — me impede...

Capítulo XIII WALTER DIRIGIA-
SE PARA A FLEET STREET. **Não se**
sentia precisamente feliz,
mas estava pelo menos
calmo — calmo à ideia de
que tudo agora estava
arranjado. Sim, tudo tinha
sido arranjado; tudo —
porque no curso da explosão
emocional da última noite,
tudo tinha vindo à
superfície. Para começar, ele
não tornaria a ver Lucy

nunca mais; isso estava definitivamente decidido e prometido, tanto para o seu bem como para o de Marjorie. Depois, ia passar todas as noites com Marjorie. E finalmente ia pedir um aumento a Burlap. Tudo estava assentado. O próprio tempo parecia saber disso. Era um dia de bruma branca tenaz, tão intrinsecamente calmo que

todos os ruídos de Londres pareciam um contrassenso.

O tráfego rugia e se precipitava, mas sem tocar, entretanto, a quietude e o silêncio essenciais do dia.

Tudo estava ajustado; o mundo recomeçava outra vez —, talvez não de uma maneira lá muito triunfal, não de todo brilhante, mas com resignação, com uma calma resoluta que coisa

alguma podia turbar.

Lembrando-se do incidente da noite anterior, Walter esperava ser recebido friamente na redação. Mas, pelo contrário, Burlap estava em um de seus dias de maior cordialidade. Também se lembrava da noite passada e estava ansioso por que Walter a esquecesse. Chamou-lhe “meu velho”, apertou-lhe afetuosamente o braço; sentado em sua cadeira, ergueu os olhos para o rapaz, aqueles olhos que não exprimiam nada, que eram apenas dois buracos metidos na escuridão interior do crânio. Sua boca, entretanto, sorriu encantadora e

sutilmente. Walter retribuiu-lhe o “meu velho” e o sorriso, mas com uma consciência dolorosa de insinceridade. Burlap sempre lhe produzia aquele efeito; na presença dele Walter nunca se sentia absolutamente honesto ou sincero. Era uma sensação desagradável ao extremo. Com Burlap ele era sempre, de certa maneira, obscuro, mentiroso e comediante. E ao mesmo tempo, tudo quanto dizia, mesmo quando exprimia as suas convicções mais íntimas, transformava-se numa espécie de falsidade.

— Gostei do seu artigo sobre

Rimbaud — declarou Burlap, ainda apertando o braço de Walter, ainda sorrindo para ele, sentado na sua cadeira giratória atirada para trás.

— Isso me alegra — respondeu Walter, sentindo com um certo mal-estar que aquela observação não era realmente dirigida a ele, mas sim a alguma parte do próprio espírito de Burlap, que tinha sussurrado: “Você devia dizer algo de agradável sobre o artigo dele”, e que estava vendo a sua exigência satisfeita por outra parte do espírito do mesmo Burlap.

— Que homem! — exclamou Burlap.

— Era uma criatura que acreditava na vida, não acha?

Desde que Burlap começou a exercer as funções de chefe da redação, os artigos editoriais do *Mundo Literário* tinham quase todas as semanas proclamado a necessidade de acreditar na vida. A fé de Burlap na vida era uma das coisas que mais inquietavam Walter. Que significado encerrariam aquelas palavras? Walter nunca chegara a ter a mais leve ideia. Burlap jamais explicara... Era preciso entender por intuição; quem não o conseguisse estaria condenado ao inferno. Walter supunha

achar-se entre os malditos. Era pouco provável que viesse um dia a esquecer a sua primeira entrevista com o futuro chefe. “Ouvi dizer que o senhor precisa de um redator adjunto”, principiara ele timidamente. Burlap fez com a cabeça um sinal afirmativo: “Sim, preciso” e depois de um enorme e horrível silêncio, o homem subitamente olhou para Walter com os seus olhos vazios e perguntou: “O senhor acredita na vida?”. Walter corou até a raiz dos cabelos e respondeu: “Sim”. Era a única resposta possível. Houve outro deserto de silêncio e depois Burlap tornou a erguer

os olhos: “O senhor é virgem?”, inquiriu. Walter corou ainda mais violentamente, hesitou, e por fim balançou a cabeça. Foi somente mais tarde que descobriu, por meio de um dos artigos do próprio Burlap, que o diretor do *Mundo Literário* tinha modelado sua atitude de acordo com a de Tolstói, “indo direito às grandes coisas simples e fundamentais”, segundo a descrição que o próprio Burlap fazia das impertinências espirituais do velho apóstolo salvacionista.

— Sim, Rimbaud certamente acreditava na vida — aquiesceu Walter

com uma voz mole, sentindo, ao pronunciar as palavras, a mesma impressão que sentia quando tinha de escrever uma carta de pêsames. Falar a respeito da fé na vida era uma falta de sinceridade da mesma ordem que falar em “sentidas condolências” e em “vossa perda irreparável”...

— Rimbaud acreditava tanto na vida — continuou Burlap, baixando os olhos (com grande alívio da parte de Walter) e meneando a cabeça, ao passo que pronunciava as palavras como se as ruminasse —, de maneira tão profunda que estava pronto até para renunciar a

ela. É assim que eu interpreto o seu abandono da literatura — um sacrifício consciente. (“Ele usa com demasiada facilidade as grandes palavras”, pensou Walter.) — Aquele que quiser salvar a sua vida deve perdê-la. (Oh! Oh!) — Ser o melhor poeta de sua geração e, sabendo disso, abandonar a poesia, é perder a própria vida para salvá-la. É acreditar verdadeiramente na vida. A sua fé era tão forte que ele estava disposto a perder a sua vida, na certeza de ganhar uma vida nova e melhor. (Sim, com demasiada facilidade! Walter sentia-se cheio de embaraço). — Uma

vida de contemplação mística e de intuição. Oh, se ao menos se soubesse o que ele fez e pensou na África! Se ao menos se soubesse!

Walter teve a coragem de replicar: — Contrabandeava armas de fogo para o imperador Menelik. E, a julgar por suas cartas, Rimbaud parece ter pensado sobretudo em ganhar bastante dinheiro para se estabelecer. Levava quarenta mil francos no cinturão. Dez quilos de ouro em torno dos rins. (“Por falar em ouro”, pensou Walter, “preciso falar-lhe a respeito do meu ordenado.”) Mas ao ouvir falar nos fuzis de Menelik e nos

quarenta mil francos Burlap sorriu com uma expressão de indulgência cristã.

— Mas você realmente pensa — perguntou ele — que o contrabando de armas e o dinheiro eram as coisas que ocupavam o espírito dele no deserto? Dele? Do autor de *Les Illuminations*?

Walter corou, como se tivesse cometido uma grave inconveniência.

— São esses os únicos fatos que conheço — respondeu ele, desculpando-se.

— Mas há uma intuição que vê mais fundo do que os simples fatos. — “Intuição profunda” era o nome que

Burlap gostava de dar à sua própria opinião. — Ele estava apanhando o sentido da vida nova, estava ganhando o Reino do Céu.

— É uma hipótese — disse Walter, contrafeito, desejando que Burlap nunca tivesse lido o Novo Testamento.

— Para mim — retorquiu Burlap — é uma certeza. Uma certeza absoluta. — Falava com muita ênfase, balançando a cabeça com violência. — Uma certeza completa e absoluta — repetiu, hipnotizando-se com a reiteração da frase a ponto de entrar num estado fictício de convicção apaixonada. —

Completa e absoluta. — Silenciou; mas interiormente continuou a se açoitar até entrar num furor místico. Pensou em Rimbaud a ponto de se transformar ele próprio em Rimbaud. E depois, subitamente, o seu diabinho meteu para fora a carantonha arreganhada e cochichou: “Dez quilos de ouro à cinta”. Burlap exorcizou o demônio, mudando de assunto. — Você viu os livros novos para a resenha? — perguntou, apontando para uma dupla pilha de volumes que se achava a um canto da mesa. — Metros e metros de literatura contemporânea. — Foi presa de uma exasperação

humorística. — Por que será que os autores não param? É uma doença. Um fluxo de sangue, como o de que sofria aquela pobre senhora da Bíblia, você se lembra?

O de que Walter se lembrava principalmente era de que aquela comparação era de Philip Quarles.

Burlap levantou-se e começou a examinar os livros.

— Piedade para o pobre crítico! — disse ele com um suspiro.

O *pobre crítico* — não seria a deixa esperada para começar a sua conversa sobre ordenado? Walter criou ânimo,

concentrou a sua vontade.

— Eu estava justamente a considerar... — principiou.

Mas Burlap, quase ao mesmo tempo, tinha começado a falar por sua vez: — Vou chamar Beatrice — disse, apertando três vezes na campainha. — Perdão. O que dizia?

— Nada.

O pedido tinha de ser transferido. Não podia ser feito em público, sobretudo quando o público era Beatrice. “Maldita Beatrice!”, pensou Walter, com um ódio injusto. Por que vinha ela fazer de graça a revisão de

provas e a redação de notícias curtas? Simplesmente porque tinha rendimento próprio e porque adorava Burlap.

Walter queixara-se a ela certa vez, por brincadeira, de suas miseráveis seis libras semanais.

— Mas o *Mundo* merece que façamos sacrifícios por ele — retrucara Miss Gilray num tom seco. — Além do mais, temos responsabilidades para com os outros; *devemos* fazer algo por eles. — Repetidas assim por aquela voz clara e martelada, os sentimentos cristãos de Burlap tinham um sabor particularmente estranho. — O *Mundo* faz alguma coisa;

é preciso que o ajudemos.

A réplica natural seria esta: os rendimentos particulares dele, Walter, eram muito pequenos e ele não estava apaixonado por Burlap... No entanto, Walter não respondeu assim, e se deixou bicar. Fosse como fosse, o diabo que levasse aquela maldita mulher!

Beatrice entrou, uma figura fornidamente bem-feita, muito ereta e com ares atarefadíssimos.

— Bom dia, Walter — cumprimentou. Cada uma de suas palavras era como um golpe curto e vigoroso, dado com um martelo de

marfim nos nós dos dedos. — Você parece cansado — continuou ela. — Gasto. Como se tivesse andado de farra a noite passada. — Bicada vinha após bicada. — Não andou?

Walter corou: — Dormi mal — resmungou ele; e absorveu-se no exame de um livro.

Classificaram os volumes para os diversos críticos. Uma pilha pequena para o entendido em ciência, outra para o metafísico acreditado, um monte enorme para o especialista em ficção. A pilha maior tinha o nome de “*Droga*”. Eram livros que não mereciam críticas,

mas apenas uma nota rápida.

— Eis aqui um livro sobre a Polinésia para você, Walter — disse Burlap generosamente. — E uma nova antologia de versos franceses. Não, pensando melhor, acho que eu é que vou escrever sobre isto. — *Pensando melhor* ele geralmente guardava para si os livros mais interessantes.

— *A vida de são Francisco recontada para as crianças por Bella Jukes. Teologia ou droga?* — perguntou Beatrice.

— Droga — respondeu Walter, olhando por cima do ombro dela.

— Mas eu gostaria de ter um pretexto para fazer um artiguinho a respeito de são Francisco — disse Burlap. Nos intervalos que lhe deixavam as funções de redator, tinha ele empreendido um estudo de fôlego que se deveria chamar *São Francisco e a psique moderna*. Burlap tomou o livrinho das mãos de Beatrice e fez desfilar as páginas sob o seu polegar. — Parece droga mesmo — admitiu. — Mas que homem extraordinário! Extraordinário! — Começou a hipnotizar-se, a flagelar-se para atingir o estado de espírito franciscano.

— Extraordinário! — martelou Beatrice, com os olhos fitos em Burlap.

Walter olhou para ela com curiosidade. As ideias de Beatrice e aquelas bicadas de ganso pareciam pertencer a duas pessoas diferentes, entre as quais o único elo perceptível era Burlap. Haveria também alguma ligação interna, orgânica?

— Que integridade devastadora! — continuou Burlap, numa autointoxicação. Balançou a cabeça e, suspirando, recuperou a calma suficiente para poder continuar o trabalho da manhã.

Quando, por fim, Walter teve ensejo

de falar (com que timidez, com que escrupulosa relutância!) a respeito de seu ordenado, Burlap mostrou-se admiravelmente cheio de simpatia.

— Eu sei, meu velho — disse ele, descansando a mão no ombro do outro com um gesto que perturbadoramente recordou a Walter o tempo em que, menino de escola, ele representava o papel de Antônio em *O mercador de Veneza* e o detestável Porter (o mais velho), caracterizado de Bassânio, ensaiava um gesto que traduzisse amizade. — Eu sei o que é andar mal de dinheiro. — A sua risadinha dava a

entender que ele, Burlap, era um verdadeiro franciscano especialista em pobreza, mas que era modesto demais para insistir no assunto. — Eu sei, meu velho. — E realmente chegava quase a acreditar que não era coproprietário e diretor da redação do *Mundo*, que não tinha um níquel empregado no jornal, que vivia com duas libras por semana havia muitos anos. — Eu quisera que estivéssemos em condições de pagar três vezes o que estamos pagando a você. Você o merece, meu velho. — Deu uma palmadinha no ombro de Walter.

Este resmungou algumas palavras

vagas de modéstia. “Aquela palmadinha”, pensou, “era a deixa para ele começar.”

Eu sou a ovelha maculada do rebanho Que mais merece ser levada ao matadouro...

— Eu só queria — continuou Burlap — para o seu bem e para o meu — acrescentou com um risinho tristonho, metendo-se, com relação às finanças, dentro da mesma panela de Walter —, eu só queria que o jornal desse lucro maior. Se você escrevesse menos bem, ele daria. — O elogio era encantador. Burlap o reforçou com outra palmadinha amigável e com um novo sorriso. Mas

os olhos não exprimiam nada. Encontrando-os por um instante, Walter teve a estranha impressão de que aqueles olhos não estavam absolutamente olhando para ele, que não estavam olhando para coisa nenhuma. — O jornal é bom demais. E isto em grande parte por culpa tua. Não se pode servir a Deus e ao Dinheiro ao mesmo tempo...

— Naturalmente — concordou Walter; mas sentiu de novo que as grandes palavras tinham vindo com demasiada facilidade.

— Quisera eu que isso fosse possível — falou Burlap, como um são

Francisco brincalhão que fingia zombar de seus próprios princípios.

Walter aderiu à risada, mas sem alegria. Preferia mil vezes que não tivesse mencionado a palavra “ordenado”.

— Vou falar a mr. Chivers — disse Burlap. Mr. Chivers era o diretor comercial. Burlap se servia dele, como os homens de Estado se servem dos oráculos e dos augúrios, em benefício da sua própria política. Suas decisões mal acolhidas podiam sempre ser levadas à conta de mr. Chivers; e quando ele tinha algum gesto simpático

era invariavelmente “à revelia do desalmado despotismo do diretor comercial”. Mr. Chivers era a mais conveniente das ficções. — Hei de falar-lhe esta manhã mesmo.

— Não se incomode — disse Walter.

— Se for humanamente possível arrancar alguma coisa mais para você...

— Não, eu te peço... — Walter chegava positivamente a suplicar que não lhe aumentassem o ordenado. — Eu sei bem das dificuldades. Não pense que quero...

— Mas nós estamos te explorando,

Walter, estamos positivamente pagando um salário de fome. — Quanto mais Walter protestava, mais generoso ficava Burlap. — Não pense que não percebo. Há muito que isso vem me preocupando.

A sua magnanimidade era infecciosa. Walter estava resolvido a não aceitar nenhum aumento, firmemente resolvido, embora tivesse a convicção de que o jornal estava em condições de pagá-lo melhor.

— Realmente, Burlap — disse ele quase numa súplica —, eu preferia antes que você deixasse as coisas como elas estão. — E então, de súbito, Walter

pensou em Marjorie. Como a estava tratando injustamente! Sacrificava o bem-estar dela ao seu. Porque ele achasse desagradável negociar, porque lhe fosse repugnante lutar, por um lado, e, pelo outro, aceitar favores, a pobre Marjorie teria de continuar sem novos vestidos e sem mais uma criada.

Mas Burlap afastava-lhe as objeções. Insistiu em ser generoso.

— Vou falar a Chivers imediatamente. Creio que posso persuadi-lo a dar-te mais vinte e cinco por ano.

Vinte e cinco. Equivalia aquilo a dez

xelins por semana, isto é, a nada. Marjorie tinha dito que ele devia exigir pelo menos mais cem libras.

— Obrigado — agradeceu Walter. E por ter dito esta palavra desprezou-se a si mesmo.

— É ridiculamente pouco, acho eu. Ridiculamente, eis o termo.

“Era o que eu devia ter dito”, pensou Walter.

— Sente-se até vergonha de oferecer isso. Mas que é que se vai fazer? — “Se” manifestamente não podia fazer nada, pela boa razão de que “se” era impessoal e não existia.

Walter resmungou algo a respeito de “ficar grato”. Sentiu-se humilhado e culpou Marjorie do que acontecera.

Quando trabalhava na redação, o que acontecia somente três dias por semana, Walter ficava na mesma sala de Beatrice. Burlap, num isolamento diretorial, ficava sozinho. Era dia de “Diversas”. Viam-se sobre a mesa as pilhas de “Drogas”. Walter e Beatrice serviram-se. Era um festim literário — um festim de sobejos. Maus romances e versos sem valor, sistemas imbecis de filosofia e moralizações chatas, biografias insignificantes e livros

maçantes de viagem, livros de um pietismo tão nauseante e histórias infantis tão vulgares e tolas que lê-los era sentir vergonha por toda a raça humana; a pilha era alta, e cada semana ia ficando ainda mais crescida. A perseverança de Beatrice, que semelhava a das formigas, o discernimento rápido e a facilidade de Walter eram completamente incapazes de reprimir o fluxo crescente. Ambos puseram mãos à obra “como abutres”, dizia Walter, “nas Torres do Silêncio”. O que ele escreveu naquela manhã foi particularmente mordaz.

No papel Walter era tudo o que não conseguia ser na vida. Suas críticas eram ricas de epigramas e implacáveis. As pobres solteironas compenetradas, quando liam o que ele escrevia a respeito de seus poemas sentidíssimos sobre Deus e a Paixão, e sobre as belezas da natureza, se sentiam picadas ao vivo pelo desdém brutal do cronista. Os caçadores de caça grossa que tinham feito, cheios de gozo, uma excursão à África perguntavam-se a si mesmos como a narrativa de uma aventura tão interessante podia ser qualificada de cacete. Os jovens novelistas que tinham

modelado os seus estilos e as suas concepções épicas de acordo com os melhores autores, que tinham ousadamente posto a descoberto os segredos de sua vida íntima e sexual, ficavam feridos, ficavam abismados, ficavam indignados ao lerem que os seus escritos eram pomposos, sua construção inexistente, sua psicologia falsa e seu drama, teatral e melodramático. Custa tanto escrever um mau livro como um bom; sai com a mesma sinceridade da alma do autor. Mas sendo a alma do mau autor, pelo menos artisticamente, de qualidade inferior, suas sinceridades

serão, se não sempre intrinsecamente desinteressantes, pelo menos desinteressantemente exprimidas, e o trabalho dispensado nessa expressão será malbaratado. A natureza é monstruosamente injusta. Não há substituto para o talento. A indústria e todas as virtudes são de nenhum proveito. Imerso na sua “Droga”, Walter começou a escrever ferozmente sobre a falta de talento. Conscientes de sua indústria, de sua sinceridade e de suas boas intenções artísticas, os autores das “drogas” sentiam-se tratados de maneira injusta e ultrajante.

Os métodos de crítica de Beatrice eram simples; em todos os casos ela procurava dizer o que imaginava que Burlap diria. Na prática, o que acontecia era que ela elogiava todos os livros nos quais a vida e os seus problemas eram, julgava ela, levados a sério; e condenava todos os outros em que isso não acontecesse. Beatrice teria classificado o *Festus* de Bailey acima do *Cândido*, a menos, é claro, que Burlap ou alguma outra pessoa de autoridade lhe tivesse dito previamente que era seu dever preferir *Cândido*. Como nunca lhe permitiam criticar nada,

a não ser o que era “Droga”, a sua falta absoluta de senso crítico era de pouca importância.

Walter e Beatrice trabalharam, saíram para fazer o lanche, voltaram e recomeçaram o trabalho. Onze livros novos haviam chegado no intervalo.

— Eu sinto — disse Walter — o que devem sentir os abutres de Bombaim quando há epidemia entre os parses.

Bombaim e os parses lembraram-lhe a irmã. Elinor e Philip deviam estar embarcando naquele dia. Walter se alegrava por sabê-los de volta à pátria. Eram quase as únicas pessoas com as

quais ele podia falar com intimidade a respeito de seus assuntos. Poderia discutir com eles os seus problemas. Seria um conforto, um alívio de responsabilidade. E então, subitamente, o jovem Bidlake lembrou-se de que tudo estava ajustado, de que não havia mais problemas. Nenhum mais... Foi nesse momento que a campainha do telefone tilintou. Walter levantou o receptor e disse: Alô!

— É você, Walter querido? — Era a voz de Lucy.

O coração de Walter desfaleceu; ele sabia o que ia acontecer.

— Acabo de acordar — explicou ela. — Estou completamente só.

Queria que ele fosse para o chá. Walter recusou. Que fosse, então, depois do chá.

— Não posso — persistiu ele.

— Bobagem! É claro que você pode.

— Impossível.

— Mas por quê?

— Trabalho.

— Mas depois das seis. Faço questão...

“Afim de contas”, pensou ele, “talvez fosse melhor ir vê-la e explicarlhe o que tinha resolvido.”

— Eu nunca hei de te perdoar se você não vier.

— Está bem. Farei um esforço. Irei, se for possível...

— Que dengoso ele é — caçoou Beatrice quando Walter pendurou de novo o receptor. — A dizer *não* só pelo prazer de se sentir requisitado.

E quando, poucos minutos depois das cinco, o rapaz deixou a redação sob o pretexto de que precisava ir à London Library antes da hora de fechar, Beatrice dirigiu-lhe votos irônicos de felicidade. E as suas últimas palavras foram: “*Bon amusement!*”.

No gabinete do diretor, Burlap estava ditando cartas para a sua secretária: — De V. S^a *etc. etc.* — terminou ele. Tomou de outro maço de papéis. — Cara Miss Saville — começou, depois de relancear os olhos sobre eles. — Não — corrigiu-se. — Cara Miss Romola Saville. Obrigado pela sua carta e pelos manuscritos anexos. — Fez uma pausa e, inclinándose para trás na cadeira, fechou os olhos, numa reflexão breve. — Não é meu costume — continuou por fim, com uma voz macia e longínqua —, não é meu costume escrever cartas particulares a

colaboradores desconhecidos. —

Descerrou as pálpebras para dar com o olhar escuro e brilhante da secretária, que se achava do outro lado da mesa. A expressão dos olhos de Miss Cobbett era sarcástica; o mais pálido dos sorrisos encrespava-lhe quase imperceptivelmente as commissuras dos lábios. Burlap ficou contrariado; mas escondeu os seus sentimentos e continuou a olhar para a frente, como se Miss Cobbett não se achasse presente e como se ele estivesse a olhar distraidamente para qualquer peça da mobília. Miss Cobbett baixou de novo o

olhar para o caderno de apontamentos.

“Como é desprezível”, exclamou ela no seu íntimo. “Como é indizivelmente vulgar!”

Miss Cobbett era uma mulherzinha de cabelos negros, que tinha os cantos do lábio superior sombreados de uma penugem escura: olhos castanhos desproporcionadamente grandes para o rosto fino e um tanto doentio. Olhos sombrios e apaixonados, com uma expressão quase permanente de censura que por vezes se iluminava em cólera súbita, ou, como naquele momento, em escárnio. Ethel Cobbett tinha direito de

lançar para o mundo um olhar de acusação. O destino a tinha tratado com dureza. Com muita dureza, mesmo. Nascida e educada no meio de uma prosperidade razoável, a morte do pai a deixara, de um dia para outro, desesperadamente pobre. Ficou noiva de Harry Markham. A vida prometia começar de novo. Depois veio a guerra. Harry alistou-se e foi morto. Essa morte condenou Miss Cobbett à estenografia e à datilografia pelo resto da existência. Harry era o único homem que a tinha amado, o único homem que quisera correr o risco de amá-la. Os outros

homens achavam-na inquietadoramente violenta, apaixonada e séria. Ethel levava tudo terrivelmente a sério. Os jovens sentiam-se mal e achavam-se ridículos na companhia dela. E vingavam-se rindo da pobre criatura, acusando-a de “não ter senso de humor”, de ser pedante e, à medida que o tempo passava, de ter se tornado uma solteirona que vivia a suspirar por um homem. Diziam que Miss Cobbett parecia uma feiticeira. Apaixonara-se muitas vezes, ardentemente, com uma violência sem esperança. Os homens ou não percebiam isso ou, se percebiam,

fugiam precipitadamente; outras vezes zombavam dela ou, o que era muito pior, mostravam-se de uma bondade condescendente, como se estivessem tratando com uma pobre criatura desviada que, embora fosse aborrecível, devia, não obstante, ser tratada com caridade. Ethel Cobbett tinha pleno direito a usar aquela expressão de censura.

Conhecera Burlap porque, quando menina, nos dias de prosperidade, tinha frequentado o mesmo colégio de Susan Paley, que se tornara posteriormente esposa dele. Quando Susan morreu e

Burlap explorou a dor que sentiu, ou pelo menos proclamou ter sentido, numa série mais do que habitualmente dolorosa daqueles artigos sempre dolorosamente pessoais que eram o segredo de seu êxito como jornalista (pois o grande público tem um apetite crônico e canibalesco pelas indiscrições pessoais), Ethel lhe escreveu uma carta de condolência, que fez acompanhar de um longo memorial a respeito da Susan dos tempos de menina. Pela volta do correio veio-lhe uma resposta comovida e comovente: “Obrigado pelas memórias que me representam a verdadeira Susan

tal como eu sempre a senti — a menina que sobreviveu tão magnífica e tão puramente na mulher, até o derradeiro momento; a encantadora criança que, a despeito da cronologia, ela não tinha cessado de ser, sob a Susan física que vivia no tempo e paralelamente a ela. Nas profundezas mais íntimas de seu coração, estou certo, ela nunca chegou a crer no seu *eu* adulto e cronológico, nunca pôde desfazer-se da ideia de que continuava a ser uma criança que brincava de ser grande”.

E assim por diante — páginas de um lirismo um tanto histérico sobre a

mulher-criança defunta. Incorporou uma boa parte da substância dessa carta em seu artigo da semana seguinte. “Desses será o Reino dos Céus” era o título. Um dia ou dois mais tarde ele foi a Birmingham para ter uma entrevista pessoal com aquela mulher que havia conhecido a verdadeira Susan na época em que ela era criança, tanto cronológica como espiritualmente. A impressão que cada um deles causou no outro foi favorável. Para Ethel, cuja vida era de amargura e de recriminação contra o destino, para ela, que vivia entre o seu apartamento sombrio e o

odioso escritório da companhia de seguros onde estava empregada, a chegada da carta, primeiro, e a do próprio Burlap, depois, tinham sido acontecimentos grandes e maravilhosos. Tratava-se de um escritor de verdade, um homem que tinha um cérebro e uma alma. No estado mental que fabricara para si mesmo, Burlap teria gostado de qualquer mulher que lhe pudesse falar da meninice de Susan e oferecer-lhe o calor de uma compaixão maternal em que, criança também, ele pudesse mergulhar com delícia, como num leito de penas. Ethel Cobbett não se limitava

a testemunhar-lhe simpatia e a ter sido amiga de Susan; tinha também inteligência, uma cultura séria, e sabia admirar. As primeiras impressões foram boas.

Burlap chorou, abjetamente. Torturou-se a si mesmo com o pensamento de que nunca, nunca mais poderia pedir perdão a Susan de todas as maldades que lhe fizera; de todas as palavras cruéis que pronunciara. E confessou, na agonia da contrição, que lhe fora uma vez infiel. Contou as contendas domésticas. E agora Susan estava morta; nunca lhe poderia pedir

perdão. Nunca, nunca. Ethel ficou comovida. “Ninguém”, pensou ela, “há de mostrar esse interesse por mim quando eu morrer.” Mas os testemunhos de amor e de interesse depois que morremos são coisas menos satisfatórias do que os testemunhos de amor e de interesse quando estamos vivos. Aqueles paroxismos de dor que Burlap, por um processo de concentração intensa sobre a ideia da sua perda e da sua tristeza, tinha conseguido fazer ferver dentro de si mesmo, não eram de maneira nenhuma proporcionais aos sentimentos que ele experimentara com

relação à Susan viva. Para cada jesuíta noviço Loyola prescrevia um retiro de meditação solitária sobre a Paixão de Cristo; alguns dias deste exercício, acompanhados de jejum, bastavam geralmente para produzir no espírito do noviço a realidade viva, mística e pessoal da existência e dos sofrimentos reais do Salvador. Burlap empregou o mesmo processo; mas em lugar de pensar em Jesus, ou então em Susan, pensou em si mesmo, nas suas agonias, na sua própria solidão, nos seus próprios remorsos. E com efeito, ao cabo de alguns dias de masturbação

espiritual incessante, ele obteve como recompensa a realidade mística de seu próprio pesar, único e incomparável. Via-se, numa visão apocalíptica, como o varão de dores. (A linguagem do Novo Testamento vinha aos lábios de Burlap e brotava-lhe da pena constantemente. “A cada um de nós”, escrevia ele, “é dado um calvário proporcional à capacidade individual de resistência e às possibilidades de autoaperfeiçoamento.” Burlap falava familiarmente de agonias no *jardim* e em *cálices*.) Aquela visão lhe espedaçou o coração; o homem ficou inundado de piedade de si mesmo.

Mas a pobre Susan tinha, na verdade, muito pouco que ver com os sofrimentos daquele Burlap com ares de Cristo. O seu amor por Susan viva tinha sido por ele próprio tão forçado, tão buscado, tão estudadamente intensificado como fora a sua tristeza pela Susan morta. Burlap havia amado, não Susan, mas a imagem mental de Susan e a ideia do amor, coisas sobre as quais concentrara fixamente o espírito, à melhor maneira jesuítica, até que elas se tornassem alucinantemente reais. Seus ardores para com aquele fantasma, para com o amor do amor, a paixão pela

paixão, que ele conseguira extrair das profundezas mais remotas de sua consciência, haviam conquistado Susan, que imaginava que aqueles sentimentos tivessem alguma relação com ela. O que mais agradava Susan naqueles sentimentos do marido era a sua qualidade de pureza que nada tinha de masculina. Os ardores de Burlap eram os de uma criança para com sua mãe (de uma criança um pouco incestuosa, é verdade; mas como ele representava com tato e delicadeza o papel de pequeno Édipo!), seu amor era ao mesmo tempo infantil e maternal; sua

paixão era uma espécie de aconchego passivo. Frágil, melindrosa, não tendo atingido a plenitude da vida e continuando por isso a ser menos do que adulta, uma eterna menor, Susan adorava o marido como a um amante superior e quase sagrado. E Burlap, em troca, adorava o seu fantasma particular, adorava a sua concepção lindamente cristã do matrimônio, adorava a sua maneira adorável de ser esposo. Seus artigos periódicos em louvor ao casamento eram líricos. Isso não o impedia de cometer frequentes infidelidades; mas tinha uma maneira tão

pura, tão infantil, tão platônica de ir para a cama com as outras mulheres que nem estas, nem ele podiam jamais achar que aquilo fosse realmente “dormir juntos”. A vida de Burlap com Susan foi uma sucessão de cenas, em todas as variedades da gama emocional. Ele mastigava e remastigava sem cessar um agravo qualquer até ficar envenenado num paroxismo de cólera ou de ciúme. Ou então insistia em suas próprias fraquezas e mostrava-se servilmente arrependido ou se rolava aos pés de Susan no êxtase de sua adoração incestuosa pela mamãe-bebê imaginária

que era sua esposa, e com a qual lhe teria sido agradável identificar a Susan de carne e osso. E muitas vezes, então, com grande inquietude de Susan, ele interrompia subitamente o fluxo de suas emoções com um estranho risinho cínico, e transformava-se por um instante num ser inteiramente diverso, num ser que lembrava o Alegre Moleiro da canção: “Não faço caso de ninguém, oh não! E ninguém faz caso de mim, também!”. “O demônio de cada um...” — era assim que ele descrevia impessoalmente tais estados de espírito depois de ter reconquistado a

espiritualidade emotiva; e citava as palavras do Velho Marinheiro, de Coleridge, a propósito do cochicho do demônio que lhe havia deixado o coração seco como poeira. Seria mesmo “o demônio de cada um” — ou era, talvez, o verdadeiro Burlap, o Burlap fundamental, fatigado enfim do esforço de se fazer passar por um outro e de forçar a fermentação de emoções que ele não sentia espontaneamente, o verdadeiro Burlap que concedia a si mesmo um curto feriado?

Susan morreu; mas a dor prolongada e apaixonada que ele experimentou

naquela ocasião poderia ter sido provocada quase com o mesmo êxito se Burlap resolvesse imaginar a esposa morta e a si mesmo abandonado e solitário, durante a vida dela. Ethel ficou sensibilizada pela intensidade daqueles sentimentos, ou, melhor, pela violência e pela insistência que Burlap punha ao exprimi-los. O homem parecia absolutamente aniquilado, tanto de corpo como de espírito, pelos seus pesares. Miss Cobbett sentiu o seu coração sangrar por ele. Encorajado pela simpatia da moça, Burlap mergulhou numa orgia de lamentações

cuja vaidade tornava exasperadoramente
acerbas, arrependimentos tanto mais
cruciantes quanto eram tardios,
confissões e humilhações
desnecessárias. As sensações não são
entidades à parte, suscetíveis de ser
estimuladas independentemente do resto
do espírito. Quando um homem fica
emocionalmente exaltado em uma
direção, está sujeito a ficar também em
outras. A dor de Burlap tornava-o nobre
e generoso; a piedade de si mesmo lhe
tornava fácil ter sentimentos cristãos
para com as outras pessoas.

— A senhora também é infeliz —

disse ele a Ethel. — Eu bem o vejo. — Ela concordou; disse-lhe o quanto odiava o seu trabalho, o seu emprego, o pessoal com quem trabalhava; contou-lhe a sua história desgraçada. Burlap pôs em ebulição a sua simpatia.

— Mas que importam as minhas pequenas misérias comparadas com as suas? — protestou Ethel, lembrando-se da violência das lamentações do outro.

Burlap falou da franco-maçonaria do sofrimento e depois, ofuscado pela visão da bondade de seu próprio eu, chegou a oferecer a Miss Cobbett um lugar de secretária-estênógrafa no

Mundo Literário. Embora Londres e o *Mundo Literário* lhe parecessem infinitamente preferíveis a Birmingham e à companhia de seguros, Ethel hesitou. O emprego era monótono, mas era sólido, permanente e dava direito a uma aposentadoria. Numa outra explosão de sentimento generoso, ainda mais violenta do que a primeira, Burlap garantiu-lhe toda a permanência que ela desejava. E sentiu o seu ser todo aquecido de bondade.

Miss Cobbett deixou-se persuadir. Foi para Londres. Se Burlap esperava deslizar degrau após degrau e de modo

quase imperceptível até a cama de Ethel, ficou desapontado. Criança abatida pela dor e necessitada de consolação, ele gostaria de induzir a sua consoladora — oh! — mas quão espiritual e platonicamente! — a um suave e delicioso incesto. Uma tal ideia, porém, era inconcebível para Ethel Cobbett; nunca haveria de entrar-lhe na cabeça. Era uma mulher de princípios, tão apaixonada e violenta nas suas lealdades morais como no seu amor. Tinha tomado a dor de Burlap a sério e literalmente. Quando ambos pactuaram, entre lágrimas, fundar uma espécie de

culto particular para a pobre Susan a fim de elevar e guardar perpetuamente iluminado e adornado um altar interior à sua memória, Ethel imaginou que as palavras de Burlap deviam ser tomadas ao pé da letra. Fosse como fosse, as dela eram sinceras. Nunca lhe ocorreu que as de Denis não o fossem. O comportamento ulterior deste a espantou e escandalizou. “Era então aquele o homem”, perguntava Ethel a si mesma, vendo Burlap viver a sua vida de promiscuidades disfarçadas, platônicas e viscosamente espirituais, “era aquele o homem que tinha feito o voto de

conservar para sempre velas acesas na frente do altar da pobrezinha de Susan?” Ela exprimia a sua desaprovação por meio de olhares e de palavras. Burlap se maldizia por causa da sua loucura de tê-la tirado da companhia de seguros, por causa da sua refinadíssima imbecilidade de lhe prometer permanência no emprego. Se ao menos ela se demitisse por sua livre vontade! Procurava tornar-lhe a existência intolerável, tratando-a com impessoalidade glacial, superior, como se ela fosse apenas uma máquina de apanhar cartas e de copiar artigos. Mas Ethel Cobbett se aferrava

ferozmente ao emprego; havia então dezoito meses que se achava agarrada a ele e não dava sinais de se demitir. Era intolerável; aquilo não podia continuar. Mas como havia ele de pôr um fim à história? Era claro, ele não estava *por lei* obrigado a conservá-la indefinidamente. Não tinha escrito nada, preto no branco... Na pior das hipóteses...

Revelando um insensível desdém pela expressão dos olhos de Ethel Cobbett e pelo seu quase imperceptível sorriso de ironia, Burlap continuou com o ditado. Não se deve dar atenção às

máquinas: usá-las, apenas. Mesmo assim, a coisa como estava simplesmente não podia continuar.

— Não é meu costume escrever cartas particulares a colaboradores desconhecidos — repetiu Burlap num tom de voz firme e resoluto. — Mas não posso deixar de dizer-lhe... não, não — de agradecer-lhe o grande prazer que seus poemas me deram. A frescura lírica da sua obra, a sua sinceridade apaixonada, o seu esplendor livre e quase selvagem chegaram-me como uma surpresa e um refrigerio. Um diretor de jornal é obrigado a absorver tão grande

quantidade de má literatura que chega a ficar quase pateticamente reconhecido para com os que... — não, escreva: para com os raros e preciosos espíritos que lhe oferecem ouro em vez da escória habitual. Agradeço-lhe a remessa de... — Burlap olhou de novo para os papéis — ... de *O amor na floresta verdejante* e de *Passifloras*. Obrigado pelos seus poemas cujas palavras semelham a superfície cintilante e turbulenta de um lago. Obrigado também pela sensibilidade... — não — pela vibrante sensibilidade, pela experiência de sofrimento, pela ardente espiritualidade

que uma visão mais profunda descobre debaixo dessa superfície. Vou mandar paginar imediatamente ambos os poemas para publicá-los no próximo mês.

“Até lá, se acontecer de a senhorita passar nas proximidades de Fleet Street, eu me consideraria muito honrado em poder ouvir pessoalmente algumas indicações sobre seus projetos poéticos. O aspirante a literato, mesmo quando tem talento, fica muitas vezes embargado pelas dificuldades materiais que o homem de letras profissional sabe como contornar. Sempre considereei como um dos meus maiores privilégios e deveres

de crítico e de jornalista aplinar o caminho para o talento literário. Esta será a minha escusa por ter escrito tão longamente. Creia-me verdadeiramente muito seu...”

Burlap tornou a olhar para os poemas datilografados e leu uma linha ou duas. “Talento verdadeiro”, disse para si mesmo várias vezes, “talento verdadeiro.” Mas o “demônio de cada um” achava que aquela rapariga era notavelmente franca, que devia ter temperamento e que parecia ser dona de uma certa experiência... Pousou os papéis no cesto que tinha à sua direita e

apanhou outra carta do cesto da esquerda.

— Ao reverendo James Hitchcock — ditou. — Presbitério Tuttleford, Wilts. Prezado senhor: Lamento vivamente estar impossibilitado de utilizar o seu longo e muito interessante artigo a respeito da relação entre as línguas aglutinantes e as formas aglutinativas de quimeras na arte simbólica. Exigências de espaço...

*

Rosada dentro do seu roupão como as tulipas nos vasos, Lucy estava deitada, apoiada nos cotovelos, lendo. O divã era de cor alegre, as paredes

estavam forradas de seda cinzenta, o tapete era cor-de-rosa. Na sua gaiola de ouro até a própria cacatua era rosa e cinza. A porta se abriu.

— Walter, querido! Enfim! — Lucy deixou cair o livro.

— Enfim. Se você soubesse de todas as coisas que eu devia estar fazendo agora em vez de estar aqui. (“Promete?”, perguntara Marjorie. E ele respondera: “Prometo”. Mas aquela última visita de explicação não entrava em conta...)

O divã era largo. Lucy afastou os pés para a parede, fazendo lugar para

Walter sentar-se. Um de seus chinelos turcos vermelhos tombou.

— Aquela detestável manicure... — disse ela, erguendo o pé nu alguns centímetros, de maneira a colocá-lo dentro de seu campo de visão. — Quer por força pôr essa horrível coisa vermelha nas unhas dos meus pés. Parecem até chagas...

Walter não falou. Seu coração batia violentamente. Como o calor de um corpo transposto para uma outra gama sensorial, o aroma das gardênia de Lucy o envolvia. Há perfumes quentes e frios, sufocantes e frescos. As gardênia

de Lucy pareciam encher-lhe a garganta e os pulmões de uma doçura tropical e pesadamente opressiva. Sobre a seda cinzenta do divã, o pálido pé da rapariga parecia uma flor, era como os botões pálidos e carnudos das flores de lótus. Os pés das deusas hindus que passeiam por entre os seus lótus são também como flores. O tempo se escoava em silêncio, mas não inutilmente como nos momentos ordinários. Dir-se-ia que ele era aspirado, a cada bombada do coração inquieto de Walter, para dentro de algum reservatório fechado de sensações

experimentadas, que subiam atrás da represa, até que por fim, de repente... De repente Walter estendeu o braço e tomou o pé nu em sua mão. Sob a pressão de todos aqueles minutos silenciosamente acumulados, a barragem ruíra. Era um pé alongado, alongado e estreito. Os dedos de Walter se fecharam em torno dele. Inclinando-se, o rapaz beijou o peito daquele pé.

— Mas meu caro Walter! — Lucy pôs-se a rir. — Você está se tornando verdadeiramente oriental.

Walter não disse palavra, mas, ajoelhando-se no chão ao lado do divã,

curvou-se sobre Lucy. O rosto que se inclinou para beijá-la estava fixo numa espécie de loucura desesperada. As mãos que tocavam o corpo dela tremiam. Lucy balançou a cabeça, escudou o rosto com a mão.

— Não, não.

— Mas por que não?

— Não dá certo...

— Por que não?

— Para principiar, as coisas ficariam muitíssimo mais complicadas para ti.

— Qual! Não ficariam — afirmou Walter.

Não havia complicações. Marjorie cessara de existir.

— Além disso — continuou Lucy —, você parece esquecer a minha pessoa. E eu não quero...

Mas os lábios dele eram macios, as suas mãos tocavam de leve. O bater de asas das mariposas prenunciadoras do prazer voltaram palpitantemente à vida sob aqueles beijos e aquelas carícias. Lucy fechou os olhos. As carícias de Walter eram como uma droga que fosse ao mesmo tempo excitante e opiada. Bastava relaxar a vontade; a droga haveria de possuí-la completamente.

Lucy cessaria de ser ela mesma. Não seria nada mais do que uma epiderme de prazer palpitante a envolver um vácuo, uma treva quente e abismal.

— Lucy! — As pálpebras dela palpitarão e estremecerão sob os lábios do rapaz. As mãos dele tocavam-lhe o peito. — Minha querida! — Ela jazia completamente imóvel, com os olhos sempre fechados.

Um guincho súbito e penetrante fê-los ambos despertar, completamente acordados, do esquecimento do tempo em que haviam mergulhado. Foi como se um assassinio tivesse sido cometido a

poucos metros do lugar onde ambos se achavam, mas um assassínio cuja vítima achasse um pouco divertida, ao mesmo tempo que dolorosa, a sensação de ser assassinada.

Lucy desatou a rir.

— É Polly.

Voltaram-se ambos para a gaiola. Com a cabeça um pouco inclinada para um lado, a ave os estava examinando com um olho negro e circular. E enquanto Lucy e Walter olhavam, uma cortina de pele pergaminhosa passou como uma catarata momentânea sobre o olho brilhante e inexpressivo, para logo

depois se reerguer. Repetiu-se de novo o grito de agonia do mártir jocoso.

— Você vai ter de cobrir a gaiola com o pano — sugeriu Lucy.

Walter voltou-se para ela e pôs-se a beijá-la com raiva. A cacatua gritou outra vez. A risada de Lucy redobrou.

— É inútil... — disse, arquejante. — Ela não parará senão depois que a cobrires.

A ave confirmou o que Lucy dissera com outro berro de agonia alegre. E Walter, furioso, exasperado e consciente do seu ridículo, abandonou a posição genuflexa e atravessou o compartimento.

À aproximação dele a ave começou a dançar animadamente no seu poleiro; alçou-se-lhe a crista, a plumagem da cabeça e a do pescoço eriçaram-se como as escamas de uma pinha madura. “Bom dia”, dizia a cacatua..., com uma voz gutural de ventríloquo. “Bom dia, titia, bom dia, titia, bom dia, titia...” Walter desdobrou o brocado cor-de-rosa que se achava em cima da mesa perto da gaiola e apagou o animal. Um último “bom dia, titia” saiu de baixo da coberta. E depois fez-se silêncio.

— Ela gosta dessa brincadeira — disse Lucy, assim que o animal

desapareceu. Tinha acendido um cigarro.

Walter tornou a atravessar a peça e, sem dizer palavra, arrebatou o cigarro dos dedos dela e jogou-o dentro da lareira. Lucy alçou as sobrancelhas, mas Walter não lhe deu tempo para falar. Ajoelhando-se outra vez ao pé dela, começou a beijá-la com fúria.

— Walter — protestou Lucy. — Não! Que é que você tem? — Tentou desvencilhar-se, mas ele estava surpreendentemente forte. — Parece uma besta-fera. — O desejo dele era mudo e selvagem. — Walter! Eu insisto!

— Lucy teve uma ideia absurda e começou subitamente a rir. — Se você soubesse como estava cinematográfico! Um grande, um enorme *close-up* cheio de dentes arreganhados.

Mas o ridículo foi tão inútil como os protestos. E desejava Lucy verdadeiramente que ele fosse eficaz? Por que não se abandonava? Simplesmente porque era um pouco humilhante ser levada daquele modo, ser forçada em vez de escolher. Seu orgulho, sua vontade resistiam a Walter, resistiam ao seu próprio desejo. Mas, no fim das contas, por que resistir? A droga

era ativa e deliciosa. Por que resistir? Lucy fechou os olhos. Mas, enquanto hesitava, o acaso repentinamente tomou uma decisão por ela. Bateram à porta.

Lucy tornou a abrir os olhos.

— Vou dizer que entrem — sussurrou.

Walter pôs-se precipitadamente de pé, ao mesmo passo que se ouvia uma segunda batida.

— Entre!

A porta se abriu.

— Mr. Illidge deseja vê-la, senhora — disse a criada.

Walter se achava à janela, fingindo

que estava profundamente interessado num caminhão de entrega encostado à calçada da casa fronteira.

— Manda-o subir — ordenou Lucy.

Walter voltou-se logo que a porta se fechou atrás da criada. O rosto dele estava muito pálido, os lábios lhe tremiam.

— Eu havia me esquecido completamente — explicou Lucy. — Pedi a Illidge que viesse, a noite passada; ou melhor, esta manhã.

O rapaz voltou o rosto e, sem dizer palavra, cruzou o quarto, abriu a porta e se foi.

— Walter! — gritou ela, atrás dele.

— Walter! — Mas Walter não voltou.

Na escada encontrou Illidge que subia precedido pela criada.

Walter respondeu-lhe às palavras de saudação com um cumprimento vago e passou por ele apressadamente. Não estava bastante calmo para arriscar-se a falar.

— Nosso amigo Bidlake parece que ia com grande pressa — disse Illidge, depois dos cumprimentos preliminares. Sentia-se exultantemente certo de que tinha posto o outro na rua.

Lucy observava-lhe o ar de triunfo.

“Parece um galinho de plumagem vermelha”, pensou ela.

— Walter tinha se esquecido de qualquer coisa... — explicou vagamente.

— Espero que não tenha sido dele mesmo — falou o homenzinho, trocista. E quando Lucy riu, mais da masculinidade fátua da expressão dele do que propriamente da brincadeira, Illidge se sentiu inchado de satisfação e de confiança em si mesmo. Aquela aventura mundana lhe ia saindo tão fácil como jogar bolão... Sentindo-se inteiramente à vontade, estendeu as pernas, olhou em torno. A elegância

ricamente sóbria do aposento impressionou-o desde logo como sendo de perfeito bom gosto. Aspirou o ar perfumado com satisfação.

— Que é que há debaixo daquele misterioso pano vermelho, ali? — perguntou, apontando para a gaiola coberta.

— É um papagaio — respondeu Lucy. — Um curru-paco-pa-paco! — corrigiu-se ela, rompendo numa súbita risada inquietante e inexplicável.

Há dores confessáveis, sofrimentos de que nos podemos positivamente orgulhar. A perda de um ente que nos é

caro, a partida, o sentimento do pecado, o medo da morte — de tudo isso os poetas já falaram com eloquência. Tais dores se impõem à simpatia do mundo. Mas há também angústias vergonhosas, não menos cruciantes do que as outras e das quais, no entanto, o paciente não ousa nem pode falar. A angústia do desejo contrariado, por exemplo. Era essa a angústia que Walter carregava consigo pela rua. Era dor, raiva, desapontamento, vergonha e desespero combinados. Ele tinha a impressão de que a sua alma estava em agonia de morte. E no entanto a causa era

inconfessável, baixa e mesmo ridícula. Suponhamos então que um amigo o encontrasse e lhe perguntasse por que ele tinha um ar tão infeliz.

— Eu estava em colóquio amoroso com uma mulher quando fui interrompido, primeiro pelos gritos de um papagaio e depois pela chegada de uma visita.

O comentário a essa confissão seria uma gargalhada enorme de zombaria. E a sua confissão se converteria em uma anedota de sala de fumar. E no entanto Walter não estaria sofrendo mais se tivesse perdido a mãe...

Vagou durante uma hora pelas ruas, em Regent's Park. A luz se sumia gradualmente da tarde brumosa e branca: Walter ficou mais calmo. “Aquilo fora uma lição”, pensava ele, “um castigo: havia quebrado a promessa. Para o seu próprio bem e para o bem de Marjorie, nunca mais.” Olhou o relógio e, vendo que já passava das sete, voltou para casa. Chegou cansado e decididamente arrependido. Marjorie estava costurando; a luz da lâmpada brilhava-lhe no rosto magro e fatigado. Ela também vestia um roupão. Era cor de malva e horrendo; Walter

sempre achara que ela tinha mau gosto. O apartamento estava invadido por um cheiro de cozinha. Walter detestava os cheiros de cozinha, mas nisso residia outra razão para ser fiel. Era uma questão de honra e de dever. Lá porque preferisse gardênia a couve não era motivo para Marjorie sofrer.

— Veio tarde — disse ela.

— Havia muita coisa a fazer — explicou Walter. — E vim a pé. — Isto pelo menos era verdade... — Como você se sente? — Pousou a mão no ombro dela e inclinou-se. Deixando a costura, Marjorie passou os braços em

torno do seu pescoço. “Que felicidade”, pensava ela, “tê-lo de novo! Possuí-lo, uma vez mais! Que reconforto!” Mas no próprio instante em que o estreitava contra o corpo, Marjorie percebeu que mais uma vez fora traída. Afastou-se bruscamente do companheiro.

— Walter, você teve coragem?

O sangue afluiu à face do rapaz, mas ele tentou continuar a comédia.

— Coragem de quê?

— Você voltou a procurar aquela mulher...

— Mas de que é que você está falando? — Sabia que era inútil, mas

assim mesmo continuou a fingir.

— Não vale a pena mentir. — Marjorie se ergueu com tal violência que o cesto de costura virou, derramando o conteúdo pelo soalho. Atravessou a peça, sem querer ouvir nada. — Vai embora! — gritou ela, quando Walter fez menção de segui-la. O outro deu de ombros e obedeceu. — Você teve coragem! — continuou ela. — Vir para casa recendendo ao perfume dela. — Eram as gardênias, então... Fora um tolo por não haver previsto aquilo... — Depois de tudo o que você disse a noite passada. Como você pôde fazer

isso?

— Mas se você me deixasse explicar... — protestou ele num tom de vítima, de vítima exasperada.

— Explicar por que mentiu — disse ela com amargura. — Explicar por que faltou à tua promessa.

A sua cólera cheia de desprezo evocou uma cólera correspondente em Walter.

— Quero simplesmente explicar — disse ele com uma polidez dura e perigosa. Como ela era aborrecível com as suas cenas e os seus ciúmes! Que *cacete* intolerável, irritante.

— Quer simplesmente continuar a mentir — escarneceu Marjorie.

Outra vez Walter deu de ombros.

— Se prefere encarar a questão assim... — fez ele polidamente.

— Não passa de um reles mentiroso! É o que você é. — E, voltando-lhe as costas, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Walter não ficou comovido. A vista daqueles ombros que arfavam nada mais fez senão exasperá-lo e aborrecê-lo. Olhou para a mulher com uma cólera fria e cansada.

— Vai embora! — gritou Marjorie

em meio às lágrimas —, vai embora! — Não queria que Walter ficasse ali, triunfante, enquanto ela chorava. — Vai embora.

— Você quer que eu me vá de verdade? — perguntou ele com a mesma polidez fria e exasperante.

— Sim, vai, vai.

— Muito bem! — disse Walter e, abrindo a porta, saiu.

Em Camden Town tomou um táxi e chegou a Bruton Street exatamente a tempo de achar Lucy prestes a sair. Ia jantar fora.

— Vai sair comigo — anunciou

Walter muito calmamente.

— Ai! Ai!

— Sim, vais.

Lucy olhou para Walter com curiosidade. Ele lhe retribuiu firmemente o olhar, sorrindo, com uma estranha expressão de triunfo divertido, de poder invencível e obstinado, expressão que ela nunca lhe vira antes no rosto.

— Pois bem — disse a rapariga, afinal. E, tocando a campainha para chamar a criada, ordenou: — Telefone a lady Sturlett, sim? Dize-lhe que sinto muito, mas estou com uma tremenda dor

de cabeça e não posso ir à casa dela esta noite. — A criada retirou-se. — Bem, e você vai se mostrar reconhecido agora?

— Estou começando... — respondeu ele.

— Começando? — Lucy fingiu indignação. — Gosto dessa sua infernal impertinência.

— Eu sei que você gosta — retrucou ele. E ela gostava mesmo. Naquela noite Lucy se tornou amante de Walter.

*

Era entre três e quatro da tarde. Spandrell mal acabara de sair da cama. Não tinha se barbeado ainda; por cima

do pijama vestira um roupão de pano pardo e grosseiro, como um hábito de monge. (A nota monástica era estudada; ele gostava de lembrar a si mesmo os ascetas. Gostava, um pouco puerilmente, de representar o papel de anacoreta diabólico.) Tinha enchido a chaleira e estava esperando que a água fervesse sobre a chama do gás. Parecia que aquilo estava levando um tempo exageradamente longo. Spandrell sentia a boca seca e assediada por um gosto que lembrava os vapores de cobre aquecido. O brandy produzia seus efeitos habituais.

— Como o cervo que suspira pelos claros regatos — disse ele consigo mesmo —, assim minh'alma anseia... Sim, e com uma sede de ressaca... Se ao menos a Graça pudesse ser engarrafada como a água Perrier...

Foi até a janela. Para além de um raio de cinquenta metros, todas as coisas tinham sido abolidas pelo nevoeiro branco. Mas com que insistência aquele poste de iluminação se erguia na frente da casa contígua, à direita, com que importância! O mundo tinha sido destruído e somente o poste, como Noé, fora preservado do cataclisma universal.

E ele nunca tinha antes dado pela existência daquela coisa ali; até aquele momento ela simplesmente não existira. Spandrell olhou para o poste com uma atenção fixa, sem respirar. Aquele poste solitário em meio do nevoeiro... Não tinha ele, Spandrell, visto antes algo semelhante? Aquela sensação esquisita de se achar em companhia do único sobrevivente do Dilúvio parecia-lhe familiar. Olhando fixamente para o poste, Maurice procurava lembrar-se. Ou melhor, fazia um esforço esfalfante para não se lembrar; mantinha a distância a sua vontade e os seus

pensamentos conscientes, assim como um policial mantém afastada a multidão em torno de uma mulher que desmaiou na rua; mantinha a distância a sua consciência, a fim de dar à memória aturdida o espaço necessário para se espichar, para respirar, para voltar à vida. Olhando firmemente para o poste, Spandrell esperou, agoniado e paciente, qual um homem que, sentindo-se a ponto de espirrar, espera tremulamente o paroxismo previsto; esperou que revivesse a recordação que havia muito tinha morrido. E de súbito ela brotou, vivamente despertada, surgida da sua

catalepsia, e, com um sentimento de enorme alívio, Spandrell se viu subindo o caminho coberto de neve batida e dura que levava de Cortina para a garganta de Falzarego. Uma nuvem fria e branca descera sobre o vale. Não havia mais montanhas. Os fantásticos pináculos de coral dos Dolomitas tinham sido suprimidos. Não havia mais alturas nem profundezas. O mundo tinha apenas cinquenta passos de largura — neve branca no chão, nuvem branca em torno e no alto. E de quando em quando, contra a brancura, aparecia um vulto escuro de casa ou de poste telegráfico,

de árvore, homem ou trenó; prodigiosos em seu isolamento e no seu caráter de coisa única, cada um deles era como um sobrevivente solitário da destruição geral. A sensação era sobrenatural, misteriosa, mas como era sensacionalmente nova, como era estranhamente bela! O passeio era uma aventura; Spandrell se sentia emocionado, e uma espécie de ansiedade intensificava a sua felicidade a ponto de ele mal a poder suportar.

— Olha só para aquele chalezinho à esquerda — gritou ele para a mãe. — Quando subi a última vez não estava ali.

Juro que não estava.

Conhecia o caminho perfeitamente; tinha-o subido e descido uma centena de vezes e nunca vira o chalezinho. E agora a casinhola se erguia quase ameaçadora, como única coisa escura e definida dentro de um vago mundo de brancura.

— Sim, eu nunca o vi antes — disse a mãe. — O que mostra apenas — acrescentou ela com uma nota de ternura que sempre lhe vinha à voz quando falava no defunto marido — como tinha razão o teu pai. “Desconfiai de todos os testemunhos”, costumava ele dizer, “mesmo dos vossos próprios.”

Spandrell tomou-lhe da mão e ambos se puseram a caminhar juntos em silêncio, puxando os trenós.

Maurice afastou-se da janela. A chaleira estava fervendo. Derramou a água no bule, fez chá, encheu uma xícara e bebeu. A sede, bastante simbolicamente, permaneceu insatisfeita. Spandrell continuou a beber em pequenos goles, pensativo, recordando e analisando aquelas felicidades completamente incríveis da sua meninice. Invernos entre os Dolomitas, primaveras na Toscana, em Provença ou na Baviera; o verão à beira

do Mediterrâneo ou na Saboia. Depois da morte do pai e antes de ir para a escola, eles tinham vivido quase continuamente no estrangeiro — era mais barato. E quase todas as suas férias escolares eram passadas fora da Inglaterra. Dos sete aos quinze anos ele se locomovera de um para outro ponto pitoresco da Europa, apreciando a beleza — e sinceramente, note-se bem —, como um precoce Childe Harold.^[15] Depois disso, a Inglaterra pareceu-lhe um pouco sem graça. Spandrell lembrou-se de outro dia de inverno. Daquela vez não havia bruma: era um

dia brilhante; o sol ardia num céu sem nuvens; os precipícios de coral dos Dolomitas brilhavam — laranja, rosa e branco — acima das florestas e dos declives cobertos de neve. Ele e a mãe desciam de esqui através dos bosques de lariços. Raiada de sombras de árvores, a neve sob os pés deles era como um imenso tigre branco e azul. A luz do sol fulgia alaranjada entre os galhos sem folhas; era verde-mar entre as barbas pendentes de musgo. A neve pulverizada chiava sob os esquis, o ar estava ao mesmo tempo morno e vivo. E quando Spandrell emergiu dos bosques,

os grandes declives se estendiam diante dele, semelhantes aos contornos de um corpo maravilhoso, e a neve virgem era lisa como uma epiderme, delicadamente granulada sob o sol baixo da tarde e toda cintilante de diamantes e lantejoulas. Ele tinha vindo na frente. À beira do bosque parou para esperar a mãe. Olhando para trás viu-a aproximar-se por entre as árvores. Uma silhueta alta e forte, ainda jovem e ágil, o rosto moço pregueado num sorriso. Mrs. Spandrell desceu na direção do filho... Era o mais lindo e ao mesmo tempo o mais simples, o mais reconfortante e

familiar dos seres.

— Então? — disse ela, rindo, ao deter-se diante do rapaz.

— Então? — Ele olhou para a mãe e depois para a neve, para a sombra das árvores, para os grandes rochedos nus e para o céu azul; finalmente voltou os olhos de novo para a mãe. E de súbito se sentiu invadido por uma felicidade intensa e inexplicável.

“Nunca voltarei a ser tão feliz como agora”, disse consigo mesmo, quando ambos de novo se puseram a caminho. “Nunca mais, mesmo que eu viva cem anos.” Naquele tempo tinha apenas

quinze anos; mas fora aquilo justamente o que pensara e sentira.

E as suas palavras foram proféticas. Fora aquela a sua última felicidade. Depois... Não, não. Preferia não pensar no depois. Nem no presente. Encheu de novo a xícara de chá.

O toque de uma campainha sobressaltou-o. Spandrell caminhou para a porta do apartamento e abriu-a. Era a mãe.

— Você? — Então lembrou-se subitamente de que Lucy lhe dissera alguma coisa àquele respeito.

— Não recebeu o meu recado? —

perguntou mrs. Knoyle, ansiosa.

— Sim. Mas tinha-o esquecido completamente.

— Julguei que você precisasse... — principiou ela. Temia ser importuna: o rosto de Maurice tinha uma expressão nada acolhedora.

As comissuras de seus lábios se encresparam ironicamente.

— Sim, preciso. — Vivia num estado crônico de falta de dinheiro.

Passaram para outro quarto. Num relance mrs. Knoyle notou que as janelas estavam embaçadas de sujeira. Em cima da prateleira e da chaminé havia uma

grossa camada de pó. Teias de aranha negras de fuligem pendiam do teto. Ela havia tentado conseguir que Maurice lhe permitisse mandar uma mulher para fazer a limpeza três vezes por semana. Mas ele respondera: “Nada dessas suas visitas sanitárias! Prefiro chafurdar... A sujeira é o meu elemento natural. Além disso, não tenho nenhuma posição militar de destaque pela qual deva zelar...”. Riu silenciosamente, mostrando os grandes dentes fortes. Aquilo era para ela... Mrs. Knoyle nunca ousara repetir o oferecimento. Mas o quarto necessitava verdadeiramente de uma

limpeza.

— Você quer chá? — perguntou ele. Está pronto. Acabo de fazer a primeira refeição da manhã — acrescentou, chamando propositadamente a atenção da mãe para as irregularidades de seu modo de vida.

Ela recusou, sem arriscar nenhum comentário sobre a hora desusada do desjejum. Spandrell ficou um pouco desapontado por não ter conseguido o que pretendia. Houve um longo silêncio.

De quando em quando mrs. Knoyle lançava para o filho um olhar quase furtivo. Spandrell estava olhando

fixamente para a lareira vazia. “O rapaz tem o ar envelhecido”, pensava ela, “e um aspecto terrível de doença e abandono.” Tentou reconhecer nele a criança, o rapagão colegial que ele fora naqueles tempos longínquos, quando ambos eram felizes juntos e sós... Lembrou-se da tristeza que Maurice sentia quando ela não trajava como ele achava que devia trajar, quando não estava elegante, quando não brilhava com todo o seu brilho. Maurice sentia pela mãe a mesma afeição ciumenta que esta tinha por ele. Mas a responsabilidade de sua educação era

um fardo pesado para ela. O futuro a tinha sempre apavorado; mrs. Spandrell temera sempre tomar uma decisão; não tinha confiança em suas faculdades. De resto, por morte do marido não lhe ficaram senão recursos modestos; ela não tinha cabeça para negócios, nenhum talento para dirigir uma casa. Como havia de conseguir recursos para mandar o filho para a universidade, como iniciá-lo na vida? Estas perguntas a atormentavam. Passava as noites em claro, a perguntar-se a si mesma o que devia fazer. A vida a aterrorizava. Mrs. Spandrell possuía uma capacidade

infantil para a felicidade, mas era também medrosa e inepta como uma criança. Quando a existência se mostrava como um feriado, ninguém podia ser mais arrebatadamente feliz do que ela; mas quando havia projetos a fazer, decisões a tomar, a pobre criatura ficava absolutamente perdida e cheia de medo. E, para cúmulo de males, depois que Maurice foi para a escola, ela se sentiu só. O rapaz ficava com a mãe apenas durante as férias. Os nove meses dos doze, ela os passava sozinha, sem ninguém a quem pudesse dar o seu amor, ninguém a não ser o seu velho cão. Por

fim até mesmo este veio a faltar-lhe — caiu doente, o pobre animal, e foi preciso pôr-lhe fim aos tormentos. Foi pouco depois da morte do velho Fritz que ela conheceu o então major Knoyle.

— Você disse que trouxe o dinheiro? — perguntou Maurice, quebrando o longo silêncio.

Mrs. Knoyle corou: — Sim, está aqui. — Abriu a bolsa. Chegara o momento de falar. Era seu dever admoestá-lo, e o maço de cédulas lhe dava esse direito, esse poder. Mas o dever era odioso e ela não tinha desejos de usar daquela força. Ergueu os olhos e

fitou-os no filho com um ar implorante — Maurice, suplicou ela — por que você não pode ser razoável? Que loucura, que insensatez!

Spandrell ergueu as sobrancelhas.

— Que é que é loucura? — inquiriu ele, fingindo não saber de que se tratava.

Embaraçada por ser daquela maneira compelida a especificar as suas censuras vagas, mrs. Knoyle corou.

— Você sabe o que eu quero dizer. Este seu modo de vida. É mau, é estúpido. Que dissipação, que suicídio! Além disso, você não é feliz; eu bem o vejo.

— Não tenho então nem mesmo o direito de ser infeliz, se isso me agrada? — perguntou ele ironicamente.

— Mas quer também me fazer infeliz? — perguntou ela. — Porque, se quer, você o consegue, Maurice, você o consegue. Você me faz terrivelmente infeliz. — Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Procurou um lenço na bolsa.

Spandrell ergueu-se de sua cadeira e começou a caminhar no quarto de um lado para outro.

— Você não pensou muito na minha felicidade, no passado...

A mãe não lhe respondeu, mas

continuou a chorar em silêncio.

— Quando se casou com aquele homem — continuou ele — pensou acaso na minha felicidade?

— Você sabe que eu julguei que isso seria para o seu bem — respondeu ela com voz entrecortada. Já havia explicado aquilo muitas vezes; não podia recommençar agora. — Você sabe — repetiu.

— Eu só sabia o que senti e disse naquele tempo — respondeu Maurice. — Você não me escutou, e agora dizes que me quiseste fazer feliz...

— Mas você foi tão pouco razoável!

— protestou mrs. Knoyle. — Se tivesse me apresentado razões.

— Razões — repetiu Spandrell vagarosamente. — Você esperava sinceramente que um menino de quinze anos dissesse à sua mãe as razões pelas quais não queria que ela partilhasse a sua cama com um estranho?

Spandrell pensou naquele livro que havia circulado sub-repticiamente entre os rapazes de seu dormitório, no colégio. Enojado e cheio de vergonha, mas irresistivelmente fascinado, ele o tinha lido à noite, à luz de uma lanterna de bolso, debaixo das cobertas.

Chamava-se *Um internato de meninas em Paris* — título bastante inocente; mas o conteúdo era pornografia pura. As proezas sexuais dos militares eram exaltadas em estilo pindárico. Um pouco mais tarde a mãe lhe escreve, dizendo que ia casar-se com o major Knoyle...

— É inútil, mamãe — disse ele em voz alta. — Não seria melhor que falássemos de outras coisas?

Mrs. Knoyle respirou profundamente e, com ar resolutivo, pela última vez, enxugou os olhos e voltou a pôr o lenço na bolsa.

— Desculpe-me — disse ela. — Foi

uma tolice minha. Talvez seja melhor que eu me retire.

Secretamente ela esperava que o rapaz protestasse, que lhe pedisse para ficar. Mas Spandrell não disse palavra.

— Aqui está o dinheiro... — acrescentou ela.

Spandrell tomou as cédulas dobradas e atufou-as no bolso do roupão.

— Lamento ter sido obrigado a pedir-lhe isto — disse. — Eu estava num buraco... Farei o possível para não tornar a cair nele.

Olhou para a mãe durante um

momento, a sorrir, e de súbito, através da máscara gasta, ela julgou vê-lo tal qual ele tinha sido na meninice. A ternura, como uma tepidez suave, estendeu-se por todo o corpo dela — suave mas irresistível. Impossível de conter... Mrs. Knoyle pousou as mãos nos ombros do filho.

— Adeus, meu menino querido — disse. Spandrell reconheceu na voz da mãe aquela nota que ela deixava transparecer quando lhe falava do pai morto. Mrs. Knoyle inclinou-se para beijar Maurice. Voltando o rosto, ele suportou passivamente que os lábios

dela lhe tocassem a face.

Capítulo XIV

MISS FULKES FEZ GIRAR O GLOBO TERRESTRE até que o triângulo carmesim da Índia lhe ficasse bem na frente dos olhos.

— Aqui é Bombaim — disse ela, apontando com o lápis. — Foi aqui que papai e mamãe tomaram o navio. Bombaim é uma grande cidade da Índia — prosseguiu didaticamente. — Tudo isto é a Índia.

— Por que é que a Índia é vermelha? — perguntou o pequeno Phil.

— Eu já te disse. Tente lembrar...

— Porque é inglesa? — Phil

lembrava-se, naturalmente; mas a explicação lhe parecera insuficiente. Esperava uma melhor daquela vez.

— Aí está... Você bem vê que pode lembrar quando se empenha — disse Miss Fulkes, anotando este pequeno triunfo.

— Mas por que é que as coisas inglesas são dessa cor?

— Porque o vermelho é a cor da Inglaterra. Olha, aqui está a pequena Inglaterra. — Fez girar o globo. — Vermelha também.

— A gente mora na Inglaterra, não mora? — Phil olhou pela janela. O

relvado com a sua sequoia gigante, os olmos podados, pareciam olhar para ele também, numa retribuição.

— Sim, moramos mais ou menos aqui... — E Miss Fulkes fincou a ponta do lápis no ventre da ilha vermelha.

— Mas é verde onde nós moramos; não é vermelho.

Miss Fulkes tentou explicar, como já tinha feito muitas vezes, o que era precisamente um mapa.

No jardim mrs. Bidlake caminhava entre as suas flores, arrancando as ervas daninhas e meditando. A sua bengala tinha na extremidade um pequeno

escardilho dentado; assim ela podia fazer o seu trabalho sem precisar inclinar-se. As ervas más nos canteiros das flores eram jovens e frágeis; cediam sem luta sob a pressão do instrumento. Mas os dentes-de-leão e a tanchagem eram inimigos mais formidáveis. As raízes dos primeiros semelhavam longas serpentes brancas adelgaçadas. A tanchagem, quando mrs. Bidlake tentava arrancá-la, aferrava-se desesperadamente à terra.

Era a estação das tulipas. A Duque van Thol e a Kaisers Kroon, a Prosérpina e a Thomas Moore achavam-

se em posição de sentido em todos os canteiros, lustrosas sob a luz. Vibravam átomos no sol e o seu tremor enchia todo o espaço. Os olhos sentiam aquelas pulsações sob a forma de luz; os átomos de tulipa absorviam ou refletiam os movimentos harmoniosos, criando cores pelo amor das quais os burgueses da Haarlem do século XVII se desfaziam prazerosamente de seus florins entesourados. Tulipas vermelhas e amarelas, brancas e mosqueadas, lisas ou felpudas — Mrs. Bidlake olhava para elas, feliz. “Eram como aqueles jovens alegres e brilhantes”, pensou ela, “dos

frescos de Pinturicchio, em Siena.” Deteve-se um instante para poder fechar os olhos e concentrar melhor o pensamento em Pinturicchio. Mrs. Bidlake só podia pensar de uma maneira verdadeiramente séria quando tinha os olhos fechados. A cabeça um pouco atirada para trás, face para o céu, as pálpebras de uma brancura de cera fechadas à luz, ali ficou recordando, pensando confusamente. Pinturicchio, Siena, a enorme catedral solene. Toda a Toscana da Idade Média desfilou diante dela, numa procissão confusa e pomposa... Ela tinha se alimentado de

Ruskin. Watts pintara-lhe o retrato ao tempo de menina. Rebelando-se contra os pré-rafaelitas, mrs. Bidlake se pusera a vibrar pelos impressionistas de uma admiração avivada, a princípio, por um sentimento de sacrilégio.

Fora por amar a arte que ela se casara com John Bidlake. Como gostava das suas pinturas, imaginara, quando o autor das *Viradoras de Feno* lhe fizera a corte, que adorava o homem. O pintor era vinte anos mais velho do que ela; sua reputação como marido era má; a família dela opunha-se vigorosamente ao casamento. Isso não lhe deu cuidado.

John Bidlake era a personificação da arte. Sua função era sagrada e, graças a essa função, ele correspondia ao idealismo vago mas ardente da moça. As razões de John Bidlake para desejar casar-se mais uma vez eram prosaicas. Viajando pela Provença, tinha contraído uma febre tifoide. (“Eis o que acontece a quem bebe água”, costumava ele dizer depois. “Quem me dera ter ficado fiel ao borgonha e ao conhaque!”) Depois de um mês de hospital em Avignon, voltou para a Inglaterra, convalescente, magro e cambaleante. Três semanas mais tarde a *influenza*, seguida de pneumonia,

levaram-no de novo às portas da morte. Bidlake se restabeleceu lentamente. O doutor o felicitou por ter sarado completamente.

— O senhor chama a isto sarar? — resmungou John Bidlake. — Tenho a impressão de que três quartos do meu ser estão mortos e enterrados.

Habitado a sentir-se bem, ficou aterrorizado pela doença. Imaginou-se a viver miseravelmente, como um inválido solitário. O casamento lhe seria um alívio. Decidiu casar-se. A moça devia ser bonita, isto nem era preciso dizer... Mas seria também, e nada volúvel;

dedicada e caseira.

Em Janet Paston ele achou tudo quanto procurava. A jovem tinha um rosto de santa; era séria quase em excesso; sua adoração por Bidlake era lisonjeira.

Casaram-se, e se John Bidlake tivesse ficado no estado de invalidez a que julgara estar condenado, o casamento teria podido ser feliz. A devoção de Janet haveria compensado a sua incompetência como enfermeira; a fraqueza de Bidlake tê-la-ia tornado indispensável à sua felicidade. Mas a saúde retornou. Seis meses depois do

casamento John Bidlake voltava a ser inteiramente o que era antes. E o antigo “eu” começou a portar-se da maneira antiga... Mrs. Bidlake achou refúgio contra a infelicidade numa interminável meditação imaginativa, a qual mesmo os seus filhos dificilmente conseguiam interromper.

Aquilo durava havia um quarto de século. Ela se achava ali no meio das tulipas, uma dama alta e imponente de cinquenta anos, toda vestida de branco, com um véu também branco a cair-lhe do chapéu, os olhos fechados, pensando em Pinturicchio e na Idade Média, no

tempo que passa e passa, e em Deus que está imóvel à ribanceira eterna.

Um latido agudo precipitou-a das alturas da sua eternidade. Tornou a abrir os olhos, com relutância, e olhou em torno de si. Paródia minúscula e sedosa de um monstro do Extremo Oriente, o seu pequeno pequinês ladrava para o gato da cozinha. Saltando de um lado para outro em torno da circunferência de um círculo cujo raio era proporcional ao terror que lhe inspirava o gato mosqueado que bufava furioso e arqueado, ele ladrava histericamente. A sua cauda era como uma pluma ao vento,

seus olhos saltavam do focinho negro.

— T'ang! — gritou mrs. Bidlake. —
T'ang! — Todos os seus pequineses,
durante os últimos trinta anos, tinham
tido nomes dinásticos. T'ang Primeiro
havia florescido antes do nascimento de
seus filhos. Fora com T'ang Segundo
que ela e Walter tinham visitado o
moribundo Wetherington. O gato da
cozinha bufava agora para T'ang
Terceiro. Nos intervalos, pequenos
Mings e Sungs tinham vivido e caído em
decrepitude e, seguindo o caminho de
todos os animaizinhos de estimação,
havia acabado seus dias na câmara de

asfixia. — Aqui, T'ang! — Mesmo naquela emergência mrs. Bidlake tinha o cuidado de pronunciar o apóstrofo. Ou antes, não punha nenhum cuidado ao pronunciá-lo; pronunciava-o por instinto de cultura, porque, sendo o que a natureza e a educação tinham feito dela, não podia simplesmente deixar de pronunciar a palavra sem o apóstrofo, mesmo ante a ameaça de confusão.

O cachorrinho obedeceu, afinal. O gato cessou de bufar, o pelo alisou-se-lhe no dorso e o bichano se foi, majestosamente. Mrs. Bidlake continuou a sua tarefa de jardinagem e a sua vaga e

infindável meditação por entre as flores. Deus, Pinturicchio, dentes-de-leão, eternidade, o céu, as nuvens, os primitivos venezianos, dentes-de-leão...

Lá em cima, na sala de estudos, a lição tinha terminado. Pelo menos terminara no que dizia respeito ao pequeno Phil, porque ele agora estava fazendo o que mais gostava no mundo: desenhar. Miss Fulkes, é verdade, dava ao processo o nome de “Arte” ou de “Educação da Imaginação”, e dedicava-lhe meia hora todas as manhãs, das doze às doze e meia. Mas para o pequeno Phil aquilo era apenas um divertimento.

Estava sentado, encurvado sobre o seu papel, com a ponta da língua entre os dentes, o rosto concentrado e sério; desenhando, desenhando com uma espécie de violência inspirada. Manejando um lápis que parecia desproporcionalmente grande, a sua mãozinha morena trabalhava de forma infatigável. As linhas da composição infantil, ao mesmo tempo rígidas e ondulantes, iam se traçando sobre o papel.

Miss Fulkes estava sentada ao pé da janela, olhando para fora, para o jardim cheio de sol, mas sem vê-lo

conscientemente. O que ela via se achava atrás de seus olhos, num universo de fantasia. Ela via a si mesma — via a si mesma naquele encantador vestido de Lanvin que fora reproduzido o mês passado no *Vogue*, com pérolas, dançando no Ciro's, o qual se parecia curiosamente (porque ela nunca visitara o Ciro's) com o Hammersmith Palais de Danse, onde já estivera: “Como ela é linda!”, dizia toda a gente. Ela caminhava com um andar bamboleante, como aquela atriz que tinha visto no London Pavilion... — como era mesmo o nome dela? Miss Fulkes estendeu a

mão branca; foi o jovem lord Wonersh que a beijou. Lord Wonersh, que se parecia com Shelley, que vivia como Byron, que possuía metade de Oxford Street e que viera até Gattenden, no último fevereiro, com o velho mr. Bidlake, e que lhe dirigira a palavra talvez umas duas ocasiões. E depois, subitamente, Miss Fulkes se viu passeando a cavalo em Hyde Park. E dois segundos mais tarde se achava num iate, no Mediterrâneo. E depois, num automóvel. Lord Wonersh tinha acabado de sentar-se ao seu lado quando o ruído dos latidos agudos de T'ang a trouxeram

num sobressalto à realidade consciente do relvado, das tulipas brilhantes, da sequoia e, por outro lado, da sala de estudos. Miss Fulkes sentiu-se criminosa; tinha negligenciado o menino que estava sob seus cuidados.

— Então, Phil — perguntou ela, voltando-se vivamente para o aluno —, que é que estás desenhando?

— Mr. Stokes e Albert puxando o gramador de cortar.

— Cortador de grama — corrigiu Miss Fulkes.

— Cortador de grama — repetiu Phil obedientemente.

— Você nunca consegue dizer direito as palavras compostas. Gramador de cortar, rara-paios, porta-capel — é uma espécie de defeito mental, como o de escrever às avessas, parece-me. — Miss Fulkes tinha feito um curso de psicologia educativa. — Você deve, deve mesmo tentar corrigi-lo, Phil — acrescentou ela com seriedade. Depois de um abandono tão longo e flagrante de seus deveres (no Ciro's, a cavalo, na limusine com lord Wonersh), Miss Fulkes sentia que lhe cumpria mostrar-se particularmente solícita, cientificamente solícita; era uma moça muito

conscienciosa. — Vai tentar? — insistiu.

— Vou, Miss Fulkes — respondeu o pequeno. Não tinha a menor ideia do que a professora lhe pedia que fizesse. Mas se respondesse sim ela ficaria tranquila. Phil estava absorvido num ponto particularmente difícil de seu desenho.

Miss Fulkes suspirou e de novo olhou para fora através da janela. Dessa vez ela percebeu conscientemente o que seus olhos viam. Mrs. Bidlake passeava por entre as tulipas, vaporosamente vestida de branco com um véu branco a pender-lhe do chapéu — parecia uma espécie de espectro pré-rafaelita. De

quando em quando se detinha e olhava para o céu. O velho mr. Stokes, o jardineiro, passou carregando um ancinho; os tufos de sua barba branca flutuavam docemente à brisa. O relógio da aldeia bateu meia hora. O jardim, as árvores, os campos, as colinas cobertas de bosques na distância eram sempre os mesmos. Miss Fulkes sentiu-se, de repente, tão desesperançadamente triste que poderia quase ter desandado a chorar.

— Os gramadores de cortar, quero dizer, os cortadores de grama têm rodas? — perguntou o pequeno Phil,

erguendo os olhos com uma ruga de esforço e perplexidade a vincar-lhe a testa. — Não me lembro...

— Têm. Não... deixa ver... — Miss Fulkes também franziu a testa. — Não. Têm rolos.

— Rolos! — gritou Phil. — É isso mesmo! — E atacou o desenho de novo, com fúria.

Sempre a mesma coisa. Parecia não haver saída, nenhum prospecto de liberdade. “Se eu tivesse mil libras”, pensou Miss Fulkes, “mil libras. Mil libras.” As palavras eram mágicas. — “Mil libras.”

— Pronto! — exclamou Phil. —
Venha ver! — Estendeu o papel. Miss
Fulkes ergueu-se e atravessou a sala,
rumo à mesa.

— Que desenho bonito! — disse ela.

— Aqui são os pedacinhos de relva
que estão voando — explicou Phil,
apontando para uma nuvem de pontos e
de pequenos traços que aparecia no
meio de seu desenho. Estava
particularmente orgulhoso da sua relva.

— Estou vendo... — disse Miss
Fulkes.

— E olhe como Albert está puxando
com força! — Era verdade; Albert

estava puxando freneticamente. E o velho mr. Stokes, reconhecível pelos quatro traços paralelos de lápis que lhe saíam do queixo, puxava tão energicamente como Albert, na outra extremidade da máquina.

Para uma criança de sua idade, o pequeno Phil tinha um olho observador e um estranho talento para reproduzir sobre o papel o que via — não realisticamente, é claro, mas sim por meio de símbolos expressivos. Albert e mr. Stokes, a despeito da incerteza de suas silhuetas garatujadas, estavam violentamente vivos.

— A perna esquerda de Albert está engraçada, não é? — disse Miss Fulkes. — Um tanto comprida, fina e ... — conteve-se, lembrando-se do que dissera o velho mr. Bidlake. “Sob pretexto nenhum se deve ensinar o pequeno a *desenhar*, no sentido que se dá à palavra nas escolas de arte. Sob pretexto nenhum. Não quero que o estraguem.”

Phil arrebatou o papel da mão de Miss Fulkes.

— Não é verdade! — exclamou colericamente. O seu orgulho fora ferido. Ele odiava a crítica, recusava mesmo reconhecer-se em erro.

— Talvez não seja, mesmo... —
apressou-se a moça a abrandá-lo. —
Talvez eu tenha me enganado. — Phil
sorriu de novo. “Por que diabo”, pensou
ela, “não se deve dizer a uma criança
que ela desenhou uma perna
incrivelmente longa, fina e tremida? Não
compreendo...” Todavia o velho mr.
Bidlake devia saber. Um homem da
posição dele, com aquela reputação de
grande pintor — ela tinha ouvido
chamarem-lhe muitas vezes grande
pintor; lera-o em artigos de jornais,
mesmo em livros. Miss Fulkes tinha um
profundo respeito pelos grandes.

Shakespeare, Milton, Michelângelo...
Sim, mr. Bidlake, o grande John Bidlake, devia saber o que dizia. Ela tinha feito mal em falar da perna esquerda.

— Já passa de meia hora depois do meio-dia — continuou Miss Fulkes com uma voz viva e decidida. — É hora de deitar. — O pequeno Phil sempre ficava deitado meia hora, antes do almoço.

— Não! — Phil balançou a cabeça, exibiu uma carranca feroz e fez um gesto furioso, com os punhos cerrados.

— Sim — disse Miss Fulkes calmamente. — E não faça essas

caretas tolas. — Sabia por experiência que o pequeno não estava realmente zangado; estava apenas fazendo uma demonstração para afirmar a sua personalidade e na vaga esperança, talvez, de intimidar o adversário, da mesma maneira que os soldados chineses, dizem, põem máscaras de demônio e emitem rugidos terríveis quando se aproximam do inimigo, na esperança de inspirar-lhes terror.

— Mas por quê? — o tom de voz de Phil era já muito mais calmo.

— Porque debes.

O pequeno levantou-se

obedientemente. Quando a máscara e os urros não conseguem produzir efeito, o soldado chinês, se é homem sensato e se não tem nenhum desejo de sair ferido, rende-se.

— Vou puxar as cortinas para você — disse Miss Fulkes.

Caminharam juntos ao longo do corredor que levava ao quarto de Phil. O pequeno tirou os sapatos e deitou-se. Miss Fulkes puxou as pregas de cretone cor de laranja ao longo das janelas.

— Escuro demais, não! — pediu Phil, vigiando-lhe os movimentos em meio do crepúsculo ricamente colorido.

— Você descansa melhor quando está escuro.

— Mas eu tenho medo.

— Qual! Você não tem nem um pouquinho de medo. Além disso, não está mesmo completamente escuro. — Miss Fulkes caminhou para a porta.

— Miss Fulkes! — Ela não atendeu. — Miss Fulkes!

Na soleira da porta, Miss Fulkes se voltou.

— Se você continuar a gritar — disse ela severamente —, eu vou ficar muito zangada. Compreende? — Deu meia-volta e se foi, fechando a porta

atrás de si.

— Miss Fulkes — continuou o menino a chamar, mas baixinho, num murmúrio. — Miss Fulkes! Miss Fulkes! — Era claro que ela não o devia ouvir, porque então ficaria zangada de verdade. Ao mesmo tempo, Phil não queria obedecer mansamente, sem protesto. Sussurrando o nome da governanta, rebelava-se, afirmava a sua personalidade, mas sem correr perigo algum.

Sentada no seu próprio quarto, Miss Fulkes lia, para cultivar o espírito. O livro era *A riqueza das nações*. Adam

Smith, sabia ela, era grande. O seu livro era um dos que se deviam ler. Continha o que se tinha pensado ou dito de melhor. A família de Miss Fulkes era pobre, mas culta. É preciso que amemos o que há de mais elevado, quando ele se nos depara. Mas quando o que há de mais alto toma a forma de um capítulo que começa: “Como é a faculdade da troca que dá lugar à divisão do trabalho, assim a extensão dessa divisão deve necessariamente ser limitada pela extensão daquela faculdade ou, em outras palavras, pela extensão do mercado”, então é difícil, na verdade,

amá-lo tão ardentemente como devêramos. “Quando o mercado é muito pequeno, ninguém encontra proveito em se dedicar inteiramente a uma única ocupação, por causa da falta de oportunidades para trocar todo o excesso do produto de seu trabalho, sobre o próprio consumo, por tais e tais partes de produto do trabalho de outros homens que lhe convenha adquirir.”

Miss Fulkes leu a frase integralmente; mas antes de chegar-lhe ao fim já tinha esquecido de que tratava o princípio. Começou de novo: ”... por causa da falta de oportunidades para

trocar todo o excesso...” (“Eu podia tirar as mangas de meu vestido marrom”, pensou ela, “porque foi só debaixo dos braços que ele começou a rasgar; posso usá-lo só como saia, com um pulôver”) ”... do produto de seu trabalho sobre o próprio consumo por tais e tais partes...” (“talvez um pulôver laranja”). Fez uma terceira tentativa, lendo as palavras em voz alta. — “Quando o mercado é muito pequeno...”. Uma visão do mercado de gado de Oxford flutuou-lhe diante dos olhos interiores; era um mercado muito grande. ”... ninguém encontra proveito em se decidir ...” De que se tratava?

Miss Fulkes subitamente revoltou-se contra o seu próprio excesso de consciência. Odiava “o que havia de mais elevado”, quando este se lhe deparava. Erguendo-se, repôs na prateleira *A riqueza das nações*. Era uma fileira de livros muito “elevados”; ela lhes chamava “meus tesouros”. Wordsworth, Longfellow e Tennyson, encadernados em couro fofo; com os cantos arredondados e com os seus títulos em caracteres góticos pareciam outras tantas Bíblias. *Sartor Resartus* e também os *Ensaio*s de Emerson. Marco Aurélio numa dessas pequenas edições

artísticas de couro flexível que se oferecem, pelo Natal, e em desespero de causa, às pessoas a quem não se acham nada mais apropriado para dar. A *História* de Macaulay, Tomás de Kempis, mrs. Browning.

Miss Fulkes não escolheu nenhum deles. Pôs a mão atrás daqueles volumes que continham o que se tinha pensado ou dito de melhor e retirou de seu esconderijo um exemplar de *O mistério das esmeraldas dos Castiemaines*. Uma fita marcava o lugar em que terminara a última leitura. Miss Fulkes abriu o livro e leu:

Lady Kitty acendeu a luz e entrou. Um

grito de horror partiu de seus lábios, uma fraqueza súbita quase a dominou. No meio do quarto jazia o corpo de um homem vestido impecavelmente em traje de noite. O rosto estava quase irreconhecivelmente mutilado; havia um talho vermelho no peito da camisa branca. O rico tapete oriental estava sombriamente empapado de sangue...

Miss Fulkes continuou a ler, com sofreguidão. O atroar do gongo fê-la sair em sobressalto do mundo das esmeraldas e dos assassínios. Ergueu-se num salto.

“Eu devia ter cuidado da hora”, pensou, com um sentimento de culpa. “Vamos chegar tarde.” Tornando a colocar *O mistério das esmeraldas dos*

Castlemaines no lugar, bem atrás d'ó que se tinha pensado e dito de melhor, dirigiu-se apressadamente rumo ao quarto de dormir do menino. Era preciso ainda lavar e pentear o pequeno Phil.

*

Não havia brisa nenhuma, exceto o vento produzido pela própria velocidade do navio; e esse era como um bafo que saía da sala das máquinas. Estendidos em suas cadeiras, Philip e Elinor observavam o decrescimento gradual, contra o céu, de uma ilha denteada de rocha nua. Do convés superior vinha o barulho das pessoas que jogavam *shuffle-board*. Caminhando

por princípio ou para ganhar apetite, os companheiros de viagem passavam e repassavam com a regularidade previsível dos cometas.

— A maneira como essa gente faz exercício! — queixou-se Elinor em um tom que traía positivamente ressentimento; olhar para aquele vaivém dava-lhe calor. — Até no Mar Vermelho...

— Isso explica o Império Britânico — disse o marido.

Houve um silêncio. Queimados de sol a ponto de parecerem morenos ou escarlates, rapazes que gozavam férias

passavam rindo, numa proporção de quatro para cada moça. Veteranos do Oriente, dessecados pelo sol e como que conservados em caril passeavam de um lado para outro, tendo nos lábios palavras acrimoniosas referentes às Reformas e ao custo da vida na Índia. Duas missionárias passavam maciamente, num silêncio raras vezes interrompido. Os *globe-trotters* franceses, para reagir contra a atmosfera opressivamente imperial, falavam em voz muito alta. Os estudantes indianos davam-se palmadas nas costas uns dos outros, como faziam os comparsas das

peças teatrais do tempo de *A tia de Carlitos*; a gíria que falavam teria parecido fora de moda até numa escola primária.

O tempo passava; a ilha desapareceu; o ar ficou, se é que possível, mais quente.

— Ando aborrecida por causa de Walter — disse Elinor, que tinha estado a ruminar os conteúdos da última remessa de cartas que recebera pouco antes de deixar Bombaim.

— É um idiota — respondeu Philip.
— Depois de cometer uma asneira com aquela fêmea do Carling, devia ter tido

o bom senso de não começar outra com Lucy.

— Está claro que devia — disse Elinor com irritação. — Mas o caso é que o rapaz não teve esse bom senso. Trata-se agora de pensar num remédio.

— Ora... não vale a pena pensar nisso a cinco mil milhas de distância.

— Temo que ele se precipite e deixe a pobre Marjorie abandonada. E com um filho a caminho, ainda por cima... Ela é uma mulher maçante. Mas não se deve permitir que Walter a trate dessa maneira.

— Pois é — concordou Philip.

Houve uma pausa. A procissão esparsa dos amantes do exercício continuava a passar. — Eu estive pensando — continuou ele meditativamente — que esse caso daria assunto excelente para uma novela...

— Que caso?

— O de Walter.

— Terá a intenção de explorar o pobre rapaz como modelo? — Elinor estava indignada. — Não, realmente, eu não admitiria isso. Seria o mesmo que plantar árvores sobre a sua sepultura, ou pelo menos sobre o seu coração.

— Mas está claro que não vou fazer

isso! — protestou Philip.

— *Mais je vous assure* — gritava uma das francesas em voz tão alta que Philip teve de abandonar a tentativa de continuar — *aux Galeries Lafayette les camisoles en flanelle pour enfant ne coûtent que...*

— *Camisoles en flanelle* — repetiu Philip. — Bolas!

— Mas falando sério, Phil...

— Mas, minha querida, eu nunca pretendi utilizar nada mais além da situação. O rapaz que tenta fazer a sua vida rimar com os seus livros idealistas, e que julga sentir um grande amor

espiritual, para descobrir no final das contas que ficou amarrado a um ente aborrecível a quem ele não ama absolutamente.

— Pobre Marjorie! Mas por que será que ela não traz o rosto mais bem empoado? E aqueles tais colares e brincos artísticos que ela usa sempre...

— E que toma um tombo — continuou Philip — à simples vista de uma sereia. É a situação que me tenta. Não os indivíduos. Afinal de contas, há muitos outros rapazes encantadores além de Walter. E Marjorie não é a única criatura enfadonha. Nem Lucy a única

devoradora de homens.

— Bem, se é somente a situação...

— consentiu Elinor, de má vontade.

— Além disso — continuou ele —, a história não foi escrita e provavelmente nunca será. Não há, portanto, razão para alarme, posso assegurar-te.

— Está bem. Não direi nada mais até ver o livro.

Houve outra pausa.

— ... uma temporada maravilhosa em Gulmerg o verão passado — estava dizendo a jovem dama aos seus quatro cavalheiros solícitos. — Havia golfe e

danças todas as noites, e...

— Em qualquer caso — começou de novo Philip em um tom meditativo —, a situação seria uma espécie de...

— *Mais, je lui ai dit, les hommes sont comme ça. Une jeune fille bien élevée doit...*

— ... uma espécie de pretexto — disse Philip a plenos pulmões. — É o mesmo que tentar falar dentro da gaiola dos papagaios, no zoológico — acrescentou num parêntese de irritação. — Uma espécie de pretexto, como eu estava dizendo, para uma nova maneira de olhar as coisas com a qual quero

tentar uma experiência.

— Eu quisera antes que você começasse a olhar para mim de uma nova maneira — disse Elinor com uma risada curta. — Nova e mais humana.

— Mas, falando sério, Elinor...

— Falando sério — troçou ela. — Ser humano não é sério. Só é sério ser inteligente.

— Pois bem — disse Philip, dando de ombros —, se você não quer escutar, eu me calo.

— Não, não, Phil. Por favor. — Elinor pousou as suas mãos nas do marido. — Por favor!

— Não quero te caceteiar... — Ele estava irritado e cheio de dignidade.

— Desculpe, Phil. Mas você fica tão cômico quando está mais triste do que zangado... Você se lembra daqueles camelos em Bikaner? Que expressão extraordinariamente superior! Mas... continua!

— Este ano — dizia uma das missionárias à outra, ao passarem perto do casal —, o bispo de Kuala Lumpur ordenou seis diáconos chineses e dois malaios. E o bispo do Bornéu Setentrional Britânico... — As vozes calmas se esvaíram no imperceptível.

Philip se esqueceu da sua dignidade e desatou a rir.

— Decerto ordenou alguns orangotangos...

— Mas você não se lembra da mulher do bispo da Ilha Thursday? — perguntou Elinor. — A mulher que encontramos naquele pavoroso navio australiano cheio de baratas...

— Aquela que comia pickles com o café da manhã?

— E pickles de cebolas ainda por cima — precisou ela com um estremecimento. — E a sua maneira nova de olhar as coisas? Parece-me que

já nos afastamos um bom pedaço do assunto.

— Bem, para falar a verdade — disse Philip —, não nos afastamos... Todas essas *camisoles en flanelle* e pickles de cebolas e bispos de ilhas canibalescas vêm até muito a calhar. Porque a essência da nova maneira de olhar as coisas é a multiplicidade. A multiplicidade de olhos e a multiplicidade de aspectos vistos. Por exemplo, uma pessoa interpreta os acontecimentos em função de bispos; outra, em função do preço das camisolas de flanela; outra, como aquela jovem

dama de Gulmerg (neste ponto Philip indicou com a cabeça o grupo que desaparecia), em função de divertimentos. E depois há ainda o biólogo, o químico, o físico, o historiador. Cada um vê, profissionalmente, um diferente aspecto do acontecimento, uma diferente camada da realidade. O que quero fazer é olhar com todos esses olhos ao mesmo tempo. Com olhos religiosos, olhos científicos, olhos econômicos, olhos de *homme moyen sensuel*...

— Olhos amantes também...

Philip sorriu para a mulher e

acariciou-lhe a mão.

— O resultado... — Hesitou.

— Sim, qual seria o resultado?

— Estranho. Um quadro na verdade muito estranho.

— Um pouco estranho demais, na minha opinião...

— Mas não pode ser estranho em demasia — disse Philip. — Por mais estranho que esse quadro seja, nunca conseguirá ser tão singular como a realidade original. Aceitamos todas as coisas como naturais; mas no momento em que começamos a pensar, elas se tornam estranhas. E quanto mais

pensamos, mais estranhas elas ficam. É o que eu quero pôr no meu livro — a qualidade surpreendente, pasmante das coisas mais óbvias. Para falar a verdade, qualquer ação, qualquer situação servirá. Porque tudo está implícito em tudo. O livro todo podia ser escrito a respeito de um passeio de Piccadilly Circus a Charing Cross ou então tu e eu sentados aqui, num enorme navio, a singrar as águas do Mar Vermelho. Na verdade, nada podia ser mais singular do que isto. Quando refletimos sobre os processos de evolução, sobre a paciência e sobre o

gênio humanos, sobre a organização social, sobre tudo que tornou possível para nós o estar aqui, e os foguistas que se expõem a um ataque de apoplexia em nosso benefício, e as turbinas de vapor que fazem cinco mil revoluções por minuto, e o mar que é azul, e os raios luminosos que não contornam os obstáculos, para que haja sombra, e o sol que nos fornece todo o tempo e energia para viver e pensar — quando pensamos em tudo isso e em um milhão de outras coisas, chegamos à conclusão de que nada pode ser mais estranho e que nenhuma descrição, por mais

singular que seja, poderá fazer justiça aos fatos.

— Apesar de tudo — disse Elinor, depois de um longo silêncio —, eu gostaria que um dia escrevesse uma história simples e franca a respeito de um rapaz e de uma moça que se amaram, casaram-se, encontraram dificuldades, mas venceram-nas e finalmente passaram a viver tranquilos.

— E por que não uma novela policial? — Philip riu. “Mas se não escrevia aquela espécie de literatura”, pensou, “era talvez porque não pudesse.” Na arte há simplicidades mais

difíceis do que as mais cerradas complicações. Ele podia conduzir as complicações tão bem como qualquer outro. Mas quando chegava às simplicidades, faltava-lhe o talento, aquele talento que é do coração, não menos do que do cérebro, dos sentimentos, das simpatias, das intuições, não menos do que da compreensão analítica. “O coração, o coração”, disse para si mesmo. “Porventura não percebeis nem entendeis? Tendes o coração ainda endurecido?” Sem coração não há entendimento.

— ... uma terrível namoradeira — gritou um dos quatro cavalheiros, quando o grupo dobrou a esquina, ficando a distância de ser ouvido.

— Não sou! — retorquiu a jovem com indignação.

— É, sim! — gritaram todos juntos. Era uma corte feita em coro e sob a forma de caçadas para amofinar.

— É mentira! — Mas percebia-se muito bem, na sua voz, que aquela lisonjeira acusação a deleitava.

— “Como cães”, pensou Philip. Mas o coração, o coração... O coração era a especialidade de Burlap. “Você nunca há

de escrever um bom livro”, dissera ele oracularmente, “a menos que esse livro lhe brote do coração.” Era verdade; Philip o sabia. Mas seria Burlap o homem indicado para dizer aquilo? Burlap, cujos livros vinham tão do fundo do coração que pareciam ter saído do estômago, depois de um vomitório. Se ele se dedicasse às grandes simplicidades, os resultados seriam não menos repulsivos. Melhor seria cultivar o seu próprio jardim particular em toda a sua plenitude. Melhor seria permanecer rígida e lealmente *ele mesmo*. Ele mesmo? Mas esta questão

de identidade era precisamente um dos problemas crônicos de Philip. Teoricamente, com a sua inteligência, era-lhe tão fácil ser quase qualquer um! Philip tinha tal poder de assimilação que corria muitas vezes o perigo de não mais distinguir o assimilador do assimilado, de não conhecer, entre a multiplicidade de seus papéis, qual era o ator. A ameba, quando acha uma presa, abarca-a com a sua substância, incorpora-a e continua a deslizar. Havia algo de amebiano no espírito de Philip Quarles. Era como um mar de protoplasma espiritual, capaz de fluir em todas as direções, de engolfar

todos os objetos que se lhe deparassem no caminho, de se infiltrar em todos os orifícios, de encher todos os moldes e, depois de engolfar, de encher, continuar a fluir para outros obstáculos, outros receptáculos, deixando os primeiros vazios e secos. Em ocasiões diferentes de sua vida, e até mesmo simultaneamente, ele tinha enchido os mais variados moldes. Philip havia sido cínico e também místico, humanitário e também um misantropo cheio de desdém; tinha procurado viver uma vida de razão desprendida e estoica, e em outra ocasião aspirara à ausência de

razão de uma existência natural e não civilizada. A escolha dos moldes dependia do momento, dos livros que lia, das pessoas com quem mantinha relações. Burlap, por exemplo, tornara a dirigir a corrente de seu espírito para aqueles canais místicos que ele não enchera desde que havia descoberto Boehme, nos seus tempos de estudante. Depois Phil compreendera claramente Burlap e seu espírito se afastara, ficando sempre pronto, todavia, para a qualquer momento voltar atrás, desde que as circunstâncias parecessem exigí-lo. Naquele instante voltava a coar-se num

molde que tinha a forma de um coração. Onde estava o *eu* a que ele podia ser leal?

As missionárias passaram em silêncio. Olhando por cima do ombro de Elinor, Phil viu que ela estava lendo *As mil e uma noites*, na tradução de Mardrus. Os *Fundamentos metafísicos da ciência moderna*, de Burt, estavam sobre os seus joelhos; Phil tomou do livro e começou a procurar a página onde tinha parado. “Ou acaso não existia um *eu*?”, pensou ele. Não, não, aquilo era insustentável, aquilo contradizia a experiência imediata. Olhou, por cima

da borda superior do livro, para o enorme clarão azul do mar. O caráter essencial do *eu* consistia precisamente naquela ubiquidade líquida e indeformável; naquela capacidade de esposar todos os contornos e de não ficar, no entanto, fixado em nenhuma forma; receber impressões e com a mesma facilidade apagá-las. A todos aqueles moldes que seu espírito podia ocupar de tempos em tempos, todos aqueles obstáculos duros e ardentes que seu espírito podia contornar, submergir, penetrando-lhes o coração fogo e permanecendo no entanto frio, a todos

aqueles moldes Philip não devia nenhuma lealdade permanente. É que eles eram esvaziados com tanta facilidade como tinham sido enchidos; os obstáculos eram contornados. Mas o líquido essencial que escorria onde queria, o fluxo frio e indiferente da curiosidade intelectual, esse persistia, e a ele Philip devia lealdade. Se houvesse um modo simples de vida em que ele pudesse crer de maneira durável, esse seria aquela mistura de pirronismo e de estoicismo, que lhe havia dado a impressão, a ele, simples colegial curioso no meio de filósofos, de ser o

cume da sabedoria humana; e dentro desse molde de indiferença cética ele derramara a sua adolescência sem paixão. Philip Quarles se rebelara muitas vezes contra a suspensão pirrônica do juízo e contra a imperturbabilidade estoica. Mas teria sido alguma vez realmente séria tal rebelião? Pascal fizera dele um católico — mas somente durante o tempo em que o volume de *Pensamentos* permanecera aberto diante de seus olhos. Havia momentos em que, na companhia de Carlyle, de Whitman ou do vigoroso Browning, ele havia acreditado no ardor

pelo amor ao ardor. Então, vinha Mark Rampion. Depois de algumas horas passadas na companhia de Mark Rampion, Philip acreditava realmente na selvageria nobre; convencia-se de que o intelecto orgulhosamente consciente devia humilhar-se um pouco e admitir as reivindicações do coração — sim, e das entranhas, dos rins, dos ossos, da pele e dos músculos — a uma parte razoável de vida. O coração de novo! Burlap havia acertado, embora não passasse de um charlatão, de uma espécie de escamoteador trapaceiro de emoções. O coração! Mas, fosse qual fosse o seu

procedimento, Phil sabia perfeitamente bem, nas profundezas secretas de seu ser, que não era católico, nem partidário da vida ardente, nem místico ou selvagem nobre. E embora desejasse algumas vezes, com nostalgia, ser uma ou outra coisa, ou todas elas a um tempo, sentia-se sempre secretamente alegre por não ser nada disso e por achar-se livre, mesmo que essa liberdade fosse, de modo estranho e paradoxal, um obstáculo e um limite ao seu espírito.

— Essa sua história simples não serviria — disse ele em voz alta.

Elinor ergueu os olhos das *Mil e uma noites*.

— Que história simples?

— Aquela que querias que eu escrevesse.

— Ah! Aquela... — Elinor riu. — E você pensou nela muito tempo.

— Ela não me daria a oportunidade que procuro — explicou Phil. — Seria preciso que fosse sólida e profunda. Ao passo que eu sou largo; largo e líquido. Não seria do meu gênero.

— Eu poderia ter dito isso no primeiro dia que te encontrei — disse Elinor. E voltou para Scherazade.

“Apesar disso”, pensava Philip, “Mark Rampion tem razão. Na prática também; o que torna a coisa muito mais impressionante. Na sua arte e na sua vida, bem como nas suas teorias. Não é como Burlap.” Pensou com desgosto nos artigos de fundo eméticos do *Mundo Literário*. Pareciam uma travessia espiritual do canal da Mancha... E uma dessas vidas sujas, viscosas. Mas Rampion era a prova de suas próprias teorias. “Se eu pudesse capturar algo do seu segredo!”, Phil suspirou interiormente. “Irei vê-lo logo que chegar em casa.”

Capítulo XV

DURANTE AS SEMANAS QUE SE SEGUIRAM À SUA CENA FINAL, Walter e Marjorie viveram em um estado de relações singular e desagradavelmente falsas. Mostravam-se muito cheios de atenções um para com o outro, muito corteses, e cada vez que se encontravam a sós, entabulavam longas conversações polidas e sem intimidade. O nome de Lucy Tantamount nunca era pronunciado e não se fazia nenhuma referência às ausências de Walter, que se repetiam quase todas as noites. Havia um acordo tácito para fingir que nada havia

acontecido e que tudo andava da melhor maneira dentro do melhor de todos os mundos possíveis.

No primeiro acesso de cólera, Marjorie tinha verdadeiramente começado a fazer as suas malas. Partiria sem demora, naquela mesma noite, antes que ele voltasse. Devia mostrar-lhe que havia um limite para os ultrajes e insultos que ela sempre relevava. Vir para casa recendendo ao perfume daquela mulher! Era ignóbil. Walter parecia imaginar que ela estava abjetamente apaixonada por ele e que dependia tanto dele, sob o ponto de vista

material, que lhe seria possível continuar a insultá-la sem nenhum medo de lhe provocar uma franca revolta. Fizera mal em não ter se afirmado antes. Não devia ter se deixado comover pela sua angústia na noite precedente. Mas antes tarde do que nunca. Daquela vez seria definitivo. Tinha de pensar no seu amor-próprio. Tirou as malas do depósito e começou a enchê-las com as suas coisas.

Mas para onde iria? Que faria? De que iria viver? Estas perguntas se formulavam com uma insistência que crescia de minuto a minuto. O único

parente que tinha era uma irmã casada, mulher pobre cujo marido não aprovava a conduta de Marjorie. Mrs. Cole tinha tido uma desavença com ela. Não havia outras amigas que quisessem ou pudessem ajudá-la. Marjorie não aprendera ofício algum, nem possuía dons especiais. Além disso, estava para ter um bebê; nunca acharia um emprego. E no fim das contas, a despeito de tudo, tinha muita afeição por Walter, amava-o, não sabia como poderia viver sem ele. E Walter a tinha amado, ainda a amava um pouco, estava certa disso. E talvez aquela loucura se dissipasse por si

mesma; ou talvez ela conseguisse trazê-lo de volta para si, gradualmente. E em qualquer caso era melhor não agir precipitadamente. Acabou esvaziando as malas outra vez e arrastando-as de volta para o depósito. No dia seguinte começou a representar a sua comédia de fingimento e de ignorância deliberadamente falsa.

Por sua vez, Walter folgava em representar o papel que lhe cabia na comédia. Nada dizer, agir como se nada de especial tivesse acontecido — isso lhe convinha perfeitamente. A evaporação de sua cólera, o

apaziguamento do desejo o tinham reduzido, daquele estado momentâneo de força e brutalidade, à sua condição normal de timidez branda e torturada de remorsos. A fadiga do corpo tinha um efeito calmante sobre as fibras do espírito. Walter voltou da casa de Lucy sentindo-se criminoso, sentindo que tinha feito uma grande injúria a Marjorie e esperando com medo a cena que esta certamente havia de fazer. Mas Marjorie dormia quando ele entrou furtivamente no seu quarto. Dormia, ou, pelo menos, fingia dormir; não o chamou. E, no dia seguinte, não foi senão pelas saudações

dela, mais do que habitualmente corteses e cheias de formalidades, que Walter desconfiou do seu aborrecimento. Cheio de imenso alívio, retribuiu aquele silêncio cheio de presságio com o silêncio e aquela cortesia polidamente trivial com uma cortesia que, no seu caso, era mais do que simplesmente formal, porque lhe vinha do coração, porque era uma tentativa sincera (tão intranquila estava a sua consciência) de lhe prestar um serviço, de fazer reparações solícitas e afetuosas pelas ofensas passadas, de implorar adiantadamente perdão para as ofensas

que ele não tinha intenção de cometer no futuro.

Foi um grande alívio para ele o fato de não ter havido explosões, censuras: somente o silêncio polido de quem finge ignorar... Mas os dias passavam e Walter começou a achar a falsidade dessas relações cada vez mais angustiante. A comédia lhe atacava os nervos, o silêncio era uma acusação. Ficava cada vez mais polido, mais solícito, mais afetuoso; mas, embora gostasse sinceramente de Marjorie, embora desejasse sinceramente fazê-la feliz, as visitas que fazia cada noite a

Lucy davam mesmo à sua afeição sincera por Marjorie o aspecto de uma mentira e à solicitude verdadeira para com ela um ar de hipocrisia, até para consigo mesmo, isto enquanto persistisse em fazer, nos intervalos de sua bondade, precisamente aquelas coisas que ele sabia haviam de torná-la infeliz.

“Mas se ao menos”, dizia para si mesmo, com a sua cólera impotente e cheia de queixa, “se ao menos ela se contentasse com o que eu lhe posso dar e deixasse de se torturar com o que não posso.” (Porque era evidente, a despeito

da comédia de silêncio e de cortesia, que ela estava se atormentando. O seu rosto magro e macilento era por si só suficiente para desmentir a indiferença estudada da sua atitude.) “O que lhe posso dar já é tanto... E o que não posso é tão sem importância. Pelo menos para ela”, acrescentou; porque não era sua intenção anular o compromisso sem importância que tinha com Lucy aquela noite.

*Mal findo o gozo, logo desprezada;
Com alma buscada, apenas possuída, Com a mesma
alma odiada.*

A literatura, como de costume, o tinha levado pelo mau caminho. Longe

de fazê-lo odiar e desprezar, a posse e o gozo o levavam somente a ansiar por uma renovação dessa posse e desse gozo. É verdade que ele sentia sempre um pouco de vergonha daquela ansiedade. Queria que ela fosse justificada por alguma coisa mais elevada, pelo amor. (“No fim das contas”, argumentava ele, “não há nada de impossível ou de antinatural no fato de amar duas mulheres ao mesmo tempo. Amar sinceramente.”) Walter acompanhava os seus ardores com toda a ternura delicada e encantadora da sua natureza um pouco fraca e ainda

adolescente. Tratava Lucy não como a dura e implacável caçadora de prazer que tão claramente reconhecera nela, antes de se tornar seu amante, mas sim como um ser sensível e idealmente gracioso que deve ser adorado ao mesmo tempo que desejado, uma espécie de combinação de criança, mãe e amante; um ser que devemos proteger maternalmente e do qual devemos receber proteção maternal; um ser que, ao mesmo tempo, também devemos amar com virilidade e, por que não?, faunescamente.

A sensualidade e o sentimento, o

desejo e a ternura são tão frequentemente amigos como inimigos. Há algumas pessoas que, mal acabam de gozar, desprezam o que gozaram. Mas há outras em que o gozo está associado com a bondade e a afeição. Em Walter, o desejo de justificar as suas ansiedades pelo amor era apenas, em última análise, a expressão estritamente moral de sua natural tendência para associar o ato do gozo sexual com o sentimento de ternura ao mesmo tempo cavalheirescamente protetor e infantilmente humilhado. Nele a sensualidade produzia ternura; e inversamente, onde não havia

sensualidade, a ternura não se desenvolvia. Suas relações com Marjorie eram excessivamente assexuais e platônicas para serem plenamente ternas. A ternura só pode viver numa atmosfera de ternura. Fora como sensualista duro e ferozmente cínico que Walter conquistara Lucy. Mas, uma vez posta em ação, a sua sensualidade o sentimentalizava. O Walter que tinha tido Lucy nua nos braços era diferente daquele que apenas desejara fazer isso; e este novo Walter tinha necessidade, num simples instinto de conservação, de acreditar que Lucy, sob a influência de

suas carícias, não se sentia menos tocada de ternura do que ele. Continuar a acreditar, como o antigo Walter tinha acreditado, que ela era dura, egoísta, incapaz de um sentimento afetuosos, isso teria matado a ternura macia do novo Walter. Era essencial para ele acreditá-la terna. Fez o que pôde para se iludir. Cada um dos momentos de langor e de abandono era avidamente interpretado por ele como um sintoma de amolecimento íntimo, de confiança, de capitulação. Cada palavra de amor — e Lucy, seguindo a moda, era pródiga com os seus “queridos” e “anjos” e

“amados”, muito liberal nas expressões de arrebatamento ou de elogio — era recebida e guardada como uma palavra que vinha direto das profundezas do coração. Àqueles indícios de amolecimento imaginário e de calor sentimental ele retribuía com um redobramento cheio de gratidão de sua própria ternura; e esta ternura redobrada ficava duplamente desejosa de achar em Lucy uma ternura correspondente. O amor gerava um desejo de ser amado. O desejo de ser amado engendrava uma crença precária e ansiosa de que ele era amado. A crença de que era amado

fortalecia-lhe o amor. E era assim que todo o processo circular se intensificava a si mesmo, e começava de novo.

Lucy ficou tocada pela ternura adorativa de Walter, tocada e surpreendida. Ela o tinha aceito como amante porque estava aborrecida, porque os lábios dele eram macios, porque as mãos dele sabiam acariciar e porque, no último momento, sentira-se divertida e deliciada pela sua súbita conversão da humildade à impertinência conquistadora. Que estranha noite haviam passado! Walter sentado na frente dela à hora do jantar, com aquela

expressão dura no rosto, como se estivesse terrivelmente encolerizado e tivesse vontade de moer os próprios dentes; mas mostrando-se muito divertido, contando as histórias mais maliciosas desta vida a respeito de toda a gente, engendrando as informações históricas mais fantásticas e mais grotescas, as citações mais surpreendentes de velhos livros... Findo o jantar, Walter falou: “Vamos voltar para a sua casa”. Mas Lucy queria ir ver o número de Nellie Wallace no Victoria Palace e depois entrar no Embassy para comer alguma coisa e dançar um

pouco; a seguir iria procurar talvez Cuthbert Arkwright, na esperança de que... Não que ela tivesse algum desejo verdadeiro e ativo de ir ao *music-hall*, ou de dançar, ou de escutar a conversa de Cuthbert. Queria somente afirmar a sua vontade contra a de Walter. Queria apenas dominar, ser comandante e obrigá-lo a fazer o que ela queria, e não o que ele queria. Mas Walter não se deixou abalar. Não disse palavra, sorriu simplesmente. E quando o táxi parou à porta do restaurante, deu o endereço de Burton Street.

— Mas isto é uma violência! —

protestou ela.

Walter pôs-se a rir.

— Ainda não. Mas vai ser.

E quase foi mesmo, no salão cinzento e cor-de-rosa. Lucy provocou, para se submeter a elas, todas as violências da sensualidade. Mas o que ela não tinha esperado provocar era a ternura apaixonada e cheia de adoração que se seguiu àquelas primeiras violências. A expressão dura de cólera apagou-se do rosto de Walter e foi como se uma couraça protetora lhe tivesse sido arrancada, deixando-o nu, na nudez fremente e vulnerável do amor e da

adoração. As carícias dele eram como um calmante da dor ou do terror, como um apaziguamento da cólera, como uma oferta delicada. Suas palavras eram às vezes como fragmentos de orações sussurradas a um deus, outras vezes palavras de conforto murmuradas a uma criança doente. Lucy ficou surpreendida, tocada, quase envergonhada daquela paixão toda feita de ternura.

— Não, eu não sou assim, não sou assim — protestava ela em resposta ao murmúrio de adorações de Walter. Não podia aceitar tal amor com fingimentos. Mas os lábios macios dele, roçando-lhe

a pele, as extremidades de seus dedos que a tocavam de leve, eram sedativos e, acariciando-a até levá-la a um sentimento de ternura, transformavam-na magicamente no objeto terno, amante e caloroso de sua adoração, carregavam-na eletricamente com todas aquelas qualidades que seus murmúrios lhe tinham atribuído e cuja posse ela tinha negado.

Lucy puxou a cabeça do amante contra o seu peito, passou os dedos entre os cabelos dele: — Meu querido Walter — sussurrou —, querido Walter. — Houve um longo silêncio, uma

felicidade morna e quieta. E então, de súbito, justamente porque aquela felicidade silenciosa fosse tão profunda, tão completa e, por consequência, aos olhos de Lucy, tivesse qualquer coisa de intrinsecamente absurdo e mesmo de perigoso na sua impessoalidade perfeita, um pouco ameaçadora para a sua vontade consciente, ela perguntou: — Você dormiu, Walter? — E torceu-lhe a orelha.

Nos dias que se seguiram, Walter fez desesperadamente o possível para lhe atribuir as emoções que ele próprio experimentava. Mas Lucy não lhe

facilitava a tarefa. Não queria sentir aquela ternura profunda que é uma capitulação da vontade, o ruir das barreiras pessoais. Lucy queria ser ela mesma, Lucy Tantamount, dominadora absoluta da situação, que se divertia conscientemente até o limite extremo, desfrutando o seu gozo sem nenhuma contemplação: livre, não somente financeira e legalmente, mas também emotivamente, livre emotivamente de tomar Walter ou de não tomá-lo. De deixá-lo cair como o tinha tomado, a qualquer momento, quando melhor lhe parecesse. Não tinha desejo de

capitular. E aquela ternura dele, ora!, era tocante, não havia dúvida, lisonjeira e bastante encantadora em si mesma, mas um tanto absurda e, na sua exigência inquieta de uma correspondência de sua parte, verdadeiramente fastidiosa. Lucy se deixava levar um pouco no caminho do abandono sob as carícias do rapaz, deixava-se impregnar um pouco da sua ternura, apenas para depois esquivar-se de repente, num desprendimento arreliador e provocante. E Walter despertava de seu sonho de amor e caía na realidade daquilo a que Lucy chamava “prazer”, na luz fria da

sensualidade conscientemente aguda e visivelmente deliberada. Ela o deixava sem justificativa, sem paliativo para o seu sentimento de culpa.

— Você me ama? — perguntou-lhe Walter uma noite. Sabia que ela não o amava. Mas queria perversamente ter aquele conhecimento confirmado de maneira explícita.

— Acho que você é um querido — disse Lucy. Sorriu para ele. Mas os olhos de Walter continuaram sombrios e desesperados.

— Mas você me *ama*? — insistiu. Apoiado nos cotovelos, curvou-se sobre

ela quase ameaçadoramente. Lucy estava deitada de costas, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, os seios chatos erguidos pela tração dos músculos distendidos. Walter baixou o olhar sobre ela; sob seus dedos estava a tepidez elástica e curva do corpo que ele tinha possuído de uma maneira tão absoluta e completa. Mas a dona daquele corpo lhe sorria através das pálpebras semicerradas, longínqua e inatingível. — Você me *ama*?

— Você é encantador. — Entre os seus cílios escuros brilhou qualquer coisa que parecia uma zombaria.

— Mas isso não é uma resposta à minha pergunta. Você me ama?

Lucy deu de ombros e fez uma pequena careta.

— Amar? — repetiu ela. — É uma palavra bastante solene, não acha? — Libertando uma das mãos de trás da cabeça, Lucy a ergueu um pouco para bater de leve na mecha de cabelos castanhos que tinha caído sobre a testa de Walter. — Você tem os cabelos compridos demais.

— Então, por que me aceitou? — insistiu Walter.

— Se você soubesse como fica

ridículo com essa cara solene e esse cabelo nos olhos! — Lucy riu. — Parece um cão pastor com prisão de ventre.

Walter puxou para cima a mecha caída.

— Quero uma resposta — continuou obstinadamente. — Por que me aceitou?

— Por quê? Porque a coisa é divertida. Porque eu quis. Não são motivos razoavelmente evidentes?

— Sem me amar?

— Por que você há de vir sempre com o amor? — perguntou ela, impaciente.

— Por quê? — repetiu Walter. —

Mas como você pode deixá-lo de lado?

— Mas se eu posso ter o que quero sem ele, a troco de que hei de metê-lo no negócio? E, além do mais, a gente não o mete... O amor nos *acontece*... Quão raramente! Ou talvez nunca aconteça; não sei. Em todo caso, que fazer nos intervalos? — De novo segurou Walter pela mecha de cabelos e puxou o rosto dele contra o seu. — Nos intervalos, Walter querido, eu tenho você...

A boca do rapaz estava a poucos centímetros da de Lucy. Ele endureceu o pescoço e não se deixou levar mais

perto.

— Para não falar nos outros... — insinuou Walter.

Lucy puxou-lhe mais fortemente os cabelos.

— Idiota! — disse, franzindo as sobrancelhas. — Você devia estar grato, feliz pelo que conseguiu.

— Mas que foi que consegui? — O corpo dela curvava-se, sedoso e quente, sob a mão dele; mas Walter estava olhando para os olhos zombadores da amante. — Que foi que consegui?

Lucy continuava com a testa enrugada.

— Por que não me beija? —
perguntou ela, como se estivesse
entregando um ultimato. Walter não
respondeu, não se moveu. — Pois, muito
bem — Lucy empurrou-o —, se você
pode assumir essa atitude, eu também
posso...

Repelido, Walter inclinou-se
ansiosamente para beijá-la. A voz de
Lucy havia se tornado dura na ameaça;
ele se debatia no terror de tê-la perdido.
— Sou um idiota!

— É, sim. — Lucy voltou-lhe o
rosto.

— Me perdoe.

Mas ela não queria fazer as pazes.

— Não, não — disse. E quando, com uma das mãos sob a face dela, Walter procurava voltar-lhe o rosto para os seus beijos, Lucy fez um movimento brusco e feroz e mordeu-lhe a ponta do polegar. Cheio de ódio e de desejo, ele a possuiu à força.

— Ainda preocupado com o amor? — perguntou Lucy afinal, quebrando o silêncio daquela convalescença lânguida que sucede à febre dos desejos satisfeitos.

Com relutância, quase com dor, Walter reuniu forças para responder. A

pergunta de Lucy, dentro daquele profundo silêncio, foi como a inflamação de um fósforo na escuridão da noite. A noite é ilimitada, enorme, pontilhada de estrelas. Risca-se o fósforo e todas as estrelas são instantaneamente abolidas; não há mais distâncias nem profundezas. O universo fica reduzido a uma pequena caverna luminosa escavada no negrume sólido, povoado de caras brilhantemente iluminadas, de mãos e corpos, dos objetos próximos e familiares da vida comum. Naquela profunda noite de silêncio Walter tinha sido feliz.

Convalescente, depois da febre, ele a tinha nos braços, já agora sem ódio, mas sim cheio de uma ternura sonolenta. Seu espírito parecia flutuar na serenidade tépida entre o ser e a aniquilação. Ela fremia nos braços dele, falava, e aquela maravilhosa serenidade extraterrestre ondulava e se quebrava como a superfície lisa e espelhante de uma água subitamente turbada.

— Eu não estou preocupado com coisa nenhuma. — Walter abriu os olhos e viu que ela o observava, divertida e curiosa. Franziu a testa. — Por que me olha assim?

— Eu não sabia que era proibido...

— Você esteve olhando para mim desta maneira todo esse tempo? — A ideia lhe era estranhamente desagradável.

— Há horas... Mas com admiração, garanto. Achei que estava verdadeiramente encantador. Uma legítima Bela Adormecida. — Lucy sorria, zombeteira; mas falava a verdade. Esteticamente, com a satisfação de um entendedor, ela estivera realmente a admirá-lo enquanto ele ali se deixara ficar, deitado, pálido, de olhos fechados, como se estivesse

morto, a seu lado.

Walter não se deixou abrandar pela lisonja.

— Não me agrada que você tripudie sobre mim — disse, ainda de cenho cerrado.

— Tripudiar?

— Como se tivesse me matado.

— Que romântico incorrigível! —

Lucy riu. Mas, no entanto, era verdade. Ele dera a impressão de um morto; e a morte, naquelas circunstâncias, tinha algo de levemente ridículo e humilhante. Viva, bem desperta e conscientemente viva, ela havia estudado a magnífica

atitude mortuária de Walter. Com admiração, mas com um desprendimento divertido, Lucy contemplara aquela criatura esquisita e pálida que ela tinha usado para seu próprio gozo e que agora estava morta. “Que bobo!”, pensara ela. E “por que as pessoas tornam a si mesmas desgraçadas, em lugar de aceitar o prazer que se lhes oferece?”. Ela tinha exprimido seus pensamentos na pergunta zombeteira que despertara Walter do fundo de sua eternidade. A preocupar-se com o amor, que idiota!

— Apesar de tudo — insistiu Walter —, você estava exultante.

— Romântico, romântico! —
escarneceu ela. — Você tem uma
maneira tão absurdamente antiquada de
pensar nas coisas. Matar e tripudiar
sobre cadáveres e amar e o mais que
segue. É ridículo. Por que não anda logo
de fraque e gravata?... Procure ser um
pouco mais moderno.

— Prefiro ser humano.

— Viver modernamente é viver
rapidamente — continuou ela. — Não
pode carregar com você um vagão cheio
de ideias e romantismos nestes tempos.
Quando viajamos de avião, devemos
deixar para trás as bagagens pesadas. A

velha alma de antanho sentava-se muito bem quando se vivia vagarosamente. Mas é pesada demais para os nossos dias. Não há lugar para ela no avião...

— Nem mesmo para um coração? — perguntou Walter. — Não me preocupa muito a alma. — Já uma vez se preocupara com ela. Mas agora que a sua vida não consistia mais em ler os filósofos, ele estava um pouco menos interessado nela. — Mas o coração — acrescentou —, o coração...

Lucy balançou a cabeça.

— Talvez seja uma pena — concedeu ela. — Mas tudo tem o seu

preço. Se gostamos da velocidade, se queremos ganhar terreno, não podemos levar bagagem. Trata-se de saber o que queremos e de estarmos prontos a pagar o preço devido. Eu sei exatamente o que quero; assim, sacrifico a bagagem. Se te agrada viajar num caminhão de mudanças, viaja. Mas não espere que eu te acompanhe, oh meu suavíssimo Walter. Não espere que eu leve o teu piano de cauda no meu monoplane de dois lugares.

Houve um longo silêncio. Walter fechou os olhos. Quisera estar morto. O contato da mão de Lucy no seu rosto fê-

lo sobressaltar-se. Sentiu que ela lhe tomava o lábio inferior entre o polegar e o indicador. Beliscou-o suavemente. E disse: — Você tem a mais deliciosa das bocas...

Capítulo XVI

OS RAMPION MORAVAM EM CHELSEA. A casa deles era um grande estúdio com três ou quatro quartinhos anexos. “Um bonito recanto, na sua maneira um pouco rústica”, refletiu Burlap, ao fazer soar a campainha da porta naquela tarde de sábado. E Rampion o tinha comprado por pouco mais de nada, exatamente antes da guerra. Não pagara mais aluguéis depois da guerra. Um presente de cento e cinquenta libras líquidas por ano. “Diabo de sorte!”, pensou Burlap, esquecendo-se naquele momento de que ele próprio vivia sem pagar aluguel na

casa de Beatrice e lembrando-se apenas de que tinha acabado de gastar vinte e quatro xelins e nove pence numa ceia com Molly d'Exergillod.

Mary Rampion abriu a porta.

— Mark o espera no estúdio — disse ela após a troca de saudações. “Mas por que diabo”, estava Mary a se dizer interiormente, “por que diabo ele continua a ter relações de amizade com este indivíduo? É coisa que está além de toda compreensão.” Detestava Burlap. “É uma espécie de abutre”, dissera ao marido depois da última visita do jornalista. “Não, não é um abutre,

porque os abutres só comem carniça. É um parasita que se alimenta de seus hóspedes vivos, e sempre do que pode achar de melhor. E tem faro para descobrir o que há de melhor; isso eu lhe reconheço. Uma sanguessuga espiritual, eis o que ele é. Por que você deixa que ele te sugue o sangue?”

“E por que não?”, retorquira Mark. “Ele não me faz nenhum mal e me diverte.”

“Creio que ele lisonjeia a sua vaidade”, dissera Mary. “É lisonjeiro ter parasitas. É um elogio à qualidade do teu sangue.”

“E, além disso”, continuara Rampion, “ele tem algum mérito.”

“Está claro que tem”, respondera Mary. “Tem o teu sangue, entre outras coisas. E o sangue de todas as outras pessoas de quem ele se alimenta.”

“Vamos, não exagere, não seja romântica”, objetava Rampion a todas as hipérboles que não fossem as suas próprias.

“Pois bem, tudo que posso dizer é que não gosto de parasitas”, Mary falara com um tom decidido. “E a próxima vez que ele aparecer eu vou lhe jogar em cima um pouco de pó inseticida, só para

ver o que acontece. Aí está...”

No entanto, a próxima vez tinha chegado e lá estava ela a abrir a porta para Burlap e a dizer-lhe que se dirigisse ao estúdio, como se se tratasse de um visitante bem-vindo. Mesmo na atavística Mary a força do hábito de polidez era mais forte do que o seu desejo de jogar pó inseticida.

Os pensamentos de Burlap, enquanto ele se dirigia para o estúdio, estavam ainda voltados para as questões financeiras. A lembrança do preço que havia pago pela ceia continuava a irritá-lo.

“Rampion não somente não paga aluguel”, pensava ele, “mas também quase nem chega a ter despesas. Vivendo como eles vivem apenas com uma criada, fazendo eles próprios a maior parte dos trabalhos domésticos e não tendo automóvel, devem mesmo gastar ridiculamente pouco. É verdade que têm dois filhos para educar.” Mas Burlap conseguia, por uma espécie de passe de prestidigitação mental em que era proficientíssimo, fazer que os dois filhos desaparecessem do campo de sua sensibilidade consciente. “E entretanto Rampion deve fazer bom dinheiro.

Vende muito bem os seus quadros e desenhos. E tem um mercado regular para tudo quanto lhe apraz escrever. Que será que faz de todo esse dinheiro?”, perguntava a si mesmo com uma ponta de ressentimento enquanto batia à porta do estúdio. “Será que o guarda? Ou que fará, então?”

— Entre! — gritou a voz de Rampion do outro lado da porta.

Burlap compôs o rosto com um sorriso e abriu.

— Ah! É você — disse Rampion. — Não posso apertar a sua mão agora. — Estava limpando os pincéis. — Como

está?

Burlap balançou a cabeça e disse que estava precisando de umas férias, mas que seus recursos não lhe permitiam tê-las. Caminhou pelo estúdio, olhando com ar reverente para as pinturas. A maior parte delas dificilmente teria merecido a aprovação de São Francisco. Mas que vida, que energia, que imaginação! A vida, no fim das contas, era o que importava ... “Eu acredito na vida.” Era o primeiro artigo do credo.

— Como é o título deste? — perguntou Burlap, detendo-se na frente de uma tela que se achava no cavalete.

Enxugando as mãos enquanto se aproximava, Rampion atravessou o quarto e parou ao lado de Burlap.

— Este? Bem, “Amor”, suponho que é o nome que você daria a ele... — pôs-se a rir; tinha trabalhado bem aquela tarde e estava com ótima disposição. — Mas as pessoas menos espirituais, menos refinadas, podem preferir algo mais cru... — sorrindo um sorriso arreganhado, sugeriu algumas das variantes mais cruas. O sorriso de Burlap era um tanto amarelo. — Não sei se pode encontrar outros... — concluiu Rampion maliciosamente. Na presença

de Burlap, Mark achava-se divertido e ao mesmo tempo sentia que era positivamente um dever ser chocante.

Falavam de um quadro um tanto pequeno, a óleo. Embaixo, no ângulo esquerdo da tela, numa espécie de nicho entre um primeiro plano de rochas escuras e troncos de árvores e um fundo de rochedos escarpados, tendo por cima uma abóbada formada por uma massa de folhagem, duas figuras, um homem e uma mulher, estavam deitadas, abraçadas. Dois corpos nus, branco o da mulher, e o do homem de um moreno avermelhado. Esses dois corpos eram a fonte de toda a

iluminação do quadro. Os rochedos e os troncos de árvores do primeiro plano se desenhavam contra a luz que emanava das figuras. O precipício, ao fundo, era dourado pela mesma luz, que tocava a face inferior da folhagem acima, lançando sombras sobre uma massa espessa de verdura. Jorrava para fora do recanto no qual o homem e a mulher se achavam, atravessando diagonalmente todo o quadro, iluminado e criando, sentia-se, pela sua radiossidade, uma flora surpreendente de rosas, de zínias e de tulipas gigantescas, com cavalos, leopardos e pequenos antílopes que iam

e vinham entre as flores enormes; e mais além, uma paisagem verde que se ia aprofundando, plano após plano, até o azul, com um vislumbre de mar entre as colinas; por cima, formas de nuvens enormes e heroicas contra o céu azul.

— É bonito — disse Burlap vagorosamente, balançando a cabeça diante do quadro.

— Mas estou vendo que você o detesta. — Mark Rampion arreganhou os dentes numa espécie de triunfo.

— Mas por que você diz isso? — protestou o outro com uma tristeza suave de mártir.

— Porque é verdade. A coisa não é suficientemente “suave-Jesus” para ti. O amor, o amor *físico*, como fonte da luz, da vida e da beleza, oh! não, não, não! É por demais grosseiro e carnal; é lamentavelmente franco...

— Mas será que você me toma pela palmatória do mundo?

— Não pela palmatória do mundo
— O bom humor de Rampion transbordou em zombaria. — Digamos: por são Francisco. Por falar nisso, como vai a vida dele que estás escrevendo? Espero que ponhas nela uma descrição bem succulenta daquele episódio em que

o santo lambe os leprosos — Burlap fez um gesto de protesto. Rampion riu escancaradamente. — Para falar a verdade, o próprio São Francisco é um pouco crescido para ti. As crianças não lambem os leprosos. Só os adolescentes sexualmente pervertidos fazem isso. São Hugo de Lincoln, eis o que você é, Burlap. Ele era uma criança, você sabe, um puro e suave nenezinho. Um amorzinho de bebê que gostava de nanar no colinho de sua mamãezinha. Arregalava os olhos e mostrava-se reverente diante das mulheres, como se elas todas fossem madonas. Vinha para

se deixar acariciar e beijar, a fim de que desaparecessem os seus dodóis, e para ouvir a história do pobre Jesus, ou mesmo para chupar uns goles de leite, caso houvesse algum.

— Com efeito! — protestou Burlap.

— Sim, com efeito — parodiou Rampion. Gostava de atormentar o outro, de fazer com que ele parecesse um mártir cristão que perdoava... Era bem-feito: quem o mandara entrar ali com aquela atitude de discípulo amado, quem o mandara dar mostras de uma reverência e uma admiração tão repugnantes?

— São Hugo de olhos arregalados e caminhar indeciso. Engatinhando como um bebê, todo reverente, na direção das mulheres, como se todas elas fossem madonas. Mas, apesar disso, metendo a sua mãozinha mimosa debaixo de suas saias... Vinha para orar, mas ficava para compartilhar a cama da *madonnina* — Rampion sabia um mundo de coisas a respeito dos casos amorosos de Burlap e tinha adivinhado outras tantas. — Meu prezado são Huguiño! Como ele vai caminhando bonitinho para o quarto de dormir e que jeitinho gracioso de bebê ele tem quando se aninha entre os

lençóis! Estas coisas são demasiadamente grosseiras e pouco espirituais para o nosso Huguiño. — Atirou a cabeça para trás e desatou a rir.

— Continua, continua — disse Burlap. — Que eu não te sirva de estorvo — e à vista daquele sorriso espiritual de mártir, Rampion riu ainda mais estridentemente.

— Ora, ora, ora! — exclamou ele, ofegante. — Na sua próxima visita hei de ter para você uma cópia de *Santa Mônica e Santo Agostinho* de Ary Scheffer. Isso há de te fazer verdadeiramente feliz. Quer ver alguns

dos meus desenhos? — perguntou Rampion em outro tom. Burlap meneou a cabeça afirmativamente. — São grotescos em sua maioria. Caricaturas. Um tanto livres, previno-te. Mas se *quer* vir olhar os meus trabalhos, já sabe o que te espera...

Abriu a pasta que estava sobre a mesa.

— Por que você acha que eu não gosto de teus trabalhos? — perguntou Burlap. — No fim das contas, é um crente da vida e eu também o sou. Temos as nossas diferenças, mas a respeito da maioria das questões o nosso ponto de

vista é o mesmo.

Rampion ergueu os olhos para ele.

— Oh! Estou certo de que é o mesmo, sei que é. — E tornou a arreganhar os dentes.

— Bem, se sabe que é o mesmo — disse Burlap, cujos olhos, voltados para o lado, não tinham visto o sorriso aberto no rosto do outro —, por que acha que eu desaprovo os teus desenhos?

— Por que mesmo, não é? — motejou Rampion.

— Uma vez que o ponto de vista é o mesmo...

— É evidente que as pessoas que

olham a paisagem do mesmo ponto
devem ser idênticas. — Novo
arreganhar de dentes. — Q. E. D.^[16] —
Tornou a virar-se para tirar um dos
desenhos da pasta. — Eis o que eu
chamo *Fósseis do passado e fósseis do
futuro*. — Estendeu o desenho para
Burlap. Era um trabalho a tinta, tocado
com aquarela colorida,
extraordinariamente brilhante e vívido.
Encurvada num S magnificamente vasto,
uma grotesca procissão de monstros
marchava diagonalmente, atravessando o
papel de cima para baixo. Dinossauros,
pterodáctilos, titanortérios, diplódocos e

ictiossauros caminhavam, nadavam ou voavam à cauda da procissão; a vanguarda era composta de monstros humanos, criaturas de cabeças enormes, sem membros nem corpos, rastejando como lesmas sobre prolongamentos vagamente viscosos dos seus queixos e pescoços. A maior parte tinha os rostos de contemporâneos eminentes. No meio da multidão Burlap reconheceu J. J. Thompson, lord Edward Tantamount, Bernard Shaw assistido por eunucos e solteironas, sir Oliver Lodge, servido por um fantasma de cabeça de nabo enrolado num lençol e por um tubo

catódico ambulante; sir Alfred Mond e a cabeça de John D. Rockefeller, carregada sobre uma enorme travessa por um ministro batista; o dr. Frank Crane e mrs. Eddy com auréolas, e muitos outros.

— Os lagartos morreram porque tinham corpo em excesso e a cabeça demasiadamente pequena — disse Rampion, explicando. — É pelo menos o que os cientistas nunca se cansam de nos dizer. O tamanho físico é uma desvantagem, depois de certo ponto. Mas e o tamanho mental? Estes imbecis parecem se esquecer de que eles são

exatamente tão desequilibrados, informes e desproporcionais como qualquer diplódoco. Sacrificam a vida física e afetiva à vida mental. Que imaginam eles que vai acontecer?

Burlap exprimiu seu assentimento com um aceno de cabeça.

— É o que sempre perguntei. O homem não pode viver sem coração.

— Para não falar nas tripas, na pele, nos ossos e na carne. Eles estão simplesmente marchando rumo à extinção. E, com mil diabos!, é uma felicidade. Mas o que há de mau no caso é que eles estão arrastando o resto do

mundo consigo. Raios os partam! Devo confessar que não me agrada ser condenado à extinção só porque esses imbecis e cientistas, moralistas, espiritualistas, técnicos, esses literatos e políticos de tendências enaltecedoras e todo o resto do bando não têm o bom senso de ver que o homem deve viver como homem, não como um monstro de cerebralidade ou de alma. Brr! Eu quisera matá-los todos. — Repôs o desenho na pasta e tirou outro. — Eis aqui dois *Bosquejos de história*, o da esquerda segundo H. G. Wells, o da direita segundo eu.

Burlap olhou, sorriu e acabou rindo francamente.

— Ótimo!

O desenho da esquerda era composto à maneira de um simples crescendo. Um macaco minúsculo era seguido por um pitecantropo levissimamente maior, o qual, por sua vez, era seguido por um homem de Neanderthal levissimamente maior do que ele. O homem paleolítico, o homem neolítico, o egípcio da idade do bronze e o homem babilônico, o grego da idade do ferro e o homem romano — as figuras cresciam vagarosamente em

tamanho. À época em que Galileu e Newton surgiram em cena, a humanidade tinha atingido dimensões bem respeitáveis. O crescendo continuava ininterrupto por intermédio de Watt e Stevenson, Faraday e Darwin, Bessemer e Edison, Rockefeller e Wanamaker, para chegar à perfeição contemporânea nas figuras do próprio mr. H. G. Wells e de sir Alfred Mond. E o futuro também não fora descurado. Através da bruma radiosa da profecia, as silhuetas de Wells e Mond, que iam ficando sempre maiores a cada repetição, se espichavam numa espiral triunfante para além do

papel, rumo ao infinito utópico. O desenho da direita tinha uma composição menos otimista de picos e declínios. O minúsculo macaco bem depressa florescia num homem da idade do bronze, o qual dava lugar a um grego muito grande e a um etrusco escassamente menor. Os romanos iam ficando de novo menores. Os monges da Tebaida mal se distinguiam dos macaquinhos primitivos. Seguia-se certo número de florentinos, ingleses e franceses de bom tamanho. Vinham após estes uns monstros revoltantes denominados Calvino e Knox, Baxter e

Wesley. A estatura dos homens representativos declinava. Os vitorianos tinham começado a ficar anões e disformes. Os seus sucessores do século xx eram abortos. Através das brumas do futuro podia se ver a companhia decrescente de pequenas gárgulas e de fetos cujas cabeças eram grandes demais para os seus corpos gelatinosos, e as caudas simiescas e os rostos de nossos contemporâneos mais eminentes, todos a se morder, a se arranhar e a se estripar uns aos outros com essa energia metódica e sistemática que é apanágio exclusivo dos seres mui altamente

civilizados.

— Quisera eu ter um ou dois destes desenhos para o *Mundo* — disse Burlap, quando acabaram de examinar todo o conteúdo da pasta. — Em geral não reproduzimos desenhos. Somos francamente missionários, e não uma empresa de arte pela arte. Mas estas coisas tuas são parábolas ao mesmo tempo que pinturas. Devo dizer — acrescentou — que invejo esse poder que você tem de dizer as coisas de modo tão imediato e econômico. Eu gastaria centenas e milhares de palavras para dizer as mesmas coisas, menos

vigorosamente, num ensaio.

Rampion concordou com um meneio de cabeça.

— Eis por que abandonei a pena por enquanto. As palavras não são lá muito adequadas para dizer o que eu acho que quero dizer agora. E que conforto fugir das palavras! Palavras, palavras! Elas levantam um muro entre nós e o universo. Três quartos do tempo a gente não está em contato com as coisas, mas apenas com as malditas palavras que as representam. E muitas vezes nem mesmo com elas, e sim com essa infernal algaravia metafórica dos poetas. “Vibra

em cada hemistíquio um cântico nupcial”, por exemplo. Ou “E no seio nutriz da natureza bruta, resguardava o pudor teu verde coração!”. Ou então: “Uma ave negra friamente posta num busto acima dos portais”.^[17] — Olhou para Burlap com os dentes à mostra. — Mesmo a “ave negra” se transformou numa abstração metafórica. “Friamente posta”, com efeito! Oh, essas palavras! Como me sinto feliz por ter fugido a elas. É como sair de uma prisão — oh! uma espécie de prisão muito elegante e fantástica, cheia de afrescos e de tapeçarias e o mais que segue. Mas a

gente prefere a verdadeira campina ao ar livre. A pintura, acho eu, nos põe em real contato com ela. Posso dizer o que quero.

— Bem, tudo quanto posso fazer — disse Burlap — é fornecer um público para escutar o que você tem a dizer.

— Pobres-diabos! — exclamou Rampion, rindo.

— Mas eu acho que eles *devem* escutar. Tem-se uma grande responsabilidade. Eis a razão por que eu gostaria de publicar alguns dos teus desenhos no *Mundo Literário*. Sinto que isso é realmente um dever.

— Oh! se é uma questão de imperativo categórico — disse Rampion, rindo de novo —, está claro então que deve fazê-lo. Leve o que te agradar. Quanto mais chocantes forem os desenhos que publicares, mais prazer hei de sentir.

Burlap balançou a cabeça.

— Devemos começar suavemente — redarguiu. Não acreditava na vida a ponto de correr o risco de reduzir a circulação do jornal...

— Suavemente, suavemente... — repetiu o outro, num tom de mofa. — Vocês jornalistas são todos os mesmos.

Nada de solavancos. A segurança antes de tudo. Literatura sem dor. Nada de preconceitos extraídos a frio ou de ideias pregadas a martelo: é preciso um anestésico. Os leitores devem ser mantidos permanentemente num estado de sono crepuscular. Vocês todos são um caso perdido.

— Um caso perdido — repetiu Burlap, num tom de penitência —, eu sei. Mas ai! É preciso transigir um pouco com o mundo, a carne e o diabo.

— Pouco se me dá que você faça isso ou não — respondeu Rampion. — O que me indigna é a maneira

repugnante por que vocês transigem com o céu, com a respeitabilidade e com Jeová. Enfim, suponho que em tais circunstâncias nada podes fazer... Leve o que você quiser.

Burlap fez a sua escolha.

— Levo estes — disse por fim, erguendo três dos desenhos menos polêmicos e escandalosos. — Fica bem?

Rampion deitou-lhe os olhos.

— Se esperasse mais uma semana — resmungou ele —, eu teria uma cópia de Ary Scheffer pronta para ti.

— Eu temo — disse Burlap com aquela expressão de espiritualidade

pensativa que sempre lhe vinha ao rosto quando ele começava a falar a respeito de dinheiro —, temo que eu não possa pagar muito por estes trabalhos...

— Ah! Ora... Estou acostumado a isso. — Rampion deu de ombros. Burlap ficou satisfeito por ver que o outro encarava a coisa daquela maneira. E no fim das contas, refletiu ele, era verdade. Rampion não estava habituado a ganhar muito. E depois, com aquele seu modo de vida não precisava mesmo de muito... Não tinha automóvel, não tinha criados...

— Seria de desejar que se estivesse em condições... — disse em voz alta,

refugiando-se no impessoal. — Mas o jornal... — Balançou a cabeça. — Tentar persuadir o público a amar as coisas elevadas, quando eles veem que isso não compensa... Pode-se conseguir quatro guinéus por desenho.

Rampion riu-se.

— Não é exatamente uma oferta principesca... Mas leva-os. Leva-os de graça, se você quiser.

— Não, não — protestou Burlap. — Eu não faria isso. O *Mundo* não vive de caridade. Paga o que publica — não paga muito, coitado!, mas paga sempre um pouco; paga um pouco. É uma

questão de princípio — continuou ele, balançando a cabeça—, mesmo que eu tenha de tirar dinheiro do meu próprio bolso. É uma questão de princípio. Absolutamente de princípio — insistiu, contemplando com um frêmito de satisfação legítima o íntegro e altruístico Denis Burlap, que pagava os colaboradores do seu próprio bolso e em cuja existência ele, enquanto falava, estava começando a acreditar. Continuou a falar, e a cada uma de suas palavras os contornos daquele Burlap magnificamente pobre, mas honesto, se tornavam mais claros diante da sua

visão interior; e ao mesmo tempo o *Mundo* arrastava-se, aproximando-se cada vez mais das bordas da insolvência, a conta do jantar crescia de momento para momento e seus rendimentos particulares diminuía correlativamente...

Rampion o contemplava com curiosidade. “Por que diabo estará ele agora a meter no corpo a chicote essa fúria toda?”, perguntava a si mesmo. Uma explicação possível subitamente lhe ocorreu. Quando Burlap parou para respirar, Rampion balançou a cabeça com simpatia: — Você precisa é de um

capitalista. Se eu tivesse algumas centenas ou alguns milhares de libras disponíveis, empregava-as no *Mundo*. Mas, ai de mim!, não tenho. Nem seis pence — concluiu ele, quase triunfalmente. E a expressão de simpatia se transformou de repente num sorriso largo de dentes arreganhados.

*

Naquela noite Burlap se atirou à questão da pobreza franciscana. “De pés descalços pelas colinas da Úmbria ela caminha, a Senhora Pobreza.” Era assim que começava o seu capítulo. Sua prosa, em momentos de exaltações, tendia a transformar-se em versos brancos.

“Pousam seus pés nas alvas estradas poeirentas que lembram, a quem as contempla dos muros das pequenas cidades, brancas fitas estiradas lá embaixo na planura.”

Seguiam-se referências às oliveiras nodosas, às vinhas, aos campos terraplenados, aos “grandes bois brancos com os seus cornos recurvos”, aos burrinhos que carregavam pacientemente as suas cargas, subindo as estradas pedregosas, às montanhas azuis, às cidades que repousam sobre as colinas, na distância — cada uma delas como uma pequena Nova Jerusalém num

livro de gravuras —, às águas clássicas de Ceitumnus e às ainda mais clássicas águas de Traismene. “Eis aí uma terra” continuou Burlap “e uma época em que a pobreza era um ideal admissível, praticável. A terra provia a todas as necessidades dos que viviam dela, havia pouca especialização profissional; cada camponês era, em larga medida, seu próprio manufator, do mesmo modo que era o seu próprio açougueiro, padeiro, verdureiro e vinhateiro. Uma sociedade na qual o dinheiro era ainda relativamente sem importância. A maioria o dispensava quase por

completo. Negociava-se diretamente com as coisas — os objetos domésticos de próprio fabrico e os tenros frutos da terra, e não se tinha assim nenhuma necessidade dos metais preciosos que comprou as coisas. O ideal de pobreza de São Francisco era então praticável, porque ele propunha à admiração geral um modo de vida que não diferia enormemente do modo de vida efetivo, dos seus mais humildes contemporâneos. Ele convidava os membros ociosos da sociedade e aqueles que tinham uma especialização profissional — os que viviam principalmente em função do

dinheiro — a viver como os seus inferiores estavam vivendo, em função das coisas. Como é diferente a situação de hoje!” Burlap caiu uma vez mais no verso branco, levado dessa vez pela indignação, e não pela ternura lírica. “Somos todos especialistas que vivemos em função somente do dinheiro, e não das coisas reais, e habitamos abstrações remotas, e não o mundo verdadeiro que produz e que fabrica.” Garatujou alguma coisa a respeito das “grandes máquinas que, tendo sido escravas do homem, são agora suas tiranas”, a respeito da estandardização, da vida industrial e

comercial e de seu efeito esterilizante sobre a alma humana (e para este último ponto Burlap pediu emprestadas algumas das frases favoritas de Rampion).

O dinheiro, concluiu Burlap, era a raiz de todo o mal; a fatal necessidade, sob a qual o homem agora trabalha, de viver em função do dinheiro e não das coisas reais. “Aos olhos modernos os ideais de São Francisco parecem fantásticos, terrivelmente insanos. A Senhora Pobreza foi rebaixada pelas circunstâncias modernas até a semelhança de uma jornaleira de sapatos

furados que usa avental de estopa... Nenhum homem sensato sonharia em segui-la. Idealizar uma Dulcineia tão repulsiva seria mostrar-se mais louco do que o próprio Dom Quixote. Dentro da nossa sociedade moderna o ideal franciscano é impraticável. Tornamos a pobreza detestável. Mas isto não significa que possamos simplesmente desdenhar são Francisco como se ele fosse um visionador de sonhos loucos. Não. Pelo contrário, a insanidade é nossa e não dele. Ele é o médico no manicômio. Para os lunáticos o médico parece ser o único louco. Quando

recobramos a razão, haveremos de compreender que ele era o único homem são. Nas condições atuais o ideal franciscano é inexequível. A moral disso é que as condições devem ser alteradas, radicalmente. Nosso alvo deve ser criar uma nova sociedade na qual a Senhora Pobreza seja não a sórdida jornaleira, mas sim uma forma esplêndida de luz, de graça e de beleza. Oh, Pobreza, Pobreza, linda Senhora Pobreza...”

Beatrice entrou para dizer que a ceia estava na mesa.

— Dois ovos — comandou ela, exprimindo a sua solicitude no tom vivo

e cortante da voz. — Dois, faço questão. Foram feitos especialmente para você.

— Você me trata como ao filho pródigo — disse Burlap. — Ou como ao bezerro gordo quando estava sendo engordado. — Balançou a cabeça, sorriu o seu sorriso à Sodoma e se serviu do segundo ovo.

— Quero pedir a sua opinião a respeito de algumas ações de uma companhia de gramofones que eu tenho — disse Beatrice. — Elas têm subido com tanta violência...

— Gramofones! — disse Burlap. — Ah...

E deu a sua opinião.

Capítulo XVII CHOVIA HAVIA

VÁRIOS DIAS. Parecia a

Spandrell que os fungos e mofos estavam brotando até em sua alma. Deixava-se ficar na cama ou sentado em seu quarto sombrio, ou ainda encostado ao balcão de um café, sentindo a viscosidade crescer dentro dele, e observando-a com seus olhos interiores.

— Mas se ao menos você fizesse

alguma coisa — implorara tantas vezes a mãe. — Qualquer coisa...

E todos os seus amigos tinham dito o mesmo, tinham continuado a dizê-lo durante anos...

Mas ele preferia ir para o inferno a ter de fazer alguma coisa. Trabalhar — o evangelho do trabalho, a santidade do trabalho, *laborare est orare* —, tudo isso era tolice e conversa fiada. “Trabalho!”, dissera ele um dia, num assomo de pouco-caso diante das censuras cordiais de Philip Quarles. “O trabalho não é mais respeitável do que o álcool, e serve exatamente para o

mesmo fim: distrai simplesmente o espírito, faz com que o homem se esqueça de si mesmo. O trabalho não passa de uma droga como as outras. É humilhante que os homens não possam viver sem drogas, sobriamente; e humilhante que eles não tenham a coragem de ver que o mundo e eles mesmos são o que realmente são. Têm necessidade de se narcotizar com trabalho. É imbecil. O evangelho do trabalho é simplesmente o evangelho da estupidez e da covardia. Trabalhar pode ser orar; mas é também esconder a cabeça na areia, é também fazer tanto

ruído e tanta poeira que a gente não possa ouvir a própria voz nem ver a própria mão diante do rosto. É escondermo-nos de nós mesmos. Não admira que os Samuel Smilese e os grandes homens de negócios sejam tão entusiastas do trabalho. O trabalho lhes dá a ilusão confortadora de que eles existem e até de que são importantes. Se parassem de trabalhar, haveriam de perceber que a maioria deles simplesmente não existe. São apenas buracos no ar, nada mais. Buracos talvez um tanto malcheirosos. A maioria das almas smileanas deve ter um certo mau

cheiro, acho eu... Não admira que não ousem deixar de trabalhar. Poderiam descobrir o que realmente são, ou antes o que realmente não são. É um risco que não têm a coragem de enfrentar.”

— E o que foi que a sua coragem te permitiu descobrir em você mesmo? — inquirira Philip Quarles.

Spandrell arreganhou os dentes de uma maneira levemente melodramática.

— Foi preciso alguma coragem para continuar a olhar o que eu tinha descoberto. Se eu não tivesse sido tão bravo, havia muito que estaria entregue ao trabalho ou à morfina.

Spandrell dramatizava um pouco, fazia a sua atitude parecer um pouco mais racional e romântica do que na realidade era. Se não fazia nada, era em virtude de uma preguiça habitual e também por um princípio moral sofisticado e subversivo. A preguiça tinha mesmo precedido o princípio e era a raiz deste. Spandrell nunca teria descoberto que o trabalho era um opiato pernicioso se não tivesse de achar uma razão e uma justificativa para a sua preguiça invencível. Mas era verdade que se fazia necessária alguma coragem de sua parte para não fazer nada; porque ele era

preguiçoso a despeito das devastações de um tédio crônico, que podia tornar-se, em momentos como aquele, quase insuportavelmente agudo. Mas o hábito da ociosidade estava nele tão profundamente inveterado que, para quebrá-lo, seria preciso mais coragem do que para suportar as agonias do tédio a que ela dava lugar. O orgulho tinha reforçado aquela preguiça natural — o orgulho de um homem capaz que não é *suficientemente* capaz, de um admirador das grandes realizações que compreende que lhe falta talento para realizar uma obra original, que não quer humilhar-se

com o que ele sabe que há de ser uma tentativa infrutífera de criar, ou que não quer rebaixar-se, ainda que com êxito, a um trabalho mais fácil.

— Cai muito bem a você falar de trabalho — dissera ele a Philip. — Mas você pode fazer alguma coisa, *eu* não posso. Que quer que eu faça? Que me empregue num banco? Que me torne caixeiro-viajante?

— Há outras profissões — respondeu Philip. — E já que possuo algum dinheiro, tem todo o campo da erudição, toda a história natural...

— Oh! Você quer que eu seja um

coleccionador de formigas, não? Ou um escritor desses que escrevem teses sobre o emprego do sabão entre os angevinos. Um bom velho tio Tobias com as suas manias. Mas eu te digo, não quero ser nenhum tio Tobias. Se na verdade não presto para nada, prefiro continuar a ser simplesmente imprestável. Não quero disfarçar-me de homem instruído. Não quero ser representante de uma mania qualquer. Quero ser o que a natureza fez de mim — um inútil.

Desde o segundo casamento de sua mãe, Spandrell tinha sempre feito

perversamente as piores coisas, escolhido o caminho pior, cultivado deliberadamente as suas piores tendências. Era com a devassidão que ele distraía os seus ócios sem fim. Estava se vingando dela, e de si mesmo também, por ter sido tão estupidamente feliz e bom. Agia assim por despeito dela, por despeito de si mesmo, por despeito de Deus. Esperava que houvesse um inferno para onde ir e lamentava a sua incapacidade de acreditar na existência dele. Enfim, houvesse ou não inferno, era satisfatório, era mesmo excitante,

naqueles primeiros tempos, saber que se estava fazendo algo de mau e de errado. Mas há na devassidão alguma coisa tão intrinsecamente monótona, algo tão absoluta e desesperadamente triste, que só os seres raros, dotados de uma dose de inteligência muito inferior à habitual e de muito mais apetite do que o vulgar, podem continuar a gozar ativamente o vício e a acreditar na sua maldade. A maioria dos devassos é devassa não porque goste da devassidão, mas sim porque sente mal-estar quando se priva dela. O hábito transforma os gozos esquisitos em necessidades monótonas e

cotidianas. O homem que adquiriu o hábito das mulheres ou da genebra, de fumar cachimbo ou de suportar a flagelação, acha tão difícil viver sem os seus vícios como viver sem pão e água, mesmo quando a prática do vício possa ter se tornado em si mesma tão despida de sensação como comer uma códea de pão ou beber um copo de água da pena. O hábito é tão fatal para o sentimento da prática do mal como para o gozo ativo. Depois de alguns anos o judeu convertido ou cético e o hindu ocidentalizado podem comer carne de porco e carne de boi com uma

serenidade que para os seus irmãos ainda crentes parece brutalmente cínica. Passa-se o mesmo com o devasso habitual. As ações que a princípio se afiguram emocionantes, excitantes na sua maldade intrínseca, tornam-se depois de certo número de repetições moralmente neutras. Um pouco incômodas, talvez, porque a prática da maioria dos vícios é seguida de reações fisiológicas deprimentes; mas que já não são “más”, porque se fizeram costumeiras. É difícil uma rotina dar a impressão de maldade.

Privado gradualmente, pelo hábito, de seu gozo ativo e também de seu

sentimento ativo de fazer o mal (sentimento que tinha sido sempre uma parte integrante de seu prazer), Spandrell voltara-se numa espécie de desespero para os refinamentos do vício. Mas os refinamentos do vício não produzem refinamentos correspondentes das sensações. Dá-se justamente o contrário; quanto mais refinado é o vício na sua extravagância estudada, quanto mais anormal e raro é ele, tanto mais monótona e desesperadamente vazia de emoção se torna a sua prática. A imaginação pode esforçar-se em conceber as mais improváveis variações

sobre o tema sexual normal; mas o produto emocional de todas as variedades de orgia é sempre o mesmo — um sentimento sombrio de humilhação e baixeza. Há muitas pessoas, é verdade (e são em geral as mais intelectualmente civilizadas, refinadas e sofisticadas), que têm uma inclinação irresistível para o que é baixo e que procuram avidamente a sua própria baixeza no meio de múltiplas orgias, prostituições masoquistas, uniões acidentais e quase bestiais com estranhos, relações sexuais com criaturas grosseiras e sem educação de

uma classe inferior. O excessivo refinamento estético e intelectual corre o risco de ser comprado um tanto caro, à custa de alguma estranha degeneração emotiva, e o chinês perfeitamente civilizado com o seu amor da arte e o seu amor da crueldade sofre, sob uma outra forma, da mesma moléstia que dá ao esteta moderno perfeitamente civilizado o gosto pelos soldados da guarda e pelos apaches, pelas promiscuidades humilhantes e pelas violências.

“Alta intelectualidade, baixa animalidade”, fora assim que Rampion

uma vez resumira o caso aos ouvidos de Spandrell. “Quanto mais alta é uma mais baixa é a outra.” Spandrell, de sua parte, não tinha nenhum gosto pela humilhação. Os resultados emocionais de todos os refinamentos possíveis do vício lhe pareciam monotonamente uniformes. Divorciadas de toda emoção significativa, fosse ela de aprovação ou fosse cheia de remorsos, as meras sensações de excitação e de prazer físicos eram-lhe insípidas. A corrupção da juventude era a única forma de libertinagem que agora lhe dava algumas emoções ativas. Inspirado, como

Rampion adivinhara, por aquele curioso ódio vingador ao sexo, produto do choque causado pelo segundo casamento de sua mãe, choque que se tinha superposto, num momento delicado de sua adolescência, à educação burguesa normal de refinamento e de contenção cavalheiresca, Spandrell podia ainda sentir uma satisfação particular em infligir o que ele tinha considerado como sendo a humilhação do prazer sensual às inocentes irmãs dessas mulheres muitíssimo amadas, e portanto detestadas, que haviam sido para ele a personificação do detestado instinto.

Odiando de uma maneira medieval, Spandrell se vingou, não (como os ascetas e os puritanos) mortificando a carne odiada das mulheres, mas ensinando-lhes uma indulgência que ele próprio considerava má, atraindo-as com as suas carícias para uma rebelião cada vez mais completa e triunfante contra a alma consciente. E o estágio final de sua vingança consistia em insinuar gradualmente no espírito da vítima o sentimento do erro e da baixeza fundamental das delícias, dos arroubos que ele mesmo lhe ensinara a sentir.

Harriet, a pobre criaturinha, era a

única inocente com a qual, até então, Spandrell conseguira executar integralmente o seu programa. Com as suas predecessoras nunca tinha ido tão longe; e Harriet não tivera sucessoras. Seduzida da maneira que Maurice descrevera aos Rampion, Harriet o tinha adorado e imaginara-se adorada. E quase chegara a ter razão; porque Spandrell sentia sinceramente afeição por ela, mesmo quando estava deliberadamente procurando transformá-la em sua vítima. A violação de seus próprios sentimentos, bem como dos dela, forneceu ao caso o tempero

suplementar da perversidade. Pacientemente, com o tato e a delicadeza e a compreensão do mais delicado, do mais esquisitamente compreensivo dos amantes, ele lhe acalmou os temores virginais e fundiu gradualmente a frieza de sua mocidade, fez cair as barreiras que a sua educação levantara — tudo isso para impor à inexperiência a aceitação ingênua das mais fantásticas lubricidades. Vê-las aceitas por Harriet como sinais ordinários de afeição já era, para o asceta às avessas que havia dentro de Spandrell, uma admirável vingança que ele tomava do fato de ela

ser mulher. Mas isso não bastava; começou a simular escrúpulos, a encolher-se com um ar de angústia, fugindo aos ardores dela; se os aceitava, fingia fazê-lo passivamente, como se ele estivesse sendo ultrajado e violado. Harriet ficou subitamente ansiosa e angustiada, sentiu vergonha, como acontece sempre às pessoas sensíveis cujos ardores não encontram eco; e repentinamente, ao mesmo tempo, a rapariga se achou um pouco grotesca, como um ator que, estando a representar com um grupo de companheiros, é abandonado e de súbito percebe que

está só no palco; sentiu-se grotesca e mesmo um pouco repugnante. Seria que ele não a amava mais? Amava-a muito, respondeu Spandrell. Então, por quê? Precisamente por causa da profundidade de seu amor; e ele começou a falar a respeito da alma. O corpo era como uma besta feroz que devorava a alma, anulava a consciência, abolia o *eu* e o *tu* verdadeiros. E como se, por casualidade, alguém naquela mesma noite tivesse mandado a Spandrell um pacote misterioso — foi ele aberto e descobriu-se que continha uma pasta, cheia de gravuras francesas

pornográficas nas quais a pobre Harriet viu, com uma sensação crescente de horror e repugnância, todas as ações que ela tão inocentemente e tão calorosamente aceitara como amor, representadas em contornos frios e lúcidos e figuradas de maneira tão odiosa, tão baixa, tão profundamente vulgar que bastaria pôr-lhes os olhos em cima para odiar e desprezar toda a raça humana.

Durante alguns dias Spandrell habilmente a saturou de horror; e depois, quando ela já estava completamente impregnada do sentimento de culpa e

arrepiada de nojo de si mesma, Maurice cínica e violentamente renovou o seu agora obsceno assédio amoroso. Ela acabou por deixá-lo, odiando-o, odiando a si mesma. Aquilo acontecera três meses atrás. Spandrell não fizera nenhuma tentativa para recuperá-la ou para repetir a experiência com outra vítima. A coisa não valia o esforço. Contentava-se com falar a respeito dos estímulos do diabolismo, ao passo que na prática permanecia mergulhado apaticamente na rotina tristonha do conhaque e do amor venal. Aquela conversação o excitara

momentaneamente; mas, passada que foi, Spandrell tornou a cair ainda mais fundo no tédio e no abatimento. Havia ocasiões em que ele sentia uma espécie de paralisia interior, como se a alma, a própria alma, perdesse pouco a pouco a consciência de existir. Era uma paralisia suscetível de ser curada por um esforço de vontade. Mas ele não podia, nem mesmo queria fazer esse esforço.

— Mas se você se entedia, se você detesta isso — Philip Quarles tinha perguntado, focando sobre Spandrell a sua curiosidade viva e inteligente —, por que diabo continua nessa vida? —

Havia um ano que a pergunta tinha sido formulada; a paralisia, àquela época, não estava tão profundamente infiltrada na alma de Spandrell. Mas já então Philip havia achado o caso dele muito enigmático. E já que o homem estava disposto a falar a respeito de si mesmo sem exigir nenhuma confiança pessoal em troca, já que ele não parecia pôr objeções a ser alvo da curiosidade científica e se mostrava mais orgulhoso do que reticente a respeito de suas fraquezas, Philip tinha aproveitado a oportunidade para interrogá-lo. — Não consigo descobrir por quê... — insistiu.

Spandrell deu de ombros.

— Porque estou condenado a ela. Porque de certo modo é o meu destino. Porque finalmente, a vida é isso mesmo, detestável e cacete; eis o que são os seres humanos, quando ficam entregues a si mesmos, odiosos e aborrecidos também. Porque, uma vez que estamos desgraçados, devemos desgraçar-nos duplamente. Porque... sim, porque eu realmente gosto de odiar e de viver entediado...

Gostava daquilo. A chuva caía, caía; o mofo brotava dentro de seu coração e ele propositadamente o cultivava. Podia

ter ido ver os amigos; mas preferia ficar só e aborrecer-se. A temporada de concertos estava no auge, havia ópera em Covent Garden, todos os teatros estavam abertos; mas Spandrell apenas lia os anúncios. — A *Heroica* no Queen's Hall, Schnabel tocando *Op. 106* no Wigmore, *Don Giovanni* no Covent Garden, *Little Tich* no Alhambra, *Otelo* no Old Vic, Charlie Chaplin no Marble Arch — lia-os com muito cuidado e ficava em casa. Havia uma pilha de partituras em cima do piano, suas prateleiras estavam cheias de livros, toda a London Library se achava à sua

disposição; Spandrell não lia nada a não ser magazines, semanários ilustrados e os jornais matutinos e vespertinos. A chuva deslizava incessantemente pelos vidros sujos das janelas; Spandrell virava as enormes páginas crepitantes do *Times*. “O duque de York”, leu ele, depois de ter devorado o seu caminho, como a larva do escaravelho bosteiro em seu elemento nativo, por meio de “Nascimentos”, “Mortes”, “Anúncios pessoais”, por intermédio de “Precisa-se” e “Imóveis”, de “Notas forenses”, das “Notícias do império e do estrangeiro”, por meio do “Parlamento”,

do boletim meteorológico, dos cinco artigos editoriais, das “Cartas do diretor”, até chegar ao pequeno ensaio clerical sobre “A Bíblia em dias de mau tempo” — “O duque de York receberá na próxima segunda-feira o título de sócio honorário da Companhia de Arames Gold and Silver. Sua Alteza Real jantará com o presidente e os diretores da Companhia após a cerimônia”. Pascal e Blake estavam ao alcance da mão, na prateleira. Mas “lady Augusta Crippen deixou a Inglaterra no *Berengaria*. Atravessará a América para visitar o seu cunhado e a

sua irmã, o governador-geral da Melanésia do Sul e lady Ethelberta Todhunter”. Spandrell desatou a rir e a sua risada era uma libertação, era uma fonte de energia. Ergueu-se; vestiu o seu impermeável e saiu. “O governador-geral da Melanésia do Sul e lady Ethelberta Todhunter.” Ainda sorrindo entrou no café da esquina. Era cedo; havia apenas um outro freguês no bar.

— A troco de quê duas pessoas devem ficar juntas para serem infelizes? — estava perguntando a caixeira. — A troco de quê, quando podem conseguir um divórcio e viver felizes?

O freguês solitário replicou: —
Porque o matrimônio é um sacramento.

— Pois, fique com o seu
sacramento! — retorquiu a moça,
desdenhosamente. Dando pela presença
de Spandrell, fez um aceno de cabeça e
sorriu. Maurice era um cliente habitual.

— Brandy duplo — pediu ele.
Curvando-se sobre o balcão, examinou o
desconhecido. Tinha este uma cara de
menino de coro, mas de um menino de
coro que de súbito houvesse sido
assoberbado pela idade madura;
rechonchudo, de uma gordura bonitinha
de boneca, mas mirrado. A boca era

horrivelmente pequena, como uma fenda minúscula num botão de rosa. As bochechas de querubim tinham começado a cair e eram cinzentas, como o queixo, que trazia a barba da véspera.

— Porque — continuou o desconhecido, e Spandrell percebeu que ele nunca ficava quieto, mas estava constantemente a sorrir, a franzir o cenho, a alçar as sobrancelhas, a atirar a cabeça para um lado ou para outro, retorcendo o corpo num êxtase perpétuo de vaidade pessoal —, porque um homem deve unir-se à sua mulher e tornar-se com ela uma só carne. Uma só

carne — repetiu, fazendo acompanhar as palavras de uma torcedura de corpo mais vigorosa que as outras e de um risinho espremido. Seu olhar encontrou o de Spandrell. O homem corou e, para salvar as aparências, esvaziou rapidamente o seu copo.

— Que pensa o senhor, mr. Spandrell? — perguntou a empregada do bar ao voltar-se para apanhar a garrafa de brandy.

— A respeito de quê? De ser uma só carne? — a moça fez com a cabeça um sinal afirmativo. — Hum! Justamente eu estava há pouco invejando o

governador-geral da Melanésia do Sul e lady Ethelberta Todhunter por serem ambos de uma maneira tão inequívoca duas carnes separadas. Se você se chamasse governador-geral da Melanésia do Sul — continuou ele, dirigindo-se para o mirrado menino de coro — e a sua mulher fosse lady Ethelberta Todhunter, supõe que ambos seriam uma só carne? — o desconhecido enroscou-se todo, como um verme num anzol. — É evidente que não. Seria chocante se o fossem.

O desconhecido pediu outro uísque.

— Mas, brincadeira à parte — disse

—, o sacramento do matrimônio...

— Mas a troco de quê duas pessoas hão de ser infelizes — insistiu a caixeira —, quando não é necessário?

— E por que *não hão* de ser felizes? — inquiriu Spandrell. — Talvez seja para isso mesmo que elas estão no mundo. Sabe lá se por acaso a terra não é o inferno de algum outro planeta?

A rapariga, muito positivista, desatou a rir.

— Que asneira!

— Mas os anglicanos não consideram o matrimônio um sacramento — continuou Spandrell.

O menino de coro torceu-se de indignação.

— O senhor me toma por um anglicano?

O dia de trabalho terminara; o bar começou a encher-se de homens que procuravam repouso espiritual. Jorrava a cerveja, o álcool era medido em copinhos, preciosamente. Em *stout*, em *bitter*, em uísque, eles compravam sucedâneos de viagens ao estrangeiro e o êxtase místico; o sucedâneo da poesia, de *weekends* em companhia de Cleópatra, de caçadas em grande escala e da música. O menino de coro pediu

mais outro uísque.

— Que época, esta em que vivemos!
— disse ele, balançando a cabeça. —
Bárbara. Que ignorância abismal das
mais rudimentares verdades religiosas!

— Para não falar nas verdades
higiênicas — disse Spandrell. — Estas
roupas molhadas! E nem ao menos uma
janela... — tirou o lenço e levou-o ao
nariz.

O menino de coro estremeceu e
levantou os braços: — Mas que lenço!
— exclamou —, que horror!

Spandrell afastou-o do rosto, para
examiná-lo.

— Parece-me um lenço bem bonito
— era uma bandana de seda vermelha,
com desenhos vivos em negro e rosa. —
Extremamente caro, devo acrescentar...

— Mas a cor, meu caro senhor. A
cor!

— Gosto.

— Mas não para esta época do ano.
Entre a Páscoa e o Pentecostes?
Impossível! A cor litúrgica é o branco
— tirou para fora o seu lenço. Era alvo
como a neve. — E minhas meias... —
levantou um pé.

— Eu estava perguntando a mim
mesmo por que é que você anda com

esse ar de quem vai jogar tênis...

— Branco, branco — disse o menino de coro. — Está prescrito. Entre a Páscoa e o Pentecostes a batina deve ter o branco como cor predominante. Sem levar em conta que hoje é a festa de santa Natália, a Virgem. E o branco é a cor para todas as virgens que não sejam também mártires.

— Pois eu diria que elas todas foram mártires — devolveu Spandrell. — Isto é, desde que tenham ficado virgens durante muito tempo...

A porta de vaivém se abria e fechava, se abria e fechava. Lá fora

havia a solidão e o crepúsculo úmido; ali dentro, a felicidade de serem muitos, de estar-se em contato íntimo. O menino de coro começou a falar do pequenino são Hugo de Lincoln e de são Piran de Perranzabuloe, patrono dos mineiros da Cornualha. Bebeu outro uísque e confiou a Spandrell que estava escrevendo em verso as vidas dos santos ingleses.

— Mais um Derby debaixo d'água — profetizou um grupo de pessimistas, ao balcão; e eram felizes por poderem profetizar assim em grupos, com bom tempo dentro do ventre e um sol acervejado nas almas. As roupas

molhadas despendiam um vapor mais sufocante do que nunca, um vapor de felicidade; o som das conversas e das risadas era ensurdecedor. O mirrado menino de coro soprou na cara de Spandrell o seu hálito alcoólico e os seus versos.

Das Cassitéridas em meio Por sobre o mar o santo veio, cantarolou ele. Quatro uísques já o tinham quase curado das torceduras e das caretas. O homenzinho havia perdido o seu embaraço. O espectador consciente de si mesmo tinha ido dormir. Que viessem outros uísques, e não haveria mais um eu de que se pudesse ter consciência.

“Mui leve...”, continuou, Mui leve

sobre as ondas andou São Piran de Perranzabuloe.

— Foi o principal Milagre de Piran — explicou ele —, caminhar do Land's End até as ilhas Scilly.

— Por um triz que não bate o recorde mundial, hein? — observou Spandrell.

O outro balançou a cabeça.

— Houve um santo irlandês que foi a pé para Gales. Mas não me posso lembrar do nome dele. Moça! — chamou. — Aqui! Outro uísque, faça o favor.

— Força é reconhecer — disse

Spandrell — que você sabe aproveitar este mundo e o céu também. Seis uísques...

— Só cinco — protestou o menino de coro. — Este é apenas o quinto.

— Cinco uísques, então, e as cores litúrgicas. Sem falar em são Piran de Perranzabuloe... Você acredita mesmo naquela caminhada até as ilhas Scilly?

— Absolutamente.

— Aqui está para o moço do Sacramento — disse a caixeira, empurrando o copo sobre o balcão.

O menino de coro balançou a cabeça enquanto pagava.

— Blasfêmias por todos os lados. Cada palavra é mais uma chaga no Sagrado Coração — bebeu. — Uma chaga sangrenta e dolorosa a mais!

— Como você goza com esse seu Sagrado Coração!

— Gozar? — repetiu o menino de coro, indignado.

— Cambaleando do balcão para os degraus do altar. E do confessionário para o bordel. É a vida ideal. Nem sequer um instante de monotonia. Eu o invejo.

— Continue a zombar, continue! — O outro falava com o tom de um mártir

agonizante. — Se o senhor soubesse que tragédia tem sido a minha vida, não diria que me inveja.

A porta se abria e fechava, se abria e fechava. Cheios da divina sede apanhada nos desertos espirituais das oficinas e dos escritórios, os homens chegavam como a um templo. A misteriosa divindade que se lhes revelava era engarrafada e posta em tonéis às margens do Clyde e do Liffey, do Tâmis, do Douro e do Trent. Para os brâmanes que espremiam e bebiam o soma, o seu nome era Indra; para os iogues comedores de cânhamo, Shiva.

Os deuses do México moravam dentro do peiote. Os sufis persas descobriram Alá no vinho de Xiraz, os xamãs dos samoiedos comiam cogumelos e ficavam cheios do espírito de Num.

— Mais outro uísque, senhorita — pediu o menino de coro. E, voltando-se para Spandrell, quase verteu lágrimas sobre as suas desgraças. Tinha amado, tinha casado — sacramentalmente, insistia nisso. Fora feliz. Ambos haviam sido felizes.

Spandrell ergueu as sobrancelhas.

— Ela gostava do cheiro de uísque?

O outro balançou a cabeça

tristemente.

— Eu tinha os meus defeitos — confessou. — Era fraco. Esta maldita bebida! Maldita! — E em um súbito entusiasmo pela temperança derramou o seu uísque no soalho. — Pronto! — exclamou triunfalmente.

— Que nobreza! — disse Spandrell. Acenou para a rapariga do bar. — Outro uísque para este cavalheiro.

O menino de coro protestou, mas sem muito ardor. Soltoou um suspiro.

— Este foi sempre o meu grande pecado. Mas depois ficava sempre arrependido. Sinceramente arrependido.

— Tenho certeza disso... Nunca um instante de aborrecimento...

— Se ela tivesse continuado comigo eu poderia ter me curado...

— A ajuda de uma mulher pura, hein?

— Exatamente — fez o outro, com um sinal afirmativo de cabeça. — É exatamente isso. Mas ela me abandonou. Fugiu. Ou antes, não fugiu. Foi seduzida. Não teria feito isso por si mesma. Foi aquela horrível cobrinha que se escondia na relva. Aquele... — Neste ponto ele fez uso do vocabulário vigoroso do estivador. — Eu lhe

torceria o pescoço se ele estivesse aqui — continuou o menino de coro. O Senhor das Batalhas baixara no seu quinto uísque. — Aquele porco imundo! — Deu um soco sobre o balcão. — O senhor conhece o homem que pintou aqueles quadros da Galeria Tate, o Bidlake? Pois bem, foi o filho desse sujeito. Walter Bidlake.

Spandrell ergueu as sobrancelhas, mas não fez comentários. O menino de coro continuou a falar.

*

Walter jantava no Sbisa com Lucy Tantamount.

— Por que não vai também a Paris?

— perguntou Lucy.

Walter balançou a cabeça.

— Preciso trabalhar.

— Acho verdadeiramente impossível ficar num lugar mais de um par de meses de cada vez. A gente envelhece, murcha, fica indizivelmente aborrecida... Assim que embarco no avião em Croydon, tenho a impressão de que estou nascendo de novo, como no Exército de Salvação.

— E quanto tempo dura a nova vida?

Lucy deu de ombros.

— Tanto tempo quanto a velha. Mas por sorte há aviões em quantidade quase

ilimitada. Eu sou francamente pelo progresso.

*

As portas do templo do deus desconhecido fecharam-se atrás deles. Spandrell e seu companheiro saíram para a escuridão fria e chuvosa.

— Uf! — fez o menino de coro, tiritando. Levantou a gola do impermeável. — É o mesmo que mergulhar numa piscina.

— É como ler Haeckel depois de Fénelon. Vocês cristãos vivem num universozinho adorável transformado em café.

Caminharam alguns metros rua

abaixo.

— Olhe aqui — disse Spandrell —, acha que pode ir para casa a pé? Porque você não dá a impressão de ser capaz disso...

Apoiando-se ao poste de iluminação o menino de coro balançou a cabeça.

— Vamos esperar um táxi.

Esperaram. A chuva caía. Spandrell olhou para o outro homem com uma aversão fria. A criatura o tinha divertido; durante o tempo em que ambos haviam permanecido no café, servira-lhe de distração. Agora, de repente, o homenzinho se mostrava

simplesmente repulsivo.

— Não tem medo de ir para o inferno? — perguntou Maurice. — Lá hão de fazê-lo beber uísque em chamas. Você terá eternamente na barriga um pudim de Natal. Se você pudesse ver a si mesmo como está agora... Que espetáculo revoltante.

O sexto uísque do menino de coro tinha sido cheio de contrição.

— Eu sei, eu sei... — gemeu ele. — Eu sou repugnante. Sou desprezível. Mas se o senhor soubesse como eu tenho lutado, como tenho me esforçado e...

— Ali vem um táxi — Spandrell deu

um grito.

— Como tenho orado... — continuou o menino de coro.

— Onde mora?

— Ossian Gardens, 41. Tenho lutado...

O carro estacou na frente deles. Spandrell abriu a porta.

— Entre, seu bêbado — disse ele, dando um empurrão no outro. — Ossian Gardens, 41 — ordenou ao condutor. O menino de coro, enquanto isso, tinha se arrastado para o banco. Spandrell o seguiu. — Lesma nojenta!

— Continue, continue. Eu mereço...

O senhor tem toda a razão de me desprezar.

— Eu sei. Mas se você pensa que lhe vou dar o prazer de continuar a dizer-lhe estas coisas, está muito enganado. — Inclinou-se para trás no seu canto e cerrou os olhos. Toda a sua terrificante lassidão, toda a sua repugnância lhe tinham voltado de súbito. “Deus”, disse ele interiormente, “Deus, Deus, Deus.” — E como um eco grotesco e escarnecedor de seus pensamentos, o menino de coro orava em voz alta.

— Deus tenha piedade de mim —

repetia a voz lamurienta. Spandrell explodiu em uma gargalhada.

Deixando o ébrio junto ao portão de sua casa, Spandrell voltou para o táxi. Lembrou-se subitamente de que não tinha jantado.

— Para o Sbisa's Restaurant — disse para o condutor. — Deus, Deus — repetiu depois na escuridão. Mas a noite era um vácuo enorme.

— Lá está Spandrell! — gritou Lucy, interrompendo o companheiro no meio de uma frase. Ergueu o braço e acenou.

— Lucy! — Spandrell tomou-lhe da mão e beijou-a. Sentou-se à mesa deles.

— Há de te interessar saber, Walter, que acabo de fazer o papel do bom samaritano para com a sua vítima.

— Minha vítima?

— O seu corno, Carling; não é assim que ele se chama? — Walter corou, agoniado. — Ele usa os chifres como toda a gente. Bem da maneira tradicional. — Olhou para o interlocutor e alegrou-se por ver sinais de angústia no rosto dele. — Encontrei-o afogando as suas mágoas em uísque — continuou Spandrell maliciosamente. — O grande remédio romântico.

Era um alívio poder vingar-se um

pouco de suas próprias misérias.

Capítulo XVIII EM PORT SAID
DESEMBARCARAM. O costado do
navio era um precipício de
ferro. A seus pés a lancha
arfava sobre um mar sujo e
suavemente agitado; entre a
sua amurada e a
extremidade da escada do
portaló, um pequeno abismo
se contraía e alargava. Para
um par de pernas sãs, o salto
não seria nada. Mas Philip
hesitou. Saltar com a perna

aleijada na frente podia significar uma queda sob o choque da chegada; e se ele se fiasse naquela perna para lhe dar o impulso, haveria uma boa probabilidade de cair ridiculamente antes de atingir a lancha. Foi salvo desta situação por um senhor de ar militar que o precedera no salto.

— Olhe, segure a minha mão — disse ele, percebendo a hesitação de Philip e a sua causa.

— Muito obrigado — disse o escritor, quando se viu a salvo na lancha.

— Que coisa estúpida! — comentou o outro. — Principalmente quando se tem uma perna de menos, hein?

— Muito estúpida.

— Mutilado da guerra?

Philip negou com a cabeça.

— Acidente no tempo de rapaz — explicou telegraficamente. O sangue subiu-lhe às faces. — Aqui vem minha mulher — acrescentou num murmúrio, contente por achar uma desculpa para se livrar do interlocutor. Elinor saltou,

apoiando-se no marido para manter o equilíbrio; dirigiram-se ambos para os lugares que ficavam na outra extremidade da lancha.

— Por que não me deixou descer primeiro para te ajudar? — perguntou ela.

— Não era preciso — respondeu Philip secamente e num tom de voz que a decidiu a não dizer mais palavra. Elinor ficou a perguntar-se o que teria acontecido. Alguma coisa relacionada com o defeito físico do marido? Por que se mostrava ele tão esquisito nesse particular?

O próprio Philip teria achado difícil explicar o que, na pergunta do cavalheiro de aspecto militar, o incomodara. No fim das contas, não havia absolutamente nada de vergonhoso em ter sido atropelado por um veículo. E o fato de ter sido rejeitado como totalmente incapaz para o serviço militar nada oferecia de impatriótico. E entretanto, contra toda a razão, a pergunta o perturbava, como acontecia com todas as perguntas da mesma espécie e com qualquer alusão demasiadamente clara que se fizesse ao seu defeito.

Conversando com Elinor, a mãe de Philip dissera uma vez: — Philip era a última pessoa, verdadeiramente a última pessoa do mundo a quem tal coisa devesse acontecer. Ele nasceu longe, muito distante... se é que você compreende o que quero dizer com isto. Era sempre demasiado fácil para ele dispensar os outros. Gostava muito de se fechar no fundo de seu próprio silêncio. Mas podia ter aprendido a se exteriorizar mais, se não sobreviesse aquele horrível acidente. Ele levantou uma barreira artificial entre Philip e o resto do mundo. Para começar: o rapaz

não podia mais praticar esportes; e não praticar esportes significava menos contatos com os outros meninos, mais solidão, mais tempo para os livros. E isso por sua vez (pobre Phil!) trazia novos motivos de timidez. Um sentimento de inferioridade. As crianças são capazes de revelar uma crueldade tão horrível... Às vezes riam dele na escola. E mais tarde, quando as meninas começaram a prestar atenção em seus olhos, como desejei que Phil estivesse em condições de ir aos bailes e às partidas de tênis! Mas ele não podia dançar nem jogar. E, está claro, não

queria ir como espectador, como estranho... A sua pobre perna esmagada começou por conservá-lo fisicamente a distância das meninas de sua idade. E também psicologicamente. Porque eu acredito que ele sempre receou (em segredo, já se vê, e sem o querer admitir) que elas rissem dele, como faziam alguns dos rapazes; e não queria correr o risco de ser rejeitado em benefício de algum outro mais favorecido do que ele. Não que Phil alguma vez tomasse muito interesse pelas meninas... — acrescentara mrs. Quarles.

E Elinor pusera-se a rir, dizendo: — Quanto a isso não tenho dúvidas...

— Mas Philip nunca chegaria a adquirir o hábito de evitá-las propositadamente. Também não teria fugido de modo tão sistemático a todos os contatos pessoais, não apenas com as moças; com os homens também. Contatos intelectuais são os únicos que ele admite.

— Dir-se-ia que não se sente seguro senão no meio de ideias.

— Porque no meio delas ele pode oferecer resistência; porque pode ter certeza da sua superioridade. Habitua-

se a ter medo e a suspeitar quando se vê fora desse mundo intelectual. Foi um erro... E eu sempre tentei tranquilizá-lo, fazer com que ele saísse do seu mundo; mas Philip não se deixa tentar, encolhe-se dentro da sua concha. — E depois de um silêncio mrs. Quarles acrescentou: — E aquilo só teve um resultado bom; refiro-me ao acidente. Salvou-o de ir para a guerra e de ser morto, provavelmente. Como o irmão dele.

A lancha começou a mover-se rumo à terra. Depois de ter apresentado como uma muralha ameaçadora de ferro negro, o pacote, à medida que eles se

afastavam, transformava-se num grande navio, visto agora na sua inteireza. Amarrado, imóvel entre o mar e o resplendor azul do céu, parecia um desses cartazes que anunciam cruzeiros tropicais na vitrina de uma agência de viagens de Cockspur Street.

“A pergunta foi uma impertinência”, pensava Philip. “Que lhe importa que eu seja ou não um mutilado da guerra? Como continuam a se vangloriar da sua guerra, esses soldados profissionais! Ora, eu posso considerar-me feliz por ter ficado afastado dessa sangueira. Pobre Geoffrey!” Pensou no irmão

morto.

— E, no entanto — concluía mrs. Quarles depois de uma pausa —, num certo sentido, eu quisera que Philip tivesse ido à guerra. Oh! não por motivos belicosos ou patrióticos. Mas porque, se me pudessem garantir que ele não morreria nem ficaria mutilado, teria sido tão bom para ele..., violentamente bom, talvez; dolorosamente bom; mas, em qualquer caso, bom. Podia ter-lhe quebrado a concha, podia tê-lo libertado de sua própria prisão. Liberdade sob o ponto de vista emocional, porque o seu intelecto é já bastante livre. Livre

demais, talvez, cá para o meu gosto antiquado. — E a mãe de Philip neste ponto sorriu com uma pontinha de tristeza. — Livre de ir e vir dentro do mundo humano, em vez de ficar fechado naquela sua indiferença.

— Mas essa indiferença não é coisa natural nele? — objetara Elinor.

— Parcialmente é. Mas em parte é um hábito. Se ele conseguisse quebrar o hábito seria muito mais feliz. E julgo que ele sabe disso, mas não se pode livrar do hábito por si mesmo. Se os outros o pudessem libertar... Mas a guerra foi a última oportunidade. E as

circunstâncias não permitiram que ela fosse aproveitada.

— Graças aos céus!

— Bem... talvez você tenha razão.

A lancha tinha chegado. Philip e a mulher saltaram para a terra. O calor era terrível, o calçamento lampejava, o ar estava cheio de poeira. Com muita exibição de dentes, muito fulgor de olhos negros e líquidos, muita gesticulação coreográfica, um homem cor de oliva com um barrete à cabeça procurava vender-lhes tapetes. Elinor deu mostras de querer afastá-lo.

— Não gaste energia — aconselhou

Philip. — Quente demais. Resistência passiva, finge que não entende.

Continuaram a caminhar como mártires através de uma arena; e como um leão famélico o homem com turbante os acossava. Se não queriam tapetes, comprassem pelo menos pérolas artificiais. Nem pérolas? Então charutos legítimos de Havana a um pêni e meio cada um. Ou um pente de celuloide. Ou uma imitação de âmbar. Ou braceletes de ouro quase legítimo. Philip continuava a balançar a cabeça.

— Corais bonitos. Escaravelhos bonitos, velhos de verdade. — Aquele

sorriso insinuante estava começando a dar a impressão de um animal que arreganha as presas.

Elinor tinha dado com a loja de fazendas que estava procurando; atravessaram a rua e entraram.

— Salvos! Ele não ousará seguir-nos até aqui. Eu estava com tanto medo de que o homem começasse de repente a morder... No entanto, é um pobre-diabo! Acho que devíamos comprar-lhe alguma coisa.

Elinor deu uma volta e dirigiu-se ao caixeiro que se achava atrás do balcão.

— Enquanto fica aqui — disse

Philip, prevendo que as compras da mulher iam ser interminavelmente tediosas —, vou sair para comprar cigarros.

Saiu para a claridade ofuscante. O homem com turbante estava à espera. Deu um salto, agarrou Philip pela manga. Desesperadamente, jogou o último trunfo.

— Postais bonitos — sussurrou ele confidencialmente, tirando um envelope do bolso de dentro. — Gênero livre. Só dez xelins.

Philip olhava sem dar mostras de que compreendia.

— Não inglês — disse. E saiu a caminhar rua afora, manquejando. O homem do turbante caminhava apressado a seu lado.

— *Très curieuses* — insistiu. — *Très amusantes. Moeurs arabes. Pour passer le temps à bord. Soixante francs seulement.* — Não viu nenhuma luz de compreensão. — *Molto artistiche* — insinuou em italiano. — *Proprio curiose. Cinquanta franchi.* Examinou com desespero o rosto de Philip, que se mantinha impassível. — *Hubsch* — continuou o vendedor. — *Sehr geschlechtlich. Zehn Mark.* — Nem um

músculo se moveu. — *Muy hermosas, muy agraciadas, mucho indecorosas.* — Fez nova tentativa. — *Skon bref kort. Liderlig fotografi bild. Nakna jangfrun. Verklig smutsig.* — O freguês não era evidentemente escandinavo... Seria eslavo? — *Sprosny obraz* — disse o homem em tom persuasivo. Inútil. Talvez o português... — *Fotografias desonestas...* principiou.

Philip desatou a rir.

— Toma — disse, dando ao vendedor meia coroa. — Você merece.

— Descobriu o que queria? — perguntou Elinor quando o marido

voltou.

Philip fez que sim com a cabeça.

— E descobri também a única base possível para as Nações Unidas. O interesse comum. O nosso amigo dentuço me ofereceu postais indecentes em dezessete línguas. Este homem está se perdendo em Port Said. Devia estar em Genebra.

*

— Duas senhoras desejam vê-lo, patrão — disse o contínuo da redação do *Mundo Literário*.

— Duas? — Burlap levantou as sobrancelhas escuras. — Duas? — O rapaz confirmou. — Bem, faça-as subir.

— O contínuo retirou-se. Burlap sentiu-se contrariado. Esperava Romola Saville, a Romola Saville que tinha escrito:

Conheço o amor desde que o mundo é mundo.

E assim, em meus transportes milenares, Tomei nos braços o divino cisne E fui possuída pelo louro Páris.

E agora a poetisa vinha com uma dama de companhia. Não era coisa que se esperasse dela. *Duas* senhoras.

As duas portas de seu santuário se abriram simultaneamente. Ethel Cobbett apareceu em uma delas, trazendo nas mãos um maço de provas tipográficas.

Pela outra entraram as duas senhoras. Parada à soleira, Ethel olhou as recém-chegadas. Uma delas era alta e notavelmente magra. A outra, quase tão alta como a companheira, era corpulenta. Nenhuma das duas era jovem. A senhora magra dava a impressão de ter quarenta e três ou quarenta e quatro anos de virgindade fanada. A corpulenta era talvez um pouco mais velha, mas havia conservado uma frescura desabrochada de viúva. A magra era pálida, tinha feições ossudas e angulosas, cabelos de um castanho indefinível e olhos cinzentos; estava

vestida mais ou menos dentro da moda, não no estilo de Paris, mas sim de acordo com a maneira mais jovial e vistosa de Hollywood, em cinza-pálido e rosa. A outra senhora era muito loura, tinha olhos azuis, longos brincos pendentes e um colar de lápis-lazúli da mesma cor. O estilo de seu vestido era mais matronal e europeu do que o da companheira e apresentava grande número de ornamentos de pouco preço suspensos aqui e ali ao longo de toda a sua pessoa, berloques que tilintavam levemente quando ela caminhava.

As duas visitantes avançaram

através da sala. Burlap fingiu estar tão profundamente imerso no seu trabalho de composição literária que não ouvira abrir-se a porta. Foi somente quando as senhoras já se achavam a poucos passos de sua mesa que ele ergueu os olhos do papel em que estivera a escrever furiosamente — e com que sobressalto de surpresa, com que expressão de embaraço cheio de escusas! Ergueu-se de um salto.

— Sinto muitíssimo. Perdoem... Eu não tinha percebido. Fica-se tão absorto... — Os *nn* e os *mm* mudavam-se em *dd* e *bb*. Burlap estava resfriado.

— Tão edvolvido cob o beu trabalho.

Contornou a mesa para se aproximar das duas mulheres, sorrindo o seu mais sutil e espiritual sorriso à Sodoma. “Mas, oh Deus!”, exclamava ele interiormente. “Que fêmeas pavorosas!”

— E qual — continuou ele, agora em voz alta, e sorrindo de uma para outra —, qual das duas senhoras, permitam a pergunta, é Miss Saville?

— Nenhuma de nós — disse a mulher corpulenta com uma voz um tanto profunda, mas com ar brincalhão acompanhado de um sorriso.

— Ou ambas, se assim prefere... —

disse a outra. Sua voz era alta e metálica. Falava agudamente, em pequenos esguichos, e com uma rapidez extraordinária e vertiginosa. — Ambas e nenhuma...

E as duas senhoras romperam simultaneamente a rir. Burlap olhava e escutava com o coração desfalecente. Em que complicação se metera ele? As mulheres eram tremendas. O redator do *Mundo Literário* assoou o nariz; tossiu. Elas faziam-no piorar do resfriado.

— O fato é que — disse a mulher corpulenta, atirando a cabeça para o lado com um pouco de traquinice e

afetando uma ponta de ceceio —, é que *noff*...

Mas a magra a interrompeu:

— O fato é que nós — disse ela, despejando as palavras tão rapidamente que causava assombro o simples fato de conseguir articulá-las —, nós somos uma parceria, uma combinação, quase uma conspiração. — E emitiu uma risada aguda e cortante.

— Ffim, uma confpirafão — disse a corpulenta, ceceando por pura brincadeira.

— Somos as duas partes da dupla personalidade de Romola Saville.

— Na qual eu sou o Dr. Jekyll — acrescentou a corpulenta. Ambas riram ainda uma vez mais.

“Uma conspiração”, pensou Burlap, com um sentimento crescente de horror. “Nem resta a menor dúvida...”

— Dr. Jekyll, *aliás* Ruth Goffer. Permite que eu lhe apresente mrs. Goffer?

— Ao passo que eu faço o mesmo com Mr. Hyde, *aliás*, Miss Hignett?

— Ao passo que ambas juntas nos apresentamos como Romola Saville, a respeito de cujos pobres versos o senhor disse palavras tão bondosas.

Burlap apertou as mãos das duas senhoras e disse algo a respeito do prazer edorbe que sedtia em conhecer as autoras do trabalho que ele tanto tinha adbirado. “Mas como será que me vou livrar delas?”, perguntava a si mesmo. Tanta energia, tanta exuberância de força e vontade! Desembaraçar-se delas não seria brincadeira. Burlap estremeceu interiormente. “São como máquinas a vapor”, concluiu. E haveriam de atormentá-lo para que ele continuasse a publicar-lhes os malditos versos. Aqueles versos obscenos, porque era isto o que eles eram, à luz da idade

daquelas mulheres, à luz de sua energia, de suas aparências físicas, sim, justamente isso: obscenos. “Estas cadelas!”, disse ele para si mesmo, com a sensação de que elas lhe tinham impingido um conto do vigário, que tinham tirado partido de sua inocência para enganá-lo. Foi nesse momento que Burlap deu pela presença de Miss Cobbett. Ela ergueu o maço de provas interrogadoramente. Burlap balançou a cabeça.

— Mais tarde — disse, com uma expressão editorial de dignidade. Miss Cobbett se afastou, mas não sem que

Burlap lhe tivesse notado no rosto uma expressão de triunfo cheio de zombaria. Maldita mulher! Era intolerável.

— Ficamos tão comovidas e contentes com a sua amável carta — disse a mais forte das senhoras.

Burlap sorriu franciscanamente.

— Fica-se contente quando se pode fazer algo pela literatura.

— São tão poucos os que tomam interesse por ela...

— Sim, tão poucos... — repetiu Miss Hignett num eco. E, falando com a rapidez de alguém que tentasse dizer no mínimo de tempo e com o menor número

possível de erros — Pia o pobre pinto preto, o pobre pinto preto pia —, ela despejou a história da parceria e as suas queixas. Viviam juntas em Wimbledon e conspiravam para ser Romola Saville havia já mais de seis anos; durante todo esse tempo só haviam conseguido publicar os seus trabalhos em nove ocasiões. Mas não tinham perdido a coragem. O seu dia, elas sabiam, havia de chegar. Continuaram a escrever. Escreveram muito e muito. Quem sabe se mr. Burlap não estava interessado em ver as peças que elas tinham escrito? E Miss Hignett abriu uma pasta e deitou

sobre a mesa quatro calhamaços de originais datilografados. Eram peças históricas em verso branco. E os títulos eram *Fredegunda*, *O bastardo da Normandia*, *Semíramis* e *Gilles de Retz*.

Retiraram-se por fim, levando consigo a promessa de Burlap de ler as peças, de publicar uma sequência de sonetos, de ir jantar na casa delas em Wimbledon. Burlap suspirou e depois, recompondo o rosto numa expressão impassível de superioridade, tocou a campainha chamando Miss Cobbett.

— Tem aí as provas? — perguntou, de uma maneira distante e sem olhar

para a moça.

Ethel passou-lhe os papéis.

— Telefonei para dizer que fizessem subir depressa o resto.

— Bom.

Houve um silêncio. Foi Miss Cobbett quem o quebrou, e, embora não se dignasse a olhar para o rosto dela, Burlap percebeu, pelo tom da voz, que a secretária estava sorrindo.

— A sua Romola Saville — disse ela — lhe deu um pequeno choque, não foi?

A lealdade de Miss Cobbett para com a memória de Susan era tanto mais

intensa quanto era forçada e propositada. Ela própria amara Burlap. A sua lealdade para com Susan e para com aquela espiritualidade platônica que era a especialidade amorosa de Burlap (ela acreditava, a princípio, que Denis era sincero nas coisas que dizia com tanta constância e de uma maneira tão bonita) exercitava-se numa luta contínua contra o amor e ficava cada vez mais forte, graças a esse exercício. Burlap, que era experimentado nesses assuntos, tinha bem depressa percebido, pela reação da moça aos seus primeiros assédios platônicos, que conforme o

linguajar chulo que mesmo o seu diabo dificilmente usava, não havia “nada feito”. Insistindo, ele conseguiria apenas comprometer a sua própria reputação de alta espiritualidade. A despeito do fato de a moça estar apaixonada por ele, ou em certo sentido, por causa disso mesmo (porque, amando, ela compreendia quão perigosamente fácil seria trair a causa de Susan e do espírito puro e, percebendo o perigo, resistia a ele), ela nunca permitiria — compreendeu Burlap — a sua passagem, embora gradual, da espiritualidade para a carnalidade, por mais refinada que esta fosse. E já que

ele próprio não a amava, já que ela tinha despertado nele apenas o vago prurido adolescente de desejo que de certo modo qualquer outra mulher podia satisfazer, custou-lhe pouco ser prudente e retroceder. A retirada, calculava ele, havia de reforçar a admiração dela pela sua espiritualidade, havia de fortificar-lhe o amor. Burlap tinha verificado que é sempre útil ter empregadas que amem a gente. Elas trabalham com mais afinho e exigem muito menor remuneração do que as que não estão apaixonadas. Durante algum tempo, tudo marchara de acordo com o plano. Miss Cobbett fazia

o trabalho de três secretárias e do contínuo, ao mesmo tempo que adorava o chefe da redação. Mas houve incidentes. Burlap se interessava demais pelas colaboradoras. Uma das mulheres com quem Denis efetivamente dormira tinha vindo fazer suas confidências a Miss Cobbett. A fé da moça ficou abalada. Sua indignação virtuosa diante daquilo que ela considerava uma traição de Burlap a Susan e a seus ideais, diante da hipocrisia propositada daquele homem, se inflamou de sentimentos pessoais. Ele também a tinha traído. Ethel estava cheia de ódio e de despeito.

O ódio e o despeito intensificaram-lhe a lealdade ideal. Ela só podia exprimir ciúme em função de sua lealdade para com Susan e para com o espírito.

A gota que fez transbordar o copo foi Beatrice Gilray. O cálice de amargura de Miss Cobbett transbordou quando Beatrice se instalou no *Mundo Literário* — na sala da redação, e ainda por cima a escrever efetivamente alguma coisa para o jornal. Miss Cobbett se consolava um pouco diante da ideia de que a prosa de Beatrice se destinava apenas às *Diversas* — notas rápidas, que eram absolutamente sem

importância. Mas apesar disso estava cheia de um despeito amargurado. Era muito mais instruída do que aquela tola Beatrice; muito mais inteligente também. Se permitiam que Beatrice escrevesse, era apenas porque tinha dinheiro. Miss Gilray empregara mil libras no jornal. Trabalhava de graça — e, por sinal, trabalhava como doida; bem como a própria Miss Cobbett trabalhara no princípio. Agora, Ethel fazia o menos possível. Valia-se dos seus direitos; nunca chegava um minuto mais cedo, nunca ficava um minuto além do tempo regulamentar. Não fazia mais do que

aquilo que a pagavam para fazer. Burlap ficou aborrecido, melindrado e cheio de aflição; teria de sobrecarregar-se de serviço ou de contratar outra secretária. Foi então que, providencialmente, apareceu Beatrice.

Tomou a seu cargo todo o trabalho menor da redação que Miss Cobbett não tinha tempo para fazer. Como compensação desse trabalho e das mil libras, Burlap permitiu-lhe escrever um pouco para o jornal. Beatrice não sabia escrever, era claro; mas não importava. Quem ia ler as *Diversas*?

Quando Burlap foi morar em casa de

Beatrice Gilray, a taça de Miss Cobbett transbordou de novo. No primeiro momento de cólera Ethel foi bastante imprudente para fazer a Beatrice uma advertência solene com relação ao seu inquilino. Mas a sua solicitude desinteressada para com a reputação e a virgindade da outra estava, de uma maneira demasiadamente manifesta e incontrolável, imbuída de despeito para com Burlap. O único efeito de sua admonição foi exasperar Beatrice a ponto de provocar-lhe uma resposta desabrida.

— Ela é verdadeiramente

insuportável — queixou-se Beatrice mais tarde a Burlap, sem, entretanto, esmiuçar as razões todas que tinha para achar a colega insuportável.

Burlap tomou o seu ar de Jesus Cristo.

— Ela é complicada — concordou. — Mas é de se lamentar. Teve uma vida trabalhosa...

— Não vejo em que uma vida trabalhosa possa ser desculpa para uma pessoa portar-se mal — replicou Miss Gilray com rudeza.

— Mas é preciso mostrar-se tolerante — disse Burlap, balançando a

cabeça.

— Se eu fosse você — disse Beatrice —, não a conservaria no emprego; havia de mandá-la embora.

— Não, eu não posso fazer isso — respondeu Burlap, falando lentamente, como quem ruma, como se toda a discussão estivesse se realizando dentro dele mesmo. — Nestas circunstâncias, não. — Sorriu um sorriso à Sodoma, sutil, espiritual e suave; uma vez mais balançou a sua cabeça escura e romântica. — As circunstâncias são um tanto especiais... — Continuou a falar de uma maneira vaga, sem nunca explicar

com precisão quais eram as tais circunstâncias especiais, e com uma espécie de modéstia, como se relutasse em cantar os seus próprios louvores. Cabia a Beatrice compreender que Burlap dera o emprego a Miss Cobbett por caridade.

Miss Gilray sentiu-se invadida por um sentimento misto de admiração e piedade — admiração pela bondade de Burlap e piedade por vê-lo assim indefeso dentro de um mundo ingrato.

— Apesar de tudo — disse ela, e ao dizer isto tinha um ar feroz, suas palavras eram como pequenos golpes

rijos de malho —, não vejo por que você há de se deixar intimidar. Pois eu, eu não me deixaria levar assim...

A partir daquele momento Beatrice não perdeu a oportunidade de apostrofar Miss Cobbett, de se mostrar rude para com ela. Miss Cobbett, em retribuição, também ralhava, mostrando-se igualmente rude e sarcástica. Na redação do *Mundo Literário* a guerra estava aberta. Longinquamente, mas não com imparcialidade absoluta, semelhante a um deus que tivesse um prejuízo em favor da virtude, que era representado no caso por Beatrice,

Burlap pairava como um mediador por sobre a batalha.

O episódio de Romola Saville forneceu a Miss Cobbett uma oportunidade para pôr em exercício a sua malícia.

— Você viu aquelas duas terríveis poetisas? — perguntou ela a Beatrice na manhã seguinte, com um ar falso de camaradagem.

Beatrice varou-a com um olhar penetrante. Que pretenderia aquela mulher?

— Que poetisas? — perguntou com desconfiança.

— Aquelas duas formidáveis senhoras maduras que o diretor convidou para vir vê-lo, sob a impressão de que elas fossem uma só... e jovem. — Pôs-se a rir. — Romola Saville. Era assim que os poemas estavam assinados. O nome tinha um ar tão romântico... E os poemas eram também tão românticos... Mas as duas autoras! Oh, meu Deus! Quando eu vi o diretor nas garras delas, senti realmente pena dele. Mas no fim das contas foi ele o culpado. Se teima em escrever às colaboradoras...

Naquela noite Beatrice renovou as

suas queixas a respeito de Miss Cobbett. A mulher não era somente enfadonha e impertinente — tudo se poderia suportar se ela fizesse o seu trabalho de forma conveniente; mas era também uma preguiçosa. Publicar um jornal era um negócio como qualquer outro. Não é possível fazer-se um negócio sobre bases de sentimentalismo. Vagamente, cheio de modéstia, Burlap falou de novo nas circunstâncias especiais do caso. Beatrice replicou. Houve um debate.

— É o que acontece a quem se mostra bom demais — concluiu Beatrice, ríspida.

— Você acha? — O sorriso de Burlap era tão lindamente, tão tristemente franciscano que Beatrice sentiu-se derreter por dentro em ternura.

— Sim, acho — afirmou ela, martelando, cada vez mais dura e hostil para com Miss Cobbett à medida que se sentia mais terna, mais maternalmente protetora para com Burlap. A sua ternura, por assim dizer, estava forrada de indignação. Quando não queria mostrar a sua brandura, Beatrice virava os seus sentimentos ao avesso e enchia-se de cólera. “Pobre Denis!”, pensou ela por baixo da sua indignação.

“Realmente, precisa de alguém que tome conta dele. É bom demais.” Pôs-se a falar em voz alta: — Você pegou uma tosse espantosa! — disse em tom de censura, numa inconsequência que era apenas aparente. Ser bom demais, não ter ninguém que cuidasse dele, pegar uma tosse — as ideias tinham uma conexão lógica. — O que você precisa — continuou ela no mesmo tom ríspido de comando — é de uma boa fricção com óleo canforado e um chumaço de termógeno. — Pronunciou estas palavras quase ameaçadoramente, como se estivesse a atemorizá-lo com uma boa

sova e com um mês a pão e água. A sua solicitude se exprimia assim; mas, debaixo daquela superfície áspera, que suavidade fremente!

Burlap sentiu-se felicíssimo em deixar que ela executasse a terna ameaça. Às dez e meia estava ele estendido na cama com uma garrafa suplementar de água quente. Tinha bebido um copo de leite quente com mel e agora estava chupando uma pastilha peitoral. “Que pena”, pensava ele, “que Beatrice não é mais moça.” Mesmo assim, era na verdade surpreendentemente jovem para a idade

que tinha. O rosto, o corpo, pareciam mais de uma mulher de vinte e cinco do que uma de trinta e cinco. Burlap perguntava a si mesmo como haveria Beatrice de se portar quando ele conseguisse, por fim, que seus terrores se dissipassem. Havia algo de muito estranho naqueles terrores infantis de uma mulher adulta. Uma metade de seu ser tinha parado na idade em que tio Ben fizera aquela experiência prematura. O diabo de Burlap arreganhou os dentes à lembrança da narrativa que Beatrice fizera do incidente.

Ouviu-se uma batida à porta, e Miss

Gilray entrou, trazendo o óleo canforado e o termógeno.

— Aqui está o carrasco — disse Burlap, rindo. — Ao menos quero morrer como um homem! — Desabotoou o casaco do pijama. Seu peito era branco e bem fornido; o contorno das costelas mostrava-se mal e mal através da carne. Entre os mamilos, uma listra de cabelos negros e crespos seguia a linha do esterno. — Seja bem má — continuou ele a gracejar. — Estou pronto. — E o seu sorriso estava cheio de ternura brincalhona.

Beatrice desenvolveu a garrafa e

despejou um pouco do óleo aromático na palma da mão direita.

— Pegue a garrafa — ordenou ela — e bote-a ali. — Burlap obedeceu. — Pronto! — fez Beatrice quando Burlap ficou de novo estendido, imóvel, e começou a esfregar.

Sua mão deslizava sobre o peito dele, para a frente e para trás, de forma vigorosa, eficaz. E quando a direita cansou, ela recomeçou a fricção com a esquerda, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

— Pareces uma maquinazinha a vapor — disse Burlap com o seu terno

sorriso travesso.

— É a impressão que tenho — respondeu ela. Mas não era verdade. Beatrice tinha a impressão de ser tudo, menos uma máquina a vapor. Tivera que vencer uma espécie de terror antes de conseguir tocar aquele peito branco e polpudo. Não que ele fosse feio ou repulsivo. Pelo contrário, era até bonito na sua brancura lisa e na sua força carnuda. Bonito como o torso de uma estátua. Sim, de uma estátua. Acontecia apenas que a estátua tinha negros anéis de cabelo ao longo do esterno e, em cima do coração, uma verruguinha

morena que subia e descia com a pele ao ritmo da pulsação. A estátua tinha vida; e nisso residia o elemento inquietador. O alvo peito nu era lindo; mas, vivo, tornava-se quase repulsivo. Tocá-lo... Ela estremeceu interiormente com um pequeno espasmo de horror, e sentiu-se encolerizada contra si mesma por ter sentimentos tão estúpidos. Rapidamente estendeu a mão e começou a esfregar. A sua palma deslizava com facilidade sobre a pele lubrificada. O calor do corpo de Burlap comunicava-se à mão de Beatrice. Através da pele ela podia sentir a dureza dos ossos. Houve um

ericação áspero contra os seus dedos, quando eles tocaram os cabelos ao longo do esterno; e os mamilos pequenos eram firmes e elásticos. Ela estremeceu de novo, mas havia algo de agradável no sentimento de horror e no fato de triunfar sobre ele; havia um estranho prazer naquele arrepio de alma e de repulsão que lhe viajava pelo corpo. Beatrice continuou a esfregar. Da máquina a vapor possuía apenas o vigor e a regularidade dos movimentos; no íntimo, porém, como se sentia cheia de vida palpitante e em luta consigo mesma!

Burlap estava deitado, com os olhos fechados, sorrindo um pouco com o prazer do abandono e da capitulação voluntária. Ele se sentia, voluptuosamente, como uma criança: abandonado, impotente; estava nas mãos de Beatrice como uma criança que já não é senhora de si — uma propriedade, um brinquedo de sua mãe. As mãos dela eram frias contra o seu peito. A sua carne estava passiva e entregue, como mera argila, àquelas mãos fortes e frias.

— Cansada? — perguntou Burlap, quando ela se deteve para mudar de mão pela terceira vez. Abriu os olhos para

olhar a amiga. Beatrice balançou a cabeça. — Eu te dou tanto incômodo como um bebê doente...

— Você não dá incômodo nenhum.

Mas Burlap insistiu em lamentar-lhe a sorte e em desculpar-se.

— Pobre Beatrice! Quando penso em tudo quanto fizeste por mim! Fico até envergonhado!

Beatrice limitou-se a sorrir. Os seus primeiros arrepios de imotivada repulsa tinham passado. Ela se sentia extraordinariamente feliz.

— Pronto! — disse por fim. — Vamos agora ao termógeno. — Abriu a

caixa de papelão e desdobrou a lã cor de laranja. — O problema agora é fazer isto parar no seu peito. Eu tinha pensado em mantê-lo no lugar com uma atadura. Duas ou três voltas ao redor do corpo. Que acha?

— Não acho nada — respondeu Burlap que continuava gozando a volúpia da infantilidade. — Estou inteiramente nas tuas mãos.

— Pois bem. Sente-se — ordenou ela. Burlap sentou-se na cama. — Segure a lã contra o seu peito enquanto eu passo a atadura.

Para fazer a atadura dar volta em

torno do corpo de Burlap, Beatrice teve de inclinar-se muito sobre ele, chegando quase a abraçá-lo; suas mãos se encontraram por um momento atrás das costas do homem, enquanto ela desenrolava a atadura. Burlap deixou cair a cabeça para a frente e sua testa descansou contra o seio da enfermeira. A testa de uma criança fatigada contra o seio de sua mãe.

— Segure a ponta um momento enquanto vou buscar um alfinete.

Burlap levantou a testa e endireitou-se. Um pouco corada, mas ainda com um ar muito sério e muito preocupado,

Beatrice estava tirando uma joaninha de um pequeno cartão de alfinetes sortidos.

— Agora vem o momento difícil de verdade — disse ela, rindo. — Você não faz caso se eu fincar o alfinete na sua carne?

— Não, não faço caso — disse Burlap, e era verdade; não faria caso mesmo. Ficaria até muito contente se ela o magoasse. Mas tal não aconteceu. A atadura foi pregada na sua posição com uma habilidade perfeitamente profissional.

— Pronto!

— Que quer que eu faça agora? —

perguntou Burlap, ávido por obedecer.

— Deite-se.

Burlap deitou-se. Beatrice abotoou-lhe o casaco do pijama.

— Agora você deve dormir o mais depressa possível. — Puxou as cobertas até o queixo de Burlap e prendeu-as sob o colchão. Depois pôs-se a rir. — Você parece um menino.

— Não vai me dar o beijo de boa-noite?

As faces de Beatrice se coraram. Curvou-se e beijou Burlap na testa.

— Boa noite! — disse.

E subitamente veio-lhe um desejo de

tomá-lo nos braços, de estreitar a cabeça dele contra o seu seio e acariciar-lhe o cabelo. Mas contentou-se com pousar a mão por um instante contra a face de Burlap e depois saiu apressadamente do quarto.

Capítulo XIX O PEQUENO PHIL ESTAVA ESTENDIDO NA SUA CAMA.

**O quarto se achava
mergulhado num crepúsculo
cor de laranja. Uma agulha
fina de sol se insinuava por
entre as cortinas corridas.
Phil estava mais desinquieto
que de costume.**

— Que horas são? — gritou por fim,
embora já tivesse gritado antes e
recebido em resposta a ordem de ficar
quieto.

— Não é hora ainda de levantar —

respondeu Miss Fulkes do outro lado do corredor. Sua voz saiu abafada, porque ela estava metida a meio corpo no seu vestido azul, com a cabeça envolvida numa obscuridade de seda, os braços lutando cegamente para achar a entrada das respectivas mangas. Os pais de Phil chegavam naquele dia; estariam em Gattenden para o lanche. O vestido azul de Miss Fulkes — o melhor que ela tinha — era de absoluta necessidade.

— Mas que horas são? — insistiu o pequeno, enfurecido. — Quero dizer, no seu relógio.

A cabeça de Miss Fulkes emergiu

para a luz.

— Vinte para uma. Deves ficar quieto.

— Por que não é uma?

— Porque não é. Agora não vou te responder mais. E se gritar de novo, vou contar à sua mãe como tens sido travesso.

— Malvada! — disse Phil, pondo uma fúria cheia de lágrimas na sua voz, mas falando tão baixo que Miss Fulkes mal o ouviu. — Tenho raiva de você!

Estava claro que Phil não odiava. Mas fizera o seu protesto; a honra estava salva.

Miss Fulkes continuou a vestir-se. Sentia-se nervosa, cheia de medo, dolorosamente agitada. Que pensariam eles de Phil, do seu Phil, do Phil que ela tinha feito? “Espero que ele se porte bem. Espero que ele seja bonzinho.” O menino sabia ser um anjo, era encantador... quando isso lhe aprazia. E quando não era anjo, havia sempre uma razão; mas era preciso conhecê-lo, compreendê-lo a fim de descobrir essa razão. Provavelmente os pais não seriam capazes de descobri-la. Tinham estado fora durante tanto tempo. Podiam ter até esquecido como era o pequeno. E em

qualquer caso, não podiam saber como ele estava agora, em que se tinha transformado depois do crescimento dos últimos meses. Só ela conhecia *aquele* Phil. Conhecia e amava, tanto, tanto... Só ela. E um dia teria de deixá-lo. Não tinha direitos sobre ele, não tinha nada que reclamar; amava-o apenas. Podiam arrebatá-lhe Phil a qualquer momento que quisessem. Miss Fulkes se olhou no espelho. A sua própria imagem refletida no vidro tremeu e se perdeu numa bruma irisada, e de súbito as lágrimas inundaram-lhe as faces.

O trem chegou no horário e o carro

esperava os viajantes. Philip e Elinor entraram nele.

— Não é mesmo maravilhoso estar de novo aqui? — Elinor tomou a mão do marido. Seus olhos fulgiram. — Mas, bom Deus! — acrescentou ela, num tom de horror e sem esperar pela resposta. — Construíram um mundo de casas novas ali em cima da colina. Como se atreveram a tal?

Philip olhou.

— Um pouco cidade-jardim, não é? É pena que os ingleses amem tanto o campo. Estão a matá-lo à força de carinho.

— Mas, apesar de tudo, como o campo ainda é lindo! Você não está tremendamente comovido?

— Comovido? — perguntou ele com precaução. — Ora...

— Não está mesmo contente por poder ver o seu filho de novo?

— Naturalmente.

— Naturalmente! — Elinor repetiu as palavras num tom de escárnio. — E fala com esse tom de voz! Nunca pensei que coubesse um “naturalmente” no caso; mas, agora que chegou a hora, nunca me senti tão agitada em toda a minha vida...

Houve um silêncio; o carro continuou a correr sinuosamente, ao longo dos caminhos tortuosos. A estrada era em aclive; o carro subiu por entre um bosque de faias e entrou num altiplano arborizado. Bem na extremidade de uma longa perspectiva verde, o monumento mais colossal da grandeza dos Tantamount, o palácio do marquês de Gattenden, se aquecia ao sol, lá embaixo. A bandeira ondulava; milorde estava nos seus domínios.

— É preciso que façamos uma visita ao velho maluco um destes dias — disse Philip.

Os gamos pastavam no parque.

— Por que será que se viaja? — perguntou Elinor, olhando para os animais.

Miss Fulkes e o pequeno Phil estavam esperando na escada.

— Creio que ouvi o barulho do automóvel — disse Miss Fulkes. O seu rosto um tanto maciço estava muito pálido; o coração batia-lhe com uma força maior que a ordinária. — Não — acrescentou, depois de ter ficado a escutar por um momento, com atenção intensa. O que tinha ouvido era o som de sua própria ansiedade.

O pequeno Phil se movia de um lado para outro, num mal-estar, consciente apenas do desejo violento de “ir a certa parte”. A espera lhe tinha alojado um ouriço nas entranhas.

— Não está *feliz*? — perguntou Miss Fulkes com um entusiasmo fingido e com a determinação (em que ela própria se sacrificava voluntariamente) de que o menino devia sentir-se louco de alegria à ideia de tornar a ver os pais.

— Não está tremendamente emocionado?

Mas eles podiam arrebatá-lo

pequeno, se quisessem, podiam levá-lo embora e nunca mais deixar que ela tornasse a vê-lo.

— Estou... — respondeu Phil num tom um pouco vago. Estava preocupado exclusivamente com a aproximação dos acontecimentos viscerais.

Miss Fulkes sentia-se desapontada diante da falta de entusiasmo que havia na voz do menino. Olhou para ele inquiridoramente.

— Phil?

Tinha observado a sua dança inquieta. O pequeno fez que sim com a cabeça. A moça tomou-lhe da mão e

levou-o às pressas para o interior da casa.

Um minuto mais tarde Philip e Elinor paravam diante do alpendre deserto. Elinor não pôde deixar de sentir um desapontamento. Tinha previsto a cena com tanta nitidez... Phil na escada, acenando num frenesi, tinha ouvido tão distintamente, por antecipação, os gritos do filho... e os degraus estavam vazios.

— Ninguém para nos receber — disse ela. E o tom de sua voz era melancólico.

— Também não se podia exigir que eles ficassem por aí à nossa espera —

replicou Phil. Abominava tudo que tivesse a natureza de rebuliço, de alvoroço... Para ele a perfeita chegada ao lar seria dentro de um manto de invisibilidade. E a maneira como chegavam agora estava em segundo lugar entre as que Philip reputava boas.

Desceram do carro. A porta da frente se achava aberta. Entraram. No vestíbulo silencioso e deserto, três séculos e meio de vida estavam adormecidos. A luz do sol jorrava através das janelas. Os painéis tinham sido pintados de verde-pálido no século XVIII. A escada, toda de carvalho velho,

subia, a perder de vista, até os andares mais altos. Uma miscelânea de perfumes de flores flutuava tenuemente no ar; era como se a gente percebesse o velho silêncio sereno por meio de outro sentido.

Elinor olhou em torno, respirou profundamente, passou a ponta dos dedos ao longo da madeira polida de uma mesa de noqueira e com o indicador dobrado bateu num vaso bojudo de vidro veneziano que se achava sobre o móvel; o límpido som de sino ressoou longa e docemente dentro do silêncio perfumado.

— É como a Bela Adormecida — disse Elinor. Mas, no próprio instante em que ela pronunciou estas palavras, o encantamento se quebrou. De súbito, como se o tinir do vidro tivesse chamado a casa à vida, o som e o movimento ressuscitaram. Lá em cima, em alguma parte, uma porta se abriu; através do ruído sanitário da água que se despenca, veio o som da voz jovem e estridente de Phil, pés pequeninos caminharam ao longo do tapete do corredor, estrepitaram como pequenos cascos sobre o carvalho nu dos degraus. Ao mesmo tempo uma porta do andar

térreo se abria bruscamente, e o vulto enorme de Dobbs, a camareira, se precipitou para o vestíbulo.

— Oh! Mrs. Elinor, eu não ouvi chegarem...

O pequeno Phil dobrou a última volta da escada. À vista dos pais deu um grito e apressou o passo; deslizou quase de degrau em degrau.

— Não venha tão ligeiro! Não venha tão ligeiro! — gritou-lhe a mãe, ansiosamente. Correu para ele.

— Não vá tão ligeiro! — repetiu Miss Fulkes num eco, descendo apressadamente os degraus. E de

repente, saindo de um pequeno quarto que dava para o jardim, mrs. Bidlake apareceu, branca e silenciosa, entre véus esvoaçantes, como um fantasma imponente. Num cestinho trazia um ramalhete de tulipas cortadas; a sua tesoura de podar pendia da ponta de uma fita amarela. T'ang III a seguia, latindo. Houve uma confusão de abraços e apertos de mão. As saudações de mrs. Bidlake tinham a majestade de um ritual, a graça solene de uma dança antiga e sagrada. Miss Fulkes se torcia toda, tímida e comovida, mantendo-se sobre uma perna, depois sobre a outra,

assumindo atitudes de figurinos e de manequins; de quando em quando ria agudamente. Quando apertou a mão de Philip, encolheu-se com tanta violência que quase perdeu o equilíbrio.

“Pobre criatura!” Elinor tinha tempo para pensar entre as perguntas que formulava e as respostas que recebia. “Que necessidade urgente ela tem de casar! Está muito pior do que quando a deixamos.”

— Mas como ele está crescendo! — disse em voz alta. — E como está mudado! — Segurou o filho com os braços estendidos, afastando-o um

pouco com o gesto do *connaisseur* que recua para examinar um quadro. — Ele antes era o retrato de Philip. Mas agora... — Balançou a cabeça. Agora a cara larga tinha encompridado, o nariz curto e reto (o cômico “nariz de gato” que no rosto de Philip fora para ela ao mesmo tempo objeto de riso e de amor) tinha crescido, ficando mais fino e levemente aquilino; o cabelo ganhara um tom escuro. — Agora ele está exatamente como Walter. Não acham? — Mrs. Bidlake balançou a cabeça, num assentimento remoto.

— Exceto quando ri — acrescentou

Elinor. — O riso dele é puro Phil.

— Que foi que me trouxeste? — perguntou o pequeno Phil quase com ansiedade. Quando as pessoas saíam e voltavam depois para casa, sempre traziam alguma coisa para ele. — Onde está o meu presente?

— Que pergunta! — protestou Miss Fulkes, corando de vergonha e torcendo-se de novo.

Mas Elinor e Philip desataram a rir.

— É o Walter, quando está sério — disse Elinor.

— Ou você... — Philip olhava de um para a outra.

— Não faz nem um minuto que seu pai e sua mãe chegaram!

Miss Fulkes continuava com as suas repreensões.

— Malvada! — retorquiu o pequeno, jogando a cabeça para trás num pequeno movimento de cólera e orgulho.

Elinor, que o estava observando, quase riu alto. Aquele súbito erguer de queixo — ora! — era a paródia do gesto de superioridade do velho mr. Quarles. Por um momento o pequeno transformou-se no sogro de Elinor, no seu absurdo e deplorável sogro: uma

caricatura miniatural. Era cômico, mas ao mesmo tempo e de certo modo não era uma brincadeira. Ela quis rir, mas sentiu-se oprimida por uma consciência súbita dos mistérios e complexidades da vida, pelas inescrutabilidades do futuro. Ali estava o seu filho — mas ele era igualmente Philip, era também ela própria, era também Walter, era o avô e avó maternos, e agora, com aquele alçar de queixo, tinha repentinamente se revelado como sendo também o deplorável mr. Quarles. E podia ser centenas de outras pessoas também. Podia ser? Certamente era. Era tios e

primos que Elinor mal conhecia; avôs e tios-avôs que ela só vira quando criança e que esquecera completamente; antepassados que tinham morrido havia muito, que remontavam à origem das coisas. Toda uma população de desconhecidos habitava aquele corpinho e lhe dava forma, morava naquele espírito e controlava os seus desejos, ditava-lhe os pensamentos e havia de continuar a ditar e a controlar... Phil, o pequeno Phil, esse nome era uma abstração, um título dado arbitrariamente, como “França” ou “Inglaterra”, a uma coletividade, nunca

por muito tempo a mesma, de muitos indivíduos que nasciam, viviam e morriam em seu ser, como os habitantes de um país aparecem e desaparecem, deixando, porém, viva em sua passagem a identidade da nação a que pertencem. Elinor olhava para o filho com uma espécie de terror. Quanta responsabilidade!

— Isso é o que eu chamo amor interesseiro — continuava ainda Miss Fulkes. — E você não deve dizer “malvada” para mim desse modo.

Elinor soltou um pequeno suspiro, sacudiu-se para despertar do devaneio

e, tomando o filho nos braços, estreitou-o contra o peito.

— Não faz mal... — disse ela, em parte para a reprovadora Miss Fulkes e em parte para o seu eu cheio de apreensão. — Não faz mal.

Beijou-o.

Philip estava consultando o relógio.

— Seria bom, talvez, que fôssemos lavar as mãos e nos arranjarmos um pouco antes do lanche.

Tinha o sentimento da pontualidade.

— Mas primeiro — disse Elinor, que achava que as refeições foram feitas para o homem, e não o homem para as

refeições —, primeiro o que *devemos* fazer é simplesmente ir até a cozinha para cumprimentar mrs. Inman. Seria imperdoável se não o fizéssemos. Vem.

Ainda segurando o pequeno, Elinor precedeu-os através da sala de jantar. O cheiro de pato assado ia ficando cada vez mais forte à medida que eles avançavam.

Um pouco aborrecido pela consciência que tinha daquela falta de pontualidade e um pouco inquieto por se ter de arriscar, embora tendo Elinor como dragomana, a entrar na cozinha e meter-se entre os criados, Philip a

seguiu com relutância.

À hora do lanche o pequeno Phil celebrou o acontecimento portando-se de maneira atroz.

— A comoção foi forte demais para ele — repetia continuamente a pobre Miss Fulkes, tentando desculpar o menino e indiretamente justificar-se a si mesma. Tinha ímpetos de chorar. — A senhora há de ver, mrs. Quarles, quando ele se habituar com a sua presença aqui — acrescentou, voltando-se para Elinor. — A senhora vai ver; ele sabe ser um anjo... É a agitação...

Miss Fulkes tinha chegado a amar

aquela criança a tal ponto que os triunfos e as humilhações de Phil, as suas virtudes e os seus crimes faziam com que ela se sentisse exultante ou acabrunhada, satisfeita consigo mesma ou envergonhada, como se se tratasse da sua própria pessoa. Além disso, havia o amor-próprio profissional. Durante todos aqueles meses ela fora a única responsável por Phil, ensinando-lhe a portar-se em sociedade, explicando-lhe por que o triângulo da Índia está pintado de carmesim no mapa; tinha-o feito, tinha-o modelado. E agora, quando esse objeto de seu mais terno amor, esse

produto de sua habilidade e de sua paciência gritava à mesa, cuspia fora bocados de alimentos semimastigados, derramava água, Miss Fulkes não somente corava cheia de uma vergonha agoniada, como se fosse ela quem tivesse gritado e cuspidado e derramado água, mas também experimentava ao mesmo tempo toda a humilhação do prestidigitador cujo truque longamente preparado falhou diante do público; era como o inventor da máquina ideal de voar que vê a sua engenhoca recusar-se terminantemente a erguer-se do chão.

— No fim das contas — disse

Elinor, num tom consolador —, era de prever...

A pobre moça lhe inspirava sincera piedade. Elinor olhou para o filho. Phil estava gritando — e ela esperara (sem razão nenhuma) que agora seria bem diferente, que iria encontrá-lo inteiramente ajuizado e crescido. Teve um instante de desespero. Amava-o, mas as crianças eram tão terríveis... E Phil era ainda uma criança.

— Agora, Phil — fez ela com severidade —, deves comer. Nada de tolices!

O pequeno uivou mais forte.

Gostaria de portar-se bem, mas não sabia como fazer para deixar de portar-se mal. Tinha se metido voluntariamente naquele estado de triste revolta, e agora a emoção se assenhoreara dele, era mais forte que a sua vontade. Era-lhe impossível, mesmo que ele o desejasse, voltar atrás. Além disso, a criaturinha sempre sentira certa aversão por pato assado; e como acabasse de pensar durante cinco minutos no pato assado, com desgosto e um horror concentrados, chegara a ponto de abominá-lo. A vista, o cheiro, o gosto daquele prato deixavam-no verdadeira e sinceramente

mareado.

Mrs. Bidlake, no entanto, conservava a sua calma metafísica. Sua alma navegava serenamente, como um grande navio sobre um mar bravio; ou talvez se parecesse mais com um balão que se ergue muito alto acima das águas, e flutua no mundo sereno e sem ventos da fantasia. Ela estivera falando a Philip a respeito do budismo. (Mrs. Bidlake tinha um fraco especial pelo budismo.) Aos primeiros gritos não chegara nem mesmo a voltar a cabeça para ver o que se passava, contentando-se com elevar a voz para que a pudessem ouvir por

sobre o tumulto. Os uivos se renovaram, continuaram. Mrs. Bidlake fez silêncio e fechou os olhos. Um buda de pernas cruzadas, dourado e tranquilo, apareceu contra o fundo vermelho de suas pálpebras fechadas; viu os sacerdotes de vestes amarelas em torno dele, cada qual na atitude do deus e mergulhado numa meditação extática.

— Maya — disse mrs. Bidlake com um suspiro, como se falasse para si mesma. — Maya: a eterna ilusão. — Abriu os olhos de novo. — Sim, parece que o pato está um pouco duro — acrescentou, dirigindo-se a Elinor e

Miss Fulkes, que tentavam desesperadamente fazer o pequeno comer.

Phil apanhou no ar a desculpa que a avó lhe tinha dado assim gratuitamente.

— Está duro! — gritou por entre lágrimas, afastando de si o garfo no qual Miss Fulkes, com a mão trêmula pelo excesso de emoções dolorosas, lhe estava oferecendo um naco de pato assado e a metade de uma batata nova.

Mrs. Bidlake cerrou os olhos outra vez, por um momento, depois voltou-se para Philip e continuou a discutir sobre a Via das Oito Veredas.

Naquela noite Philip escreveu bastante longamente no seu livro de notas, no qual registrava de mistura pensamentos e fatos, conversações, coisas ouvidas e vistas. “A cozinha da casa velha” foi o título que pôs na página.

É bastante fácil de reproduzir. As janelas Tudor refletidas nos fundos das panelas de cobre. O enorme fogão negro com suas guarnições de aço polido, e o fogo que espia para fora através da portinhola superior semicerrada. A reseda nas jardineiras da janela. O gato, um enorme eunuco cor de gengibre, cochilando no seu balaio ao pé do armário. A mesa da cozinha tão usada pelo tempo e pelas esfregadelas constantes que os veios da madeira se destacam em relevo sobre as partes mais moles — como se um

gravador tivesse preparado a prancha xilográfica de alguma gigantesca impressão digital. As vigas do teto baixo. As cadeiras de faia castanha. A massa fresca que se está rolando. O cheiro de cozinha. A coluna inclinada de sol amarelo, cheia de partículas brilhantes. E finalmente a velha mrs. Inman, a cozinheira; pequena, frágil, indomável, a autora de ninguém sabe quantas mil refeições! Burilemos um pouco isto e havemos de ter o quadro. Mas quero algo mais. Um esboço da cozinha tanto no tempo como no espaço, uma indicação do que ela significa no cosmo humano em geral. Escrevo uma frase: Verão após verão, desde o tempo em que Shakespeare era rapaz até agora, dez gerações de cozinheiros empregaram radiações infravermelhas para quebrar as moléculas das proteínas dos patos postos no espeto. (“Não nasceste pra morrer, ó pássaro imortal etc.”) Uma frase, e eu já estou em cheio dentro da história,

dentro da arte e de todas as ciências. Toda a história do universo se acha contida implicitamente em qualquer de suas partes. O olho da meditação pode ver através de todo e qualquer objeto e enxergar, como através de uma janela, o cosmo inteiro. Basta tornar diáfano o odor de pato assado numa velha cozinha para termos, num vislumbre, a visão de todas as coisas, desde as nebulosas espiraladas até a música de Mozart e os estigmas de São Francisco de Assis. O problema artístico é produzir diafaneidade por partes, selecionando essas partes de maneira que não revelem senão as mais humanamente significativas entre as perspectivas distantes que ficam atrás do objeto próximo e familiar. Mas em todos os casos, as coisas vistas ao fundo da perspectiva devem ser bastante estranhas para fazer com que o familiar pareça fantasticamente misterioso. Pergunta: pode-se chegar a esse resultado sem pedantismo

e sem prolongar fastidiosa e interminavelmente a história? Isso exige muitíssima reflexão.

Mas como é encantadora a cozinha! Como são simpáticos os seus habitantes! Mrs. Inman pertence à casa há tanto tempo quanto Elinor. Um milagre de beleza que envelheceu. E como ela é serena, como é aristocraticamente imperiosa! Quando uma pessoa foi monarca trinta anos de tudo quanto a cerca, ela toma um ar de rei, mesmo quando o que a cerca é apenas a cozinha. E depois há uma Dobbs, a camareira. Dobbs está na casa desde um pouco antes da guerra. Uma invenção de Rabelais. Seis pés de altura e proporcionalmente gorda. E o corpo enorme abriga o espírito de Gargântua. Que alegria larga, que apetite de viver, que anedotas, que riso fácil e enorme! A risada de Dobbs é quase apavorante. Numa prateleira do armário da copa eu notei, quando fomos

apresentar nossos cumprimentos, um frasco verde; cheio até a metade de pílulas — mas pílulas que eram bolas de bom tamanho, como essas que se sopram para a goela dos cavalos por meio de um tubo de borracha. Que indigestões homéricas essas pílulas sugerem!

A cozinha é boa; mas boa também é a sala de visitas. Chegamos de volta de nosso passeio da tarde para encontrar o pastor e sua mulher conversando sobre arte ao redor de xícaras de chá. Sim, arte. Porque foi a primeira visita que nos fizeram depois que foram ver a Academia.

É um acontecimento anual. Todos os anos, no dia seguinte ao da Ascensão, eles tomam o trem das 8h52 para a cidade e pagam o tributo que mesmo a religião deve à arte — a religião estabelecida à arte estabelecida. Ambos examinam todos os cantos e recantos de Burlington House, anotando o catálogo, enquanto andam a

girar, fazendo humor onde o humor é admitido — porque mr. Truby (que se parece um tanto com o Noé de uma arca infantil) é um desses homens de igreja joviais que fazem brincadeiras a fim de mostrar que, a despeito do redingote preto e do colarinho virado, eles são “humanos”, “bons camaradas” *etc.*

A fornida e bela mrs. Truby é menos ruidosamente divertida do que seu marido, mas não é menos essa coisa a que as pessoas da classe média superior que leem o Punch chamariam “uma alma sinceramente alegre”, sempre pronta a divertir-se inocentemente, e cheia de observações curiosas. Eu continuava a olhar e a escutar, fascinado, enquanto Elinor lhes arrancava reflexões sobre a paróquia e a Academia; senti o que Fabre sentia entre os coleópteros. De quando em quando alguma palavra da conversação atravessava os abismos espirituais que separavam a mãe de

Elinor das coisas e pessoas que a cercavam, e penetrava-lhe o devaneio, produzindo uma curiosa reação. Oracularmente, e de maneira desconcertante, com uma seriedade que era quase assustadora no meio das brincadeiras dos Truby, ela falava; suas palavras eram como que vindas de um outro mundo. E no entanto, lá fora, o jardim é verde e florido. O velho Stokes, o jardineiro, é barbudo e se parece com Pai Tempo. O céu é azul-pálido. Há um ruído de pássaros. Este lugar é bom. E para descobrir que ele é bom foi preciso navegar primeiro em torno do mundo. Por que não ficar? Criar raízes. Mas as raízes são cadeias. Tenho pavor de perder minha liberdade. Livre, sem peias, não ser possuído por nenhuma das coisas que possuímos — livre de fazer o que queremos, de partir sem o menor aviso prévio para onde quer que a fantasia possa sugerir — isso seria bom. Mas este lugar também o é. Não poderia ser melhor? Para

ganhar a liberdade sacrificamos alguma coisa — a casa, mrs. Inman, Dobbs, Truby, o pândego do presbitério, as tulipas do jardim, e tudo o que estas coisas e esta gente significam. Sacrificamos alguma coisa, mas será por um lucro maior em sabedoria, em compreensão, em vida intensificada? É o que muitas vezes fico a perguntar a mim mesmo...

*

Lord Edward e seu irmão estavam tomando ar no parque de Gattenden. Lord Edward tomava-o caminhando. O quinto marquês tomava-o numa cadeira de rodas puxada por um grande burro cinzento. Era inválido. “O que, por felicidade, não impede o meu espírito de correr”, gostava de dizer lord

Gattenden. E seu espírito tinha corrido confusamente toda a sua vida, confusamente, daqui para ali. No entanto, o burro cinzento contentava-se com caminhar mui devagar. Na frente e às costas dos dois Tantamount se estendia a grande alameda de Gattenden. Uma milha na frente deles, no fim da perspectiva reta, erguia-se uma reprodução da coluna de Trajano em pedra de Portland, suportando em seu cimo uma estátua de bronze do primeiro marquês; tinha uma inscrição em grandes letras em torno do pedestal, proclamando os seus títulos de glória.

Esse marquês havia sido, entre outras coisas, vice-rei da Irlanda e Pai da Agricultura Científica. Ao fim da grande alameda, uma milha atrás dos marqueses, erguiam-se as fantásticas torres e os pináculos do castelo de Gattenden, edificado para o segundo marquês por James Wyatt no mais extravagante estilo gótico de Strawberry Hill; o solar tinha um aspecto mais medieval do que tudo com que podia ter sonhado a verdadeira Idade Média. O marquês residia permanentemente em Gattenden. Não que gostasse de modo particular da casa ou da paisagem que a

cercava. Mal dava pela existência de ambas... Quando não estava lendo, estava pensando no que tinha lido; o mundo das aparências, denominação que ele platonicamente gostava de dar à realidade visível e tangível, não o interessava. Esta falta de interesse era a sua vingança contra o universo que o fizera inválido. Morava em Gattenden porque era somente em Gattenden que ele podia dar passeios sem perigo em sua cadeira de rodas. Pall Mall não é lugar para burros cinzentos e para velhos cavalheiros paralíticos que leem e meditam enquanto passeiam. Doara

Tantamount House a lord Edward e continuara a fazer-se puxar pelo seu asno por entre as faias do parque de Gattenden.

O burro parara para pastar à margem da estrada. O quinto marquês e o irmão estavam trocando ideias a respeito de Deus. O tempo passava. Ambos se achavam ainda falando sobre Deus quando, meia hora mais tarde, Philip e Elinor, que tinham estado a fazer o seu giro da tarde pelo parque, emergiram do bosque de faias e inesperadamente deram com a cadeira de rodas do marquês.

— Pobres velhos! — comentou Philip quando se viram, ele e a mulher, à distância de não serem ouvidos. A respeito de que poderiam eles estar conversando? São velhos demais para falar de amor, velhos e bons demais. Demasiadamente ricos para falar de dinheiro. Demasiadamente intelectuais para falar das outras pessoas e demasiadamente eremitas para conhecer pessoas de quem possam falar. Tímidos demais para falar de si mesmos, demasiado inexperientes para falar da vida ou mesmo da literatura. Que resta, pois, aos pobres velhos como assunto de

palestra? Nada a não ser Deus.

— E do modo como as coisas vão
— disse Elinor —, você estará
exatamente como eles daqui a dez anos...

Capítulo XX O VELHO JOHN

BIDLAKE DIZIA DO PAI DE PHILIP QUARLES que ele se parecia a uma dessas igrejas italianas de estilo barroco que têm frontarias falsas. Alta, impressionante, ericada de ordens clássicas, de frontões quebrados e de estatuária, a fachada tem o aspecto de pertencer a uma grande catedral. Mas olhai-a mais de perto e descobrireis que é

somente um frontispício.

Atrás da enorme e complicada fachada se acocora um miserável templinho de tijolo, de pedra bruta e argamassa leprosa. E, desenvolvendo o símile, John Bidlake punha-se a descrever o padre mal barbeado, algaraviando a sua missa, o pequeno acólito ranhento de sobrepeliz suja, a congregação de

**camponesas papudas com os
seus fedelhos, o idiota que
mendiga à porta, as coroas
de lata das imagens, a
sujeira do soalho, o cheiro
rançoso de gerações inteiras
de humanidade piedosa.**

— Como é — dizia ele para
concluir esquecendo-se de que estava
comentando de uma maneira pouco
lisonjeira os seus próprios sucessos —,
como é que as mulheres sempre acabam
se apaixonando fatalmente pela coisa
mais baixa que lhes aparece, ou melhor,

pelo homem mais baixo? É curioso. Particularmente neste caso. Era de se julgar que Rachel Quarles fosse bastante inteligente para não se deixar iludir por esse vácuo.

Outras pessoas também pensavam assim; tinham igualmente ficado a refletir sobre o caso. Rachel Quarles parecia incomparavelmente superior ao marido que tinha. Mas ninguém se casa com uma coleção de virtudes e de talentos; casa-se com um ser humano individual. O Sidney Quarles que tinha pedido a mão de Rachel era um jovem pelo qual qualquer mulher poderia ter se

apaixonado, um jovem em quem toda a gente podia ter acreditado, toda a gente; e Rachel tinha apenas dezoito anos e era uma criatura das mais inexperientes. Ele também era moço (a mocidade é em si mesma uma virtude), moço e de boa aparência. Ombros largos, proporcionadamente alto, corpulento a ponto de ser quase gordo, Sidney Quarles tinha ainda uma figura imponente. Aos vinte e três anos, aquele grande corpo fora atlético. O cabelo grisalho, que agora cercava uma tonsura rósea e polida, era então de um castanho dourado e cobria todo o crânio com a

sua abundância ondulante. A cara grande, muito corada e carnuda, tinha sido mais fresca, mais firme e menos semelhante a uma lua cheia. A testa, mesmo antes de a calvície haver aparecido, tinha um aspecto intelectual na sua amplidão lisa. E a conversação de Sidney Quarles não desmentia de maneira nenhuma a prova circunstancial que a sua fronte oferecia. Falava bem, embora mostrasse sempre um pouco de arrogância e de vaidade excessivas. Além do mais, Sidney Quarles tinha àquela época uma reputação; acabara de sair da universidade, aureolado de certo

resplendor de glória acadêmica e oratória. E na larga tela virgem do futuro os seus amigos mais entusiastas pintavam as visões mais fúlgidas. Ao tempo em que Rachel o viu pela primeira vez, essas profecias tinham um ar verdadeiramente razoável. E em todo caso, com ou sem razão, ela o amava. Casaram-se quando a moça tinha apenas dezenove anos.

Do pai, Sidney herdara uma bela fortuna. O negócio (o velho mr. Quarles negociava com açúcar) ia muito bem. A propriedade de Essex produzia o suficiente para se manter. A casa da

cidade ficava em Portman Square; a casa de campo em Chamford era cômoda e de estilo georgiano. Sidney tinha ambições políticas. Depois de um aprendizado na administração dos negócios locais, entraria para o Parlamento. Sua diligência incansável, seus discursos ao mesmo tempo sérios e brilhantes, o marcariam como um homem de futuro. Haviam de oferecer-lhe o lugar de adjunto em uma subsecretaria; seria promovido rapidamente. Sidney podia esperar (pelo menos fora o que lhe parecera trinta e cinco anos atrás) a realização das

ambições mais extravagantes.

Mas Sidney, como dizia o velho Bidlake, não passava de uma fachada, de uma aparência impressionante, de uma voz, de uma habilidade superficial — nada mais. Atrás daquele magnífico frontispício vivia o verdadeiro Sidney, fraco, falho de toda perseverança nos assuntos importantes, embora fosse obstinado quando se tratava de ninharias; facilmente inflamável pelo entusiasmo, mas ainda mais facilmente levado ao tédio. Aquela habilidade mesma, no fim das contas, não passava dessa espécie de habilidade que permite

aos alunos brilhantes escrever versos latinos à maneira de Ovídio ou paródias humorísticas de Heródoto. Posto à prova, esse talento de classe de retórica se revelava tão impotente no domínio puramente intelectual como no domínio da prática. Quando, ao cabo de um período de negligência agravado por especulações febris e por uma orientação má, ele viu a empresa do pai levada a meio caminho da ruína (Rachel o obrigou a vender toda a sua parte no negócio antes que fosse demasiado tarde), quando suas esperanças políticas se viram completamente arruinadas por

vários anos de alternativas entre a indolência e a atividade sem disciplina —, Sidney Quarles concluiu que sua vocação verdadeira era a publicidade. No primeiro ímpeto desta convicção nova, chegou efetivamente a terminar um livro sobre os princípios do governo. Superficial e vago, cheio de lugares-comuns cuja inferioridade era acentuada pela pretensão de um estilo trabalhado que coruscava de epigramas puramente verbais, o livro foi acolhido com uma indiferença merecida, que Sidney Quarles atribuiu às maquinações de inimigos políticos. O autor confiava na

posteridade para lhe fazer justiça.

Desde a longínqua publicação do primeiro livro, mr. Quarles tinha estado ocupado — ou pelo menos se supunha que assim fosse — com escrever um outro, mais volumoso e mais importante, sobre a democracia. Esse tamanho e essa importância justificavam um retardamento quase indefinido no acabamento da obra. Havia já mais de sete anos que Sidney trabalhava e nem sequer tinha ainda — dizia ele a quem quer que o interrogasse sobre a marcha do livro (e balançando a cabeça, com a expressão de um homem que carrega um

fardo quase intolerável) —, nem sequer tinha ainda acabado de colher o material.

— É um trabalho de Hércules — costumava ele dizer, com ar de mártir e ao mesmo tempo com uma arrogância fátua. Ao falar, o velho Quarles tinha o hábito de levantar o rosto e lançar as palavras no ar como se fosse um obuseiro, ao mesmo tempo que olhava para o interlocutor (quando se dignava de fazê-lo) com um olhar que saía debaixo das pálpebras semicerradas e deslizava ao longo do nariz. Tinha a voz bem timbrada e cheia desses balidos

com que os oxfordianos mais afetados costumam enriquecer a língua inglesa. Era como se um rebanho de carneiros tivesse se posto às soltas no seu vocabulário. “Um trabalho de Hércules.” Estas palavras eram acompanhadas de um suspiro. “É realmente de atemorizar.”

Se o interlocutor fosse suficientemente simpático, Sidney Quarles o levava a seu gabinete de trabalho e lhe mostrava (sobretudo quando se tratava de uma mulher) todo o aparelhamento complicado de fichários e classificadores de aço que ele tinha

acumulado em torno de sua escrivaninha americana de aspecto ultraprofissional. À medida que o tempo passava, embora o livro não desse sinais de estar sendo escrito, mr. Quarles ia fazendo a aquisição de mais e mais outros daqueles objetos impressionantes. Eram eles as provas visíveis de seu trabalho, simbolizavam a terrível dificuldade da tarefa. O escritor não possuía menos de três máquinas de escrever. A Corona portátil o acompanhava aonde quer que fosse, para o caso em que lhe viesse a inspiração num momento qualquer, durante as viagens. De tempos em

tempos, quando sentia a necessidade de impressionar mais que de costume, Sidney levava a Hammond, máquina um pouco maior em que os caracteres eram fundidos, não em braços separados, mas sim sobre uma cinta desmontável de metal, fixada a um tambor giratório, de maneira que permitia a mudança dos alfabetos, à vontade, e escrever em grego ou em árabe, em símbolos matemáticos ou em russo, segundo as necessidades do momento; mr. Quarles tinha uma bela coleção dessas cintas com tipos diferentes — tipos de que, está claro, ele não se servia nunca, mas

dos quais sentia um grande orgulho, como se cada um deles representasse um talento ou um dom especial, todo seu. Enfim havia a terceira e a mais recente das máquinas de escrever, um utensílio de escritório muito grande e muito caro, que era não somente máquina de escrever, mas também máquina de calcular. Muito cômoda, explicava mr. Quarles, para compilar as estatísticas de seu grosso volume e para fazer as contas da administração de seus bens. E apontava com um orgulho todo particular o pequeno motor elétrico fixado à máquina; estabelecia-se o

contato com o tomador de corrente da parede e o motor fazia todo o trabalho — absolutamente todo — menos, está claro, a composição efetiva do livro. Não era preciso fazer nada mais do que tocar nas teclas, *assim* (e mr. Quarles fazia uma demonstração); a eletricidade fornecia a força necessária para pôr os caracteres em contato com o papel. Todo esforço muscular era eliminado. Podia-se continuar a escrever assim durante dezoito horas a fio — e mr. Quarles dava a entender que era coisa comum para ele ficar dezoito horas à mesa de trabalho (como Balzac, ou sir Isaac

Newton) —, podia-se continuar, em suma, quase indefinidamente, sem experimentar a mais leve fadiga, pelo menos nos dedos. Uma invenção americana. Muito engenhosa.

Mr. Quarles tinha comprado a sua máquina de escrever calculadora no momento em que, praticamente, cessara de se ocupar com a gestão de seus bens. Justamente porque Rachel lhe tinha deixado a direção da propriedade. Não que ele a dirigisse melhor do que o negócio que ela o tinha persuadido a abandonar em boa hora. Mas a ausência de lucros não importava; e as perdas,

quando as havia realmente, eram pouco consideráveis. Rachel Quarles esperava que a gestão dos bens do casal constituísse ocupação sã para o marido. E valia a pena gastar alguma coisa nesse propósito. Mas o preço que foi mister pagar, nos anos de depressão que seguiram à guerra, se tornou muito elevado; e como Sidney cada vez se ocupasse menos com a direção dos seus bens particulares, o preço cresceu de maneira alarmante, ao passo que o alvo que justificaria tal sacrifício — o fato de achar uma ocupação saudável para Sidney — não era atingido. Às vezes, é

verdade, Sidney tinha alguma ideia e subitamente mergulhava numa orgia do que ele denominava “melhoramentos imobiliários”. Certa ocasião, depois da leitura de um livro sobre os rendimentos americanos, ele comprou uma grande quantidade de máquinas caras, simplesmente para descobrir que no fim das contas a propriedade não era bastante grande para comportá-las. Sidney não podia dar trabalho suficiente às suas máquinas. Mais tarde construiu uma fábrica de geleias em conserva; o estabelecimento nunca lhe rendeu um níquel. A falta de êxito fê-lo perder

rapidamente o interesse nos “melhoramentos”. À força de trabalho árduo e de atenção constante não seria impossível que eles se tornassem lucrativos com o tempo; por enquanto, todavia, graças à negligência de Sidney, o melhoramento resultara em prejuízo total. Decididamente, o preço era excessivo, e estava sendo pago a troco de nada.

Com seu tato habitual — porque ao cabo de mais de trinta anos de casamento ela conhecia o marido com perfeição —, Rachel o convenceu de que ele teria mais tempo para consagrar

ao seu grande livro se deixasse a outros a aborrecível tarefa da gestão da propriedade. Ela e o intendente bastariam para isso. Era absurdo desperdiçar num trabalho tão mecânico talentos que podiam ser utilizados melhor e mais convenientemente. Sidney deixou-se convencer com facilidade. A administração de seus bens o entediava; a propriedade lhe tinha ferido o amor-próprio insistindo tão malevolamente em seus resultados deploráveis, a despeito dos melhoramentos. Ao mesmo tempo ele percebia bem que um abandono completo seria a confissão de seu

próprio fracasso, e um tributo — mais um — pago à superioridade inata de sua mulher. Aceitou a proposta de consagrar menos tempo às minúcias da gestão, mas prometeu, ou ameaçou, à maneira de um deus, continuar a zelar pela propriedade, segui-la de longe, mas não menos eficazmente, nos intervalos de seus trabalhos literários. Foi então que, para se justificar, para aumentar a sua importância, comprou a máquina de escrever e de calcular. Ela era o símbolo da enorme complexidade do trabalho literário ao qual ele ia agora se consagrar acima de tudo; e Sidney

provava ao mesmo tempo que não tinha cessado completamente de se interessar pelos negócios materiais. Porque a máquina de calcular devia encarregar-se não somente das estatísticas (de que maneira? Era coisa que mr. Quarles tinha a prudência de nunca especificar), mas também das contas, sob as quais, ficava subentendido, a pobre Rachel e o intendente haveriam de sucumbir por força sem o auxílio superior dele, Sidney.

Mr. Quarles não reconhecia, está claro, a superioridade da mulher. Mas a consciência que ele tinha, de uma

maneira obscura, dessa superioridade, e o despeito que sentia por isso, o desejo de provar que, apesar de tudo, ele valia tanto quanto a esposa, ou no fundo, talvez mais do que ela, condicionava toda a sua vida. Era esse despeito, esse desejo de afirmar sua superioridade doméstica que o tinha feito apegar-se à sua malograda carreira política. Entregue a si mesmo, Sidney Quarles teria sem dúvida abandonado a vida política à primeira revelação das dificuldades e da aridez daquela; porque nele a indolência era mais forte do que a ambição. Mas a relutância em

reconhecer o fracasso e a inferioridade pessoal que isso implicaria o impediram (enchendo-o de uma confiança transbordante no seu futuro) de abandonar a cadeira no Parlamento. Tendo perpetuamente diante dos olhos o espetáculo exasperante da serena capacidade de Rachel, ele não podia confessar-se vencido. O que Rachel fazia, fazia bem; toda a gente a amava e admirava. Era para rivalizar com ela, para fazer as coisas melhor do que ela, aos olhos do mundo e aos seus próprios olhos, que Sidney Quarles se aferrava à política, que mergulhava nas

caprichosas atividades que tinham marcado a sua carreira parlamentar. Desdenhando ser um simples escravo de seu partido e ávido de conseguir uma distinção pessoal, Sidney Quarles se fizera o campeão entusiasta de uma série de causas, simplesmente para depois fugir delas com desgosto. A abolição da pena capital, o antivivisseccionismo, a reforma das prisões, o melhoramento das condições de trabalho na África Ocidental, eram casos que tinham solicitado, cada um por sua vez, a sua eloquência mais inflamada e um breve assomo de energia. Ele se via a si

mesmo sob o aspecto de um reformista triunfante que trazia a vitória, com a sua simples presença, a qualquer causa que lhe aprouvesse defender. Mas as muralhas de Jericó não caíram jamais ao som de sua trombeta, e Sidney Quarles não era homem de empreender assédios laboriosos. Os enforcamentos, as operações cirúrgicas em cães e em batráquios, os condenados solitários, os negros maltratados, cada um desses assuntos, um após outro, perdeu todo o encanto a seus olhos.

E Rachel continuava a ser uma criatura capaz, continuava a ser amada e

admirada.

Enquanto isso, os encorajamentos diretos da parte dela tinham sempre reforçado aquele estimulante indireto à ambição que Rachel fornecera, de uma maneira completamente involuntária, pelo simples fato de ser quem era e de ser a mulher de Sidney. No início, Rachel Quarles acreditara sinceramente no marido; encorajara o seu herói. Poucos anos bastaram para transformar em piedosa esperança a fé no seu sucesso final. Quando a esperança se foi, Rachel encorajou o marido por motivos diplomáticos — porque o

fracasso na política custava menos caro do que o fracasso no comércio. Porque a maneira como Sidney dirigia seu negócio era uma ameaça de desastre. Ela não ousava dizer-lhe isso, não ousava aconselhar-lhe que cedesse a sua parte; fazê-lo seria incitar o marido a aferrar-se ao negócio com mais tenacidade do que nunca. Lançando dúvida sobre a capacidade dele, Rachel conseguiria apenas incentivá-lo para novas e mais perigosas especulações. Porque Sidney reagia à crítica hostil de uma maneira violenta e por uma birra obstinada. Rachel Quarles, que a

experiência tornara prudente, evitou o perigo encorajando-lhe com ardor redobrado as ambições políticas. Amplificou a importância de sua atividade parlamentar. Que bom, que nobre trabalho ele estava fazendo! E que pena que os cuidados dos negócios ocupassem uma parte tão grande do tempo e da energia que poderiam ser melhor empregadas! Sidney mostrou-se logo sensível a tais argumentos, com uma gratidão secreta e nova. A rotina monótona dos negócios o aborrecia; começava a se inquietar com suas especulações onerosas. Recebeu com

alegria aquela desculpa para se desfazer de suas responsabilidades, aquela escusa que Rachel lhe oferecia diplomaticamente. Vendeu a sua parte no negócio antes que fosse tarde demais e tornou a empregar o dinheiro em títulos garantidos, que por si mesmos cuidavam dos dividendos. Dessa maneira sua renda foi reduzida a mais ou menos um terço; mas em qualquer caso agora havia segurança, e isso era o que preocupava Rachel antes de mais nada. Sidney andou a vangloriar-se dos grandes sacrifícios financeiros que tinha feito a fim de poder consagrar todo o seu tempo

aos pobres condenados. (Mais tarde foram os pobres negros, mas os sacrifícios continuaram a ser os mesmos.)

Quando, cansado finalmente de ser uma nulidade política, e furioso por causa do que ele considerava como a injustiça de seus chefes de partido, Sidney abandonou sua cadeira no Parlamento, mrs. Quarles não fez nenhuma objeção. Não havia negócio, agora, que seu marido pudesse fazer periclitar, e a propriedade, naquela época de prosperidade agrícola que se seguiu imediatamente ao Armistício, era

ainda lucrativa. Sidney explicou que ele não servia para a política prática; a política degradava os homens de valor, salpicando-os com o seu lodo. Decidira (porque a consciência que tinha da superioridade de Rachel não lhe permitia repousar) votar-se a alguma coisa mais importante do que a “desleal” política, a alguma coisa que fosse mais digna de seus talentos. Ser o filósofo da política era melhor do que ser político. Conseguiu terminar e publicar uma primeira parte da sua filosofia política. O esforço prolongado que teve de fazer para escrever

embotou-lhe o entusiasmo de autor filosófico; o sucesso magérrimo do livro o desgostou completamente. Mas Rachel era sempre uma mulher capaz e querida. A fim de salvaguardar sua reputação, Sidney anunciou a intenção de publicar a obra mais importante e mais completa que já se escreveu sobre a democracia. Rachel podia ser muito ativa nos comitês, podia fazer boas obras; ela era, sem dúvida alguma, amada pelos aldeões, tinha amigas e pessoas que lhe escreviam em abundância; mas, no fim das contas, o que era isso comparado à publicação do livro mais importante

sobre a democracia? O único aborrecimento era que o livro não se escrevia... Quando Rachel se mostrava eficiente demais, quando as demonstrações de estima que lhe dispensavam eram excessivas, mr. Quarles comprava outro fichário, ou um modelo novo e mais engenhoso de livro de notas de folhas soltas, ou uma caneta-tinteiro com um reservatório particularmente importante — um estilógrafo, explicava ele, que podia escrever seis mil palavras sem ter a necessidade de ser reabastecido de tinta. A réplica era talvez inadequada. Mas a

Sidney parecia bastante boa.

Philip e Elinor passaram dois dias com mrs. Bidlake em Gattenden. Depois foi a vez dos pais de Philip. O casal chegou a Chamford e logo soube que mr. Quarles havia comprado um ditafone. Sidney não permitiu que o filho ficasse muito tempo na ignorância de seu triunfo. O ditafone era a sua maior façanha depois da máquina de escrever calculadora.

— Acabo de fazer uma aquisição — disse ele com sua voz cheia, lançando as palavras por cima da cabeça de Philip. — Algo que te interessará na sua

qualidade de escritor.

Conduziu o filho até seu gabinete de trabalho.

Philip o seguiu. Esperava ser assediado com perguntas a respeito do Oriente e dos trópicos. Em vez disso, o pai se contentou com perguntar se ele tinha feito boa viagem, e continuou a falar de seus negócios, antes que Philip tivesse tempo de responder. No primeiro instante, Philip ficou surpreso, e mesmo um pouco chateado. “Mas a lua”, pensou ele, “parece maior do que Sírio porque está mais perto.” A viagem, a *sua* viagem, era para ele uma lua e para seu

pai a menor das estrelas de décima grandeza.

— Aqui está — disse mr. Quarles, erguendo a tampa. O ditafone se revelou aos olhares de ambos. — Maravilhosa invenção! — Ele falava com profundo contentamento de si mesmo. Era o despontar súbito da “lua dele”, em toda a sua refulgência. Explicou o funcionamento da máquina. Depois, erguendo o rosto para o alto, acrescentou: — É muito útil, quando nos ocorre uma ideia. A gente a transforma em palavras imediatamente. A gente fala consigo mesmo, depois a máquina

recorda. Mando-a para o meu quarto de dormir... aaa... todas as noites. Quando estamos na cama nos vêm ideias *mui* preciosas, não achas? Sem um ditafone elas ficariam... aaa... perdidas.

— E que é que você faz quando chega ao fim de um desses rolos do fonógrafo?

— Mando-o à minha secretária... aaa... para datilografar.

Philip ergueu as sobrancelhas.

— Tem agora uma secretária?

Mr. Quarles balançou a cabeça com ar importante.

— Por enquanto ela não me dedica

senão a metade de seus dias — disse ele, dirigindo-se à cornija da parede fronteira. — Você não faz a menor ideia de tudo quanto tenho a fazer. O livro, a propriedade, as cartas, as contas... e... aaa... sei lá quanta coisa mais... — concluiu ele de maneira um tanto insatisfatória. Suspirou, balançou a cabeça de mártir. — Você é feliz, meu caro rapaz — continuou o velho Quarles. — Não tem distrações. Podes empregar todo o teu tempo na literatura. Quisera eu fazer o mesmo com todas as minhas horas. Mas tenho a propriedade e o mais que segue... Tudo isto é trivial,

mas é preciso ser feito. — Suspirou de novo. — Invejo a sua liberdade.

Philip pôs-se a rir: — Sim, eu mesmo quase chego a me invejar, às vezes! Mas o ditafone será um grande auxílio para você.

— Oh! como não! Indubitavelmente.

— Como vai o livro?

— Devagar, mas firme. Acho que já colhi... aaa... a maior parte do material.

— Bem, já é alguma coisa.

— Vocês, romancistas — disse mr. Quarles num tom protetor —, são afortunados. Não precisam fazer nada mais... aaa... que sentar e escrever.

Nenhum trabalho preliminar é necessário. Nada disso. — Apontou para os arquivos e os fichários. Eram a prova de sua superioridade, bem como das dificuldades enormes com que andava às voltas. Os livros de Philip podiam obter sucesso. Mas, no fim das contas, o que era um romance? Uma hora de entretenimento, eis tudo; uma coisa que se apanha e que depois se joga fora de forma descuidada. Ao passo que *o livro mais importante sobre a democracia...* Além disso, qualquer um podia escrever um romance. Tratava-se apenas de viver e de pôr-se depois a

registrar o fato. Mas para compor o *livro mais importante sobre a democracia* era preciso tomar notas, coligir materiais em fontes inumeráveis, comprar móveis classificadores e máquinas de escrever portáteis, políglotas e calculadoras; era preciso um fichário, livros de notas com folhas soltas, um estilógrafo capaz de escrever seis mil palavras sem necessidade de ser reabastecido; era preciso um ditafone e uma secretária que nos consagrasse a metade de seus dias e que em breve fosse obrigada a nos consagrar os dias inteiros. — Nada disso —

insistiu mr. Quarles pai.

— Oh, não! — disse Philip, que se tinha posto a passear pela peça e a examinar o aparelhamento literário. — Nada disso. — Apanhou alguns recortes de jornal que se achavam debaixo do peso de papel, sobre a tampa da Corona que nunca se abrira. — Palavras cruzadas? — perguntou, erguendo os desenhos irregularmente quadriculados. — Não sabia que você havia se tornado um amador de palavras cruzadas.

Mr. Quarles arrebatou os recortes das mãos do filho e os fechou numa gaveta. Ficou contrariado por Philip tê-

los visto. As palavras cruzadas desmanchavam o efeito produzido pelo ditafone.

— Coisas pueris — disse ele com uma risadinha. — Mas constituem uma distração... aaa... quando o espírito está cansado. Gosto de me divertir com elas vez ou outra.

Na realidade mr. Quarles passava quase todas as suas manhãs a decifrar palavras cruzadas. Elas se adaptavam exatamente ao seu tipo de inteligência. Era um dos decifradores mais exímios de seu tempo.

Enquanto isso, na sala de visitas,

mrs. Quarles palestrava com a nora. Era uma mulherzinha ativa, de cabelos grisalhos, mas que conservava intacto e mal e mal formado o contorno dos traços regulares e bem modelados. A expressão do rosto era ao mesmo tempo viva e cheia de sensibilidade. Uma energia delicada, uma vida intensa que vibrava à menor sensação, e que brilhava em incessantes variações de esplendor e de nuances de cor nos seus olhos expressivos, de um cinzento azulado. Os lábios respondiam aos pensamentos e às sensações quase com a mesma rapidez e constância que os olhos; eram graves ou

firmes, sorriam ou ficavam melancólicos, seguindo toda uma escala por assim dizer infinitesimalmente cromática de expressão emotiva.

— E o pequeno Phil? — perguntou ela, pedindo notícias do neto.

— Transbordante de saúde.

— Aquele homenzinho! — O calor da afeição de mrs. Quarles dava mais plenitude à sua voz e transparecia em luz nos seus olhos. — Você deve ter ficado muito triste por ter de abandoná-lo durante tanto tempo.

Elinor teve um dar de ombros quase imperceptível: — Ora, eu sabia que

entre Miss Fulkes e mamãe ele seria mais bem cuidado do que comigo. — Pôs-se a rir e balançar a cabeça. — Não acredito que a natureza me tenha destinado a ter filhos. Ou sou impaciente com eles ou então encho-os de mimos. O pequeno Phil é encantador, está claro; mas eu sei que uma família numerosa me teria deixado louca.

A expressão do rosto de mrs. Quarles mudou.

— Mas não sentiu uma alegria transbordante ao revê-lo, ao cabo de tantos meses? — O tom em que ela fez esta pergunta era quase de inquietação.

Esperava que Elinor respondesse pela afirmativa entusiasta que teria sido natural em circunstâncias análogas. Mas ao mesmo tempo se via acossada por um medo de que aquela estranha criatura lhe respondesse (com a franqueza que era, nela, uma qualidade admirável mas ao mesmo tempo perturbadora, porque revelava estados de alma pouco familiares e mesmo incompreensíveis para Rachel) que não tinha sentido nenhum prazer em rever o filho. As primeiras palavras de Elinor lhe trouxeram um alívio.

— Sim, foi uma coisa maravilhosa.

Mas em seguida roubou à frase todo o efeito, acrescentando: — Eu não imaginava que pudesse ficar tão contente ao revê-lo. Mas foi verdadeiramente uma emoção forte.

Houve um silêncio.

“Criatura estranha”, pensou mrs. Quarles. Seu rosto traía qualquer coisa do espanto que ela sentia sempre na presença de Elinor. Fazia o possível para amar a nora; e o tinha conseguido até certo ponto. Elinor possuía muitas qualidades excelentes. Mas parecia faltar-lhe alguma coisa, alguma coisa sem a qual nenhum ser humano podia ser

inteiramente simpático a Rachel Quarles. Dir-se-ia que a mulher de Philip tinha nascido privada de certos instintos naturais. Não esperar sentir-se feliz pelo fato de rever o filho, isso já era bastante esquisito. Mas o que Rachel achava quase mais estranho ainda era a maneira tranquila e simples com que Elinor reconhecia o fato. Ela, Rachel, teria corado ao fazer uma tal confissão, mesmo que representasse a verdade. Ter-lhe-ia parecido algo de vergonhoso — uma espécie de blasfêmia, a negação de uma coisa sagrada. Em Rachel, a veneração pelas coisas sagradas era

natural. Essa falta de veneração em Elinor, e a sua incapacidade para perceber, mesmo, que as coisas sagradas eram efetivamente sagradas, é que tornavam impossível a mrs. Quarles ter pela nora toda a afeição que desejava.

Por sua vez Elinor admirava, respeitava e amava sinceramente a mãe de seu marido. Nela, a dificuldade crônica era estabelecer um contato efetivo com uma pessoa cujas ideias e motivos determinantes lhe pareciam tão estranhamente incompreensíveis, e mesmo tão absurdos. Mrs. Quarles era religiosa, sem ostentação, mas

ardentemente, e vivia tanto quanto possível de acordo com as suas crenças. Elinor a admirava, mas achava que aquilo era um pouco absurdo e supérfluo. Tinha recebido uma educação ortodoxa. Mas não conservava nenhuma lembrança de uma época, mesmo da infância, em que tivesse acreditado seriamente no que lhe contavam sobre o outro mundo e sobre seus habitantes. O outro mundo a aborrecia; Elinor só se interessava por este. A confirmação não tinha despertado nela mais entusiasmo do que uma representação teatral, consideravelmente menos, até. Sua

adolescência transcorrera sem um traço de crise religiosa.

— Isso tudo me parece simplesmente absurdo — dizia ela quando discutiam tais assuntos em sua presença. E não havia nenhuma afetação em suas palavras, elas não eram ditas como provocação. Elinor enunciava simplesmente um fato de sua história pessoal. A religião, e, com a religião, toda a moral transcendente, toda especulação metafísica, lhe pareciam absurdas, do mesmíssimo modo que o cheiro de gorgonzola lhe parecia repugnante. Não havia nada a fazer

contra aquela experiência direta. Muitas vezes, em casos como o presente, quisera poder fazer alguma coisa. Gostaria de atravessar o abismo que a separava de mrs. Quarles. Mas o fato é que experimentava certa inquietude quando se achava com a sogra; hesitava, na presença dela, em exprimir suas sensações ou em dizer o que pensava. Porque tinha observado muito repetidamente que a franca enunciação do que lhe parecia serem sentimentos perfeitamente naturais e opiniões razoáveis era suscetível de entristecer a mãe de seu marido, de feri-la como

coisas estranhas e chocantes. Era o que acabava agora de acontecer, segundo viu pela expressão que o rosto móvel e sensível de mrs. Quarles assumiu por um instante. Que acontecera, pois, dessa vez? Elinor, que não tinha consciência de nenhuma culpa, não pôde fazer outra coisa senão perder-se em cogitações mudas. Decidiu nunca mais arriscar opiniões pessoais; limitar-se-ia a concordar com o que lhe dissessem.

Aconteceu, entretanto, que o assunto logo a seguir atacado era um desses em que Elinor estava demasiadamente interessada para poder manter-se fiel à

resolução recente. Além do mais, era matéria sobre a qual, Elinor o sabia por experiência, ela podia falar livremente sem risco de ofensa involuntária. Porque no que dizia respeito a Philip, os sentimentos e as opiniões de Elinor pareciam a mrs. Quarles inteiramente apropriados.

— E o Philip grande? — perguntou ela em seguida.

— A senhora vê como ele está com boa aparência — respondeu Elinor, referindo-se à saúde do marido, muito embora soubesse que a interrogação não se referia ao bem-estar corporal. Foi

com certo temor que ela previu a conversação que estava por vir. Ao mesmo tempo, todavia, sentiu-se contente por ter ocasião de discutir o assunto que lhe ocupava os pensamentos de uma maneira tão constante e tão penosa.

— Sim, sim, isso eu já vi — disse mrs. Quarles. — Mas o que eu queria perguntar era: como vai ele em si mesmo? Como vai com você?

Houve um silêncio. Elinor enrugou levemente a testa e olhou para o chão.

— Longínquo... — disse por fim. Mrs. Quarles suspirou.

— Sempre foi assim. Sempre longínquo.

A Philip também, ela julgava, a ele também faltava alguma coisa — o desejo e a faculdade de se dar, de se exteriorizar e de ir ao encontro de seus semelhantes, mesmo dos que o amavam, mesmo dos que ele amava. Geoffrey, esse sim, era tão diferente! À recordação do filho morto, mrs. Quarles sentiu todo o seu ser invadido de uma tristeza acerba. Se alguém sugerisse a ideia de que ela o amara mais do que a Philip, mrs. Quarles teria protestado. Seus sentimentos, ela estava certa,

tinham sido os mesmos, em sua origem. Mas Geoffrey se deixara amar mais plenamente, mais intimamente do que o irmão. Se ao menos Philip tivesse permitido que ela o amasse mais! Mas tinha havido sempre barreiras entre ambos, barreiras que ele próprio erguera. Geoffrey, esse, tinha ido ao seu encontro, tinha dado o que podia receber. Mas Philip fora sempre relutante e parcimonioso. Fechara sempre as portas quando ela se aproximava, fechara sempre a cadeado o seu espírito, de medo que ela pudesse lançar um olhar furtivo sobre os seus

segredos. Mrs. Quarles nunca chegara a saber o que ele sentia e pensava verdadeiramente.

— Mesmo quando era menino — acrescentou Rachel em voz alta.

— E agora ele tem o trabalho — fez Elinor depois de um silêncio. — De sorte que é ainda pior. É como um castelo bem no alto de uma montanha, esse trabalho. Philip se fecha dentro dele e fica inexpugnável.

Mrs. Quarles sorriu com tristeza.

— Inexpugnável. — Era o termo exato. Mesmo quando menino Philip fora sempre inexpugnável. — Talvez no

fim ele se entregue por vontade própria.

— A mim? — perguntou Elinor. —
Ou a uma outra? Não seria grande consolo para mim se fosse a uma outra, não é mesmo? E no entanto, quando consigo deixar de ser egoísta — acrescentou —, chego a desejar que ele se entregue a quem quer que seja, *quem quer que seja* para o seu próprio bem.

As palavras de Elinor levaram os pensamentos de mrs. Quarles para o marido, não com espírito de censura, embora ele tivesse procedido mal, embora a tivesse ferido, mas com piedade, talvez, com solicitude. Porque

ela não podia chegar a convencer-se de que aquilo era inteiramente culpa de Sidney. Era apenas infelicidade dele.

Elinor suspirou:

— Não posso, na verdade, esperar a capitulação dele. Quando a gente já se transformou num hábito, não pode de maneira nenhuma transformar-se bruscamente numa revelação que submerge tudo...

Mrs. Quarles balançou a cabeça. Naqueles últimos anos, as revelações inquestionáveis de Sidney tinham vindo de fontes tão humildes! A criadinha da cozinha, a filha do capataz... Como

pudera ele fazer aquilo? — perguntou Rachel a si mesma pela milésima vez. — Como pudera? Era incompreensível.

— Se ao menos — disse ela, quase num murmúrio —, se ao menos você tivesse Deus como companheiro! — Deus tinha sido sempre o seu reconforto. Deus e o cumprimento da vontade de Deus. Ela não podia nunca conceber como as pessoas pudessem atravessar a vida sem Ele. — Se ao menos você pudesse achar Deus!

O sorriso de Elinor foi sarcástico. Observações daquele gênero a aborreciam por serem tão ridiculamente

fora de propósito.

— Seria talvez mais simples... —
começou ela; mas deteve-se às
primeiras palavras. Queria dizer que
seria mais simples, talvez, achar um
homem. Mas lembrou-se da resolução
que tomara de não ofender a sogra. E
não disse nada.

— Que era que ia dizer?

Elinor balançou a cabeça.

— Nada.

*

Felizmente para mr. Quarles o
British Museum não tinha sucursal em
Essex. Era em Londres somente que ele
podia fazer pesquisas e recolher os

documentos necessários ao seu livro. A casa de Portman Square estava alugada (mr. Quarles maldizia o imposto sobre a renda, mas eram suas próprias especulações com o açúcar as principais responsáveis); e era em um modesto apartamento de Bloomsbury (“convenientemente perto do Museu”), que ele acampava quando as necessidades da erudição o chamavam à cidade.

No decorrer das últimas semanas, essas necessidades tinham sido mais peremptórias que de costume. Suas visitas a Londres tornaram-se frequentes

e prolongadas. Depois da segunda dessas visitas, mrs. Quarles ficara a perguntar-se se o marido tinha achado uma outra mulher. E quando, ao regressar da terceira viagem, e, alguns dias depois, nas vésperas de uma quarta, ele se pôs a lamentar com ostentação, falando da enorme complexidade da história da democracia entre os antigos hindus, Rachel ficou convencida de que havia ali outra mulher. Ela conhecia Sidney o bastante para estar certa de que, se ele tivesse realmente compulsado documentos sobre os antigos hindus, não teria nunca se dado o

trabalho de falar deles à mesa — pelo menos de uma maneira tão prolongada e com tanta insistência. Sidney falava pela mesma razão que a sépia perseguida esguicha tinta — para dissimular seus movimentos. Por trás da nuvem de tinta dos antigos hindus esperava ir refestelar-se em Londres sem ser observado. Pobre Sidney! Ele se julgava tão maquiavélico! Mas sua tinta era transparente, o seu ardil era digno de uma criança.

— Você não pode conseguir que te mandem os livros da London Library? — perguntou mrs. Quarles de uma

maneira um pouco contundente.

Sidney balançou a cabeça.

— São dessa espécie de livros — disse ele com importância — que se encontram somente no Museu.

Rachel suspirou e limitou-se a esperar que a tal mulher fosse suficientemente esperta para evitar toda complicação séria, mas não tanto que quisesse prevalecer-se da situação.

— Acho que vou à cidade com vocês amanhã — anunciou ele na manhã anterior ao dia da partida de Philip e Elinor.

— Outra vez? — perguntou mrs.

Quarles.

— Uma dúvida a respeito... aaa... desses malditos hindus — explicou ele. — É uma coisa que realmente preciso elucidar. Acho que vou descobri-la no livro de... aaa... Pramathanatha Banerjea... Ou, talvez, ela tenha sido tratada por Radakhumud Mookerji — pronunciou esses nomes de maneira impressionante, profissional. — Trata-se do governo local na época dos Máurias. Muito democrático, é sabido, a despeito do despotismo central. Por exemplo...

Através da nuvem de tinta mrs.

Quarles vislumbrava uma figura de mulher.

Terminada a refeição matinal, Sidney se retirou para seu gabinete de trabalho e atirou-se às suas palavras cruzadas da manhã. Uma espécie de cebola, quatro letras. Visões antecipadas do amanhã o distraíam; não podia fixar a atenção no passatempo. “Os seios da rapariga”, pensava ele, “seu dorso liso e branco...” Será “cebolinha”? Não servia; tinha nove letras. Caminhando até a prateleira de livros, Sidney Quarles apanhou a sua Bíblia; as páginas finas rugiram sob seus dedos.

“O seu umbigo é uma taça redonda a que não falta o vinho. O seu ventre é como um monte de trigo cercado de açucenas. Os seus dois peitos são como dois cabritinhos gêmeos, filhos da cabra montês.” Salomão falava por ele, e com que rica eloquência ribombante! “As juntas das suas coxas são como colares feitos por mão de mestre.” Sidney leu estas palavras em voz alta. Gladys tinha um corpo perfeito... “Como uma taça redonda a que não falta o vinho.” Aqueles orientais sabiam o que era a paixão. Dando à libidinidade o nome impróprio de *paixão*, mr. Quarles se

considerava um homem muito apaixonado. “O seu ventre é como um monte de trigo cercado de açucenas.” A paixão é respeitável, é efetivamente respeitada pela lei em alguns países. Para os poetas ela é até sagrada. Mr. Quarles concordava com os poetas. Mas, “como dois cabritinhos gêmeos” era um símbolo estranho e inadequado. Gladys era nutrida sem ser gorda, e firmemente elástica. Os cabritinhos monteses, ao contrário... Como um homem de grandes paixões, Sidney podia considerar-se como uma figura heroica e nobre. “Um jardim fechado é

minha irmã, minha noiva, um manancial fechado, uma fonte selada. Os seus brotos são um pomar de romãs com frutos preciosos. A hena com o nardo, o nardo e o açafrão, a cana aromática e o cinamomo, com todas as árvores do incenso; a mirra...” Mas, está claro, a palavra é “alho”! Quatro letras. Uma espécie de cebola. “Mirra e aloés, com todas as principais especiarias.”

O trem que os Quarles tomaram na manhã seguinte estava com um atraso de quase vinte minutos.

— Que escândalo! — repetia mr. Quarles, olhando o relógio. — É uma

vergonha!

— Você está com muita pressa de encontrar os teus hindus — disse Philip, sorrindo do seu canto.

O velho franziu a sobancelha e desviou a conversa. Em Liverpool Street se separaram, Sidney tomou um táxi e Philip e Elinor tomaram outro. Sidney chegou ao seu apartamento exatamente na hora. Estava ainda ocupado em lavar as grandes mãos carnudas, sujas da viagem, quando a campainha retiniu. Apressou-se em enxugar as mãos e depois, compondo a fisionomia, dirigiu-se para o hall e abriu a porta. Era

Gladys. Sidney a recebeu com uma espécie de majestade condescendente, o queixo estendido, o peito puxado para trás, o colete em relevo bojudo, mas sorrindo do alto para a moça (Gladys chamava a si mesma *petite*), os olhos a cintilarem benevolamente através das pálpebras semicerradas. Foi uma carinha impudente, comum, de nariz arrebitado, que lhe retribuiu o sorriso. Mas não tinha sido aquela cara que trouxera mr. Quarles a Londres, não fora Gladys Helmsley como indivíduo; fora o simples aspecto genérico da mulher, fora a sua “figura”, como diria Sidney num

eufemismo.

— Você é muito pontual, minha pequena — disse ele, segurando-lhe a mão.

Gladys ficou um pouco surpreendida diante da frieza da recepção. Depois do que se tinha passado a última vez, ela esperava algo de mais terno.

— Sou mesmo? — fez ela, na falta de melhor coisa a dizer; e, uma vez que os seres humanos só dispõem de um número limitado de ruídos e de caretas para exprimir a multiplicidade de suas emoções, a moça se pôs a rir como se alguma coisa a tivesse divertido,

embora na realidade ela não se sentisse senão cheia de surpresa e embaraço. Gladys tinha na ponta da língua as palavras para perguntar ao amigo, de uma maneira provocante e petulante, por que não a beijava, e se já estava enfiado dela. Mas decidiu esperar.

— Quase pontual em demasia — continuou Sidney. — Meu trem teve um atraso realmente escandaloso. Realmente escandaloso!

Sidney Quarles irradiava indignação.

— Veja só! — disse Gladys. O refinamento que envolvia suas palavras,

como um disfarce demasiadamente distinto, caía, de tempos em tempos, deixando certas palavras e certas frases na nudez de seu acento londrino.

— É realmente escandaloso! — disse Sidney. — Os trens não têm o direito de andar fora do horário. Vou escrever ao superintendente do Tráfego de Liverpool Street. Não tenho... aaa... certeza — acrescentou, ainda com mais importância —, mas é possível que escreva também ao *Times*.

Gladys estava impressionada. Esse era, aliás, o efeito visado por mr. Quarles. Fora de todas as satisfações

simplesmente sensuais, o maior encanto de suas férias amorosas residia no fato de reparti-las com companheiras fáceis de impressionar. Sidney gostava que elas fossem não somente jovens, mas também de classe inferior, e pobres. Sentir-se superior sem nenhum equívoco, ver-se sinceramente admirado, era para Sidney um luxo quase tão grande como um abraço carnal. Suas escapadas eram feriados não somente para a castidade, mas também para aquela sensação de inferioridade que, em casa, no Parlamento, no escritório, o tinha

sempre assombrado como um fantasma, com insistência crescente. Na presença de mulheres jovens de condição inferior, ele se tornava um grande homem, ao mesmo tempo que um “apaixonado”.

Gladys, por sua vez, ficava impressionada pelos seus trovões. Mas não achava menos graça. Impressionada porque pertencia ao mundo dos escravos do salário, criaturas pobres e pacientes, que aceitam as sensaborias da vida social como outros tantos fenômenos naturais, recalcitrantes aos desejos humanos e incontroláveis pela ação humana. Mas Sidney era um dos ricos do

Olimpo: os ricos recusam aceitar as sensaborias; escrevem ao *Times* a esse respeito, passam telegramas, usam da sua influência, fazem queixas à polícia, sempre amiga e obsequiosa. Para Gladys tudo aquilo era maravilhoso — maravilhoso, mas também muito engraçado. Havia tantos requebros, tanta afetação naquela história! Dava a impressão de uma paródia de si mesma, representada no palco de um *music-hall*. Ela admirava, ela compreendia muito bem as causas econômicas e sociais da conduta de Sidney — e fora mesmo essa compreensão intuitiva que tão

prontamente tinha feito dela sua amante. Mas Gladys ria do caso ao mesmo tempo. Faltava-lhe o sentimento de reverência.

Mr. Quarles abriu a porta do pequeno salão e afastou-se para deixá-la passar.

— “Brigada”! — disse Gladys. E entrou.

Sidney a seguiu. Sobre a nuca, os seus cabelos negros, cortados rente, terminavam num pequeno triângulo cuja ponta descia ao longo da espinha dorsal. A rapariga estava metida num fino vestido verde. Através da fazenda tênue

ele via, bem abaixo das espáduas, a linha em que as roupas de baixo davam lugar à pele nua. Gladys usava um cinto de couro negro brilhante, posto obliquamente sobre as ancas, e muito baixo. A cada um de seus passos o cinto subia e descia sobre a anca esquerda, com uma regularidade rítmica. As meias eram cor de carne queimada de sol. Mr. Quarles, que pertencia a uma época em que as damas pareciam deslizar sobre rodas, era particularmente sensível ao encanto das barrigas de perna; regalava-se com a moda atual e não conseguia desembaraçar-se completamente da

ideia de que as jovens que a adotavam tinham se tornado indecentes em proveito dele, de propósito deliberado, porque desejavam ser suas amantes... O velho seguia com os olhos as curvas daquela segunda cútis queimada e lustrosa. Mas o que mais o fascinava, agora, era o cinto de couro negro que se erguia e baixava sobre a anca esquerda, com a regularidade de uma peça de mecanismo, cada vez que a moça avançava uma perna. Naquelas subidas e descidas, toda a espécie individualizada, o sexo inteiro, lhe faziam um sinal semafórico de chamada.

Gladys deteve-se e voltou-se para ele com um sorriso, faceira, esperando alguma coisa. Mas mr. Quarles não fez gesto que correspondesse à sua expectativa.

— Tenho aqui a Corona. Talvez seja melhor começarmos imediatamente.

Pela segunda vez Gladys sentiu-se surpreendida; pensou em fazer um comentário, mas também dessa vez não disse nada, contentando-se com sentar-se em silêncio diante da máquina de escrever.

Mr. Quarles pôs o pincenê de aros de tartaruga e abriu a sua bolsa. Tinha

arranjado uma amante, mas não via por que devesse perder uma datilógrafa cujos serviços, no fim das contas, eram remunerados.

— Talvez — disse ele, erguendo o olhar para ela, por cima das bordas do pincenê —, talvez seja melhor começar essas cartas ao superintendente do Tráfego e ao *Times*.

Gladys ajustou o papel na máquina e escreveu a data. Mr. Quarles pigarreou e começou a ditar. Havia algumas frases boas, felizes em suas cartas, constatou ele com vaidade. “Negligência inescusável que acarreta a perda de um

tempo bem mais precioso que o dos burocratas sonolentos das estradas de ferro” — esta, por exemplo, era excelente. E assim (desta vez para o *Times*) a passagem: “Os animados parasitas sociais de uma indústria protegida”.

— É uma lição para esses patifes! — disse o velho Quarles com satisfação ao reler suas cartas. — Isto vai moê-los. — Olhou para Gladys, à procura de um aplauso, e não ficou inteiramente satisfeito com o sorriso que viu no rosto impertinente da rapariga. — Uma pena que o velho lord Hagworm não esteja

vivo — acrescentou, chamando a si aliados fortes. — Eu teria escrito a ele. Era administrador da companhia. — Mas o último dos Hagworm havia morrido em 1912. E Gladys continuava a mostrar-se mais divertida do que admirada.

Mr. Quarles ditou ainda uma dúzia de cartas, as respostas a uma correspondência que tinha deixado acumular-se durante vários dias antes de vir a Londres, de maneira que o total parecesse mais importante, e também para que ele pudesse tirar do serviço de Gladys, como secretária, um proveito

que correspondesse plenamente aos honorários que pagava.

— Deus seja louvado — disse ele, quando terminou a resposta à última das cartas. — Você não tem ideia — continuou (e o grande pensador tinha vindo reforçar o proprietário de terras) —, você não tem ideia de como... aaa... são exasperantes estas coisinhas triviais, quando se tem algo realmente mais importante em que pensar.

— Sim, acho que devem ser... — volveu Gladys, que o estava achando impagável.

— Tome nota! — ordenou mr.

Quarles a quem uma *pensée* tinha subitamente ocorrido. Inclinou-se para trás na sua cadeira e, cerrando os olhos, pôs-se a perseguir a expressão fugitiva.

Gladys esperava, com os dedos suspensos por cima do teclado. Olhou para o relógio de pulso. Meio-dia e dez. Dentre em breve seria hora do almoço. Um relógio novo — era a primeira coisa que havia de pedir ao velho. O que ela tinha era barato e feio, e nunca andava certo...

— Nota para o volume de *Reflexões* — disse mr. Quarles, sem abrir os olhos. As teclas fizeram o seu tá-tá-tá

rápido. — “Os pináculos de marfim do pensamento” — Sidney repetia as palavras interiormente. Elas provocaram ecos satisfatórios nos corredores de seu espírito. A expressão estava apanhada. Sidney Quarles empertigou-se na cadeira, num movimento brusco, e reabriu os olhos, para perceber que a liga de uma das meias de Gladys, em fio de algodão cor de carne queimada, estava visível, do lugar em que ele se achava, e a uma distância considerável acima do joelho.

— Toda a minha vida — ditou ele, com os olhos fitos na liga da meia —,

sofri interrupções inconsequentes — não, ponha “*importunas*” — da trivialidade do mundo, ponto. Há pensadores, vírgula, eu sei, vírgula, que são... aaa... capazes de ignorar voluntariamente essas interrupções, vírgula, de dar-lhes uma atenção passageira mas suficiente, vírgula, e de retornar então com o espírito sereno às coisas mais elevadas, ponto final.

Houve um silêncio. “Acima da malha de algodão”, pensava mr. Quarles, “havia a pele, macia, distendida sobre a carne firme e curva. Acariciá-la, e, acariciando, sentir

sedosamente acariciadas as pontas dos dedos. Comprimir uma nesga de carne elástica. Morder, mesmo. Como uma taça redonda, como um monte de trigo.”

Gladys, ao notar de súbito a direção dos olhares do homem, puxou a saia.

— Onde estava eu? — perguntou mr. Quarles.

— “Com o espírito sereno às coisas mais elevadas” — respondeu Gladys, lendo na folha que tinha diante dos olhos.

— Hum! — Sidney esfregou o nariz. — Para mim, vírgula, ai! vírgula, uma tal serenidade foi sempre impossível,

ponto e vírgula; tenho uma sensibilidade nervosa... aaa... demasiadamente forte, ponto. Arrastado dos pináculos de marfim do pensamento (recitou a frase com delícia) para ser lançado à poeira comum, vírgula, fico exasperado, vírgula, perco toda a paz de espírito e sinto-me incapaz de guindar-me novamente à minha torre.

Levantou-se e começou a passear desassossegado, no quarto, de um lado para outro.

— Esse foi sempre o meu mal — comentou ele. — Sensibilidade em demasia... Um pensador não deveria ter

temperamento, nem nervos, realmente não devia. Não tem o direito de ser apaixonado.

“A pele”, pensava ele, “a carne elástica e firme...” Deteve-se atrás da cadeira de Gladys. O pequeno triângulo dos cabelos rentes descia em ponta ao longo da espinha dorsal. Sidney pousou a mão nos ombros da secretária e inclinou-se sobre ela.

Gladys ergueu os olhos, sorrindo de uma maneira impertinente e triunfal.

— Então? — perguntou.

Mr. Quarles inclinou-se ainda mais e beijou-lhe a nuca. A moça soltou uma

risadinha espremida.

— Como sinto cócegas!

Os dedos de Sidney a exploravam, descendo ao longo dos braços, apertando-lhe o corpo — o corpo da espécie, do sexo inteiro. A Gladys individualizada continuou a emitir as suas risadinhas.

— Travesso! — exclamou ela, fingindo que afastava as mãos do velho.
— Traquinas!

Capítulo XXI — HÁ UM MÊS
— DISSE ELINOR, enquanto o
táxi saía da estação de
Liverpool Street —
estávamos em Udaipur.

— Não há dúvida de que parece inverossímil — volveu Philip, concordando com a ideia que a observação da mulher trazia implícita.

— Esses dez meses de viagem passaram como uma hora no cinema. Olha ali o cais. Chego a duvidar de que estive fora... — Suspirou. — É uma sensação um tanto aflitiva.

— Você acha? Suponho que já me acostumei a isso. Parece-me sempre que o passado não existe. — Alongou o pescoço pela portinhola. — Para que perder tempo com o Taj Mahal quando temos a catedral de São Paulo para olhar? Que maravilha!

— E aquele maravilhoso branco e negro da pedra...

— Sim, dir-se-ia uma gravura. Duplamente uma obra de arte. Não apenas arquitetura, mas uma arquitetura representada em água-forte. — Inclinou-se para trás. — Eu pergunto a mim mesmo com frequência se alguma vez

cheguei a ter uma infância — prosseguiu, voltando à conversação precedente.

— É porque nunca pensas nela. Há um mundo de coisas de minha infância que para mim são mais verdadeiras que este nosso Ludgate Hill. Mas acontece que eu penso nisso constantemente.

— É verdade — disse Philip. — Não procuro recordar com frequência. Para falar a verdade, quase nunca. Parece-me que sempre tenho coisas demais a fazer, coisas demais em que pensar.

— Você não tem piedade natural. E

eu quisera que tivesse...

Rolaram ao longo do Strand. As duas igrejinhas velhas protestavam contra a massa toda nova da “Australia House”, mas em vão. No pátio do King’s College, um grupo de rapazes e de moças estava sentado ao sol, esperando o professor de Teologia Pastoral. À entrada da plateia do Gaiety havia já algumas pessoas enfileiradas, formando um começo de cauda; os cartazes anunciavam a quadringentésima representação de *A menina de Biarritz*. Ao lado do Savoy, observou Philip, podia-se ainda comprar um par de

botinas por doze xelins e meio. Em Trafalgar Square os repuxos jorravam, os leões de sir Edwin Landseer dardejavam suavemente seu olhar feroz, o amante de lady Hamilton estava empoleirado lá no alto, entre as nuvens, como são Simeão Estilita. E, atrás da austera colunata da National Gallery, os cavaleiros de Uccello combatiam esquecidos do tempo que fugia, Rubens raptava as suas sabinas, Vênus se mirava em seu espelho e, no meio dos anjos de Piero que cantavam em coro, Jesus nascia, dentro de um mundo magicamente encantador.

O veículo obliquou para descer em Whitehall.

— Gosto de pensar em todos esses burocratas.

— Pois eu não — disse Elinor.

— Escrevendo, escrevendo... — continuou Philip —, escrevendo desde a manhã até a noite a fim de que possamos viver com liberdade e conforto. Escrevendo, escrevendo... O resultado é o Império Britânico. Que bem-estar sentimos em viver num mundo em que podemos delegar a outrem tudo o que é aborrecível, desde a necessidade de governar até a fabricação de salsichas!

À porta dos Horse Guards, as sentinelas a cavalo tinham o ar de figuras empalhadas. Perto do Cenotáfio achava-se uma senhora de idade madura, os olhos erguidos, murmurando uma oração por cima da kodak com a qual se propunha tirar um instantâneo das almas dos novecentos mil mortos. Um sikh de barba negra e turbante cor de malva pálida saiu da casa Grindley no momento em que Philip e Elinor passavam. Pelo Big Ben, eram onze horas e vinte e sete minutos. Haveria algum marquês a dormir na biblioteca da Câmara dos Pares? Um ônibus

despejou os seus americanos à porta da abadia de Westminster. Olhando para trás, pela janelinha traseira da capota, Philip e Elinor puderam ver que o hospital estava ainda em necessidade urgente de fundos.

A casa de John Bidlake ficava na Grosvenor Road, com vista para o rio.

— Pimlico — disse Philip meditativamente, ao se aproximarem da casa. Riu. — Você se lembra daquela canção ridícula que teu pai citava sempre?

— “Vamos todos a Pimlico” — cantarolou Elinor.

— “Uma estrofe falta aqui”. É preciso não esquecer isto! — Riram ambos, lembrando-se dos comentários de John Bidlake.

— “Uma estrofe falta aqui...” Faltava em todas as antologias. Nunca pude descobrir o que se passou quando eles chegaram a Pimlico. Durante muitos anos fiquei a pensar nisso, febrilmente. Não há nada como o bowdlerismo para inflamar a imaginação.

— Pimlico — repetiu Philip. — “O velho Bidlake”, pensou ele, “tinha feito de Pimlico uma espécie de olimpo rabelaisiano. Gostava da expressão.

Mas, para o uso público, ele preferia gargantuesca a rabelaisiana. Aos que não o tinham lido nunca, Rabelais não evocava senão a ideia de pornografia. Um olimpo gargantuesco, então. Tinha-se pelo menos notícias de que Gargântua era grande.”

Mas o John Bidlake que eles encontraram sentado perto da estufa, no seu estúdio, não tinha nada de olímpico; sua estatura, em vez de sobre-humana, parecia antes um tanto minguada. Deixou-se beijar pela filha e apertou molemente a mão do genro.

— Folgo em ver vocês de novo —

declarou ele. Mas não havia nenhuma ressonância na sua voz; aquele eco tonitruante de risos joviais estava ausente dela. Ele falava sem nenhum entusiasmo. Seus olhos estavam sem lustro e estriados de sangue. O velho Bidlake tinha uma aparência de magreza; estava cinzento.

— Como vai, papai? — Elinor ficou surpresa e cheia de pena. Nunca vira o pai em tal estado.

— Mal... — respondeu ele, balançando a cabeça —, mal... Há qualquer coisa que não funciona bem aqui dentro. — Mostrou o ventre. O

velho leão subitamente se pôs a rugir, conforme a sua maneira habitual. — Fazer a gente andar vida afora carregando um montão de tripas! Eu sempre quis mal a Deus por causa dessas brincadeiras de mau gosto... — O rugido se fez queixa. — Não sei o que está acontecendo às minhas vísceras agora. Mas é qualquer coisa de muito desagradável. — A queixa degenerou quase em lamúria. — Eu me sinto desgraçado.

John Bidlake descreveu com minúcia os sintomas de seu mal.

— Consultou um médico? —

perguntou Elinor, quando o pai terminou.

O velho negou com a cabeça.

— Não acredito nos médicos. Nunca fazem bem nenhum à gente. — A verdade era que ele tinha um terror supersticioso dos médicos. Detestava vê-los em casa: eram aves agourentas.

— Mas você devia chamar, falando sério!

Elinor tentou convencê-lo.

— Bom — consentiu por fim o velho Bidlake, resmungando. — Que venham os charlatães. — Mas secretamente sentia certo alívio. Havia já algum tempo que desejava consultar um

médico; mas até então a superstição tinha sido mais forte que esse desejo. O feiticeiro de mau agouro podia vir agora, não a chamado seu, mas de Elinor. A responsabilidade não era sua; não seria, portanto, sobre ele que a desgraça havia de cair. A religião particular do velho Bidlake era obscuramente complicada.

Começaram a falar de outras coisas. Agora que sabia poder consultar um médico em segurança, John Bidlake se sentia melhor e mais animado.

— Estou inquieta com ele — disse Elinor no táxi que a levou em companhia

do marido.

Philip concordou com um meneio de cabeça.

— Ter setenta e três anos não é brincadeira. Ele começa a aparentar a idade que tem.

“Que cabeça!”, pensava Philip. Quisera ser pintor. A literatura era impotente para reproduzir aquilo. Poder-se-ia descrever, é claro, a menor ruga. Mas a que resultado se chegaria dessa maneira? A nenhum. As descrições são coisa lenta; um rosto é instantaneamente percebido. Uma palavra, uma simples frase — era o de

que se precisava. “A glória que foi a Grécia, agora decrépita.” Esta, por exemplo, diria já alguma coisa do homem. Mas, naturalmente, não bastava. As citações têm em si alguma coisa de chistosamente pedante. “Uma estátua em pergaminho” — seria melhor esta... “A estátua em pergaminho daquele que outrora fora Aquiles estava sentada, encolhida, ao pé da estufa...” Sim, aproximava-se do objetivo. Nada de descrições de longo fôlego. Mas, para quem quer que alguma vez tivesse visto um molde em gesso do Discóbolo, para quem quer que tivesse manejado um

livro encadernado em pergaminho e ouvido falar de Aquiles, John Bidlake tornava-se visível naquela única frase. Mas e os que nunca haviam visto a estátua grega, nem lido nada sobre Aquiles num livro de capa de couro de carneiro enrugado? Pois esses... podiam ir para o diabo!

“Apesar de tudo”, pensava Philip, “é demasiadamente literário. Cultura em excesso.”

Elinor rompeu o silêncio.

— Eu só queria saber é como vou encontrar Everard, agora que ele se tornou um grande homem. — Via em

imaginação aquele rosto ardente, aquele corpo enorme mas ágil. Rapidez e violência... E Webley estava apaixonado por ela. E ela?... Gostava daquele homem? Ou detestava-o?

— Pois queria só saber se ele já se pôs a puxar as orelhas do povo, como Napoleão... — disse Philip, rindo. — Em todo caso não passa de uma questão de tempo.

— Apesar de tudo, gosto dele. — A zombaria de Philip lhe tinha fornecido uma resposta à sua própria pergunta.

— Eu também gosto dele. Mas será que não posso rir quando tenho vontade?

— Você também ri de mim. É porque gosta de mim?

Philip tomou a mão da esposa e beijou-a.

— Eu te adoro e nunca rio de você. Levo-a perfeitamente a sério.

Elinor olhou para ele sem sorrir.

— Há momentos em que você me deixa desesperada. Que faria se eu fosse embora com outro homem? Isso te importaria, um bocadinho que fosse?

— Eu me sentiria verdadeiramente desgraçado.

— É verdade? — Elinor fitou os olhos nele. Philip sorria; estava mil

quilômetros afastado... — Pois tenho vontade de fazer a experiência — acrescentou ela, enrugando a testa. — Mas será que você se sentiria mesmo desgraçado? Eu queria ter certeza disso antes de começar...

— E quem seria o seu companheiro de experiência?

— Ah! Eis a dificuldade. A maioria dos outros homens é tão insuportável...

— Que elogio!

— Mas você também é insuportável, Phil! Você é o mais insuportável de todos, para falar a verdade. E o pior é que eu te amo, apesar de tudo. E você

sabe. Sim, e você explora essa circunstância.

O carro parou à beira da calçada. Elinor estendeu a mão para tomar o seu guarda-chuva.

— Mas tome cuidado — continuou ela, levantando-se. — Eu não te deixarei abusar de mim indefinidamente. Não quero continuar toda a minha vida a dar muito a troco de nada. Um destes dias eu me ponho à procura do “outro”...

Saltou para a calçada.

— Por que não experimenta Everard? — caçoou ele, seguindo-a com os olhos pela portinhola do veículo.

— Talvez experimente. Sei que Everard não deseja outra coisa.

Philip pôs-se a rir e atirou-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

— Diga ao chofer que me leve ao clube.

Everard fê-la esperar quase dez minutos. Quando acabou de pôr um pouco de pó no rosto, Elinor explorou curiosamente a sala. As flores estavam abominavelmente mal arranjadas. E aquela vitrina cheia de velhos sabres, de punhais, de pistolas guarnecidas de incrustações, era horrenda, como um mostruário de museu; era uma

monstruosidade, embora fosse ao mesmo tempo e de certo modo tocantemente absurda. Desde o colégio Everard conservava a ambição de correr mundo a cavalo e de decepar cabeças aqui e ali; a vitrina o denunciava. O mesmo acontecia com aquela mesa de plancha de vidro, com seu tabuleiro cheio de medalhas e moedas, sob uma cobertura de cristal. Com que orgulho ele lhe tinha mostrado seus tesouros! Havia lá a tetradracma macedoniana, com a cabeça de Alexandre, o Grande, na atitude de Hércules; o sestércio do ano 44 antes da nossa era, com o perfil formidável de

César, e, ao lado dele, o real de Edward III, estampado com a efígie do navio que simbolizava o início do poderio marítimo da Inglaterra. E lá estava ainda, sobre a medalha do Pisanello, Sigismundo Malatesta, o mais belo dos rufiões; e mais a rainha Elizabeth com sua golilha alta, um Napoleão com louros na cabeça, e o duque de Wellington. Elinor sorriu afetuosamente para aquelas figuras; eram velhos amigos. O que havia de agradável em Everard, pensava Elinor, era que com ele a gente sempre sabia a quantas estava. Webley era sempre, e de maneira

perfeitamente definida, ele mesmo; vivia à altura de sua reputação. Elinor abriu o piano e tocou um par de acordes: o instrumento estava desafinado, como de costume.

Sobre a mesinha perto da chaminé havia um volume dos últimos *Discursos e proclamações* de Everard. Elinor tomou do livro, folheou-o. “A política dos Ingleses Livres”, leu ela, “pode-se resumir assim: socialismo sem democracia política e nacionalismo sem insularidade.” Aquilo soava bem. Mas, se ele tivesse escrito: “democracia política sem socialismo, e insularidade

sem nacionalismo”, ela o teria admirado provavelmente com a mesma sinceridade. Ah, aquelas abstrações! Elinor balançou a cabeça e suspirou. — “Devo ser uma tola”, pensou. Mas aquelas abstrações eram efetivamente destituídas de sentido para ela. Absolutamente vazias. Palavras, nada mais que palavras. Voltou a página: “O sistema dos partidos funciona bastante bem quando os partidos são simplesmente dois grupos de oligarcas rivais, que pertencem à mesma classe, que têm no fundo os mesmos interesses e o mesmo ideal, e que lutam um contra o

outro pelo poder. Mas quando os partidos se identificam com as classes e aplicam de modo rigoroso os princípios partidários, o sistema se torna um absurdo. Pelo fato de eu me sentar de um lado na Câmara e você do outro, sou compelido a admitir o individualismo com exclusão de toda interferência do Estado, e você é constrangido a admitir a interferência do Estado com exclusão de todo individualismo; sou obrigado a admitir o nacionalismo, mesmo o nacionalismo econômico (que é um absurdo), você é compelido a admitir o internacionalismo, mesmo o

internacionalismo político (que não é um absurdo menor); sou forçado a admitir a ditadura dos ricos (com a exclusão dos inteligentes), você é levado a aceitar a ditadura dos pobres (igualmente com exclusão dos inteligentes). Tudo isso pela razão simplíssima, e politicamente inconsequente, de eu ser da direita e você da esquerda. Em nossos parlamentos, os direitos da topografia são mais fortes do que os do bom senso. Eis os benefícios do moderno sistema de partidos. E o alvo dos Ingleses Livres é abolir esse sistema, bem como o parlamentarismo corrompido e

impotente que lhe serve de corolário”.

“Tudo isso parecia certo”, pensou Elinor; mas ficou a perguntar a si mesma, não obstante, por que motivo as pessoas se atormentavam com coisas daquele gênero. Em lugar de viver, simplesmente viver. Mas, segundo parece, quando se é homem, acha-se aborrecido simplesmente viver. Elinor reabriu o livro, mais ou menos no meio. “Cada uma das liberdades inglesas foi adquirida ao preço de uma nova escravidão. A destruição do feudalismo fortificou a Coroa. Durante a Reforma nos desembaraçamos da infalibilidade

papal, mas nos curvamos ao peso do direito divino dos reis. Cromwell esmagou o direito divino dos reis, mas impôs a tirania dos proprietários de terras e das classes médias. A tirania dos proprietários de terra e das classes médias está em via de destruição rápida, a fim de que tenhamos a ditadura do proletariado. Uma infalibilidade nova, não mais a do papa, mas sim a da maioria, foi proclamada — uma infalibilidade na qual somos obrigados a acreditar pela lei. — Os Ingleses Livres juraram fazer triunfar uma nova Reforma e uma nova revolução política. Nos

desembaraçaremos da ditadura do proletariado como nossos pais se desembaraçaram do direito divino dos reis. Negaremos a infalibilidade da maioria como eles negaram a infalibilidade papal. Os Ingleses Livres se batem...” Elinor sentiu alguma dificuldade no voltar a página... “Por que se batiam eles?”, perguntou ela a si mesma. Pela ditadura de Everard e a infalibilidade de Webley?... Soprou as páginas recalcitrantes, que se abriram enfim... “pela justiça e pela liberdade. Sua política é que os homens de mais valor devem governar, qualquer que seja

a sua origem. Todas as carreiras, numa palavra, devem ser largamente abertas aos talentos. Eis a justiça. Eles exigem que cada problema seja tratado objetivamente, sem referência aos prejuízos tradicionais de partidos nem à opinião sem valor das majorias estúpidas. Eis a liberdade. Os que imaginam que a liberdade é sinônimo de sufrágio universal...” Uma porta bateu; uma voz forte ressoou no vestíbulo. Houve um ruído de passos precipitados na escada; a casa tremeu. A porta do salão foi aberta violentamente, como se uma bomba tivesse explodido do outro

lado. Everard Webley entrou, numa torrente de ruidosas desculpas e boas-vindas.

— Como me posso desculpar? — gritou ele, tomando as mãos de Elinor. — Mas, se soubesse em que turbilhão eu vivo! Como é maravilhoso tornar a verte! E você não mudou nada. Encantadora como sempre. — Pousou no rosto dela um olhar profundo e intenso. — Os mesmos olhos pálidos e serenos, os mesmos lábios cheios e melancólicos... E está com uma aparência maravilhosa!

Elinor correspondeu-lhe ao sorriso. Everard tinha os olhos de um castanho

muito escuro; vistos de uma certa distância, pareciam inteiramente tomados pelas pupilas. “Bonitos olhos, mas um pouco inquietadores”, pensava ela, “por causa de sua fixidez intensa, brilhante, vigilante.” Ela mergulhou por um segundo o olhar neles, depois desviou-o.

— Você também — disse —, sempre o mesmo. É verdade que não vejo por que devêramos ter mudado. — Tornou a encarar Webley e viu que ele a olhava sempre com intensidade. — Dez meses em viagem pelos trópicos não é o bastante para nos transformar em outra

pessoa...

Everard pôs-se a rir.

— Felizmente! Demos graças aos céus! E agora, desçamos para o almoço.

— E Philip? — perguntou ele, quando o peixe foi servido. — Também é o mesmo de sempre?

— Um pouco mais o *mesmo*, se isso é possível.

Everard meneou a cabeça.

— Um pouco mais... Sim, compreendo... Era de se esperar. O fato de ver negros passeando sem calças deve tê-lo feito ainda mais cético do que era quanto às verdades eternas.

Elinor sorriu, mas ao mesmo tempo ficou um pouco ofendida pela zombaria.

— E que efeito produz em você o fato de ver tantos ingleses passeando de uniforme verde-ervilha?

Everard desandou a rir.

— Isso fortifica a minha crença nas verdades eternas, está claro.

— Verdades das quais você é uma, não?

O homem fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— Das quais sou uma, naturalmente.

— Olharam um para o outro, sorrindo. Foi Elinor que, de novo, afastou

primeiro o olhar.

— Obrigada pela informação. — Ela mantinha o tom de ironia. — Eu podia não ter adivinhado por mim mesma.

Houve um pequeno silêncio.

— Não imagine — disse ele por fim, com um tom que não era mais trocista, mas sério — que me vai enraivecerc chamando-me de presunçoso. — Everard falava docemente; mas sentiam-se nele enormes reservas em potência. — Outros poderiam conseguir isso, talvez. Mas é que não gostamos de ser incomodados pelos animais inferiores.

Esmagamo-los. Com seres humanos, nossos iguais, é diferente: com eles discutimos as coisas racionalmente.

— Que alívio ouvir de você estas palavras! — riu Elinor.

— Acha que eu tenho muita prosápia. E isso deve ser verdade num certo sentido. Mas o que há de grave é que sei muito bem que meu orgulho é justificado, sei por experiência. A modéstia é prejudicial, quando falsa. Milton diz que “nada é mais proveitoso do que a estima de si mesmo fundada sobre a justiça e o direito”. Sei que a minha repousa sobre a justiça e o

direito. Sei, estou absolutamente convencido disso, que posso fazer o que quero. Para que negar esta convicção? Vou tornar-me senhor, vou impor a minha vontade. Tenho resolução e coragem. E em muito pouco tempo terei a força organizada. Assumirei, então, o controle. Eu sei; por que haveria de fingir que ignoro? — Inclinou-se para trás na cadeira. Houve um longo silêncio.

“É absurdo”, pensava Elinor, “é ridículo falar dessa maneira.” Era o protesto de sua inteligência crítica contra seus sentimentos. Porque seus

sentimentos tinham sido estranhamente tocados. As palavras de Webley, o tom da sua voz, tão macio, deixando adivinhar entretanto, sob sua suavidade, tantas reservas latentes e vibrantes de força e paixão, a tinham conquistado. Quando ele dissera: “Vou tornar-me senhor”, foi como se ela houvesse tomado um trago de vinho quente e capitoso, tal fora o calor que subitamente lhe formigara no corpo todo. “É ridículo”, repetia ela interiormente, tentando tirar de Webley uma desforra da conquista fácil, tentando punir os traidores que moravam

dentro de sua própria alma e que tinham capitulado tão facilmente. Mas o que estava feito era impossível de se desfazer de maneira completa. As palavras podiam ser ridículas, mas o fato era que, quando ele as pronunciara, Elinor tinha vibrado de admiração súbita, de emoção, de um desejo estranho de exultar e de rir forte.

O criado trocou os pratos. Falaram de coisas indiferentes — da viagem de Elinor, dos acontecimentos de Londres durante sua ausência, de amigos comuns. Veio o café; ambos acenderam os seus cigarros; houve um silêncio. De que

modo seria ele quebrado? Elinor ficou a pensar nisso com apreensão. Ou melhor, não pensou, pois já sabia, e foi esse conhecimento profético que lhe deu tanta apreensão. Talvez pudesse frustrá-lo, rompendo ela mesma o silêncio. Era possível que, continuando a palestrar rapidamente, conseguisse manter a conversação num plano neutro até que chegasse a hora de ela partir. Mas lhe pareceu de súbito que não havia mais nada a dizer. Elinor se sentiu como que paralisada pela aproximação do acontecimento inevitável. Nada mais podia fazer senão ficar sentada e

esperar. E por fim o inevitável aconteceu, como devia acontecer.

— Você se lembra — perguntou ele lentamente, sem erguer os olhos — do que eu te disse antes de tua partida?

— Julguei que tivéssemos combinado não voltar a falar nisso...

Everard jogou a cabeça para trás, com uma pequena risada.

— Pois você se enganou. — Olhou-a e leu nos olhos dela uma expressão de angústia e de inquietude, um apelo à sua demência. Mas foi implacável. Fincou os cotovelos na mesa e se inclinou para ela.

Elinor baixou os olhos.

Com sua voz macia cheia de reservas latentes de violência, ele falou: — Você me disse que não mudei, no que diz respeito à fisionomia. Pois bem, meu coração também não mudou. Ficou o mesmo, Elinor, sempre o mesmo como no momento em que você partiu. Eu te amo tanto quanto te amei sempre, Elinor. Não, eu te amo mais. — Ela estendera a mão para a frente, pousando-a na mesa. Webley estendeu também uma das suas e tomou a de Elinor. — Elinor... — murmurou.

Ela balançou a cabeça sem olhar

para o amigo.

Docemente, apaixonadamente, ele continuou a falar:

— Você não sabe o que pode ser o amor. Você não sabe o que eu posso te dar. O amor que é desesperado e louco, como uma esperança derradeira. E ao mesmo tempo terno, como o de uma mãe para com o filho doente... O amor que é violento e suave, violento como um crime e suave como o sono.

“Palavras”, pensava Elinor, “palavras absurdas, melodramáticas.” Mas elas comoviam, como a lisonja dele a tinha comovido.

— Por favor, Everard — disse em voz alta —, cale-se. — Não queria ser comovida. Fez um esforço para manter o olhar firme, ao passo que observava o rosto dele, seus olhos vivos e escrutadores. Tentou um sorriso, balançou a cabeça. — Porque é impossível, e você bem sabe.

— Tudo o que sei — disse ele lentamente — é que você tem medo. Medo de vir para a vida. Porque você viveu meio morta, todos estes anos. Não teve a menor oportunidade de despertar plenamente para a vida. E sabe que eu posso te dar. Você tem medo. Tem medo.

— Que tolice!

Aquilo tudo era bombástico, melodramático.

— E talvez tenha razão, em certo sentido. Estar vivo, verdadeiramente vivo, não é brincadeira. É perigoso. Mas, por Deus! — e toda a violência latente de sua voz doce vibrou de súbito, solta, numa realidade sonora —, é sensacional.

— Se soubesse que susto você me deu! Gritando dessa maneira... — Mas não fora apenas susto o que ela sentira. Seus nervos e a sua própria carne palpitavam ainda às sensações obscuras

e violentas de exultação que a voz de Webley tinha despertado nela. “É ridículo”, pensava Elinor, para se tranquilizar. Mas era como se ela tivesse ouvido aquela voz diretamente com todo o seu corpo. Os ecos pareciam ressoar no seu próprio diafragma... “Ridículo”, repetiu ela... E, depois, que era aquele amor de que ele falava de uma maneira tão vibrante? Apenas um breve interlúdio de violência, nos intervalos dos negócios. Everard desprezava as mulheres, queria-lhes mal porque elas desperdiçavam o tempo e a energia de um homem. Elinor muitas vezes lhe

ouvira dizer que não tinha tempo para se ocupar com o amor. Suas investidas eram quase um insulto, como as propostas que se fazem a uma mulher da rua.

— Seja razoável, Everard — disse ela.

Everard retirou sua mão da de Elinor e depois, com uma risada, jogou-se para trás na cadeira.

— Muito bem. Por hoje.

— Para sempre. — Ela se sentiu profundamente aliviada. — De resto — acrescentou, citando uma frase de Webley com um leve sorriso irônico —,

você não é um membro da classe ociosa... Tem coisas mais importantes a fazer do que se ocupar com o amor.

Everard olhou-a por alguns instantes em silêncio, e seu rosto se fez grave, com um ar de ameaça pensativa. Coisas mais importantes a fazer? Era verdade, sem dúvida. Estava zangado consigo mesmo por desejá-la tão violentamente. E zangado também com Elinor por deixá-lo assim insatisfeito.

— Devemos falar sobre Shakespeare? — perguntou ele, sarcástico. — Ou sobre o copofone?

*

O preço da corrida foi três xelins e

seis pence. Philip deu ao condutor duas meias coroas e subiu os degraus do pórtico de seu clube, perseguido pelas palavras de agradecimento. Tinha por hábito dar gorjetas generosas. Não era por ostentação, nem porque tivesse pedido ou tencionasse pedir serviços especiais. (Realmente, poucos homens conseguiriam ser menos exigentes do que Philip para com os criados, muito poucos poderiam suportar com mais paciência um serviço malfeito e mostrar-se mais dispostos a desculpar negligências.) Nele a gorjeta generosa era a expressão material de uma espécie

de desdém carregado de remorsos e de desculpas. “Meu pobre diabo!”, parecia querer dizer a gratificação pródiga “lamento muito ser teu superior”. E talvez Philip desse também um xelim em reparação da sua própria indulgência para com os criados. Porque, se ele era pouco exigente, isso se devia tanto ao pavor e à aversão que lhe inspirava todo contato humano não absolutamente necessário, como aos sentimentos de consideração e polidez. Daqueles que o serviam Philip exigia pouco, pela boa razão de que queria ter o menor número possível de relações com eles. A

presença de serviçais o perturbava. Ele não gostava que sua intimidade fosse violada por pessoas estranhas. Ser obrigado a falar-lhes, a estabelecer um contato direto — não entre as inteligências, mas entre as vontades, os sentimentos, as intuições — com aqueles violadores, era-lhe sempre desagradável. Ele o evitava na medida do possível; e, quando o contato se tornava necessário, Philip fazia o possível para desumanizar as relações. A sua generosidade era assim, em parte, uma compensação à sua bondade inumana para com os que eram objeto

dela. Era, de certa maneira, uma penitência paga em dinheiro.

As portas estavam abertas; o escritor entrou. O vestíbulo de colunas era vasto, sombrio e fresco. O grupo alegórico de mármore, de sir Francis Chantrey, que representava a ciência e a virtude subjugando as paixões, se encolhia com todo o decoro clássico num nicho, em cima da escada. Philip pendurou o chapéu e foi passar os olhos pelos jornais na sala de fumar, esperando a chegada de seus convidados. Spandrell foi o primeiro a aparecer.

— Diga-me — pediu Philip, logo

depois que as primeiras saudações foram trocadas e pedido o vermute —, diga-me depressa, antes que ele apareça: que é que há com o meu jovem e ridículo cunhado? Que é que se passa entre ele e Lucy Tantamount?

Spandrell deu de ombros.

— Que é que se passa geralmente em tais casos? E de qualquer modo, serão estes o lugar e a hora para entrar em detalhes?

Apontou os outros ocupantes da sala de fumar. Um ministro, dois magistrados e um bispo estavam ao alcance da voz deles.

Philip pôs-se a rir.

— Mas eu apenas quero saber se a coisa é mesmo séria e quanto tempo parece que vai durar...

— É muito séria, no que diz respeito a Walter. Quanto à duração, quem sabe? Mas Lucy deve partir para o estrangeiro dentro de muito pouco tempo.

— Deus seja louvado! Ah! lá está ele! — Era Walter. — E Illidge também. — Philip lhes fez um sinal com a mão. Os recém-chegados recusaram o aperitivo. — Vamos comer em seguida, então — disse Philip.

A sala de jantar do clube de Philip

era imensa. Uma dupla fila de colunas coríntias de estuque suportavam um teto dourado. Sobre as paredes de um marrom de chocolate, os retratos dos membros ilustres, atualmente defuntos, olhavam a sala com um ar feroz. As cortinas de veludo cor de clarete achavam-se arrepanhadas por cordões, de cada lado das seis janelas; um tapete também cor de clarete amortecia o ruído dos passos, e, em suas librés cor de clarete, os garçons se movimentavam de um lado para outro, quase invisíveis, como insetos numa floresta.

— Sempre gostei desta sala — disse

Spandrell ao entrar nela com os outros. Parece uma montagem para um festim de Baltasar.

— Mas de um Baltasar bem anglicano — precisou Walter.

— Safa! — exclamou Illidge, que tinha deixado o olhar passear em torno. — São coisas deste gênero que me dão verdadeiramente a sensação de ser da plebe.

Philip se pôs a rir, presa de um leve mal-estar. Mudando de assunto, mostrou os criados no mimetismo de suas librés de um vermelho protetor. Eles confirmavam a hipótese darwiniana.

— É a sobrevivência dos mais aptos — disse o novelista, quando se sentaram todos à mesa que lhes estava reservada. — Os que trajavam de outras cores devem ter sido assassinados pelos sócios do clube enfurecidos. — Um dos sobreviventes cor de clarete trouxe o peixe. Começaram a comer.

— É curioso — disse Illidge, seguindo o fio dos pensamentos sugeridos pelas primeiras impressões da sala —, é verdadeiramente extraordinário, em suma, que eu esteja aqui. Pelo menos, sentado com vocês, na qualidade de convidado. Porque não

teria sido coisa de surpreender se eu estivesse aqui com uma dessas librés cor de vinho. Isso pelo menos estaria em harmonia com aquilo a que os pastores chamariam “minha condição social”. — Emitiu um riso breve de despeito. — Mas estar sentado aqui com vocês, assim deste modo, é mesmo quase incrível. E tudo isso se deve ao fato de um lojista de Manchester ter tido um filho com tendências para a tuberculose. Se Reggie Wright fosse uma criatura normalmente sã, eu a esta hora estaria provavelmente remendando sapatos em Lancashire. Mas felizmente Reggie tinha

bacilos de Koch no seu sistema linfático. Os médicos lhe prescreveram a vida do campo. O pai alugou uma casinha na minha aldeia, para a mulher e o filho, e Reggie foi para a escola do lugar. Mas o pai era ambicioso no que dizia respeito ao filho. (Que ratinho repugnante era ele!) — observou Illidge entre parênteses. — Queria que o rapaz entrasse mais tarde para o colégio de Manchester. Com uma bolsa de estudos. Pagou o nosso professor para lhe dar lições particulares. Eu era um bom aluno; o professor gostava muito de mim. Enquanto dava repetições a

Reggie, achou que podia também incluir-me nas aulas. Grátis, o que é mais importante. Não permitiu que minha mãe pagasse um níquel. Não que ela pudesse pagar muito facilmente, pobre mulher! Veio a época dos exames e fui eu quem ganhou a bolsa. Reggie foi reprovado. — Illidge riu. — Miserável fetinho tuberculoso! Mas eu lhe serei eternamente grato, assim como aos bacilos ativos das suas glândulas. Sem eles eu teria ido para a oficina de sapateiro de meu tio, numa aldeia de Lancashire. E são de coisas como essa que depende toda uma existência, de

alguma probabilidade absurda, uma contra um milhão. Uma insignificância, e toda a nossa vida fica alterada.

— Não, não foi uma insignificância — objetou Spandrell. — A sua matrícula gratuita não foi um acidente; ela estava completamente de acordo, completamente em harmonia com você. De outro modo você não a teria obtido, não estaria agora aqui. Duvido que haja acontecimentos de fato insignificantes. Tudo o que acontece é intrinsecamente semelhante ao homem a quem acontece.

— Isso é um tanto oracular, não acha? — objetou Philip. — Percebendo

os acontecimentos, os homens os deformam, expressemo-nos assim, de sorte que o que acontece parece-se com eles.

Spandrell deu de ombros.

— Pode ser que essa espécie de deformação exista. Mas eu creio que os acontecimentos se apresentam já feitos para se adaptarem às pessoas a quem acontecem.

— Que asneira! — exclamou Illidge, com desgosto.

Philip discordou de uma maneira mais polida.

— Mas pessoas diferentes podem

ser influenciadas pelo mesmo acontecimento de maneiras inteiramente diferentes e características.

— Eu sei — disse Spandrell. — Mas, por algum processo impossível de descrever, o acontecimento é modificado, modificado qualitativamente, de maneira que se adapte ao caráter de cada pessoa nele envolvida. É um grande mistério e um paradoxo.

— Para não dizer um absurdo e uma impossibilidade — acrescentou Illidge.

— Absurdo, seja. Impossibilidade, mesmo — concordou Spandrell. —

Mas, apesar de tudo, é assim que as coisas acontecem, na minha opinião. Por que haviam elas de ser logicamente explicáveis?

— Com efeito, por quê? — fez Walter, num eco.

— No entanto — interveio Philip —, essa providência de vocês faz, de um mesmo acontecimento, coisas qualitativamente diferentes para indivíduos diferentes. Não acham isto um pouco duro de digerir?

— Não é mais indigesto do que o fato de estarmos aqui. Nem mais indigesto do que tudo isto... — Apontou

a sala de jantar baltasariana, os convivas às suas mesas, os criados cor de ameixa, e o secretário perpétuo da Academia Britânica, que casualmente ia entrando na sala, em companhia do professor de poesia da Universidade de Cambridge.

Mas Philip insistiu nos seus argumentos.

— Mas admitindo, como fazem os homens de ciência, que a hipótese mais simples seja a melhor, embora eu nunca tenha encontrado em toda a minha vida uma justificativa, além da inépcia humana, para tal atitude...

— Apoiado! Apoiado!

— Que justificativa? — repetiu Illidge. — A justificativa da experiência, ora essa! Está experimentalmente verificado que a natureza faz, com efeito, as coisas da maneira mais simples.

— Ou então — disse Spandrell — que os seres humanos não compreendem senão as explicações mais simples. Na prática não seria possível distinguir entre essas duas alternativas.

— Mas se uma coisa tem uma explicação simples, natural, não pode ao mesmo tempo ter uma explicação

complicada, sobrenatural.

— Por que não? — perguntou Spandrell. — Pode muito bem acontecer que sejamos incapazes de compreender ou de medir as forças sobrenaturais que estão atrás das forças superficialmente naturais (seja qual for a diferença entre o natural e o sobrenatural). Mas isso não prova que elas não estejam agindo. O que você faz é simplesmente promover a sua tolice à categoria de lei geral.

Philip aproveitou o ensejo para prosseguir na sua argumentação.

— Mas admitindo, apesar de tudo — atalhou ele, antes que Illidge pudesse

replicar —, que a explicação mais simples possa ser a mais verdadeira, será que os fatos não se explicam mais simplesmente se dissermos que é o indivíduo, com a sua história e o seu caráter, que deforma o acontecimento para fazê-lo à sua própria semelhança? Nós vemos os indivíduos, mas não vemos a providência; somos obrigados a pressupô-la. Não será melhor, se pudermos dispensá-la, deixar de parte esse postulado supérfluo?

— Mas será realmente supérfluo? — inquiriu Spandrell. — É possível explicar os fatos sem ela? Duvido. O

que você diz dessa espécie maleável de gente? — e somos todos mais ou menos maleáveis, somos todos mais ou menos modelados. O que você diz das pessoas cujos caracteres não são inatos, mas sim formados, inexoravelmente, por uma série de acontecimentos todos do mesmo tipo? Uma corrente de felicidade, se te agrada dar-lhe este nome, ou uma corrente de infelicidade; uma corrente de pureza ou uma corrente de impureza; uma corrente de belas oportunidades heroicas ou uma corrente de oportunidades ignóbeis e tristes... Depois que a corrente persistiu o tempo

suficiente (e é espantoso como tais correntes persistem!), o caráter estará formado; então, se te agrada explicar a coisa dessa maneira, você poderá dizer que é o indivíduo que deforma à sua própria semelhança tudo quanto lhe acontece. Mas antes que ele tenha um caráter bem definido, à semelhança do qual possa deformar os acontecimentos, que me dizes, hein? Quem decidiu essa espécie de coisas que lhe aconteceram antes?

— Quem decide se uma moeda cai com a cara ou com a coroa voltada para cima? — perguntou Illidge com desdém.

— Mas por que introduzir moedas na discussão? — retorqui Spandrell. — Por que você vem com as moedas, quando estamos falando de seres humanos? Considere o seu caso. Será que você tem o sentimento de ser uma moeda quando te acontece alguma coisa?

— Pouco importa o sentimento que eu possa ter. Os sentimentos nada têm a ver com os fatos objetivos.

— Mas as sensações, essas sim, têm. A ciência e a racionalização das percepções dos nossos sentidos. Por que haveríamos de atribuir valor científico a

certa classe de intuições psicológicas, quando a recusamos a todas as outras? A intuição direta de uma ação providencial tem tantas probabilidades de ser um meio de conhecimento dos fatos objetivos quanto a intuição direta da cor azul ou da dureza. E quando as coisas nos acontecem, não temos a sensação de ser uma moeda. Sentimos que os acontecimentos têm a sua significação, que foram arranjados. Especialmente quando eles se produzem em séries. Como se a moeda caísse de cara cem vezes seguidas, digamos.

— Conceda-nos ao menos o mérito

de cair de coroa — disse Philip rindo. — Nós somos os intelectuais, não se esqueça.

Spandrell franziu o sobrolho; aquela frivolidade fora de propósito o chocava. Era um assunto que ele levava a sério.

— Quando penso em mim mesmo — disse ele —, fico convencido de que tudo quanto me aconteceu foi, de alguma maneira, arranjado previamente. Quando garoto, tive um prenúncio do que eu poderia ter vindo a ser, se os acontecimentos não houvessem intervindo... Algo completamente diverso deste “eu” real.

— Um anjinho, hein? — troçou Illidge.

Spandrell não tomou conhecimento da interrupção.

— Mas a partir dos meus quinze anos, começaram a acontecer-me coisas à semelhança profética do que sou atualmente.

Calou-se.

— De maneira que cresceram um rabo e uns cascos fendidos em você, em vez de um halo e de um par de asas. Uma história triste. Nunca te chamou a atenção — continuou Illidge, voltando-se para Walter — a você que é perito em

matéria de arte, ou que pelo menos devia ser, nunca te chamou a atenção o fato de que todas as reproduções de anjos em quadros são absolutamente incorretas e anticientíficas? — Walter fez “não” com a cabeça. — Um homem de setenta quilos, se lhe crescessem asas, deveria receber ao mesmo tempo músculos colossais para movê-las. E grandes músculos de voo significariam um esterno em proporção, como o das aves. Um anjo desse peso, se quisesse voar tão bem como um marreco, deveria ter um esterno que passasse de quatro ou cinco pés, pelo menos. Diz isso ao seu

pai, na próxima vez que ele tiver vontade de pintar uma *Anunciação*. Todos os *Anjos Gabriéis* que existem são escandalosamente inverossímeis.

Spandrell, enquanto isso, pensava naqueles arrebatamentos no meio das montanhas, naquelas delicadezas de sentimento, naqueles escrúpulos, sensibilidades e remorsos da sua mocidade; ele dizia a si mesmo que tudo aquilo — o arrependimento das más ações não menos que o arrebatamento extasiado diante do espetáculo de uma flor ou de uma paisagem —, que tudo estava ligado de um certo modo a seus

sentimentos para com a mãe, que tudo estava enraizado e implicitamente contido naqueles sentimentos. Lembrou-se de *Um internato de meninas em Paris*, aquelas leituras eróticas sob as cobertas, à luz de uma lanterna. O livro datava da época em que as longas meias pretas e as longas luvas da mesma cor constituíam o maior requinte da moda pornográfica, e quando “beijar um homem sem bigode era comer um ovo sem sal”. O major sedutor e priápico tinha bigodes longos, retorcidos e duros de cosmético. Que vergonha ele, Spandrell, sentira, e que remorso! Como

tinha lutado, com que ardor tinha orado para ter força moral! E o deus a quem orara era a imagem de sua mãe. Resistir à tentação era mostrar-se digno dela. Sucumbindo, ele a atraíçoaaria, renegaria Deus. Tinha triunfado de início. Mas uma manhã, inopinadamente, chegara a notícia de que ela ia casar-se com o major Knoyle. O major Knoyle tinha também bigodes retorcidos.

— Santo Agostinho e os calvinistas tinham razão — disse Spandrell em voz alta, interrompendo a discussão a respeito de esternos e serafins.

— Volta a repisar o assunto? —

perguntou Illidge.

— Deus deseja salvar uns e danar outros.

— Ou antes, ele o poderia fazer (a) se existisse, (b) se existisse uma coisa chamada salvação, e (c)...

— Quando penso na guerra — continuou Spandrell, interrompendo-o —, no que ela poderia ter sido para mim e no que ela foi efetivamente... — Deu de ombros. — Sim, santo Agostinho tinha razão.

— Bem, devo confessar — disse Philip — que sempre fui agradecido a santo Agostinho, ou a quem quer que

tenha sido o responsável por me ter dado uma perna defeituosa. Isso impediu que eu me tornasse um herói; mas me impediu igualmente de me tornar um cadáver.

Spandrell olhou para ele, com um vinco irônico nas comissuras da boca largamente rasgada: — O seu acidente te garantiu uma vida tranquila e desprendida. Em outras palavras, o acontecimento assemelhou-se a você. Da mesma maneira que a guerra, no que me diz respeito, foi exatamente à minha semelhança. Havia já um ano que eu estava em Oxford, quando ela começou.

— A velha *alma mater*, hein? — zombou Illidge, que não podia ouvir pronunciar o nome de um dos centros de instrução antigos e caros sem fazer algum comentário sarcástico.

— Três semestres cheios de vida e dois períodos de férias ainda mais cheios de vida — o descobrimento do álcool e do pôquer e da diferença que há entre as mulheres em carne e osso e as da imaginação adolescente. — Que apocalipse, a primeira mulher real!, acrescentou ele entre parênteses. — E ao mesmo tempo, que desilusão revoltante! É uma coisa chata, em certo

sentido, que sucede a imaginação superaquecida e o livro pornográfico.

— O que é um tributo à arte — disse Philip —, como muitas vezes aponteí. — Sorriu para Walter, que corou, recordando-se do que lhe tinha dito o cunhado a respeito dos perigos que havia em imitar, em amor, os modelos poéticos elevados. — Nossa educação é feita às avessas — continuou Philip. — Põe-se a arte diante da vida; *Romeu e Julieta*, e histórias imundas, antes do casamento ou de seus equivalentes. Daí resulta que toda a jovem literatura moderna seja desiludida.

Inevitavelmente. No bom tempo antigo, os poetas começavam por perder a sua virgindade; depois, de posse de um conhecimento completo da coisa real, e sabendo exatamente onde e como ela cessava de ser poética, aplicavam-se deliberadamente a idealizá-la e embelezá-la. Nós começamos pelo poético e partimos daí, rumo ao não poético. Se os rapazes e as moças perdessem sua virgindade tão cedo como na época de Shakespeare, teríamos um renovamento da lírica amorosa elisabetana.

— Talvez você tenha razão — disse

Spandrell. — Tudo o que sei é que, uma vez que descobri a realidade, achei-a decepcionante, mas atraente, apesar de tudo! Talvez tão atraente pelo mesmo motivo de ter sido tão decepcionante. O coração é uma espécie curiosa de monturo; a imundície atrai a imundície, e o grande encanto do vício reside em sua estupidez e em sua baixeza. Ele atrai porque é assim repelente. Mas continua a ser sempre repelente. Eu me recordo, quando chegou a guerra, de como exultei por ter uma oportunidade de fugir à esterqueira e fazer alguma coisa decente, para variar...

— Pelo rei e pela pátria — zombou Illidge.

— Pobre Rupert Brooke^[18]! A gente sorri agora do que ele escreveu, a respeito do retorno da honra ao mundo. Os acontecimentos fizeram que isso parecesse um pouco cômico.

— Foi uma brincadeira sinistra, mesmo na época em que foi escrita — disse Illidge.

— Não, não. Àquela época, era exatamente o que eu sentia.

— Está claro que era o que você sentia. Porque você era como Brooke: um membro corrompido e *blasé* da

classe ociosa. Tinha necessidade de uma emoção nova, eis tudo... A guerra e essa famosa “honra” de vocês forneceram-lhes essa emoção.

Spandrell deu de ombros.

— Explique a coisa assim, se quiser. Tudo o que posso dizer é que em agosto de 1914 eu queria fazer alguma coisa de nobre. Ter-me-ia sido perfeitamente agradável ser morto.

— “Antes a morte que a desonra”, hein?

— Sim, exatamente ao pé da letra. Porque posso te assegurar que todos os melodramas estão perfeitamente de

acordo com a realidade. Há certas ocasiões em que as pessoas dizem efetivamente coisas como essa. O único defeito do melodrama é que ele tende a nos fazer crer que as pessoas fazem dessas frases sempre e sempre. Mas infelizmente não é assim. “Antes a morte que a desonra” era exatamente o que eu pensava em agosto de 1914. Sim, se a única possibilidade existente fora da morte fosse o modo de vida estúpido por mim levado, eu preferia morrer...

— Ainda está falando o cavalheiro desocupado... — observou Illidge.

— Foi então que, simplesmente por

ter sido educado em grande parte no estrangeiro, por conhecer duas ou três línguas, por ter uma mãe que me amava demais e um padrasto influente nos meios militares, fui transferido, de bom ou de mau grado, para a *Intelligence*. Deus tinha, na verdade, a intenção de me danar.

— Ele estava misericordiosamente procurando salvar sua vida — opinou Philip.

— Mas eu não queria que me salvassem a vida. A menos que pudesse empregá-la em qualquer coisa de decente, em qualquer coisa de heroico,

de preferência, ou pelo menos de difícil e de arriscado. E, em lugar disso, me deram um trabalho de ligação e depois me mandaram dar caça aos espiões. Meteram-me em todos os negócios sórdidos e ignóbeis.

— Mas, no fim das contas, as trincheiras não tinham lá nada de muito romântico...

— Não, mas eram perigosas. Para ficar sentado numa trincheira, era preciso coragem e paciência estoica. Um caçador de espiões estava em perfeita segurança e não tinha de pôr à prova nenhuma de suas nobres virtudes;

e, quanto às ocasiões de praticar o vício... Ah! Aquelas cidades da retaguarda da frente de batalha, Paris, os portos — as prostitutas e o álcool eram os seus produtos principais.

— Mas, no fim das contas — disse Philip —, eram males que se podiam evitar. — Sendo frio de natureza, ele achava fácil ser razoável.

— Evitáveis, mas não para mim — respondeu Spandrell. — Sobretudo naquelas circunstâncias. Quisera eu fazer alguma coisa decente e tinha sido impedido nesse propósito. De sorte que se tornou uma espécie de questão de

honra fazer o contrário do que tinha desejado. Uma questão de honra, compreende?

Philip balançou a cabeça: — É um pouco sutil demais para mim...

— Mas imagine que você está na presença de um homem que respeita, e ama, e admira como nunca amou, respeitou e admirou ninguém antes.

Philip fez com a cabeça um sinal afirmativo. “Mas a verdade era”, refletiu ele, “que nunca tinha admirado ninguém profundamente, de todo o coração.” Teoricamente, sim; mas nunca na prática, nunca a ponto de querer

constituir-se discípulo da pessoa admirada, nunca a ponto de segui-la. Tinha adotado as opiniões de outras pessoas, mesmo os seus modos de vida — mas sempre com a convicção subjacente de que não os tinha feito realmente seus, com a certeza de que podia abandoná-los, e de que na certa os abandonaria, tão facilmente como os adotara. E sempre que lhe parecera correr algum perigo de se deixar arrebatado, ele tinha resistido deliberadamente, tinha lutado ou fugido, a fim de conservar a sua liberdade.

— Você fica subjugado pelo que

sente por essa pessoa — continuou Spandrell. — E caminha para ela de mãos estendidas, oferecendo a sua amizade e o seu devotamento. Por única resposta, essa criatura a que você se entrega enfurna as mãos nos bolsos e vira as costas... Que faria nesse caso?

Philip riu.

— Eu teria de consultar o *Livro de etiqueta do Vogue*.

— Você o deitaria por terra com um soco. Pelo menos era o que eu faria. Uma questão de honra. E quanto mais forte tivesse sido a minha admiração, mais violento seria o soco, e mais tempo

eu dançaria depois sobre a carcaça do homem que me desprezou. Eis por que as prostitutas e o álcool não podiam ser evitados. Pelo contrário, tornou-se uma questão de honra para mim o não evitá-los nunca. Aquela vida, na França, parecia-se com a que eu tinha levado antes da guerra — apenas era muito mais ignóbil e estúpida, e extremamente falha de qualquer elemento que a pudesse aliviar ou redimir. E depois de um ano de guerra, eu lutava desesperadamente para me apegar à minha desonra e evitar a morte. Santo Agostinho tinha razão, garanto-lhes;

somos condenados ou salvos de antemão. As coisas que acontecem são uma conspiração da providência.

— Disparates! — disse Illidge. Mas, no fundo do silêncio que se seguiu, o homenzinho ficou a pensar de novo em como era extraordinário e infinitamente pouco provável que ele estivesse ali sentado a beber vinho, com o secretário perpétuo da Academia Britânica sentado duas mesas além, e o vice-presidente da Suprema Corte colocado exatamente atrás dele. Vinte anos antes, as probabilidades que havia contra a sua presença ali, sob aquele teto dourado,

tinham sido numa proporção de várias centenas ou milhares de milhões contra uma. Não obstante, lá estava ele... Illidge bebeu um outro trago de vinho.

E Philip, enquanto isso, estava se lembrando daquele imenso cavalo negro, que escoiceava e pinoteava, os dentes arreganhados e as orelhas deitadas para trás; e de como o animal se arremessara de súbito para a frente, arrastando consigo o condutor; e do estrondo das rodas; e “Ai!” dos gritos que ele, Philip, soltara; e de como recuara para o talude escarpado, como tentara escalá-lo, escorregando, porém,

e rolando para o chão; e do pinote espantoso e das patadas do gigante; e — “Ai! Ai!” — daquela massa enorme que se interpusera entre ele e o sol; e dos grandes cascos; e, de repente, aquela dor aniquiladora...

E, dentro daquele mesmo silêncio, Walter pensou na tarde em que pela primeira vez entrara no salão de Lucy Tantamount. “Toda coisa que acontece é intrinsecamente semelhante ao homem a quem ela acontece.”

*

— Mas enfim qual será o segredo dela? — perguntou Marjorie. — Por que será que Walter anda louco por ela?

Sim, porque ele está louco.
Literalmente.

— Você não acha que é um segredo muito evidente? — sugeriu Elinor. O que ela achava esquisito não era que Walter tivesse perdido a cabeça por Lucy, mas sim que ele tivesse achado alguma coisa de atraente na pobre Marjorie. — Afinal de contas — continuou — Lucy é muito divertida, muito cheia de vivacidade. E, além disso — acrescentou ainda, recordando-se das observações exasperantes de Philip a propósito do cão que eles tinham atropelado em Bombaim —, ela tem má reputação...

— Mas será isso um atrativo? Uma reputação má? — O bule de chá ficou suspenso por sobre a xícara, enquanto Marjorie fazia a pergunta.

— É claro que é. Significa que a mulher que a possui é acessível...

— Açúcar?

— Não, obrigada.

— Mas é natural — disse Marjorie, passando a xícara à outra — que um homem não queira dividir suas amantes com outros homens.

— Talvez não. Mas o fato de uma mulher ter outros amantes dá ao homem esperança... “Onde outros foram bem-

sucedidos, eu também posso ser.” Eis o argumento do homem. E ao mesmo tempo, uma reputação má fá-lo imediatamente pensar na mulher sob o ponto de vista da aventura amorosa. Quando vemos Lola Montes, a sua reputação faz que pensemos automaticamente na alcova, não nos vem ao pensamento a alcova quando vemos Florence Nightingale. Lembramo-nos apenas de quartos de doente. O que não é a mesma coisa — acrescentou Elinor para terminar.

Houve um silêncio.

Elinor estava pensando que era

abominável de sua parte não sentir mais simpatia por Marjorie. Mas não sentia: era essa a verdade... Procurou fazer-se lembrada da vida lamentável que aquela pobre mulher levava — com o marido, primeiro, e agora com Walter. Abominável, na verdade! Mas aqueles pavorosos brincos pendentes, imitando jade! E aquela voz, aquela maneira importante...

Marjorie ergueu os olhos: — Mas será possível que os homens possam ser tão facilmente enganados? Por uma isca tão grosseira? Homens como Walter. Como *Walter*! — insistiu ela. — Será

que homens como ele podem ser tão, tão...

— Porcos? — sugeriu Elinor. — Aparentemente, podem. Isso parece estranho, é verdade. — “Seria talvez melhor”, pensava ela, “que Philip fosse um pouco mais porco e um pouco menos caramujo. Os porcos são humanos — talvez demasiadamente humanos, mas de qualquer modo sempre são humanos. Ao passo que os caramujos fazem o possível para ser moluscos.”

Marjorie balançou a cabeça e suspirou: — É extraordinário — disse ela, com uma convicção que pareceu a

Elinor um tanto risível.

“Que espécie de opinião poderá ter ela de si mesma?”, perguntou Elinor interiormente. Mas a boa opinião de Marjorie se aplicava menos a ela mesma do que à sua virtude. A companheira de Walter tinha sido educada na crença da fealdade do vício e da parte animal da natureza humana, na beleza da virtude e do espírito. E, fria por natureza, tinha, da mulher fria, a total incompreensão da sensualidade. Que Walter cessasse de repente de ser o Walter que ela conhecia e se portasse “como um porco”, segundo a expressão um pouco crua de Elinor,

era coisa que lhe parecia verdadeiramente extraordinária, à parte todas as considerações sobre seus atrativos pessoais.

— E depois, é preciso que você se lembre — disse Elinor em voz alta — que Lucy tem uma outra vantagem no que diz respeito aos homens como Walter. É uma dessas mulheres que têm um temperamento de homem. Os homens podem achar prazer num encontro fortuito. Em sua maior parte, as mulheres não podem: é preciso que sintam amor, mais ou menos. É preciso que suas emoções estejam envolvidas no

caso. Todas, com raras exceções. Lucy é uma dessas exceções. Ela tem a faculdade masculina do desprendimento. Tem o poder de separar os apetites do resto de sua alma.

— Que horror!

Marjorie estremeceu.

Elinor observou esse estremecimento e ficou tão aborrecida com ele que foi a ponto de contradizer a outra.

— Você acha? Isso me parece, às vezes, um talento bastante invejável. — Desatou a rir, e Marjorie ficou scandalizada diante do cinismo dela.

— Para um rapaz tão tímido e embaraçado como Walter — continuou Elinor —, há alguma coisa de muito excitante num temperamento afoito dessa espécie. É justamente o contrário do seu. Temerária, sem escrúpulos, voluntariosa, sem um átomo de consciência. Oh, eu compreendo muito bem por que o rapaz perdeu a cabeça. — Pensou em Everard Webley. — A força é sempre uma atração — acrescentou. — E sobretudo quando à gente mesma falta essa força, como no caso de Walter. Pode-se não amar essa espécie de força. — Ela própria não

gostava muito da ambição enérgica de Webley. — Mas não se pode deixar de admirar a força em si. É como o Niágara. É magnífico, embora possamos não ter desejos de nos colocar debaixo dele. Posso tirar mais uma fatia de pão com manteiga? — Serviu-se. Por delicadeza Marjorie também tirou uma. — Que delicioso pão preto! — exclamou Elinor. E ficou a perguntar a si mesma como Walter pudera viver com uma pessoa que recurvava no ar o dedo mínimo da mão que segurava a xícara de chá e que mordia a fatia de pão em bocados tão terrivelmente pequenos,

mastigando em seguida só com os dentes da frente, como um rato, como se o fato de comer fosse uma coisa indelicada e um tanto repugnante...

— Mas o que você acha que devo fazer? — decidiu perguntar Marjorie por fim.

Elinor deu de ombros.

— Que outra coisa você pode fazer senão desejar que ele obtenha o que deseja e que logo fique enjoado?

Era evidente; mas Marjorie achou que Elinor fora um tanto insensível, dura e cruel por ter dito aquilo.

*

Os Quarles haviam improvisado em

Londres, de maneira simplista, uma residência na última de uma série de antigas cocheiras de Belgrávia. Para entrar passava-se sob um arco. Um penhasco de estuque creme se erguia a pique, à esquerda do observador, sem uma única janela, porque outrora os habitantes daquele bairro aristocrático nem sequer tomavam conhecimento da miserável vida privada de seus dependentes. À direita se estendia a linha baixa dos estábulos, com o único andar de salas de estar em cima, ocupados agora por enormes Daimlers e pela família de seus choferes. As

cavalariças terminavam por um muro, por cima do qual se podiam ver os plátanos dos jardins de Belgrávia balançando-se ao vento. A entrada da casa dos Quarles ficava à sombra desse paredão. Metida entre os jardins e as cavalariças pouco habitadas, a casinha era muito quieta. O silêncio não era quebrado senão pelo ir e vir das limusines e pelo grito casual de uma criança.

— Mas, felizmente — tinha observado Philip —, os ricos se podem oferecer veículos silenciosos. E há alguma coisa no motor de combustão

interna que leva à limitação dos nascimentos. Quem já viu um chofer com oito filhos?

O abrigo dos carros e as baias dos cavalos tinham sido amalgamados, na reconstrução do estábulo, num simples e espaçoso salão. Dois biombos constituíam uma imitação de parede divisória. Atrás dos biombos, à direita de quem entra, ficava o lado “sala de visitas” do apartamento — cadeiras e um sofá, agrupados ao redor da lareira. O biombo da esquerda escondia a mesa da sala de jantar e a entrada de uma cozinha minúscula. Uma pequena escada

subia obliquamente ao longo de uma das paredes e conduzia aos quartos de dormir. Cortinas de cretone amarelo davam a ilusão da luz do sol que não entrava nunca pelas janelas, voltadas para o norte. Havia muitos livros. O retrato de Elinor, quando mocinha, feito pelo velho Bidlake, estava pendurado por cima da lareira.

Philip se achava deitado no sofá, livro na mão.

Muito notável (lia ele) é a observação de mr. Tate Regan sobre os machos pigmeus parasitos em três espécies de diabos-marinhos cerativídeos. No *Ceratias holbolii*, do Ártico, uma fêmea de mais ou menos vinte centímetros de comprimento carregava sobre a superfície do ventre dois

machos de perto de seis centímetros. A região do focinho e do queixo, no macho pigmeu, estava fixada de maneira permanente a uma papila da pele da fêmea, e os vasos sanguíneos dos dois indivíduos eram confluentes. O macho não tem dentes; sua boca é inútil; o canal alimentar está atrofiado. Nos *Photocarynus spiniceps*, uma fêmea de perto de seis centímetros de comprimento levava um macho de um centímetro no alto da cabeça, diante do olho direito. Nos *Edriolychnus schmidtii* as dimensões eram pouco mais ou menos as mesmas que no caso precedente, mas a fêmea levava o macho pigmeu de cabeça para baixo, sobre a superfície interna da branquióstega.

Philip abandonou o livro e tirou do bolso interno o caderno de notas e a caneta-tinteiro: Os diabos-marinhos

fêmeas (escreveu) carregam, presos a seus corpos, machos pigmeus parasitos... Fazer a comparação que se põe quando o meu Walter anda atrás da sua Lucy. E se eu escrevesse uma cena diante de um aquário? Eles entram com um amigo cientista que lhes mostra os diabos-marinhos fêmeas e seus maridos. O crepúsculo, os peixes — um fundo perfeito.

Philip ia pôr de lado o caderno quando outro pensamento lhe ocorreu. Tornou a abri-lo.

Pôr o aquário em Mônaco e descrever Monte Carlo e toda a Riviera sob o aspecto de monstros do fundo do mar.

Acendeu um cigarro e continuou com o livro. Bateram à porta. Philip ergueu-se e foi abrir; era Elinor.

— Que tarde! — exclamou ela, atirando-se sobre uma cadeira.

— Então, que novidades me contas de Marjorie?

— *Novidades?* Nada que se pareça com isso... — disse Elinor num suspiro, enquanto tirava o chapéu. — A pobre criatura está insípida como sempre. Mas lamento-a sinceramente.

— Que lhe aconselhaste fazer?

— Nada. O que quer que ela faça? E Walter? — perguntou Elinor por sua vez.

— Você teve ocasião de fazer o papel de pai severo?

— De pai semissevero, digamos... Obtive que ele fosse se instalar em Chamford com Marjorie.

— Obteve? Foi um verdadeiro triunfo.

— Não tanto como você julga. Não tive inimigo contra quem combater. Lucy parte para Paris no próximo sábado.

— Esperemos que ela fique por lá... Pobre Walter!

— Sim, pobre Walter... Mas eu tenho que te falar dos diabos-marinhos.

Falou-lhe.

— Um destes dias — concluiu — preciso escrever um *Bestiário* moderno. Que lições de moral! Mas, me diz, como está Everard? Tinha me esquecido completamente de que o havia visto.

— Não podia deixar de esquecer... — retrucou ela desdenhosamente.

— Acha? Não sei por quê...

— Não, não sabe.

— Estou esmagado sob o peso do seu desdém — disse Philip com uma humildade fingida.

Houve um silêncio.

— Everard está apaixonado por mim — falou por fim Elinor, sem olhar para

o marido, e com uma voz perfeitamente calma e fria.

— Mas isso é novidade? Julguei que ele fosse um velho admirador.

— Mas é sério — prosseguiu Elinor.
— Muito sério. — Ela esperava ansiosamente os comentários do marido. Estes vieram depois de um curto silêncio.

— Isso deve ser menos divertido...

Menos divertido! Pois então ele não compreendia?

No fim das contas, Philip não era um tolo. Ou talvez compreendesse muito bem e estivesse apenas fingindo o

contrário; talvez estivesse mesmo secretamente contente com a paixão de Everard. Ou era então simplesmente a indiferença que o tornava cego? Ninguém pode compreender aquilo que não sente. Philip não podia compreendê-la, porque não sentia as coisas do mesmo modo. Estava confiante na crença de que as outras pessoas eram tão razoavelmente indiferentes como ele.

— Mas eu gosto dele — afirmou Elinor em voz alta, fazendo uma derradeira tentativa desesperada para arrancar do marido pelo menos um simulacro de demonstração de amor. Se

ao menos ele se mostrasse ciumento, ou triste, ou zangado, como ela seria feliz, como lhe ficaria reconhecida por isso!

— Gosto muito de Webley — continuou Elinor. — Há alguma coisa de muito atraente nele. Aquele seu caráter apaixonado, aquela violência...

Philip pôs-se a rir: — O irresistível homem das cavernas, hein?

Elinor ergueu-se com um pequeno suspiro, apanhou o chapéu e a bolsa e, inclinando-se sobre o marido, beijou-lhe a testa, como para lhe dizer adeus; depois se afastou e, sempre sem dizer palavra, subiu para o quarto.

Philip tornou a apanhar o livro que tinha abandonado. Leu: *Bonellia viridis* é um verme verde, não muito raro no Mediterrâneo. A fêmea tem o corpo do tamanho aproximado de uma ameixa, munida de um apêndice proboscídiano em filamento, bífido na extremidade, fortemente contrátil, e que pode atingir dois pés de comprimento. Mas o macho é microscópico e vive no que pode ser denominado o conduto reprodutor (nefrídio modificado) da fêmea. Não tem boca e se alimenta apenas do que absorve parasitariamente através de suas superfícies ciliadas...

Mais uma vez Philip largou do livro. Ficou a pensar sobre se devia ou não subir e falar a Elinor. Estava convencido de que ela nunca chegaria a amar realmente Everard. Mas talvez ele, Philip, não devesse ter a coisa como muito certa. A mulher lhe parecera um pouco transtornada. Talvez esperasse que ele lhe falasse, que lhe dissesse de seu amor, de quanto seria infeliz — e de como ficaria furioso — se ela deixasse de querê-lo. Mas eram estas precisamente as coisas mais impossíveis de dizer. Ao cabo, decidiu não subir. Ia esperar para ver... transferia para outra

ocasião. Continuou a leitura sobre a *Bonellia viridis*.

Capítulo XXII

DO CADERNO DE NOTAS DE PHILIP QUARLES

HOJE, NA CASA DE LUCY TANTAMOUNT, fui vítima de uma associação de ideias muito curiosa. Lucy, como de costume, era uma bandeira francesa; olhos redondos e azuis, boca escarlate e o resto de um branco de morte contra um fundo de cabelos negros de reflexos metálicos. Eu disse uma brincadeira qualquer. Ela riu, abrindo a boca — e sua língua e suas gengivas estavam de tal maneira mais pálidas do que o vermelho dos lábios que pareciam (senti um pequeno calafrio estranho de horror

admirado) inteiramente exangues e brancas pelo contraste. E então, sem nenhuma transição, me achei diante dos crocodilos sagrados nos jardins do palácio de Jaipur; o guia hindu lhes atirava pedaços de carne, e as bestas tinham o interior das goelas quase branco, como se elas estivessem forradas de pele de cor creme ligeiramente lustrosa. E é assim que o espírito funciona naturalmente. E temos ainda pretensões intelectuais! Bem, bem. Mas que achado para o meu romance! É assim que vou começar o meu livro. Meu herói walteresco faz rir a sua

sereia lucyesca e imediatamente (com horror de sua parte, não obstante o qual ele continua a desejá-la com um toque de perversidade, apesar de tudo, e mesmo com mais ardor ainda) ele revê os ignóbeis crocodilos que tinha visto na Índia, um mês atrás. Dessa maneira, firo logo de início a nota do estranho e do fantástico. Tudo será incrível, se pudermos tirar a crosta de banalidade evidente que os nossos hábitos põem nas coisas. Todo objeto, todo acontecimento contém em si uma infinidade de profundezas dentro de outras profundezas. Nada se parece, por menos

que seja, com sua aparência — ou antes, tudo se parece ao mesmo tempo com vários milhões de outras coisas. Toda a Índia passa pela cabeça do meu homem como um filme de cinema enquanto ela ri, mostrando — ela, a amada, a adorada, a desejada, a bela — aquelas gengivas e aquele palato horivelmente exangues de crocodilo...

*

A musicalização da ficção. Não à maneira simbolista, subordinando o sentido ao som. (*Pleuvent les bleus baisers des astres taciturnes*. Mera glossolalia.) Mas em grande escala, na construção. Meditar sobre Beethoven.

As mudanças de modos, as transições abruptas. (A majestade alternando com a brincadeira, por exemplo, no primeiro movimento do quarteto em si bemol maior. A comédia sugerindo subitamente solenidades prodigiosas e trágicas no scherzo do quarteto em dó sustenido menor.) Ainda mais interessantes, as modulações, não somente de um tom para um outro, mas de um modo para outro modo. Um tema é exposto, depois desenvolvido, mudado, imperceptivelmente deformado, até que, se bem que reconhecivelmente o mesmo, ele tenha se tornado de todo em todo

diferente. Nas séries de variações, o processo é levado um passo mais longe. Por exemplo, essas incríveis variações sobre um tema de Diabelli. O âmbito inteiro do pensamento e da emoção, e tudo isso em relação orgânica com uma pequena ária de valsa ridícula. Pôr isto num romance. Como? As transições abruptas não apresentam nenhuma dificuldade. O que precisamos é de um número suficiente de personagens, e intrigas paralelas, contrapontísticas. Enquanto Jones assassina sua mulher, Smith empurra o carrinho do filho no parque. Alternam-se os temas. Mais

interessante, as modulações e as variações são também mais difíceis. O romancista modula repudiando situações e caracteres. Ele mostra várias personagens que se apaixonam, ou que morrem, ou que oram, de maneiras diferentes — dissimilitudes que resolvem o mesmo problema. Ou, vice-versa, personagens semelhantes confrontadas com problemas dessemelhantes. Desta maneira, podemos modular de modo a apresentar todos os aspectos do tema, podemos escrever modulações sobre um número qualquer de modos diferentes. Outro

processo: o romancista pode-se arrogar o privilégio divino do criador, e simplesmente considerar os acontecimentos da narração sob seus diversos aspectos — emotivo, científico, econômico, religioso, metafísico *etc.* Ele modulará de um para outro — por exemplo, do aspecto estético para o aspecto físico-químico das coisas, do religioso para o fisiológico ou para o financeiro. Mas talvez seja uma imposição demasiadamente tirânica da vontade do autor. Há pessoas que pensarão assim. Mas por que há de ficar o autor sempre

no último plano? Acho que, nos nossos dias, somos um pouco melindrosos com relação a essas aparições pessoais.

*

Pôr no romance um romancista. Ele servirá de pretexto às generalizações estéticas que poderão ser interessantes — pelo menos para mim. Ele justificará igualmente a experimentação. Espécimes do seu trabalho poderão ilustrar outras maneiras possíveis de contar uma história. E se o pomos a contar partes da mesma história, como nós, poderemos fazer assim uma variação sobre o tema. Mas por que limitarmo-nos a um só romancista no romance? Por que não um

segundo no romance do primeiro? E um terceiro no romance do segundo? E assim por diante, até o infinito, como esses reclames de aveia Quaker em que há um quacre segurando uma lata de aveia sobre a qual se vê um desenho de um outro quacre segurando outra lata de aveia sobre a qual *etc. etc.* Na décima imagem poder-se-ia ter um romancista contando a história em símbolos algébricos ou em notações da variação da tensão arterial, do pulso, da secreção das glândulas internas e dos tempos de reação.

*

O romance de ideias. O caráter de

cada uma das personagens deve se achar, tanto quanto possível, indicado nas ideias das quais ela é porta-voz. Na medida em que as teorias são a racionalização de sentimentos, de instintos, de estados de alma, isto é praticável. O defeito capital do romance de ideias é que somos obrigados a pôr em cena pessoas que têm ideias a exprimir, o que exclui mais ou menos a totalidade da raça humana, à parte apenas 0,01 por cento. Aqui a razão pela qual os romancistas verdadeiros, os romancistas natos não escrevem tais livros. Mas, ora!, eu nunca pretendi ser

um romancista nato.

*

O grande defeito do romance de ideias é que ele é uma coisa artificial, arranjada. Necessariamente, porque as pessoas capazes de desenvolver teses formuladas de maneira adequada não são bem reais; são levemente monstruosas. Torna-se um tanto cansativo, com o andar do tempo, viver com monstros.

O instinto aquisitivo comporta mais perversões, na minha opinião, do que o instinto sexual. Pelo menos as pessoas me parecem mais estranhas em questões de dinheiro do que mesmo em questões

de amor. Que parcimônias espantosas não se encontram constantemente, sobretudo nos ricos! Que extravagâncias fantásticas também. Muitas vezes as duas qualidades, ao mesmo tempo, e na mesma pessoa. E depois, os entesouradores e enterradores, as pessoas que vivem inteira e quase incessantemente preocupadas com o dinheiro! Ninguém se preocupa com o sexo assim com essa constância — sem dúvida porque a satisfação fisiológica é possível em assuntos sexuais, ao passo que ela não existe quando se trata de dinheiro. Quando o corpo está saciado,

o espírito cessa de pensar em alimentos ou em mulheres. Mas o apetite do dinheiro, a necessidade de o possuir, é de ordem mais ou menos exclusivamente mental. Não há nenhuma satisfação física possível. É o que explicará os excessos e as perversões do instinto de aquisição. Nosso corpo obriga, por assim dizer, o instinto sexual a se conduzir normalmente. É preciso que as perversões sejam muito violentas para que possam dominar as tendências fisiológicas normais. Mas no que diz respeito ao instinto de aquisição, não há corpo regulador, nem uma massa de

carne sólida que seja preciso desviar da trilha do hábito fisiológico. A menor tendência à perversão se torna imediatamente manifesta. Mas talvez a palavra “perversão” não tenha sentido neste contexto. Porque perversão implica a existência de uma norma que lhe sirva de ponto de partida. Qual é a norma do instinto de aquisição? Pode-se entrever vagamente algum justo meio-termo; mas estará aí, de fato, a verdadeira norma estatística? Quanto a mim, imagino que sou antes um “subaquisitivo”, menos interessado que o comum dos mortais no dinheiro e nas

posses em geral. Illidge diria que isto se deve inteiramente ao fato de eu ter sido educado numa atmosfera de largas facilidades pecuniárias. Isso pode ser verdade em parte. Mas não inteiramente, na minha opinião. Consideremos o grande número de pessoas que nasceram ricas e que vivem unicamente preocupadas com ganhar dinheiro. Não, minha “subaquisitividade” é hereditária não menos que adquirida. Seja como for, não tenho muito interesse pela posse e não sinto senão pouca simpatia pelos que se interessam por ela; não os compreendo também. Nenhuma

personagem cuja dominante seja o instinto de adquirir figura em qualquer dos meus romances... É um defeito; porque os aquisitivos são manifestamente muito comuns na vida real. Mas é duvidoso que eu possa tornar uma tal personagem interessante, já que eu mesmo não me interesso pela paixão aquisitiva. Balzac podia; as circunstâncias e a hereditariedade o tinham feito apaixonadamente interessado pelo dinheiro. Mas quando achamos um assunto aborrecível, a nossa tendência é tornarmo-nos também aborrecíveis tratando dele...

Capítulo XXIII a
escrivaninha ficava diante da
janela. Embaçado pelo ar
enfumaçado de Sheffield,
um raio de sol amarelo e de
aparência viscosa iluminava
uma quina da mesa e um
ângulo do tapete vermelho
estampado de flores.
Everard Webley estava
escrevendo uma carta. Sua
pena corria sobre o papel.
Tudo o que ele fazia era

feito com rapidez e com decisão.

Minha muito querida Elinor
(escreveu ele) *De profundis clamavi*,
das profundezas deste quarto de hotel
repulsivo, e das profundezas ainda mais
profundas deste giro político do Norte.
Eu grito por ti (ele escrevia os II
maiúsculos do pronome da primeira
pessoa como grandes colunas: um traço
direito e forte e duas linhas transversais
decisivas, uma no alto, outra na base. Os
cortes dos tt eram firmes e denotavam
inflexibilidade). Mas você não escuta,
decerto. Sempre senti muita simpatia

pelos selvagens que dão uma boa sova em seus deuses quando estes não respondem às suas orações ou não atendem aos seus sacrifícios. A Inglaterra espera que cada um de seus deuses, neste dia, cumpra o seu dever. Se não cumprirem — muito bem, tanto pior para eles; hão de tomar o gosto do rebenque. A adoração moderna de um inefável remoto, cujos gestos e feitos não criticamos, me parece muito pouco satisfatória. Para que fazer um contrato com alguém que o poderá violar à vontade e contra quem não temos nenhum recurso? As mulheres seguiram

o mesmo caminho que os deuses. Têm todos os direitos. E não nos é permitido obrigá-las a cumprir o seu dever para com os seus adoradores, ou de representar seu papel no contrato natural entre os sexos. Escrevo, imploro. Mas, como um deus no novo estilo das filosofias modernas e das teologias de ideias frouxas, você não escuta. E não se tem o direito de exercer represálias: é de mau tom bater no deus negligente. Isso não se faz. Apesar de tudo eu te previno: um destes dias vou experimentar os bons métodos antigos. Farei o meu pequeno Rapto das Sabinas

e quero ver então onde ficará essa sua superioridade inefável e remota. Como eu te detesto de verdade por me obrigar a te amar tanto! É uma injustiça tão atroz — receber de mim tanta paixão e desejo e não me dar nada em troca! E não estar aqui para receber o castigo que merece! Tenho de me vingar nos patifes que perturbam os meus comícios. Tive uma batalha terrível a noite passada. Urros, assobios; cantaram em coro a *Internacional*. Mas eu os subjuguiei. Literalmente, em dado momento. Fui obrigado a deixar preto o olho de um dos cabeças. Pobre-diabo! Ele pagou

apenas pelas suas faltas, Elinor. Foi o seu bode expiatório. Porque foi com você na verdade que eu lutei. Se não fosse por você eu não teria sido tão violento... E sem dúvida não teria vencido. De sorte que, por vias indiretas, é a você que devo a minha vitória. Pela qual te sou devidamente grato. Mas da outra vez não haverá comunistas contra quem descarregar a minha raiva. A próxima batalha será contra o inimigo verdadeiro — contra você.

Assim, tenha cautela, minha querida. Procurarei evitar as bofetadas; mas no

calor do momento, a gente nunca sabe... Mas seriamente, Elinor, seriamente: por que você é tão fria, tão longínqua, tão morta? Por que te proteges contra mim? Penso em você tão constantemente, com tanta insistência! A sua imagem me está sempre presente no pensamento. Jaz escondida, latente, nas coisas e nos lugares mais inverossímeis, pronta, ao comando de qualquer associação de ideias fortuita, a saltar do recanto em que se mantém de emboscada. Ela me persegue, como uma consciência criminosa. Se eu...

Bateram à porta. Hugo Brockle

entrou. Everard olhou para o relógio e depois para Hugo. A expressão de seu rosto era ameaçadora.

— Por que vem tão atrasado? — perguntou, com uma voz cuja calma mesma era formidavelmente inquietadora.

Hugo corou.

— Não dei pela hora... — E dizia a pura verdade. Tinha jantado com os Upwich, a trinta quilômetros dali. Polly Logan estava passando alguns dias na casa deles. Depois do jantar o velho Upwich e os outros tinham saído para uma partida de golfe no campo

particular que ele tinha arranjado no parque. Polly, por um acaso providencial, não jogava golfe. Hugo a tinha levado a passear pelo bosque, ao longo do rio. Como poderia ele ter tido consciência da hora? — Sinto muito... — acrescentou Hugo.

— Espero que sinta ... — disse Everard, e a violência latente irrompeu de sob a calma. — Como! Eu lhe digo que volte às cinco horas e já são seis e quinze! Enquanto você estiver comigo, a serviço dos Ingleses Livres, estará debaixo de disciplina militar. Minhas ordens devem ser executadas.

Compreendeu?

Hugo, timidamente, balançou a cabeça: — Sim.

— E agora vá ver se todos os preparativos para o comício desta noite foram convenientemente feitos. E, tome nota: que isto não aconteça de novo! Na próxima vez você não se livrará tão facilmente...

Hugo tornou a fechar a porta atrás de si. Toda a cólera desapareceu imediatamente do rosto de Everard. Ele tinha por método provocar medo em seus subordinados de quando em quando. A cólera, sabia-o por

experiência, é uma arma excelente, desde que não nos deixemos dominar por ela. Era o seu caso. Pobre Hugo! Webley sorriu pensando no rapaz, e continuou com a carta. Dez minutos mais tarde Hugo tornou a aparecer para anunciar que o jantar estava pronto. A reunião fora marcada para as oito; tinham de jantar muito cedo.

*

— Mas isso é tão tolo, todas estas disputas políticas — disse Rampion, com a voz esganiçada pela exasperação —, tão absurdamente tolo! Bolcheviques e fascistas, radicais e conservadores, comunistas e Ingleses Livres, por que

diabos estão se batendo eles? Eu lhes digo. Estão lutando para decidir se nós vamos para o inferno pelo trem expresso comunista, ou pelo carro de corrida dos capitalistas, ou pelo ônibus dos individualistas ou pelo bonde coletivista que rola sobre os trilhos do controle do Estado. O destino é o mesmo em qualquer dos casos. Todos eles vão direto ao inferno, precipitam-se todos no mesmo impasse psicológico e no colapso social que resulta do colapso psicológico. O único ponto em que eles diferem é neste: como chegarmos até lá? É simplesmente impossível a um homem

de bom senso interessar-se por semelhantes disputas. Para o homem sensato a coisa importante é o inferno, e não o meio de transporte que deve ser empregado para chegar até lá. A questão que se depara ao homem sensato é: queremos ou não queremos ir para o inferno? E a resposta é: não, não queremos. E se a resposta é esta, então esse homem não dará ouvidos a políticos de espécie alguma. Porque eles, no fim das contas, querem nos levar para o abismo. Todos, sem exceção. Lênin e Mussolini, Mac Donald e Baldwin. Estão todos

igualmente ansiosos por nos levarem para o abismo, e discutem apenas a respeito dos meios de nos carregarem...

— Alguns deles poderão nos levar um pouco mais devagar do que os outros — sugeriu Philip.

Rampion deu de ombros.

— Mas tão pouco mais devagar que não faria nenhuma diferença apreciável. Eles acreditam todos no industrialismo sob uma forma ou outra, acreditam todos na americanização. Pense no ideal bolchevista. É a América fortemente exagerada. A América com serviços governamentais em lugar de trustes, e

funcionários em lugar de ricos. E depois o ideal do resto da Europa! É a mesma coisa, apenas ali os ricos são conservados. De um lado, o maquinismo e os funcionários. Do outro, o maquinismo e Alfred Mond ou Henry Ford. O maquinismo para nos levar à perdição; os ricos ou os funcionários, para dirigi-lo. Pensas que algum desses grupos poderá dirigir mais prudentemente do que os outros? Talvez tenhas razão. Mas não vejo nada a escolher entre eles. Estão todos igualmente apressados. Em nome da ciência, do progresso, e da felicidade

humana! Amém — e pé no acelerador!

Philip fez um sinal de assentimento com a cabeça.

— E aceleram mesmo! — disse. — A coisa marcha. É o progresso. Mas, como você diz, marcha provavelmente na direção do abismo...

— E o único assunto que os reformadores acham para comentar é a forma, a cor e o mecanismo de direção do veículo. Esses imbecis não veem então que é o rumo tomado o que importa, que estamos absolutamente no caminho errado e que seria preciso fazer meia-volta, de preferência a pé, sem

essa máquina fedorenta?

— Talvez você tenha razão — disse Philip. — Mas o mal é que, dado o nosso mundo tal como existe, não se pode fazer meia-volta, não se pode parar a máquina. Não é possível isso, a menos que estejamos dispostos a exterminar mais ou menos a metade da raça humana. O industrialismo permitiu duplicar a população mundial em cem anos. Se quisermos desembaraçar-nos do industrialismo, é preciso voltar ao ponto de partida. Quer isto dizer que é necessário matar a metade do número existente de homens e de mulheres. O

que, *sub specie aeternitatis*, ou simplesmente *historiae* seria talvez uma excelente coisa. Mas dificilmente seria uma questão de política prática.

— Por enquanto não é — concordou Rampion. — Mas a próxima guerra e a próxima revolução hão de fazer com que a questão se torne bastante prática.

— É possível. Mas não devemos contar com as guerras e as revoluções. Porque, se contamos com elas, elas hão de vir na certa.

— Virão, contemos ou não com elas. O progresso industrial significa superprodução, significa a necessidade

de conseguir novos mercados, significa a rivalidade internacional, significa a guerra. E o progresso mecânico significa mais especialização e padronização do trabalho, significa divertimentos despersonalizados, feitos para todo mundo, significa uma queda da iniciativa e das faculdades criadoras, significa mais intelectualismo, e uma atrofia progressiva de todos os elementos vitais e fundamentais da natureza humana, significa mais tédio e agitação, significa enfim uma espécie de loucura individual que não pode ter outro resultado senão a revolução social. Contemos ou não com

elas, as revoluções e as guerras são inevitáveis, se permitirmos que as coisas continuem o seu curso atual.

— De sorte que o problema se resolverá por si mesmo...

— Mas somente por sua própria destruição. Quando a humanidade for destruída, está claro que não haverá mais problema. Mas isso me parece uma triste solução... Acredito que possa existir outra, mesmo no quadro do sistema atual. Uma solução provisória, enquanto o sistema fosse sendo modificado na direção de uma solução permanente. A raiz do mal está na

psicologia individual; de maneira que é por aí, pela psicologia individual, que seria preciso começar. O primeiro passo seria fazer com que as pessoas vivessem de uma maneira dupla, em dois compartimentos. Num deles, como trabalhadores industrializados, no outro, como seres humanos. Como idiotas, como máquinas, durante oito horas dentro das vinte e quatro; e como verdadeiros seres humanos o resto do tempo.

— Elas já não fazem isso?

— Está claro que não. Os homens vivem como idiotas, como máquinas,

todo o tempo, tanto nas horas de trabalho como nas de folga. Como idiotas e como máquinas, mas imaginando que vivem como seres humanos civilizados, mesmo como deuses. O primeiro passo é fazê-los reconhecer que eles são idiotas e máquinas durante as horas de trabalho. “Sendo a nossa civilização o que é”, eis o que será preciso dizer-lhes, “vocês devem passar oito horas das vinte e quatro como uma espécie de intermediário entre um imbecil e uma máquina de costura. É muito desagradável, eu sei. É humilhante, é

repugnante. Mas aí está... Vocês têm de fazer isso; de outra maneira toda a estrutura do mundo se fará em pedaços e nós morremos de fome. Eis por que é preciso que vocês façam esse trabalho bestamente e mecanicamente; e que passem as horas de lazer como homens ou como mulheres verdadeiros e completos. Não misturem as duas vidas; mantenham os compartimentos bem estanques entre elas. O que importa acima de tudo é a vida autenticamente humana das horas de folga. O resto não passa de uma necessidade sórdida que é preciso satisfazer. E não se esqueçam

nunca de que ela é efetivamente sórdida e — a não ser por permitir que vocês se alimentem e conservem intacta a sociedade — absolutamente sem importância, sem a menor relação com a verdadeira vida humana. Não se deixem enganar pelos patifes cheios de unção que falam da santidade do trabalho e do serviço cristão que os homens de negócios prestam aos seus semelhantes. Tudo isso são mentiras. O trabalho de vocês não passa de uma tarefa repugnante e desagradável, mas que infelizmente é necessária por causa da loucura de nossos antepassados. Eles

acumularam uma montanha de lixo, e é preciso que vocês fiquem a trabalhar dia e noite com suas pás procurando remover o monturo, de medo que o fedor dele os envenene e mate; é preciso que vocês trabalhem para respirar, maldizendo a memória daqueles insensatos que lhes deixaram todo esse trabalho ignóbil por fazer. Mas não procurem entregar-se-lhe de coração, fingindo que esse sujo trabalho mecânico é uma necessidade nobre. Não é verdade; e o único resultado que vocês obterão, dizendo e crendo nisso, será abaixar a nossa humanidade ao nível

dessa necessidade infecta. Se vocês acreditam nos negócios, como no serviço e na santidade do trabalho, vocês se transformarão simplesmente em idiotas mecanizados durante vinte e quatro horas, das vinte e quatro que têm um dia. Reconheçam que é um trabalho infecto, tapem o nariz, dediquem-se a ele durante oito horas e depois concentrem-se em si mesmos para ser, nas horas de folga, entes humanos verdadeiros. Seres humanos verdadeiros e completos. Não leitores de jornais, nem amadores de jazz, nem maníacos da radiofonia. Os industriais que fornecem

às massas divertimentos padronizados e fabricados em série fazem o possível para torná-los, nas horas de lazer, os mesmos imbecis mecânicos que vocês são durante as horas de trabalho. Mas não permitam isso. É preciso fazer o esforço necessário para ser humano.”

Aqui está o que se deve dizer às gentes: eis a lição que devemos ensinar aos moços. É necessário convencer toda a gente de que toda essa magnífica civilização industrial não passa de um mau cheiro, e de que a vida verdadeira, a que significa alguma coisa, não pode ser vivida senão fora dela. Será preciso

muito, muito tempo para que uma vida decente e o cheiro industrial possam se conciliar. Talvez sejam mesmo inconciliáveis. É o que ainda está para se ver... Seja como for, por ora é necessário varrer as imundícies, suportar o cheiro estoicamente, e, nos intervalos, tratar de levar uma vida verdadeiramente humana.

— É um bom programa. Mas não te vejo ganhando muitos votos com ele nas próximas eleições.

— Eis a dificuldade. — Rampion franziu a testa. — Teríamos todos contra nós. Porque a única coisa a cujo

respeito todos estão de acordo — conservadores, liberais, socialistas, bolcheviques — é a excelência intrínseca do fedor industrial e a necessidade de suprimir, pela padronização e pela especialização, todo traço de virilidade ou de feminilidade na raça humana. E querem que a gente se interesse pela política! Ora, ora... — Balançou a cabeça. — Vamos pensar em coisas mais agradáveis. Olha, quero mostrar-te este quadro. — Atravessou o estúdio e tirou uma tela de uma pilha que estava apoiada contra a parede. — Pronto —

disse, depois que acabou de instalar o quadro num cavalete. Sentada no alto de um talude coberto de relva, onde formava o ápice da composição piramidal, uma mulher nua dava o seio a um bebê. Embaixo, diante dela, estava acororado um homem, as costas nuas voltadas para o espectador; e, ao lado direito, numa posição correspondente, achava-se um menino. O homem acororado brincava com um par de cachorrinhos e um leopardo, que ocupavam o centro do quadro, um pouco mais abaixo dos pés da mãe sentada. O menino olhava a cena. Atrás da mulher,

bem perto dela, ocupando quase toda a parte superior do quadro, via-se uma vaca, com a cabeça levemente voltada para um lado, ruminando. A cabeça e os ombros da mulher se destacavam, pálidos, contra o flanco escuro do animal.

— É um quadro de que gosto de um modo todo particular — disse Rampion depois de um pequeno silêncio. — As carnes estão bem, não acha? Têm viço, têm vida. Meu Deus, como o seu sogro sabia pintar maravilhosamente os nus ao ar livre! Espantoso! Ninguém os fez melhor — nem mesmo Renoir. Ah! Se eu

tivesse os dons que ele tinha! Mas este não está mal — continuou Rampion, voltando ao quadro. — Não está propriamente mal. E depois, tem outras qualidades. Sinto que consegui pôr aí as relações vivas das personagens entre si e o resto do mundo... A vaca, por exemplo. Ela não tem consciência da cena humana. Mas sente-se, entretanto, que o animal está em contato feliz com os humanos, de uma maneira leitosa, ruminante, bovina. E os humanos estão em contato com a vaca. E também com os leopardos, mas não do mesmo modo — de uma maneira que corresponde

àquela maneira felina e viva pela qual os cachorrinhos estão em contato com eles. Não há dúvida: gosto deste quadro.

— Eu também — disse Philip. — É algo a opor ao fedor industrial. — Riu. — Você devia fazer, para companhia desta, uma pintura da vida no mundo civilizado. A mulher de impermeável, apoiada contra uma gigantesca garrafa de Bovril, e alimentando seu bebê com Glaxo. O talude coberto de asfalto. O homem, vestindo um traje de cinco guinéus, agachado diante de um posto radiofônico, com o qual brinca. E o rapazinho, raquítico e cheio de espinhas,

observando a coisa com interesse.

— E o todo executado ao modo cubista — disse Rampion, para dar certeza absoluta de que não havia nele nada de vivo. — Nada como a arte moderna para esterilizar as coisas e extirpar-lhes a vida. O ácido fênico não pode competir com ela...

Capítulo XXIV O GOVERNO

LOCAL DOS HINDUS sob os imperadores da dinastia dos Máuria continuou, semana após semana, a exigir a presença de mr. Quarles no British Museum, pelo menos dois dias inteiros em cada sete.

— Eu não tinha a menor ideia — explicava ele — de que houvesse tanto material disponível.

Enquanto isso, Gladys descobria que se tinha enganado. Os bons momentos

que esperara gozar sob a proteção de mr. Quarles não eram melhores do que os bons momentos que podia desfrutar com *boys* quase tão pobres quanto ela própria. Mr. Quarles, parecia, não estava disposto a pagar o luxo de sentir-se superior. Queria ser um grande homem, mas com pouca despesa. A desculpa que alegava para ir ao restaurante de segunda classe e aos lugares baratos no teatro era sempre a necessidade de segredo. Seria desastroso que algum conhecido o encontrasse em companhia de Gladys; e como as pessoas de seu conhecimento

pertenciam ao mundo que se faz passear, repleto, de Berkeley até as poltronas do Gaiety Theatre, mr. Quarles e Gladys comiam num *corner house* e assistiam aos espetáculos do alto da segunda galeria. Tal a explicação oficial da qualidade pouquíssimo principesca das festas que proporcionava à rapariga. A explicação real não era a necessidade de guardar segredo, mas a aversão inata de Sidney a se desfazer do seu dinheiro. Porque, embora as grandes somas significassem pouco para ele, as pequenas significavam muito. Quando se tratava de “melhoramentos

imobiliários”, ele de bom grado desembolsava dezenas ou mesmo centenas de milhares de libras. Mas quando se tratava de pagar duas ou três meias coroas para dar à sua amante um lugar melhor no teatro ou uma refeição mais saborosa, um ramalhete de flores ou uma caixa de bombons, Sidney Quarles se tornava repentinamente o mais econômico dos homens. Essa avareza tinha raízes em certo puritanismo curioso, que coloria suas opiniões a respeito de quase todos os prazeres e divertimentos (fora os estritamente sexuais). Jantando com uma

empregadinha seduzida na barata obscuridade de uma baiuca de Soho ele (com toda a paixão de um Milton reprovando os filhos de Belial, com toda a seriedade de um Wordsworth defendendo a causa de uma vida material mais humilde e de um pensamento mais elevado) denunciava os grosseiros gozadores do Carlton, os glutões do Ritz, que, no meio das misérias amontoadas de Londres, gastam descuidosamente o salário mensal de um operário agrícola num jantar *tête-à-tête*. Dessa maneira, Sidney dava às suas preferências parcimoniosas em matéria

de restaurantes e de lugares de teatro um caráter de alta moral não menos que de simples medida diplomática. Seduzidas por um libertino já velhusco, as amantes de mr. Quarles ficavam surpreendidas de se verem jantando com um profeta hebreu e divertindo-se na companhia de um discípulo de Catão ou de Calvino.

— Quem o ouve falar julgará que você é um santo! — disse Gladys com sarcasmo, quando Sidney fez uma pausa para respirar, no meio de uma de suas diatribes de *corner house* contra os pródigos e os glutões. — Você!

A risada da rapariga era ferozmente

sarcástica.

Mr. Quarles ficou desconcertado. Estava habituado a ver-se escutado respeitosamente, como um deus do Olimpo. O tom de voz de Gladys era grosseiro e revoltado; ele não gostava daquilo; o caso o inquietava, mesmo. Sidney alçou o queixo com dignidade e disparou um tiro de censura sobre a cabeça dela:

— Não é uma simples questão de personalidades. Realmente é uma questão de princípios gerais.

— Não consigo ver nenhuma diferença — replicou Gladys, abolindo

de súbito todas as pretensões solenes de todos os filósofos e moralistas, de todos os chefes religiosos, reformadores e fabricantes de utopias, desde o começo dos tempos humanos.

O que, sobretudo, exasperava Gladys era que mesmo no mundo dos “freges” e dos lugares baratos de teatro, mr. Quarles não abandonava suas pretensões nem suas maneiras olímpicas. A indignação dele, uma noite em que havia uma multidão compacta na escada das segundas galerias, foi clamorosa e cheia de sentimento de justiça.

— Realmente isto é um escândalo!

— classificou Sidney.

— Quem vê pensa que você tomou o camarote real... — observou Gladys sarcasticamente.

E quando, numa casa de chá, o velho Quarles se queixou de que a fatia de salmão de um xelim e quatro pence, a julgar pelo gosto, tinha vindo da Colúmbia Britânica, e não da Escócia, Gladys lhe aconselhou que escrevesse ao *Times* a respeito. Este achado fez as suas delícias, e daí por diante ela não cessou de recomendar ironicamente a Sidney que escrevesse ao *Times*. Ele se

queixava, filósofo nobre e desiludido, da vacuidade dos políticos e da trivialidade sórdida da vida política? Gladys lhe sugeria que escrevesse ao *Times*. Se o velho discorria com eloquência sobre a hipocrisia da senhora opinião pública e sobre a intolerância dos ingleses, a rapariga lhe dizia que escrevesse ao *Times*. Era realmente um escândalo que nem sir Edward Grey nem Loyd George soubessem falar francês; outra vez vinha à baila o *Times*... Mr. Quarles sentiu-se ferido e ultrajado. Nunca lhe acontecera coisa semelhante. Na companhia de suas

outras amantes a consciência de sua superioridade tinha sido uma felicidade serena. Elas o haviam venerado e admirado; ele se sentira um verdadeiro deus. E, durante os primeiros dias, Gladys dera a impressão de ser também uma adoradora. Mas, tendo vindo para orar, ficara para zombar... A felicidade espiritual de mr. Quarles estava aniquilada. Não fosse a satisfação material que lhe davam as qualidades biológicas de Gladys, ele teria rapidamente esgotado o assunto do governo local entre os Máuria e passaria a ficar em casa. Infelizmente a jovem

secretária tinha sido dotada de uma dose incomum dos caracteres gerais da espécie. Como indivíduo, Gladys, com o seu sarcasmo, magoava e repelia Sidney Quarles; mas essa repulsa individual era anulada pela atração que exercia no velho o que nela havia de especificamente feminino, o que ela tinha de comum com toda a sua espécie, todo o seu sexo. Apesar das zombarias da amante, mr. Quarles voltava a Londres. Os reclamos dos hindus tornavam-se cada vez mais imperiosos.

Percebendo o seu poder, Gladys

começou a recusar o que ele desejava. Talvez fosse possível, por meio de um pouco de chantagem, forçá-lo a essa generosidade que não estava na sua natureza revelar espontaneamente. Ao regressar de uma noitada muito pouco onerosa, numa *corner house* e num cinema, ela repeliu Sidney com cólera quando, no táxi, ele tentou as carícias habituais.

— Não pode me deixar em paz? — perguntou Gladys secamente. E, ao cabo de um momento: — Diga ao chofer que vá primeiro à minha casa, que eu quero descer.

— Mas, minha pequena! —
protestou mr. Quarles.

Não tinha ela prometido entrar com ele?

— Mudei de ideia. Diga ao chofer.

O pensamento de que, ao cabo de três dias de antecipações ardentes, ele seria obrigado a passar uma noite solitária, foi-lhe uma tortura.

— Mas Gladys, minha querida...

— Diga ao chofer...

— Mas, realmente, isto é cruel demais; você é tão, tão má...

— Pois então escreva uma carta ao *Times* — foi a única resposta da

rapariga. — Eu mesma falo ao chofer.

Depois de uma noite de insônia e de sofrimento, mr. Quarles saiu, logo que as lojas se abriram, e comprou um relógio de pulso de catorze guinéus.

*

Era uma propaganda de pasta de dente. Mas como a gravura representava um par que dançava o foxtrote, exibindo-se mutuamente os dentes num sorriso amoroso e nacarado, e como a palavra começasse com um D, o pequeno Phil leu sem a menor hesitação: Dança.

O pai desatou a rir.

— Grande embusteiro! E eu que

pensei que sabias ler!

— Mas eles estão dançando —
protestou o menino.

— Sim, mas não é isso que está
escrito. Lê de novo.

Mostrou-lhe a palavra apontando
com o dedo.

O pequeno Phil relanceou de novo a
palavra impossível e olhou longamente
para a imagem. Mas o par de dançarinos
não lhe deu a menor indicação.

— Dínamo — disse ele por fim, em
desespero de causa. Foi a única outra
palavra começada por D que lhe veio ao
espírito naquele momento.

— Por que não “dinossauro”, de uma vez? Ou “dolicocéfalo”? Ou “dicotiledôneo”? — O pequeno Phil ficou profundamente ofendido: não podia suportar que zombassem dele. — Vamos, lê de novo. E desta vez procure ler de verdade. Não adivinhes.

O menino virou a cabeça: — Isso é chato... — Sua vaidade o impedia de tentar o que não podia realizar com êxito pleno. Miss Fulkes, que tinha por princípio ensinar por persuasão racional e com o consentimento raciocinado do aluno (ela era ainda muito jovem), lhe havia feito preleções sobre a sua

própria psicologia, na esperança de que, uma vez tendo consciência de seus defeitos, Phil pudesse corrigi-los. “Você tem um orgulho da pior espécie”, dissera-lhe ela. “Não tem vergonha de ser um burro e de não saber as coisas. Mas tem vergonha de se enganar. Prefere não fazer uma coisa a fazê-la às avessas. Isso é um erro muito grande.” O pequeno Phil balançou a cabeça em sinal de assentimento e dissera: “Sim, Miss Fulkes” — da maneira mais racional e compreensiva que se podia imaginar. Mas continuava preferindo não fazer as coisas a fazê-las com dificuldade e

errado.

— Isso é chato... — repetiu ele. — Mas você quer que eu faça um desenho? — propôs, voltando-se de novo para o pai com um sorriso cativante.

Estava sempre pronto a desenhar; desenhava bem.

— Não, obrigado. Quero que você leia.

— Mas isso é chato...

— Não importa. É preciso que experimente.

— Mas eu não quero experimentar.

— Mas eu é que quero. Experimente.

O pequeno desatou a chorar. As

lágrimas, ele o sabia, eram uma arma irresistível. E, efetivamente, elas demonstraram uma vez mais o seu poder.

Elinor, que se achava sentada, com um livro entre as mãos, na outra extremidade do compartimento, ergueu os olhos.

— Não o faça chorar — exclamou ela. — Faz-lhe tanto mal...

Philip deu de ombros: — Se acha que essa é a maneira de educar uma criança... — retrucou com um amargor que a ocasião não justificava, um amargor acumulado pouco a pouco no curso das últimas semanas de silêncio e

de hostilidade remota, de introspecção e de censuras inúteis a si mesmo, um amargor que achava agora uma ocasião para se exprimir, embora fora de propósito.

— Não acho coisa alguma — disse Elinor com uma voz fria e dura. — Sei apenas que não quero que ele chore. — O pequeno Phil redobrou o choro. A mãe chamou-o e sentou-o sobre seus joelhos.

— Mas, já que ele tem a infelicidade de ser filho único, seria necessário mesmo fazer um esforço para não mimá-lo tanto...

Elinor comprimiu a face contra os cabelos do filho: — Já que ele é filho único, não vejo por que não possa ser tratado como tal.

— Você é um caso perdido. Já é tempo de criarmos juízo, para que o rapaz tenha uma oportunidade de ser educado racionalmente.

— E quem se ocupará com a sua educação racional? Você? — Elinor riu sarcasticamente. — Ao cabo de oito dias, você estaria tão enfarado que te haveria de suicidar ou de tomar o primeiro avião para Paris, voltando só depois de seis meses!

— Papai malvado! — fez o pequeno Phil.

Philip se sentiu ofendido, tanto mais que, no íntimo, sabia que a mulher tinha dito a verdade. O ideal de um interior rústico, cheio de pequenos deveres e de contatos humanos banais, era desses que, para ele, chegavam às raias do absurdo. Embora a ideia de zelar pela educação do menino fosse interessante, Philip sabia que a prática seria intoleravelmente aborrecida. Relembrou as tentativas espasmódicas de educação que seu pai empreendera. Com ele aconteceria o mesmo. E era

precisamente por essa razão que Elinor não devia ter lhe dito aquilo.

— Não sou tão infantilmente, tão absolutamente leviano como parece imaginar — retrucou Philip, com dignidade e com uma cólera contida.

— Ao contrário, você é adulto e sério demais. Seria incapaz de se ocupar com uma criança, porque não é bastante criança. Você se parece com uma dessas personagens tão terrivelmente adultas do *Matusalém* de Bernard Shaw.

— Papai malvado! — repetia o pequeno Phil de uma maneira exasperante, como um papagaio cujo

repertório se limitasse a uma única frase.

O primeiro impulso de Philip foi de arrebatá-lo o filho dos braços da mãe, dar-lhe umas palmadas pela impertinência, pô-lo para fora da sala e depois voltar-se violentamente para Elinor e “ajustar contas” com ela. Mas o hábito de autodomínio que tem todo homem bem-educado, e seu horror às “cenas” fizeram com que ele conservasse a calma. Em lugar de abandonar-se a uma sã explosão, fez um esforço de vontade e se fechou em si mesmo mais estreitamente do que nunca.

Conservando a sua dignidade e seu ressentimento inexprimido, Philip ergueu-se e saiu para o jardim pela porta envidraçada. Elinor viu-o partir. Seu primeiro impulso foi correr atrás dele, tomar-lhe a mão e fazer as pazes. Mas conteve-se também. Philip se foi, manquejando, e sumiu-se. O menino continuava a choramingar. Elinor balançou-o um pouco.

— Para, Phil — disse ela quase com raiva. — Agora chega. Para já e já!

*

Os dois médicos examinavam algo que, para o olho inexperiente, poderia ter passado pela fotografia de um tufão

no golfo de Sião, de uma explosão de fumaça negra em meio de nuvens, ou simplesmente de uma mancha de tinta.

— Está muito claro — disse o jovem radiologista. — Vejam. — Mostrou com o dedo a nuvem de fumaça. — Há, no piloro, uma neoformação perfeitamente visível. — Lançou ao seu eminente colega um olhar cheio de uma espécie de deferência interrogativa.

Sir Herbert balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Bem visível — repetiu ele. Seu tom era o de um oráculo; o que ele dizia, sentia-se, era sempre e inevitavelmente

verdadeiro.

— Não podia mesmo ser muito grande. Pelo menos com os sintomas registrados até agora. Não houve ainda vômitos.

— Não houve vômitos? — exclamou o radiologista, dando mostras de espanto e de um interesse talvez excessivo. — Isso explica a pequenez...

— A obstrução é apenas leve.

— Seria sem dúvida interessante abrir o abdômen para permitir a exploração...

Sir Herbert fez uma careta leve e balançou a cabeça com um ar de dúvida:

— Temos de pensar na idade do paciente.

— Perfeitamente — apressou-se em concordar o radiologista.

— Ele é mais velho do que parece.

— Sim, sim. É certo que ele não mostra a idade que tem.

— Bem, preciso retirar-me — disse sir Herbert.

O jovem radiologista se precipitou para a porta, apresentou-lhe o chapéu e as luvas, escoltou-o pessoalmente até o Daimler que o esperava. Voltando à sua mesa, de novo correu os olhos pela radiografia manchada de negro e

nublada de cinza.

“Um clichê verdadeiramente notável e feliz”, disse ele para si mesmo, com satisfação; depois, voltando à radiografia, escreveu no verso algumas palavras a lápis.

“J. Bidlake, Esq. Estômago, depois da ingestão de bário. Neoplasma no piloro, pequeno, mas muito claro. Radiografado...” Consultou o calendário, escreveu a data na radiografia e arquivou-a.

*

O velho criado anunciou a visita e se retirou, fechando atrás de si a porta do estúdio.

— Então, John? — perguntou lady Edward, avançando através do compartimento. — Como vai? Disseram-me que estavas adoentado. Espero que não seja nada sério...

John Bidlake não se ergueu nem mesmo para recebê-la. Das profundezas da poltrona na qual tinha passado o dia a meditar com terror sobre temas de moléstias e de morte, estendeu uma das mãos à amiga.

— Mas, meu pobre John! — exclamou lady Edward, sentando-se ao lado dele. Tem um ar de cansaço e abandono. Que é que há?

John Bidlake balançou a cabeça: — Só Deus sabe! — Ele tinha adivinhado, estava claro, partindo das palavras vagamente profissionais de sir Herbert a respeito de uma “ligeira obstrução nas vizinhanças do piloro”; ele *sabia* de que se tratava... Seu filho Maurício não havia morrido da mesma doença, havia cinco anos, na Califórnia? Ele sabia; mas não queria dar voz ao seu conhecimento. Uma vez exprimida, a mais terrível das coisas se torna mais espantosa ainda, mais irrevogável. De resto, não devemos nunca formular nosso conhecimento de um mal que está

por vir; porque então o destino terá, de certo modo, um padrão de acordo com o qual poderá dar forma aos acontecimentos. Há sempre uma espécie de probabilidade longínqua de não acontecer a desgraça, quando não damos expressão aos nossos maus presságios. Os mistérios da religião pessoal de John Bidlake eram tão absurdamente obscuros e paradoxais como qualquer dos que se podem encontrar nas ortodoxias “teólatras” que ele gostava de ridicularizar.

— Mas você não procurou um médico? — O tom da voz de lady

Edward era acusador; ela conhecia o estranho preconceito de seu amigo contra os médicos.

— É claro que procurei — respondeu ele com irritação, sabendo-a a par de tudo. — Você me toma por um imbecil? Mas eles são todos uns charlatães. Procurei um que tem um título de *sir*. Mas você acha que ele sabe alguma coisa mais do que os outros? Limitou-se a me dizer, no seu jargão de curandeiro, o que eu lhe tinha dito em palavras claras: que eu tenho qualquer coisa estragada cá dentro. Patifão imbecil! — Seu ódio contra sir Herbert

e contra todos os médicos o havia momentaneamente reanimado.

— Mas ele deve ter te dito alguma coisa — insistiu lady Edward.

Estas palavras lhe trouxeram ao pensamento aquela “ligeira obstrução nas vizinhanças do piloro”, a moléstia, a dor e a fúnebre aproximação da morte. O pintor recaiu no seu antigo acabrunhamento, no seu velho terror.

— Nada de importante — murmurou ele, voltando o rosto.

— Então talvez não seja nada de verdadeiramente sério — sugeriu lady Edward para reconfortá-lo.

— Não, não! — Aquele otimismo despreocupado teve sobre o velho o efeito de uma injúria. Ele não queria entregar-se ao destino formulando a horrível verdade. Mas ao mesmo tempo queria que o tratassem como se a verdade estivesse explícita. Que o tratassem com uma comiseração grave. — É sério. É muito sério — insistiu.

Pensou na morte; na morte, sob a forma de uma vida nova, que crescia e crescia em seu ventre, como um embrião em um útero. A única coisa fresca e ativa no seu velho corpo, a única coisa viva, de uma maneira exuberante e

crescente, era a morte.

Em torno, em todas as paredes do estúdio, estavam penduradas notas fragmentárias da vida de John Bidlake. Duas pequenas paisagens executadas nos jardins do Píncio, nos dias em que Roma tinha cessado recentemente de pertencer ao papa; uma vista de campanários e de cúpulas percebidas nos intervalos entre os carvalhos verdes; um par de estátuas silhuetadas contra o céu. Ao lado, uma cara de sátiro, chata e barbada, o retrato de Verlaine. Uma cena de rua, em Londres, cheia de *hansom-cabs*, de chapéus altos e de saias pregueadas.

Três esboços da Mary Betterton fornida e alegremente colorida trinta anos atrás. E Jenny, a mais magnífica das modelos, deitada nua sobre uma espreguiçadeira, com uma janela atrás de si, nuvens brancas ao longe, um vaso de rosas no peitoril da janela e um grande gato persa azul estendido, como um leão heráldico, sobre o ventre branco da rapariga, cochilando, as patas entre os seios redondos e rasos.

Lady Edward mudou vivamente de assunto: — Lucy acaba de partir para Paris, de avião — começou ela.

Capítulo XXV

QUAI VOLTAIRE.

O ar estava agitado. Eu havia me esquecido dos *Quiés* para os ouvidos e me vi no meio de um verdadeiro inferno de ruído durante duas horas e meia. Sinto-me muito fatigada e, em consequência disto, meu suave Walter, um pouco sentimental e *Sola Sola*. Por que você não está aqui para me consolar da insuportável tristeza desta magnífica noite que faz lá fora de minha janela? O Louvre, o rio, o céu de um verde de cristal, a luz do sol, e estas sombras veludasas — tudo isto me dá desejos de

explodir em lágrimas. E não é somente a paisagem. Meus braços nas mangas de meu roupão, minha mão enquanto escrevo, até os dedos nus de meus pés, agora que deixo cair meus chinelos — é terrível, terrível. E quanto a meu rosto no espelho, a meus ombros, às rosas alaranjadas, aos peixinhos da mesma cor, as cortinas de Dufy e a todo o resto — sim, todo, porque tudo é igualmente belo e extraordinário, mesmo as coisas opacas e feias — tudo isso é demais para se suportar. É demais. Não posso, e, o que é mais, não hei de suportar... Intervalo de cinco minutos. É porque

telefonei a René Tallemant para ele vir tomar um coquetel e me levar a alguma parte onde a gente se divirta, *malgré* minha dor de cabeça. Recuso simplesmente me deixar levar pelo mundo exterior. Conhece René? Realmente, é um homenzinho surpreendente. Mas eu preferia que fosse você, apesar de tudo. É hora de eu ir pôr alguma roupa. *A Toi.*

QUAI VOLTAIRE.

Sua carta estava cansativa. Que choramingas! E não é lisonjeiro ver-se a gente comparada a um veneno que se infiltra no sangue. É como se nos chamassem “dor de estômago”. Se não pode escrever de uma maneira mais sensata, não escreva então. *Quant à moi, je m’amuse. Pas follement.* Mas suficientemente, suficientemente. Teatros; em sua maioria, maus; mas gosto deles; sou ainda bastante pueril para me sentir envolvida nos enredos imbecis. E compro vestidos; que

arrebatamentos! Eu simplesmente me adorei nos espelhos de Lanvin. Olhar quadros, por outro lado, é um esporte muito caro. Mas a dança não. Haveria algum sentido na vida, se ela fosse sempre semelhante a uma dança com um profissional. Mas não é. E se fosse, a gente não teria talvez desejo mais vivo de que o de caminhar. À noite, arrasto-me pelos cafés de Montparnasse, através das hordas de americanos, de polacos, de estonianos, de romenos, de finlandeses, de letões, de lapões, de vênedos etc., que todos (Deus nos acuda!) são artistas. Será preciso fundar

uma liga para a supressão da arte? Paris faz com que eu deseje isso ardentemente. Eu quisera também encontrar um pouco mais de heterossexuais, para variar. Não me agradam, para falar a verdade, *Ni les Tapettes ni les Gousses*. E desde que Proust e Gide os puseram em moda, não se vê outra coisa nesta cidade cansativa. Toda a minha respeitabilidade inglesa irrompe!...

Tua L.

QUAI VOLTAIRE.

Desta vez a tua carta foi muito melhor. (Os únicos versos que você me

deu, e assim mesmo por acidente. Não importa: não são maus.) Se ao menos toda a gente quisesse convencer-se de que ser infeliz ou feliz, a propósito do amor, é sobretudo uma questão de moda! Ser poeticamente desgraçado é uma moda velha e, de resto, as rimas não a justificam em inglês. *Cuore-Dolore-Amore*: em italiano, não há como fugir... Nem em alemão: o *Herz* deve sentir *Schmerz* e o *Liebe* está inevitavelmente cheio de *Triebe*. Mas em inglês, não. Não há dor associada aos *Loves* ingleses; só *Gloves* e *Doves* — luvas e pombas-rolas inofensivas. E as únicas

coisas que, pelas leis da poética, podem ir direto aos *Hearts* dos ingleses são os *Tarts* e as *Amourous Arts*. — E, asseguro-te — um homem está muito mais bem ocupado quando pensa nessas coisas do que quando fica a dizer o quanto se sente desamparado, ciumento, incompreendido e mais as asneiras restantes. — Eu quisera que esse idiota do René pudesse compreender isto. Mas, infelizmente, *Coeur* rima com *Douleur*, e ele é francês. O rapaz está se tornando quase tão aborrecido como você, meu pobre Walter. Mas espero que agora esteja convertido. Gosto de você.

— L.

QUAI VOLTAIRE.

Estou resfriada e cheia de um intenso aborrecimento, aliviado apenas momentaneamente pela sua carta. Para falar a verdade, Paris é terrivelmente monótona. Tenho vontade de tomar um avião e de me ir embora para alguma parte, mas não sei onde. Eileen veio ver-me hoje. Quer deixar Tim porque ele faz questão de que ela se deite nua na cama enquanto prende fogo nos jornais por cima dela e deixa-lhe cair as cinzas quentes sobre o corpo. Pobre Tim! Não me parece gentil privá-lo de

seus pequenos prazeres inocentes! Mas Eileen anda nervosa à ideia de poder ficar tisonada... Ficou furiosa comigo porque eu ri e não demonstrei nenhuma simpatia por ela. Tomei a coisa como brincadeira. E é brincadeira mesmo. Uma brincadeira muito leve. Porque, como a rainha, não achamos graça. Ah! Como eu te detesto por não estar aqui para me distrair! Pode-se perdoar tudo, menos a ausência. Oh, Walter imperdoavelmente ausente, adeus! Eu tenho *envie* de você esta noite, de suas mãos, de sua boca... E você? Você se lembra?

QUAI VOLTAIRE.

De sorte que Philip Quarles pretenda instalar-se no campo e tornar-se mistura de mrs. Gaskell e de Knut Hamsun. Bem, bem... Mas é bom que ainda haja gente capaz de ter ilusões. Em todo caso, ele não poderá aborrecer-se mais na sua aldeia do que eu aqui. A quanta coisa mesquinha a gente está sujeita! A noite passada fui com Tim e Eileen, que parece reconciliada com as demonstrações pirotécnicas, a um desses lugares em que a gente paga cem francos para ter o privilégio de assistir, como

espectador, a orgias (põe-se uma máscara — é a única coisa divertida) e, querendo, participar delas. Uma iluminação reduzida — religiosa; pequenos cubículos, divãs; e muito disso a que os franceses chamam *amour*, passando-se numa grande promiscuidade. Esquisito e grotesco, sim — mas terrivelmente aborrecido e depois tudo tão... tão “médico”! Um misto de número representado por *clowns* muito estúpidos e de anfiteatro de dissecação: Tim e Eileen queriam ficar. Eu lhes disse que preferia ir visitar o necrotério e deixei-os lá.

Espero que se tenham divertido. Mas que coisa cacete, que coisa desesperadamente, irremediavelmente cacete! Sempre pensei que Heliogábalo tivesse sido um jovem muito pervertido. Mas agora que vi o que o divertia, compreendo que ele devia ter o espírito de um bebê — absolutamente pueril. Tenho a infelicidade de ser demasiado adulta no que diz respeito a certas coisas... Tenho vagamente a ideia de ir a Madri na próxima semana. Lá há de fazer um calor formidável, é claro. Mas adoro o calor. Desabrocho nos fornos. (Talvez aqui esteja uma indicação

significativa do que me reserva a imortalidade...) Por que você não vem comigo? Falo sério. Assassina Burlap e vem fazer uma excursão *à la* Maurice Barrès. *Du sang, de la volupté, et de la mort*. Sinto-me um pouco sanguinária neste momento. A Espanha me serviria. Enquanto isso, vou fazer um inquérito a respeito da temporada das corridas de touros. A arena nos mareia; minha sede de sangue não vai até o desejo de ver estripar cavalos de cabriolé. Mas os espectadores são maravilhosos. Vinte mil frissons sádicos simultâneos. Realmente notável! É preciso que venha,

meu suave Walter. Diga sim. Insisto.

Lucy

Foi uma gentileza sua, meu Walter querido, fazer o impossível para vir à Espanha. Eu quisera, por uma vez que fosse, que você não tomasse tão a sério a minha *envie* momentânea. Madri está esquecida, pelo menos por ora. Se a ideia me vier de novo, eu te comunicarei em seguida. Por enquanto, Paris. Escrevo às pressas.

L.

Capítulo XXVI do caderno de notas de philip quarles

ENCONTREI RAMPION TACITURNO E

EXASPERADO, não sei a

propósito de que, e

consequentemente

pessimista — lírica e

violentamente pessimista.

— Dou dez anos às condições atuais

— disseme ele, depois de ter catalogado
os horrores do mundo moderno. —

Depois disso virá o caos mais espantoso
e mais sangrento que já se viu.

E profetizou guerras de classes,

guerras de continentes, o
estraçalhamento catastrófico de nossa
sociedade já terrivelmente instável.

— Não é uma perspectiva lá muito
agradável para nossos filhos — disse-
lhe eu. — Nós, pelo menos, já tivemos
os nossos trinta anos de vida, mais ou
menos... Mas eles hão de crescer
simplesmente para verem o Julgamento
Final!

— Não devíamos tê-los posto no
mundo.

Citei-lhe o caso desses melanésios
de que fala Rivers, e que simplesmente
recusaram-se a continuar tendo filhos

depois que os brancos lhes extirparam a religião e a civilização tradicionais.

— A mesma coisa se passa no mundo ocidental — disse-lhe eu —, porém mais lentamente. Não o brusco suicídio da raça, mas a diminuição gradual da natalidade. Gradual porque, entre nós, o veneno da civilização moderna contaminou os homens muito mais lentamente. Há muito tempo que a coisa dura: mas apenas agora começamos a perceber que somos vítimas de um envenenamento. Eis por que mal começamos a cessar de procriar. Os melanésios tiveram a sua

alma assassinada bruscamente, de sorte que não puderam deixar de perceber o que lhes acontecia. Foi essa a razão por que decidiram, por assim dizer de um dia para outro, não se dar mais o trabalho de manter a raça viva.

— O veneno, agora, já não é lento. Ele opera cada vez mais rapidamente.

— Como o arsênico; os efeitos são cumulativos. A partir de um certo momento começamos a galopar rumo à morte.

— A procriação diminuiria de uma maneira muito mais completa se as pessoas tivessem compreendido... Ora,

ora! Os nossos pimpolhos terão de abrir o olho para se cuidar, já que estão aqui.

— E enquanto isso — sugeri — é necessário a gente continuar a conduzir-se como se nosso mundo fosse durar para sempre, devemos ensinar-lhes boas maneiras e gramática latina e o mais que segue. O que vai fazer com os seus?

— Se eu pudesse empregar o meu método, não lhes ensinaria coisa alguma. Eu os poria em liberdade no campo, numa fazenda, e lhes diria que se divertissem. E se eles fossem incapazes de se divertir, havia de dar-lhes veneno de matar rato.

— Isso é um pouco utópico como programa de educação, não acha?

— Eu sei. Eles têm de ser pessoas instruídas e bem-educadas; o diabo os leve! Há vinte anos eu teria protestado contra esta educação burguesa. Tê-los-ia educado como camponeses. Mas nos nossos dias as classes operárias estão tão apodrecidas como as outras. Não são mais que péssimas imitações da burguesia e, sob certos aspectos, piores do que o original. De sorte que meus garotos são educados como cavalheiros, apesar de tudo. E como pessoas instruídas. Que idiotice!

Rampion queixou-se a mim de que ambos os filhos tinham a paixão das máquinas — carros, trens, aviões, rádio.

— É contagioso, como a varicela. O amor da morte anda no ar. Eles o respiram, ficam contaminados. Tento persuadi-los a amar outra coisa. Mas eles não querem ouvir nada. A mecânica é a única coisa que os seduz. Estão contaminados pelo amor da morte. Dir-se-ia que os moços estão absolutamente determinados a levar o mundo para um fim — a mecanizá-lo primeiro até a loucura e depois até o assassínio puro e simples. Pois bem, deixá-los fazer, já

que o querem, esses diabinhos imbecis! Mas é humilhante, é terrivelmente humilhante que os seres humanos tenham dessa maneira semeado a desorganização por toda parte. A vida poderia ser bela, bastava apenas que eles quisessem. Sim, e ela foi bela outrora, creio. Agora se transformou numa loucura; não é mais do que a morte, violentamente galvanizada, fazendo contorções aqui e ali, e produzindo uma algazarra infernal para se convencer a si mesma de que ela não é realmente a morte, mas sim a mais exuberante espécie de vida. Pensemos

em Nova York; pensemos em Berlim. Bom Deus! Enfim, deixemos que vão para o inferno, se assim querem. A mim é que isso não preocupa.

Mas o diabo é que a coisa preocupa mesmo Rampion.

*

Desde que li Alverdes e Wheeler, estou absolutamente convencido de que meu romancista deve ser um zoólogo amador. Ou, melhor ainda, um zoólogo profissional que escreve um romance nas suas horas de lazer. Ele há de ver as coisas estritamente sob o ângulo da biologia. Passará constantemente do cupinzeiro para o salão e para a fábrica,

e vice-versa. Ilustrará os vícios humanos com os das formigas, que negligenciam a sua progênie pelo amor do licor inebriante exalado pelos parasitas que lhes invadem os ninhos. Seu herói e sua heroína passarão a lua de mel às margens de um lago, em que os mergulhões e os marrecos demonstrarão todos os aspectos do galanteio e do casamento. Observando a “ordem das bicadas” habitual e quase sagrada que reina entre as galinhas de seu terreiro — a galinha A bicando a galinha B, mas sem ser bicada por ela, a galinha B bicando a galinha C e assim

por diante —, o político meditará sobre a hierarquia católica e sobre o fascismo. Um novelo de cobras em suas cópulas entrelaçadas lembrará ao libertino as suas orgias. (Já vejo aí um episódio interessante, no qual uma espécie de Spandrell tirará a moralidade, para uma inocente jovem idealista, da promiscuidade amorosa de um grupo de serpentes.) O nacionalismo e o amor religioso da propriedade nas classes médias serão ilustrados pela defesa apaixonada e feroz que a toutinegra macho faz de seu território escolhido. E assim por diante. Pode-se tirar disso

tudo alguma coisa de estranho e de muito divertido.

*

Uma das coisas mais difíceis de ter em mente é que o valor de um homem numa esfera determinada não constitui uma garantia de seu valor em outra esfera. A matemática de Newton não prova nada em favor da sua teologia. Faraday tinha razão a respeito da eletricidade, mas não a respeito do sandemanismo. Platão escreveu maravilhosamente bem, e esta é a razão pela qual muita gente acredita ainda na sua perniciosa filosofia. Tolstói foi um excelente romancista; mas não constitui

isto razão para que deixemos de considerar detestáveis suas ideias sobre a moral, ou para que sintamos outra coisa que não seja desdém pela sua estética, pela sua sociologia e pela sua religião. No caso dos homens de ciência e dos filósofos, uma tal inépcia fora de sua especialidade não tem nada de surpreendente. Ela é, até, mais ou menos inevitável. Porque é evidente que o desenvolvimento excessivo das funções puramente mentais leva a uma atrofia de todas as outras. Daí a infantilidade notória dos professores e a simplicidade visível das soluções que eles oferecem

para os problemas da vida. O mesmo acontece com os especialistas em espiritualidade. A profunda toleima das pessoas santas; a sua puerilidade. Mas no artista há menos especialização, menos desenvolvimento unilateral; conseqüentemente, o artista deveria ter mais bom senso geral do que o mal equilibrado homem de ciência; não devia apresentar os *puncta caeca* e as imbecilidades dos filósofos e dos santos. Eis por que um homem como Tolstói é tão imperdoável. Instintivamente, tem-se mais confiança nele do que num intelectual ou num

especialista do espírito. E ele dá em perverter todos os seus instintos mais profundos e a mostrar-se exatamente tão estúpido e pernicioso como são Francisco de Assis, ou como Kant o moralista (ah! esses imperativos categóricos! E, depois, o fato de serem as frutas cristalizadas a única coisa que podia apaixonar um pouco aquele velho cavalheiro!) ou como Newton o teólogo! Isso nos põe de sobreaviso mesmo contra os que julgamos estarem provavelmente com a verdade. Como Rampion, por exemplo. Um artista extraordinário. Mas terá razão em suas

ideias sobre o mundo? Ah! isso não se pode deduzir da excelência de suas pinturas e de seus escritos. Entretanto, duas coisas me dão confiança nas suas opiniões sobre os problemas da vida. A primeira é que ele vive de uma maneira mais satisfatória do que qualquer pessoa das que conheço. Vive de uma maneira mais satisfatória porque vive de uma maneira mais realista do que os outros. Rampion, na minha opinião, leva em conta todos os fatos (ao passo que os outros se escondem desses fatos, ou fingem que os que eles acham desagradáveis não existem, ou não

deveriam existir) e se põem então a adaptar seu modo de vida aos fatos, em vez de procurar obrigar os fatos a se adaptarem a uma ideia preconcebida da verdadeira maneira de viver (como esses imbecis dos cristãos, dos intelectuais, dos moralistas e dos homens de negócios prósperos). A segunda coisa que me dá confiança no julgamento de Rampion é que muitas de suas opiniões concordam com as minhas, o que, postas à parte todas as questões de vaidade, é um bom sinal, visto que partimos de pontos iniciais muito afastados — de dois pólos, em

suma. As opiniões sobre as quais dois adversários estão de acordo (porque é isto o que somos essencialmente, e desde a origem: adversários) têm fortes probabilidades de ser justas. A diferença principal entre nós, aliás, é que suas opiniões são vividas, ao passo que as minhas, no conjunto, não passam de pensadas. Como ele, eu desconfio do intelectualismo, mas desconfio intelectualmente; não creio na eficácia de nenhuma teoria científica ou filosófica, de nenhum princípio moral abstrato — isto, porém, com fundamentos científicos, filosóficos e de

moral abstrata. O problema, para mim, é transformar um ceticismo intelectual e desprendido num modo de vida pleno e harmonioso.

O caminho de todo intelectual, quando ele prossegue a sua jornada por bastante tempo e sem desfalecimento, termina na evidência, da qual os não intelectuais nunca se desviaram. Este tema foi desenvolvido por Burlap, num desses artigos viscosos e nauseantes em que ele é especialista. E há nisso um bom fundo de verdade, a despeito de Burlap. (Aqui estamos outra vez de volta às personalidades. O homem

profundamente desprezível pode ter opiniões preciosas, bem como o homem admirável — a certos respeito — pode ter opiniões detestáveis. E suponho, entre parênteses, que pertenço à primeira categoria — se bem que não tão completamente, espero, como Burlap, e de uma maneira diversa.) Muitos intelectuais, está claro, não vão bastante longe para voltarem à evidência. Eles se aferram a uma crença patética no racionalismo e na supremacia absoluta das faculdades mentais e da vontade inteiramente consciente. Devemos ir mais longe do

que esses cavalheiros do século XIX, por exemplo, pelo menos tão longe quanto Protágoras e Pirro, antes de voltarmos a essa evidência em que permaneceram sempre os não intelectuais. E devemos apressar-nos a deixar bem claro que esses não intelectuais não são a canalha moderna que lê os jornais ilustrados, escuta rádio, dança o jazz e tem por preocupação exclusiva ganhar dinheiro e levar a pavorosa “boa vida” moderna. Não, não; não se trata de fazer o elogio do homem de negócios de cabeça sólida, nem do gozador vulgar. Porque, a despeito de sua estupidez, de sua falta

de gosto, de sua vulgaridade, de sua infantilidade (ou melhor, por causa de todos estes defeitos), não são eles os não intelectuais de que falo. Eles consideram como evidente o principal axioma intelectualista — de que a vida mental, consciente, voluntária, tem qualquer coisa de intrinsecamente superior à vida física, intuitiva, instintiva, emotiva. O todo da civilização moderna está fundado sobre a ideia de que a função especializada que dá ao homem seu lugar na sociedade é mais importante do que o homem inteiro, ou, melhor, de que ela “é” o

homem inteiro, sendo todo o resto sem importância ou mesmo (visto como a parte física, intuitiva, instintiva, emotiva do homem não contribui de maneira apreciável para fazê-lo enriquecer e progredir num mundo industrializado) positivamente prejudicial e detestável. O homem vulgar da nossa sociedade moderna industrializada tem todos os defeitos do intelectual e não tem nenhuma das qualidades que redimem este último. Os não intelectuais em que estou pensando são seres muito diferentes. Poderíamos achar ainda alguns deles na Itália (embora o

fascismo já os tenha provavelmente transformado todos em más imitações de americanos e de prussianos); alguns, talvez, na Espanha, na Grécia, na Provença. Em nenhuma parte mais da Europa moderna. Havia talvez um bom número deles há coisa de três mil anos. Mas os esforços combinados de Aristóteles, de Jesus, de Newton e dos grandes negócios transformaram seus descendentes na burguesia e no proletariado modernos. A evidência à qual chega de volta o intelectual, quando vai bastante longe, não é a mesma, está claro, que a evidência dos não

intelectuais. Porque a evidência destes é a própria vida, e a que o intelectual encontra no fim de seu caminho não passa da ideia dessa vida. Não são muitos os capazes de vestir essa ideia de carne e de sangue, e de fazer dela uma realidade. Os intelectuais que, como Rampion, não têm necessidade de voltar à evidência, mas sempre creram nela, e a viveram, levando ao mesmo tempo a vida do espírito, são ainda mais raros.

A companhia de Rampion me deprime um pouco; porque ele me faz ver quão grande é o abismo cavado

entre o conhecimento da evidência e o simples fato de vivê-la realmente. Ah! Que dificuldades há para transpor esse abismo! Percebo agora que o verdadeiro encanto da vida intelectual — da vida consagrada à erudição, à pesquisa científica, à filosofia, à estética, à crítica — é a sua facilidade. É a substituição de simples esquemas intelectuais em lugar das complicações da realidade; da morte silenciosa e rígida em lugar dos movimentos desconcertantes da vida. É incomparavelmente mais fácil saber muitas coisas, digamos sobre a história

da arte, e ter ideias profundas sobre metafísica e sociologia do que conhecer pessoalmente, intuitivamente, os seus semelhantes e ter relações satisfatórias com seus amigos e suas amantes, sua mulher e seus filhos. Viver é muito mais difícil que o sânscrito, que a química ou que a economia política. A vida intelectual é um brinquedo de criança; eis por que os intelectuais têm uma tendência para voltar à infância, para cair em seguida na imbecilidade, e finalmente, como demonstra com clareza a história política e industrial destes últimos séculos, a tornarem-se

homicidas loucos e selvagens. As funções reprimidas não morrem; deterioram-se, decompõem-se, reverterem ao estado primitivo. Mas enquanto isso é muito mais fácil ser criança, louco ou besta do que homem adulto harmonioso. É por isto que (entre outras razões) há tanta procura de instrução superior. A corrida para os livros e para as universidades lembra a corrida para as tavernas. Essa gente necessita afogar a consciência das dificuldades que há em viver decentemente neste grotesco mundo contemporâneo; têm necessidade de esquecer a sua deplorável

insuficiência como cultivadores da arte de viver. Uns afogam suas tristezas no álcool, mas outros, ainda mais numerosos, as afogam nos livros e no diletantismo artístico; uns procuram achar o esquecimento de si mesmos na libertinagem, na dança, no cinema, no rádio; outros nas conferências e nas ocupações científicas. Os livros e as conferências são melhores para afogar as mágoas do que a bebida e a fornicação; não deixam dor de cabeça nem essa sensação desesperante do *post coitum triste*. Até há bem pouco, confesso-o, eu levava muito a sério o

saber, a filosofia, a ciência — todas as atividades que amontoamos com grandiloquência sob o título de “procura da verdade”. Considerava a “procura da verdade” como a mais alta das tarefas humanas e os procuradores como os mais nobres dos homens. Mas de um ano para cá começo a ver que essa famosa procura da verdade é simplesmente um divertimento, uma distração como todas as outras, um sucedâneo bastante refinado e complicado da vida verdadeira; e que os procuradores da verdade tornam-se tão tolos, tão infantis e tão corrompidos, à sua maneira, como

os beberões, os estetas puros, os homens de negócio, os adeptos da boa vida, à maneira deles. Percebi igualmente que a busca da verdade não passa de um nome polido para designar o passatempo favorito dos intelectuais, que consiste em substituir por abstrações simples, e por conseguinte falsas, as complexidades vivas da realidade. Mas procurar a verdade é muito mais fácil do que aprender a arte de viver integralmente (arte em que, está claro, a procura da verdade tomará seu lugar justo e razoável entre os outros divertimentos, tais como o jogo de taco

e o alpinismo). Isto explica, sem o justificar, o fato de que eu continue a me entregar de maneira desordenada aos vícios da leitura informativa e da generalização abstrata. Terei algum dia bastante força de espírito para me livrar desses hábitos indolentes de intelectualismo e para consagrar minha energia à tarefa mais séria e mais difícil de viver integralmente? E mesmo que eu me esforçasse por abandonar esses hábitos, não seria para descobrir que a hereditariedade jaz no fundo deles e que eu sou congenitamente incapaz de viver de maneira integral e harmoniosa?

Capítulo XXVII JOHN BIDLAKE

E SUA TERCEIRA MULHER *nunca* tinham se “separado” definitiva e oficialmente. Limitavam-se apenas a não se verem com muita frequência. O arranjo convinha muito bem a John. Ele detestava tudo quanto tivesse ares de “cena” e era inimigo de todo compromisso definitivo e irrevogável. Qualquer

**arranjo que o amarrasse,
que lhe impusesse
responsabilidades e lhe
lembrasse deveres era-lhe
intolerável. “Só Deus sabe o
que eu teria feito”,
costumava ele dizer, “se
tivesse de ir a um escritório
todos os dias, ou de terminar
um trabalho numa data
prefixada! Creio que ficaria
louco e teria virado fera no
fim de alguns meses, com**

tal regime.” Quanto ao casamento, jamais fora partidário dele. Mas infelizmente não podia possuir sem casamento todas as mulheres que desejava. Tinha sido constrangido a comprometer-se três vezes por aquilo a que ele chamava, em linguagem cicerônica, “pactos inoportunos e obscenos”. A ideia do divórcio ou de uma

**separação oficial lhe era
apenas pouco menos
desagradável que a do
casamento; tais coisas são
definitivas, elas nos ligam.**

**Por que não deixar às
situações a tarefa de se
resolverem por si mesmas,
em vez de procurar dar-lhes
uma forma arbitrária? O
ideal era viver, emotiva e
socialmente falando, sem
pensar no futuro — sem**

planos, sem estatutos, na agradável companhia que a gente mesmo escolhesse cada dia, e não na escolhida pelos outros, ou por um “eu” defunto qualquer. “Dormir à gandaia...”, fora assim que ele ouvira uma jovem americana descrever o lado amoroso da vida ideal que se levava em Hollywood. Os outros aspectos dessa vida podiam ser

**classificados sob o título de
“andar à gandaia”. A vida
não ideal, a vida que John
Bidlake tinha sempre
recusado levar, era a que
consistia em dormir e andar,
não “à gandaia”, mas sim
definitivamente aqui ou ali,
dia após dia, de acordo com
um programa fixo e
previsível, que só a morte,
ou pelo menos uma
intervenção da Providência**

ou dos inimigos do reino, podiam alterar.

As relações de John Bidlake com sua terceira mulher tinham — e isso havia já muitos anos — um caráter de indeterminação muito satisfatório. Não moravam juntos, mas não estavam separados. Escreviam-se raramente, mas não tinham nunca brigado. Havia mais de vinte anos que John dormia e andava por aí “à gandaia”, e, entretanto, quando o acaso os reunia, eles se viam como bons amigos, e se o pintor desejava refrescar suas lembranças da paisagem dos Chilterns Setentrionais, sua chegada

a Gattenden era aceita sem nenhuma observação, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Esse ajuste convinha perfeitamente a John Bidlake; e, para fazer-lhe justiça, ele ficava agradecido à sua mulher por tê-lo tornado possível. Todavia, abstinha-se de exprimir essa gratidão; porque seria comentar o arranjo; e qualquer comentário teria trazido uma ponta de definição com efeitos destrutivos para uma situação cuja frágil excelência consistia precisamente nessa vagueza virgem e lindamente intacta. Poucas mulheres, o marido reconhecia agradecido, teriam

como Janet aceito a situação, ou mesmo seriam capazes de manter tão constantemente inviolado o caráter indeterminado daquela. Qualquer outra esposa teria exigido explicações, teria querido saber a quantas estava, teria oferecido a escolha irrevogável entre a paz ou a guerra, a vida em comum ou a separação. Mas mrs. Bidlake permitira que o marido se evaporasse da vida conjugal sem uma disputa, quase sem uma palavra. E ela aceitava com mui poucos comentários as suas reentradas breves e espasmódicas. Desde a infância Janet se sentira mais à vontade

no mundo fictício, que criava para si mesma, do que no mundo real. Quando menina, tivera uma irmã imaginária que morava na guarita do sinaleiro, junto a um cruzamento de estradas. Entre dez e treze anos, sua incapacidade para distinguir entre os testemunhos de seus sentidos e os de sua imaginação tinha dado muitas vezes em resultado a punição dela por ser mentirosa. Os quadros e os livros haviam aberto uma nova estrada à sua fantasia, que se tornou menos pessoal e mais classicamente artística, literária e especulativa. A partir dos dezesseis

anos, Janet habitara quase que exclusivamente o país da arte e das letras, não passando de uma estrangeira retida, a despeito de si mesma, na prosaica Inglaterra. E porque ela tivesse imaginado que John Bidlake era um seu compatriota espiritual, apaixonou-se por ele — com uma paixão artística, poética — e consentiu em tornar-se sua mulher. Os pais de Janet, que consideravam Bidlake simplesmente como um súdito de Sua Majestade igual a eles e atribuía mais importância, dadas as circunstâncias, à sua carreira de marido do que à de artista, fizeram o possível

para dissuadi-la da ideia. Mas Janet era maior e tinha toda a obstinação dos que sabem simplesmente retirar-se do plano em que se trava a discussão, deixando o adversário desperdiçar sua energia contra um simples corpo sem alma.

Acabou por fazer o que queria. Quando descobriu, e isto só aconteceu tarde demais, que havia muito pouco em comum entre o artista admirável que ela tinha amado e o marido que desposara, Janet Bidlake sentiu-se, por um amor-próprio muito natural, impedida de queixar-se. Não tinha nenhum desejo de proporcionar a seus parentes o prazer de

comentarem: “Eu bem dizia!”. John dormia e andava “à gandaia” e cada vez se sumia mais da vida conjugal. Janet silenciou e refugiou-se, buscando consolo nas regiões da imaginação artística e literária de onde era natural e onde se sentia mais à vontade. Recursos pessoais, acrescidos por contribuições irregulares e variáveis que John Bidlake fornecia quando se lembrava de que tinha de prover às necessidades da esposa e dos filhos, ou sempre que achava que seus meios lho permitiam, tornavam-lhe possível aquela fuga para o país longínquo da fantasia. Elinor

nascera um ano após o casamento. Quatro anos mais tarde, o estômago ulcerado trouxe John Bidlake de volta ao lar, na qualidade de marido provisoriamente regenerado, para curar-se. Walter foi o resultado dessa convalescença, ainda doméstica. As úlceras se curaram, e John Bidlake desapareceu outra vez do horizonte familiar. Amas e governantas tomaram conta das crianças. Mrs. Bidlake zelou pela educação delas, mas vagamente, como que de muito longe. De quando em quando fazia uma incursão rápida, atravessando a fronteira que separava

seu país privado do mundo dos fatos ordinários; e suas intervenções na ordem cotidiana das coisas tinham sempre certa qualidade desconcertante e quase sobrenatural. Coisas incalculáveis estavam sujeitas a acontecer quando por acaso ela descia — como um ser vindo de um outro plano, e que julgava os acontecimentos de acordo com outras normas que não as do mundo comum, para o meio da rotina da educação dos filhos. Um dia, por exemplo, mrs. Bidlake despediu uma governanta porque a tinha ouvido tocar no piano da sala de estudos a canção de Dan Leno

que conta a história da “Vespa e o ovo cozido”. Era uma boa moça, que ensinava muito bem e sustentava o pai paralítico. Mas grandes princípios artísticos estavam em jogo. O gosto musical de Elinor corria o risco de ser irremediavelmente corrompido (diga-se de passagem que Elinor se parecia com o pai: detestava, como ele, a música); e o fato de ela ter muita afeição a Miss Dempster agravava ainda o perigo da contaminação. Mrs. Bidlake foi inabalável. Não se podia tolerar “A vespa e o ovo cozido”. Miss Dempster foi despedida. Ao saber da verdade o

velho pai da moça teve um novo ataque, do qual saiu cego de um olho e privado da palavra. Mas os regressos dessas viagens de mrs. Bidlake pelo mundo da imaginação eram geralmente menos graves em seus resultados. Quando ela intervinha na prática da educação dos filhos, não era, em geral, senão para fazê-los ler à força autores clássicos, considerados habitualmente como incompreensíveis ou pouco convenientes para os pequenos. Estes, tal era a sua teoria, não deviam ser educados senão dentro do que há de melhor na filosofia e nas artes.

Elinor tinha suportado a leitura de *Hamlet* na idade de três anos; seus livros de figuras eram reproduções de Giotto e de Rubens. Tinham-lhe ensinado francês em *Cândido*, deram-lhe *Tristram Shandy* e a *Teoria da visão*, do bispo Berkeley na idade de sete anos, a *Ética* de Espinosa, as águas-fortes de Goya e, como manual de alemão, *Also sprach Zarathustra*, à idade de nove anos. O resultado desse contato prematuro com a melhor filosofia foi produzir em Elinor aquele desdém um pouco divertido pelas grandes abstrações e pelos idealismos

bombásticos, que tinha acabado por caracterizá-la tão plenamente. Educada ao mesmo tempo na atmosfera dos clássicos não expurgados, ela adquirira desde a infância um conhecimento teórico completo de todos os assuntos que se consideram como os menos indicados para se fazerem conhecidos dos jovens. Esse conhecimento tinha reforçado, em vez de diminuí-las, a frieza e a falta de curiosidade prática a respeito de todas as coisas de ordem amorosa, que lhe eram naturais; e Elinor crescera num estado de inocência bem informada e superficialmente cínica,

qual uma dessas heroínas shakespearianas cujo falar científico e rabelaisiano acompanha ações do refinamento mais delicadamente virtuoso. Mrs. Bidlake sofria diante da atitude irreverente de Elinor para com as fantasias que ela tanto acariciava; mas sábia à sua maneira, não disse nada, não tentou reformá-la; simplesmente fez por ignorar aquilo e tratou de se retirar, da mesma maneira como não quisera ver os defeitos do marido e como se retirara do conhecimento deles para os reinos mais felizes da arte e da imaginação. É impossível anular fatos consumados;

mas, para as necessidades da prática, a conspiração do silêncio é quase tão eficaz como a anulação. Não mencionadas, as coisas que são podem passar como se não fossem. Quando John Bidlake chegou a Gattenden — um doente que o abatimento, o terror e a absorvente comiseração de si mesmo tornavam mais doente ainda —, mrs. Bidlake passou em silêncio sobre o fato que ela teria podido comentar tão facilmente: que o marido só voltava à casa quando tinha necessidade de alguém que cuidasse dele. Prepararam-lhe um quarto; o velho instalou-se. Foi

como se nunca tivesse saído dali. Na intimidade secreta da cozinha, os criados resmungaram um pouco por causa do aumento de serviço, ao passo que mrs. Inman suspirava e Dobbs se entregava à sua indignação maciça e anglicana diante da maneira como o velho mr. Bidlake tratava a mulher. E ao mesmo tempo eles sentiam todos para com o velho uma espécie de piedade cheia de regozijo. A doença e os seus sintomas eram objeto de conversas feitas em voz baixa, religiosamente. Em voz alta podiam resmungar e exprimir sua desaprovação. Mas em segredo

estavam mais contentes do que outra coisa. A chegada de John Bidlake quebrava a monotonia cotidiana, e o fato de que ele ia morrer lhes dava, a todos, um sentimento de importância. O pessoal doméstico de Gattenden ganhava como que um valor novo à aproximação da morte do velho. Aquele acontecimento futuro foi o sol em torno do qual as almas da casa se puseram então a gravitar, cheias de significação e quase que furtivamente. Podiam resmungar e dar mostras de descontentamento, mas cuidavam do doente com solicitude. De certa maneira

obscura, eram-lhe reconhecidos.
Morrendo, John Bidlake acelerava-lhes
a vida.

Capítulo XXVIII COM MOLLY

D'EXERGILLOD TUDO TINHA QUE

SER ARTICULADO, formulado,

exprimido. Tudo o que se

sente era para ela apenas a

matéria-prima com a qual

um espírito ativo podia

fabricar palavras. O minério

de ferro não foi de utilidade

para o homem senão depois

que ele aprendeu a fundi-lo

e a forjar o metal puro em

utensílios e espadas. Para

**Molly, os fatos brutos da
existência, as sensações, os
sentimentos, os
pensamentos e as
lembranças eram tão pouco
interessantes em si mesmos
como outros tantos blocos de
rocha. Não ganhavam valor
senão depois de terem sido
transformados pela arte e
pela indústria da
conversação em palavras
elegantes e em frases bem**

**modeladas. Ela amava um
crepúsculo vespertino
porque podia dizer dele:
“Parece uma mistura de
fogos de Bengala, de
Mendelssohn, de fuligem e
de morangos com creme”;
ou então as flores da
primavera: “Elas nos dão a
sensação que
experimentamos quando
estamos convalescentes de
um ataque de gripe. Não**

**acham?”. E, inclinando-se
com um ar de intimidade,
insistia na pergunta
retórica: “Não acham?”. O
que lhe agradava numa
vista de montanhas
longínquas sob uma
tempestade era que isso se
parecia muito com as
paisagens de Toledo
pintadas por El Greco.
Quanto ao amor — ah! —,
todo o encanto do amor, aos**

olhos de Molly, residia em sua aptidão quase ilimitada para se deixar transformar em frases. Podia-se falar dele eternamente.

E ela estava agora falando do amor a Philip Quarles — falava já havia uma hora, analisando-se a si mesma, contando suas sensações, interrogando-o sobre seu passado e sobre os seus sentimentos. Relutantemente e com dificuldade (porque ele detestava falar de si mes-mo, e o fazia muito mal), Philip lhe respondia.

— Você não acha — dizia ela — que

o que há de mais apaixonante no amor são os descobrimentos que ele nos permite fazer sobre nós mesmos?

Philip aquiesceu obedientemente.

— Eu não tinha ideia do fundo maternal de meu caráter, antes de me casar com Jean. Fico tão preocupada, agora, quando ele tem os pés molhados!

— Eu é que ficaria muito aborrecido se você estivesse com os pés molhados — disse Philip, ensaiando um galanteio. “Que idiotice!”, pensou ele. Não era perito em galanteios. Preferia não sentir-se muito atraído pela beleza um tanto cremosa e florida de Molly. Se ela fosse

feia, ele não estaria ali, fazendo aquele papel ridículo.

— Você é muito gentil — agradeceu Molly. — Diga-me — acrescentou ela, inclinando-se sobre ele, o rosto e o peito, num oferecimento — a razão por que gosta de mim.

— Mas a razão não está bem clara?
Molly sorriu:

— Sabe por que Jean me diz que sou a única mulher pela qual ele poderia se apaixonar?

— Não — respondeu Philip, achando que Molly era realmente soberba no seu tipo de Juno.

— Porque — continuou Molly —, segundo ele, sou a única mulher que não é aquilo a que Baudelaire chama *le contraire du dandy*. Você se lembra daquela passagem de *Mon coeur mis à nu*: “*La femme a faim et elle veut manger; soif, et elle veut boire. La femme est naturelle, c’est-à-dire abominable. Aussi est-elle...*”.

Philip interrompeu-a, rindo: — Você saltou uma frase. “*Soif, et elle veut boire.*” E depois: “*Elle est en rut, et elle veut être...?*”. A palavra não figura, com todas as letras, na edição Crépet, mas eu posso fornecê-la, se você quiser.

— Não, obrigada — disse Molly, um pouco atrapalhada por causa da interrupção, que era um obstáculo ao desdobramento fácil, de um gambito de conversação bem ensaiado. Molly não estava habituada a que as pessoas com quem falava fossem versadas em literatura francesa no mesmo grau que Philip. — A palavra não tem nenhuma importância.

— Não tem? — Philip arqueou as sobancelhas. — É o que pergunto a mim mesmo...

— “*Aussi est-elle toujours vulgaire*” — continuou Molly

apressando-se para chegar ao ponto em que tinha sido interrompida — “*c’est-à-dire le contraire du dandy*”. Jean diz que eu sou a única mulher *dandy*. Que acha disso?

— Temo que ele tenha razão!

— Por que esse “temo”?

— Não sei se gosto muito dos *dandies*. Particularmente dos *dandies* femininos. “Uma mulher que faz uso da forma deliciosa dos seus seios para nos constranger a admirar-lhe o espírito, eis uma personagem interessante”, pensou Philip, “para o meu romance. Mas exasperante na vida privada, pra lá de

exasperante.” — Prefiro-as ao natural — acrescentou ele.

— Mas que interesse há em ser natural, a menos que não sejamos bastante artistas para fazer a coisa bem e bastante conscientes de nós mesmos para saber até que ponto estamos sendo naturais? — Molly sentiu-se satisfeita com a sua pergunta. Dando-lhe um pouco de polimento, ela ficaria epigramaticamente perfeita. — Não há interesse em estar apaixonada por alguém, a menos que se saiba exatamente o que se sente e que se possa exprimir a coisa sentida.

— Vejo nisso, pelo contrário, muito interesse — disse Philip. — Não é preciso sermos botânicos ou pintores de naturezas-mortas para apreciar as flores. E do mesmo modo, minha querida Molly, não há necessidade de ser Sigmund Freud nem Shakespeare para te apreciar. — E, deslizando subitamente sobre o sofá, mais para perto da mulher, Philip tomou-a nos braços e deu-lhe um beijo.

— Mas que é que você está pensando? — exclamou ela cheia de um espanto doloroso.

— Não estou pensando coisa alguma

— respondeu o escritor, um pouco raivoso, da outra extremidade do braço dela que o mantinha a distância. — Não penso; só desejo... — Sentia-se humilhado, tornava-se ridículo. — Mas eu havia me esquecido de que era uma freira...

— Não sou nada que se pareça com isso — protestou ela. — Sou simplesmente civilizada. Todos esses ataques e esses agarramentos são verdadeiramente selvagens demais. — Molly reajustou uma mecha do seu cabelo ondulado e começou a falar das relações platônicas como auxiliares do

desenvolvimento do espírito. Quanto mais platônicas fossem as relações entre um homem e uma mulher amorosos, mais a vida do espírito consciente seria intensa neles.

— O que o corpo perde a alma ganha. Não foi Paul Bourget que demonstrou isto na sua *Psychologie Contemporaine*? Um mau romancista — acrescentou ela, achando necessário desculpar-se por ter citado um autor tão fora de moda e tão pouco reputado —, mas um bom ensaísta, na minha opinião. Não foi Paul Bourget? — repetiu.

— Sim, deve ter sido Paul Bourget

— respondeu Philip com lassidão.

— A energia que se quer gastar em paixão física é desviada de seu curso e faz girar os moinhos da alma. (“Faz girar os moinhos da alma era talvez levemente romântico demais, demasiadamente vitoriano, muito à Meredith”, pensou ela no momento mesmo em que pronunciou estas palavras.) — O corpo é condenado e canalizado — corrigiu Molly —, constrangido a pôr em marcha os dínamos do espírito. O inconsciente contrariado se desafoga intensificando o consciente.

— Mas quem deseja ter o seu consciente intensificado? — perguntou Philip, contemplando com raiva o corpo delicioso que estava na outra extremidade do sofá. — Para falar a verdade, estou ficando um pouco cansado do consciente. — Ele admirava o corpo de Molly, mas o único contato que ela queria permitir-lhe era o do espírito, muito menos interessante e menos belo. Ele desejava beijos e não obtinha senão anedotas analíticas e epigramas filosóficos. — Inteiramente cansado — repetiu ele. Não era para admirar.

Molly limitou-se a rir.

— Não comece a fingir que é o homem paleolítico das cavernas. Isso não te fica bem. Cansado do consciente, essa é boa! Logo quem! Pois olha, se está cansado do consciente, então é que está cansado de si mesmo...

— É exatamente o que acontece — disse Philip. — Você me tornou cansado de mim mesmo. Absolutamente cansado. — Sempre irritado, ele se ergueu para partir.

— É um insulto? — inquiriu ela, erguendo os olhos para o romancista. — Porque te fatiguei de você mesmo?

Philip balançou a cabeça: — Não posso explicar... Deixei de explicar as coisas...

Estendeu a mão. Molly tomou-a na sua, deixando pousado nele o mesmo olhar interrogador. Philip continuou: — Se você não fosse uma das vestais da civilização, compreenderia sem ter necessidade que te explicassem. Ou melhor, não haveria nada a explicar. Porque não me teria cansado de mim mesmo... E permite-me acrescentar, Molly, que se fosse verdadeira e logicamente civilizada, tomaria precauções para se tornar menos

desejável. A desejabilidade é uma coisa bárbara. Selvagem como os ataques e agarramentos. Você devia ser parecida com George Eliot. Adeus! — E, apertando-lhe a mão pela última vez, saiu da peça a manquejar.

Na rua recuperou um pouco a calma. Pôs-se até a sorrir de si mesmo. Porque aquilo tinha graça. O espetáculo do caçador caçado sempre é cômico, mesmo quando o caçador acontece de ser a gente mesmo. Consciente e civilizado, ele fora vencido por alguém ainda mais civilizado do que ele. Um exemplo de justiça poética. Mas que

advertência! As paródias e caricaturas são as mais penetrantes das críticas. Philip vislumbrou em Molly uma espécie de versão de si mesmo, feita por Max Beerbohm. O espetáculo era alarmante. Depois de sorrir, ficou pensativo.

— Devo ser medonho — refletiu.

Sentado em uma cadeira, no parque, meditou sobre seus defeitos. Já os tinha examinado muitas vezes. Mas nada fizera ainda com relação a eles. Sabia de antemão que ainda daquela vez não faria nada. Pobre Elinor! A algaravia de Molly sobre as relações platônicas e

sobre Paul Bourget lhe deu uma ideia do que ela tinha de suportar. Philip resolveu contar-lhe sua aventura com Molly — de uma maneira cômica, porque é sempre mais fácil exprimir-se por gracejos — e pôr-se em seguida a falar de ambos. Sim, era o que ia fazer. Devia ter falado antes. Havia algum tempo que Elinor andava tão estranhamente silenciosa, de uma maneira tão contrária à sua natureza, tão remota ... O fato lhe causava inquietude; Philip queria falar-lhe, sentia que devia falar-lhe. Mas falar de quê? Aquele episódio ridículo com Molly lhe

forneçia uma entrada no assunto.

— Vi Molly d'Exergillod esta tarde — começou ele quando viu Elinor.

Mas o tom do “Viu?” que a mulher emitiu pareceu-lhe tão frio e indiferente que Philip não foi adiante. Fez-se um silêncio.

Elinor continuou a sua leitura.

O marido lançou um olhar furtivo por cima da borda superior do livro que segurava nas mãos. O rosto pálido de Elinor tinha uma expressão calma e longínqua. Philip tornou a sentir aquela inquietude cheia de cuidados que experimentara tão repetidamente durante

as últimas semanas.

— Por que não falas mais agora? — perguntou aquela noite depois do jantar, reunindo toda a coragem que tinha.

Elinor encarou o marido, erguendo os olhos do livro: — Eu não falo mais? — disse ela sorrindo ironicamente. — Sem dúvida é porque não há nada a dizer que apresente um interesse especial.

Philip reconheceu nestas palavras uma das respostas que ele tinha o hábito de dar às censuras de Elinor, e ficou de tal maneira intimidado que se calou. E no entanto era uma injustiça da parte

dela retrucar-lhe daquele modo. Porque no seu caso a resposta encerrava uma verdade; ele não tinha efetivamente nada de interessante a dizer. À força de mantê-las secretas, acabara por abolir quase completamente suas sensações íntimas. Parecia passar-se muito pouca coisa na parte não intelectual do seu espírito — muito pouca coisa, em todo caso, que não fosse ou trivial ou então desabonatória. Ao passo que Elinor tinha sempre um mundo de coisas a dizer. Coisas que se diziam por si mesmas, que saíam sozinhas das profundezas de seu ser. Philip quisera

explicar-lhe isto; mas era difícil, não podia...

— Assim mesmo — conseguiu dizer à custa de esforço, ao cabo de um momento —, antigamente você falava mais. Foi só nestes últimos dias...

— Suponho que é porque estou um pouco cansada de falar, aí está...

— Mas por que havia de estar cansada?

— Não se tem o direito de cansar de quando em quando?

Elinor soltou uma risadinha um tanto vingativa. E acrescentou: — Você parece sofrer de cansaço crônico...

Philip olhou para ela com uma espécie de ansiedade. Seus olhos pareciam implorar. Mas ela não queria deixar-se comover. Fizera-o demasiadas vezes. Philip tinha explorado o seu amor, retribuía-o mal, sistematicamente, e, cada vez que ela ameaçava revoltar-se, ele se tornava de súbito melancólico e, na sua fraqueza, apelava para os bons sentimentos da esposa. Daquela vez saberia ser dura. Ele podia tomar os ares súplices e desamparados que quisesse, não lhe daria atenção. Era bem-feito. Apesar de tudo, Elinor se sentia um pouco culpada.

E no entanto a culpa era dele. Por que não podia Philip amá-la ativamente, de uma maneira articulada, clara? Quando ela lhe oferecia o seu amor, ele aceitava-o passivamente como uma coisa que lhe coubesse por direito. E quando ela cessava de oferecer, Phil tomava um ar silenciosamente inquieto e implorativo. Mas quanto a dizer alguma coisa, a fazer alguma coisa...

Os segundos passaram. Elinor esperava, fingindo que lia. Se ao menos ele falasse, se ao menos se movesse! Esperava ansiosamente uma desculpa para amá-lo de novo. Quanto a Everard

— ah! Everard nem mesmo existia. Nas profundezas instintivas de seu ser, ele não tinha na verdade nenhuma importância, e se ao menos Philip se desse o trabalho de amá-la, um pouco que fosse, ele não teria mais importância para a parte consciente dela, que procurava amá-lo — amá-lo por princípio, por assim dizer, amá-lo de vontade plena, de propósito deliberado... Mas os segundos se passaram em silêncio. E enfim, com um pequeno suspiro (porque quisera, ele também, dizer alguma coisa, fazer alguma coisa; mas era impossível,

porque seria preciso que essa *alguma coisa* fosse pessoal), Philip tornou a pegar do livro e, no interesse do romancista zoólogo de seu romance, continuou a leitura sobre o instinto de posse nas aves... Lia de novo. Não ia dizer nada, no fim das contas. Muito bem; se ele queria absolutamente que ela se tornasse amante de Everard, a culpa era dele. Elinor tentou dar de ombros e fazer-se truculenta. Mas sentia, bem no seu íntimo, que a ameaça era dirigida contra ela mesma, mais do que contra Philip. Era ela e não ele que estava condenada. Condenada a ser amante de

Everard.

Tomar um amante tinha parecido a Elinor, teoricamente e de antemão, um assunto que não apresentaria grandes dificuldades. Ela não o considerava como moralmente mau. Ah! todo esse alvoroço que fazem a respeito disso os cristãos e as heroínas de romances! Era incompreensível. “Se duas pessoas desejam dormir juntas”, dizia ela, “por que não o fazem bem simplesmente, francamente, sem se atormentarem a si mesmas nem aos outros que se acham por perto?” Ela não temia as consequências mundanas do fato de

tomar um amante. As pessoas que, sabendo disso, fariam objeções, eram precisamente aquelas a quem ela, Elinor, fizera também as suas objeções. Recusando procurá-la, essas pessoas lhe dispensariam um favor. Quanto a Phil, seria bem-feito. Tivera em seu poder a possibilidade de impedir que o fato se consumasse. Por que não pudera aproximar-se dela, dar a ela um pouco mais de si mesmo? Elinor tinha mendigado o amor dele; mas o que o marido lhe dera era uma benevolência remota e impessoal. Um pouco de calor, era tudo o que ela desejava, um pouco

de simples humanidade. Não era exigir muito... E ela o tinha prevenido tantas vezes do que aconteceria se ele não lho desse...

Philip não compreendia? Ou simplesmente aquilo lhe era indiferente? Talvez ele não sentisse a menor mágoa; a punição não conseguiria o seu objetivo. Seria humilhante. Mas no fim das contas continuava ela a fazer-se lembrada cada vez que chegava (ainda uma vez mais) àquele ponto da sua discussão interior — no fim das contas não era apenas, nem mesmo principalmente, para punir Philip, não

era com a finalidade essencial de ensiná-lo a ser humano, mediante a dor e o ciúme, que ela ia tomar um amante. Era no interesse da sua felicidade. (Ela se esforçaria para esquecer como a tornava desgraçada a busca da própria felicidade.) De sua felicidade própria, independente. Elinor se acostumara a pensar e a agir exclusivamente em relação a Philip. Mesmo quando projetava tomar um amante, era ainda nele que Elinor pensava. E aquilo era absurdo, absurdo.

Mas Elinor era obrigada a repetir constantemente os lembretes de seu

direito, de sua intenção de ser feliz por conta própria. Sua maneira de pensar natural e habitual, mesmo a respeito de um possível amante, era influenciada ainda pelo marido — tudo se relacionava com a conversão ou a punição deste. Era somente à custa de esforços, e de um modo deliberado, que ela podia lembrar-se de esquecê-lo.

Mas, de qualquer forma, e fossem quais fossem seus motivos para o fazer, tomar um amante lhe tinha parecido, por antecipação, uma coisa que não apresentava grande dificuldade do ponto de vista psicológico. Sobretudo se o

amante devesse ser Everard Webley. Porque ela gostava de Everard, gostava muito mesmo; admirava-o; sentia-se estranhamente comovida e palpitante pelo efeito da força que parecia emanar dele. E entretanto, quando se tratava de contato físico com ele, que dificuldades extraordinárias surgiam de imediato! Gostava de achar-se a sós com ele; gostava de suas cartas; podia imaginar, quando Webley não a tocava, que estava apaixonada por ele. Mas quando, no segundo encontro depois do regresso à Inglaterra, Everard a tomara nos braços e lhe dera um beijo, Elinor ficara presa

de uma espécie de horror, sentindo que adquiria uma frieza de pedra nos braços dele. Era o mesmo horror, a mesma frieza que sentira, havia quase um ano, quando Everard tentara beijá-la pela primeira vez. A mesma — embora no intervalo ela tivesse se preparado para pensar de outra maneira, embora tivesse acostumado o espírito consciente à ideia de ter aquele homem como amante. Aquele horror, aquele calafrio, eram as reações espontâneas da parte instintiva e habitual de seu ser. Fora só o espírito que decidira aceitá-lo. Os sentimentos, o corpo, todos os hábitos de seu *eu*

instintivo, estavam em revolta. O que o intelecto achava inofensivo, o corpo retesado e arisco condenava apaixonadamente. O espírito era libertino, mas a carne e suas afeições eram castas.

— Por favor, Everard — pedira ela —, por favor...

Webley largou-a.

— Por que você me odeia?

— Mas eu não te odeio, Everard.

— Não... eu te dou apenas arrepios, eis tudo! — disse ele num tom feroz de zombaria. Ferido, aquele homem tinha prazer em abrir a própria ferida. — O

que acontece é simplesmente isto: eu te repugno...

— Como pode dizer coisa semelhante? — Elinor se sentia infeliz, envergonhada da recusa de seu corpo; mas a sensação de repulsa persistia ainda.

— Porque é essa a verdade.

— Não, não é. — A estas palavras Everard estendeu de novo as mãos. Elinor balançou a cabeça. — Mas não deve me tocar — suplicou. — Agora não! Isso estragaria tudo. Não posso te explicar por que... Não sei por quê. Mas agora não. Ainda não — acrescentou

ela, prometendo implicitamente, mas evitando por ora.

Aquela promessa implícita reavivou a insistência de Everard. Elinor arrependeu-se um pouco de ter pronunciado aquelas palavras, mas ao mesmo tempo sentia-se contente por ter se comprometido até aquele ponto. Aliviada por se ter subtraído à ameaça do contato material, não deixava, entretanto, de querer mal a si mesma por causa da recusa que opusera a Everard. Seu corpo e seus instintos tinham se rebelado contra a sua vontade. A promessa implícita constituía uma

represália dessa vontade contra os traidores que moravam dentro dela. Elinor dava a Everard a compensação que, sentia, era seu dever dar-lhe. “Ainda não.” Mas quando? Quando? Não importa quando, respondia a sua vontade, não importa — quando você quiser. Era fácil prometer, mas, ah! como era difícil cumprir! Elinor suspirou... Se ao menos Philip consentisse em se deixar amar por ela... Mas ele não dizia nada, não fazia nada, continuava simplesmente a ler. Com o seu silêncio Philip a condenava à infidelidade.

Capítulo XXIX A CENA ERA EM HYDE PARK; **o dia, um sábado de junho.**

Vestido de verde, com uma espada à cinta, Everard Webley se dirigia a um milhar de Ingleses Livres, do alto de seu cavalo branco, Bucéfalo. Com uma precisão militar que faria honra à guarda, os Ingleses Livres haviam se reunido na esplanada à margem ao rio, em Blackfriars, e tinham marchado com música e com estandartes simbólicos para Charing Cross, subindo a Northumberland Avenue, atravessando Trafalgar Square e Cambridge Circus,

até a Tottenham Court Road, e seguindo daí, ao longo de Oxford Street, rumo do Marble Arch. À entrada de Hyde Park tinham encontrado uma procissão antivivisseccionista, e do encontro resultara leve confusão — algumas filas misturadas, algumas dissonâncias musicais, quando as duas músicas se chocaram — os *British Grenadiers* com *Minha fé ergue os olhos para ti, ó Cordeiro do Calvário* —, um amaranhamento de bandeiras: “PROTEJAMOS OS NOSSOS CACHORRINHOS” com “OS INGLESES JAMAIS SERÃO ESCRAVOS!” — “SOCIALISMO É TIRANIA”

com “DOUTORES OU DEMÔNIOS?”. Mas a admirável disciplina dos Ingleses Livres tinha impedido que a confusão se tornasse séria, e, com um breve atraso, os mil homens tinham entrado no parque, desfilando diante de seu chefe, e formando finalmente em três lados de um espaço vazio quadrangular, do qual Everard ocupava, como seu estado-maior, o centro do quarto lado. As trombetas tocaram uma fanfarra e os mil homens entoaram as estrofes do hino um pouco kiplinguesco de Everard, a *Canção dos Ingleses Livres*. Quando o hino cessou, Everard começou seu

discurso.

— Ingleses Livres — gritou ele —, camaradas!

E, ao som daquela voz forte e desembaraçada, fez-se um silêncio mesmo entre os espectadores ociosos que se tinham reunido para ver o que se passava. Carregadas de uma força que não pertencia intrinsecamente a elas, de uma força que pertencia ao orador, e não ao que ele dizia, aquelas palavras caíram uma a uma, eletrizantemente audíveis, em meio do silêncio atento que elas haviam criado. Webley começou por fazer um elogio à disciplina do

Ingleses Livres.

— A disciplina — disse ele —, a disciplina voluntariamente aceita é a primeira condição da liberdade, a virtude primordial dos Ingleses Livres. Os espartanos disciplinados e livres contiveram as hordas persas. Os macedônios livres e disciplinados conquistaram metade do mundo. Cabe a nós, Ingleses Livres e disciplinados, a tarefa de libertar nosso país dos escravos que o reduziram à escravidão. Trezentos homens combateram nas Termópilas contra dezenas de milhares. Na luta que temos de sustentar, as

proporções não são tão desesperadoras. Vosso batalhão é apenas um entre mais de sessenta — um simples milhar entre os sessenta mil Ingleses Livres da Inglaterra. O número dos nossos cresce dia a dia. Vinte recrutas novos, cinquenta, às vezes cem se incorporam a nós diariamente. Nosso exército engrossa, o verde exército dos Ingleses Livres. Os Ingleses Livres trazem um uniforme verde. Eles vestem a farda de Robin Hood e de Little John, a farda dos que estão fora da lei! Sim, porque nós estamos fora da lei neste estúpido mundo democrático — fora da lei e

orgulhosos por isso mesmo! A lei do mundo democrático é a quantidade. Nós, que estamos fora dessa lei, cremos na qualidade. Para os políticos democratas a voz do maior número é a voz de Deus; sua lei é a lei que agrada ao populacho. Fora do pátio da lei feita pelo populacho, queremos nós o governo dos melhores, e não o dos mais numerosos. Mais estúpidos do que seus avós liberais, os democratas de hoje querem desanimar a iniciativa individual e, nacionalizando a indústria e o solo, investir o Estado de poderes tirânicos como ele jamais possuiu, salvo talvez na

Índia, no tempo dos mongóis. Nós, os fora da lei, somos livres. cremos no valor da liberdade individual. Queremos encorajar a iniciativa individual porque acreditamos que, coordenada e controlada no interesse da sociedade em geral, a iniciativa individual produz os melhores resultados econômicos e morais. A lei do mundo democrático é a estandardização humana, é a redução de toda a humanidade à menor medida comum. Sua religião é a adoração do homem mediano. Nós, os fora da lei, cremos na diversidade, na aristocracia, na hierarquia natural. Desejamos

suprimir todos os obstáculos possíveis e dar a cada homem sua plena possibilidade, a fim de que os melhores possam elevar-se à situação para a qual a natureza os destinou. Numa palavra, nós cremos na justiça. E veneramos, não o homem ordinário, mas o homem extraordinário! Eu poderia estirar até o infinito esta lista de pontos em que nós, os Ingleses Livres, estamos em desacordo radical com os governantes democráticos do que foi outrora a livre e alegre Inglaterra. Mas já vos disse o bastante para mostrar-vos que não pode haver nenhuma paz entre eles e nós. O

branco deles é o nosso preto; seu ideal político é a nossa abominação; seu paraíso terrestre é o nosso inferno. Colocando-nos voluntariamente fora da lei, repudiamos a regra deles, vestimos o costume verde da floresta. E esperamos a nossa hora, esperamos a nossa hora. Porque a nossa hora há de vir, e não temos a intenção de ficar para sempre fora da lei. Tempo virá em que as leis serão as que tivermos feito, em que a floresta será o refúgio dos que detêm atualmente o poder. Há dois anos, nossa tropa era insignificante. Hoje é um exército. Um exército de homens fora da

lei. Ainda um pouco de tempo, oh meus camaradas, e ela será o exército dos que fazem as leis, e não mais o dos que as infringem. Sim, dos que as infringem. Porque, antes que possamos fazer boas leis, ser-nos-á necessário infringir as más. É preciso que tenhamos a coragem de nosso estado de fora da lei. Ingleses Livres, companheiros fora da lei, quando chegar o momento, vocês terão essa coragem?

Das fileiras de túnicas verdes se elevou um grito enorme.

— Quando eu der o sinal vocês hão de me seguir?

— Seguiremos! Seguiremos! —
repetiram a uma voz os mil homens
verdes.

— Mesmo se for preciso infringir
certas leis?

Houve uma nova explosão de
entusiasmo afirmativo. Quando ela se
apaziguou, e no momento em que
Everard Webley abria a boca para
continuar o seu discurso, uma voz gritou:
— Abaixo Webley! Abaixo a milícia
dos ricos! Abaixo os *Bloody B*...

Mas antes que a voz tivesse podido
enunciar na íntegra a detestada paródia
do nome deles, uma meia dúzia de

Ingleses Livres mais próximos se havia lançado sobre o aparteante.

Everard Webley ergueu-se sobre os estribos.

— Para as fileiras! — gritou em tom peremptório. — Como vocês ousam abandonar as fileiras?

Houve oficiais que se precipitaram sobre o lugar do tumulto, ordens gritadas com cólera. Os Ingleses Livres ultrazelosos tornaram a entrar em forma. Segurando contra o nariz um lenço manchado de sangue, e escoltado por dois agentes de polícia, o inimigo dos homens de verde afastou-se. Tinha

perdido o chapéu. Seus cabelos em desalinho brilhavam como uma chama vermelha ao sol. Era Illidge.

Everard Webley virou-se para o oficial comandante da companhia cujos homens tinham rompido as fileiras.

— A insubordinação... — começou ele, e sua voz se fez fria e dura; não mais forte, mas perigosamente incisiva — ... a insubordinação é a pior...

Illidge retirou o lenço do nariz e gritou numa voz de falsete: — Ah! mocinhos malvados...

Houve gargalhadas partidas dos espectadores. Everard não fez caso da

interrupção e, tendo terminado a sua reprimenda, retomou o fio do discurso. Sua voz, imperiosa e no entanto persuasiva, apaixonada, mas medida e musical, fez vibrar o auditório; num momento o silêncio quebrado se refez em torno de suas palavras, a atenção dissipada se concentrou e se fixou de novo. Houvera uma rebelião; ele conquistara mais uma vitória.

*

Spandrell esperava sem impaciência. O atraso de Illidge lhe dava oportunidade para beber um ou dois coquetéis suplementares. Estava no seu terceiro e sentia-se já muito melhor

e mais alegre quando a porta do restaurante se abriu, dando passagem a Illidge, que vinha com ares belicosos de desafio, dando a impressão de que trazia ferozmente em triunfo o olho enegrecido.

— Bebedeira e desordem? — interrogou Spandrell, à vista dos estragos. — Ou será que encontraste algum marido furioso? Ou tiveste então uma explicação com uma dama?

Illidge sentou-se e contou com detalhes a sua aventura, bazofiando e fazendo floreios. A crer nele, havia-se portado como um misto de Horácio Cocles^[19] na defesa da ponte e de santo

Estevão sob a avalanche de pedras.

— Que patifes! — disse Spandrell com simpatia. Mas seus olhos brilhavam de um riso cheio de malícia. As desgraças dos seus amigos constituíam para ele uma fonte de divertimento infalível, e o que Illidge acabava de contar era um desastre particularmente divertido.

— Pelo menos eu estraguei o melhor efeito daquele discurso nojento de Webley — continuou Illidge, no mesmo tom satisfeito.

— Seria um pouquinho mais satisfatório se lhe tivesse estragado a

cara...

Illidge se sentiu picado pelo tom de zombaria com que foram ditas estas palavras.

— Estragar-lhe a cara não seria suficiente — disse ele com ferocidade, fechando a carranca. — Aquele homem devia ser exterminado. É um perigo público — ele e o seu bando de malfeitores! — E desandou a blasfemar.

Spandrell limitou-se a rir.

— Esbravejar é fácil. Por que não agir um pouco, para variar?... Um pouco de ação direta, no gênero do próprio Webley?

O outro deu de ombros como para se desculpar.

— Não estamos suficientemente bem organizados.

— Não me parece que haja tanta necessidade de organização para dar uma cacetada na cabeça de um homem. Não, o que é verdade é que vocês não são suficientemente corajosos...

Illidge corou: — Isso é uma mentira!

— Não estão suficientemente bem organizados! — Spandrell repetiu com desprezo. — Ao menos é moderno nas suas desculpas. O grande deus Organização! Brevemente a arte e o

amor estarão também dobrando a espinha, como tudo mais... Por que os versos de fulano são tão maus? Porque a indústria da poesia não está suficientemente bem organizada... E o amante impotente se desculpará da mesma maneira, e assegurará à dama indignada que, na próxima vez, ela se achará em face de uma organização absolutamente perfeita... Não, não, meu caro Illidge, isso não pega, sabe? Isso não pega.

— Oh, você é muito engraçado, não há dúvida nenhuma — disse Illidge, ainda vermelho de cólera. — Mas diz

tolices. Não se pode comparar a poesia com a política. Um partido político é um amontoado de pessoas que é necessário disciplinar e manter unidas. Um poeta é um homem só.

— Mas um assassino também não é?
— O tom da voz de Spandrell e o seu sorriso eram sempre sarcásticos. Illidge sentiu o sangue refluir-lhe ao rosto, como o calor de um braseiro interior que tivesse subitamente rebentado em chamas. Ele detestava Spandrell por causa daquela faculdade que ele tinha de humilhá-lo, de fazer-lhe sentir toda a sua pequenez, de lhe dar a consciência da

sua tolice e da sua vergonha. Illidge tinha chegado com uma sensação de importância e de heroísmo, todo vermelho de satisfação. E eis que, em algumas palavras pronunciadas lentamente e com uma zombaria perversa, Spandrell acabava de transformar aquela satisfação de si mesmo num furor de vergonha. Houve um silêncio; ambos iam engolindo a sopa sem dizer palavra.

— Um só homem — disse Spandrell meditativamente, atirando-se para trás na sua cadeira. — Com toda a responsabilidade de um homem.. Mil

homens não têm responsabilidade. Eis por que a organização é uma coisa tão reconfortante. O membro de um partido político se sente tão seguro como o frequentador de uma igreja. Seu partido pode decretar a guerra civil, o saque, o massacre; ele faz o que lhe dizem, prazenteiramente, porque sua responsabilidade não está comprometida. É a do chefe que está. E o chefe é o homem raro, como Webley. O homem que tem coragem.

— Ou covardia, no caso dele — disse Illidge. — Webley é o coelhinho burguês que o terror arrasta à

ferocidade.

— Acha? — perguntou Spandrell, arqueando as sobrancelhas ironicamente. — Enfim, talvez tenha razão. Mas, seja como for, ele difere um pouco do coelho ordinário. O coelho ordinário não se deixa arrastar à ferocidade, mesmo pelo medo. Ele se deixa aterrorizar até a mais abjeta inatividade — ou à abjeta atividade que consiste em obedecer às ordens de outrem. Mas jamais à atividade por conta própria, à atividade cuja responsabilidade lhe deve caber. Quando se trata de assassinato, por

exemplo, esses coelhos ordinários não se mostram particularmente desejosos de comê-lo, hein? Eles esperam ser organizados. A responsabilidade é demasiada para o pequeno indivíduo. Ele fica amedrontado.

— Meu Deus, é evidente que ninguém deseja ir para a força.

— Ele ficaria amedrontado mesmo se não existisse a força.

— Não vai agora pôr em cena mais uma vez o imperativo categórico, eu suponho. — Chegara a vez de Illidge mostrar-se sarcástico.

— Ele aparece em cena por si

mesmo... Até no seu caso pessoal. Quando se tratasse de chegar às vias de fato, você não ousaria nunca fazer nada a Webley, a menos que dispusesse de uma organização que te livrasse de toda responsabilidade. Não, não ousaria — repetiu Spandrell, em uma espécie de desafio cheio de escárnio.

Encarou Illidge com um olhar penetrante, pálpebras entrecerradas, e enquanto durou a resposta um pouco sobrecarregada de retórica em que Illidge falava em lanhar cobras, abater tigres e esmagar percevejos, ele ficou a estudar o rosto congestionado e furioso

de sua vítima. Como era cômico quando se esforçava por fazer o papel de herói! Illidge continuava seu discurso incendiário, tendo desagradavelmente consciência do excesso de amplitude e do som vago de suas frases. Mas a ênfase, e sempre a ênfase, à medida que o sorriso do outro se tornava mais desdenhoso, lhe parecia ser a única réplica possível à zombaria tranquila e exasperante de Spandrell. Ênfase e mais ênfase, por mais falsa que pudesse parecer a sua retórica. Como um homem que para de gritar porque teme que sua voz degenera em soluços, Illidge se

calou de repente. Spandrell balançou a cabeça com lentidão.

— Está bem — disse ele misteriosamente. — Está bem.

*

“É absurdo”, repetia Elinor para si mesma. “É pueril. Pueril e absurdo!” Era uma inconsequência. Everard não tinha mudado só porque estivera montado num cavalo branco, a comandar e a receber as aclamações de uma multidão entusiasta. Não se tornava melhor só porque ela o tinha visto à frente de um de seus batalhões. Era absurdo, era pueril ficar comovida daquela maneira. Mas o fato é que ela

ficara comovida mesmo; e esse fato permanecia. Que estremecimento, quando Webley aparecera, a cavalo, à frente de seus homens! O coração lhe batera mais forte, parecera aumentar... E aquela inquietude, durante os poucos segundos de silêncio, antes que ele começasse a falar! Tinha sido um verdadeiro terror: Webley ia talvez gaguejar, hesitar; ia talvez dizer alguma coisa estúpida ou vulgar; ia revelar-se talvez um charlatão... E depois, quando sua voz se fez ouvir, sem esforço, mas vibrante, penetrante, quando seu discurso começou a se desenrolar em

palavras apaixonadas e palpitantes, mas nunca teatrais, em frases ricas, mas breves e incisivas — então que triunfo, que sentimento de orgulho! Mas quando aquele homem fizera a interrupção, Elinor sentira, ao mesmo tempo que uma onda de indignação contra o aparteante, um renovamento de sua inquietude, de seu terror de ver Everard falhar ou ser humilhado e envergonhado publicamente. Mas ele ficara em cima de seu cavalo, impassível, externara a sua reprimenda severa, tornara a criar um silêncio fremente de respirações suspensas, e depois, enfim, retomara o

discurso, como se nada se tivesse passado. A inquietude de Elinor tinha dado lugar a uma felicidade extraordinária... O discurso terminou; houve uma explosão de gritos entusiastas, e Elinor se sentiu formidavelmente orgulhosa e exaltada, ao mesmo tempo que embaraçada, como se os vivas tivessem sido em parte para ela; e tinha rido alto, sem saber por que, e o sangue lhe subira às faces, e ela se voltara cheia de confusão, sem ousar erguer os olhos para Everard; depois, sem motivo, pusera-se a chorar.

“Absurdo, pueril”, repetia para si

mesma, a fim de se tranquilizar. Mas ali estava: a coisa absurda, pueril se tinha produzido, e não podia mais ser desfeita.

*

DO CADERNO DE NOTAS DE PHILIP QUARLES
NO SUNDAY PICTORIAL, UM INSTANTÂNEO DE
EVERARD WEBLEY, COM A BOCA ABERTA —
UM BURACO NEGRO NO MEIO DE UM ROSTO
CONTRAÍDO PELO ESFORÇO —, ABERTA PARA
BERRAR. “MR. E. W., O FUNDADOR E O
CHEFE DA BBF, FALOU SÁBADO PASSADO A
UM BATALHÃO DE INGLESES LIVRES EM HYDE
PARK”, EIS TUDO QUANTO FICOU DO
ACONTECIMENTO — ESSA GÁRGULA
SIMBÓLICA DA DEMAGOGIA. UMA BOCA

ABERTA PARA ZURRAR. QUE HORROR! E NO
ENTANTO O ACONTECIMENTO FOI DEVERAS
IMPRESSIONANTE. E OS BERROS DE WEBLEY
RESSOAVAM MUI NOBREMENTE, NO MOMENTO
EM QUE FORAM EMITIDOS. E O HOMEM TINHA
UM AR MONUMENTAL EM CIMA DO SEU CAVALO
BRANCO. ESCOLHENDO UM INSTANTE ISOLADO
ENTRE O QUE TINHA SIDO UM CONJUNTO, UMA
CONTINUIDADE, A KODAK O TRANSFORMOU
NUM ESPANTALHO DA ADVERTÊNCIA.

INJUSTIÇA? OU É VERDADEIRA A VISÃO DA
KODAK E FALSA A MINHA? PORQUE, NO FIM
DAS CONTAS, O CONJUNTO IMPRESSIONANTE
DEVIA SER COMPOSTO DE INSTANTES TÃO
PAVOROSOS COMO O QUE A FOTOGRAFIA

REGISTROU. PODE UM TODO SER ALGO
COMPLETAMENTE DIVERSO DAS SUAS PARTES?

NO MUNDO FÍSICO, SIM. CONSIDERADOS
COMO UM TODO, O CORPO E O CÉREBRO SÃO
RADICALMENTE DIFERENTES DOS ELÉTRONS
QUE OS CONSTITUEM. MAS NO MUNDO
MORAL? PODE UMA COLEÇÃO DE COISAS SEM
VALOR CONSTITUIR UMA COISA DE ALTO
VALOR? A FOTOGRAFIA DE EVERARD
APRESENTA UM PROBLEMA. EIS AÍ MILHÕES DE
INSTANTES MONSTRUOSOS QUE FORMAM UMA
MEIA HORA MAGNÍFICA.

Não que eu tivesse qualquer dúvida
sobre essa magnificência, no momento
preciso; E. falou muito das Termópilas e

dos espartanos. Mas minha resistência foi mais heroica ainda. Leônidas tinha trezentos companheiros. Eu defendo as minhas Termópilas espirituais sozinho contra E. e seus Ingleses Livres. Eles me impressionam; mas eu lhes oponho resistência. A parada, para principiar, foi magnífica. Eu a olhava, encantado. Como sempre. Como se explica a atração que exerce o espetáculo militar? Nega-se melhor do que se explica... Fiquei a pensar nisso durante todo o tempo em que estive olhando.

Uma esquadra se compõe apenas de dez homens e é neutra sob o ponto de

vista emotivo. O coração só começa a bater à vista de uma companhia. As evoluções de um batalhão são inebriantes. E uma brigada é já um exército com bandeiras, o que equivale — como sabemos pelo *Cântico dos Cânticos* — a ficar apaixonado. A emoção é proporcional ao número. Admitindo-se o fato de não termos mais de um metro e setenta e cinco de altura por dois pés de largura, e de sermos solitários, uma catedral é por força mais impressionante do que uma cabana e um quilômetro de homens em marcha é mais imponente do que uma dúzia de

vagabundos numa esquina. Mas não é tudo. Um regimento é mais impressionante do que uma multidão. O exército com bandeiras equivale ao amor apenas quando manobra impecavelmente. As pedras que constituem um edifício são mais belas do que umas pedras amontoadas à toa. O exercício e o uniforme impõem uma arquitetura à turba. Um exército é bonito. Mas não é ainda tudo; ele satisfaz instintos mais baixos que o instinto estético. O espetáculo de seres humanos reduzidos ao automatismo satisfaz o desejo de força. Olhando

escravos mecanizados, a gente se imagina um amo. Foi o que eu senti quando admirava as evoluções dos Ingleses Livres de Everard. E, desmontando assim minha admiração, peça por peça, evitei que ela me dominasse. Dividir para reinar. Fiz o mesmo com a música e em seguida com o discurso de Everard.

Que magnífico diretor de cena o teatro perdeu em Everard! Nada podia ser mais impressionante (rompendo o silêncio estudadamente prolongado) que aquela fanfarra de trombetas, e lá em cima, solenes, as harmonias maciças de

mil vozes entoando a *Canção dos Ingleses Livres*. As trombetas eram prodigiosas — como a *ouverture* do Julgamento Final. (Por que os sons harmônicos nos sacodem tanto a alma?) Depois, quando a *ouverture* das trombetas terminou, as mil vozes romperam nesse acorde quase sobrenatural que têm sempre os coros. Formidável, como a voz de Jeová. Nem mesmo Reinhardt em pessoa teria conseguido isso de modo mais brilhante. Eu experimentava a sensação de ter um buraco no lugar onde se devia achar o meu diafragma; uma espécie de

formigueiro inquieto me percorreu a pele; as lágrimas quase me vieram aos olhos. Tornei a fazer o papel de Leônidas, dizendo a mim mesmo que a música estava abaixo da crítica e as palavras eram uma declamação ridícula.

A Última Trombeta, a voz de Deus — depois foi a vez de Everard falar. Mas eu não me deixei ainda abater, dominar. E como ele falou bem! Sua voz nos atingia em pleno plexo solar, como aqueles sons harmônicos das trombetas. Era comovente e convincente, embora se soubesse que o que ele estava dizendo era vago e mais ou menos vazio de

sentido. Analisei os truques. Eram os habituais. O mais eficaz foi o emprego de palavras inspiradoras que têm dois ou três sentidos diferentes. “Liberdade”, por exemplo. A do título e a do programa dos Ingleses Livres é a liberdade de comprar, de vender e de possuir a propriedade com um mínimo de interferência do governo. (Um mínimo bastante elevado, diga-se entre parênteses; mas prossigamos...) Everard nos berra essa palavra a plenos pulmões, com a sua voz que esmurrava o plexo solar: “Combatemos pela LIBERDADE”; “vamos LIBERTAR o país etc.”.

O espectador se vê logo sentado em mangas de camisa, ao lado de uma garrafa e de uma rapariga complacente, sem que haja leis, nem código de boas maneiras, nem esposa, nem agentes de polícia, nem padres, para defender seja o que for. A liberdade! Naturalmente: ela lhe desperta o entusiasmo! Só depois que os Ingleses Livres estiverem no poder é que o espectador perceberá o sentido inteiramente outro que tinha sido dado a essa palavra... Dividir para vencer. Eu venci.

P. S. Ou melhor, uma parte de mim mesmo venceu. Adquiri o hábito de me

aliar a essa parte e de aplaudir quando ela triunfa. Mas, no fim das contas, será ela a melhor parte? Neste caso particular, sim, talvez. É provavelmente melhor abandonar-se à análise sem paixão do que ser submergido pela encenação e pela eloquência de Everard a ponto de se converter às doutrinas dos Ingleses Livres. Mas, em outras circunstâncias? Rampion provavelmente tem razão. Mas quando adquirimos o hábito de dividir para reinar, em nome da inteligência, é difícil parar. E talvez não seja inteiramente uma questão de segunda natureza; quem sabe se a

natureza pura não tem interferência no caso? É fácil acreditar que precisamos modificar nosso modo de vida. A dificuldade é agir de acordo com essa crença. O fato de eu me instalar no campo, por exemplo; ser rústico, paternal e bom vizinho; viver uma vida vegetativa e intuitiva — será verdadeiramente possível? Imagino-o; mas na realidade, na realidade?... Por enquanto podia ser interessante engendrar uma personagem assim: um homem que sempre se deu o trabalho de favorecer suas tendências intelectualistas à custa de todas as

outras. Evita o mais possível as relações pessoais, observa sem participar, não gosta de se abandonar, é sempre espectador preferivelmente a ator. Por outro lado, sempre teve o cuidado de nunca distinguir um dia, um lugar, de um outro dia e de um outro lugar; de não passar em revista o passado nem de fazer projetos de futuro no Ano Novo, de não celebrar nem o Natal nem os aniversários de nascimento, de não rever as paisagens de sua infância, de não fazer peregrinações às cidades natais dos grandes homens, aos campos de batalha, às ruínas e assim por diante.

Por esta supressão das relações emotivas e da piedade natural, parece-lhe ter atingido a liberdade — a liberdade com relação à sentimentalidade, ao irracional, à paixão, ao impulso, à emotividade. Mas, na realidade, como descobre pouco a pouco, ele não fez senão estreitar e dessecar sua existência; e, além do mais, embotou o seu intelecto graças ao próprio processo que deveria, julgava ele, emancipá-lo. Sua razão permaneceu livre — mas para se ocupar somente com uma pequena fração dos fatos da experiência. Ele percebe seus defeitos

psicológicos e deseja, teoricamente, modificar-se. Mas é difícil vencer hábitos de toda a vida; e talvez os hábitos não sejam senão a expressão de uma indiferença e de uma frieza inatas, que poderia ser quase impossível vencer. E para ele, em todo o caso, a vida simplesmente intelectual é mais fácil; é a linha de menor resistência, porque é a linha que evita os outros seres humanos. Entre estes, sua mulher. Porque ele teria uma mulher, e haveria elementos de drama nas relações entre essa mulher, que viveria principalmente com suas emoções e suas intuições, e

ele, o homem cuja existência se mantém sobretudo no plano intelectual abstrato. Ele a ama, à sua maneira; e ela o ama, também de um modo todo particular. O que significa que ele está satisfeito; mas acontece que ela não está; porque o amor, tal como ele o concebe, comporta o mínimo dessas relações humanas quentes e confiantes que constituem a essência mesma do amor, segundo a concepção dela. Ela se queixa disso; ele quisera dar mais, mas sente dificuldade em se modificar. Ela ameaça mesmo deixá-lo, preferindo um amante mais humano; mas ama-o demais para pôr a

ameaça em execução.

*

Naquele domingo de tarde, Elinor e Everard Webley fizeram um passeio de automóvel pelo campo.

— Quarenta e três milhas numa hora e sete minutos — disse Everard, olhando para o relógio, ao descer do carro. — Andamos depressa, se levarmos em conta que saímos de Londres e nos atrasamos por causa daquele miserável ônibus turístico, em Ghilford. Nada mau.

— E o principal — disse Elinor — é que estamos ainda vivos. Se soubesses quantas vezes eu fechei os olhos

esperando não reabri-los senão no dia do Juízo...

Ele se pôs a rir, feliz, em suma, por vê-la assim apavorada ante a violência de sua maneira de conduzir o carro. Os terrores que ela sentira lhe davam uma sensação agradável de força e de superioridade. Tomou-a pelo braço em um gesto de proteção, e ambos partiram a pé ao longo da estrada verdejante, rumo ao bosque. Everard respirou profundamente.

— Ah! Isto é melhor do que fazer discursos políticos! — exclamou ele, apertando-lhe o braço.

— No entanto deve ser maravilhoso ficar em cima de um cavalo e conseguir que um milhar de pessoas faça o que a gente quer.

Everard riu.

— Infelizmente não há muita coisa mais em política além disso. — Lançou um olhar para a companheira. — Você gostou do comício?

— Fiquei eletrizada. — Ela o reviu sobre o cavalo branco, ouviu sua bela voz vibrante, relembrou o seu sentimento de triunfo, as lágrimas súbitas. “Era magnífico”, pensava Elinor, “magnífico”! Mas não achava

meio de recapturar esse sentimento de vitória. Everard segurava-lhe o braço, sua enorme presença planava sobre ela, quase ameaçadora. “Será que ele me vai beijar?”, perguntava Elinor a si mesma, nervosamente. Tentou espantar aquele terror indiscreto e substituí-lo pela exaltação da véspera. Era magnífico! Mas o terror não se deixava exorcismar.

— Achei esplêndido o seu discurso — disse em voz alta, perguntando a si mesma, ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras, a respeito de que falara ele... Recordava-se do som e do timbre das palavras de

Everard, mas não de seu significado...
Era inútil. — Que madressilvas
encantadoras!

Everard se ergueu nas pontas dos
pés, enorme, e lhe apanhou umas duas
flores: — Que beleza, que encanto! —
Citou Keats, remexeu na memória para
achar um verso do *Sonho de uma noite
de verão*. Indagou, liricamente, por que
se vivia nas cidades, por que se
desperdiçava tempo à procura do
dinheiro e do poder, quando havia toda
aquela beleza à espera de que a viessem
conhecer e amar.

Elinor o escutava, cheia de uma

espécie de mal-estar. Everard parecia que estava ligando uma corrente que alimentava aquele amor da beleza, como uma luz elétrica — apagando o amor da força, a eficácia e as preocupações políticas para acender o amor da beleza. Mas por que não havia de fazê-lo, no fim das contas? Não havia nada de mal em amar as coisas bonitas. Nada — só que, por algum motivo obscuro, impossível de descrever, o amor de Everard pela beleza não era bem o que devia ser. Deliberado demais, talvez? Intermitente demais? Demasiadamente “artigo de férias?”. Demasiadamente

convencional, pesado, reverente, sem uma ponta de humor? Ela o preferia no seu papel de cultor da força. Como cultor da força ele parecia ser de melhor qualidade do que como amante da beleza. Inferior, talvez, como amante da beleza, por ser como era tão notável como cultor da força. Era uma compensação. Tudo tem o seu preço.

Continuaram o passeio. Numa clareira, entre as árvores, as dedaleiras estavam se abrindo em flor.

— Dir-se-ia pequenas tochas ardendo de baixo para cima — disse poeticamente Everard.

Elinor parou diante de uma planta alta, cujas primeiras flores campanuladas ficavam ao nível de seus olhos. A carne vermelha das pétalas era fresca e elástica entre seus dedos. Espiou para dentro da boca aberta da campânula: — Imagina como seria desagradável ter sardas na garganta — disse. — Isso para não falar nos besourinhos...

Afastaram-se em silêncio entre as árvores. Foi Everard quem falou primeiro.

— Algum dia você me amará? — perguntou ele de repente.

— Você sabe como gosto de você, Everard. — Elinor sentiu o coração parar; tinha chegado o momento, ele ia querer beijá-la. Mas o homem não fez um gesto; limitou-se a rir, um pouco melancolicamente.

— Gosta muito de mim — repetiu. — Ah! Se ao menos pudesse ser um pouco menos razoável, um pouco mais louca! Se ao menos soubesse o que é amar!

— Não será bom que alguém seja são de espírito? — perguntou Elinor. — São previamente, quero dizer. Porque todos o podem ser *depois*. Até mesmo

sãos demais, quando o acesso passa e os amantes se põem a indagar se, no fim das contas, valeu realmente a pena ter renunciado ao mundo... Reflete, Everard, reflete primeiro. Você quer perder o mundo?

— Nunca! — respondeu Everard; e sua voz tinha aquela vibração estranha e palpitante que ela parecia ouvir, não com os ouvidos, mas com todo o seu corpo, em pleno diafragma. — Eles não podem me arrebatam. Os tempos mudaram, depois da época de Parnell. Além disso, eu não sou Parnell. Que tentem, pois, arrebatam-me o mundo! —

Desatou a rir — O amor, e *mais* o mundo! Que eu terei os dois, Elinor, os dois! — Baixou o olhar, sorrindo para ela. Era de novo o cultor da força triunfante.

— Está pedindo demais — respondeu Elinor, rindo. — É guloso, insaciável. — A sensação de triunfo lhe formigou de novo pelo corpo todo, como o calor quase sufocante de um vinho quente.

Everard inclinou-se e beijou-a. Elinor não recuou.

Outro carro havia parado à beira da estrada, um outro par passeava pela

senda verdejante, rumo ao bosque. Sob o rosa e branco berrantes de seus cosméticos, o rosto da mulher era velho; a carne fatigada tinha descaído e perdido as formas outrora encantadoras.

— Oh! Como é bonito — repetia ela sem cessar enquanto caminhava, movendo com dificuldade o corpo pesado sobre sapatos de saltos muito altos que pisavam o solo desigual. — Como é lindo!

Spandrell — porque era ele — não respondeu.

— Apanha-me um pouco daquelas madressilvas — suplicou ela.

Spandrell lhe arrancou um ramo florido com o cabo recurvo da bengala. Através das emanções de perfumes químicos e de roupas de baixo não muito limpas, o cheiro das flores chegava, fresco e delicioso, às narinas de Spandrell.

— Oh! Que perfume divino! — exclamou ela, inspirando-o com delícia. — Diviníssimo!

As comissuras dos lábios de Spandrell se encresparam num sorriso. Divertia-o ouvir locuções assim saídas da boca daquela prostituta envelhecida. Olhou para ela. Pobre Connie! Era como

que a aparição de um esqueleto numa festa — um esqueleto mais espantosamente repugnante ainda, por ter os ossos recobertos de tanta carne flácida e caída. Repugnante mesmo... Não havia outra palavra. Ali, ao sol, Connie parecia uma peça de cenário de teatro vista à luz do dia e bem de perto. Fora por isso que ele se decidira a fazer a despesa do aluguel do Daimler e a sair com ela, simplesmente porque a pobre prostituta velha era tão repugnante. Spandrell balançou a cabeça em um sinal de aprovação: — Sim, o perfume das flores é bom, mas eu prefiro o teu...

Continuaram a caminhar. Já incerto da diferença entre uma segunda e uma terça menor, um cuco lançou os seus chamados. Nos corredores oblíquos de sol que se abriam como túneis entre o verde e o roxo das sombras da floresta, as pequenas moscas dançavam e ziguezagueavam com saltos bruscos. Não havia vento; as folhas pendiam, pesadas de verdura. As árvores pareciam empanturradas de seiva e de sol.

— Como é bonito! Como é bonito!

— Era o refrão de Connie. Aquele recanto, aquele dia lembravam-lhe,

disse ela, a sua meninice no campo. Suspirou.

— E desejaria ter sido sempre uma boa menina — disse Spandrell sarcasticamente. — “As rosas em torno da porta me lembram a infância morta.” Eu sei, eu sei. — Calou-se por um momento. — O que detesto nas árvores no verão — continuou depois — é a sua brutal complacência gorda. Balofas — eis o que elas são; dir-se-ia tubarões obesos. Incham de insolência, de uma insolência passiva.

— Oh! As dedaleiras! — exclamou Connie, que nem mesmo o tinha

escutado. Correu para as flores, grotesca e sem firmeza sobre os saltos altos. Spandrell a seguiu.

— Agradavelmente fálicas — comentou ele tocando com o dedo um dos estames de um botão ainda fechado. E se pôs a desenvolver o assunto, com profusão de detalhes.

— Oh! Fica quieto, fica quieto! — exclamou Connie. — Como tem coragem de dizer coisas como essas? — Ela estava ofendida, ferida. — Como tem coragem... Aqui?

— No campo do bom Deus — zombou ele. — Como tenho coragem?

E, erguendo a bengala, se pôs de súbito a fender o ar da direita para a esquerda — lepte! lepte! —, quebrando uma das altas plantas orgulhosas a cada golpe. O solo dentro em pouco ficou juncado de flores assassinadas.

— Pare! Pare! — Connie segurou os braços de Spandrell. Rindo silenciosamente, este se desembaraçou da companheira e continuou a derribar as plantas. — Pare! Por favor! Não, não! — A mulher se precipitou de novo sobre ele. Sempre rindo, sempre fendendo o ar com a bengala, Spandrell se afastou dela bruscamente.

— Abaixo com elas! — gritava. —
Abaixo com elas! — As flores caíam
uma após outra sob seus golpes. —
Pronto! — disse ele por fim.

Connie chorava.

— Oh! Como você pôde fazer isso?
Como pôde?

Spandrell riu de novo,
silenciosamente, atirando a cabeça para
trás.

— Bem feito para elas! — exclamou
ele. — Você pensa que eu vou ficar
quieto e deixar que me insultem? Ah!
Que insolência destas estúpidas! Ah! Ali
está mais outra! — Atravessou a

clareira, rumo ao lugar em que se erguia ainda uma última dedaleira alta, escondida entre as nogueiras novas. Um golpe foi o bastante. A planta quebrada tombou quase sem ruído. — Maldita insolência! É bem feito para elas... Vamos voltar para o carro.

Capítulo XXX RACHEL

QUARLES NÃO TINHA NENHUMA
SIMPATIA **por esses filantropos
sentimentais que apagam a
distinção entre o bem e o
mal, entre justos e culpados.**

**A seus olhos eram os
criminosos, e não a
sociedade na qual eles
viviam, os responsáveis por
seus crimes. Os pecadores
cometiam efetivamente os
seus pecados; não era o**

**meio ambiente que o fazia
por eles. Havia desculpas,
estava claro, palições,
circunstâncias atenuantes.**

**Mas o bem era sempre o
bem, e o mal continuava
sendo o mal. Havia
circunstâncias em que era
muito difícil escolher o bem;
mas era sempre o indivíduo
que fazia a escolha e, uma
vez feita, era responsável
por ela. Mrs. Quarles, numa**

**palavra, era cristã e não
humanitária. Como cristã
achava que Marjorie tinha
feito mal em deixar o
marido — muito embora se
tratasse de um marido como
Carling — por um outro
homem. Ela desaprovava o
ato, mas não se atrevia a
julgar a pessoa — tanto
mais que, apesar do que ela
tinha feito, o coração e a
cabeça de Marjorie haviam**

sempre persistido, sob o ponto de vista cristão de mrs. Quarles, “no bom caminho”. Rachel achava mais fácil amar uma pessoa que tinha procedido mal continuando, porém, a ter pensamentos virtuosos, do que uma outra que, como sua nora Elinor, pensava de maneira errada, embora sempre tivesse se conduzido, ao que ela sabia, de modo

**absolutamente
irrepreensível. Havia
circunstâncias, também, em
que a ação má lhe parecia
quase menos repreensível do
que o pensamento mau. Não
que ela simpatizasse com a
hipocrisia. A pessoa que
pensava e falava bem, ao
passo que, consciente e
constantemente, procedia
mal, era-lhe odiosa. Tais
pessoas são raras,**

**entretanto. A maior parte
dos que fazem o mal, a
despeito de suas crenças sãs,
o fazem em um momento de
fraqueza, e lamentam em
seguida a falta que
cometeram. Mas aquele
cujos pensamentos são maus
não admite o caráter
pecaminoso das más ações.
Não vê por que não os haja
de cometer e por que, depois
de fazê-lo, tenha de se**

arrepender e corrigir. E mesmo que, de fato, se porte virtuosamente, ele pode, mercê de seus maus pensamentos, arrastar outros homens a más ações.

— É uma mulher admirável — dissera John Bidlake, pronunciando seu julgamento —, mas gosta demais das folhas de parreira, sobretudo na boca.

Quanto a Rachel Quarles, não tinha consciência senão do fato de ser cristã. Não podia conceber como certas pessoas podiam viver sem serem cristãs. E no entanto um grande número — era

obrigada a admitir com tristeza — o conseguia perfeitamente. Quase todas as pessoas jovens de seu conhecimento. “Dir-se-ia que nossos próprios filhos falam uma língua diferente”, queixava-se ela um dia a uma velha amiga.

Mrs. Quarles achou em Marjorie Carling alguém que falava e entendia a sua própria linguagem espiritual.

— Você a achará um pouco cacete, temo-o — avisara-lhe Philip, ao anunciar a intenção que tinha de emprestar a sua casinha de Chamford a Walter e Marjorie. — Mas seja boa com ela. Apesar de tudo Marjorie o merece,

pobre criatura. Tem tido uma vida muito triste.

E contou à mãe todos os pormenores de uma história que ela escutou com suspiros.

— Eu não esperava que Walter Bidlake fosse assim — comentou ela.

— Nesses assuntos não convém *esperar* coisa alguma de ninguém. As coisas acontecem, simplesmente. Ninguém as *faz*.

Mrs. Quarles não respondeu nada. Pensou na época em que, pela primeira vez, ela descobrira uma das infidelidades de Sidney. O espanto, a

dor, a humilhação!

— No entanto — disse em voz alta —, ninguém julgaria que ele pudesse conscientemente tornar alguém infeliz.

— Ainda menos que ele tivesse se tornado infeliz conscientemente. E, no entanto, creio que Walter tornou a si mesmo tão desgraçado quanto Marjorie. Talvez seja esta a sua principal justificativa.

Rachel Quarles suspirou.

— Tudo isso me parece tão extraordinariamente desnecessário...

Foi fazer uma visita a Marjorie, depois que esta se instalou na nova

residência.

— Vem me ver muitas vezes — disse-lhe ao sair. — Porque você me agrada — acrescentou, pondo-se subitamente a sorrir, motivo pelo qual a pobre Marjorie lhe ficou reconhecida, a ponto de sua gratidão chegar a ter qualquer coisa de patético. Não lhe acontecia muito amiúde agradar aos outros. O fato de ela estar perdidamente apaixonada por Walter se devia antes de tudo a ter sido este uma das raras pessoas que se mostraram interessadas por ela. — E espero que eu te agrade também — acrescentou mrs. Quarles.

Marjorie apenas pôde corar e gaguejar. Mas já estava adorando...

Rachel Quarles havia falado com toda a sinceridade. Gostava efetivamente de Marjorie; gostava dela precisamente por causa dos defeitos mesmos que faziam que os outros a achassem tão aborrecível; por causa de sua estupidez — uma estupidez tão boa, tão cheia de puras intenções; por causa da sua falta de senso de humor — coisa que denotava uma tal seriedade, um tal ardor! Mesmo aquelas pretensões intelectuais, aquelas observações profundas ou didáticas que ela deixava

cair como uma coisa portentosa do fundo de um silêncio meditativo, não desagradavam mrs. Quarles. Ela descobria nisso os sintomas um tanto absurdos de um amor autêntico do bem, do verdadeiro e do belo, de um desejo sincero de progresso e de cultura.

Por ocasião do terceiro encontro, Marjorie lhe confiou toda a sua história. Os comentários de mrs. Quarles foram sensatos e cristãos.

— Não há cura milagrosa para coisas dessa espécie — disse ela —; não há especialidade farmacêutica contra a infelicidade. Existem apenas

velhas virtudes um pouco monótonas, a paciência, a resignação e as outras; e a velha consolação, a antiga fonte de toda força — velha, sim, mas não monótona: não, nada de menos monótono do que Deus. Mas a maior parte das pessoas moças não querem crer em mim quando lhes digo, se bem que elas morram de aborrecimento com o seu jazz e as suas danças.

O primeiro movimento de adoração de Marjorie se confirmou e cresceu, a tal ponto, que mrs. Quarles ficou toda envergonhada, como se tivesse roubado alguma coisa, como se tivesse

representado uma comédia fraudulenta.

— A senhora me tem sido de um tal auxílio, de um tal conforto! — declarou-lhe Marjorie.

— Qual! — respondeu ela quase com cólera. — A verdade é que você estava sozinha, se sentia infeliz e eu me encontrei a seu lado no devido momento.

Marjorie protestou; mas a mulher mais velha não permitia que a louvassem ou que lhe dirigissem agradecimentos.

Falaram muito em religião. Carling tinha dado a Marjorie o horror de tudo quanto era pitoresco ou formal no

cristianismo. Piran de Peranzabuloe, as vestes religiosas, as cerimônias, tudo o que, mesmo de longe, dizia respeito a um santo, a um rito, a uma tradição lhe era odioso. Mas havia conservado uma fé vaga e rudimentar no que considerava como sendo as coisas essenciais; tinha guardado de sua infância certo hábito de pensamentos e de sentimentos cristãos. Sob a influência de Rachel Quarles, essa fé se tornou mais precisa, as emoções habituais se robusteceram.

— Eu me sinto de tal maneira feliz, desde que estou aqui com a senhora! — anunciou ela, apenas oito dias depois de

sua chegada.

— É porque você não se esforça por ser feliz e porque não pergunta a si mesma por que você se tornou infeliz, por que cessou de pensar nas coisas sob o ponto de vista da felicidade e da infelicidade. É a tolice enorme dos jovens desta geração — continuou mrs. Quarles —, eles não pensam nunca na vida senão relacionando tudo com a felicidade... “Que farei para me divertir?” Eis a pergunta que eles se fazem a si mesmos, ou então se queixam: “Por que minha vida não é divertida?”. Mas nós estamos num mundo em que “os

bons momentos”, na acepção vulgar desta palavra, ou talvez em todas as suas acepções, não podem durar continuamente nem pertencer a toda a gente. E, mesmo que a mocidade tivesse esses “bons momentos”, ela havia de ficar inevitavelmente decepcionada porque a sua imaginação é sempre mais bela do que a realidade. E depois que gozamos um pouco esses momentos, eles se tornam aborrecidos. Cada um se esforça para obter a felicidade, e o resultado é que ninguém é feliz. É porque eles estão no caminho errado. A pergunta que deviam fazer a si mesmos

não é: “Por que não somos felizes?” ou “Como nos iremos divertir?”, mas sim: “Como podemos agradar a Deus” e “Por que não somos melhores?”. Se as pessoas fizessem interiormente estas perguntas e respondessem a elas, na prática, da melhor maneira que pudessem, haveriam de atingir a felicidade sem nunca pensarem nela. Porque não é procurando a felicidade que a encontramos; é procurando a salvação. E quando as criaturas forem sábias, em vez de serem inteligentes, hão de pensar na vida relacionando-a com a salvação e a perdição, não com

os “bons” ou “maus momentos”. Se você se sente feliz agora, Marjorie, é porque cessou de pensar em ser feliz e porque está tentando ser melhor. A felicidade é como o coque — uma coisa que se obtém como subproduto da fabricação de outra coisa.

*

Enquanto isso, em Gattenden os dias se sucediam, sombrios.

— Por que não faz um pouco de pintura? — propôs mrs. Bidlake ao marido, na manhã que se seguiu à sua chegada.

O velho John balançou a cabeça.

— Havia de tomar gosto por ela,

uma vez que começasse... — adulou Elinor.

Mas o pai não se queria deixar convencer. Não tinha vontade de pintar, precisamente porque isso lhe teria sido muito desagradável. O terror mesmo da dor, da doença e da morte fazia perversamente com que ele se recusasse a deixar distrair o espírito de sua contemplação abominável. Dir-se-ia que uma parte dele desejava obscuramente aceitar a derrota e o abatimento, estava ávida por tornar a sua capitulação ainda mais total. Sua coragem, sua força gargantuesca, seu bom humor

descuidoso, eram os frutos de uma ignorância voluntária que durara toda a sua vida. Mas agora que não era mais possível “ignorar”, agora que o inimigo estava instalado no seu próprio corpo, toda a virtude o havia abandonado. Bidlake tinha medo, e não podia dissimular os seus terrores. *Desejava* de certo modo ficar acabrunhado. E ficou mesmo. Mrs. Bidlake e Elinor fizeram o possível para tirá-lo da tristeza apática dentro da qual ele passava a maior parte de seus dias em Gattenden. Mas o velho pintor não se deixava despertar senão para se lamentar e às vezes para

explodir numa cólera cheia de queixumes.

É deplorável (escreveu Philip em seu caderno de notas) *ver um olímpico reduzido por um pequeno tumor no estômago a um estado de subumanidade. Mas talvez — acrescentou alguns dias mais tarde, pensando melhor — ele tenha sido sempre um subumano, mesmo quando dava a impressão de ser a mais olímpica das criaturas; talvez o fato de ser olímpico fosse justamente um sintonia de subumanidade.*

Era somente com o pequeno Phil que

John Bidlake despertava em certas ocasiões de seu estado de abatimento. Brincando com o menino, ele se esquecia às vezes, por um instante, da sua desgraça.

— Desenhe alguma coisa para mim — pedia.

E o pequeno Phil, com a língua entre os dentes, desenhava um trem ou um barco ou os cervos que se batiam no parque de Gattenden ou o velho marquês na sua cadeira de rodas puxada pelo burrico.

— Agora você vai desenhar alguma coisa, para mim, vovô — dizia o

pequeno, quando cansava.

E o velho tomava do lápis e fazia cinco ou seis pequenos esboços maravilhosos de T'ang, o cão pequinês, ou de Tompy, o gato da cozinha. Ou então, algumas vezes, num acesso de malícia, rabiscava uma caricatura da pobre Miss Fulkes a contorcer-se toda. E frequentemente, esquecendo-se por completo de que o pequeno estava perto, desenhava para seu próprio prazer — um grupo de banhistas, dois lutadores, uma dançarina.

— Mas por que elas não têm roupa?
— perguntava Phil.

— Porque ficam mais bonitas assim.

— Ah! Mas eu não acho. — E, perdendo o interesse pelos desenhos que tinham tão pouca coisa para lhe contar, o menino exigia de novo o lápis.

Mas não era sempre que John Bidlake acolhia com tanta alegria o neto. Às vezes, quando se sentia particularmente abatido, encarava a simples presença do menino como uma ofensa, uma espécie de zombaria. Ficava encolerizado, vituperava contra o garoto porque este fazia barulho, porque o incomodava.

— Não me deixarão nunca em paz?

— gritava ele. E punha-se então a queixar-se, com blasfêmias, da incapacidade geral de toda a gente. A casa estava cheia de mulheres cuja função era cuidar daquele maldito pirralho. Mas ele andava por ali, correndo de um lado para outro, fazendo uma baderna dos infernos, como se quisesse fazer o mundo vir abaixo, e metendo-se na vida dos outros. Era intolerável. Sobretudo quando não se estava passando bem. Absolutamente intolerável! Ninguém tinha a menor consideração para com ele. Corada, a contorcer-se, a pobre Miss Fulkes

levava o seu aluno, que uivava, para seu quarto.

As cenas mais penosas se produziam às horas de refeição. Porque era durante as refeições (reduzidas agora, para ele, a caldo, leite e farinha láctea) que John Bidlake era mais desagradavelmente lembrado de seu estado de saúde. “Esta lavagem repugnante!”, resmungava ele. Mas se comia alguma coisa sólida os resultados eram deploráveis. As refeições eram os momentos mais tempestuosos e mais selvagens do dia de John Bidlake. Ele descarregava a sua raiva sobre o neto. O pequeno Phil, que

não comia nunca de boa vontade, foi durante toda aquela primavera até o começo do estio particularmente obstinado no que dizia respeito à alimentação. Chorava quase sempre à hora das refeições.

— É porque realmente ele não vai muito bem — explicava Miss Fulkes para o desculpar. E era verdade. O pequeno estava um pouco amarelo e magro, dormia mal, tinha crises de nervos, fatigava-se depressa, sofria de dores de cabeça, não aumentava de peso. O dr. Crowther tinha prescrito malte, óleo de fígado de bacalhau e um

tônico.

— Ele não vai bem — insistia Miss Fulkes.

Mas John Bidlake não queria ouvir nada.

— Ele é simplesmente desobediente, nada mais. Não quer comer e pronto! — E, voltando-se para o pequeno, gritava: — Engula, moleque, engula! Não sabe engolir? — O espetáculo do pequeno Phil, mastigando e remastigando interminavelmente alguma coisa de que não gostava, exasperava o velho. — Vamos, engula, garoto! Não continue a ruminar assim! Não é nenhuma vaca.

Engula isso! — E o menino, vermelho, as lágrimas brotando-lhe nos olhos, fazia um esforço desesperado para engolir o detestável produto de cinco minutos de mastigação nauseada. Os músculos de sua garganta se intumesciam e se enrugavam, uma expressão de nojo invencível distorcia-lhe o rosto pequenino, ouviam-se os ruídos sinistros de uma ânsia de vômito.

O velho vociferava: — Mas isto é simplesmente revoltante! Engula!

E seus gritos eram uma receita quase infalível para fazer a criança vomitar.

*

Os fardos tornaram-se leves, as

trevas deram lugar à luz, Marjorie teve apocalipticamente a revelação de todos os símbolos da literatura religiosa. Porque ela própria tinha se debatido no Lodaçal do Desespero, e havia emergido dele; tinha também feito a escalada laboriosamente, sem esperança, e de súbito ficara consolada pela vista da Terra Prometida.

— Todas essas expressões me pareciam tão convencionais e tão insipidamente piedosas — disse ela a mrs. Quarles. — Mas agora percebo que elas são simples descrições de fatos reais.

Mrs. Quarles concordou com um meneio de cabeça.

— Más descrições, porque os fatos não se podem descrever. Mas quando os sentimos pessoalmente, podemos compreender a intenção dos símbolos.

— Conhece a Terra Negra?^[20] — perguntou Marjorie. — Sinto a sensação de ter saído de uma dessas cidades de mineiros, para chegar às planícies, aos largos espaços abertos — acrescentou ela, com a sua voz ardente e um pouco infantil na sua entonação arrastada. (“Esta voz”, não pôde deixar de pensar Mrs. Quarles, que se arrependeu em

seguida do pensamento, porque no fim das contas a pobre mulher não era responsável pela voz que tinha, “esta voz faz parecer abafados e fechados os largos espaços abertos.”) — E quando eu olho para trás, a cidade negra aparece tão pequenina, tão insignificante em comparação com o espaço e com o céu enorme! É como se a olhássemos por um binóculo posto às avessas.

Mrs. Quarles franziu levemente a fronte: — Ela não é tão insignificante assim. Porque, no fim das contas, há pessoas que moram nessa cidade, por mais negra que ela possa parecer. E a

posição errada do binóculo é sempre a posição errada. Não se pretende levar-nos a olhar as coisas de maneira que elas nos pareçam pequenas e insignificantes. Eis aí um dos perigos que há em sair para o céu aberto; temos uma tendência excessiva para considerar como pequenas, remotas e sem importância as cidades e as pessoas que elas contêm. Mas elas não o são, Marjorie. E a tarefa dos felizes que puderam evadir-se, vindo para o ar livre, é ajudar os outros a fugir também. — De novo franziu a testa, descontente consigo mesma dessa vez; detestava

tudo quanto cheirasse a sermão. Mas Marjorie não devia imaginar que se tinha tornado superior e se achava acima do mundo. — Como vai Walter? — perguntou ela, com uma inconsequência que era apenas aparente. — Como vão vivendo vocês agora?

— Da mesma maneira de sempre. — Uma tal confissão, havia algumas semanas, lhe teria custado horivelmente. Mas agora, o próprio Walter tinha começado a parecer-lhe pequeno e um pouco remoto. Ainda continuava a amá-lo, naturalmente; mas, de certo modo, com o binóculo às

avessas. Com este na posição certa ela apenas via Deus e Jesus; eles cresciam, dominando-lhe avassaladoramente o campo de visão.

Mrs. Quarles olhou para a interlocutora, e uma expressão de tristeza passou-lhe rapidamente pelo rosto móvel: — Pobre Walter!

— Sim, eu também o lamento — confessou Marjorie.

Fez-se um silêncio.

O velho dr. Fisher lhe havia dito que fosse procurá-lo para mantê-lo informado de tudo a cada duas ou três semanas, e Marjorie aproveitava o

preço reduzido dos bilhetes de excursão de quarta-feira para ir à cidade, fazer algumas compras indispensáveis e dizer ao doutor como se sentia bem.

— É o que revela a sua aparência — disse o dr. Fisher, examinando-a primeiro através dos óculos e depois por cima destes. Sim, incomparavelmente melhor do que a última vez. Isso se passa muitas vezes no decorrer do quarto mês — pôs-se ele a explicar. O dr. Fisher gostava que seus clientes tomassem um interesse inteligente em sua própria fisiologia. — A saúde melhora. O moral também. É o

corpo que se adapta ao novo estado de coisas. As modificações na circulação têm sem dúvida algo a ver com isso. O coração do feto começa a bater mais ou menos neste tempo. Tive casos de mulheres neurastênicas que desejavam ter filhos e mais filhos, numa sucessão tão rápida quanto possível. A gravidez era a única coisa que lhes podia curar a melancolia e as obsessões. Quão mal compreendemos ainda as relações entre o corpo e o espírito!

Marjorie sorriu e não disse palavra. O dr. Fisher era um anjo, um dos homens melhores e mais bondosos do mundo

inteiro. Mas havia coisas que ele compreendia ainda menos do que as relações entre o corpo e o espírito. Que compreendia ele de Deus, por exemplo? Que compreendia ele da alma e de sua comunhão mística com as forças espirituais? Pobre dr. Fisher! Só sabia falar do quarto mês de gravidez e do coração do feto. Marjorie sorriu interiormente, sentindo um pouco de piedade pelo velho.

*

Burlap, naquela manhã, mostrou-se cheio de afeição: — Meu velho — disse ele, pousando uma das mãos sobre o ombro de Walter —, vamos sair e comer

juntos uma costeleta em alguma parte?
— Deu uma palmadinha no ombro do jovem Bidlake e sorriu-lhe o sorriso cheio da ternura triste e enigmática de um santo de Sodoma.

— É pena! — disse Walter, procurando simular uma afeição correspondente —, tenho de jantar com um amigo na outra extremidade de Londres. — Era uma mentira; mas não podia suportar a ideia de passar uma hora com Burlap num restaurante de Fleet Street. De resto, queria ver se havia alguma carta de Lucy esperando por ele no clube. Olhou o relógio. —

Céus! — exclamou, sem desejo de prolongar a conversação com Burlap —, preciso ir...

Fora, chovia. Os guarda-chuvas pareciam cogumelos negros brotados subitamente da lama. Tudo sombrio, sombrio... Em Madri devia estar fazendo um sol feroz. “Mas adoro o calor”, ela dissera. “Desabrocho nos fornos.” Ele havia imaginado de antemão as noites de Espanha, negras e quentes, e o corpo pálido de Lucy à luz das estrelas — um fantasma, mas tangível e morno; e o amor tão paciente, tão implacável como o ódio; e as poses que semelhavam um

assassinato lento. Aquelas volúpias imaginadas tinham justificado todas as mentiras, todas as baixezas concebíveis. Pouco importava o que se podia fazer ou o que não se devia fazer, contanto que suas visões se realizassem. Ele tinha preparado o terreno, inventado uma série de mentiras complicadas, um monte para Burlap, outro para Marjorie; tomara informações sobre o preço das passagens, arranajara no banco um meio de sacar a descoberto de sua conta. E então viera a carta de Lucy, comunicando que tinha mudado de ideia. Ia ficar em Paris. Por quê? Só havia uma

explicação possível. O ciúme de Walter, sua decepção, sua humilhação haviam desbordado em seis páginas de censuras e de furor.

— Cartas? — perguntou ele ao porteiro num tom despreocupado, ao entrar no clube.

O tom de sua voz dava a entender que ele não esperava nada de mais interessante do que uma circular de editor, ou do que a oferta filantrópica de um empréstimo de cinco mil libras sem garantias.

O porteiro lhe estendeu o conhecido envelope amarelo; Walter o rasgou

avidamente e desdobrou três páginas escritas a lápis. “Quai Voltaire. Segunda-feira.” Fatigou os olhos na decifração da carta: era quase tão difícil de ler como um manuscrito antigo... “Por que me escreve sempre a lápis?” Walter se lembrou da pergunta de Cuthbert Arkwrigth e da resposta que Lucy lhe havia dado. “Pois eu havia de fazer que a tinta desaparecesse a beijos”, replicara ele. Que estúpido! Walter entrou na sala de refeições e pediu o seu jantar. Entre bocados de comida que levava à boca, decifrou a carta de Lucy.

QUAI VOLTAIRE.

Insuportável, a tua carta. De uma vez por todas recuso receber injúrias ou lamúrias; não quero em absoluto ouvir censuras nem condenações. Faço o que me apraz e não reconheço em ninguém o direito de discutir os meus atos. A semana passada pensei que seria divertido ir a Madri contigo; nesta semana mudei de opinião. Se essa mudança te prejudicou materialmente, sinto muito. Mas não formulo a menor desculpa pelo fato de ter mudado de opinião, e se imagina que suas jeremiadas e as suas ciumeiras me encham de piedade por você, está muito

enganado. Deseja realmente saber por que não deixo Paris? Muito bem. “Sem dúvida encontrou um outro homem de quem gosta mais do que de mim.” Maravilhoso, meu caro Sherlock Holmes, maravilhoso! E adivinha onde o encontrei... Na rua. Passeando ao longo do Boulevard Saint-Germain, olhando as livrarias. Percebi que estava sendo seguida de vitrina em vitrina por um jovem. Gostei dos ares dele. Muito moreno, pele cor de oliva, aspecto um tanto romano, não mais alto do que eu. Na quarta vitrina ele se pôs a me falar num francês extraordinário com acentos

em todos os ee mudos. “*Ma lei è italiano.*” Era; enorme contentamento. “*Parla italiano?*” E se pôs a despejar a sua admiração no mais puro toscano.

Olhei para ele. No fim das contas, por que não? Alguém que nunca encontramos antes e de quem nada sabemos — é uma ideia excitante. Por um momento, dois seres perfeitamente estranhos; no momento seguinte, já tão íntimos quanto o podem ser dois entes humanos. De resto, era uma linda criatura. “*Vorrei e non vorrei*”, disse-lhe eu. Mas ele nunca tinha ouvido falar de Mozart, não conhecia senão Puccini,

de sorte que pus ponto na tagarelíce.
“Muito bem.” Tomamos um táxi que nos levou a um pequeno hotel perto do Jardin des Plantes. Quartos à hora. Uma cama, uma cadeira, um armário, um lavatório com uma bacia de folha e um jarro, um porta-toalhas, um bidê. Sórdido, mas fazia parte da brincadeira. “*Dunque*”, disse-lhe eu. Não lhe tinha permitido que me tocasse no táxi. Ele saltou sobre mim como se me fosse matar, os dentes cerrados. Fechei os olhos, como uma mártir cristã em face de um leão. O martírio é uma coisa excitante. Deixar-se ferir, humilhar, usar

como um capacho, esquisito! Gosto disso. Além do mais, o capacho também faz uso de quem o usa. É complicado. O homem acabava de voltar de umas férias passadas à beira do mar, no Mediterrâneo, e seu corpo estava todo queimado e polido pelo sol. Tinha um ar magnificamente feroz — era como um pele-vermelha. E tão feroz como o seu aspecto fazia esperar. Ainda tenho marcas no pescoço, no lugar em que ele me mordeu. Tenho de usar uma echarpe durante alguns dias. Onde terei visto aquela estátua de Mársias esfolado? O rosto dele era assim. Eu lhe meti as

unhas nos braços até fazer sangue. Depois perguntei-lhe o nome. Ele se chama Francesco Allegri e é engenheiro aeronáutico; vem de Siena, onde o pai é professor de medicina na universidade. Que estranha incongruência no fato de um selvagem trigueiro fazer projetos de motores de avião e ter um pai professor de faculdade! Devo revê-lo amanhã... Então agora já sabe, Walter, por que mudei de opinião a respeito da tal viagem a Madri. Não me mande nunca mais uma carta como a última.

L.

*

Marjorie tomou o trem das três horas

e doze minutos para voltar a Chamford. A chuva havia cessado quando ela chegou. As colinas do outro lado do vale, tocadas pela luz do sol, pareciam brilhar com uma radiação própria contra o fumo e o índigo das nuvens. Gotas ainda pendiam suspensas dos ramos, e todas as taças ocas das pétalas e das folhas estavam cheias. A terra molhada exalava uma fragrância fresca e deliciosa; ouvia-se um ruído de pássaros. Quando Marjorie passava sob os ramos pendentes do grande carvalho, na metade do caminho, um golpe de vento lhe jogou contra o rosto um

aguaceiro frio e súbito. Marjorie riu de prazer.

Achou a casinhola vazia. A criada tinha saído e não estaria de volta senão à hora de deitar. O silêncio das peças vazias tinha uma qualidade de transparência cristalina e musical, a solidão lhe pareceu amiga e doce. Movendo-se pela casa, Marjorie caminhou na ponta dos pés, como se temesse acordar uma criança adormecida.

Fez para si mesma uma xícara de chá, que bebeu; comeu um biscoito, acendeu um cigarro. O gosto daquilo que

ela comia e bebia, o aroma do tabaco, lhe pareciam particularmente deliciosos e de certo modo novos. Era como se os descobrisse pela primeira vez.

Voltou a poltrona de maneira que ela ficasse de face para a janela e deixou-se ficar sentada, alongando o olhar por sobre o vale, até as montanhas brilhantes com o seu fundo de tempestade. Lembrou-se de um dia análogo, no tempo em que eles moravam na casinha de Berkshire. O sol, mais luminoso por ser tão precário naquele fundo sombrio; uma terra brilhante e transfigurada. Walter estava sentado com ela, perto da

janela aberta. Ele a amava naquele tempo. E, no entanto, ela era mais feliz agora, muito mais feliz. Não lamentava nada do que se passara no intervalo. O sofrimento tinha sido necessário. Era a nuvem que acentuava a luz de sua felicidade presente. Nuvem sombria — mas como estava longínqua agora, e curiosamente separada dela! E aquela outra claridade feliz, antes da vinda da nuvem, era também minúscula, e longínqua, como uma imagem num espelho curvo. “Pobre Walter!” pensou ela; e de uma maneira remota apiedou-se dele. Correndo atrás da felicidade,

Walter tinha se tornado infeliz. A felicidade é um subproduto, mrs. Quarles o dissera. Era verdade. — “A felicidade, a felicidade...”, Marjorie repetia interiormente a palavra. Contra os vapores negros, as colinas eram como esmeraldas e ouro verde. A felicidade, a beleza, o bem.. “A paz de Deus”, murmurou ela, “a paz de Deus, que vai além de todo o entendimento. Paz, paz, paz...”

Teve a impressão de que se fundia naquela calma verde e dourada; sentiu-se mergulhar nela e absorver por ela, dissolver como se deixasse de viver à

parte para se unir à paz universal. A quietude fluía para a quietude, o silêncio de fora se identificava como seu silêncio interior. O licor da existência, agitado e turvo, assentou pouco a pouco, e tudo que o tinha tornado opaco — todo o ruído e o tumulto do mundo, todas as inquietudes, todos os desejos, todos os sentimentos pessoais — começou a se depositar, como um sedimento, a cair lentamente, lentamente e sem ruído, dentro do invisível. O licor turvo se tornou cada vez mais claro, cada vez mais translúcido. Atrás daquela bruma que se dissipava gradualmente, estava a

realidade, estava Deus. Foi uma revelação lenta, progressiva. “Paz, paz”, murmurava Marjorie para si mesma; e as últimas ondulações morreram na superfície da vida, as opacidades causadas pela agitação da vida acabaram de cair, aniquiladas na calma extrema. “Paz, paz.” Marjorie não tinha mais desejos, mais preocupações. O licor que fora turvo estava perfeitamente límpido, agora, mais límpido do que o cristal, mais diáfano do que o ar; a bruma se dissipara e a realidade sem véus era um vazio maravilhoso, era o nada. O nada — a única perfeição, o

único absoluto. O infinito, o eterno nada. A revelação progressiva estava completa agora.

Marjorie foi despertada do seu devaneio pelo clique do trinco da porta da entrada e por um ruído de passos no corredor. Relutantemente e com uma espécie de dor, ela se alçou das profundezas da divina vacuidade; sua alma remontou à superfície da consciência das coisas. O sol sobre as montanhas havia tomado um tom mais profundo, as nuvens tinham se erguido e o céu era de um azul pálido e esverdeado, como o da água. Era já

quase noite. Marjorie sentia os membros hirtos. Provavelmente ficara ali sentada durante horas e horas.

— Walter? — gritou ela na direção do corredor, de onde vinham os ruídos.

Walter respondeu com uma voz que lhe pareceu morta, átona. “Por que será que ele é tão infeliz?”, perguntou ela consigo, ao ouvi-lo; mas perguntou de muito longe e com uma espécie de ressentimento muito remoto. Ressentia-se daquela presença que a perturbava e que lhe interrompia o êxtase; ressentia-se da própria existência de Walter. O rapaz entrou no compartimento, e

Marjorie notou que ele tinha o rosto muito pálido, os olhos debruados de negro.

— Que é que há? — perguntou ela, quase a contragosto. Quanto mais se aproximava de Walter, mais se afastava no nada maravilhoso, mais se afastava de Deus. — Não está com boa aparência...

— Não é nada. Um pouco de cansaço, nada mais.

No trem, durante o trajeto, ele tinha lido e relido a carta de Lucy, a ponto de sabê-la quase de cor. Sua imaginação tinha fornecido um suplemento às

palavras. Conhecia aquele quartinho sórdido de *hôtel meublé*; tinha visto o corpo requeimado do italiano, a brancura de Lucy, os dentes cerrados do homem, seu rosto que parecia o de um Mársias torturado, e também o rosto de Lucy, com aquela expressão que ele bem conhecia, aquele ar de sofrimento grave e atento, como se o prazer lancinante fosse uma verdade profunda e árdua, que não se pode apanhar senão por meio de intensa concentração...

“Bom”, estava pensando Marjorie, “ele dissera que não era nada. Era melhor assim; ela não precisava de se

preocupar mais com aquilo.”

— Pobre Walter! — disse em voz alta. E lhe dirigiu um sorriso de piedade terna. Ela não ia fazer nenhum apelo à sua atenção ou à sua simpatia; o ressentimento dela desapareceu. — Pobre Walter!

Walter olhou-a um momento, depois se afastou. Não queria piedade. Não aquela espécie de piedade de anjo superior, e ainda menos da parte de Marjorie. Uma vez aceitara a piedade dela. A recordação desse incidente lhe deu calafrios de vergonha. Nunca mais! Walter se foi.

Marjorie ouviu seus passos na escada e a batida de uma porta.

“Apesar de tudo”, pensou ela, sentindo com relutância alguma solicitude, “algo não vai bem. Algo há que o torna particularmente desgraçado. Talvez seja melhor eu subir e ver o que ele está fazendo.”

Mas não subiu. Ficou sentada no mesmo lugar, imóvel, esquecendo-o deliberadamente. O pequeno sedimento que a chegada de Walter havia agitado dentro dela tornou a cair bem depressa para o fundo. Através do vazio inanimado do êxtase, seu espírito

mergulhou de novo em Deus, no absoluto perfeito, no nada eterno e sem limite. O tempo passou; o fim da tarde se transformou em crepúsculo de verão; o crepúsculo se espessou lentamente em trevas.

Daisy, a criada, voltou às dez horas.

— Sentada no escuro, patroa? — perguntou ela, lançando um olhar para dentro da peça. Acendeu a luz. Marjorie estremeceu. O clarão lhe trouxe aos olhos ofuscados todos os detalhes imediatos e próximos do mundo material. Deus havia se dissipado, como uma bolha que se fura. Daisy viu a mesa

vazia. — Então ainda não ceou? — exclamou com horror.

— Ora, não... — disse Marjorie. — Nem mesmo pensei em cear.

— Nem mr. Bidlake? — continuou Daisy em tom de censura. — Oh! Ele deve estar morto de fome, coitado!

Precipitou-se para a cozinha, à procura de carne fria e de pickles.

Lá em cima, no seu quarto, Walter estava deitado na cama, cara enterrada nos travesseiros.

Capítulo XXXI UM PROBLEMA
DE PALAVRAS CRUZADAS havia
trazido mr. Quarles ao
décimo sétimo volume da
Enciclopédia Britânica. A
curiosidade ociosa ali o
detivera. O lord
Chamberlam, aprendeu ele,
traz um bastão branco e usa
uma chave de ouro ou uma
chave engastada de pedras
preciosas. A palavra loteria
não tem significação muito

definida; mas Nero distribuía prêmios como uma casa ou um escravo, ao passo que Heliogábalo introduziu um elemento de absurdo, um bilhete por um vaso de ouro, um outro por seis moscas. Pickney B. S. Pinchback foi governador republicano da Luisiana em 1783. Para definir a lira é necessário distingui-la claramente da harpa e da

**guitarra, instrumentos
afins. Numa das ravinas do
norte da Madeira existem,
visíveis a olho nu, massas de
uma essexita grosseiramente
cristalina. Mas há
igualmente um lado
negativo da magia. E o
magnetismo terrestre tem
uma longa história. Sidney
Quarles mal havia
começado a leitura do artigo
sobre sir John Blundell**

**Maple, Baronet (1845-1903),
cujo pai, John Maple
(morto em 1900) tinha uma
pequena casa de móveis em
Tottenham Court Road,
quando uma camareira
apareceu à porta para
anunciar que uma moça
desejava vê-lo.**

— Uma moça? — repetiu ele com
alguma surpresa, tirando o pincenê.

— Sim, sou eu — disse uma voz
familiar. E Gladys surgiu de trás da
criada, avançando até o meio da peça.

Vendo-a, mr. Quarles sentiu um espasmo súbito de apreensão. Ergueu-se.

— Pode retirar-se — disse com dignidade para a criada. Ela se retirou. — Minha pequena! — Tomou a mão de Gladys, que o repeliu. — Mas que surpresa!

— Oh! uma agradável surpresa — respondeu ela sarcasticamente.

A emoção fazia sempre ressuscitar nela a garota londrina. Gladys sentou-se, plantando-se na cadeira com força e determinação.

— Aqui estou — parecia dizer

aquela maneira voluntária de sentar — e aqui fico; talvez mesmo quisesse dizer: — daqui não saio nem que o mundo venha abaixo.

— Realmente agradável esta... aaa... surpresa! — disse mr. Quarles com voz melíflua, só para dizer alguma coisa. “Era terrível”, pensava ele. Que queria a moça? Que fazer para afastá-la da casa? Enfim, em caso de necessidade, poderia sempre dizer que a chamara para datilografar um trabalho particularmente urgente. — Mas muito inesperada — acrescentou em voz alta.

— Muito.

A moça cerrou a boca firmemente e olhou para o velho como quem espera, com olhos cuja expressão não agradava nem um pouco a mr. Quarles. Mas que esperava ela?

— Naturalmente, tenho... aaa... muito prazer em ver-te... — continuou ele.

— Oh! Sim?

Gladys emitiu um riso perigoso.

Mr. Quarles fitou os olhos nela e teve medo. Para falar a verdade, odiava a moça. Começou a perguntar interiormente por que diabos chegara um dia a desejá-la.

— Muito prazer — repetia ele, com

uma ênfase cheia de dignidade. O importante era manter uma atitude digna, mostrar com firmeza a sua superioridade. — Mas...

— Mas... — fez ela num eco.

— Sim, realmente, penso que foi uma... aaa... pequena imprudência vir até aqui...

— Ele acha que foi uma pequena imprudência! — disse Gladys, como se repetisse as palavras do velho a uma terceira pessoa invisível.

— Para não dizer que a visita era... aaa... desnecessária...

— Ora, quem deve julgar isso sou

eu...

— No fim das contas, você sabe muito bem que se tivesse necessidade de... aaa... me ver, bastava que me escrevesse e eu teria ido logo em seguida. Também para que arriscar-se a vir aqui? — Sidney esperou. Mas Gladys não respondeu; limitou-se a olhar para ele com os seus olhos verdes e duros, e com os lábios apertados num sorriso que parecia encerrar enigmaticamente Deus sabia lá que pensamentos e sentimentos perigosos. — Realmente, estou aborrecido com você. — A maneira como mr. Quarles

exprimia aquela repreensão era digna e impressionante, mas cheia de bondade, sempre cheia de bondade. — Realmente, estou... aaa... aborrecido.

Gladys atirou a cabeça para trás e soltou uma risadinha de hiena, aguda e breve. Mr. Quarles ficou desconcertado. Mas conservou a dignidade.

— Pode rir. Mas eu estou... aaa... falando seriamente. Não tinha nenhum direito de vir aqui. Sabia muito bem o quão importante é que ninguém... aaa... desconfie de nada... Sobretudo aqui... aqui em minha própria casa. Você sabia...

— Sim, eu sabia — repetiu Gladys, balançou a cabeça com truculência. — E foi exatamente por isso que vim. — Calou-se por um momento. Mas a pressão de seus sentimentos lhe tornou impossível manter o silêncio. — Porque eu sabia que você estava assustado — continuou ela —, assustado, com medo de que os outros saibam o que você realmente é. Velho indecente e porcalhão! — E, perdendo de repente todo o controle sobre a sua fúria, ergueu-se num salto e avançou contra mr. Quarles com um ar tão ameaçador que o velho recuou um passo. Mas o

ataque de Gladys foi apenas verbal. — Assumindo ares importantes, como se fosse o príncipe de Gales. E depois leva uma moça para jantar numa *corner house*. E vive a censurar todo mundo pior do que um pastor, quando você não passa de um porco velho sujo! Sim, um porco velho sujo: é o que você é! Dizendo que me amava, ora bolas! Eu sei que espécie de amor é esse! Pois sim... Uma moça não está segura dentro de um táxi com você. Não! Seu animal repugnante! E depois...

— Realmente, realmente... — Mr. Quarles havia se refeito suficientemente

do primeiro choque de surpresa cheio de horror: agora podia protestar. Era terrível aquilo, inaudito. Ele se sentia literalmente devastado, aniquilado, achatado.

— Realmente, realmente — repetiu Gladys, imitando a maneira de falar do velho, numa mímica derrisória. — E depois nem mesmo leva a gente para um lugar decente no teatro! Mas quando se tratava dos seus prazeres... Ai Jesus! Seu porco gordo e asqueroso! E tomando ares de Rodolfo Valentino, conversando fiado, dizendo que todas as mulheres estão loucas por você... Por

você! Olhe-se no espelho... Parece um ovo vermelho, sem tirar nem pôr...

— Que inconveniência!

— Falar de amor com uma cara dessas! — continuou Gladys numa voz ainda mais aguda. — Um velho porcalhão como você! E depois dá para a gente um relógio vagabundo e velho e um par de brincos com pedras que não valem nada; porque eu perguntei a um joalheiro e ele me contou... E agora, além de tudo, vou ter um bebê...

— Um bebê? — repetiu mr. Quarles, incrédulo, mas com uma sensação de vácuo e de apreensão mais profunda e

mais horrível. — Um bebê, não é possível!

— Sim, um filho! — gritou Gladys, batendo com o pé. — Não entende o que eu digo, velho idiota? Um filho. Foi por isto que vim aqui. E não vou embora sem primeiro...

Foi nesse momento que mrs. Quarles entrou pela porta envidraçada, vinda do jardim. Acabara de palestrar com Marjorie na sua casinha e entrava para dizer a Sidney que havia convidado o jovem casal para jantar naquela noite.

— Oh, desculpem... — disse ela, parando no portal.

Houve um instante de silêncio. Depois, dirigindo-se dessa vez a mrs. Quarles, Gladys recomeçou a falar com uma fúria incontrolável. Cinco minutos mais tarde ela estava a soluçar não menos incontrolavelmente, e mrs. Quarles se esforçava por consolá-la. Sidney aproveitou a ocasião para safar-se. Quando o gongo anunciou o jantar, mandou dizer que se sentia muito doente e que fizessem o favor de mandar dois ovos cozidos bem moles, algumas torradas com manteiga e um pouco de compota.

Enquanto isso, no estúdio, mrs.

Quarles estava inclinada com solicitude sobre a cadeira de Gladys.

— Não é nada — repetia ela, batendo no ombro da moça. (“Pobre criatura”, pensava. “E que perfume abominável! Ah, como foi que Sidney teve a coragem?”) Depois, de novo: — Pobre menina! Não chore. Procure ter coragem. Não há de ser nada.

Os soluços de Gladys decresceram pouco a pouco. A voz calma de mrs. Quarles continuou a falar, consoladora. A outra escutava. De súbito, ergueu-se. O rosto que defrontou o de mrs. Quarles estava carregado de zombaria selvagem,

atrás das manchas das lágrimas.

— Oh! Cale a boca! — disse ela sarcasticamente. — Cale a boca! Que pensa que eu sou? Um nenê? A falar desse jeito... Será que pensa que com isso me vai fazer ficar quieta? Que eu esqueça os meus direitos? “Bilu-bilu... o nenê vai ser bonzinho, o nenê não vai?” Mas a senhora está enganada. É o que lhe digo. Está muitíssimo enganada. E muito breve vai ter a certeza disso... É o que lhe digo.

E com estas palavras saltou para fora do gabinete, ganhou o jardim e desapareceu.

Capítulo XXXII na casinha do fundo das cocheiras Elinor se achava completamente só. O fraco ribombar do tráfego longínquo acariciava o silêncio morno. Um vaso de flores multicores, que sua mãe lhe tinha dado, povoava para ela o ar de inumeráveis recordações virtuais de sua infância. Elinor estava arranjando as rosas de um vaso; enormes rosas brancas

**de pétalas de porcelana
maleável, rosas alaranjadas
que pareciam turbilhões de
chamas congeladas e
perfumadas. O relógio de
carrilhão que havia em
cima da chaminé fez um
súbito comentário
inesperado de oito notas e
deixou que as vibrações
harmoniosas se dissipassem
melancolicamente no nada,
como a música de um barco**

**que se afasta. Três e meia. E
às seis horas ela esperava
Everard. Esperava-o para
tomarem um coquetel —
dava-se ela o trabalho de
explicar a si mesma — antes
que ele a levasse ao
restaurante e depois ao
teatro. Simplesmente uma
diversão noturna,
semelhante a não importa
que outra diversão noturna.
Elinor continuava a repetir**

**a si mesma a explicação,
porque ela sabia, ela via o
que se achava escondido sob
aquela desculpa superficial,
estava profeticamente certa
de que aquela noite não
seria de maneira nenhuma
como as outras, mas sim
capital, decisiva. Seria
obrigada a decidir, a
escolher. Mas não queria
escolher; era por isso que
tentava convencer-se de que**

a noite seria simplesmente trivial e divertida. Era o mesmo que cobrir um cadáver com flores. Com uma montanha de flores. Mas o cadáver ali estava sempre, apesar dos lírios que o dissimulavam. E a decisão tinha de ser tomada, a despeito do jantar no Kettner e a despeito do teatro. Com um suspiro, Elinor apanhou com as duas

mãos o pesado vaso e, no momento em que o erguia para o colocar em cima da chaminé, ouviu-se uma forte batida na porta. Elinor sentiu um sobressalto tão violento que quase deixou cair o objeto que tinha nas mãos. E o terror persistiu, mesmo depois que ela se refez do primeiro choque da surpresa. Uma batida na porta, quando ela se achava

**sozinha na casa solitária,
fazia-lhe sempre bater o
coração de maneira
desagradável. A ideia de que
havia alguém do lado de
fora, alguém que esperava,
que escutava — um
estranho, um inimigo, talvez
(porque a imaginação de
Elinor estava toda povoada
de horrendas faces
cabeludas que espreitavam
dos cantos, com mãos**

**ameaçadoras, facas e adagas
e pistolas), ou então um
louco que escutasse
atentamente os indícios de
vida no interior da casa,
esperando, como uma
aranha, esperando que ela
abrisse a porta —, essa ideia
lhe era um pesadelo, um
pavor. Bateram de novo.
Pousando o vaso, Elinor
caminhou na ponta dos pés,
com infinitas precauções,**

**até a janela e arriscou uma
olhadela por entre as
cortinas. Nos dias em que
ela se sentia
particularmente nervosa,
faltava-lhe coragem mesmo
para fazer aquilo; deixava-
se ficar sentada, imóvel,
fazendo votos para que as
batidas de seu coração não
fossem ouvidas da rua, até
que o desconhecido que
batera à porta perdia a**

paciência e partia... No dia seguinte o entregador da casa Selfridge lhe causava remorsos atrozes quando vinha desculpar-se da entrega tardia. “Ontem bati na porta, madame, mas não estava ninguém em casa.” E Elinor ficava cheia de vergonha, sentia-se ridícula. Mas na próxima vez em que se achasse de novo em casa sozinha e nervosa, havia de

portar-se exatamente do mesmo modo...

Naquela tarde encheu-se de coragem; ousou olhar o inimigo — olhar, pelo menos, o que podia ver dele, espiando de viés pelo vidro, na direção da porta. Uma perna de calça cinzenta e um cotovelo era tudo o que se continha em seu campo visual. Bateram ainda mais uma vez. Depois a perna de calça recuou e todo o casaco ficou visível; depois, o chapéu preto; a cabeça do homem voltou-se: era o rosto de Spandrell. Elinor correu à porta e abriu-a.

— Spandrell! — exclamou ela, porque o rapaz já tinha se voltado para partir. Spandrell fez meia-volta, tirando o chapéu. Apertaram-se as mãos. — Desculpe — explicou ela. — Eu estava sozinha. Julgava que era no mínimo um assassino. Depois dei uma espiadela pela janela e vi que era você.

Spandrell soltou uma risada breve e sem ruído.

— Mas podia ser ainda um assassino, mesmo em se tratando da minha pessoa. — E brandiu a bengala de castão pesado diante dela, numa brincadeira que pareceu tão

dramaticamente de acordo com as representações imaginárias que ela tinha do tipo autenticamente homicida, que Elinor sentiu um grande mal-estar.

Encobriu a sua emoção com uma risada, mas decidiu não convidá-lo para entrar. De pé à soleira da porta, sentia-se em maior segurança.

— Apesar de tudo — disse —, antes ser assassinada por uma pessoa conhecida do que por um estranho.

— Acha? — Spandrell olhou para a interlocutora; as comissuras de sua larga boca se crisparam num sorriso esquisito. — É preciso ser mulher para pensar

nesses refinamentos. Mas se tiver vontade que cortem sua carótida de uma maneira camarada...

— Meu caro Spandrell! — protestou ela, sentindo-se agora mais contente do que nunca por estar à soleira da porta e não no interior da casa.

— ... não hesite: mande me chamar. Não importa o incômodo que isso me possa dar — pousou a mão sobre o coração —, hei de voar para o seu lado. Ou, melhor, para o seu pescoço. — Bateu os calcanhares um contra o outro e inclinou-se. — Mas, diga-me — continuou em outro tom —, Philip não

anda por aí? Eu queria que ele viesse jantar comigo esta noite. No Sbisa. Eu convidaria também de boa vontade... Mas é um assunto puramente masculino.

Elinor agradeceu.

— Eu não poderia ir de qualquer modo. E Philip foi para o campo ver a mãe. Vai voltar justamente a tempo para o concerto de Tolley no Queen's Hall. Mas sei que ele disse que passaria pelo Sbisa, depois do concerto, na vaga esperança de encontrar alguém. Assim é que você há de vê-lo hoje. Mais tarde.

— Enfim, antes tarde do que nunca. Ou pelo menos — aqui Spandrell emitiu

uma de suas risadas afônicas — assim se espera piedosamente, no que diz respeito aos amigos. Esperanças piedosas! Mas, para falar a verdade, o provérbio precisa ser modificado: antes nunca do que cedo.

— Então, por que você se dá o trabalho de convidar as pessoas para jantar?

Spandrell deu de ombros.

— Força de hábito. De resto, eu os obrigo geralmente a pagar, quando os convido...

Riam ambos ainda, quando uma campainhada violenta fê-los voltar a

cabeça. Um telegrafista numa bicicleta vermelha se precipitava para eles.

— Quarles? — perguntou o rapaz, saltando da viatura.

Elinor pegou o telegrama e o rasgou. O riso se lhe ia desvanecendo do rosto ao passo que ela lia.

— Não tem resposta.

O garoto tornou a montar na bicicleta e partiu. Elinor continuava com os olhos fitos no telegrama, como se este estivesse redigido em uma língua pouco conhecida e difícil de decifrar. Olhou o relógio de pulso, depois tornou a fitar os olhos na fina folha de papel.

— Quer prestar-me um serviço? — perguntou enfim, voltando-se para Spandrell.

— Mas naturalmente!

— Meu filho está doente — explicou ela. — Pedem-me para voltar. Se andar depressa — consultou de novo o relógio — poderei ainda tomar o trem das quatro e dezessete em Euston. Mas não haverá mais tempo para outra coisa. Quer telefonar de minha parte a Everard Webley e explicar-lhe por que não posso ir cear com ele esta noite? — “Era um aviso”, pensava ela, “uma proibição.” — Antes das seis. No escritório dele.

— Antes das seis — repetiu Spandrell lentamente. — No escritório dele... Muito bem.

— É preciso que eu me apresse — disse ela, estendendo-lhe a mão.

— Mas eu vou chamar um táxi enquanto põe o chapéu.

Elinor agradeceu. Spandrell afastou-se a passo rápido, atravessando o pátio das cavaliças. “Sim, uma proibição”, repetia Elinor para si mesma, pondo o chapéu diante do espelho veneziano da sala de estar. A escolha lhe tinha sido imposta. Era ao mesmo tempo um alívio e uma decepção. “Mas imposta”,

continuava ela a refletir, “à custa do pobre do pequeno Phil.” Elinor ficou a perguntar a si mesma que teria ele. O telegrama de sua mãe — tão característico que ela não podia deixar de sorrir, recordando-lhe os termos — não dizia nada, em suma. “*Philip um pouco enfermo e embora nada de alarmante aconselharia voltar. Mamãe.*” Elinor se lembrou de como o menino andava nervoso e difícil havia já algum tempo, de como se fatigava depressa. Censurou-se por não ter compreendido que ele estava incubando alguma doença. Agora esta se declarara.

Uma gripe, talvez. “Eu devia ter sido mais cuidadosa”, continuava ela a repetir para si mesma. Escreveu um bilhete ao marido. “O telegrama incluso explica minha partida repentina. Encontre-me em Gattenden amanhã de manhã.” Onde havia de colocar o papel, para que Philip o visse ao chegar? Contra o relógio, em cima da chaminé? Mas será que, ao chegar, ele ia necessariamente olhar a hora? Ou então em cima da mesa. Não; pregá-lo com um alfinete no biombo; aí estava! Assim Philip não poderia deixar de vê-lo. Elinor subiu depressa para buscar um

alfinete. Sobre a mesa do quarto de Philip viu um molho de chaves. Apanhou-as e examinou-as, franzindo a testa. “Que idiota! Esqueceu as chaves! Como é que vai entrar esta noite?” O ruído de um táxi sob a janela lhe sugeriu uma solução. Desceu correndo, prendeu com um alfinete o bilhete e o telegrama, bem à vista, sobre o biombo que separava da porta a parte “sala de visitas” do salão geral e ganhou o pátio. Spandrell esperava à porta do táxi.

— Você foi muito amável... — disse ela. — Mas não acabei de te explorar ainda. — Ergueu o molho de chaves. —

Quando vir Philip esta noite, dá-lhe isto e diz a ele, com lembranças minhas, que ele é um imbecil. Sem as chaves não poderia entrar. — Spandrell tomou o molho sem dizer palavra. — Conta-lhe por que fui embora e diz a ele que o espero amanhã. — Elinor subiu para o táxi. — E não se esqueça de telefonar a Webley. Antes das seis horas. Porque ele devia vir buscar-me aqui às seis.

— Aqui? — perguntou Spandrell, com uma expressão súbita de interesse e de curiosidade que Elinor achou um pouco ofensiva e embaraçante. Estaria ele imaginando alguma coisa, ousaria

supor?...

— Sim, aqui — fez ela com um breve sinal de cabeça.

— Não me esquecerei — asseverou-lhe Spandrell num tom enfático; e a expressão do seu rosto tinha ainda qualquer coisa que dava para suspeitar: não se ocultaria uma significação especial atrás daquelas palavras tão naturais?

— Obrigada — disse Elinor, sem cordialidade. — E agora é preciso que eu voe...

Deu o endereço ao condutor. O táxi subiu o pátio em marcha à ré, passou

sob o arco, fez uma volta e partiu.

Spandrell foi a pé, lentamente, até Hyde Park Corner. Da cabina pública da estação, telefonou a Illidge.

*

Everard Webley caminhava de um lado para outro na sala, ditando. Era-lhe impossível entregar-se a qualquer trabalho de composição quando sentado. “Como será que conseguem escrever os que passam todo o dia entalados em cadeiras, e isso do princípio ao fim do ano?” Achava incompreensível. “Quando estou sentado numa cadeira, ou deitado numa cama, fico como a mobília a que me juntei... nada mais que madeira

e estofamento. Meu espírito não se moverá se os músculos não se moverem também.” Quando a correspondência era volumosa, quando havia artigos a ditar, discursos a preparar, o dia de trabalho de Everard era uma excursão pedestre de oito horas. “Bancando o leão”, era assim que as secretárias descreviam os seus métodos de ditado. Everard “bancava” o leão naquele momento, o leão inquieto, um pouco antes da hora do repasto, caminhando de uma parede para outra em seu grande escritório nu.

— Lembrem-se — dizia ele, franzindo as sobrancelhas para o tapete,

enquanto falava; sob o lápis da secretária os caracteres estenográficos corriam sobre a página branca —, lembrem-se de que em recurso final a autoridade é minha em todos os casos, e que enquanto eu estiver à cabeça da B B F toda tentativa de insubordinação será imediata e implacavelmente reprimida. Atenciosamente *etc.* ... — Calou-se e, voltando à sua mesa, do ponto até onde fora em sua marcha leonina e fecunda, passou em revista os papéis esparsos. — Isto parece que é tudo... — disse, consultando o relógio. Eram justamente quinze para as seis. — Que essas cartas

estejam prontas amanhã de manhã — continuou ele —, a fim de que eu possa assiná-las. — Tomou o chapéu do cabide. — Boa noite! — E, batendo a porta, desceu os degraus de dois em dois. Fora, achou o chofer que o esperava com o carro. Era uma máquina possante (porque Everard era um amante das correrias furiosas), e como ele também adorava a sensação de lutar com as intempéries e com o vento produzido por sua própria velocidade, o carro era aberto. Uma cobertura impermeável, bem estirada, recobria toda a parte traseira da carroceria de turismo, como

um toldo, deixando apenas os dois assentos dianteiros disponíveis para os viajantes.

— Não preciso de você essa noite — disse Everard ao chofer, sentando-se ao volante. — Pode ir.

Apertou o botão de partida, engrenou o carro e arrancou com uma impetuosidade violenta. Várias dúzias de cavalos estavam encerrados nos três litros dos cilindros de Everard; ele gostava de fazê-los dar o máximo. A toda a velocidade, primeiro; depois, a um metro do obstáculo ameaçador, pé nas travas; tal era o seu método. Andar

de automóvel na cidade com Everard era uma aventura demasiadamente fértil em emoções. Elinor tinha protestado a última vez que ele a levara a passear. “Morrer não me preocupa muito”, dissera ela, “mas o que não me agrada é passar o resto da vida com duas pernas de pau e um nariz quebrado.” Everard rira. “Comigo você não corre perigo algum. Nunca me acontecem acidentes.” “É superior a essas coisas, hein?”, retrucara ela, em tom de zombaria. “Bem, se quer se exprimir assim..” Os freios foram apertados com tal violência que Elinor se vira forçada a segurar

fortemente os braços do banco para não ser projetada contra o para-brisa. “Imbecil!”, gritou Webley ao velho senhor atarantado cujas indecisões de galináceo sobre o calçamento quase o haviam jogado sob os Dunlops de Everard. “Se quer se exprimir assim”, e o carro saltou para a frente, num arranco, empurrando Elinor contra o respaldo do assento, “pois seja... Mas o fato é que não me acontecem acidentes. Sou eu que fabrico a minha própria sorte.”

Recordando-se desse incidente, Everard teve um sorriso interior,

enquanto rodava ao longo de Oxford Street. Um carroção de mercadorias impediu-o de avançar. Não se deviam tolerar cavalos nas ruas de Londres. “Ou bem sou seu amante”, era o que ia dizer a Elinor, “e no fim das contas isto significa que é preciso que a coisa se torne pública, que deixes Philip e venha para a minha casa (porque tencionava ser inteiramente franco com ela; não devia haver hipocrisia de nenhuma espécie), ou bem, então...” Apresentou-se um ensejo para contornar o carroção; Everard fez pressão no acelerador e arrancou, desviando o carro para a

direita e depois para a esquerda, indo passar rente ao focinho do velho cavalo que trotava pacientemente. “Do contrário não nos tornaremos a ver.” Seria um ultimato. Um ultimato brutal. Mas Everard detestava as situações ambíguas. Preferia saber a verdade definida, por mais desagradável que fosse, a ficar, mesmo esperançosamente, na mais feliz das incertezas. E no caso presente a incerteza nada tinha de feliz. À entrada de Oxford Circus um guarda ergueu a mão. Eram sete para as seis horas. “Elinor é exigente demais”, pensava Webley, olhando em torno, “é

melindrosa demais no sentir esses edifícios novos.” Everard não achava nada de desagradável no estilo maciçamente florido e barroco do comércio moderno. Era vigoroso e dramático; era grande, era caro, simbolizava o progresso. “Mas é tão revoltantemente vulgar!”, protestara Elinor. “Mas é difícil”, respondera ele, “não ser vulgar, quando não se está morto. Você protesta contra o fato de essa gente trabalhar. E estou de acordo: trabalhar é coisa muito vulgar, realmente.” Elinor tinha o ponto de vista característico do consumidor e não do

produtor. O guarda do tráfego abaixou a mão. Devagar a princípio, mas num ímpeto crescente, a onda parada da circulação tornou a avançar ruidosamente. Um espírito de luxo, era o que Elinor tinha; não um espírito utilitário. Um espírito que considerava o mundo sob o aspecto da beleza e do gozo, e não sob o aspecto da utilidade; um espírito preocupado com sensações e com matizes de sentimento, e preocupado com essas coisas por amor delas mesmas e não porque olhos vivos e intuição fossem necessários na luta pela vida. Ele devia desaprová-la; e o

teria feito (Everard sorriu interiormente ao fazer esta reflexão) se não estivesse apaixonado por ela. Teria...

Plaf! Da janela de um ônibus que passava, caiu uma casca de banana, em cima da capota do motor, diante dele, como uma estrela do mar suja e gasta à força de rastejar. Uma explosão de riso ressoou através do ruído do trânsito. Erguendo os olhos, Everard percebeu duas mocinhas que o espiavam por cima da balaustrada da imperial, a boca aberta, como um par de pequeninas gárgulas bonitas, rindo, rindo como se o mundo, até aquele dia, não tivesse visto

ainda uma brincadeira. Everard lhes mostrou o punho, rindo também. “Como Elinor teria se divertido com aquele incidente”, pensou, “ela que gostava tanto das ruas e das suas comédias!” Como Elinor sabia ver o esquisito, o divertido, a coisa significativa! Onde ele, Everard, não percebia senão uma massa humana uniforme, ela distinguia indivíduos. E aquele talento que tinha para inventar toda uma biografia para as raridades vistas de relance uma só vez — aquele talento não era menos notável que o seu olhar tão penetrante. Elinor saberia dizer tudo sobre aquelas

raparigas: sua classe social, a espécie de casa em que moravam, onde se vestiam, por que preço, se tinham ainda virtude, os livros que liam, seus artistas de cinema favoritos. Imaginando o que Elinor teria dito, lembrando-se do riso dela, da expressão de seus olhos e dos seus hábitos de linguagem, sentiu-se subitamente penetrado de tanta ternura, de uma saudade tão violenta, ainda que delicadamente afetuosa, que mal podia suportar aquela separação, embora por poucos instantes mais. Buzinou para prevenir o táxi que se achava diante dele e tentou contorná-lo pela direita. Um

refúgio que havia no meio da rua obrigou-o a recuar, mas não antes que o condutor do táxi tivesse tido tempo de lançar dúvidas sobre a paternidade e sobre a heterossexualidade de Everard Webley, bem como sobre as suas probabilidades de ser feliz no outro mundo. Everard, com grande deleite e com uma originalidade incomparavelmente maior, devolveu as injúrias. Sentia-se transbordante de vida, extraordinariamente forte e vigoroso, inexplicavelmente e (excluída a ideia de que aquela espera ia prolongar por mais cinco minutos a sua

separação de Elinor) perfeitamente feliz.

Sim, perfeitamente feliz; porque ele sabia (e com que tranquila convicção!) que ela lhe diria sim, que ela o amava. E sua felicidade se tornou mais intensa, mais aguda e ao mesmo tempo mais serena quando o carro dobrou a esquina de Marble Arch para entrar em Hyde Park. Sua convicção profética se tornou mais profunda, transformou-se numa espécie de certeza relembrada, como se o futuro fosse já história. O sol estava baixo no horizonte, e onde quer que sua luz roseamente dourada tocasse a terra, era como se um outono prematuro e mais

luminoso tivesse pegado fogo nas folhas e na relva. Grandes setas de claridade pulverizada desciam obliquamente do poente entre as árvores, e nas sombras o crepúsculo era uma névoa de lavanda, um vapor de azul e de índigo que ia escurecendo, plano após plano, até as distâncias nevoentas de Londres. E os pares que passeavam sobre a relva, as crianças que brincavam, eram alternadamente eclipsados e transfigurados ao passarem da sombra para o sol, pareciam umas vezes insignificantes, outras vezes milagrosamente vívidos. Era como se

um deus caprichoso, ora aborrecido, ora encantado com as suas criaturas, dirigisse sobre elas um olhar cheio por vezes de indiferença aniquiladora e por vezes de um amor que lhes conferia um pouco de sua própria divindade. O caminho se estendia diante do carro, livre e liso, mas Everard mal ultrapassou a velocidade permitida, a despeito de seu desejo, de sua saudade; e isto, em certo sentido, porque ele amava muitíssimo a Elinor. “E porque tudo estava assim radiosamente belo; e onde se achava a beleza, aí devia estar Elinor”, pensava Everard, de acordo

com uma lógica particular e com uma necessidade pessoal. Ela estava a seu lado naquele instante, porque ela teria gozado de maneira intensa aquele encantamento. Everard fazia o carro deslizar devagarinho, porque certamente Elinor teria querido prolongar o prazer. O motor dava apenas mil e quinhentas rotações por minuto; o dínamo mal estava carregando. Um pequeno Austin tomou-lhe a dianteira, como se o carro de Webley estivesse parado. Que passassem todos! Everard pensou nas expressões que ia empregar para descrever a Elinor aquelas maravilhas.

Através dos gradis, os ônibus em Park Lane reluziam, escarlates, brilhando como carros triunfais num cortejo histórico. Fracamente, através de todo o ruído do trânsito, um relógio bateu seis badaladas; e antes que estas cessassem, o som de um outro sino se misturou a elas, melodioso, suave, com uma ponta de melancolia, a voz mesma daquela tarde luminosa, da felicidade de Everard. E eis que, apesar de toda a lentidão da marcha do carro, as portas de mármore de Hyde Park Corner se abriram diante dele. Oferecido — a despeito da nudez e do desenvolvimento

ultrassueco de seus músculos abdominais —, pelas damas da Inglaterra ao vencedor de Waterloo, o Aquiles fundido com o bronze dos canhões de Napoleão se erguia ameaçador, escudo alçado, brandindo a espada, defendendo-se contra o céu pálido e vazio. Foi quase com pesar, embora desejasse ardentemente chegar ao fim de sua viagem, que Everard deixou Hyde Park. De novo os ônibus monumentais rugiram-lhe à frente e à retaguarda. Contornando o arquipélago de ilhotas, Webley fez a promessa de mandar no dia seguinte cinco libras ao

Hospital de São George, se Elinor lhe respondesse sim. Estava certo de que ela responderia... Era como se o dinheiro estivesse pago adiantadamente. Everard saiu de Grosvenor Place; a trovoada se apagou atrás dele.

Belgrave Square era um oásis de árvores; os estorninhos garrulavam no meio de um silêncio agreste. Everard virou o carro uma vez, duas e, por fim, outra vez mais. Ao lado esquerdo entre duas casas, havia um arco. Webley o ultrapassou um metro ou dois, parou e, em marcha à ré, passou de novo debaixo dele e foi recuando, recuando até o

fundo do beco das cavaliariças. Como eram encantadoras as cortinas amarelas!

Parou o carro e saltou. Seu coração batia muito forte. Tinha a mesma sensação que experimentara ao pronunciar o seu primeiro discurso, metade medo, metade triunfo. Subindo os degraus da porta, bateu e esperou durante vinte batidas de coração; do interior da casa não veio nenhum som em resposta. Webley bateu de novo e, lembrando-se do que Elinor lhe contara sobre os seus terrores, fez acompanhar a batida de um assobio, e, como em resposta ao silencioso terror dela, um

grito suplementar de “Amigo!”. De repente percebeu que a porta não estava fechada com o trinco, mas apenas entreaberta. Empurrou-a; ela escancarou-se. Everard transpôs a soleira.

— Elinor! — gritou, achando que a amiga devia estar no andar superior. — Elinor!

Nem assim obteve resposta. Estaria ela a pregar-lhe uma peça? E se de repente saltasse de trás de um dos biombos... Webley sorriu a esse pensamento e avançou para explorar a peça silenciosa, quando seu olhar foi

atraído pelas folhas de papel presas com alfinete, bem à vista, num dos painéis do biombo da direita. Aproximou-se, e mal havia começado a ler — “O telegrama incluso te explica...” — quando um ruído às suas costas fê-lo voltar-se. Um homem se achava a um metro dele, com as mãos erguidas: o taco que elas seguravam tinha já começado a oscilar para o lado e para a frente, partindo de cima do ombro direito. Everard levantou um braço, porém tarde demais. O golpe o atingiu na têmpora esquerda. Foi como se uma luz tivesse se apagado de repente. Ele não teve nem mesmo

consciência da queda.

*

Mrs. Quarles beijou o filho.

— Phil querido — disse ela. — Que bom que você veio tão depressa.

— Não está com muito boa aparência, mamãe... — disse Phil.

— Um pouco fatigada, nada mais... E aborrecida — acrescentou, depois de um momento de silêncio, e com um suspiro.

— Aborrecida?

— A respeito de seu pai. Ele não vai bem — continuou Rachel, falando em voz baixa e como se relutasse. — Ele desejava ver você particularmente. Foi

por isto que eu te telegrafei.

— Papai está gravemente doente?

— Fisicamente não. Mas os nervos...

Uma espécie de colapso. Está muito excitado. Muito instável.

— Mas qual é a causa?

Mrs. Quarles ficou silenciosa. E quando por fim falou foi com um esforço visível, como se cada uma de suas palavras tivesse de forçar uma passagem através de uma barreira interior. Seu rosto, de ordinário tão móvel, estava rígido, tenso.

— Aconteceu algo que o transtornou. Teve um choque violento. — E,

lentamente, palavra por palavra, a história veio à tona.

Philip escutava, curvado para a frente, os cotovelos fincados nos joelhos, o queixo nas mãos. Depois de um primeiro olhar rápido lançado ao rosto da mãe, conservou os olhos fixos no chão. Sentia que olhar para ela, encará-la, seria infligir-lhe um embaraço inútil. O fato de falar já lhe era uma dor e uma humilhação; que ela pudesse, pelo menos, falar sem que a vissem, como se não existisse testemunha de sua desgraça. Os olhos desviados de Philip deixavam a mãe

numa espécie de penumbra espiritual. Palavra por palavra, com uma voz macia e incolor, mrs. Quarles falou. Foi desfiando os incidentes sórdidos um por um. Quando ela se pôs a contar a visita que Gladys fizera na antevéspera, Philip não pôde suportar por mais tempo a narrativa. Era demasiadamente humilhante para ela; não podia permitir que a mãe continuasse.

— Sim, sim, eu imagino — disse ele, cortando-lhe a palavra. E, erguendo-se num salto, saiu a caminhar, manco, em passos rápidos e nervosos, até a janela. — Não continue. — Ficou

ali um momento, olhando para fora, para o relvado, para as espessas muralhas de rochedos, para as colinas cor de colheita que ficavam longe, do outro lado do vale. A paisagem era plácida a ponto de se tornar quase exasperante. Philip se voltou, tornou a vir, claudicando, pela peça, e, parando um momento atrás da cadeira da mãe, pôs-lhe a mão no ombro; depois se afastou de novo. — É preciso não pensar mais nisso. Vou fazer o que for preciso. — Teve, com um enorme desgosto, a visão das cenas indignas, das disputas e dos regateios sórdidos. — Talvez seja

melhor que eu vá ver papai — sugeriu.

Mrs. Quarles aprovou com um meneio de cabeça: Ele estava muito ansioso por te ver.

— Por quê?

— Não sei. Mas tem estado a insistir...

— E ele fala neste... bem, neste negócio?

— Não. Nunca se refere a ele. Tenho a impressão de que o esquece propositalmente.

— Então seria melhor eu não tocar no assunto.

— Sim, a menos que ele comece —

aconselhou mrs. Quarles. — A maioria das vezes é de si mesmo que Sidney fala. Do passado, de sua saúde, e num tom pessimista. Deves tentar animá-lo. — Philip fez um gesto afirmativo. — Alegre-o — continuou mrs. Quarles — e não o contradiga. Ele se encoleriza facilmente. Não lhe faz bem excitar-se.

Philip escutava. “Como se se tratasse de um animal perigoso”, pensou, “ou de uma criança desobediente.” Que miséria, que angústia, que humilhação para a sua mãe!

— E não demore lá muito tempo — acrescentou ela.

Philip deixou-a. “Que imbecil”, disse para si mesmo, ao atravessar o hall. “Que refinado imbecil!” Aquele acesso súbito de cólera e de desprezo que sentia pensando no pai não era temperado por nenhuma afeição prévia. Não era tampouco exacerbado pelo menor ódio prévio. Até então Philip não sentira pelo pai nem amor nem falta de afeição. Irrefletidamente tolerante, ou, quando muito, com uma ponta de resignação divertida, ele tinha aceitado sua existência. Não havia nada em suas recordações de infância que justificasse emoções mais positivas. Como pai, mr.

Quarles tinha se revelado não menos fantasista e não menos incapaz do que como político e como homem de negócios. Breves períodos de interesse entusiasta pelos seus filhos tinham alternado com longos períodos no decorrer dos quais ele quase que completamente *ignorara* a existência dos rapazes. Philip e o irmão o tinham preferido nas épocas de negligência; porque o pai os ignorava de uma maneira benevolente. Não gostavam tanto quando ele se interessava pela sorte dos dois. Porque o interesse assim testemunhado se dirigia, geralmente,

muito menos aos rapazes do que a uma teoria de educação ou de higiene. Depois de ter palestrado com um médico eminente, depois de ter lido o último livro sobre os métodos pedagógicos, mr. Quarles despertava à descoberta de que, se se não tomasse com urgência alguma medida enérgica, seus filhos teriam grandes probabilidades de se tornar idiotas e doentes, fracos de espírito, com os corpos envenenados por uma alimentação viciosa e deformados por exercícios impróprios. Depois, durante algumas semanas, os dois garotos eram

atochados de cenouras ou de carne bem cozida (isso dependia do médico com quem mr. Quarles havia falado); obrigavam-nos a fazer ginástica ou então a aprender danças populares e a eurritmia; faziam-nos aprender de cor poesias (se acontecia ser a memória a coisa importante no momento) ou então (se acontecia serem as faculdades racionais) mandavam-nos sair para o jardim, a enterrar estacas na relva; e, depois, medindo a sombra a diferentes horas do dia, tinham de descobrir por si mesmos os princípios da trigonometria. Enquanto durava um desses acessos, a

vida se tornava quase intolerável para os dois rapazes. E se mrs. Quarles protestava, Sidney ficava colérico e lhe dizia que ela era uma mãe piegas e egoísta, para a qual o verdadeiro bem dos filhos não tinha importância. Mrs. Quarles não insistia muito vigorosamente, porque sabia que Sidney, no caso de o contrariarem, se tornava ainda mais obstinado; tolerado, esqueceria o seu entusiasmo. E com efeito, ao cabo de algumas semanas mr. Quarles se fatigava naturalmente de trabalhos que não produziam resultados rápidos e manifestos. Sua higiene não

tinha feito crescer nem deixado mais fortes os garotos de maneira perceptível; eles não haviam se tornado apreciavelmente mais inteligentes pela sua pedagogia. O que ambos eram, incontestavelmente, era um aborrecimento de cada dia, de cada hora. “Negócios de maior momentosidade” absorviam então mais e mais a atenção de Sidney Quarles, de forma que pouco a pouco, como o gato de Cheshire, ele acabava por não ter mais existência real no mundo da sala de estudos e do quarto dos meninos — evaporando-se para as esferas mais

elevadas e mais agradáveis. E os dois rapazes podiam tornar de novo à felicidade.

Philip, que os sons saídos do quarto do pai tinham feito parar diante da porta, ficou a escutar por alguns instantes. Seu rosto tomou uma expressão de grande inquietude, de alarme mesmo. Aquela voz? E o pai, tinham-lhe dito, estava sozinho. Falando consigo mesmo? Teria chegado àquele ponto? Dominando-se, Philip abriu a porta e ficou imediatamente tranquilo ao descobrir que o que ele tinha tomado como um sintoma de insanidade era apenas um

ditado para o ditafone. Escorado por travesseiros, mr. Quarles se achava na cama, meio sentado, meio deitado. Tinha o rosto e até o próprio crânio congestionados e brilhantes, e seu pijama de seda cor-de-rosa parecia ser uma continuação intensificada da mesma febre. O ditafone estava sobre a mesa, ao lado da cama; mr. Quarles falava diante da embocadura do tubo acústico flexível. “A verdadeira grandeza”, dizia ele em voz sonora, “é inversamente proporcional... aaa... ao simples sucesso imediato.”

— Ah! É você! — exclamou ele,

voltando-se, quando a porta se abriu. Fez parar o maquinismo do aparelho, tornou a pendurar o tubo acústico e estendeu uma mão acolhedora. Gestos banais... Mas Philip teve a impressão de que todos os seus movimentos tinham qualquer coisa de extravagante. Dir-se-ia que o velho estava no palco. Os olhos que ele voltou para Philip luziam de um brilho desacostumado.

— Como estou contente por você ter vindo. Tão contente, meu caro! — Bateu na mão de Philip; sua voz forte se pôs de súbito a tremer.

Philip, pouco habituado a

semelhantes demonstrações, se sentiu embaraçado.

— Mas como você se sente? — perguntou, com uma jovialidade fingida.

Mr. Quarles balançou a cabeça e apertou-lhe a mão sem dizer palavra. Philip ficou mais embaraçado do que nunca vendo que o pai tinha lágrimas nos olhos. Como teria sido possível a ele continuar a detestá-lo e a sentir cólera?

— Mas isso não é nada — continuou ele, procurando falar em tom tranquilizador. — É caso apenas de um pequeno repouso.

Mr. Quarles acentuou a pressão da mão: — Não diga à sua mãe. Mas eu sinto que o fim... aaa... está próximo.

— Mas é uma tolice, papai. Não deve falar assim.

— Está próximo — repetiu mr. Quarles, balançou a cabeça com obstinação —, muito próximo. É por isso que estou tão contente por ver você. Eu teria me sentido tão infeliz se morresse... aaa... quando você estivesse na outra extremidade do mundo. Mas com você aqui perto de mim, sinto que posso desaparecer — sua voz tremeu de novo — com toda... aaa... a serenidade.

— Apertou outra vez a mão de Philip. Estava convencido de que tinha sido sempre um pai devotado que só vivia para os filhos. — Sim, com toda a serenidade. — Puxou do lenço, assoou o nariz e aproveitou para enxugar os olhos furtivamente.

— Mas você não vai morrer.

— Sim, sim — insistiu mr. Quarles —, eu o sinto. — Ele o sentia sinceramente; julgava que ia morrer, porque havia uma parte pelo menos de seu espírito que desejava morrer. Todas aquelas complicações das últimas semanas tinham sido demasiadas para

ele; e o futuro se anunciava mais negro ainda, se tal fosse possível. Desaparecer sem dor — seria a melhor solução para todos os seus problemas. Sidney desejava, acreditava; e acreditando na sua morte iminente, ele se compadecia de si mesmo como de uma vítima, e ao mesmo tempo se sentia cheio de admiração diante da nobreza resignada com que ele próprio suportava a sua sorte.

— Mas não vai morrer — insistiu Philip com monotonia, não sabendo que consolação oferecer, à parte essas simples negações. Não tinha nenhum

talento para enfrentar assim de improviso as situações emocionais da vida prática. — Não é nada... — Ia dizer: “Não é nada o que você tem”. Mas se conteve, calculando, antes que fosse tarde demais, que seu pai podia ficar ofendido.

— Não falemos mais nisso — Mr. Quarles respondeu acremente; havia um ar de despeito no seu olhar. Philip se recordou do que a mãe dissera, recomendando-lhe que o não contrariasse. Calou-se. — Não podemos... aaa... contender com o destino — continuou mr. Quarles em

outro tom. — O destino — repetiu ele, com um suspiro. — Tu tiveste sorte, meu rapaz; tu descobriste... aaa... tua vocação desde o início. A sorte te tratou bem.

Philip fez com a cabeça um sinal de aquiescência. Era uma coisa que ele havia dito frequentes vezes a si mesmo, com certa apreensão. Tinha uma crença obscura em Nêmesis.

— Ao passo que eu... — Mr. Quarles não terminou a frase, mas ergueu a mão e a deixou cair sobre a coberta. — Eu desperdicei anos de minha vida a seguir... aaa... falsas pistas.

Anos e anos, antes de descobrir o meu caminho verdadeiro. Um filósofo desperdiça o seu valor quando se ocupa com negócios práticos. É mesmo um absurdo. Como o albatroz de... como é mesmo o nome dele? Você sabe.

Philip ficou intrigado: — Queres te referir ao *Velho marinheiro*?

— Não, não — disse mr. Quarles com impaciência —, não, aquele francês...

— Oh! sim... — Philip tinha compreendido de que se tratava. — *Le poete est semblable au prince des nuées*. Você se refere a Baudelaire.

— Baudelaire, está claro!

— *Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher — citou
Philip, feliz por poder desviar a
conversação, embora fosse apenas por
um momento, dos assuntos pessoais e
levá-la para a literatura.*

O velho Quarles estava deliciado.

— Exatamente! — gritou com ar de triunfo. — Acontece o mesmo com os filósofos. Suas asas os impedem de... aaa... caminhar. Durante trinta anos tentei caminhar na política, no comércio. Não percebi que o meu verdadeiro lugar era no ar e não sobre a terra. No ar! — repetiu ele, erguendo o braço. — Eu tinha asas! — Agitou a mão num trêmulo

rápido. — Tinha asas e não sabia! — A voz se lhe fizera mais forte, os olhos mais brilhantes, o rosto mais vermelho e mais lustroso. Toda a sua pessoa exprimia uma tal excitação, uma tal exaltação que Philip ficou seriamente inquieto.

— Não seria bom que você repousasse um pouco? — propôs cheio de ansiedade.

Mr. Quarles não tomou conhecimento da interrupção.

— Asas, asas! — exclamou. — Eu tinha asas e, se tivesse percebido isso na minha mocidade, a que altitudes não me

teria podido elevar! Mas tentei caminhar. Na lama. Durante trinta anos. Só depois de trinta anos... aaa... foi que descobri que tinha nascido para voar. E agora devo renunciar, quando mal comecei. — Suspirou e, encostando-se nos travesseiros, lançou as palavras para o ar, quase verticalmente. — Minha obra inacabada. Meus sonhos... aaa... não realizados. O destino foi duro para comigo.

— Mas você terá o tempo de que precisa para acabar a sua obra.

— Não, não — insistiu mr. Quarles, balançou a cabeça. Ele queria ser um

dos mártires da sorte, queria poder apontar para si mesmo, dizendo: “Eis aí quem, não fosse a malignidade da providência, poderia ter sido Aristóteles”. A crueldade do destino justificava tudo — seu fracasso no açúcar, na política, nos trabalhos da granja, a frieza com que fora acolhido o seu primeiro livro, o atraso indefinido no aparecimento do segundo; ela justificava mesmo, de alguma maneira não facilmente explicável, o fato de ele ter deixado Gladys grávida. Ser um sedutor de criadas, de datilógrafas, de raparigas do campo, fazia parte de seu

destino infeliz. E agora que, para coroar todo o edifício de seu infortúnio, ele estava a ponto de morrer (prematura mas estoicamente, como o mais nobre de todos os romanos), como aquele assunto de virgindades perdidas e de bebês ameaçadores parecia trivial e miseravelmente insignificante! E como todos os clamores pareciam inoportunos diante daquele filosófico leito de morte! Mas só podia desdenhá-los sob a condição de que aquele fosse verdadeiramente o seu leito de agonia, e de que a crueldade do destino fosse coisa universalmente admitida. Um

filósofo mártir em artigo de morte estaria justificado se recusasse deixar-se importunar por Gladys e pelo seu bebê. Eis por que (embora a razão fosse somente sentida e não formulada) mr. Quarles repudiava com tanto vigor, e mesmo com despeito, as garantias de longa vida que seu filho lhe dava à guisa de consolação. Eis por que ele acusava a providência maligna e ampliava, com mais fatuidade ainda que de costume, os talentos que a providência o impedira de usar.

— Não, não, meu caro rapaz — repetiu ele. — Nunca hei de acabar. E

essa é uma das razões pelas quais...
aaa... eu desejava falar com você.

Philip o encarou com certa apreensão. Que viria agora?, perguntou ele interiormente. Houve um instante de silêncio.

— Não devemos desaparecer sem...
aaa... deixar nenhum traço — disse mr. Quarles, com uma voz que o recrudescimento da autocomiseração tornava rouca. — A extinção total é difícil de encarar friamente. — Diante dos olhos de seu espírito se estendia o vácuo abismal e sem luz. A morte... Ela seria talvez o fim de seus tormentos; mas

nem por isso era menos apavorante. —
Você compreende este sentimento? —
perguntou ele.

— Perfeitamente bem, perfeitamente bem. Mas no seu caso, papai...

Mr. Quarles, que se assoara novamente, ergueu a mão num protesto.

— Não, não. — Estava convencido de que ia morrer; era inútil que quem quer que fosse tentasse dissuadi-lo da ideia. — Mas você compreende esse sentimento, eis o que importa. Eu me poderia ir... aaa... em paz, com a consciência de que você não permitirá que se apague completamente toda

lembrança de mim. Meu caro rapaz, você será o meu executor literário. Há fragmentos de meus escritos...

— Seu livro sobre a democracia? — perguntou Philip, que se via já encarregado de terminar a obra mais importante que jamais se concebera sobre a matéria. A resposta do pai aliviou-o de um peso enorme.

— Não, não é esse — respondeu vivamente mr. Quarles. — Desse livro só existe material bruto. E, em grande parte, não está lançado no papel. Apenas no meu espírito. E mesmo — prosseguiu ele —, eu ia precisamente... aaa... dizer

que desejo que todas as minhas notas para esse grande livro sejam destruídas. Sem que ninguém as olhe. São meros apontamentos sem forma. E sem nenhuma significação, senão para mim mesmo. — Mr. Quarles não desejava de modo nenhum que fosse descoberta postumamente, e comentada, a vacuidade dos seus cartões que se achavam no arquivo. — Tudo isso deve... aaa... ser destruído, compreende? — Philip não protestou. — O que eu queria confiar a você, meu caro rapaz — continuou mr. Quarles —, é uma coleção de fragmentos mais íntimos. Reflexões

sobre a vida, narrações... aaa... de experiências pessoais... Coisas desse gênero...

Philip fez um gesto afirmativo: — Sim, compreendo.

— Há muito tempo que me pus a escrevê-las. “Memórias e reflexões de cinquenta anos”, aqui está um bom título. Há muitas coisas... aaa... nos meus cadernos de notas. E, nestes últimos dias, eu registrei meus pensamentos aqui. — Bateu no ditafone. — Quando se está doente, você sabe, pensa-se muitíssimo. — Suspirou. — Seriamente.

— Está claro.

— Se você quiser escutar... —

Apontou para o ditafone.

Philip fez que sim com a cabeça. Mr. Quarles preparou o aparelho.

— Isto te dará uma ideia... aaa... do que se trata. Pensamentos e recordações. Olha... — Empurrou o aparelho sobre a mesa e, ao fazer isto, atirou ao chão uma folha de papel. Esta ficou caída sobre o tapete; era um papel quadriculado: palavras cruzadas. — É aqui que se escuta...

Philip escutou. Ao cabo de alguns roncos e alguns chiados, a paródia guinholesca da voz de seu pai disse: “A

chave do problema dos sexos: — a paixão é sagrada, uma manifestação... aaa... da divindade”. Depois, sem parada ou transição, mas num tom ligeiramente diferente: “O que há de pior na política é... aaa... a frivolidade dos políticos. Achando-me uma noite em um jantar com Asquith, não sei onde, aproveitei a ocasião para convencê-lo da necessidade de suprimir a pena capital. É uma das questões... aaa... mais sérias da vida moderna. Mas ele se limitou a propor, simplesmente, uma partida de bridge. Unidade de medida, sete letras: verchok... As pessoas

delicadas não vivem em chiqueiros de porcos; nem podem permanecer por muito tempo... aaa... na política ou no comércio. Há espíritos esclarecidos e espíritos tacanhos por natureza. Jamais compartilhei a alta opinião... aaa... do populacho sobre Lloyd George. Todo homem nasce com um direito natural à felicidade; mas que repressão feroz quando cada um tenta reclamar o seu direito! Cegonha do Brasil, seis letras: jaburu. A verdadeira grandeza é inversamente proporcional ao simples sucesso imediato. Ah, é você...” O ronco rascante fez-se ouvir de novo.

— Sim, isso me dá uma ideia do que se trata — disse Philip, erguendo os olhos. — Como é que se faz parar este negócio? Ah, já sei. — Fez parar o aparelho.

— Vêm-me tantos...
aaa...pensamentos quando estou aqui deitado... — disse mr. Quarles, alvejando o ar com as palavras, como se as dirigisse contra aviões. — Que riqueza! Eu jamais conseguiria registrá-los todos se não fosse a máquina. É admirável. Realmente admirável!

Capítulo XXXIII ELINOR

TIVERA TEMPO DE TELEGRAFAR DE
EUSTON. À sua chegada
achou o carro a esperá-la na
estação.

— Como vai ele? — perguntou ao chofer. Mas Jaxton só respondeu coisas vagas; não sabia ao certo. Intimamente, achava que tudo aquilo era uma tempestade em copo d'água, como fazem sempre os ricos, sobretudo quando se trata dos filhos.

Subiram para Gattenden, e a paisagem dos Chilterns sob a luz madura

da tardinha era de uma beleza tão serena que Elinor começou a se sentir menos ansiosa e chegou quase a lamentar não ter ficado para o último trem da noite. Nesse caso teria podido ver Webley. Mas não havia ela chegado à conclusão que estava contente por não vê-lo? Pode-se sentir ao mesmo tempo satisfação e contrariedade. Passando pela entrada norte do parque, Elinor vislumbrou através das grades a cadeira de rodas de lord Gattenden, no outro lado do portão. O burro tinha parado e estava roendo a relva da beira do caminho; as rédeas pendiam-lhe frouxas,

e o marquês estava tão fundamente absorvido num grosso *in-quarto* de marroquim que não podia pensar em conduzir. O carro continuou a correr; mas aquela visão rápida do velho sentado atrás do burro cinzento, bem como Elinor o tinha visto tantas vezes sentado, a ler; aquela breve revelação da vida vivida regularmente, invariavelmente, sempre da mesma velha maneira — isso foi tão tranquilizador como o calmo esplendor das faias e dos fetos, como os primeiros planos verde e ouro e as distâncias cor de violeta.

E eis que por fim aparece o hall! A velha casa parecia dormir sob o sol poente, como um gato; podia-se imaginar que se lhe ouvia até o ronronar. E o relvado era como veludo verde do mais precioso; e, no ar sem um sopro de brisa, a enorme sequoia tinha toda a gravidade digna de um velho *gentleman* que se senta para meditar, depois de uma refeição fartíssima. Era impossível que ali se passasse alguma coisa muito grave. Elinor saltou do automóvel e correu escadaria acima, direto ao quarto do filho. Phil estava deitado, completamente imóvel, olhos fechados.

Miss Fulkes, que se achava sentada ao lado dele, se voltou à entrada da mãe do pequeno, ergueu-se e caminhou para ela. Um olhar lançado ao rosto do filho bastou para convencer Elinor de que a calma azul e dourada da paisagem, a casa que dormitava, o marquês e o seu burro tinham sido consolações mentirosas. “Tudo vai bem”, pareciam eles dizer, “tudo vai indo como de costume.” Mas Miss Fulkes estava pálida e tinha um ar de fadiga; era como se tivesse visto um fantasma.

— Que é que há? — perguntou Elinor num sussurro, ao passo que toda a

sua ansiedade lhe voltava bruscamente. E, antes que Miss Fulkes tivesse tempo de responder: — Ele está dormindo? — acrescentou. “Se Phil estava dormindo”, refletiu depois, “era bom sinal”, o menino dava mesmo a impressão de que dormia.

Mas Miss Fulkes balançou a cabeça. O gesto foi supérfluo. Porque mal a pergunta tinha sido formulada, o pequeno fez um brusco movimento espasmódico sob as cobertas. Seu rosto se contraiu de dor. Phil soltou um pequeno gemido lamentoso.

— Dói-lhe muito, muito a cabeça —

disse Miss Fulkes, cujos olhos tinham uma expressão de terror e de sofrimento.

— Vá repousar — disse Elinor.

Miss Fulkes hesitou, balançou a cabeça: — Eu quisera ser útil...

Elinor insistiu:

— Será de muito maior utilidade depois que tiver descansado...

Observou que os lábios de Miss Fulkes tremiam, que seus olhos se tornavam de súbito brilhantes de lágrimas.

— Vá... — disse Elinor, apertando consoladoramente o braço da moça.

Miss Fulkes obedeceu com uma

vivacidade súbita. Tinha medo de desatar em soluços antes de chegar ao seu quarto.

Elinor sentou-se ao pé do leito. Tomou a mão pequenina que repousava sobre a coberta dobrada, passou os dedos pelos cabelos pálidos do menino, num movimento suave e acariciador.

— Nana — sussurrou ela, enquanto seus dedos o acariciavam —, nana, nana...

Mas a criança se agitou de novo, inquieta; e a cada instante seu rosto se retorcia numa dor repentina; balançava a cabeça, como que tentando

desembaraçar-se da coisa que lhe fazia mal; soltava o seu pequeno gemido de queixa. E Elinor, inclinando-se sobre o filho, teve a sensação de que se lhe partia o coração dentro do peito, de que uma mão lhe apertava a garganta, estrangulando-a.

— Meu querido... — disse com voz suplicante, implorando-lhe que não sofresse. — Meu querido...

E apertou-lhe com mais força a mão pequenina, deixou repousar mais pesadamente a palma da sua mão sobre a testa ardente do menino, como para afugentar a dor, ou pelo menos para

amparar o corpinho trêmulo contra as suas investidas. E, com toda a sua vontade, ela ordenou à dor que cessasse, que deixasse o corpo de Phil, que saísse pelos seus dedos e passasse para o corpo dela. Mas o pequeno continuava a agitar-se no leito, voltando a cabeça de um lado para outro, ora dobrando as pernas, ora estirando-as com um vivo pontapé espasmódico sob as cobertas. E a dor voltava sempre, lancinante; e o rosto se crispava numa careta de agonia, os lábios entreabertos davam passagem ao gemido fraco e queixoso, que se renovava sem cessar. Elinor acariciava

a testa do filho, murmurava palavras de ternura. E isso era tudo quanto ela podia fazer. O sentimento de sua impotência a sufocava. Sentia as mãos invisíveis apertarem-lhe com mais força a garganta e o coração.

— Como ele está? — perguntou mrs. Bidlake quando a filha tornou a descer.

Elinor não respondeu nada, mas voltou o rosto. Aquela interrogação lhe tinha feito brotar lágrimas nos olhos. Mrs. Bidlake a tomou nos braços e beijou sua face. Elinor escondeu o rosto contra o ombro da mãe.

“Você deve ser forte”, repetia ela

para si mesma. “Não deve chorar, não deve se abater; seja forte. Por ele, para que lhe possa ser útil.” A mãe abraçou-a com mais força. Aquele contato físico a reconfortou, deu-lhe a força que ela pedira em sua oração. Fez um esforço de vontade e, retendo profundamente o respiro, recalcou os soluços na garganta. Ergueu os olhos para mrs. Bidlake e sorriu-lhe com reconhecimento. Seus lábios tremiam ainda um pouco; mas a vontade tinha vencido.

— É uma tolice minha — disse ela para se desculpar. — Não pude evitar... É tão horrível vê-lo sofrer! E ficar ali,

impotente. É pavoroso. Mesmo que se saiba que no fim das contas tudo acabará bem.

Mrs. Bidlake suspirou: — Sim, é horrível — disse ela, como um eco —, horrível. — E fechou os olhos numa perplexidade meditativa. Houve um silêncio. — A propósito — acrescentou, abrindo os olhos para os dirigir sobre a filha —, creio que você deveria ter cuidado com Miss Fulkes. Não sei se a influência dela será sempre inteiramente boa...

— A influência de Miss Fulkes? — tornou Elinor, abrindo os olhos

espantados. — Mas ela é a mais bondosa, a mais conscienciosa das...

— Oh! Não é isso, não é isso! — apressou-se a interrompê-la mrs. Bidlake. — Eu queria me referir à influência artística. Anteontem, quando subi para ver Phil, encontrei-a mostrando ao pequeno figuras terrivelmente vulgares de um cão.

— Bonzo? — arriscou Elinor.

A mãe fez um sinal afirmativo com a cabeça: — Sim, Bonzo. — Pronunciou a palavra com certa repugnância. — Se ele quer ver imagens de animais, há reproduções tão perfeitas de miniaturas

persas no Museu Britânico... É tão fácil corromper o gosto de uma criança... Mas Elinor! Minha querida!

Súbito, irresistivelmente, Elinor se pusera a rir. A rir e a chorar ao mesmo tempo, de modo incontrolável. A dor só ela conseguira dominar. Mas a dor combinada com Bonzo era demais. Alguma coisa tinha cedido no mais íntimo recesso de seu ser, e ela se surpreendeu a soluçar numa risada violenta, dolorosa e histérica.

Mrs. Bidlake batia-lhe no ombro sem conseguir acalmá-la: — Minha querida! — repetia sem cessar. —

Elinor!

Acordado de um sono agitado e cheio de pesadelos, John Bidlake gritou furiosamente do fundo da biblioteca.

— Parem com esse cacarejar! — ordenou a sua voz ao mesmo tempo lamurienta e cheia de cólera. — Pelo amor de Deus!

Mas Elinor não podia conter-se.

— Gritando como papagaios! — continuou John Bidlake a resmungar para si mesmo. — Alguma brincadeira idiota... Quando a gente não está bem...

*

— Ora, pelo amor de Deus! — disse Spandrell brutalmente.— Acalma-te!

Illidge apertou o lenço contra a boca; tinha medo de vomitar.

— Acho que vou me deitar um momento — murmurou ele.

Mas quando tentou caminhar, sentiu as pernas como mortas sob o peso do seu corpo. Dir-se-ia um paralítico que se arrastava até o sofá.

— Do que você precisa é um gole de álcool — disse Spandrell. Atravessou a peça. Havia uma garrafa de brandy sobre o bufê; foi buscar copos na cozinha. Despejou dois dedos da bebida. — Tome, beba isto. — Illidge apanhou o copo e bebeu em goles

pequenos. — Quem visse diria que estávamos atravessando a Mancha — continuou Spandrell numa zombaria furiosa, bebendo também o seu brandy. — Estudo em verde e gengibre — eis como Whistler te teria descrito neste momento. Verde-maçã. Verde-musgo.

Illidge olhou para o outro um instante, depois virou o rosto, incapaz de suportar o olhar calmo daqueles olhos cinzentos e cheios de desprezo. Nunca odiara tanto a Spandrell como naquele momento.

— Para não dizer verde-rã, verde-limo, verde-espuma...

— Oh! Cala a boca! — gritou Illidge, com uma voz que tinha recobrado um pouco de sua sonoridade e que já quase não vacilava. A zombaria de Spandrell lhe tinha retemperado os nervos. O ódio, como o brandy, é um estimulante. Ele absorveu ainda um gole ardente. Houve um silêncio.

— Quando você se sentir em condições — disse Spandrell, baixando o copo vazio —, pode vir ajudar-me a pôr as coisas em ordem. — Levantou-se e desapareceu do outro lado do biombo.

O corpo de Everard Webley jazia no lugar mesmo em que tombara, de lado,

os braços estendidos por terra, em cruz. O lenço embebido em clorofórmio lhe cobria ainda o rosto. Spandrell abaixou-se e puxou-o bruscamente. A têmpera que tinha recebido o golpe estava em contato com o chão; visto de cima, o rosto parecia não ter nenhum ferimento.

As mãos nos bolsos, Spandrell ficou a contemplar o cadáver.

“Há cinco minutos”, disse ele para si mesmo, formulando seus pensamentos em palavras a fim de ter uma consciência mais completa de sua significação, “há cinco minutos esse corpo estava vivo, tinha uma alma.

Vivo”, repetiu; e, balançando-se em equilíbrio instável sobre uma perna, com o outro pé tocou a face morta, empurrou para a frente a orelha e deixou-a voltar de novo à sua posição. — Uma alma. — E, por um instante, deixou repousar uma parte de seu peso sobre o que tinha sido o rosto de Everard Webley. Levantou o pé; a marca permaneceu, de um cinzento de pó, sobre a pele branca. — Espezinhar... Espezinhar o rosto de um morto... — Por que havia feito aquilo? — Espezinhar... — Ergueu de novo o pé e apoiou o salto contra a órbita do olho do morto,

docemente, a título de ensaio, como se estivesse fazendo experiências em matéria de injúrias. “Bem como se faz com as uvas”, pensou ele. “Esmagando uvas para fazer vinho.” Estava em seu poder espezinhar aquela coisa e reduzi-la a uma papa... Mas o que já fizera bastava. Simbolicamente ele havia assim extraído de seu assassinato o horror essencial; esse horror fluía de sob os seus pés que tinham espezinhado... O horror essencial? Mas a coisa era mais estúpida e repugnante do que horrível. Empurrando com a ponta da botina o queixo do cadáver,

Spandrell fez a cabeça rolar até que o rosto ficasse voltado para o teto, a boca aberta e os olhos semicerrados. Por cima e por trás do olho esquerdo havia uma enorme contusão vermelha. Viam-se filetes de sangue na face esquerda, já secos, e, no lugar onde a testa havia descansado no soalho, havia uma pequena poça, que nem chegava bem a ser uma poça, uma mancha.

— Uma quantidade de sangue incrivelmente pequena — disse Spandrell em voz alta.

Ao som dessa voz tão calma Illidge teve um sobressalto violento. Spandrell

retirou o pé que sustinha o rosto morto. Este tornou a cair para o lado com um leve baque.

— Isto justifica completamente o taco do bispo Odo — continuou Maurice num tom desapaixonado. O fato de estar ele a recordar, naquele momento, os pinotes cômicos do consciencioso homem de igreja, tais como são representados na tapeçaria de Bayeux, também fazia parte do horror essencial. A frivolidade do espírito humano! Inconsequência errática! O mal podia bem ter uma certa dignidade. Mas a toleima...

Illidge ouviu-o caminhar para a cozinha. Veio de lá o ruído, que ia ficando pouco a pouco mais agudo, da água que corria para dentro de um balde. A torneira foi fechada; depois se ouviu um rumor de passos e o balde foi posto no chão com um tinido metálico.

— Felizmente — prosseguiu Spandrell, num comentário à sua última observação. — De outra maneira eu não saberia o que fazer com toda esta porcaria.

Illidge escutava, com atenção tensa e horrorizada, os sons que lhe vinham do outro lado do biombo. Um ruído surdo,

macio, carnosos: seria um braço que se erguera e tombara de novo? O arrastar sibilante de um objeto mole e pesado sobre o soalho. Depois o chape da água, o ruído familiar da escova que esfrega. E aqueles sons, bem mais profundamente significativos do que todas as palavras, por mais brutais, por mais friamente cínicas, que Spandrell pudesse ter pronunciado — Illidge sentia uma recrudescência daquela fraqueza que lhe tinha feito bater o coração, durante os primeiros minutos, com a sensação de uma queda súbita, quando o morto fora estendido ali, a seus pés, crispando-se

ainda em movimentos convulsivos. Recordou, reviveu aqueles instantes de espera e de antecipação ofegante e cheia de náusea que tinham precedido o horrível acontecimento. O ruído do carro que descia a rua em marcha à ré; o rascar dos sapatos cobertos de areia em cima do degrau da porta, depois a batida; a seguir, um longo, longo silêncio feito de pulsações de coração, de contrações viscerais e de pressentimentos visionários, de pensamentos justificadores sobre a revolução e o futuro, de ódio justificador pela opressão e pela vilania

dos ricos. E ao mesmo tempo, recordações ridículas, incongruentes, lhe vinham ao espírito enquanto ele ficava ali, agachado atrás do biombo, recordações daquelas brincadeiras infantis de esconde-esconde, nos dias de festa escolar, entre os tojos e os zimbros do terreno baldio. “Um, dois, três...”; os que procuravam cobriam o rosto com as mãos e começavam a contar a sua centena em voz alta; os que se deviam esconder dispersavam-se. Atufavam-se nas moitas espinhosas, ou se deitavam no meio das folhagens. Depois vinham os gritos de “noventa e nove, cem —

tempo!", e os procuradores se precipitavam para pegar os outros. E ficava-se tão intensa, tão dolorosamente excitado, agachado ali no esconderijo, arriscando espiadelas, escutando, para poder aproveitar uma oportunidade de voltar ao campo a toda velocidade, a gente ficava tão emocionado que sentia um desejo quase irreprimível de "fazer uma coisa", se bem que já se tivesse feito essa "coisa" atrás dos zimbros, havia apenas cinco minutos. Que recordações absurdas! E, por serem absurdas, horríveis! Pela centésima vez Illidge apalpou o bolso para certificar-

se de que o frasco de clorofórmio estava sempre ali e bem tapado.

A segunda batida na porta soou de maneira alarmante e ao mesmo tempo o assobio e o grito divertido (*ouvia-se* pelo tom da voz que o homem estava sorrindo), o grito de “Amigo!”. Atrás de seu biombo Illidge estremecera. “Amigo!” E, lembrando agora esse detalhe, estremeceu de novo, mais violentamente, com toda a vergonha, todo o horror e toda a humilhação que ele não tivera então tempo de sentir. Não tivera tempo; porque antes que seu espírito pudesse ter consciência de

todas as repercussões complexas que se achavam implícitas naquele grito sorridente, a porta gemera nos gonzos, ouvira-se um rumor de passos sobre o soalho e Webley gritara o nome de Elinor. (Illidge se surpreendeu a indagar a si mesmo se Everard não estaria apaixonado por ela.) “Elinor!” Depois viera um silêncio. Webley tinha visto o bilhete pregado com alfinete ao biombo. Illidge ouvira-lhe o ruído da respiração, a cinquenta centímetros dele, do outro lado do biombo. Depois houve o sussurro de um movimento rápido, o começo de uma exclamação, e aquele

choque brusco e seco, semelhante ao som de uma palmada, porém mais surdo, mais morto e ao mesmo tempo mais violento. A isso se seguira um silêncio que durara uma fração de segundo; depois, o ruído de uma queda — não um som único, mas uma série de sons que se sucederam durante um espaço de tempo apreciável; o baque ósseo dos joelhos, o rascar dos sapatos deslizando pelo soalho polido, o “bum!” surdo do corpo e dos braços, e o choque duro e seco da cabeça contra as tábuas do soalho.

— Depressa! — gritara a voz de Spandrell, e Illidge saltara para fora de

seu esconderijo. — Clorofórmio!

Passivamente obediente, Illidge embebera o lenço em clorofórmio e o estendera sobre o rosto que se contraía ainda... Estremeceu de novo; bebeu outra vez um gole de brandy.

O ruído da escova foi seguido pelo “plaf” de um pano molhado.

— Pronto — disse Spandrell, surgindo de trás do biombo. Enxugava as mãos em uma toalha. — E como vai o doente? — acrescentou, parodiando a maneira do médico à cabeceira de um paciente e sorrindo com ar irônico.

Illidge voltou o rosto. O ódio

irradiava dele, excluindo naquele momento toda e qualquer outra emoção.

— Estou muito bem — replicou laconicamente.

— Folgando enquanto eu faço o serviço mais desagradável, hein? — Spandrell atirou a toalha em cima de uma cadeira e começou a descer as mangas da camisa.

Em duas horas os músculos do coração se contraem e relaxam, se contraem e relaxam de novo, oito mil vezes apenas. A terra percorre menos de duzentos mil quilômetros em sua órbita. E as tunas têm tempo de invadir somente

uns quarenta hectares de território australiano. Duas horas são quase nada. O tempo para escutar a Nona Sinfonia e dois dos quartetos póstumos, para voar de Londres a Paris, para fazer passar um jantar do estômago para o intestino delgado, para ler *Macbeth*, para morrer de picada de cobra ou para ganhar um xelim e oito pence como uma faxineira. Não mais. Mas a Illidge pareceram infinitas aquelas duas horas durante as quais ficou ali, sentado, esperando que escurecesse, o cadáver estendido atrás do biombo.

— Você é idiota? — perguntou

Spandrell, quando Illidge sugeriu que saíssem de uma vez e deixassem o cadáver ali mesmo. — Ou você está especialmente ansioso por morrer na forca? — Aquela zombaria amarga, aquela fria ironia divertida eram enlouquecedoras para Illidge. — O corpo seria descoberto hoje de noite, quando Philip voltasse.

— Mas Quarles não tem a chave.

— Amanhã, então, logo que ele trouxesse um serralheiro. E três horas mais tarde, quando Elinor tivesse explicado o que havia feito das chaves, a polícia viria bater à minha porta. E eu

te afianço que depois disso eles não levariam muito tempo a bater também na tua... — Sorriu para Illidge, que afastou os olhos. — Não — continuou Spandrell —, é preciso tirar Webley dali. E, com o carro dele à porta, isso será uma brincadeira de criança, se esperarmos que a noite chegue.

— Mas não anoitecerá antes de duas horas. — O ódio tornava aguda e cheia de queixume a voz de Illidge.

— Sim, e depois?

— É que... — começou Illidge. Calou-se. Compreendeu que, se quisesse falar a verdade, teria de confessar que

não lhe agradava esperar ali aquelas duas horas porque tinha medo. — Está bem. Esperemos.

Spandrell apanhou a cigarreira de prata, abriu-a e cheirou.

— O cheiro é bom — disse ele. — Toma um. — Empurrou a caixa por cima da mesa, na direção de Illidge. — E há montes e montes de livros. E o *Times*. E o *New Statestman*. E o último número do *Vogue*. Uma sala de espera de dentista, sem tirar nem pôr. Poderíamos até fazer uma xícara de chá para nós.

O tempo de espera começou. As batidas do coração se sucediam. A cada

segundo a terra viajava trinta quilômetros e as tunas recobriam uns sessenta metros quadrados novos de terra australiana. Atrás do biombo jazia o cadáver. Bilhões e bilhões de pequenas e diversas partículas haviam se reunido, e o produto de sua dependência mútua, de sua mútua hostilidade tinha sido uma vida humana. O conjunto daquela colônia, aquela colmeia viva, havia sido um homem. A colmeia estava morta. Mas no resto de calor que persistia, muitas dessas partículas componentes conservavam ainda um resto de vida; em breve

pereceriam também. E no entanto, vindas do ar, bordas invisíveis de saprófitos tinham já começado a sua invasão sem resistência. Iam viver entre as células mortas, iam crescer e multiplicar-se prodigiosamente, e com o seu crescimento e a sua procriação toda a estrutura química do corpo seria desfeita, todos os emaranhamentos e todas as complexidades de sua matéria se resolveriam em seus elementos, até que, quando a tarefa deles estivesse terminada, algumas libras de carvão, alguns litros d'água, um bocado de cal, um pouco de fósforo e de enxofre, uma

pitada de ferro e silício, um punhado de saís diversos, todas estas coisas dispersadas e recombinadas no mundo circunvizinho seria tudo quanto havia de restar da ambição de comando de Everard Webley, de seu amor por Elinor, de suas ideias políticas, de suas recordações de infância, de sua esgrima, de sua equitação, daquela voz suave e forte, daquele sorriso que se iluminava de súbito, de sua admiração por Mantegna, de seu horror ao uísque, de suas raivas propositadamente terrificantes, de seu hábito de acariciar o queixo, de sua fé em Deus, de sua

incapacidade para assobiar corretamente uma melodia, de suas determinações inabaláveis e de seu conhecimento do russo.

Illidge folheava as páginas de anúncios do *Vogue*. Uma jovem dama vestida com um casaco de pele que custava duzentos guinéus subia em um automóvel; na página fronteira, uma outra mulher jovem, vestida unicamente com uma toalha, estava saindo de um banho impregnado dos sais para emagrecer do dr. Verbruggen. Seguia-se uma natureza-morta de frascos de perfume que continham *Songe nègre*, e a

última criação do fabricante, o *Relent d'amour*. Os nomes de Worth, de Lanvin, de Patou se estendiam por outras três páginas. Depois vinha o retrato de uma jovem senhora metida numa cinta de borracha, dessas que fazem emagrecer; mirava-se ela em um espelho. Um grupo de moças se achava em estática contemplação mútua diante de seus trajes de dormir, vindos do departamento de *lingerie* de Crabb and Lushington. Do outro lado, uma outra jovem repousava molemente sobre um divã do Laboratório de Beleza de Madame Adrena, enquanto as mãos de

uma massagista lhe acariciava a ameaça de papada. Seguia-se uma natureza-morta de rolos e de estrígils de borracha destinados a fazer desaparecer, pela massagem e pela fricção, o excesso de gordura das jovens senhoras, e uma outra natureza-morta de frascos e de potes que continham cremes destinados a proteger-lhes o rosto contra as devastações dos anos e das intempéries.

“Revoltante!”, dizia Illidge para si mesmo enquanto voltava as páginas. — É um crime! — E alimentou a sua indignação, cultivou-a. Ficar encolerizado era uma distração e ao

mesmo tempo era uma justificativa. Enraivecido diante da insensibilidade e da frivolidade plutocráticas, ele podia quase esquecer-se e quase desculpar-se, a seus próprios olhos, da coisa horrível que acabara de acontecer. O corpo de Webley jazia ali, do outro lado do biombo. Mas havia mulheres que pagavam duzentos guinéus por um casaco de peles. Duzentos guinéus! Seu tio Joseph se julgaria feliz se pudesse ganhar isso em dezoito meses de trabalho com a sua oficina de sapateiro. E elas compravam perfumes a vinte e cinco xelins o frasco de um oitavo de

litro! Illidge relembrou o tempo em que seu irmão mais moço, Tom, teve uma pneumonia, depois de um ataque de gripe. Pavoroso! E quando o rapaz entrou em convalescença, o médico disse que seria preciso mandá-lo passar algumas semanas à beira-mar. Eles não tinham recursos para isso. Os pulmões de Tom, depois da doença, nunca mais tornaram a ficar suficientemente fortes. Agora ele trabalhava numa fábrica de automóveis (fazendo carros em que se refestelariam aquelas cadelas com casacos de duzentos guinéus!); Illidge tinha fornecido o dinheiro que permitira

a Tom frequentar uma escola técnica — “dinheiro”, pensou ele, reavivando a sua cólera, “para que o rapaz pudesse obter o privilégio de ficar de pé oito horas por dia diante de uma máquina de fresar metal!”. O ar de Manchester não fazia nenhum bem a Tom. O pobre-diabo não era como aquelas mulheres gordas que tinham banha para ser tirada à custa de rolos... Gluttonas porcas! Por que não podiam elas, todas aquelas gozadoras, fazer um pouco de trabalho útil, em lugar de viverem a passar o rolo pelas coxas e pelo ventre? Se trabalhassem haviam de perder as banhas. Se

trabalhassem como a mãe dele! Ela não tinha gordura para eliminar por meio de massagens com rolos, ou para sair com o suor, sob uma cinta de borracha, ou para cozinhar em banhos quentes com sais.

Illidge pensou com indignação nos enfadonhos e intermináveis trabalhos domésticos. Dia após dia, ano após ano. Fazer as camas, para que elas fossem desfeitas. Cozinhar para encher as panelas eternamente vazias. Lavar os pratos que a refeição próxima havia de sujar novamente. Esfregar o soalho, para que depois as botinas enlameadas o

sujassem. Cerzir e remendar, para que se pudessem fazer novos buracos. Era um trabalho como o de Sísifo e das Danaides, sem esperança, interminável — ou pelo menos seria interminável (exceto no caso da morte de sua mãe) se ele não pudesse mandar-lhe aquelas duas libras semanais que tirava do ordenado. Agora a velha podia pelo menos pagar uma moça para ajudá-la a fazer os trabalhos mais pesados. Mas ainda assim ela fazia mais do que o suficiente para tornar os cintos de borracha desnecessários. Que vida! E, no mundo dos casacos de peles e do

Songe nègre, as mulheres se queixavam de aborrecimento e fadiga, tinham de recolher-se a casas de saúde para fazer curas de repouso. Ah! se essas mulheres pudessem levar por um instante que fosse a vida dela! E talvez mesmo qualquer dia seriam obrigadas a isso (assim esperava ele), mesmo na Inglaterra. Illidge pensou com satisfação nos ex-oficiais do czar que conduziam táxis e trabalhavam em fábricas, nas ex-condessas que tinham restaurantes, cabarés e chapelarias; em todos os ex-ricos da Rússia, disseminados pelo mundo, de Kharbin e de Xangai até

Roma, Londres e Berlim, arruinados, humilhados, reduzidos ao estado de escravidão das criaturas comuns à custa das quais eles tinham vivido outrora, parasitariamente. Aquilo tudo fora bem-feito para eles. E o mesmo podia acontecer igualmente na Inglaterra. Mas ali eles eram fortes — aquela gente que procurava emagrecer e que usava casacos de peles; eram numerosos, eram um exército organizado. Mas um exército que perdera o chefe. Ele tinha recebido o que merecia. Como a encarnação da plutocracia e da baixeza, ele jazia ali atrás do biombo. Mas tinha

a boca aberta, e os músculos do rosto, antes que o lenço fumegante a tivesse coberto, se haviam contraído de um modo grotesco. Illidge sentiu um calafrio. Olhou de novo, para nelas buscar uma fonte de indignação justificadora e uma distração, a figura da dama do casaco de peles de duzentos guinéus, a da jovem nua mas castamente coberta com uma toalha, saindo de seu banho emagrecedor. Prostitutas e comilonas! Pertenciam à classe que os esforços de Webley tendiam a perpetuar... Ele fora o campeão de tudo quanto era vil e baixo, em suma. Tinha

recebido o que merecia, tinha.

— Bom Deus! — exclamou de repente Spandrell, erguendo os olhos do livro. O som da sua voz, rompendo o silêncio, fez Illidge saltar na cadeira com um terror incontrolável. — Eu tinha me esquecido completamente. Eles ficam rígidos, não ficam? — Olhou para Illidge. — Refiro-me aos cadáveres...

Illidge fez que sim com a cabeça. Respirou profundamente e empertigou-se em um esforço de vontade.

— Então... E se o puséssemos no carro, hein? — Ergueu-se de golpe e desapareceu rapidamente atrás do

biombo. Illidge ouviu o ruído do trinco da porta. Foi tomado de um terror súbito e horrível; Spandrell ia escapar-se, deixando-o fechado com o cadáver.

— Aonde você vai? — gritou, precipitando-se atrás do outro, em uma perseguição cheia de pânico. — Aonde você vai? — A porta estava aberta, Spandrell havia desaparecido e o cadáver jazia sobre o chão, o rosto descoberto, a boca aberta, os olhos fixos, de forma misteriosa, intencional, atrás das pálpebras semicerradas, como se espiassem por uma fresta. — Aonde você vai? — A voz de Illidge tinha se

elevado de tal modo que quase se transformara em grito.

— Para que essa agitação? — perguntou Spandrell, quando o outro apareceu, pálido, ar desesperado, ao pé da porta. Em pé ao lado do carro de Webley, Maurice estava ocupado em retirar o impermeável estiradíssimo que recobria toda a parte da carroceria de turismo situada atrás dos assentos da frente. — Estas coisas são duras de desarmar.

Illidge pôs as mãos nos bolsos e procurou fingir que saíra naquela precipitação por simples curiosidade

ociosa.

— O que você está fazendo? — perguntou com um tom indiferente.

Spandrell deu um empuxão final: a cobertura se afrouxou, caindo ao longo de todo um lado do carro. Spandrell puxou-a para trás, olhou para dentro da parte descoberta: — Vazio, graças aos céus — disse ele. E, estendendo a mão, pôs-se a tocar oitavas imaginárias, palmo após palmo, sobre a carroceria. — Digamos quatro pés de largura — concluiu — por outros tantos de comprimento. Deste, a metade é ocupada pelo assento. Com dois pés e meio de

espaço livre debaixo da cobertura. Há lugar suficiente para ficar aqui bem à vontade um homem enrodilhado. Mas se o corpo já está duro? — Spandrell olhou inquiridoramente para Illidge. — Um homem cabe aqui dentro, mas uma estátua não.

Illidge fez um sinal afirmativo com a cabeça. Estas últimas palavras o tinham feito lembrar-se subitamente do comentário trocista de lady Edward sobre Webley. “Ele quer que os outros o tratem como se ele fosse já a sua própria estátua colossal; de uma maneira póstuma, se é que me entende...”

— Devemos agir depressa — continuou Spandrell. — Antes que venha a rigidez cadavérica. — Puxou a coberta e, pousando a mão no ombro de Illidge, empurrou-o suavemente para dentro da casa. A porta bateu atrás deles. Ficaram ambos olhando para o corpo.

— Temos que levantar os joelhos e baixar os braços — disse Spandrell.

Abaixou-se e trouxe um dos braços do cadáver contra o corpo. O membro tornou a voltar, quando Spandrell o largou, a meio-caminho de sua posição primitiva. “Parece um boneco”, refletiu Spandrell, “um boneco com articulações

elásticas. Mais grotesco do que terrível; não trágico, mas apenas um pouco aborrecível, absurdo mesmo.” Ali estava o horror essencial — tudo (inclusive *aquilo*) era uma espécie de brincadeira tediosa e de mau gosto.

— Temos de achar alguma corda — disse Spandrell —, qualquer coisa que mantenha os membros no lugar.

Era como se fossem funileiros amadores. Ou dessas pessoas leigas que fazem reparos na estufa do jardim. Em suma: uma tarefa simplesmente desagradável e ridícula.

Esquadrinharam a casa toda. Não

acharam corda alguma. Tiveram de contentar-se com três ataduras, que Spandrell achou entre a aspirina e a tintura de iodo, o ácido bórico em pó e os laxativos vegetais da pequena farmácia do banheiro.

— Mantenha os braços no lugar enquanto eu ato — ordenou Spandrell.

Illidge obedeceu. Mas o frio daqueles pulsos mortos contra seus dedos era horrível; sentiu que lhe voltavam as náuseas, pôs-se a tremer.

— Pronto! — disse Spandrell, erguendo-se. — E agora as pernas. Felizmente não demoramos muito...

“Que os outros o tratem como se ele fosse já a sua própria estátua.” Estas palavras ressoaram na memória de Illidge. “De uma maneira póstuma, se é que me entende...” Póstuma... Spandrell dobrou uma das pernas, até o joelho ficar quase em contato com o queixo.

— Segura aqui.

Illidge segurou o tornozelo; as meias de Webley eram cinzentas, com pinhas brancas. Spandrell abandonou a perna que segurava e Illidge sentiu um impulso súbito e assustadoramente forte contra a sua mão que a retinha. O morto tentava dar um pontapé. Buracos negros

começavam a se alargar diante dos olhos de Illidge, devorando o mundo sólido que estava na sua frente. E o próprio mundo sólido oscilava e flutuava em torno das bordas daqueles vácuos interestelares. A garganta contraiu-se-lhe, ele sentiu uma vertigem horrível.

— Olhe aqui — começou Illidge, voltando-se para Spandrell, que estava sentado sobre os calcanhares, rasgando o invólucro de uma outra atadura. Depois fechou os olhos e largou a perna.

O membro, solto, se esticou como uma mola, e o pé, jogado para a frente,

encontrou o ombro de Spandrell, e, colhendo-o no equilíbrio instável em que este se achava, deitou-o por terra, de costas.

Spandrell ergueu-se.

— Imbecil do diabo! — Mas a cólera despertada por aquele primeiro choque de surpresa se aquietou. Spandrell soltou uma risadinha. — Podíamos ir para um circo. — Aquilo não somente era trágico; era uma palhaçada.

Quando por fim o cadáver foi dobrado e atado, Illidge já havia chegado à convicção de que a fraqueza

do peito de Tom e os casacos de pele de duzentos guinéus, a vida de escravidão de sua mãe e o excesso de gordura, os ricos e os pobres, a opressão e a revolução, a justiça, o castigo, a indignação, nada significavam, para ele, em face daqueles membros enrijecidos, daquela boca aberta e parada, daqueles olhos semicerrados, vítreos e misteriosamente fixos. Nada significavam, eram absolutamente fora de propósito.

*

Philip jantava sozinho. Diante de seu prato, uma meia garrafa de vinho e a jarra d'água escoravam um volume

aberto. O escritor lia entre as garfadas, enquanto mastigava. O livro era *Sobre o cérebro*, de Bastian. Não muito atual; mas fora o melhor que conseguira encontrar na biblioteca do pai, para distrair-se no trem. Havia comido a metade do peixe quando chegou ao caso daquele irlandês que sofria de afasia; ficou impressionado a tal ponto que afastou o prato e, tirando do bolso o caderno de notas, fez ali mesmo um apontamento. O médico havia pedido ao doente que lhe lesse em voz alta um parágrafo dos estatutos do Trinity College, de Dublin. “O Colégio terá a

faculdade de examinar ou de não examinar, a seu arbítrio, todo licenciado antes de sua admissão a uma bolsa de estudos para curso de aperfeiçoamento.” O que o doente leu efetivamente foi: “*An the bee-what in the tee-mother of the trothodoodoo, to majoram or that emidrate eni eni krastrei, mestreit to ketra totombreidei, to ra from treido as lhat kekrtest*”.^[21] “Maravilhoso!”, disse Philip de si para consigo mesmo, copiando a última palavra. “Que estilo! Que beleza majestosa! Que riqueza, que sonoridade, nesta frase do exórdio: *An the bee-what in the tee-mother of the*

trothodoodoo!.”

Repetiu-a

interiormente. “Hei de pô-la na primeira página da minha próxima novela”, escreveu ele no caderno de notas. “A epígrafe, o texto de todo o sermão.” Shakespeare só falava de histórias contadas por um idiota. Mas ali era o idiota mesmo que falava, e em linguagem shakespeariana, ainda por cima. “A palavra definitiva sobre a vida”, acrescentou Philip a lápis.

No Queen’s Hall, Tolley começou pelos *Borborygmes Symphoniques*, de Erik Satie. Philip achou a brincadeira apenas moderadamente boa. Uma parte

do auditório a melhorou, entretanto, com assobios e apupos.

Tolley, ironicamente polido, agradeceu com uma medida ainda mais graciosa que de costume. Quando o tumulto se acalmou, ele atacou o segundo número do programa. Era a abertura de *Coriolano*. Tolley se orgulhava de um gosto muito católico e de ser competente em todos os gêneros. “Mas, oh, Senhor!”, pensou Philip enquanto escutava, “como ele dirige mal a verdadeira música!” Dir-se-ia que o homem tinha um pouco de vergonha das emoções de Beethoven e que tentava

desculpar-se delas. Mas por felicidade Coriolano era praticamente à prova de Tolley. A música era heroicamente bela, era trágica e imensa, a despeito dele. A última palpitação dos sons que expiravam desvaneceu-se, demonstração da grandeza indomável do homem e da necessidade, da significação do sofrimento.

Durante o intervalo Philip dirigiu-se manquejando para o bar, a fim de fumar um cigarro. Sentiu uma mão segurar-lhe a manga.

— O melomaníaco descoberto! — disse uma voz familiar. Philip voltou-se

e viu Willie Weaver, todo cintilante de bom humor, de bondade, de absurdo. — O que você acha do nosso moderno Orfeu?

— Se você se refere a Tolley, acho que ele não sabe reger Beethoven.

— Um nadinha leve e fantástico demais para as portentosidades do velho Ludwig? — arriscou Willie.

— Mais ou menos — respondeu Philip sorrindo. — Tolley não está à altura dele.

— Ou está muito mais alto. A portentosidade pertence à época pré-positivista. E burguesa, como diria o

camarada Lenin. Tolley é contemporâneo, terrivelmente atual. Ele não te agradou no Satie? Ou então — continuou Willie, em resposta ao dar de ombros desdenhoso de Philip — preferias que ele tivesse feito “sati”?^[22] — Tossiu para marcar a admiração que lhe causava o seu próprio trocadilho.

— Tolley é quase tão moderno como o irlandês de gênio cujas obras descobri esta noite. — Philip tirou do bolso o seu caderno de notas e, depois de uma palavra de explicação, leu em voz alta: — *“An the bee-what in the tee-mother of the trothodoodoo...”* — Ao pé da

página encontravam-se os seus próprios comentários, que datavam de uma hora. “O texto de todo o sermão. A palavra definitiva sobre a vida.” Não os leu. Tinha agora mudado completamente de opinião. — A diferença entre a portentosidade e o Satie-Tolleysmo — continuou o novelista — é a mesma diferença que há entre os estatutos do Trinity College de Dublin e o “*bee-what in the tee-mother of the trothodoodoo*”.

Philip havia caído em flagrante contradição consigo mesmo. Mas, no fim das contas, por que não?

*

Illidge queria voltar para casa e pôr-

se na cama: mas Spandrell insistira para que ele fosse passar pelo menos uma hora ou duas em Tantamount House.

— Você deve fazer com que te vejam. Para teres um álibi. Quanto a mim, vou ao Sbisa. Haverá uma dúzia de pessoas prontas a declarar que me viram lá...

Illidge só concordou sob a ameaça de violência. Temia aquela prova de ter de falar a alguém, mesmo que fosse a uma pessoa tão pouco curiosa, tão absorta e distraída como lord Edward.

— Eu não poderei aguentar... — repetia ele sem cessar, quase chorando.

Tinham sido obrigados a carregar o cadáver, encolhido na posição de um feto no ventre materno, de levá-lo amorosamente apertado em um abraço estreito e vacilante, passando com ele pela porta, descendo os degraus e ganhando o pátio. Um único bico de gás esverdeado suspenso debaixo do arco alumiaava tibiamente as cavaleriças; era o bastante, contudo, para os trair se por casualidade alguém passasse diante da entrada no momento em que eles levavam seu fardo para fora e o erguiam para introduzi-lo no automóvel. Começaram por deixá-lo cair de costas,

sobre o piso do carro; mas os joelhos erguidos ultrapassavam o nível da carroceria. Spandrell foi obrigado a trepar no carro e, empurrando aqui, dando um empuxão ali, deitar de lado aquele corpo pesado, de maneira que os seus joelhos repousassem contra as bordas do assento traseiro. Fecharam as portinholas, tornaram a ajustar fortemente o impermeável no lugar.

— Perfeito! — disse Spandrell. Segurou o companheiro pelo cotovelo. — Você precisa de um pouco mais de brandy — acrescentou.

Mas, apesar do brandy, Illidge se

sentia ainda um pouco fraco e trêmulo quando se puseram a caminho. E a maneira desastrada como Spandrell manejava o mecanismo daquele automóvel, ainda desconhecido para ele, não foi de modo a acalmar-lhe os nervos. Tinham começado por bater violentamente com a traseira do carro contra o muro do fundo das cavalariças; e, antes de ter descoberto os segredos das engrenagens, Spandrell fez parar duas vezes o motor, por inadvertência. Aliviou a sua irritação soltando algumas blasfêmias e se pôs a rir. Mas para Illidge essas pequenas desgraças, que

acarretavam um minuto de demora no fugir àquele lugar horrível e maldito, tomavam a proporção de catástrofes. Seu terror, sua impaciência angustiada, se tornaram quase histéricas.

— Não, não posso, não posso! — protestou quando Spandrell lhe disse que ele devia impreterivelmente passar o serão em Tantamount House.

— Seja como for, você há de ir. — Dizendo isto, Spandrell dirigiu o carro rumo a Pall Mall. — Eu o largarei na porta.

— Não, falando sério!

— Se for necessário, faço você

entrar com um pontapé...

— Mas eu não aguento ficar lá, não aguento!

— Isto é um carro magnífico — disse Spandrell, mudando significativamente de assunto. — Muito agradável de guiar.

— Eu não aguento... — repetiu Illidge com uma voz choramingas.

— Creio que os fabricantes garantem cem milhas por hora, na estrada.

Dobraram, depois do palácio de Saint-James, para entrar em Pall Mall.

— Aqui está... — disse Spandrell,

parando junto à calçada. Illidge, obediente, desceu, atravessou a calçada, subiu os degraus e apertou o botão da campainha. Spandrell esperou que a porta se fechasse atrás dele e depois continuou seu caminho até Saint-James Square. Havia vinte ou trinta automóveis parados em torno dos jardins centrais. Spandrell entrou no meio deles com o carro em marcha à ré, desligou o motor, desceu e foi a pé até Piccadilly Circus. Ali tomou um ônibus que, por um pêni, o levou até o alto de Charing Cross Road. As árvores de Soho Square irradiavam o seu verde brilhante sob a luz das

lâmpadas, na extremidade do estreito beco que separava a fábrica dos edificios. Dois minutos mais tarde ele se achava no Sbisa, desculpando-se com Burlap e Rampion por ter chegado tão tarde.

*

— Ah, aí está você! — disse lord Edward. — Estimo muito que tenhas vindo.

Illidge murmurou vagas desculpas por não ter chegado mais cedo... Uma entrevista com um homem. Negócios... “Mas suponhamos”, pensava ele com terror enquanto falava, “suponhamos que lord Edward me pergunte com quem e a

respeito de quê?” Ele não saberia que responder; ficaria totalmente aniquilado. Mas o velho parecia não ter sequer ouvido as suas desculpas.

— Sinto muito, mas tenho de pedir que me faça um pouco de cálculo — disse ele com sua voz profunda e velada. Lord Edward conseguira tornar-se um matemático sofrivelmente bom; mas as operações sempre lhe foram inacessíveis. Nunca tinha sido capaz de fazer corretamente uma multiplicação. E, quanto à divisão, havia cinquenta anos que não a tentava. — Tenho aí as cifras. — Bateu com o dedo no livro de notas

que estava aberto diante dele, em cima da escrivaninha. — É para o capítulo sobre o fósforo. Trata-se da perturbação trazida pelo homem ao ciclo natural. Quanto p₂ o₅ descobrimos que os esgotos dispersam no mar? — Voltou uma página. — Quatrocentas mil toneladas. Foi isso... Praticamente perdidas. Simplesmente jogadas fora. E depois, essa maneira estúpida como tratamos os cadáveres. Em cada corpo há setecentos e cinquenta gramas de anidrido fosfórico. Restituídos à terra, pode-se alegar. — Lord Edward estava pronto a admitir todas as desculpas,

todos os expedientes de defesa, para poder refutá-los de antemão. — Mas muito inadequadamente! — Varreu fora todas as desculpas, fez em pedaços os advogados de defesa. — Qual! Amontoando os corpos uns sobre os outros nos cemitérios! Como se pode esperar que o fósforo seja redistribuído? Sem dúvida, com o tempo, ele acabará por reentrar no ciclo da vida. Mas, no que nos diz respeito, está perdido. Sai da circulação. Ora, supondo três quartos de quilo de p_2 o_5 por cadáver, e uma população mundial de mil e oitocentos milhões, com um coeficiente médio de

mortalidade de vinte por mil, qual é a quantidade total restituída cada ano ao solo? Você sabe fazer os cálculos, meu caro Illidge. Deixo-os ao teu cuidado. — Illidge ficou sentado em silêncio, escudando o rosto com a mão.

— Mas — continuou o velho — é preciso não perder de vista que há um mundo de pessoas que se desembaraçam de seus mortos de uma maneira mais sensata do que a nossa. Na realidade, é somente entre as raças brancas que o fósforo é retirado da circulação. As outras não têm necrópoles, nem esquifes impermeáveis, nem criptas de tijolos.

Os únicos que são mais desperdiçadores do que nós são os hindus. Dizer-se que eles queimam os cadáveres e atiram as cinzas nos rios! Mas os hindus são estúpidos em tudo. Assim, eles queimam todos os estrumes de vaca, em lugar de os espalhar sobre o solo. E depois se espantam de que a metade da população não tenha o que comer. Será preciso fazer um cálculo à parte para os hindus. Mas não tenho aqui as cifras. Enquanto isso, faz o favor de ir calculando o total geral para o mundo inteiro. E também o total para as raças brancas, se não for incômodo. Tenho por aí uma lista das

populações. E, está claro, o índice de mortalidade será mais fraco que a média geral do mundo, pelo menos para a Europa Ocidental e para a América. Não gostarias de sentar aqui? Há lugar na ponta da mesa. — Lord Edward desimpediu um lugar para ele. — Aqui está o papel. E também uma boa pena.

— O senhor não faz caso — disse Illidge em voz débil — se eu me deito por um instante? Não me sinto muito bem...

Capítulo XXXIV ERAM QUASE
ONZE HORAS quando Philip
Quarles apareceu no Sbisa.
Spandrell viu-o entrar e lhe
fez um sinal, chamando-o
para a mesa à qual estava
sentado em companhia de
Burlap e Rampion. Philip
atravessou a sala,
manquejando, e sentou-se
ao lado dele.

— Tenho recados para você — disse
Spandrell — e, o que é mais importante
— apalpou o bolso —, a chave da sua

casa. — Entregou-lha, explicando-lhe como o objeto lhe chegara às mãos. Se Philip soubesse o que havia acontecido em sua casa aquela noite... — E Elinor partiu para Gattenden — continuou ele. — Recebeu um telegrama. O pequeno parece que não está bem. E ela espera por você amanhã.

— Diabo! — exclamou Philip. — Mas eu tenho pelo menos quinze compromissos. Que é que o menino tem?

— Não foi especificado.

Philip deu de ombros.

— Se fosse coisa séria, minha sogra não teria telegrafado — comentou ele,

cedendo à tentação de dizer alguma coisa divertida. — Ela é assim... Suporta com uma calma perfeita um caso de pneumonia dupla e depois se mostra horivelmente alarmada diante de uma dor de cabeça ou de uma dor de barriga. — Interrompeu-se para pedir uma omelete e meia garrafa de vinho do Mosela. “Entretanto”, pensou Philip, “o pequeno não andava lá muito bem-disposto nas últimas semanas.” Arrependeu-se um pouco de ter cedido à tentação... E o que tinha dito não era nem um pouquinho divertido. Querer ser divertido — eis o seu principal defeito

literário. Seus livros seriam muito melhores se ele os deixasse ser muito mais insípidos. Philip mergulhou num silêncio um pouco sombrio.

— Essas crianças! — disse Spandrell. — Quando a gente insiste em tê-las...

— Entretanto deve ser maravilhoso ter um filho — disse Burlap com a expressão de pesar que o caso exigia. — Às vezes eu quisera...

Rampion o interrompeu: — Deve ser mais maravilhoso ainda *ser* criança. Quando já se é grande, compreenda-se... — Arreganhou os dentes.

— O que você faz com os seus filhos? — perguntou Spandrell.

— O menos possível! Infelizmente eles têm de ir à escola. Espero só que não aprendam demais. Seria na verdade terrível que eles saíssem de lá uns pequenos professores recheados de sabedoria, exibindo as suas brilhantes generalizaçõesinhas abstratas. E provavelmente é o que hão de fazer. Só para me mortificarem. Em geral os filhos mortificam os pais. Não de propósito, está claro, mas inconscientemente, porque não podem fazer outra coisa, porque os pais sem

dúvida já foram longe demais numa direção; é a reação da natureza, procurando voltar ao estado de equilíbrio. Sim, sim, eu sinto isso no fundo de mim mesmo. Serão professores, os diabinhos! Serão pequenos cientistas horríveis. Como o seu amigo Illidge — acrescentou Rampion, voltando-se para Spandrell, que teve um sobressalto desagradável ouvindo aquele nome, ao mesmo tempo que se sentia contrariado por haver se sobressaltado. — Cerebrozinhos horríveis que farão tudo quanto puderem para suprimir o coração e as tripas que

os acompanham.

Spandrell deu o seu sorriso significativo, um pouco melodramaticamente irônico.

— O jovem Illidge não conseguiu suprimir em si o coração e as tripas — disse ele. — Falta-lhe ainda muito para isso.

— Claro que não! Ninguém pode suprimi-los. Tudo o que acontece é que, no decorrer do processo, eles são transformados de órgãos vivos em refugo. E por que são assim transformados? No interesse de quê? De um mundo de conhecimentos tolos e de

abstrações sem pé nem cabeça.

— As quais, no fim das contas, são bem divertidas em si mesmas — disse Philip, rompendo seu silêncio para vir em socorro da inteligência. — Fazer generalizações e buscar a sabedoria são entretenimentos. E dos mais divertidos, na minha opinião. — Philip continuou a desenvolver sua defesa hedonista da vida mental. — Assim, pois, por que julgar severamente os nossos pequenos prazeres? — perguntou ele à guisa de conclusão. — Vocês não condenam o golfe; então por que haviam de condenar os esportes dos intellectuais?

— Isso é um tanto rudimentar, você não acha? — fez Rampion. — Pelos frutos se conhece a árvore. Os frutos do golfe são ou inexistentes, ou inofensivos, ou efetivamente benéficos. Um figado em bom estado, por exemplo: eis um belíssimo fruto. Ao passo que os frutos do intelectualismo... bom Deus! — Fez uma careta. — Examina-os... Toda a nossa civilização industrial: eis os seus frutos. O jornal da manhã, o rádio, o cinema — tudo são frutos. Os tanques e o trinitrotoluol; Rockefeller e Mond — frutos também. Tudo isso é o resultado do intelectualismo profissional,

sistematicamente organizado, destes dois últimos séculos. E você quer que eu aprove os divertimentos de vocês? Mas, eu te garanto, prefiro as corridas de touros. O que é a tortura de alguns animais, o que é a brutalização de algumas centenas de espectadores, comparada com a ruína, o envilecimento, a degradação de todo um mundo? E foi isso que vocês fizeram, vocês intelectuais, desde que organizaram e profissionalizaram os seus prazeres.

— Mas vem cá ... — disse Philip.

— O seu quadro está um pouco

carregado nas cores. E, de qualquer forma, ainda que ele seja exato, a gente não pode tornar os intelectuais responsáveis pelas aplicações que fizeram os outros dos resultados alcançados por eles.

— Mas eles *são* responsáveis. Porque trouxeram os outros para a sua maldita tradição intelectualista. No fim das contas, os outros não passam de intelectuais em um outro plano. Um homem de negócio é simplesmente um homem de ciência um pouco mais tolo do que o verdadeiro homem de ciência. Vive de uma maneira tão unilateral, tão

intelectual, dentro dos limites da sua inteligência, quanto o outro. E o fruto disso é a degeneração psicológica interior. Porque, está claro — acrescentou ele entre parênteses —, os frutos dos entretenimentos de vocês não se resumem no aparelhamento externo da moderna vida industrial. Eles residem também em uma decadência interna; no infantilismo, na degeneração e em toda sorte de loucuras e de reversões ao estado primitivo. Não, não, eu não tolero esses ricos divertimentos do espírito. Vocês causariam muito menos mal se estivessem jogando golfe.

— Mas, e a verdade? — interrogou Burlap, que tinha escutado a discussão sem falar. — O que me dizem da verdade?

Spandrell fez um gesto de aprovação.

— Ela não merece que a procuremos?

— Certamente — disse Rampion. — Mas não onde Philip e os seus amigos cientistas e eruditos a procuram. Afinal de contas, a única verdade que possa apresentar algum interesse para nós, ou que possamos conhecer, é uma verdade humana. E, para descobri-la, é preciso

procurá-la com todo o ser, e não com uma parte especializada desse ser. O que os cientistas estão procurando obter é uma verdade inumana. Não que eles possam um dia consegui-lo de todo; porque um cientista mesmo não pode cessar completamente de ser humano. Mas eles podem dar alguns passos no sentido de se abstraírem do mundo humano da realidade. À força de torturar o cérebro, conseguem formar uma fraca ideia do universo tal como este havia de parecer se fosse visto por meio de olhos não humanos. Com sua teoria dos quantuns, sua mecânica ondulatória, sua

relatividade e o mais que segue, eles parecem realmente ter saído um pouco fora da humanidade. Ora, onde diabo está o benefício disso?

— À parte o prazer da coisa em si — disse Philip —, poderá resultar daí algum bem; um descobrimento prático prodigioso, tal como o segredo da desintegração do átomo e da libertação de quantidades ilimitadas da energia.

— E a redução consequente dos seres humanos a um estado de imbecilidade e de subserviência absoluta às suas máquinas — zombou Rampion. — Eu conheço os paraísos de

vocês... Mas trata-se neste momento da verdade. Dessa verdade inumana que os cientistas se esforçam por achar com a sua inteligência, mas que não tem a menor relação com a existência humana ordinária. Nossa verdade, a verdade humana que nos interessa, é uma coisa que se descobre vivendo, vivendo completamente, com a totalidade do nosso ser. Os resultados dos divertimentos de vocês, Philip, todas essas famosas teorias sobre o cosmo e todas as suas aplicações práticas não têm absolutamente nada que ver com a única verdade que nos importa. E a

verdade inumana não é meramente alheia a nós; é perigosa. Ela distrai a atenção de cada um da importante verdade humana. Ela os faz falsificar a sua própria experiência, a fim de que a realidade vivida possa ajustar-se à teoria abstrata. Assim, por exemplo, é uma verdade inumana bem estabelecida — ou pelo menos estava bem estabelecida quando eu era moço — que as chamadas “qualidades secundárias” não têm existência real. O homem que leva isso a sério nega a si mesmo, destrói toda a contextura de sua vida como ser humano. Porque sucede que os

seres humanos são constituídos de tal modo que as qualidades secundárias são, para eles, as únicas reais. Quem as nega, suicida-se.

— Mas na prática — disse Philip — ninguém as nega.

— Completamente, não. Porque é impossível. Um homem não pode abolir completamente suas sensações e seus sentimentos, a menos que se mate fisicamente. Mas ele pode depreciá-los. E, de fato é isso o que faz um grande número de pessoas inteligentes e cultas: deprecia o humano, no interesse do inumano. Seu motivo é diferente do dos

cristãos; mas o resultado é o mesmo. É uma espécie de autodestruição. É sempre a mesma coisa — continuou, com um repentino assomo de cólera na voz —, a cada tentativa que se faz de ser algo melhor do que um homem, o resultado é sempre o mesmo. A morte, uma forma ou outra de morte. Tentamos ser mais do que somos por natureza e matamos qualquer coisa em nós e nos tornamos muito menos do que éramos. Estou cansado de todas essas asneiras sobre a vida superior e o progresso moral e intelectual, estou cansado da existência pelo ideal e do mais que

segue. Tudo isso leva à morte. Com a mesma certeza com que viver para o dinheiro leva à morte. Os cristãos, e os moralistas, e os estetas cultivados, e os jovens e brilhantes homens de ciência, e os homens de negócio à Samuel Smiles, todas essas pobres rãzinhas humanas que tentam inflar-se para se transformarem em bois de pura espiritualidade, de puro idealismo, de pura eficiência prática, de pura inteligência consciente, acabam simplesmente estourando e ficando reduzidas a coisa nenhuma, a não ser fragmentos de rã, e fragmentos putrefatos ainda por cima. Tudo isso

junto é uma vasta estupidez, uma mentira imensa e repugnante. O seu pequeno são Francisco, esse fedorento, por exemplo. — Mark Rampion voltou-se para Burlap, que protestou. — Sim, um fedorento — insistiu Rampion. — Um homenzinho bobo e vaidoso, que tentava encher-se de vento até se tornar um Jesus, e que conseguia apenas matar o pouco de bom senso ou de decência que existia nele, que conseguia apenas transformar-se em fragmentos repugnantes e malcheirosos de um verdadeiro ser humano... Um homem que andava a colecionar sensações e a se

excitar, lambendo os leprosos! Ui! Que sujeitinho pervertido e repugnante! E se julgava bom demais para dar um beijo em uma mulher; queria estar acima de todas as coisas vulgares, como o prazer natural e saudável, e o único resultado é que ele matava o menor grão de virtude humana que podia ter em si, e se tornava um pervertidozinho fedorento que não podia mais excitar-se senão lambendo as úlceras dos leprosos. Não curando os leprosos, notem bem. Mas simplesmente lambendo-os. Por prazer próprio, não pelo dos leprosos. É revoltante!

Philip inclinou-se para trás na sua

cadeira e riu. Mas Rampion voltou-se para ele com furor.

— Você pode rir. Mas não imagine que é melhor, não. Você e os seus amigos intelectuais, científicos. Vocês mataram tanto de si mesmos como os cristãos maníacos. Quer que eu leia o programa de vocês? — Tomou do livro que estava perto dele, sobre a mesa, e começou a voltar-lhe as páginas. — Acabo justamente de dar com isso no ônibus, quando vinha para cá. Aqui está ... — Pôs-se a ler, pronunciando as palavras francesas cuidadosa e claramente: — Plus un obstacle

matériel, toutes les rapidités gagnées par la science et la richesse. Pas une tare à l'indépendance. Voir un crime de lèse-moi dans toute fréquentation, homme ou pays, qui ne serait pas expressément voulu. L'énergie, le recueillement, la tension de la solitude, les transporter dans ses rapports avec de vrai semblables. Pas d'amour peut-être, mais des amitiés rares, difficiles, exaltées, nerveuses; vivre comme on revivrait en esprit de détachement, d'inquiétude et de revanche.

— Rampion fechou o livro e ergueu os olhos. — Este é o programa de vocês

— disse, dirigindo-se a Philip. —
Formulado por Marie Lenéru em 1901.
Muito conciso, claro e completo. E, meu
Deus, que horror! Nenhum corpo,
nenhum contato com o mundo material,
nenhum contato com os seres humanos,
exceto por meio do intelecto, nenhum
amor...

— Nós mudamos isso um pouco, de
1901 para cá — disse Philip com um
sorriso.

— Não na realidade. Vocês
admitiram a fornicação promíscua, eis
tudo. Mas não o amor, não o contato e a
corrente naturais, não a renúncia ao

orgulho mental, não o fato de se abandonar ao instinto. Não, não. Vocês se apegam ainda à vontade consciente. Tudo deve ser *expressément voulu*, toda a vida. E as relações devem ser puramente mentais. E a vida deve ser vivida, não como se fosse a vida em um mundo de pessoas vivas, mas como se consistisse em lembranças, em imaginações e em meditações solitárias. Uma masturbação sem fim, como o grande e horrível livro de Proust. Eis a vida superior, isto é, um eufemismo para significar morte incipiente! É significativo, é simbólico que essa

Lenéru tenha sido surda e quase cega. É o sinal exterior e visível de uma verdade interior e espiritual. Pobre mulher! Ela tinha pelo menos alguma desculpa para a sua espiritualidade. Mas os outros partidários da Vida Superior, os que não têm defeito físico, são mais difficilmente perdoáveis. Mutilaram-se de propósito deliberado, por prazer. É uma pena que não lhes nasça uma corcova visível ou que os olhos não lhes fiquem estrábicos de uma vez. A gente saberia melhor com quem estava tratando.

— Perfeitamente — disse Philip,

balançando a cabeça com um riso de divertimento fingido, para esconder o embaraço que lhe causavam as alusões de Rampion aos defeitos físicos. — Perfeitamente. — Ninguém devia julgar que, sob pretexto de ter uma perna aleijada, ele não apreciasse a justeza das observações de Rampion sobre a deformidade.

A violência descabida de seu riso fez com que Rampion lhe lançasse um olhar interrogador. Que haveria? Mas ele não quis dar-se o trabalho de procurar.

— Tudo isso são mentiras infectas

— continuou Mark —, e o que é mais, mentiras idiotas, toda essa comédia de fingir ser mais do que humano. É idiota porque isso nunca se dá. Tentamos ser mais do que humanos, mas conseguimos apenas tornar-nos menos do que humanos. Sempre...

— Apoiado, apoiado! — disse Philip. — “Sobre a terra caminhamos, de asas não precisamos.” — E de súbito Philip ouviu a voz forte do pai a dizer-lhe: “Eu tinha asas. Eu tinha asas”; reviu-lhe o rosto congestionado e o febricitante pijama cor-de-rosa. Era risível e deplorável. — Sabe de onde é

isto? — continuou ele. — É o último verso do poema que eu fiz para o prêmio Newgate, em Oxford, quando tinha vinte e um anos. O assunto era “O rei Artur”, se bem me lembro. Inútil é acrescentar que não ganhei o prêmio. Mas o verso era bom.

— É uma pena que você não tenha vivido de acordo com esse princípio — disse Rampion —, em lugar de se prostituir às abstrações. Mas, está claro, não há ninguém como o apaixonado pelas abstrações para condenar essas mesmas abstrações. Ele sabe por experiência pessoal que força

destruidora de vida elas têm. O homem ordinário pode conseguir viver em harmonia com elas. Também se pode permitir ter asas, com a condição de não se esquecer que tem pés. É quando as pessoas se empenham em querer voar todo o tempo que lhes corre mal a vida. Têm a ambição de ser anjos; mas o mais que conseguem ser são cucos e gansos, por um lado, ou então abutres repugnantes e corvos carniceiros, por outro.

— Mas tudo isso — disse Spandrell, rompendo um longo silêncio — não passa do evangelho do animalismo. Você

nos aconselha pura e simplesmente a que nos portemos como bestas.

— Eu os aconselho que se portem como seres humanos — disse Rampion. — O que é levemente diferente. E além do mais — acrescentou —, é muitíssimo preferível portar-se como uma besta, quero dizer: como um verdadeiro e autêntico animal não domesticado, a inventar um diabo e em seguida passar a imitar a própria invenção...

Houve um silêncio curto.

“Se eu lhes contasse”, pensou Spandrell, “se eu lhes contasse que acabo de saltar sobre um homem de trás

de um biombo golpeando-o no lado da cabeça com um bastão de ginástica?” — Tomou mais um gole de brandy.

— Não — disse em voz alta —, eu não estou seguro do que você diz. Portar-se como um animal que está abaixo do bem e do mal. Devemos saber o que é o bem, antes de podermos começar a nos portar como diabos. — E, no entanto, tudo aquilo tinha sido apenas estúpido e sórdido e repugnante. Sim, e profundamente tolo, uma estupidez enorme. No coração do fruto colhido na árvore da ciência do bem e do mal ele havia achado, não fogo e

veneno, mas somente uma putrefação pardacenta e repugnante, e algumas larvas miúdas. — As coisas só existem em função dos seus contrários — prosseguiu ele, franzindo as sobancelhas a seus próprios pensamentos. — O diabo implica Deus.

— Sem dúvida — volveu Rampion com impaciência. — Um diabo que fosse o mal absoluto implicaria um Deus que seria o bem absoluto. E depois? Que relação tem isso contigo ou comigo?

— Muitíssima, quer me parecer.

— Tem tanta relação conosco quanto o fato de esta mesa ser composta de

elétrons, ou de ser uma série infinita de ondas que vibram num meio desconhecido, ou um grande número de pontos-acontecimentos num contínuo de quatro dimensões ou qualquer outra coisa que os amigos cientistas de Philip nos garantem que ela é. Quero dizer: não têm praticamente nenhuma relação. O Deus absoluto de vocês e o diabo absoluto pertencem à categoria dos fatos sem interesse nem relações humanas. As únicas coisas que nos dizem respeito são os pequenos deuses e diabos relativos da história e da geografia, os pequenos bens e males relativos da

casuística individual. Todo o resto é inumano e está fora da questão; e se você se deixa influenciar por considerações não humanas, absolutas, então faz inevitavelmente de si mesmo um imbecil ou um celerado, ou talvez as duas coisas juntas.

— Mas isso é melhor do que fazer de mim mesmo um animal — insistiu Spandrell. — Eu preferiria ser um imbecil ou um celerado a ser um touro ou um cão.

— Mas ninguém pede que você seja um touro ou um cão — disse Rampion com impaciência. — Ninguém pede que

você seja isto ou aquilo, a não ser um homem. Um *homem*, toma bem nota disto. Nem anjo nem diabo. Um homem é um ser que anda sobre uma corda esticada, que caminha sobre ela delicada, equilibradamente, tendo, numa das extremidades da vara que lhe dá estabilidade, o espírito, a consciência, a alma, e na outra extremidade o instinto e tudo o que é inconsciente, tudo o que é terreno e misterioso. Em equilíbrio, sim. O que é tremendamente difícil. E o único absoluto que ele pode jamais conhecer de verdade é o absoluto do equilíbrio perfeito. O absoluto da

relatividade perfeita. E isto, sob o ponto de vista intelectual, é um paradoxo, um contrassenso. Mas também o é toda verdade real, autêntica, viva, simples contrassenso, segundo a lógica. E a lógica é um simples contrassenso também à luz da verdade viva. Pode-se escolher a que se quiser — a lógica ou a vida. É questão de gosto. Algumas pessoas preferem ser cadáveres.

“Preferem ser cadáveres...” Estas palavras ressoaram como um eco no espírito de Spandrell. Everard Webley, que jazia por terra, amarrado como um frango — preferiria ele também a

morte?

— Apesar de tudo — disse Spandrell lentamente —, há certas coisas que devem sempre permanecer absoluta e radicalmente más. O assassinato, por exemplo. — Ele precisava acreditar que o homicídio era alguma coisa mais do que simplesmente vil, sórdido e repugnante. Queria acreditar que ele era também terrível e trágico. — Eis o mal absoluto.

— Mas por que há de ser o assassinato mais absoluto do que qualquer outra coisa? — perguntou Rampion. — Há circunstâncias em que

ele é manifestamente necessário, bom, recomendável. Segundo o meu modo de ver, o único ato absolutamente mau que um homem pode realizar é aquele que atenta contra a vida, contra a sua própria integridade. Ele pratica um mal se se perverte, se falsifica os seus instintos.

Spandrell se mostrou sarcástico: — Eis-nos de volta às bestas. Devemos, pois, sair por aí em rapinagem, satisfazendo todos os nossos apetites à medida que eles se manifestam. É esta a última palavra da sabedoria humana?

— Ora, isso não é na realidade tão estúpido como você procura insinuar —

disse Rampion. — Se os homens se pusessem a satisfazer seus desejos instintivos apenas quando os sentissem autenticamente, como fazem os animais que esmagamos com o nosso desprezo, eles se portariam muitíssimo melhor do que se porta hoje a maioria dos seres humanos civilizados. Não é o apetite natural e o desejo instintivo espontâneo que tornam o homem tão bestial — não, “bestial” não é a palavra adequada; ela traz implícito um insulto aos animais —; digamos: que o tornam tão super-humanamente viciados. É a imaginação, com seus princípios, sua tradição, sua

educação. Abandonem-se os instintos a si mesmos, e veremos como eles hão de causar muitíssimo pouco dano. Se os homens amassem somente quando levados pela paixão, se eles se batessem unicamente quando estão irados ou aterrados, se eles só se aferrassem à propriedade quando tivessem necessidade ou quando fossem arrastados por um desejo incontrolável de posse, então, eu lhes garanto, este mundo se pareceria muito mais com o reino dos céus do que se parece agora, sob o nosso presente regime cristão-intelectual-científico. Não é o instinto

que faz os Casanova, os Byron, as lady Castlemaine; é uma imaginação em prurido, que esporeia artificialmente o apetite, que excita desejos sem existência natural. Se os *don Juans* e as *dona Juanas* obedecessem somente a seus desejos, teriam muito poucas intrigas. Eles têm de excitar a si mesmos em imaginação antes de poderem afundar nos seus amores promíscuos. E o mesmo se passa com os outros instintos. Não foi o instinto da posse que tornou a civilização moderna louca por dinheiro. Para isso é preciso que o instinto de posse seja sem cessar

excitado artificialmente pela educação, pela tradição e pelos princípios morais. É necessário que se repita aos acumuladores de dinheiro que amontoar dinheiro é uma coisa natural e nobre, que a economia e a indústria são virtudes, que persuadir as pessoas a comprar o que não têm necessidade é um dever cristão. Seu instinto de posse não seria nunca bastante forte para impeli-los a acumular sem cessar, da manhã à noite, durante toda a sua vida. É necessário que ele seja constantemente excitado pela imaginação e pela inteligência... Depois, pensem na guerra

civilizada. Ela nada tem que ver com a combatividade espontânea. Os homens precisam ser constrangidos por lei e depois excitados pela propaganda, para se baterem. Far-se-ia um trabalho muito mais eficiente em favor da paz se se dissesse aos homens que obedecessem aos reflexos espontâneos de seus instintos belicosos, do que fundando não importa quantas ligas das nações.

— Far-se-ia ainda muito mais — atalhou Burlap — dizendo-lhes que obedecessem a Jesus.

— Não, não se faria. Dizer-lhes que obedeçam a Jesus é dizer-lhes que sejam

mais do que humanos. E, na prática, quando tentamos ser mais que humanos, conseguimos sempre ser menos do que humanos. Dizer às pessoas que obedeçam a Jesus literalmente é dizer-lhes, de modo indireto, que se portem como imbecis e, no fim das contas, como demônios. Vejam os exemplos... O velho Tolstói, eis um grande homem que deliberadamente se transformou num imbecil por tentar ser mais do que um grande homem. E o teu pavoroso são Francisquinho... — Aqui Rampion voltou-se para Burlap. — Outro idiota. Mas já no limite do diabolismo. Com os

monges da Tebaida se vê o mesmo processo levado mais longe. Esses transpuseram o limite. Chegaram ao estado demoníaco. A tortura de si mesmos, a destruição de tudo o que é decente, belo e vivo. Eis o programa deles. Eles se esforçam por obedecer a Jesus e por ser mais do que homens; e o mais que conseguem fazer é transformar-se na encarnação do puro espírito diabólico da destruição. Poderiam ter sido criaturas humanas perfeitamente decentes se houvessem se limitado a seguir o seu caminho portando-se naturalmente, de acordo com seus

instintos. Mas não, quizeram ser mais do que humanos. De sorte que se transformaram em demônios. Imbecis a princípio, e depois demônios imbecis. Irra! — Rampion fez uma careta e balançou a cabeça com repugnância. — E quando se pensa — continuou depois, com indignação — que o mundo está cheio de criaturas dessa espécie! Não tão insensatas como santo Antônio e seus demônios, ou como são Francisco e seus fracos de espírito. Mas da mesma ordem. Diferindo apenas no grau. E todos pervertidos da mesma maneira, procurando ser inumanos! Inumanamente

religiosos, inumanamente morais, inumanamente intelectuais e científicos, inumanamente especializados e eficientes, inumanamente homens de negócios, inumanamente avaros e ávidos de posses, inumanamente lascivos e don-juanescos, inumanamente conscientes da sua individualidade, mesmo no amor! Todos esses são seres pervertidos. Pervertidos no sentido do mal ou do bem, da carne ou do espírito; mas sempre fugindo da norma central, fugindo da humanidade. O mundo é um asilo de pervertidos. Há quatro em torno desta mesa, neste momento. — Olhou em

torno, arreganhando os dentes. — Um puro pervertidozinho de Jesus. — Burlap teve um sorriso de perdão. — Um pervertido estético-intelectual.

— Obrigado pelo elogio — disse Philip.

— Um pervertido ético-filosófico. — Voltou-se para Spandrell. — Um pequeno Stavrogin, sem tirar nem pôr. Desculpa-me dizer isso a você, Spandrell, mas você é verdadeiramente o imbecil mais colossal de todos. — Encarou o outro intensamente. — Você sorri como todas as personagens trágicas da ficção condensadas em uma

só. Mas não adianta. Nada disso consegue esconder o bobalhão simplório que está por baixo...

Spandrell atirou a cabeça para trás e riu silenciosamente. “Se Mark soubesse”, pensava ele, “se Mark soubesse! Mas se Mark soubesse... haveria de achá-lo por isso menos imbecil?”

— Pode rir, meu velho Dostoiévski! Mas permita que eu te diga: é Stavrogin, e não Myishkin, quem devia levar o nome de idiota. Ele é dos dois o mais incomparavelmente idiota, o pervertido mais completo.

— E que espécie de imbecil e pervertido é a quarta pessoa que se acha sentada a esta mesa? — perguntou Philip.

— Sim, que espécie é? — Rampion balançou a cabeça. Seus cabelos finos esvoaçaram com uma ondulação de seda. O homem sorriu. — Um pervertido pedagogo. Um pervertido à Jeremias. Um pervertido *palmatória-do-mundo*. E, acima de tudo, um pervertido tagarela. — Ergueu-se. — E é por isto que vou me retirar. A maneira como estive a falar é... inumana. Verdadeiramente escandalosa. Estou

envergonhado. Mas eis o mal: quando nos insurgimos contra as coisas e as pessoas inumanas, tornamo-nos também inevitavelmente inumanos. A culpa é inteiramente de vocês.

Teve um último arreganhar de dentes, abanou com a mão e se foi.

*

Burlap voltou para casa e encontrou Beatrice a esperá-lo, como de costume. Sentado — porque tal era o hábito encantadoramente infantil que ele adquirira durante as últimas semanas —, sentado no chão aos pés de Miss Gilray, com a cabeça, em que a pequena tonsura se recortava rósea no meio das

madeixas escuras, apoiada contra o joelho dela, Burlap bebericou o seu leite quente e falou de Rampion. Era um homem extraordinário, um grande homem, mesmo. “Grande?”, interrogou Beatrice num tom de desaprovação. Não gostava de ouvir atribuir a qualidade de grandeza a um homem vivo (os mortos... era coisa diferente: estavam mortos), a não ser que se tratasse do próprio Denis... Não chegava bem a ser “grande”, insistiu ela com ciúme... Muito, muito não era, mesmo... Mas quase... Se Rampion não tivesse aquela estranha falta de sensibilidade para com

os valores espirituais, aquele prejuízo, aquele ponto cego... Sua atitude era compreensível, de resto. Ele reagia contra o que quer que tivesse ido longe demais numa direção; mas, levado por essa mesma reação, Mark tinha ido demasiadamente longe no sentido contrário. Sua incapacidade de compreender são Francisco, por exemplo. Todas essas coisas grotescas e verdadeiramente horrendas que ele tinha a coragem de dizer sobre o santo. Era extraordinário e deplorável.

— O que foi que ele disse? — perguntou Beatrice com severidade.

Desde que conhecera Burlap, tinha tomado São Francisco sob sua proteção.

Burlap lhe fez um relatório, ligeiramente expurgado, do que Rampion havia dito. Beatrice ficou indignada. Como podia ele dizer coisas como aquelas? Como ousava? Era um ultraje. — Sim, Mark tinha aquele defeito — reconheceu Burlap, aquele defeito real. Mas há tão poucas pessoas — acrescentou ele em uma desculpa caridosa — que nascem com o verdadeiro gosto da beleza espiritual! Rampion era, sob muitos aspectos, um homem extraordinário, mas dir-se-ia que

lhe faltava esse órgão suplementar dos sentidos que permite aos homens como são Francisco perceber a beleza que existe além da beleza terrestre. De uma maneira bem rudimentar, ele, Burlap, supunha ser dotado desse poder. Como era raro encontrar alguém que se parecesse com ele! Quase toda a gente, sob aquele aspecto, lhe era estranha. Era o mesmo que ter uma visão normal em um país no qual as pessoas, em sua maior parte, são daltônicas. Beatrice não sentia isso também?

Porque, estava claro, ela era uma das raras criaturas de visão perfeita. Ele

sentira isso imediatamente, desde a primeira vez em que a encontrara. Beatrice fez gravemente *sim* com um sinal de cabeça. Sim, ela também sentia aquilo. Burlap ergueu os olhos para a amiga, com um sorriso; ele bem o sabia... Beatrice se sentia orgulhosa e importante. Aquela concepção de Rampion sobre o amor, por exemplo; Burlap balançou a cabeça. Como era grosseira, animal, corporal!

— Pavoroso — disse Beatrice com veemência. “Denis”, pensou, “era tão diferente!” Ternamente, baixou o olhar para a cabeça que repousava com tanta

confiança contra o seu joelho. Adorava o jeito como os cabelos dele se encrespavam, adorava as suas belas orelhas, muito pequenas, e até mesmo a mancha rósea de calvície que ele tinha no alto do crânio. Aquela pequena tonsura carmesim tinha, Beatrice não sabia bem por que, algo de patético e de convidativo. Houve um longo silêncio.

Burlap soltou por fim um suspiro profundo.

— Como estou com sono!

— Você devia ir para a cama.

— Tão cansado que nem tenho coragem de me mexer... — Denis apoiou

a face mais forte contra o joelho dela e fechou os olhos.

Beatrice ergueu a mão, hesitou um instante, deixou-a cair de novo, depois tornou a erguê-la e se pôs a passar os dedos suavemente pelos cabelos escuros e anelados de Burlap. Houve outro longo silêncio.

— Ah, não pare — pediu ele, quando ela por fim retirou a mão. — É tão bom! Parece que emana de você uma tal virtude... Quase me curaste a dor de cabeça...

— Está com dor de cabeça? — perguntou Beatrice, cuja solicitude,

como de costume, se transformou numa espécie de raiva. — Então o que você tem a fazer é simplesmente ir para a cama — comandou ela.

— Mas eu me sinto tão feliz aqui...

— Não. Eu insisto. — Seus sentimentos maternos protetores haviam despertado completamente. Era uma ternura que se fazia tirânica.

— Como você é cruel! — queixou-se Burlap, erguendo-se com relutância. Beatrice ficou tocada de compunção.

— Acariciarei os seus cabelos quando você estiver deitado — prometeu ela. Também agora lamentava

a perda daquele morno silêncio macio, daquela intimidade sem palavras que sua explosão de solicitude despótica quebrara tão bruscamente. Beatrice se justificou com uma explicação. A dor de cabeça voltaria se Burlap não dormisse no instante em que ela desaparecesse. E assim por diante.

Burlap estava no leito havia quase dez minutos quando Miss Gilray veio para cumprir a promessa. Estava metida num roupão verde e trazia os cabelos amarelos entrelaçados num longo rabicho grosso que se balançava pesadamente quando ela caminhava,

como a cauda espessa e trançada de um cavalo de feira.

— Você dá a impressão de que tem doze anos, com essa trança pendurada às costas — disse Burlap, encantado.

Beatrice riu, um pouco nervosamente, e sentou-se à beira da cama. Denis ergueu a mão e agarrou a trança espessa.

— Que encanto! — disse ele. — Convidando a gente a dar um puxão... — Puxou de leve, por brincadeira.

— Cuidado! — fez ela à guisa de advertência. — Vou puxar também os seus cabelos, apesar da dor de cabeça!

— Segurou um dos anéis escuros.

— *Pax! Pax!* — suplicou Burlap, voltando ao vocabulário da escola preparatória. — Vou largar... A verdadeira razão — acrescentou — pela qual os meninos não gostam de lutar com as meninas é simplesmente porque elas são muito mais implacáveis e ferozes...

Beatrice riu de novo. Houve um silêncio. Ela estava um pouco ofegante e alvoroçada, tal como nos sentimos quando esperamos ansiosamente que alguma coisa aconteça.

— Como vai a cabeça?

— Nada bem.

Beatrice estendeu o braço e tocou a frente de Burlap.

— Sua mão é mágica — disse ele. Com um movimento rápido e imprevisto Denis enroscou-se sob as cobertas, ficou deitado de lado e pousou a cabeça sobre os joelhos de Beatrice. — Assim — murmurou. — E, com um suspiro de satisfação, fechou os olhos.

No primeiro momento Beatrice ficou embaraçada, quase apavorada. Aquela cabeça escura que repousava, dura e pesada, contra suas coxas, pareceu-lhe uma coisa estranha, terrificante. Foi obrigada a reprimir um pequeno calafrio

antes de poder sentir-se contente com o que havia de confiança infantil no gesto de Burlap. Começou a acariciar sua testa, a acariciar-lhe o couro cabeludo através dos espessos e escuros cabelos encaracolados. O tempo passou. O silêncio morno e macio os envolveu de novo, a intimidade muda do contato foi restabelecida. Beatrice cessou de se mostrar tirânica na sua solicitude protetora, ficou apenas terna. Era como se a armadura de dureza se lhe tivesse fundido ao redor do corpo, evaporando-se naquela morna intimidade e dissipando os terrores que a tinham feito

necessária.

Burlap suspirou de novo. Estava em uma espécie de modorra feliz de passividade sensual.

— Melhor? — perguntou ela num sussurro suave.

— Ainda me dói um pouco do lado — murmurou ele em resposta. — Bem embaixo da orelha. — E deixou rolar a cabeça de maneira que Beatrice pudesse atingir mais facilmente o ponto doloroso, deixou-a rolar de modo que seu rosto ficasse apoiado contra o ventre dela, aquele ventre mole que vibrava com tanta vida ao ritmo da respiração,

que era tão quente e que cedia à pressão do rosto dele.

Ao contato daquele rosto contra seu corpo, Beatrice sentiu de repente uma renovação dos seus calafrios espasmódicos de apreensão. Sua carne aterrorizou-se com uma intimidade física muito grande. Mas como Burlap não se mexia, como não fazia nenhum gesto perigoso, nenhum movimento para estabelecer um contato mais aproximado, o terror dela se aquietou pouco a pouco, e as palpitações desse terror serviram apenas para exaltar e intensificar aquela maravilhosa emoção

quente que se lhe seguiu. Beatrice passou de novo os dedos pelos cabelos de Burlap, outra vez e mais outra... Sentia o calor da respiração dele contra o seu ventre. Fremiu ligeiramente, sua felicidade bateu asas, cheia de apreensão e de antecipações. Sua carne tremia, mas assim mesmo estava alegre; tinha medo, e ao mesmo tempo curiosidade; encolhia-se, mas se deixava vencer pelo calor do contato, e mesmo, no meio de todos os seus terrores, chegava timidamente a desejar...

— Está melhor? — murmurou

Beatrice de novo.

Denis fez um pequeno movimento de cabeça e comprimiu com mais força o rosto contra a carne macia de Beatrice.

— Devo parar agora? — continuou ela. — Quer que eu me vá?

Burlap ergueu a cabeça e olhou para a amiga.

— Não, não — implorou. — Não vá. Ainda não. Não quebre o encantamento. Fique aqui ainda um momento. Deite-se um instantinho debaixo do acolchoado. Só um momentinho.

Sem dizer palavra, ela se estendeu

ao lado de Denis e ele a cobriu com o acolchoado; apagou a luz.

Os dedos que se puseram a acariciar os braços de Beatrice debaixo da sua manga ampla a tocaram delicadamente, a tocaram com espiritualidade e como se não fossem matéria. Eram como os dedos dessas luvas de borracha cheias de ar, que nos roçam pelo rosto de uma maneira tão emocionante, na escuridão das sessões espíritas, trazendo-nos o reconforto do grande além e uma mensagem de afeição vinda dos seres amados que deixaram este mundo. Acariciar e ser ao mesmo tempo uma

luva de borracha espiritualizada numa sessão espírita, tomar intimidades, mas como se fosse do outro lado do grande além, nisso estava o talento de Burlap. De forma branda, paciente, com uma infinita suavidade, de uma maneira incorpórea, ele continuou a acariciar. A armadura da mulher havia se fundido por completo. Era o coração, o âmago, suave, virginal e trêmulo de Beatrice que Burlap acariciava, com aquele esfrolar delicado de dedos espíritas do grande além. A armadura de Beatrice havia desaparecido; mas sentia-se tão maravilhosamente segura com Denis!

Não experimentava nenhum medo, ou pelo menos não tornava a sentir senão os fracos estremecimentos ofegantes de sua carne ainda quase infantil, os quais serviam para lhe avivar a felicidade. Beatrice se sentia maravilhosamente segura, mesmo quando, depois do que lhe tinha parecido uma eternidade deliciosa de carícias pacientemente repetidas que iam e vinham do pulso até o ombro, a mão espírita se evadiu do além e lhe tocou o peito. Delicadamente, de uma maneira quase incorpórea, ela apalpava como uma pele de borracha cheia de ar; espiritualmente a mão

deslizou sobre a carne arredondada, os dedos angélicos passearam-lhe com vagar ao longo da epiderme. Ao primeiro contato o seio redondo estremeceu; ele tinha seus terrores particulares, dentro da felicidade geral de Beatrice, dentro de sua sensação de segurança. Mas a mão espírita repetiu a carícia, mais outra e outra vez, paciente, suavemente, sem alarme, até que o seio, tranquilizado e por fim ansioso, desejou a sua volta; e todo o corpo de Beatrice fremeu, vivo, sob a irradiação dos desejos do seio. E na escuridão as eternidades se prolongaram.

Capítulo XXXV NO DIA
SEGUINTE, em lugar de **gemer a**
cada retorno da dor, o
menino começou a gritar —
a soltar gritos após gritos,
cada vez mais agudos,
repetidos com uma
regularidade quase digna de
um mecanismo de relógio,
durante um tempo que
pareceu a Elinor uma
eternidade. Dir-se-iam
gritos de um coelho

apanhado numa armadilha.

**Mas era mil vezes pior;
porque se tratava de uma
criança que gritava, e não
de um animal; era o *seu*
filho, apanhado na
armadilha e preso nas
garras da tortura. Elinor
tinha a sensação de estar
presa numa armadilha
também. Presa da sua
incapacidade absoluta de
aliviar a dor do filho. Presa**

**daquele obscuro sentimento
de culpa, daquela crença
irracional (mas tenaz, a
despeito do que tinha de
irracional), daquela
convicção que se fazia cada
vez mais opressiva e
sufocante, de que tudo
aquilo era, de alguma
maneira insondável, culpa
dela — que era uma
punição, malevolamente
infligida a outrem, como**

**expição de *sua* ofensa.
Aprisionada em sua própria
armadilha, mas excluída
daquela em que se achava o
pequeno, ela se deixou ficar
ali, sentada, segurando a
mão pequenina como que
através de grades,
impossibilitada de ir em
socorro do doente,
esperando, durante os
silêncios ofegantes e febris
do menino, que se**

**reproduzisse aquele grito
horrível, que se repetisse
outra vez mais a visão
daquela face subitamente
contorcida, daquele
pequenino corpo convulso e
atormentado por uma dor
que, de algum modo, tinha
sido infligida por ela
própria.**

O doutor veio por fim com os seus
opiácios.

Philip chegou no trem do meio-dia e
vinte. Não tinha tido pressa, nem se

levantara cedo para vir em um trem mais matinal. Estava aborrecido por se ver obrigado a deixar Londres. Sua chegada tardia tinha o caráter de um protesto. Elinor devia realmente aprender a não fazer tanto barulho cada vez que a criança tivesse uma cólica. Era absurdo.

Elinor o esperava à porta, quando o marido desceu do carro; ela estava tão branca, tão cansada, os olhos tão desesperados e com olheiras tão escuras, que, ao vê-la, Philip sentiu um choque.

— Mas é você que está doente! — exclamou ele com inquietude. — O que

é que há?

No primeiro momento ela não respondeu, mas ficou a abraçar o marido, o rosto escondido no seu ombro, toda colada a ele.

— O doutor Crowther disse que é meningite — murmurou ela por fim.

Às cinco e meia chegou a enfermeira que mrs. Bidlake chamara de manhã por telegrama. Os jornais da noite chegaram pelo mesmo trem; o chofer voltou com uma seleção deles. Na primeira página anunciava-se o descobrimento do cadáver de Everard Webley no seu próprio automóvel. Foi ao velho John

Bidlake, que dormitava apaticamente na biblioteca, que levaram primeiro os jornais. O velho os leu e ficou de tal maneira excitado à notícia da morte de um outro, que esqueceu por completo todas as preocupações relativas à sua. Rejuvenescido, ergueu-se num salto e correu para o vestíbulo acenando com o jornal.

— Philip! — gritou ele com a voz forte e sonora que lhe havia fugido naquelas últimas semanas. — Philip, venha cá imediatamente!

Philip, que acabava de deixar o quarto do doente e se achava parado no

corredor, conversando com mrs. Bidlake, desceu às pressas para ver o que havia. John Bidlake lhe estendeu o jornal com uma expressão quase de triunfo no rosto.

— Leia isto — ordenou ele com um ar de importância.

Quando Elinor soube da notícia, por pouco não desmaiou.

*

— Creio que ele está melhor esta manhã, doutor.

O dr. Crowther apalpou a gravata para verificar se ela estava direita ou não. Era um homem pequeno, ativo, vestido com uma impecabilidade quase

excessiva.

— Mais tranquilo, hein? Dormindo?
— perguntou em estilo telegráfico. Sua conversação reduzia-se ao estritamente indispensável. Era simplesmente compreensível e nada mais. Não desperdiçava energia em pronunciar palavras inúteis. O dr. Crowther falava como são fabricados os automóveis Ford. Elinor votava-lhe uma aversão intensa, mas tinha confiança no homem, precisamente por causa daquelas mesmas qualidades de eficiência viva e de confiança em si mesmo que ela detestava.

— Sim, é isso mesmo — confirmou ela. — Ele está dormindo.

— Natural... — disse o dr. Crowther, fazendo com a cabeça um sinal de aprovação, como se tudo houvesse previsto como de fato havia de ser; porque a moléstia seguia seu curso invariável.

Elinor o acompanhou até o segundo andar.

— É bom sinal? — perguntou ela com uma voz que implorava uma resposta favorável.

O dr. Crowther espichou os lábios para a frente, atirou ligeiramente a

cabeça para um lado e deu de ombros.

— Bem.. — disse ele, sem se comprometer; calou-se. Tinha economizado pelo menos uma caloria de energia abstendo-se de explicar que, na meningite, a fase inicial de excitação é seguida por uma fase de depressão.

O menino passava agora os dias a dormir em uma espécie de estupor, sem sofrer (Elinor deu graças ao céu), mas dando prova, da maneira mais inquietante, de uma falta total de interesse por tudo quanto se passava ao redor, como se não estivesse inteiramente vivo. Quando ele abria os

olhos, Elinor via as suas pupilas tão exageradamente dilatadas que nelas quase não havia mais íris. O olhar azul e malicioso da criança tinha se tornado de um negror inexpressivo. A luz, que o fizera sofrer atrozmente nos primeiros dias da doença, já não o incomodava. Phil não se sobressaltava nem tremia mais a cada ruído. E mesmo parecia não ouvir quando lhe falavam. Dois dias se passaram assim; de súbito, com uma sensação horrível de queda no vácuo, Elinor compreendeu que o filho estava quase completamente surdo.

— Surdo? — repetiu o dr. Crowther

quando a mãe lhe deu conta da descoberta espantosa. — Sintoma comum.

— Mas não se pode fazer nada contra isso? — perguntou Elinor. A armadilha tornava a se fechar sobre ela, a armadilha de que se julgava liberta quando aqueles gritos terríveis haviam se aquietado até o silêncio.

O dr. Crowther balançou a cabeça com energia, mas uma vez somente em cada sentido. Não falou. Uma caloria economizada é uma caloria ganha.

— Mas não podemos deixá-lo surdo assim — disse Elinor quando o médico

partiu, fazendo um apelo ao marido, em uma espécie de desespero incrédulo. — Não podemos deixá-lo assim, surdo! — Ela sabia que Philip não podia fazer nada; e, no entanto, esperava... Percebia o horror, mas recusava-se a acreditar nele.

— Mas se o doutor diz que não se pode fazer nada...

— Mas... surdo? — continuava ela a repetir, em tom interrogador. — Surdo? Phil? Surdo?

— Talvez isso passe por si — sugeriu ele para consolá-la, e ficou a se perguntar, no momento mesmo em que

pronunciava aquelas palavras, se a mulher imaginava ainda que a criança ia sarar.

No dia seguinte, cedo, quando, metida no seu roupão, subiu na ponta dos pés para ouvir a enfermeira fazer-lhe o relatório da noite, Elinor achou o filho já acordado. Tinha ele uma pálpebra escancarada e o olho, toda pupila, olhava verticalmente para o teto; o outro estava semicerrado, numa piscadela permanente que dava ao rostinho fino e descarnado uma horrível expressão de gaiatice.

— Ele não pode abri-lo — explicou

a enfermeira. — O olho está paralisado.

Entre aqueles longos cílios crespos, que tantas vezes ela invejara, Elinor pôde ver que o globo ocular tinha rolado para o canto externo da órbita e olhava esgazeadamente para o lado, com um estrabismo fixo e cego.

*

— Por que diabo — perguntou Cuthbert Arkwright, no tom de alguém que se sente pessoalmente lesado —, por que diabo Quarles não volta para Londres? — Esperava arrancar-lhe um prefácio para a sua nova edição ilustrada dos *Mimos de Herondas*.

A “rusticação” de Philip — explicou

Willie Waever polissilabicamente — não era voluntária.

— O filho está doente — acrescentou, emitindo sua pequena tossezinha de autoaplauso —; ele parece muito relutante, como se diria na Dinamarca, a ausentar-se por mais tempo da bem-aventurança.

— Nesse caso, seria bom que ele se apressasse — resmungou Arkwright. Franziu a sobancelha. — Talvez convenha arranjar um outro para o meu prefácio.

Em Gattenden os dias tinham sido como estágios sucessivos de um sonho

horrendo e incrível. Dois dias depois de ficar surdo, o pequeno Phil cessou igualmente de ver. Os olhos vesgos cegaram por completo. Então, ao cabo de quase uma semana de trégua, houve uma brusca volta da dor dos primeiros dias; o menino se pôs a gritar. Mais tarde foi presa, várias vezes, de violentas convulsões; dir-se-ia que um demônio lhe entrara no corpo e ficara a torturá-lo interiormente. Depois, um lado do rosto e metade do corpo doente foram atacados de paralisia, e a carne começou a se consumir de maneira quase perceptível sobre os ossos, como

cera que se derrete ao calor de um fogo interno e invisível. Presa na armadilha de sua impotência e daquela horrível sensação de culpa que a notícia do assassinato de Everard Webley havia intensificado enormemente, Elinor ficava sentada à cabeceira do filho e observava as fases da moléstia que se sucediam uma à outra — cada qual, parecia-lhe, pior do que a anterior, e ainda mais atrozmente incrível. Sim, incrível. Porque coisas assim não podiam acontecer, não aconteciam. Pelo menos para ela. O filho da gente não podia ficar assim sofrendo torturas e

deformações gratuitas diante de nossos próprios olhos... O homem que nos amava e cujo amor estávamos quase decididas a retribuir (mas, ah!, de que maneira pecaminosa, criminosa e, como o tinham demonstrado os acontecimentos, fatal!) não podia ser súbita e misteriosamente assassinado... Coisas como aquelas simplesmente não podiam acontecer. Eram uma impossibilidade. E mesmo assim, a despeito dessa impossibilidade, Everard estava morto e para o pequeno Phil cada dia reservava um tormento novo e ainda mais cruciante. O impossível se tornava

realidade, como em um pesadelo.

Exteriormente, Elinor andava muito calma, silenciosa e ativa. Quando a enfermeira se queixou de que as refeições que lhe mandavam ao quarto do doente vinham esfriando pelo caminho (não poderiam dar-lhe chá da Índia, em vez do chá da China, que lhe perturbava a digestão?), Elinor mandou buscar Lipton e tomou providências, apesar das objeções apaixonadas de Dobbs, para que o lanche e o jantar da enfermeira daquele momento em diante fossem levados para cima nos pratos aquecidos a água quente que se usavam

na casa para o *breakfast*. Tudo o que o dr. Crowther, em estilo telegráfico, lhe ordenava fazer, ela cumpria pontualmente; tudo, menos prolongar as suas horas de descanso. A própria enfermeira tinha de reconhecer, embora de má vontade, que Elinor fazia as coisas de uma maneira meticulosa e metódica. Mas secundava o médico no convite ao repouso, em parte porque queria ficar reinando sozinha no quarto do doente, sem que ninguém lhe disputasse a realeza, em parte desinteressadamente, para o bem da própria Elinor. Aquela calma, ela bem o

via, era o resultado de um esforço, era a rigidez de uma tensão extrema. Philip e mrs. Bidlake não insistiam menos para que ela repousasse, porém Elinor não os queria ouvir.

— Mas eu estou perfeitamente bem — protestava, negando o testemunho da sua palidez e dos círculos negros que tinha ao redor dos olhos.

Quisera, se fosse humanamente possível, nunca mais comer nem dormir. Com Everard morto e o menino torturado diante de seus olhos, parecia-lhe quase um cinismo comer e dormir. Mas o simples fato de possuir um corpo

é um comentário cínico à alma e a todas as suas normas. É um cinismo, entretanto, que a alma tem de aceitar, goste ou não goste. Elinor ia, pois, deitar-se às onze horas, e descia para as refeições, para que ao menos pudesse ter força para suportar ainda mais desgraças. Sofrer era a única coisa que ela podia fazer; queria sofrer o máximo possível, tanto em quantidade como em intensidade.

— Então, como vai o garoto? — perguntava-lhe o pai quando se viam no jantar. Fazia a pergunta negligentemente, enquanto atacava o seu pedaço de

galinha. E quando Elinor dava qualquer resposta vaga, ele passava depressa para outro assunto.

John Bidlake tinha recusado com obstinação, desde o início da moléstia do neto, aproximar-se-lhe do quarto. Sempre detestara o espetáculo do sofrimento e da doença, de tudo o que lhe podia lembrar a dor e a morte, coisas que ele tão agoniadamente temia para si mesmo. E, no caso presente, o velho tinha um fundamento especial para o seu terror. Porque, com aquele talento de inventor de superstições pessoais que o havia sempre distinguido, chegara

secretamente à conclusão de que sua própria sorte estava ligada à do pequeno. Se este sarasse, ele também sararia. Se não... Uma vez formulada, a superstição não podia mais ser ignorada. “É absurdo”, procurava ele tranquilizar-se, “é completamente insensato, é idiota!” Mas cada boletim desfavorável que vinha do quarto do menino o fazia sentir calafrios. Se ele entrasse naquele compartimento, era quase certo que haveria de descobrir, de um modo absolutamente gratuito, a confirmação horribilíssima de seus pressentimentos. E talvez (quem sabe?) os sofrimentos do

menino, por algum processo misterioso, pudessem passar para o corpo dele. John Bidlake não desejava nem mesmo ouvir falar do garoto. À parte as perguntas formuladas à hora das refeições, não fazia nunca alusão ao neto, e sempre que outra pessoa falava deste, ou o velho mudava o rumo da conversação (tocando ao mesmo tempo em madeira, furtivamente), ou então fugia para onde não pudesse ouvir. Ao cabo de alguns dias, os outros aprenderam a compreender e a respeitar a sua fraqueza. E, levados por esse sentimento que decreta que os

criminosos condenados sejam tratados com uma bondade especial, eles tinham o cuidado de, na presença do velho Bidlake, evitar qualquer alusão ao que se passava lá em cima.

Enquanto isso, Philip, inquieto, errava pela casa. De tempos em tempos subia ao quarto do filho; mas depois de ter feito uma tentativa, sempre improfícua, de persuadir Elinor a deixar o quarto, tornava a descer ao cabo de alguns minutos. Não teria podido suportar aquele ambiente por muito tempo. Estava apavorado diante da inutilidade das vigílias obstinadas de

Elinor; tivera sempre horror a ficar sem fazer nada e, em circunstâncias daquela espécie, um longo período de desocupação mental lhe teria sido uma tortura. Nos intervalos de suas visitas ao quarto do doente ele lia, tentava escrever. Depois, havia aquele caso de Gladys Helmsley para resolver. A doença do pequeno lhe tinha tornado impossível qualquer viagem a Londres, eximindo-o assim da necessidade de ter uma entrevista pessoal com Gladys. Foi a Willie Weaver — Willie, que não só era advogado, mas também o mais leal dos amigos — que Philip delegou a

tarefa de tratar do assunto. E com que intenso alívio! Ficara realmente apavorado à ideia do encontro com Gladys. Willie, pelo contrário, parecia divertir-se com a coisa.

Meu caro Philip (escreveu ele) Tenho feito o possível em prol do autor de seus dias; mas mesmo esse possível promete ser um tanto caro, apesar dos pesares. A dama tem todos os seducentes encantos da juventude (só a etiqueta profissional impediu que eu tentasse por conta própria uma pequena superfetação brincalhona); mas é também mulher de negócios. Ademais,

seus sentimentos com relação a teu velho P. estão saturados de ferocidade. Vejo-me compelido a confessar, após o que dela ouvi, que lhes acho justiça. Sabe onde ele dá de comer às suas beldades? Chez Lyons. O homem deve ser um louco barmecida,^[23] conforme expliquei à jovem dama depois que ela me descreveu esta particularidade. (Desnecessário será dizer que a criatura não compreendeu o aticismo da imagem; de sorte que eu te ofereço esta, à base de uma comissão de cinco por cento sobre todos os direitos de autor correspondentes às vendas de qualquer

obra ou obras na qual ou nas quais
queiras introduzir a supradita imagem.)
Diga a seu venerando que, da próxima
vez, procure gastar um pouquinho mais
nos seus entretenimentos; será
provavelmente mais econômico no final
das contas. Aconselha-o a satisfazer a
gula ao mesmo passo que a lubricidade;
pede-lhe que refreie a economia e a
temperança. Hei de voltar ao ataque
amanhã, esperando poder formular,
preto no branco, os termos do tratado de
paz. Sinto muito em saber que sua
progenitura não vai bem.

Teu W. W.

Philip sorriu ao ler aquela carta e pensou: “Graças a Deus, o caso está ajustado”. Mas a última frase lhe deu vergonha da sua satisfação e da sua sensação de alívio. “Que egoísmo incomensurável!”, pensou ele numa autocensura. E, como para se penitenciar, subiu coxeando até o quarto do doente e sentou-se por um instante ao lado de Elinor. O pequeno Phil jazia num estado de estupor. Seu rosto estava quase irreconhecivelmente descarnado e sumido, o lado paralisado retorcia-se em uma espécie de esgar assimétrico. Suas mãozinhas crispavam-se

continuamente, agarrando as cobertas da cama. Respirava ora muito depressa, ora com tanta lentidão que levava a indagar se respirava ainda.

A enfermeira tinha ido dar um cochilo; porque suas noites eram passadas metade em claro. Os pais se deixaram ficar ali sentados em silêncio. Philip tomou da mão da mulher e a reteve na sua. Medido por aquela leve respiração irregular que vinha do leito, o tempo passava lentamente.

No jardim, John Bidlake pintava — a mulher conseguira enfim que ele fizesse uma experiência, pela primeira

vez depois de sua chegada a Gattenden. E pela primeira vez, esquecendo-se de si mesmo e de sua moléstia, o pintor se sentia feliz. “Que encantamento!”, pensava ele. A paisagem era toda curva, bojos e concavidades arredondados, como um corpo humano. O absurdo, bom Deus, o absurdo! As nuvens eram traseiros de querubins; aquela colina lisa era um ventre glauco de nereida; a “Poncheira” de Gattenden era um enorme umbigo; cada um daqueles elmos no plano médio era um grande Sileno pançudo, recém-saído de um Jordaens; e aquelas absurdas moitas arredondadas

de samambaias no primeiro plano eram as tetas múltiplas de uma Diana verde de Éfeso. Postas inteiras de anatomia em folhagem, em bruma e em terra túrgida. Maravilhoso! E santo Deus, o que se podia tirar daquilo! Aquelas nádegas de serafins deviam ser os reflexos celestes das tetas de Diana; um só tema absurdo, com variações; as nádegas inclinadas para o lado de fora, atravessando obliquamente a tela na direção da superfície do quadro; os seios, inclinados para o centro e obliquando rumo do interior. E o ventre polido seria uma reconciliação transversal e

horizontal dos dois movimentos diagonais, com os grandes Silenos, dispostos diante dele em um ziguezague leve. E no primeiro plano, à esquerda, ficaria o contorno silhuetado da sequoia gigante transplantada para aquele lugar pela imaginação, a fim de fazer cessar os movimentos e impedi-los de correr para fora da tela; e o grifo de pedra estaria muito bem à direita — porque aquela era uma composição fechada, um pequeno universo, com limites além dos quais a imaginação não tinha permissão de se aventurar. E o olho devia contemplá-la como que por meio de um

túnel imaginário, sem poder se afastar do ponto focal, centro do vasto umbigo da “Poncheira” de Gattenden, em torno da qual todos os outros fragmentos de anatomia divina seriam harmoniosamente agrupados. “Por Deus!”, disse John Bidlake para si mesmo, blasfemando em voz alta de pura satisfação espiritual. — Por Deus! — E se pôs a pintar com uma espécie de fúria.

Errando pelo jardim, na sua cruzada sem fim contra as ervas daninhas, mrs. Bidlake parou um instante atrás dele e olhou por cima de seu ombro.

— Admirável — disse ela; e este comentário se aplicava tanto à atividade mesma do marido como a seus resultados pictóricos.

Afastou-se e, tendo arrancado um dente-de-leão, deteve-se e pôs-se, com os olhos fechados, a repetir o seu nome: “Janet Bidlake, Janet Bidlake, Janet Bidlake”, indefinidamente, até que as sílabas tivessem perdido todo significado para ela e se tornassem tão misteriosas, tão vazias de sentido e tão arbitrárias como as palavras do sortilégio de um necromante... Abracadabra, Janet Bidlake, seria ela

realmente? Ela existia mesmo? E as árvores? E as pessoas? Aquele momento e o passado? E tudo...?

Enquanto isso, no quarto do menino, havia acontecido uma coisa extraordinária. De repente, sem aviso prévio, o pequeno Phil abriu os olhos e olhou ao redor. Seu olhar encontrou o da mãe. Tanto quanto lhe permitia o rosto retorcido, o menino sorriu.

— Mas ele enxerga! — gritou Elinor. E, ajoelhando-se ao pé do leito, envolveu o filho com os braços e começou a beijá-lo com um amor que era avivado por um acesso de gratidão

apaixonada. Após tantos dias de estrabismo cego, ela lhe ficava agradecida, profundamente agradecida, por aquele olhar de inteligência, que tinha respondido ao seu, por aquela pobre tentativa crispada de sorriso. — Meu querido! — repetia Elinor; e pela primeira vez, depois de muitos dias, desatou a chorar. Voltou o rosto, a fim de que o filho não lhe visse as lágrimas, ergueu-se e afastou-se da cama. — Que tolice, a minha! — disse ao marido à guisa de desculpa, enquanto enxugava os olhos. — Mas não posso evitar...

— Estou com fome — falou de

súbito o pequeno Phil.

Elinor de novo se ajoelhou ao pé do leito.

— O que é que você quer comer, meu querido?

Mas o pequeno não ouviu a pergunta.

— Estou com fome — repetiu.

— Está surdo ainda — disse Philip.

— Mas enxerga, fala! — Elinor tinha o rosto transfigurado. Estivera convencida todo o tempo, a despeito de tudo, que era impossível que o filho não sarasse. Absolutamente impossível. E agora iam ver que ela tinha razão... — Fica quietinho. Vou correndo buscar um

pouco de leite. — E precipitou-se para fora do quarto.

Philip ficou ao lado da cama. Acariciou a mão do filho e sorriu. O menino sorriu em retribuição. E o romancista começava a crer também que se podia produzir um milagre.

— Desenhe pra mim alguma coisa...
— pediu o pequeno.

Philip tirou a caneta-tinteiro do bolso e, nas costas de uma carta velha, rabiscou uma dessas paisagens cheias de elefantes e de dirigíveis, de trens, de porcos que voam e de barcos a vapor, coisas pelas quais o filho tinha um fraco

particular. Um elefante colidiu um trem. Debilmente, mas com uma alegria manifesta, o pequeno Phil começou a rir. Não podia haver dúvida, o milagre tinha efetivamente se operado.

Elinor voltou com leite e um prato de geleia. Tinha as faces rosadas, os olhos lhe brilhavam, e o rosto que, durante os últimos dias, andara sempre contraído numa expressão fixa de rigidez, havia recobrado em um momento toda a sua mobilidade de expressão. Dir-se-ia que ela acabava de ressuscitar.

— Vem olhar os elefantes — disse o

pequeno Phil. — Tão engraçado! — E entre cada gole de leite, cada colherada de geleia, Philip tinha de mostrar-lhe as últimas adições à sua paisagem povoadíssima: — baleias no mar, mergulhadores beliscados por lagostas, dois submarinos em combate e um hipopótamo em um balão; um vulcão em erupção, canhões, um farol e todo um exército de porcos.

— Por que você não diz nada? — perguntou subitamente o pequeno.

Marido e mulher se entreolharam.

— Ele não nos pode ouvir — disse Philip.

A expressão de felicidade de Elinor se nublou por um instante.

— Talvez amanhã — disse ela. — Se a cegueira desapareceu hoje, por que não há de desaparecer também a surdez amanhã?

— Por que estão cochichando? — perguntou o pequeno.

A única resposta que Elinor pôde dar foi beijá-lo e acariciar-lhe a testa.

— Não devemos cansá-lo — disse por fim Elinor. — Acho bom ele dormir.

Bateu no travesseiro do doente, alisou as cobertas e inclinou-se sobre ele.

— Até logo, meu queridinho!

O pequeno Phil pôde responder pelo menos ao seu sorriso.

Elinor puxou as cortinas, e ambos saíram nas pontas dos pés. No corredor ela se voltou e esperou que o marido viesse. Philip enlaçou-a com o braço e Elinor se encostou nele, soltando um grande suspiro.

— Eu estava começando a ficar com medo — confessou — de que o pesadelo durasse para sempre. Até o fim.

Naquele dia o almoço foi como um festival de ressurreição, um sacramento

da Páscoa. Elinor tinha degelado, era de novo uma mulher de carne e não de pedra. E a pobre Miss Fulkes, em quem os sintomas de abatimento tinham sido idênticos aos de um resfriado mui violento acompanhado de uma erupção de espinhas, retomou uma aparência quase humana e foi movida a um riso histérico pelas brincadeiras e anedotas do também ressuscitado John Bidlake. O velho entrara esfregando as mãos.

— Que paisagem! — exclamou ele, sentando-se à mesa. — Tão succulenta, tão sumarenta, não sei se compreendem o que quero dizer, tão carnuda... não há

outra palavra. Só de olhar nos vem água à boca. É talvez por isso que trago uma fome de lobo.

— Aqui está o seu caldo — disse-lhe a mulher.

— Mas não pode esperar que eu pinte toda a manhã ingerindo apenas estas águas de lavagem... — E, a despeito dos protestos, o pintor insistiu em comer um pedaço de carne.

A notícia de que o pequeno Phil ia melhor aumentou-lhe a satisfação. (John Bidlake tocou em madeira três vezes, com as duas mãos ao mesmo tempo.) De resto, para falar a verdade, ele gostava

muito do neto. Começou a conversar, e foi o velho Bidlake gargantuesco quem falou. Miss Fulkes riu tão violentamente de uma das anedotas sobre Whistler que se engasgou e foi obrigada a esconder o rosto no guardanapo. Até na vaga benevolência do sorriso de mrs. Bidlake havia a sugestão de qualquer coisa que se assemelhava à hilaridade.

Perto das três horas John Bidlake começou a sentir um mal-estar que lhe era familiar, mas que se tornava, pouco a pouco, cada vez mais agudo, na região do diafragma. Foi sacudido por soluços espasmódicos. Tentou continuar seu

quadro; mas todo o prazer que ele tinha sentido no trabalho se evaporara. As tetas de Diana e os traseiros de anjos tinham perdido todo o encanto para ele. “Uma ligeira obstrução no piloro...” As frases médicas de sir Herbert lhe voltaram à memória. “O conteúdo do estômago... Uma certa dificuldade em passar para o duodeno...” Depois de um soluço mais violento que os outros, ele largou dos pincéis e tornou a entrar em casa para se deitar.

— Onde está papai? — perguntou Elinor quando desceu para o chá.

Mrs. Bidlake balançou a cabeça.

— Ele não está se sentindo muito bem outra vez.

— Oh!

Houve um silêncio, e foi como se, de repente, a morte se achasse ali no quarto com eles. “Mas, no fim das contas”, refletiu Elinor, “ele era velho; aquilo era inevitável.” O pai podia estar pior, mas o pequeno Phil estava melhor; e era isso a única coisa que importava verdadeiramente. Começou a falar com a mãe a respeito do jardim. Philip acendeu um cigarro.

Bateram à porta. Era a criada de quarto, que vinha da parte da

enfermeira; que o senhor e a senhora fizessem o favor de subir imediatamente.

As convulsões tinham sido muito violentas; o corpo gasto se encontrava sem forças. Quando eles entraram no quarto, o pequeno Phil estava morto.

Capítulo XXXVI

O MISTÉRIO WEBLEY, como os jornais o batizaram sem perder um momento, era completo. Não havia nenhum indício. Na sede dos Ingleses Livres ninguém sabia de nada. Webley tinha saído à hora habitual, tinha tomado seu meio de locomoção habitual. Como não tinha o costume de falar aos subordinados sobre os seus assuntos pessoais, não dissera a ninguém aonde ia. E, fora do escritório, ninguém havia observado o carro a partir do momento em que Webley despachara o chofer até aquele em que o agente de polícia de Saint James Square

começara a perguntar consigo, lá pela meia-noite, quanto tempo ainda o automóvel ia ficar estacionado ali. Ninguém tinha notado o veículo quando ele parou naquele ponto, ninguém havia observado o condutor quando ele deixou o carro. As únicas impressões digitais sobre o esmalte da carroceria e no volante eram as do morto. A pessoa que tinha conduzido o veículo depois do crime trazia evidentemente luvas. Não, não havia nenhum indício. Faltavam indícios diretos. A polícia fazia o que podia com os indiretos. O fato de não ter havido roubo parecia indicar

manifestamente o móvel político do crime. Nos arquivos dos Ingleses Livres conservava-se toda uma coleção de cartas ameaçadoras. Webley recebia duas ou três por semana. “São a minha leitura favorita...”, gostava ele de dizer. Procuraram-se os autores. Dois judeus russos de Houndsditch, um datilógrafo de Nottingham e um jovem e ardente estudante de Balliol foram identificados como autores das cartas mais ameaçadoras, e presos; mas as prisões tiveram de ser relaxadas quase imediatamente. Os dias passaram. Os assassinos permaneciam em liberdade.

Não se permitiu que o interesse público em torno do crime diminuísse. A imprensa conservadora afirmava abertamente que o governo liberal-trabalhista tinha dado instruções à polícia para que o caso não fosse examinado demasiadamente de perto. “ACOBERTANDO OS ASSASSINOS.” “OS SOCIALISTAS TEMEM A LUZ”— “A POLÍTICA DIANTE DOS DEZ MANDAMENTOS”. Os cabeçalhos eram fortes, vivos. Aquele crime era uma dádiva do céu para a oposição. O *Daily Mail* ofereceu uma recompensa de dez mil libras a quem desse informações que levassem à

prisão dos assassinos de Webley. Enquanto isso, os Ingleses Livres viam o seu efetivo quase duplicado numa semana. “VOCÊ ESTÁ DO LADO DO ASSASSÍNIO? SE NÃO, ADERE AOS INGLESES LIVRES”— berravam os cartazes em todos os tapumes de construção. Tropas de Ingleses Livres, uniformizadas ou em traje civil, percorriam as ruas de Londres, recrutando, fazendo demonstrações patrióticas e trabalho de detetives amadores. Aproveitaram também a oportunidade para espancar certo número de pessoas de cujas opiniões discordavam. Em Tottenham e

em East Ham travaram batalhas campais com multidões hostis e feriram numerosos agentes de polícia. Nas exéquias de Everard Webley, uma procissão verde de cinco quilômetros de comprimento seguiu o esquife até a sepultura.

Spandrell lia todos os jornais, todas as manhãs. Os diários o divertiam. Que farsa! Que comédia de pancadaria! Que idiotice incomparável! Mandou a Illidge, que tinha ido passar algum tempo com sua mãe, em Lancashire, um cartão-postal ilustrado em que se via Everard fardado em cima de seu cavalo

branco; as lojas estavam cheias de cartões idênticos; vendedores ambulantes ofereciam-nos nas ruas.

“O leão morto está com jeito de causar mais danos do que o cão vivo”, escreveu ele nas costas do cartão. “Deus sempre foi um brincalhão.”

A melhor brincadeira de Deus, na sua opinião pessoal, era a de não existir. Simplesmente não existir. Nem Deus nem o diabo. Porque, se o diabo existisse, Deus também existiria. A única coisa que existia era a recordação de uma estupidez sórdida e repugnante, e agora uma formidável comédia de

pancadaria. A princípio, uma coisa para a lata do lixo e depois uma farsa. Mas talvez o diabo fosse na verdade aquilo mesmo: o espírito das latas de lixo. E Deus? Deus, naquele caso, seria simplesmente a ausência de latas de lixo.

“Deus não está à parte, não está acima, não está fora.” Spandrell se lembrou de que Rampion tinha dito isso um dia. “Pelo menos nenhum aspecto humanamente importante ou consequente de Deus está acima ou fora de nós. Deus não está também dentro de nós, no sentido que os protestantes atribuem a

essa expressão — escondido em lugar seguro na nossa imaginação, nos nossos sentimentos e no nosso intelecto, na nossa alma. Deus está em nós, naturalmente, como está em muitos outros lugares. Mas ele está em nós no mesmo sentido que um pedaço de pão está em nós quando o comemos. Deus está no nosso corpo mesmo, no nosso sangue e nos nossos intestinos, no nosso coração, na nossa pele, nos nossos rins. Deus é a resultante total, espiritual e física, de todo pensamento, de toda ação que signifique vida, de toda relação vital com o mundo. Deus é uma

qualidade de nossas ações e de nossas relações, uma qualidade sentida, experimentada. Pelo menos ele é isso em tudo o que nos diz respeito, a nós e às nossas vidas. Porque, naturalmente, no que diz respeito à sabedoria e à especulação, ele pode ser do mesmo modo dúzias de outras coisas. Pode ser uma Rocha das Idades; pode ser o Jeová do Velho Testamento, pode ser tudo o que se quiser. Mas que relação tem ele conosco, seres vivos corporais? Nenhuma — pelo menos nenhuma que não seja prejudicial. Desde o instante em que permitimos que a verdade

especulativa tomasse, como guia da vida, o lugar da verdade instintivamente sentida, condenamos todas as coisas à ruína.”

Spandrell lançara o seu protesto. Os homens devem ter absolutos, devem ter, para sua orientação, sinais exteriores fixos. “A música existe”, dissera ele em conclusão, “ainda que você pessoalmente não tenha ouvido musical. Somos obrigados a admitir a existência dela, de uma maneira absoluta, distinta da nossa capacidade pessoal de escutá-la e apreciá-la.”

— Especulativamente, em teoria, é

assim. Aceita-o até o ponto que te aprovar. Mas não permita que o seu conhecimento teórico influencie a sua vida prática. De uma maneira abstrata sabe que a música existe e que é bela; mas não parta daí para fingir, ao escutar Mozart, que você está em um arrebatamento que não sente. Se procede assim, você se transforma em um desses esnobes musicais idiotas que se encontram na casa de lady Edward Tantamount. Incapazes de distinguir Bach de Wagner, mas babando-se de êxtase quando os violinos se fazem ouvir. O mesmo se passa exatamente

com Deus. O mundo está cheio de esnobes religiosos perfeitamente ridículos. Pessoas que não estão verdadeiramente vivas, que nunca praticaram um ato verdadeiramente vital, que não têm relação viva com coisa alguma; criaturas que não têm o menor conhecimento pessoal ou prático do que é Deus. Mas andam pelas igrejas, rosnam as suas orações, pervertem e destroem a totalidade de sua existência sem brilho, agindo de acordo com a vontade de uma abstração arbitrariamente imaginada a que resolveram dar o nome de Deus. São tão

grotescos e desprezíveis como os esnobes musicais da casa de lady Edward. Mas ninguém tem o bom senso de lhes dizer isso. Os esnobes de Deus são admirados porque são tão bons, tão piedosos, tão cristãos... No entanto, não passam de criaturas mortas, simplesmente mortas. Mereciam levar uns bons pontapés no traseiro e uns puxões de orelhas, para se alertarem e voltarem à vida.

Spandrell relembrava agora o diálogo, enquanto escrevia o endereço no cartão-postal que ia mandar a Illidge. Deus não existia, o diabo não existia; o

que havia era apenas a recordação de uma farsa miserável no meio de latas de lixo, de um episódio das infectas atividades de um escaravelho bosteiro. Um esnobe de Deus, eis como Rampion lhe chamaria... Um homem que se portava como um escaravelho bosteiro, à procura de um Deus que não existia. Mas não, não, Deus existia exteriormente, absoluto. Sem isso, como explicar a providência e o destino? Deus existia, mas escondido. Escondia-se de propósito. Tratava-se unicamente de forçá-lo a sair de seu covil, de seu covil abstrato e absoluto, de compeli-lo

a encarnar-se como uma qualidade sentida e experimentada das ações pessoais. Era o caso de arrancá-lo violentamente do “fora” e do acima e trazê-lo para “dentro”. Mas Deus era um trocista. Spandrell o havia conjurado com violência a aparecer; e do vapor sangrento do sacrifício, magicamente, tinha saído apenas uma lata de lixo. Mas o malogro mesmo da encantação havia sido uma prova de que Deus lá estava, de que Deus existia, *fora*. Nada acontece a um homem que não seja semelhante a esse homem. Lata de lixo para lata de lixo; estrume para estrume.

Ele fora malsucedido no tentar fazer com que Deus passasse de fora para dentro. Mas o aparecimento da lata de lixo confirmara a realidade de Deus como uma providência; de Deus como um destino; de Deus como dispensador ou como detentor avarento da graça; de Deus como salvador ou destruidor predestinado. A sua sorte predestinada tinha sido aquela — latas de lixo... Dando-lhe latas de lixo mais uma vez ainda, o galhofeiro providencial se mostrava apenas coerente consigo mesmo.

Um dia, na London Library,

Spandrell encontrou Philip Quarles.

— Senti muito ao saber da notícia a respeito de teu filho — disse ele. Philip resmungou algumas palavras, dando a impressão de que sentia um leve mal-estar, como um homem que se acha metido em uma situação embaraçosa. Era-lhe intolerável que um terceiro se inclinasse sobre sua dor — dor pessoal, secreta, sagrada. Era-lhe doloroso expô-la. Dava-lhe vergonha.

— Foi um horror particularmente gratuito — comentou ele, para levar a conversação do que ela tinha de particular e de pessoal, para o domínio

do geral.

— Todos os horrores são gratuitos — volveu Spandrell. — E Elinor, como vai suportando o golpe?

A pergunta era direta, Philip tinha de lhe dar resposta.

— Mal — disse balançando a cabeça. — Está profundamente abatida. “Por que”, refletiu ele, “por que a sua voz tinha um som tão irreal e, de certo modo, tão vazio?”

— O que você vai fazer agora?

— Partimos para o estrangeiro dentro de alguns dias, se Elinor se julgar capaz de suportar a viagem. Pensei em

Siena. E depois iremos talvez para a beira do mar, em qualquer parte da Maremma. — Era-lhe um alívio poder entrar assim nesses detalhes geográficos.

— Você renunciou definitivamente a esta vida doméstica inglesa, hein? — disse Spandrell ao cabo de pequeno silêncio.

— A razão de ser disso já desapareceu.

Spandrell balançou lentamente a cabeça.

— Você se lembra da conversação que tivemos no clube, com Illidge e

Walter Bidlake? Nunca acontece nada a um homem que não seja semelhante a esse homem. Morar no campo, na Inglaterra, não era coisa que se parecesse com você. Não se realizou. Foi impedida. Com que crueldade, santo Deus! Mas a providência lança mão de todos os meios, tanto dos justos como dos injustos... Viajar, não se fixar de maneira estabelecida, ser espectador, eis a sua feição. E é constrangido a agir à sua semelhança. — Houve um silêncio. — E viver em uma espécie de monturo — acrescentou Spandrell —, eis o meu gênero. Por mais que faça, por

mais que tente fugir, continuo sempre no monturo. Acho que sempre hei de continuar...

“Sim, sempre”, continuou ele a pensar. “Tinha jogado a última cartada e perdera. Não, não fora a última cartada; porque havia ainda uma outra... Fora a penúltima. Perderia também a derradeira?”

Capítulo XXXVII SPANDRELL

INSISTIU MUITÍSSIMO para que
eles **fossem à sua casa sem
demora. O *Heiliger***

*Dankgesang eines Genesenen
an die Gottheit, in der
lydischen Tonart*

**simplesmente não podia
deixar de ser ouvido.**

— Não se pode compreender coisa
alguma antes de o ter ouvido —
declarou Maurice. — Ele prova todas as
espécies de coisas, Deus, a alma, a

bondade, e de maneira irrefutável. É a única prova verdadeira que existe; a única, porque Beethoven foi o único homem que soube dar expressão ao seu conhecimento. Vocês têm mesmo de ir.

— De muito boa vontade — disse Rampion —, mas...

Spandrell lhe cortou a palavra.

— Ouvi dizer ontem, por acaso, que o quarteto em lá menor existia em gravação. Fui correndo comprar um aparelho e os discos, expressamente para você.

— Para mim? Mas por que essa generosidade?

— Não é generosidade — respondeu Spandrell rindo. — É egoísmo. Quero que vocês ouçam e que confirmem a minha opinião.

— Mas por quê?

— Porque tenho confiança em vocês, e se vocês confirmarem, hei de ter confiança em mim mesmo.

— Que homem! — zombou Rampion. — Você devia entrar na Igreja de Roma e tomar um confessor.

— Mas vocês não podem deixar de ir!

Spandrell falava com um ardor sério.

— Mas não agora — disse Mary.

— Não hoje — repetiu o marido —, perguntando a si mesmo, enquanto falava, por que Spandrell mostrava uma insistência tão estranha. Que havia, pois? Aquela maneira de se mover e de falar, aquele olhar, aquela excitação... — Tenho inúmeras coisas a fazer esta tarde.

— Amanhã, então.

“Parece até que está embriagado”, pensava Rampion.

— Por que não depois de amanhã? — disse depois, em voz alta. — Seria muito mais fácil para mim. E a máquina

não baterá asas até lá...

Spandrell emitiu o seu riso afônico.

— A máquina não... mas *eu* sim... Talvez já me tenha ido depois de amanhã...

— Mas você não nos disse que ia viajar — estranhou Mary. — Aonde vai?

— Quem sabe? — respondeu Spandrell, rindo de novo. — Eu só sei que não estarei mais aqui...

— Está bem — disse Rampion, que o havia observado com curiosidade. — Eu vou amanhã.

E continuou a pensar: “Por que

estará ele tão teatral?”.

Spandrell partiu.

— Que haverá de anormal com ele?
— perguntou Rampion quando o outro desapareceu.

— Não lhe notei nada de particularmente anormal — respondeu Mary.

Rampion teve um gesto de impaciência.

— Ora, você... você não daria nem pelo Juízo Final! Não viu que Spandrell estava excitado e fazia o possível para se conter? Como quem segura a tampa de uma panela d'água em ebulição... E

aquela maneira melodramática de rir!
Tal qual o cínico consciente das peças
de teatro...

— Mas ele estava representando? —
inquiriu Mary. — Estava a fazer-se de
bobo para nos divertir?

— Não, não. Fazia tudo aquilo com
absoluta sinceridade. Mas quando nos
achamos na situação autêntica do vilão
consciente de um melodrama, acabamos
inevitavelmente por nos portar como
vilões conscientes. Representamos um
papel, a despeito de nós mesmos.

— Mas por que fazia ele esse papel?

— Como diabo quer você que eu

saiba? — disse Rampion com impaciência. Mary esperava sempre que o marido soubesse tudo, por alguma intuição misteriosa e mágica. Aquela fé que ela tinha em Mark o divertia e o lisonjeava por vezes, mas em outros momentos também o irritava. — Você me toma pelo padre confessor de Spandrell?

— Não há razão para você se zangar...

— Pelo contrário, não há quase nada que não possa dar motivo à cólera. Se nos contemos é porque a metade do tempo vivemos de olhos fechados, meio

adormecidos. Se estivéssemos sempre acordados, meu Deus! Não ficaria muita louça intata! — E, dizendo isso, se foi com dignidade para o seu estúdio.

Deixando Chelsea, Spandrell rumou a pé para o lado de leste, ao longo do Tâmis, caminhando devagar e assobiando para si mesmo, de quando em quando, as primeiras frases da melodia lídia do *Heiliger Dankgesang*. E continuava a assobiar mais e mais... O rio se estendia a perder de vista, fundindo-se, longe na bruma seca. A música era como água numa terra ressequida. Depois de tantos dias de

estiagem, uma fonte, uma vertente! Um carro de irrigação passou estrondeando, arrastando a cauda de seu aguaceiro artificial. Sentiu-se um cheiro de terra molhada. Aquela música era uma prova, como ele havia dito a Rampion. Na sarjeta uma pequena torrente impelia rápida, para o esgoto, um invólucro de cigarros todo amarrotado e um pedaço de casca de laranja. Spandrell parou de assobiar. O horror essencial... O mesmo que carregar lixo; era o que aquilo tinha sido. Uma coisa simplesmente suja e desagradável, como limpar uma latrina. Uma coisa que não chegava a ser tão

terrível quanto era estúpida, indescritivelmente estúpida. A música era uma prova: Deus existia. Mas somente enquanto os violinos estavam tocando. Uma vez suspensos os arcos das cordas, que acontecia? O lixo, a estupidez, a aridez impiedosa!

Em Vauxhall Bridge Road, Spandrell comprou por um xelim um maço de papéis de cartas e envelopes. Pelo preço de uma xícara de café e de um brioche, alugou uma mesa em uma casa de chá. Escreveu com um toco de lápis: “Ao secretário geral da Confraria dos Ingleses Livres. — Senhor, amanhã,

quarta-feira, às cinco horas da tarde, o assassino de Everard Webley se encontrará no número 37 da Catskill Street, S. W. 7. O apartamento fica no segundo andar. O homem provavelmente virá abrir a porta em pessoa. Estará armado e disposto a tudo”.

Releu a carta; ela lhe lembrou as comunicações (escritas com tinta vermelha, para simular sangue, e sob a influência das histórias em séries dos semanários infantis, *Chums* e *B. O. P.*) com as quais, em colaboração com o Pokinghorne Caçula, ele esperara, à idade de nove anos, causar sobressalto e

terror a Miss Veal, a ecônoma da escola preparatória que ambos frequentavam então. Tinham sido descobertos e denunciados ao diretor. O velho Nariguete deu em cada um deles três varadas nas nádegas. “Ele está armado e disposto a tudo.” Aquilo era puro Pokinghorne. Mas se ele não se expressasse assim, os homens de Webley não trariam revólveres. E então, a coisa não aconteceria. Nada aconteceria. Que o bilhete fosse assim mesmo... Spandrell dobrou o papel e o colocou dentro de um envelope. Havia uma tolice essencial, bem como uma

vilania e uma estupidez essenciais. Rabiscou o endereço.

— Bem, cá estamos — disse Rampion, quando Spandrell abriu a porta para o casal na tarde do dia seguinte. — Onde está Beethoven? Onde está a famosa prova da existência de Deus e da superioridade da moral de Jesus?

— Por aqui... — Spandrell guiou-os até a sala de estar. O gramofone se achava sobre a mesa. Quatro ou cinco discos estavam espalhados ao lado dele. — Aqui está o início do movimento lento — continuou Spandrell, apanhando

um deles. — Não quero aborrecer vocês com o resto do quarteto. É magnífico. Mas o *Heiliger Dankgesang* é a parte decisiva. — Pôs a máquina em movimento, o disco girou; Spandrell abaixou a agulha sobre a superfície estriada. Um violino isolado emitiu uma nota longa, depois mais outra, uma sexta acima; caiu para a quinta (enquanto o segundo violino começava onde tinha partido o primeiro), depois saltou para a oitava, e ficou pendurado nela, suspenso durante dois longos compassos.

Mais de cem anos atrás Beethoven, surdo como uma porta, tinha ouvido a

música imaginária de instrumentos de corda que exprimiam os seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Traçara sinais com tinta em papel pautado. Um século mais tarde, quatro húngaros haviam tocado, diante da reprodução impressa das garatujas de Beethoven, aquela música que Beethoven nunca ouvira, a não ser em imaginação. Ranhuras em espiral sobre uma superfície de goma-laca se lembravam agora do que eles haviam tocado. Aquela memória artificial girava, uma agulha viajava pelas ranhuras e, por entre o chiado leve e os

roncos abafados que imitavam os ruídos da surdez mesma de Beethoven, os símbolos perceptíveis das convicções e emoções de Beethoven vibraram no ar. Lentamente, lentamente, a melodia se desenrolou. As arcaicas harmonias lídias ficaram suspensas no ar. Era uma música sem paixão, transparente, pura e cristalina, como um mar tropical, como um lago alpino. Água sobre a água, calma deslizando sobre calma; um acordo de horizontes unidos e de espaços sem ondulações; um contraponto de serenidade. E tudo era claro e brilhante; nada de brumas, nada

de crepúsculos vagos. Era a calma de contemplação tranquila e extática, e não do torpor e do sono. Era a serenidade do convalescente que acorda da sua febre e se descobre a renascer em um reino de beleza. Mas a febre era “aquela febre que se chama vida”, e o renascimento não ocorria dentro deste mundo; aquela beleza era extraterrena; a serenidade convalescente era a paz de Deus. O entrelaçamento de melodias lídias era o céu.

Trinta compassos lentos tinham construído o céu, quando o caráter da música se modificou de súbito. Depois

de ter sido remotamente arcaica, tornou-se moderna. As harmonias lídias foram substituídas pelas do tom maior correspondente. O ritmo se fez mais rápido. Uma nova melodia pulou, saltou, mas por cima das montanhas terrestres, não no meio das montanhas do paraíso.

— *Neue Kraft fuhlend* — cochichou Spandrell, lendo a partitura. — Ele está se sentindo mais forte; mas não é já tão celestial.

A nova melodia continuou a saltar durante uns cinquenta compassos e expirou num chiado. Spandrell ergueu a agulha e fez parar o prato do aparelho.

— O motivo lídio começa de novo no outro lado — explicou ele, enquanto dava mais corda ao gramofone. — E depois há um retorno da maneira mais viva em lá maior. A partir daí, a coisa segue no modo lídio até o fim, e vai ficando cada vez mais e mais bonita. Você não acha isto maravilhoso? — Spandrell voltou-se para Rampion. — Não é uma prova?

O outro meneou a cabeça.

— Maravilhoso. Mas a única coisa que isso prova, pelo menos segundo percebo, é que os doentes costumam ficar muito fracos. É a arte de um

homem que perdeu o corpo.

— Mas que descobriu a alma.

— Oh, eu garanto que os homens doentes são muito espiritualistas. Mas isso é porque eles não são integralmente homens. Os eunucos são amantes muito espirituais pela mesma razão.

— Mas Beethoven não era um eunuco.

— Eu sei. Mas por que então procurou ser eunuco? Por que fez da castração e da ausência do corpo o seu ideal? O que é esta música? Apenas um hino de louvor ao eunuquismo. Muito bela, reconheço. Mas ele não teria

podido escolher alguma coisa mais humana do que a castração para celebrar no seu canto?

Spandrell suspirou.

— Para mim é a visão da beatitude, é o céu.

— Não é da terra. Eis precisamente de que me queixo.

— Mas um homem não pode então imaginar o céu, se isso lhe apraz? — perguntou Mary.

— Certamente, desde que não pretenda que sua imaginação seja a última palavra da verdade, da beleza, da sabedoria, da virtude e de todo o resto...

Spandrell quer fazer-nos aceitar o eunuquismo incorpóreo como última palavra. Não caio nessa. Absolutamente, não caio nessa.

— Escuta então o movimento antes de julgar.

Spandrell fez girar o disco e abaixou a agulha. O céu claro da música lídia vibrou no ar.

— Lindo, lindo! — disse Rampion, quando o disco findou. — Você tem razão. É realmente o céu; é bem a vida da alma. É a mais perfeita abstração da realidade que já encontrei. Mas por que quis ele fazer essa abstração? Por que

não se contentou com ser um homem, e não uma alma abstrata? Por que, por quê? — Pôs-se a caminhar de um lado para outro no quarto. Essa maldita alma — continuou ele —, essa maldita alma abstrata, dir-se-ia uma espécie de cancro que devora a realidade verdadeira, humana, natural, um cancro que se alastra sempre e sempre à custa dela. Por que não se pôde contentar com a realidade, esse velho imbecil do seu Beethoven? Por que sentiu a necessidade de substituir a coisa verdadeira, quente, natural, por esse cancro abstrato da alma? Pode ser que o

cancro tenha uma forma muito bonita, mas, no fim das contas, com mil demônios!, o corpo é mais belo! Não quero saber do teu cancro espiritual.

— Não discutirei com você — disse Spandrell. Sentiu-se de repente muito cansado e deprimido. Sua tentativa falhara. Rampion recusara deixar-se convencer. A prova não era então uma prova, no fim das contas? Aquela música não se referia então a nada, a nada que estivesse fora dela mesma e das idiossincrasias de seu inventor? Spandrell olhou para o relógio; eram quase cinco horas. — Escuta pelo menos

o fim do movimento — pediu ele. — É a melhor parte. — Deu corda ao gramofone. “Mesmo que isto seja desprovido de significação”, pensou ele, “é bonito enquanto dura. E talvez não seja destituído de sentido. No fim das contas, Rampion não é infalível.” — Escutem...

A música recomeçou. Mas qualquer coisa de novo e de maravilhoso havia se passado no céu lídio. Redobrara a rapidez da melodia lenta; os contornos se lhe tinham tornado mais nítidos e mais definidos; uma parte interna voltava a repisar com insistência uma

frase palpitante. Dir-se-ia que o céu se tornara de súbito, impossivelmente mais celeste, passando da perfeição realizada para uma perfeição ainda mais profunda e mais absoluta. A paz inefável persistia; mas não era a paz da convalescença e da passividade. Ela vibrava, era viva, parecia crescer e intensificar-se, transformava-se numa calma ativa, numa serenidade quase apaixonada. O paradoxo milagroso da vida exterior e do repouso eterno estava musicalmente realizado.

Eles escutavam, quase retendo a respiração. Spandrell contemplou o seu

convidado com um ar de triunfo. Suas dúvidas haviam se dissipado. Como se podia deixar de crer em uma coisa que existia, que existia manifestamente? Mark Rampion inclinou a cabeça.

— Sim, você quase chega a me convencer — murmurou ele. — Mas isto é bom demais...

— Como pode uma coisa ser boa demais?

— Quando não é humana. Se ela durasse, cessaríamos de ser homens. Morreríamos.

Calaram-se de novo. A música continuava, levando de um céu para

outro, da felicidade para a felicidade mais profunda. Spandrell suspirou e fechou os olhos. Seu rosto estava grave e sereno, como se tivesse sido alisado pelo sono ou pela morte. “Sim, morto”, pensou Rampion, olhando para ele. “Spandrell se recusa a ser homem. Não é um homem, mas sim um demônio ou um anjo morto. Agora está morto.” Uma suspeita de dissonância nas harmonias lídias deu à beatitude uma nota pungente, quase insuportável. Spandrell suspirou de novo. Bateram à porta. Ele ergueu os olhos. As rugas de escárnio lhe voltaram ao rosto, as comissuras de seus lábios

mais uma vez se tornaram irônicas.

“Pronto, voltou o demônio”, pensou Rampion. “Spandrell voltou à vida, e é o demônio.”

— Aí estão eles! — exclamou Maurice; e, sem responder à pergunta de Mary — “Quem?”—, saiu do compartimento.

Rampion e a mulher ficaram ao lado do gramofone, escutando a revelação do céu... Uma explosão ensurdecadora, um grito, outra explosão e mais outra, fizeram subitamente em pedaços o paraíso de som.

Ambos se ergueram num salto e se

precipitaram para a porta. No corredor, três homens vestidos com o uniforme verde dos Ingleses Livres contemplavam o corpo de Spandrell que jazia por terra. Cada um deles tinha um revólver na mão. Um quarto revólver se achava sobre o soalho, ao lado do moribundo. Via-se um buraco no lado do crânio de Spandrell e uma mancha de sangue na camisa. Suas mãos abriam-se e fechavam-se, abriam-se e fechavam-se de novo, arranhando as tábuas do soalho.

— O que foi que... — começou Rampion.

— Foi ele quem atirou primeiro —
interrompeu-o um dos homens.

Houve um pequeno silêncio. Pela porta aberta chegava o som da música. A paixão tinha começado a se evaporar da melodia celestial. O céu, naquelas notas prolongadas e puras, voltou a ser o lugar do repouso absoluto, da convalescença calma e feliz. Notas longas, um acorde, repetido, prolongado, brilhante e puro, suspenso, flutuante, voando sem esforço, alto, muito alto, infinitamente... Depois, de súbito, se acabou a música; ficou apenas o arranhar da agulha sobre o disco que

girava.

*

A tarde estava bonita. Burlap caminhava para casa. Estava contente consigo mesmo e com o mundo em geral. “Eu aceito o Universo”, fora assim que, havia apenas uma hora, ele concluía o seu artigo de fundo para a próxima semana. “Eu aceito o Universo.” E tinha todas as razões para aceitá-lo. Mrs. Betterton lhe proporcionara excelente almoço e muitas palavras lisonjeiras. O *Broad Christian's Monthly*, de Chicago, lhe oferecera três mil dólares pelo direito de publicar em suas colunas o seu *São Francisco e a psique moderna*.

Ele respondeu por cabograma, pedindo três mil e quinhentos. A resposta do *Broad Christian's* chegara aquela tarde; as condições tinham sido aceitas. Depois, a proposta das Sociedades Éticas Unidas do Norte da Inglaterra, que o haviam convidado para fazer quatro conferências: uma em Manchester, uma em Bradford, uma em Leeds e a última em Sheffield. Os honorários seriam de quinze guinéus por conferência. Coisa que, para a Inglaterra, não era de todo má. E haveria pouco trabalho a fazer. Seria apenas questão de repisar alguns de seus

editoriais do *Mundo*. Duzentos e quarenta guinéus, mais três mil e quinhentos dólares. Perto de mil libras. Fez planos de ir procurar o seu corretor e conversar com ele sobre a situação e o futuro da borracha. E se colocasse o dinheiro em um daqueles sindicatos de emprego de capital? Eles davam, de maneira perfeitamente segura, seis ou sete por cento.

Burlap assobiava baixinho enquanto caminhava. A melodia era *Nas asas da canção*, de Mendelssohn. O *Broad Christian's* e as Sociedades Éticas o haviam tornado espiritualmente musical.

Burlap assobiou com não menor satisfação ao pensar no segundo triunfo daquele dia. Tinha se desembaraçado definitivamente de Ethel Cobbett. Aproveitara o momento propício. Miss Cobbett tinha partido para gozar as suas férias anuais. É mais fácil tratar de negócios daquela espécie por correspondência do que cara a cara. Mr. Chivers, o diretor comercial, escrevera à secretária uma carta comercial. Por motivos de ordem financeira, tornava-se necessário, de maneira urgente, reduzir o pessoal do *Mundo Literário*. Ele lamentava muito, mas... De acordo com

a lei, a notificação com um mês de antecedência era suficiente. Mas, como testemunho do apreço em que os diretores tinham o serviço de Miss Cobbett, ele incluía um cheque correspondente a três meses de ordenado. Todos os atestados ou referências de que Miss Cobbett pudesse vir a precisar ser-lhe-iam, em qualquer tempo, fornecidos sem demora: no mais, subscrevia-se com estima e apreço... Burlap temperara a segura oficial de mr. Chivers com uma carta particular, cheia de protestos de amizade e de jeremiadas contra um público que

não queria comprar o *Mundo Literário*; lamentava também a derrota de Deus, encarnado na literatura e nele mesmo, Burlap, e a vitória do Deus do Dinheiro, representado por mr. Chivers e por todos os homens de negócios. Dissera uma palavra em favor da antiga secretária a seu amigo Judd, da *Revista das Quartas-feiras*, bem como a diversas outras pessoas do mundo jornalístico, e havia, naturalmente, de fazer tudo quanto estivesse a seu alcance para etc... etc...

“Graças a Deus”, pensava Denis, enquanto caminhava, assobiando com

virtuosismo *Nas asas da canção*,
“graças a Deus acabara-se Ethel Cobbett para ele. Acabara-se ela igualmente para todo mundo. Porque, alguns dias mais tarde, após escrever a Burlap uma carta de doze páginas, carta que ele lançaria ao fogo, assim que lesse a primeira frase escarificante, Ethel deitou-se com a cabeça dentro de um forno e abriu a torneira do gás. Mas aquilo era coisa que Burlap não podia prever... Voltando para casa a assobiar, revelava ele uma disposição de espírito que era de contentamento puro. Aquela noite ele e Beatrice fingiram que eram

duas criancinhas e tomaram o seu banho juntos. Duas criancinhas sentadas em cada extremidade da velha banheira de estilo antigo. E que folia grossa fizeram! Chapinharam na água e ensoparam o banheiro com os seus respingos. Desses é o reino dos céus.

Sobre o autor

aldous leonard huxley nasceu em 26 de julho de 1894 no condado de Surrey, na Inglaterra. Seu primeiro livro foi publicado em 1916, uma coletânea de poemas. Autor de uma linhagem de reconhecidos intelectuais em que sobressai o avô, o biólogo Thomas Henry Huxley, defensor das ideias evolucionistas de Darwin, Aldous teve sua reputação literária estabelecida a partir de 1921 com a novela *Crome Yellow*. Imediatamente seguiram-se sátiras brilhantes (*Antic Hay*, de 1923; *Folhas inúteis*, de 1925; *Contraponto*,

de 1928), nas quais o autor analisa de maneira espirituosa porém implacável as agruras da sociedade contemporânea.

No período anterior à Segunda Guerra Mundial, a obra de Huxley adquire um tom mais sombrio. São desse período *Admirável mundo novo* (publicado em 1932, denuncia os aspectos desumanizadores do “progresso” científico e material) e *Sem olhos em Gaza* (novela pacifista de 1936), além de uma série de ensaios.

Em 1937, no auge da fama, Huxley deixa a Europa e se muda para a Califórnia. No momento em que o

Ocidente se preparava para a guerra, ele começa a acreditar que a chave para a resolução dos problemas do mundo estaria na troca da razão individualista ocidental pela “sabedoria perene”, de caráter místico, centrada na ideia da unidade. São dessa fase tanto as obras de ficção *O tempo deve parar*, de 1944, e *A ilha*, de 1962 (uma espécie de sequência de *Admirável mundo novo*), quanto o famoso relato de sua primeira experiência com a mescalina, *As portas da percepção*, de 1954.

Aldous Huxley morreu em 22 de novembro de 1963, por coincidência o

dia em que John F. Kennedy foi assassinado.

Obras de Aldous Huxley pela Biblioteca Azul:

Admirável mundo novo

Contos escolhidos

Contraponto

Os demônios de Loudun

Folhas inúteis

O gênio e a deusa

A ilha

O macaco e a essência

Moksha

As portas da percepção

Céu e inferno

Sem olhos em Gaza
A situação humana

O tempo deve parar
Também o cisne morre

[1] “Epipsychidion” é um poema do poeta inglês Schelley (1792-1822). Tinha como subtítulo “versos para a nobre e infeliz senhora Emily V., atualmente encerrada no convento de ***”. O título vem do grego e quer dizer “Em torno de uma pequena alma”. [n.e.]

[2] “Os olhos da minha amante não se parecem em nada com o sol;/ o coral é muitíssimo mais vermelho que o vermelho dos lábios dela;/ se a neve é branca, então os seios dela são escuros;/ se os cabelos são fios, negros fios lhe crescem na cabeça./ Tenho visto rosas adamascadas, vermelhas e brancas,/ mas tais rosas não vejo nas faces dela;/ e em alguns perfumes, mais deleite encontro /do que no hálito que de minha amante exala...” [n.t.]

[3] “La Maison du Berger” é um poema de Alfred de Vigny (1797-1863). Escrito com versos alexandrinos, o poema exalta a amada, Eva, a abandonar a vida na cidade para viver no campo. [n.e.]

[4] Conspiração da Pólvora foi uma tentativa mal-sucedida, em março de 1605, de um grupo de católicos ingleses de assassinar o rei Jaime I, protestante — com

sua família e a aristocracia, em um único ataque. [n.e.]

[5] Termos fortemente injuriosos que não se podem traduzir com exatidão em português. Uma tradução aproximada seria: “Malditos idiotas irritantes”. [N.E.]

[6] “Acredito porque é absurdo. Amo porque é torpe, porque é indigno.” É uma afirmação do apologista Tertuliano que demonstra a submissão incondicional aos dogmas da Igreja Católica. [n.e.]

[7] Em francês, no original: “Você não me entendia o bastante.” [n.e.]

[8] Idem: “uma mulher sedativa” [n.e.]

[9] Mrs. Beeton — autora de um alentadíssimo volume de quase três mil páginas que trata de assuntos domésticos: receitas culinárias, conselhos práticos para as donas de casa, regras de bom-tom *etc.* [n.t.]

[10] “Taverna da Sereia”, em Londres — local onde se reunia o “Mermaid Club”, constituído por intelectuais contemporâneos de Shakespeare e pelos seus sucessores. [n.t.]

[11] A Constituição dos Estados Unidos. Lucy Tantamount incorre aqui num pequeno lapso, pois a emenda que diz respeito à proibição das bebidas

alcoólicas é a 18ª e não a 19ª. Esta refere-se ao voto feminino. [n.t.]

[12] Frineana: relativo à Frineia, célebre cortesã grega, imortalizada nas pinturas renascentistas. [n.e.]

[13] Alusão ao poema infantil inglês cuja heroína, a pequena Miss Muffett, se vê perseguida por uma aranha horrenda e enorme. [n.t.]

[14] Excitação maníaca que se observa nos países malaios e que conduz os pacientes a fugas e impulsões agressivas. Uma espécie de delírio homicida. [n.t.]

[15] Childe Harold: personagem de um poema narrativo de Lord Byron (1788-1824), que conta a história de um jovem que, entediado com uma vida de dissipação, aventura-se em terras distantes. [n.e.]

[16] Q.E.D.: do latim, Quod Erat Demonstrandum — “Como se queria demonstrar”. [n.e.]

[17] Trechos dos poemas “Ode a Nightingale”, de John Keats (1795-1821) — um dos principais poetas ingleses do Romantismo; e do poema épico “Paraíso perdido, de John Milton (1608-1674), grande representante do Classicismo inglês. [n.e.]

[18] 18 Rupert Brooke (1887-1915), poeta inglês,

morreu durante a Primeira Guerra Mundial, como soldado do Exército britânico, a bordo de um navio que conduzia forças no mar Egeu. Seus poemas alcançaram êxito notável, especialmente a série de sonetos escritos nas trincheiras. [n.t.]

[19] Horácio Cocles foi um oficial romano do século VI a.C. Segundo a lenda, defendeu sozinho a ponte que levava à Roma, impedindo que fosse tomada pelos etruscos. [n.e.]

[20] Região carvoeira do centro da Inglaterra. [n.t.]

[21] Sucessão de sílabas absolutamente sem sentido. [n.t.]

[22] Antigo costume da Índia, que consistia em oferecer-se a viúva para ser cremada na pira fúnebre do marido. [n.t.]

[23] Alusão aos Barmécidas, família de príncipes persas que reinou em Bagdá. Um deles, de acordo com um conto de *As mil e uma noites*, convidou certa vez um mendigo para um banquete em que só eram servidos pratos vazios, com iguarias imaginárias. [n.t.]